HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

A Arcadia Lusitana

GARÇÃO — QUITA — FIGUEIREDO — DINIZ

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1899

Ao seu amigo e patricio
General Jacintho Ignacio
de Brito Rebello
offerece
Theophilo Braga

OBRAS COMPLETAS

Historia da Litteratura Portugueza

A ARCADIA LUSITANA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

EDIÇÃO INTEGRAL

1	Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza	1 vol.
2	Trovadores portuguezes	1 »
3	Amadis de Gaula.	1 »
4	Poetas palacianos	1 »
5	Os Historiadores portuguezes *(Inedito)*	1 »
6	Bernardim Ribeiro e o Bucolismo	1 »
7	Novellas de Cavalleria e Pastoraes *(Inedito)* . . .	1 »
8	Gil Vicente e as origens do Theatro nacional .	1 »
8-A	Gil Vicente, sua Eschola e desenvolvimento do Theatro nacional.	1 »
9	Sá de Miranda e a Eschola italiana	1 »
10	Ferreira e a Pleiada portugueza.	1 »
11	A Comedia e a Tragedia classicas	1 »
12	Vida de Camões	1 »
13	Lyricos camonianos.	1 »
14	Epopêas historicas	1 »
15	Bibliographia camoniana	1 »
16	Os Culteranistas *(Inedito)*	1 »
17	Epicos seiscentistas *(Inedito)*	1 »
18	As Tragicomedias dos Jesuitas	1 »
19	A Arcadia Lusitana.	1 »
20	Dissidentes da Arcadia *(Inedito)*.	1 »
21	A baixa Comedia e a Opera	1 »
22	Bocage, vida e época litteraria	1 »
23	José Agostinho de Macedo *(Inedito)*	1 »
24	Garrett e o Romantismo.	1 »
25	Os Dramas romanticos	1 »
26	Alexandre Herculano	1 »
27	Castilho e os Ultra-Romanticos	1 »
28	João de Deus e o moderno Lyrismo *(Inedito)*. .	1 »
29	A Eschola de Coimbra	1 »
30-31	Recapitulação da Historia da Litt. portugueza .	2 »
32	Indice geral analytico *(Inedito)*	1 »

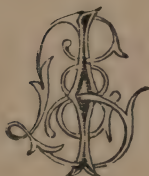
*N. B. N'esta reedição continua-se de preferencia pelos volumes a refundir, e especialmente pelos que estão ainda **ineditos**.*

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

A Arcadia Lusitana

GARÇÃO — QUITA — FIGUEIREDO — DINIZ

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1899

PRELIMINAR

A historia da litteratura portugueza do seculo XVIII resume-se no facto do estabelecimento de uma pequena academia denominada Arcadia Lusitana, e na dupla influencia que exerceu, immediatamente com a reacção que ella provocou da parte de alguns escriptores Dissidentes, que não entraram n'esse gremio, e mais tarde na imitação do seu espirito atrazado e extincto pela ephemera Academia de bellas-lettras ou a Nova Arcadia. Em nenhuma epoca da nossa historia litteraria se acha uma tão flagrante relação do meio social com a direcção da intelligencia, como aqui. Todas as depressões que a nação e o espirito publico soffreram na lucta do abso-

lutismo monarchico contra o poder clerical e contra a aristocracia, depois na reacção que se succedeu á queda do Marquez de Pombal, restaurando-se a intolerancia religiosa, o favoritismo nobiliarchico e creando-se a arbitrariedade preventiva do regimen policial para obstar ao ingresso das ideias democraticas, tudo isto está profundamente accentuado n'essas tres phases da litteratura portugueza do seculo XVIII.

A Arcadia Lusitana, organisada sobre as ruinas das insensatas Academias portuguezas da primeira metade do seculo, no momento em que Lisboa se reconstruia sobre os estragos do estupendo terremoto, vegetou sempre com uma existencia enferma, porque o vigor official nunca chegou a ser-lhe concedido pelo Ministro de D. José, occupado em defender as prerogativas do throno, demolindo os Jesuitas e truncando as principaes cabeças de uma aristocracia que obedecia ás tramas da roupeta. No typo bem distincto de Garção se póde synthetisar a vida intellectual d'essa corporação valetudinaria, e como Pombal sabia envolver nos planos da sua justiça todos

aquelles em quem achava suspeição de parcialidade aos dois partidos que combatia.

Depois da queda do Ministro, os velhos fidalgos imbecís acercaram-se com affinco do throno de uma rainha idiota, e o fanatismo religioso apoderou-se com facilidade do espirito d'essa mulher, que deixou o tribunal do Santo Officio estribar o seu poder sobre uma terrivel intolerancia. Esta phase da historia litteraria está plenamente representada no vulto de Filinto Elysio, que capitaneára o grupo dos Dissidentes da Arcadia, e na perseguição que lhe moveram no momento em que tambem era victima o grande mathematico José Anastacio da Cunha.

A' intolerancia religiosa seguiu-se a intolerancia ainda mais ferrenha e irresponsavel da Intendencia geral da Policia, com que por uma actividade obscurante de mais de quarenta annos successivos Manique chegou a conseguir uma separação absoluta de Portugal do resto da Europa, identificando-nos quasi com a China! Bocage, o espirito mais brilhante da Nova Arcadia, é a victima sublime da arbitrariedade policial, preso por ter

sentido mais profundamente do que ninguem a necessidade de adherir ás ideias da Revolução franceza, que levantavam o nivel da dignidade humana.

Estas tres phases caracteristicas da vida intellectual d'este paiz não podem ser comprehendidas se as separarmos das tremendas violações da politica, que enchem a historia do seculo XVIII. E' por isso que a divisão d'este livro fica estabelecida pela propria natureza dos factos.

A ARCADIA LUSITANA

Na prolongada crise revolucionaria que vem desde o seculo XII, em uma dupla corrente mental e social, é no seculo XVIII que os Litteratos continuam a missão dos Jurisconsultos, servindo-se das emoções artisticas para a insurreição dos espiritos que aspiravam á liberdade politica. Desde a epoca da Renascença, que estava formulada pelos jurisconsultos e estabelecida nas instituições a *Egualdade civil;* mas pela concentração do poder temporal nas Monarchias absolutas, não foi possivel manifestar-se a *Liberdade politica*, que sob os caprichos e compressão retrograda do Cesarismo se considerava como um crime de lesa-magestade. Assim se foram accumulando todas as resistencias sociaes para essa explosão temporal que se conhece sob o nome de Revolução franceza, e será sempre o phenomeno preponderante do audacioso seculo XVIII,

designado por Comte o *Seculo excepcional* da historia.

O espirito philosophico suscitado pelas concepções baconiana e cartesiana do seculo XVII, por falta de elementos constructivos que o dirigissem a uma unificação synthetica, determina uma elaboração critica, um negativismo dissolvente e anarchico; esta situação especulativa prestava-se ás aspirações vagas dos Litteratos, que assim se acharam investidos de uma missão social. [1] A noção da independencia do fôro civil separou a Realeza do Papado, achando-se os Reis conciliados com os Philosophos, e os Litteratos vulgarisando esse negativismo em discursos, tragedias, poemas,

---

[1] Philarète Chasles, apreciando as obras de Schlosser, Brougham e Swinburne sobre varios aspectos do seculo XVIII, resume n'este bello quadro a synthese d'essa epoca fecunda accentuando a transição da phase *mental* para a *social:* « O impulso primario de todo o seculo veiu-lhe da religião e da politica submettidas ao *raciocinio individual.* Este impulso parte da Inglaterra calvinista de 1688, em que se estabelece a tolerancia e a submissão do rei á lei; na sua marcha produz a revolução americana, e chega por fim a Revolução franceza. Para comprehender o seculo XVIII, importa apreciar a corrente para que a Europa é arrebatada entre 1688 e 1789.

«Durante este percurso de tempo, a França lança-se á reforma *social;* a Inglaterra á conquista maritima e industrial; a Allemanha á realisação poetica do seu proprio genio; a Hespanha agita-se na sua impotencia; a Italia dormita e compõe musica, e a America septentrional concorre á vida politica.

«Na Inglaterra, de 1688 a 1750, estabelece-se com o triumpho do puritanismo, a casa de Nassau e a de Hanover, o primeiro fóco das ideias populares e philantropicas; estas ideias realisam-se pelos banços, pelos

romances e narrativas historicas. O Papado reagindo contra a independencia das Egrejas nacionaes confia todas as suas iniciativas aos Jesuitas, estabelecendo outra vez o antigo conflicto medieval entre o *Sacerdocio* (Guelfos) e o *Imperio* (Gibelinos). Mas o Imperio já não era a Realeza; era o conjuncto da sociedade com independencia civil, diante da qual cahiam os Jesuitas, dando-se com surpreza este phenomeno nos paizes em que o *poder temporal* da Realeza se achava mais subserviente ao *poder espiritual* do Papado. D'esta separação dos velhos poderes que constituiram o regimen catholico-feudal, resultou avançar-se para a realisação da *Liberdade politica*, já em acção nos paizes protestantes.

---

hospitaes, pelas instituições dos surdos-mudos, pela caixa economica e de amortisação. A theoria d'estas ideias populares, puritanas de origem, depois scepticas e semi-republicanas na applicação, espalha-se em França com Bolingbroke e os refugiados inglezes. Do connubio d'estas theorias com a livre e voluptuosa vida da Regencia, nascem os estranhos costumes francezes do seculo XVIII: a Inglaterra, depois do seu compromisso de 1688 chega á conquista da India e dos mares: a França dá ouvidos a Bolingbroke, glorifica Voltaire, e resolve pela sua revolução os problemas debatidos por ella durante cem annos, tendo-os recebido da Inglaterra. Quanto á Allemanha então extranha a este movimento, ella começa por entrar, por 1750, em uma via de mysticismo protestante; principia pelo pietismo, que o Dr. Schlosser pinta muito bem, tenta aproximar-se da vida pratica ingleza seguindo o philosopho Thomasius, e logo depois, procura a regularidade franceza em Gottsched. O elemento francez é vencido na Allemanha pela importação da influencia ingleza, que Lessing e Herder fazem triumphar; por fim, Goëthe, Kant e Schiller apparecem deslumbrantes no

Por este simples prospecto historico se caracterisam as Litteraturas do seculo XVIII, nas suas obras mais pensadas do que sentidas; Comte viu nitidamente esse caracter negativo: «Ainda que toda e qualquer missão negativa repugne á verdadeira poesia, a arte moderna desde o seu inicio no seculo XIV, tomou uma parte cada vez mais activa na demolição geral do regimen antigo. Comtudo, emquanto a doutrina negativa não foi completamente formada e caracterisada pelas revoluções que preludiaram a grande crise, a influencia esthetica permaneceu simplesmente um auxiliar do movimento de decomposição que dirigiam os metaphysicos e os legistas. Mas esta situação mudou, e as ambições poe-

---

termo da carreira.—Estes largos contornos não são hypotheses, mas factos irrecusaveis e de uma exactidão rigorosa, em que vêm collocar-se os mais pequenos grupos, as menores subdivisões: aqui, por exemplo, Genebra calvinista, republicana e moralista, dá a mão á Escossia analytica e presbyteriana;— a Hollanda, dos Boerhaave e dos velhos Mieris, dos medicos observadores, e pintores á lente, vae perder-se e confundir-se com a Inglaterra, que tem os seus Crabbe, e suas miss Burney, observadores não menos minuciosos e detalhistas; — por fim, a America de Franklin, calvinista primeiramente, attingindo depois o scepticismo, liga-se a Genebra e á Escossia por pontos numerosos e singulares, e torna-se a expressão a mais completa do progresso material preparado pela Inglaterra de Priestley e pela França de Lavoisier.

« E' para este progresso material que a França, e a Europa e o mundo são hoje levados. Vê-se quanto o passado, medido com cuidado, julgado com escrupulo é importante para esclarecer o momento presente e os horisontes do futuro.» *(Des travaux récents sur le XVI^e Siècle en Allemagne et en Angleterre.)*

ticas começaram a tornar-se preponderantes durante o seculo XVIII, reservado á propagação decisiva de um negativismo já systematisado. Então os doutores propriamente ditos foram de cada vez mais substituidos na presidencia espiritual do movimento de decomposição por simples litteratos, mais poetas do que philosophos, mas de todo desprovidos de verdadeira vocação.» [1]

Em Portugal e Hespanha persistiu na primeira metade do seculo XVIII o obscurantismo retrogrado e a omnipotencia jesuitica. Os litteratos continuam o humanismo da Renascença degenerado pela educação dos Collegios da Companhia, e dispendem toda a sua rhetorica nos panegyricos á realeza, que se compraz na protecção official d'esses thuribularios. Tal é a rasão do fervor das Tertulias e Academias do seculo XVIII ou o Arcadismo. Quando pelo excesso da intervenção clericalista do *Ultramontanismo*, o poder ministerial teve de o combater e submetter ao *Regalismo*, serviu-se da prosa do homem de letras, como vêmos com o Marquez de Pombal, que para demolir a Companhia depois dos seus decretos recorre aos argumentos de José de Seabra na *Deducção chronologica*, e para assegurar a independencia da egreja nacional manda ao P.e Antonio Pereira de Figueiredo que escreva a *Tentativa theologica*. Como porém, não existia no povo a independencia civil, e a ideia de liberdade politica era um crime, os litteratos nem podiam

[1] *Système de Politique positive*, t. I, p. 278.

amar e inspirar-se das tradições, nem darem expressão ás aspirações de uma sociedade apathica e sem necessidades de espirito. A protecção régia á litteratura não creou homens de lettras, nem artistas, esterilmente exercitados em phrases rhetoricas e allegorias insipidas; e o escriptor, que no seculo XVIII se tornára um poder moral, com dignidade e influxo dirigente, conservava-se aqui na subserviencia das casas fidalgas, na repugnante glorificação de todos os perstigios ineptos, cahindo por vezes na degradação das composições picarescas e obscenas, e apagando o nome individual sob a irresponsabilidade dos pseudonymos.

Sem o apoio da independencia civil do povo, nem mesmo de uma actividade scientifica nas classes dirigentes, dá-se sob o governo de D. Maria I uma regressão ao *intolerantismo* religioso, ou *Rigorismo*, tendo de emigrar de Portugal homens eminentes como Brotero e Filinto. Quando a ideia da *Liberdade politica* se espalha em Portugal, perseguem-na com o terror das *Ideias francezas*, recrudescendo o absolutismo monarchico pela organisação da inquisição de Estado, que se chamou *Intendencia geral da Policia da côrte e reino*, a qual espionava e perseguia os espiritos superiores que se achavam em relação com a civilisação europêa e promoviam o seu influxo em Portugal. Os litteratos começavam a comprehender a sua missão, mas no fim do seculo, quando a estabilidade necessaria ás idealisações estheticas ia ser perturbada pelos reflexos da grande crise.

I

A corrente seiscentista e os antecedentes da Arcadia

---

§ I. As Academias litterarias no seculo XVIII

Assim como as Litteraturas da Europa moderna soffreram no seculo XVI uma transformação profunda por effeito dos estudos dos Humanistas da Renascença classica, substituindo os rudimentos tradicionaes da Edade média pela imitação das obras primas da antiguidade greco-romana, tambem no seculo XVII achando-se a corrente do Humanismo sob a direcção exclusiva do ensino dos Jesuitas em toda a Europa, reflectiram todas as litteraturas esse influxo por um phenomeno geral conhecido pelo nome caracteristico de *seiscentismo*. No seculo XVII a Companhia de Jesus, libertando-se do nacionalismo hespanhol, que lhe imprimiram Loyola, Laynez, Carlos V e Philippe II, fixou-se na Italia, e sob o ardil dos Geraes italianos amalgamou em si estes dois genios; nas *litteraturas* me-

ridionaes fazendo prevalecer o falso gosto dos equivocos, ou duplos sentidos, dos conceitos subtís e da emphase rhetorica encobrindo a falta de emoção; nos costumes, a direcção espiritual dos poderosos transigindo accommodaticiamente com os vicios da aristocracia, e dominando na *politica* pela intriga das côrtes sobre que se foi desenvolvendo a Diplomacia. Quando no seculo XVIII se continuaram nas litteraturas meridionaes estas manifestações do gôsto *seiscentista*, e se procurou combatel-as, não souberam os criticos determinar a sua generalidade e persistencia no meio mental europeu, limitando-se a attribuir essa corrente do falso gôsto ora á Hespanha, ora á Italia. Os criticos italianos Bettinelli e o *jesuita* Tiraboschi explicavam o máo gôsto ou o *Concettismo* na litteratura italiana pelo contagio do *Culteranismo* do tempo da dominação hespanhola; o *jesuita* hespanhol Lampillas e o Abbade Andrés replicaram-lhes fortemente, sem observarem que esse caracter artificioso e falso da expressão litteraria predominára tambem em França e Inglaterra, sendo a perversão do gôsto o resultado do estado geral da mentalidade de uma epoca. Os dois criticos jesuitas não podiam comprehender que era ao Humanismo jesuitico da Hespanha, da Italia e da França, que cabia a responsabilidade do *culteranismo* hespanhol, do *bel-esprit* ou *Preciosismo* francez, do *concettismo* italiano e do *euphuismo* inglez. Desde que esse Humanismo dos Jesuitas por uma nova corrente critica se convertesse de banaes amenidades litterarias em uma sciencia, a Philologia, fundada pelo

genio de Casaubon, Justo Lipsio, Grotio, Gruter e Bentley, as Litteraturas tornar-se-hiam manifestações sérias da civilisação e expressões syntheticas de estados da consciencia. Nos paizes em que levou mais tempo a penetrar esta influencia philologica, é que se prolongou mais o predominio do Humanismo jesuitico, e por tanto a persistencia do gosto seiscentista. Vê-se isto claramente em Portugal, aonde as Academias litterarias do seculo XVIII continuam as mesmas fundações do seculo XVII, irradiando d'esse velho tronco a *Academia dos Generosos*, creada em 1647.

A influencia *litteraria* dos Jesuitas data em Portugal desde o estabelecimento do Collegio das Artes em Coimbra, e principalmente no seculo XVII pela *Philosophia Conimbricense*, esse ultimo lampejo do Aristotelismo na Europa; com a restauração de D. João IV implantaram os Jesuitas o seu imperio *politico* em Portugal, que tiveram de cimentar pela queda do ministro Castello Melhor, e deposição de D. Affonso VI, vindo sob o reinado de D. Pedro II a caracterisar-se a influencia jesuitica franceza nos nossos destinos nacionaes. A côrte portugueza imita as modas, os costumes dissolutos e a orthodoxia da côrte franceza. Em Dom João V encontra-se a conformação ao gosto do pseudo-classicismo francez, e o governo abandonado á direcção incondicional dos jesuitas P.e Domingos Capacce e P.e João Baptista Carbone, sendo este ultimo o seu mentor politico. É pois natural, que qualquer tentativa de renovação litteraria, como a de Verney em 1745, e a do ministro Sebastião José de Carvalho em 1759,

se manifestassem como um combate contra os Jesuitas. A grande quantidade de Academias litterarias na primeira metade do seculo XVIII em Portugal deve ser attribuida ao fervor e sympathia que o rei Dom João V tinha por estas instituições, por meio das quaes os Jesuitas obstaram á propagação dos estudos scientificos. Pode-se dizer, que as Academias litterarias eram válvulas para a expansão da emphase rhetorica, empregada na bajulação servil dos homens de letras a toda a auctoridade. A actividade scientifica dos espiritos no seculo XVII tornou uma realidade o pensamento de Bacon, concentrando-se os sabios n'essas corporações especulativas; aonde não conveiu que a actividade intellectual se desenvolvesse no sentido philosophico ou critico, as Academias tornaram-se litterarias, com o caracter musical e recreativo como na Italia, e de passatempo ordinario como as *Tertulias* de Hespanha. As Academias em Portugal, no seculo XVII, dos *Generosos* e dos *Singulares*, seguiram as tendencias italianas e hespanholas, actuando sobre a deformação dos espiritos; e por esse caracter de fina sociabilidade deveram as Academias a sua existencia e continuidade á aristocracia, fazendo d'ellas uma das mais distinctas festas dos seus salões.

Toda a expansão das Academias litterarias da primeira metade do seculo XVIII, em Portugal, opéra-se em volta do quarto Conde da Ericeira, Dom Francisco Xavier de Menezes, que restabelece a tradição *seiscentista* tornando verdadeira a divisa da *Academia dos Generosos: Non extinguetur*, e ao mesmo tempo vulgarisando o codigo do gosto littera-

rio francez, pela traducção da *Poetica* de Boileau. [1] Antes de o seguirmos na sua laborio-

---

[1] «*Resposta á Carta que sua excellencia o Sr. Conde da Ericeira me escreveu de Lisboa, enviando-me a traducção da minha* Arte poetica, *feita por elle em verso portuguez.*

1697

Monsieur

Apesar dos meus escriptos terem produzido algum ruido no publico, nem por isso formo um alto conceito de mim mesmo; e se os louvores que me concedem, me tem lisongeado em extremo, não me tem, portanto, desvairado. Confesso, porém, que a traducção que Vossa Excellencia se dignou fazer da minha *Arte poetica*, e os elogios com que a acompanhou remettendo-m'a, me causaram um verdadeiro orgulho. Já me não é possivel considerar-me eu um homem vulgar, vendo-me tão extraordinariamente honrado; e pareceu-me que ter um traductor da vossa capacidade e da vossa elevação era para mim um titulo de merito, que me distinguia de todos os escriptores do nosso seculo. Possuo apenas um imperfeitissimo conhecimento da vossa lingua, e nunca d'ella fiz um qualquer estudo particular. Não obstante, comprehendi bastante a vossa traducção para me admirar n'ella, e para me achar muito mais habil escriptor em portuguez do que em francez. Effectivamente, vós enriqueceis todos os meus pensamentos ao exprimil-os. Tudo em que tocaes se muda em ouro, e os proprios seixos, se assim se pode dizer, tornam-se pedras preciosas nas vossas mãos. Julgae por isto se devereis exigir de mim que vos aponte os lugares onde vos desviastes um pouco do meu pensamento. Quando em logar dos meus pensamentos, vós me tivesseis, inadvertidamente, prestado alguns dos vossos, bem longe de preoccupar-me em restituil-os, só tratava de aproveitar-me do vosso descuido, e eu os adoptaria immediatamente para maior honra minha; mas em nenhuma passagem me submetteis a esta prova. Está tudo egualmente justo, exacto, fiel na vossa traducção: e ainda que me embellezastes

sidade, vamos transcrever algumas linhas do theatino D. José Barbosa, em que se descre-

---

bastante n'ella, nem por isso deixo de me reconhecer em tudo. Não digaes, senhor, que tendes receio de não me haver bem entendido. Ao contrario, dizei-me como procedestes para me entender tão bem, e para alcançar na minha obra traços até que eu julgava não poderem ser sentidos senão por pessoas nascidas em França e cultivadas na côrte de Luiz o Grande. Vejo bem que não sois estrangeiro em paiz algum, e que pela vastidão dos vossos conhecimentos, pertenceis a todas as côrtes e a todas as nações. A carta e os versos francezes, que me destes a honra de me escrever são d'isso um seguro testemunho. Têm de estrangeiro sómente o vosso nome, e em França não ha um homem dotado de gosto que não desejasse tel-os feito. Mostrei-os a muitos dos nossos melhores escriptores. Não houve hum que não ficasse extremamente maravilhado, e que me não desse a entender, que se houvessem recebido de vós taes louvores, ter-vos-hiam escripto volumes de prosa e de verso. Que ideia fareis de mim, em me contentar de vos responder com uma simples carta de cortezia? Não me accusareis vós de ser um desagradecido, um grosseiro? Não, senhor, não sou um, nem outro: francamente, eu não sei fazer versos, e até prosa, quando quero. Apollo é para mim um deus caprichoso, que me não dá como a vós audiencia a todas as horas. E' preciso que eu espere os momentos favoraveis. Tratarei de aproveital-os quando se me deparem; e será infelicidade o morrer sem deixar saldada uma parte dos vossos encomios. O que de antemão vos posso dizer, é que na primeira edição das minhas Obras eu não deixarei de incluir a vossa traducção, não perdendo ensejo de fazer conhecer por toda a parte, que foi das extremidades do nosso continente e de tão longe como as columnas de Hercules que me vieram os louvores que mais me desvaneceram e a obra com que mais me sinto honrado.

Sou, com o maximo respeito

De Vossa Excellencia etc.

(*Oeuvres* de Boileau, Lettre XIV.)

ve a sua genealogia litteraria, por onde se verá que n'esta illustre familia a cultura das letras era o timbre da sua nobreza: [1]

«Da Casa do auctor (sc. o Conde da Ericeira) se deve dizer que é a Casa da Sabedoria, porque não fallando dos descendentes do Autor, que com o esplendor do sangue receberam a viveza do entendimento e os thezouros da erudição, [2] não vejo por toda a sua

---

[1] No parecer de D. José Barbosa para a impressão da *Henriqueida*, lê-se da precocidade do Conde da Ericeira: «que na edade de outo annos já era Academico *Instantaneo*, e de pouco mais Academico dos *Generosos*, aonde, quando se renovou foi presidente sendo de vinte annos, Secretario e Protector da *Academia portugueza*, e Censor e Director da *Real*, e pela sua rara viveza, grande engenho e maiores noticias, não houve certâme poetico no seu tempo de que não fosse Juiz; etc.» Das grandes Exequias que mandou celebrar em Lisboa em 1697 em honra do P.e Antonio Vieira, de que deixou uma Relação inedita, falla o P.e Paulo Amaro: «Tal foy o magestoso apparato com que o Autor se empenhou — em celebrar as honras funebres de um jesuita morto, o grande P.e Antonio Vieira . . .» E caracterisa-o como tomou por gloria a censura que lhe faziam de *Amigo da Companhia*.

[2] Allude a D. Luiz de Menezes, quinto conde da Ericeira e primeiro Marquez de Louriçal; que entre muitas obras deixou as *Correcções e Supplemento* ao *Diccionario historico* de Moreri, principalmente tudo o que pertence a Portugal, e se acham nas edições de Paris e Leão, de 1735.

Supplemento e Correcções ao *Vocabulario* de Blateau.

Commentarios do que lhe succedeu no seu governo de Vice Rey da India, pela primeira vez; com Instrucções e Regimentos relativos a esse governo.

— E allude ao Dr. em Canones Frei Antonio da Piedade, franciscano, que deixou sete volumes de *Sermões*, ineditos, e Obras de Theologia moral e canonica.

excellentissima ascendencia se não professores de todo o genero de letras... E fallando n'estes, que por serem de fóra se lhes deve de attenção o primeiro logar, quem não sabe que *Diogo de Paiva de Andrada* foi um theologo, que entre os muitos e grandes que foram mandados por differentes principes ao Concilio de Trento, mereceu e conseguiu (que é mais) entre todos a primeira distincção pelas suas letras, de que dão glorioso testemunho os escriptores d'aquelle sagrado Congresso. Deu á luz a Defensa da Fé novamente illustrada no mesmo concilio em um volume de quarto;[1] estampou outro com o titulo *Orthodoxae Fidei Consultationes*, e tres tomos de *Sermões*, não fazendo agora menção de muitas *Orações latinas*, que disse na presença d'aquelles doutissimos e gravissimos padres. Seu irmão o V. P. *Fr. Thomé de Jesus*, que honrou as masmorras de Africa com a sua prisão, e a religião dos Eremitas de Santo Agostinho, de que foi professo, com as suas virtudes, entre muitos livros que imprimiu, é mais celebrado, e com razão, o que tem por titulo *Trabalhos de Jesus*,—traduzido em varias linguas... Francisco de Andrada, commendador de Sampayo das Fragoas, e irmão de ambos, escreveu a unica *Chronica* que temos *d'el rei Dom João III;* traduziu em portuguez a Vida de Jorge Castrioto, composta em latim por Marino Barlecio Scutarino; o *Poema do Cerco de Diu*, que

---

[1] *Defensio Trident. Fidei.* Olyssipone 1578. In-4.º

é rarissimo, e outros muitos impressos e manuscriptos. Seu filho e successor na mesma commenda, Diogo de Paiva d'Andrada além de muitas *Cartas* latinas e portuguezas, de muitas *Poesias* e *Enigmas* nas linguas natural, italiana e hespanhola, de tres *Tragedias* e de alguns *Panegyricos*, deu á luz o *Exame de Antiguidades*, o *Casamento perfeito*, e o famoso poema *Chauleidos* . . .

«Mas voltando agora para os Senhores d'esta Casa pela baronia dos Menezes, o primeiro Conde da Ericeira D. Diogo de Menezes escreveu e imprimiu a *Vida de D. Henrique de Menezes, Governador da India.*[1] Deixou correr mais liberalmente a penna o segundo Conde D. Fernando de Menezes, e entre grande numero de manuscriptos que se conservam bons,[2] vemos na luz publica a *Historia de Tangere* (1732) e a da *Restauração de Portugal*, escriptos em dous volumes na lingua latina, (1656—1735) com tanta elegancia como na portugueza a *de El rey D. João I.* (1668). Seu irmão e genro o terceiro Conde D. Luiz de Menezes, quem ignora que escreveu a *Historia de Portugal restaurado*, em dous grandes volumes, a *Vida de Jorge Castrioto*, e o *Compendio da Vida do Marquez de Tavora*, e que deixou

---

[1] Impresso em Madrid, em 1628.

[2] A parte inedita eram Poesias latinas, portuguezas e hespanholas, um poema da *Conquista de Lisboa*, uma Comedia, dous Autos Sacramentaes, e Orações academicas, e Papeis politicos.

grande quantidade de manuscriptos politicos, militares e poeticos, e entre elles um certamente digno de toda a estimação, qual é a resposta pelas mesmas consoantes a todos os Sonetos de D. Luiz de Ulloa.[1] N'esta Casa eruditissima até as senhoras se fizeram milagres da discrição, como se viu na excellentissima Condessa Dona Joanna de Menezes filha, mulher e mãe do II, III, e IV Condes da Ericeira, que compondo em prosa e verso muitas e elegantissimas obras, se excedeu a si mesma nas 300 Outavas do *Despertador del Alma al sueño da la Vida*, que corre impresso com o supposto nome de Apollinario de Almada.»[2] Ficaram ineditas todas as outras obras de D. Joanna de Menezes, comprehendendo poesias hespanholas, francezas e italianas, Comedias, Autos sacramentaes,

---

[1] *Historia de Portugal restaurado do anno de 1640 até o de 1656*. P. 1.ª Lisboa, 1679 Fol. — *Do anno de 1657 até á Paz de 1668*. P. 2.ª Lisboa, 1684. Fol.

Exemplos de Virtudes morales en la vida de Jorge Castrioto. Lisboa, 1668. In-4.º.

Compendio da Vida do I Marquez de Tavora, com varias obras em seu louvor. Lisboa, 1674.

(Obras poeticas hespanholas, Poema de Orfeo e duas Comedias; Relações militares de algumas campanhas; Discursos e Orações academicas; Papeis politicos, sendo védor da Fazenda, e Papeis militares sendo general de Artilheria do Alemtejo, e Governador das Armas de Traz-os-Montes). Ineditos.

[2] Em Lisboa. 1695. In-4.º —Imprimiu-o em 1694. *Reflexões sobre a Misericordia divina*, traducção do francez.

um poema *Perseo*, em cinco cantos, versos portuguezes e collecções de Cartas familiares.

Neto, sobrinho e filho d'estes esmerados cultores das letras, apparece o IV Conde da Ericeira, Dom Francisco Xavier de Menezes, excedendo-os a todos em fecundidade, nos trinta e sete volumes de que se compõe as suas obras, como o declara D. José Barbosa.[1] A sua actividade exerce-se em um estimulo permanente ás Academias litterarias, desde 1693 até 1744, em que recebe a apotheose funeral dos versejadores e rhetoricos do seu tempo. No Elogio que d'elle escreveu D. José Barbosa, lê-se: «fez uma doutissima introducção na *Academia dos Generosos*, em cuja renovação no anno de 1693, foi o primeiro presidente, e veiu a ser o ultimo, porque foi brevissimo o tempo da sua duração.» A guerra da successão ao thrôno de Hespanha não deixou os animos desanuviados para se poderem entregar a ocios litterarios, e a *Academia dos Generosos* renovada em 1693 deixou de reunir-se em 1704. É tambem admissivel que mudasse de titulo desde 1696, celebrando-se com um caracter mais intimo e reservado na Livraria do Conde da Ericeira, com o titulo de *Conferencias discretas* ou *eruditas*, por isso que o P.e D. Raphael Bluteau allude a esta continuidade quando diz: «a antiga e sempre veneranda *Academia dos*

---

[1] Na *Censura*, em nome do Ordinario, ao poema a *Henriqueida*, datada de 14 de Setembro de 1738. No fim d'este poema vem o catalogo de todas essas Obras, as quaes ficaram na maior parte ineditas.

Generosos, que nos annos passados se disfarçára com o titulo de *Conferencias eruditas*...»[1] Competia-lhe effectivamente o titulo de antiga, porque a *Academia dos Generosos* fôra fundada em 1647, pelo guarda-mór da Torre do Tombo D. Antonio Alvares da Cunha, mantendo-se as suas sessões regulares até 1667. Depois da morte do fundador, seu filho D. Luiz da Cunha restaurou-a, sendo secretario o Conde de Villa-Maior por 1685 e 1686. D'aqui em diante a *Academia dos Generosos* soffre hibernações, restaurações e transformações, vindo por formas differentes e novos titulos em provada continuidade até á *Arcadia lusitana*, como que tornando effectiva a divisa: *Non extinguetur*.

O bispo Cenaculo, nas suas Memorias historicas allude ao «tempo em que no reino dominava o calor das Academias de bellas-letras;» foi o principal impulsor d'este prurido litterario que se estendeu a remotas localidades, como Setubal, Bellas, Santarem, Coimbra, Aveiro, Braga e Guimarães, o fecundo Conde da Ericeira, que aos vinte e trez annos

---

[1] No Elogio de Julio de Mello de Castro, lido na Academia da Historia por D. José Barbosa, explica-se melhor a renovação dos Generosos em 1693: «Na dos *Generosos*, renascida no anno de 1684, em casa de D. Antonio Alvares da Cunha, e outra vez renovada por seus filhos D. Pedro e D. Luiz da Cunha, em 1693, desempenhou com geral acclamação o logar de Presidente. Entrou nas *Conferencias eruditas*, que pelos annos de 1696 até o de 1699 fazia em sua casa o Ex.mo Sr. Conde da Ericeira; etc.» Elogio recitado em 4 de Março, de 1721, a p. 7.

de edade era secretario das *Conferencias discretas*, que desde 19 de Fevereiro de 1696 até 1703, em que se extinguiram por occasião da guerra, se celebraram no Palacio do Cunhal das Bolas.[1] Em outras noticias encontramos que as *Conferencias eruditas* se celebravam na Livraria do Palacio da Annunciada, residencia do Conde da Ericeira. As sessões ou conferencias eram aos domingos, reunindo-se alli a principal nobreza para discutir questões ou problemas de physica, de moral, e sobre lingua portugueza, que devia de ser examinada, correcta e polida em dissertações criticas, e composições metricas sobre differentes assumptos. Frequentavam as *Conferencias discretas*, o notavel lexicographo D. Raphael Bluteau, o eruditissimo D. Manoel Caetano de Sousa, Luiz do Couto Felix, que foi guarda-mór da Torre do Tombo, e alguns outros membros da *Academia dos Generosos*. O Palacio da Annunciada, em que se celebravam as Conferencias, no logar onde é hoje o theatro da Rua dos Condes, era opulentissimo, ornado de quadros de Ticiano, de Corregio, Rubens, Julio Romano, Palma, Lippi, Guido Reni; a Livraria continha 18:000

---

[1] Na *Gazette de Paris*, Mars, de 1696 lê-se: «Hier on fit ici (em Lisboa) l'ouverture d'une Academie de Belles Lettres dans la maison du Comte d'Ericeira, qui est autant distingué par son savoir que par l'élegance avec l'aquelle il écrit en vers et en prose, que par sa naissance.» — Vê-se por este trecho, que se remettiam para França noticias litterarias de Portugal, como adiante confirmaremos.

volumes impressos e 1:000 Collecções de Papeis varios, e entre as grandes raridades de manuscriptos possuia uma *Vida de Carlos V*, autographo do proprio imperador, [1] e um livro de plantas illuminadas, que pertencera ao rei da Hungria; Cartas de Marear dos nossos primeiros navegadores, e um volume de 1285, *De Regimine Principum*, de Frei Gil de Roma. Além de todas estas riquezas, que formavam Catalogos, da Biblia, seus Commentadores e Santos Padres; — Philosophia, Medicina e Historia Natural; — Philologia, Grammatica, Diccionarios, Oratoria, Poetica, Antiguidades e Miscellaneas; — Historia universal e particular, com Manuscriptos portuguezes e estrangeiros; — tambem se guardavam ali todas as obras ineditas dos escriptores da Casa de Ericeira. Infelizmente tudo isto foi destruido instantaneamente pelo terremoto de 1755 que subverteu Lisboa. [2] Comprehende-se como no meio d'esta sumptuosidade, o Conde da Ericeira estimulava a cultura e o respeito pelas lettras, propagando-se até ao rei o apaixonado D. João V o enthusiasmo pelas Academias; mas faltava apenas a verdade no sentimento e a liberdade de pensamento. Bello terreno, mas sem sol. Em 1714 inaugurava-se em Madrid a *Academia hespanhola*, á imitação da Academia franceza, que tambem nascera á imita-

---

[1] Prescott descreve de um modo muito curioso este autographo.

[2] *Panorama*, t. VIII, p. 224.

ção da *Crusca* italiana. Para não ficar atraz da côrte hespanhola, Dom João V é levado a interessar-se pelas fundações d'esse genero, e é enleiado pelo calor das Academias de bellas-letras.

N'esse anno de 1714 renascem as *Conferencias discretas* com o titulo de *Academia dos Anonymos;* d'ella escreve Francisco Leitão Ferreira: «por quatorze annos successivos em continuadas conferencias publicas conservou (sc. o Conde da Ericeira) em sua casa.» [1]

Temos pois um periodo de 1714 a 1728; depois foram continuadas em casa de Ignacio de Carvalho.

O Cavalheiro de Oliveira descreve pittorescamente esta *Academia dos Anonymos:* [2] «Tive a honra de conhecer quasi todos os senhores academicos que compuzeram as obras conteudas (nos *Progressos academicos dos Anonymos de Lisboa*, 1718) e fui amigo de alguns com distincção. Um d'elles era Ignacio de Carvalho Souto Mayor, em cuja casa se executavam as seriosas assembléas d'estes nobres e illustres litterarios e poetas, nas quaes concorri muitas vezes, sempre com gosto e sempre com applauso. Estas funcções se fizeram sempre com muita gravidade, e lembro-me de que essa se conservou ainda n'aquellas chamadas de *Domingo gordo*, em que era sempre orador Frei Simão de Santa

---

[1] *Noticias chronologicas da Universidade*, numero 1175.

[2] *Memoires du Portugal*, t. II, p. 373.

Catherina, religioso do Mosteiro de Belem, e que pelo estylo das ditas suas Orações, eram mais jocosas que sérias as assembléas. Tambem me parece que me lembro dos nomes dos quatro mestres, que liam em differentes materias alternadamente. Eram, se me não engano, o dito Ignacio de Carvalho Souto Mayor, hoje academico da *Academia real*, o P.e Francisco Leitão Ferreira, Lourenço Botelho, e um certo João Baptista, mais conhecido pelo appellido de *Doutor Nocturno*, que pelo seu proprio nome; secretario era Jeronymo Godinho de Nisa. Todos estes se tinham em conta de grandes homens, e verdadeiramente era uma conta em que todos os homens os tinham; porém, com suas differenças que eu não sei fazer, ou com as suas desegualdades, que elles pode ser que não quizessem confessar. No numero dos academicos havia versistas e havia poetas. Ainda que nos *Progressos* se imprimiram as obras mais approvadas, não deixaram de passar algumas que são reprovadas de todos, menos de seus auctores. Extinguiram-se estas assembleias ha muitos annos (escrevia o Cavalheiro de Oliveira em 1742) empregando-se grande parte dos seus adjuntos na *Real Academia de Historia portugueza*, erigida no presente seculo pelo nosso augustissimo e sapientissimo monarcha el-rei Dom João v. Não foi decadencia, foi sublimidade a que succedeu n'aquella extincção a este sublime corpo, pois que concorreu a reformar outro . . . o mais douto de quantas universidades academicas se admiram na Europa . . .»

Appresentamos a lista dos socios da *Aca-*

demia dos Anonymos, que mantinham na poesia a corrente do gosto seiscentista:

Ignacio de Carvalho Souto Mayor, secretario do Duque de Cadaval
José do Couto Pestana
Beneficiado Francisco Leitão Ferreira
Lourenço Botelho Souto Mayor
Dr. Agostinho Gomes Guimarães
Jeronymo Godinho de Nisa
Julio de Mello de Castro
José de Souza, o Cego
Fr. Simão Antonio de Santa Catherina
O Dr. Manoel Dias de Lima
Dr. José dos Santos Palma
P.e Gaspar Simões, do habito de S. Pedro
Dr. José da Rocha Corrêa
O P.e Prior Manoel Botelho de Vasconcellos
Capitão Francisco Xavier de Brito Lobo
Prior Antonio Rebello Siqueira
P.e Luiz Brabo, do habito de San Pedro
Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo
José de Andrade Barreto
Dr. Ignacio da Costa Quintella
Antonio Sanches de Noronha
Dr. Antonio de Figueiredo Cardoso
P.e Balthazar Ribeiro de Vasconcellos
Dr. Domingos de Sá Martins
P.e Gaspar Simões
P.e Dr. João Baptista da Ponte (*Doutor Nocturno.*)
Dr. João Rodrigues Oliva
Dr. João de Sousa Caria
João Batalha

Dr. José Carvalho Navarro
Dr. José da Cunha Cardoso
Desembargador Luiz Siqueira da Gama
Luiz Calixto da Costa e Faria
Mathias Ribeiro da Costa
Dr. Sebastião Estaço de Vilhena
Dom Thomaz de Noronha
Francisco Xavier de Oliveira (*Cavalheiro de Oliveira*).[1]

Ha certa discordancia na noticia da *Academia dos Anonymos* entre Francisco Leitão Ferreira, e o Cavalheiro de Oliveira,

---

[1] Em uma das sessões da *Academia dos Anonymos* tratou-se este Assumpto:

«*O grande Luiz de Camões vindo da India embarcado com o historiador Diogo do Couto, lhe encommendou o cuydado da sua Lusiada:*

As armas e os Varões assignalados
Que a Musa decantara *lusitana,*
Que foram *inda alem da Taprobana*
Por mares nunca d'antes navegados,

Deveram a Camões tantos cuidados
Para que em gloria vivam soberana;
Porque a Parca cruel, forte, inhumana,
No silencio os não deixe sepultados.

Porque suas memorias gloriosas
Se vam sempre no mundo dilatando
De Couto as fia, quando á Patria parte;

Pois é bem *que por obras valerosas*
Se vam da Ley da morte libertando
Quantos d'elle cantou o engenho e arte.

que escrevia sobre vagas reminiscencias. É pois natural, que tendo-a fundado o Conde da Ericeira, desviasse depois a sua actividade para a renovação da *Academia dos Generosos*, mais uma outra vez em 1716. Bluteau refere-se claramente a este facto: «hoje pelo mesmo instituidor tão incansavel na cultura das letras, como incomparavel na posse d'ellas, se *continúa ou renova*, para tirar os engenhos portuguezes do lethargo em que com o tempo poderia cahir a sua, ainda que invencivel viveza.» Dom Thomaz Caetano do Bem, nota esta mesma circumstancia do renascimento: «Socegados os animos pela renovação da paz em 1717, tornou a florescer a *Academia dos Generosos*, da mesma fórma que d'antes tinha florescido, e só com a differença de ser acompanhada de vinte doutissimos mestres, que nas quintas feiras em duas cadeiras successivamente liam alguns discursos sobre assumptos que elles mesmos esco-

---

DECIMA

Bem pode o nosso Camões
Sahir pelo mundo affouto,
Porque quem tem tão bom Couto
Não teme as emulações:
São as Armas e os Varões
Do seu Poema a empreza;
E foy culpada fraqueza
Procurar um Couto amigo,
Se nos Varões tinha abrigo,
E nas Armas a defeza.

Progressos dos Academicos Anonymos, (p. 147.)

lhiam...» Ao contrario da Tertulia hespanhola, o Conde da Ericeira queria por esta renovação dos *Generosos* seguir mais de perto o academismo francez, e abandonou esse titulo seiscentista pelo de *Academia portugueza;* elle mesmo confirma esta continuidade: «A *Academia portugueza*, que na minha Livraria se renovou no anno de 1717...» Na Collecção de Documentos e Memorias da Academia de Historia de 1729, lê-se tambem ácerca da *Academia dos Generosos:* «que reviveu com o appellido de *Academia portugueza* no Palacio do Ex.mo Conde da Ericeira.» Mantendo relações litterarias com Boileau, o Conde da Ericeira estava a par da vida intellectual franceza, e confessa que imitou a celebre Academia: «Por emulação dos Scientes de França ou com o exemplo do Cardeal de Richelieu que no anno de 1635 estabeleceu em Paris a *Academia franceza* com tanta utilidade da sua nação, formou o Conde outra com o titulo de *Portugueza*, no seu palacio da Annunciada.» [1]

Este calor manifestado de 1716 para 1717, tem uma explicação plausivel; a *Academia dos Illustrados* fizera em começos de 1716 um estrondoso Certâme: «Na segunda feira fez a *Academia dos Illustrados* com grande magnificencia a leitura do Certame que propoz em applauso da creação da nova Sé Patriarchal, na presença de uma grande multidão de nobreza e de curiosos, sendo juizes das obras dos academicos os marquezes de

---

[1] *Oração panegyrica*, p. 8.

Valença, Alegrete e Conde da Ericeira.»[1] E tanto os *Illustrados* como os *Anonymos* entraram para a *Academia portugueza*, quando ella em 1720 recebeu existencia official. No Elogio de Julio de Mello de Castro, por Dom José Barbosa, se aponta este encadeamento: «e na *Academia portugueza*, que novamente se abriu no anno de 1717, occupou com admiração o logar de Lente e de Mestre, escrevendo os Elogios dos Varões illustres portuguezes, com singular elegancia. Duas vezes orou, comparando em uma o incomparavel rey Dom Affonso Henriques com o incomparavel Dom Vasco da Gama, e na outra os dous milagres de valor, El Rey D. Sancho I e Duarte Pacheco. Com o mesmo applauso e com a mesma facilidade foi ouvido nas Academias dos *Anonymos* e dos *Illustrados*, até que para corôa do seu espirito verdadeiramente grande o nomeou Sua Magestade, em Dezembro de 1720, por um dos Academicos d'esta *Real Academia da Historia portugueza*, em que principiava a escrever as Memorias historicas de D. Sancho I e D. Affonso II, reys de Portugal, dos quaes o sr. Julio de Mello de Castro era decimo sexto neto.»[2] Antes porém de vêrmos como se transformou a *Academia portugueza* na *Academia real da Historia*, importa observar um facto que não deixaria de actuar no animo do faustoso Dom João V; o

---

[1] *Gazeta de Noticias* de 1716; 4 de Março.— Cita esta Academia João Baptista de Castro, Ms. 522 Pomb.

[2] Elogio recitado em 4 de Março de 1721, p. 7 a 9.

Nuncio extraordinario Monsenhor Firrão, que trouxe as faixas ao recemnascido principe D. José, inaugurou no seu palacio uma Academia que se celebrou em 24 de Agosto de 1715 e acabou em 1716 quando foi provido na nunciatura da Suissa. Chamou-se a *Academia do Nuncio;* d'ella falla o P.^e Francisco de Santa Maria, no *Anno historico*: «ordenou no seu palacio uma Academia litteraria da historia, Canones e Dogmas dos Sagrados Concilios para que convidou muitos sabios e Regulares da Côrte, dos quaes se elegiam por sortes tres academicos, e tambem os assumptos, e as partes sobre que cada um havia orar, discorrer, e soltar as duvidas que se propuzessem. N'este dia (24 de Agosto) anno de 715 se deu principio á primeira Conferencia, de que foi materia o Concilio Niceno, e das que se seguiram o Sardinense, o primeiro e segundo Constantinopolitano, o Ephesino e o Calcedonense. O Conde da Ericeira Dom Francisco Xavier de Menezes, abriu a Academia com uma oração muito douta e elegante; e o mesmo fez em todas as conferencias a que assistissem as maiores pessoas das Republicas Aulica, Ecclesiastica e Regular.» Tambem D. José Barbosa se refere á parte que teve na *Academia do Nuncio* o Conde da Ericeira: «Nas Conferencias ecclesiasticas que no seu palacio fez o Nuncio Firrão, se distribuiu ao Conde da Ericeira a historia dos Concilios universaes; e tão altamente discorreu n'este assumpto, que os maiores professores d'estas sagradas sciencias, que eram socios da mesma Academia, se admiraram...» Além d'esta houve sessões em 2 de outubro,

3 de novembro e 31 de dezembro de 1715, e em 9 de abril, 26 de junho, e a ultima em 13 de Novembro de 1716, tendo assistido a algumas o Cardeal da Cunha, o nuncio effectivo Bicchi e o Embaixador de França.

Comprehende-se que este fervor, que ia ser suspenso pela partida de Firrão, fosse continuado pelo Conde da Ericeira, que ahi occupara o logar proeminente; e que por isso tentasse primeiro a renovação dos *Generosos*, em 1616, para agremiar os velhos elementos aristocraticos, e depois em 1717 fizesse d'esse nucleo a *Academia portugueza*. Para imprimir-lhe caracter official, como tinha a Academica franceza e a recente Academia hespanhola, o Conde da Ericeira obteve primeiramente a graça de celebrar uma sessão academica no paço em dia de San João Evangelista, em 1719, em homenagem ao anniversario do monarcha. Era a sessão graciosamente pedida pela rainha. Eram então socios Diogo Barbosa Machado, D. Antonio Caetano de Sousa, José do Couto Pestana, Fr. Thomaz de Sousa, Luiz Simões de Azevedo, Dr. João Baptista Henriques, Francisco Leitão Ferreira, D. Raphael Bluteau, D. Manoel Caetano de Sousa, D. Jeronymo Contador de Argote, D. José Barbosa, José Soares da Silva, Manoel de Azevedo Fortes, Julio de Mello de Castro, o Marquez de Alegrete, o P.^e^ Antonio dos Reis, D. Luiz de Lima, com os *Anonymos* e *Illustrados* que se incorporaram na nova fundação. D. João v ficou muito lisongeado com a apparatosa commemoração, e tomou a Academia sob a sua protecção real em 4 de Novembro de 1720, por participação a D. Manoel

Caetano de Sousa. Assim a *Academia portugueza* do palacio da Annunciada ficou existindo com caracter official, constituida por cincoenta membros, sob o titulo de *Academia real da Historia portugueza.* [1] Em um Ms. da *Vida e successos de D. João V* encontra-se: «honrando muitas vezes com a sua real presença suas sabias Conferencias, e enriquecendo a dita Academia com isempções e pri-

---

[1] ACADEMICOS DO NUMERO:

P.e André de Barros, da Companhia de Jesus.
P.e D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo regular, Qualificador do Santo Officio.
P.e Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio.
Antonio Rodrigues da Costa, conselheiro ultramarino. — Por falecimento entrou no seu logar — Alexandre de Gusmão, eleito em 28 de fevereiro de 1732.
P.e Antonio Simões, da Companhia de Jesus, lente de Moral no Collegio de Santo Antão — Por falecimento, entrou no seu logar Luiz Francisco Pimentel, eleito em 23 de Dezembro de 1723.
P.e Fr. Bernardo de Castello Branco, da ordem de Cister. Chronista mór do Reino, e Qualificador do Santo Officio. — Por falecimento entrou no seu logar D. Francisco de Sousa, eleito em 3 de Janeiro de 1726 — Succedeu-lhe Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda, eleito em 17 de Novembro de 1729.
Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Doutor em Canones. — Por ausencia, entrou no seu logar Nuno da Silva Telles, eleito em 4 de Janeiro de 1725.
P.e Bartholomeu de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, lente de theologia no Semin. de S. Patricio.
Caetano José da Silva Sottomayor, Bacharel formado em Canones.
Diogo Barbosa Machado.
Diogo Corrêa de Sá, visconde da Asseca.
Diogo de Mendonça Corte Real, Secretario de Estado.

vilegios.» (*Papeis varios*, da Ac. das Sciencias, vol. 55, t. II.)

Instituida por decreto de 8 de dezembro de 1720, e approvados ou confirmados os seus Estatutos por decreto de 4 de janeiro de 1721, teve a Academia os mais extraordinarios privilegios, em uma epoca de grande compressão do poder:

Por carta regia de 11 de janeiro de 1721 ordena-se que se lhe dê dos Cartorios das

---

— Por falecimento em 9 de Maio de 1735, foi eleito o Dr. Francisco Leitão Ferreira, em 17 de Maio de 1737.

P.e Fr. Fernando de Abreu, da ordem dos Prégadores. — Por falecimento, eleito para o seu logar D. Diogo Fernandes de Almeida em 13 de Março de 1727.

D. Fernando de Mascarenhas, Marquez da Fronteira, védor da Fazenda. — Por falecimento, eleito Diogo de Mendonça Corte Real em 9 de Março de 1729.

D. Fernando de Noronha, Conde de Monsanto; succedeu-lhe D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença, eleito em 23 de Dezembro de 1722.

Fernão Telles da Silva, Marquez de Alegrete; por falecimento em 7 de Julho de 1734, foi eleito João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, em 22 de Julho do mesmo anno.

Francisco Dionysio de Almeida da Silva e Oliveira. — Entrou no seu logar Manoel Dias de Lima, eleito em 16 de Janeiro de 1722.

Benef. Francisco Leitão Ferreira, parocho do Loreto; faleceu em Março de 1735, eleito para o seu logar em 17 de Março o P.e D. Caetano de Gouvêa.

D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, da Junta dos tres Estados.

P.e Jeronymo de Castilho, da Companhia de Jesus; para o seu logar eleito o Dr. Agostinho Gomes Guimaraens, em 25 de Maio de 1730.

O P.e D. Jeronymo Contador de Argote, clerigo regular.

Comarcas do reino as Noticias necessarias para os estudos da Academia; publica-se o Alvará de 20 de Agosto do mesmo anno contra os que desfazem edificios, estatuas, moedas, medalhas e mais monumentos antigos; por decreto de 20 de Outubro, ainda do referido anno, são nomeados por um anno outo officiaes para tirarem copias na Torre do Tombo para a *Academia da Historia;* e para cúmulo de importancia, por decreto de 29 de

---

Jeronymo Godinho de Nisa, official maior da Secretaria das Mercês.
Ignacio de Carvalho de Sousa.
Dr. João Alvares da Costa, Desembargador da Supplicação.
João Couceiro de Abreu e Castro, guarda-mór da Torre do Tombo.
P.e João Colt, da Congregação do Oratorio.
P.e D. José Barbosa, clerigo regular, Chronista da Casa de Bragança.
José Coutinho de Argote — Succedeu-lhe o P.e Julio Francisco.
José do Couto Pestana.— Succedeu-lhe o P.e Francisco Xavier de S. Thereza em 18 de Agosto de 1735.
José da Cunha Brochado, Chanceller das Ordens militares; faleceu em 27 de Septembro de 1733; succedeu-lhe Sebastião José de Carvalho e Athayde, eleito em 8 de Outubro de 1733.
P.e Fr. José da Purificação, dominicano, lente do Collegio de N. S. da Escada. Substituiu-o o Dr. Alexandre Ferreira, eleito em 12 de Abril de 1731.
José Soares da Silva.
Julio de Mello de Castro; succedeu-lhe D. João de Almeida e Portugal, conde de Assumar, em 4 de Março de 1721; e a este o Dr. Joaquim Pereira da Silva Leal em 21 de Janeiro de 1734.
Lourenço Botelho de Soutomayor.
P.e Fr. Lucas de Santa Catherina, Chronista da Ordem dos Prégadores.

Abril de 1722 são isemptos de Censura prévia e de Licença do Desembargo do Paço as obras dos Academicos; não esquecendo que por decreto de 6 de Janeiro de 1721 fôra dotada a Academia com o subsidio annual de 1.000$000 de reis.

O epigraphista Dr. Emilio Hubner, que percorreu a collecção dos quatorze volúmes da *Academia da Historia*, caracterisa assim a importancia dos seus trabalhos: «apresentou pela primeira vez investigações propria-

---

P.e D. Luiz de Lima.
Manoel de Azevedo Fortes, Engenheiro-mór.
Dr. Manoel de Azevedo Soares; succedeu-lhe o Conde de Vimioso, em 19 de Janeiro de 1731.
P.e D. Manoel Caetano de Sousa; faleceu em 18 de Novembro de 1734; entrou em seu logar o Dr. Ignacio Barbosa Machado, em 2 de Dezembro.
P.e Manoel de Campos, da Companhia de Jesus, lente de Mathematica no Collegio de Santo Antão.
Dr. Manoel Pereira da Silva Leal. — Succedeu-lhe o Dr. Manoel Moreira de Sousa.
Fr. Manoel da Rocha, cisterciense.
Manoel Telles da Silva, conde de Villar maior. Entrou em seu logar o P.e Luiz Cardoso, eleito em 1736.
P.e D. Manoel do Tojal da Silva, theatino.
Martinho de Mendonça de Pina Proença.
Fr. Miguel de S. Maria; — succedeu-lhe D. Francisco de Almeida.
P.e Pedro de Almeida, da Companhia de Jesus; excusando-se do logar, succedeu-lhe o Dr. Filippe Maciel.
P.e Pedro Monteiro; succedeu-lhe o Dr. Nicoláo Francisco Xavier da Silva, em 1735.
D. Rafael Bluteau; faleceu em 13 de fevereiro de 1734; succedeu-lhe o Desembargadór Antonio Andrade Rego.
D. Rodrigo Annes de Sá e Almeida, Marquez de Abrantes; succedeu-lhe o Conde de Assumar em 7 de Maio de 1733.

mente historicas em substituição á litteratura, por assim dizer monastica em que se haviam baseado até então todas as indagações historicas e archeologicas.»[1] Para consagrar esta veneranda instituição basta apontar obras como a *Bibliotheca Lusitana*,[2] de Diogo Barbosa Machado, a *Historia Genealogica da Casa de Bragança* por D. Antonio Caetano de Sousa, o *Vocabulario portuguez* de D. Raphael Bluteau, as *Memorias para a Historia del rei D. João I* por José Soares da Silva, *Catalogo chronologico das Rainhas de Portugal* por D. José Barbosa, *Memorias e Noticias da Ordem dos Templarios* pelo Dr. Alexandre Ferreira, os trabalhos epigraphicos de D. José Contador de Argote, ainda o começo do *Diccionario geographico* do P.^e^ Luiz Cardoso, e o *Corpus Poetarum lusitanorum*, do P.^e^ Antonio dos Reis.

A *Academia real da Historia* bem merecia a divisa que adoptou, e que synthetisa a sua missão: *Restituet omnia.* Estava-se ainda longe do criterio da historia, gastando-se uma esteril erudição em minucias, confundindo principalmente os factos com os individuos; as narrativas eram tambem prejudicadas pelas

---

[1] *Noticias archeologicas de Portugal*, publicadas em portuguez por ordem da Acad. das Sciencias.

[2] Em 1738 escrevia ácerca d'esta obra o Conde da Ericeira: « Não só se contam cinco mil autores portuguezes, de que esperamos a erudita *Bibliotheca*, que escreve o Abbade Diogo Barbosa Machado, e o Principal D. Francisco de Almeida, academico real . . . » (Nota 121 da *Henriqueida*.)

amplificações rhetoricas dos mais hyperbolicos panegyricos. Mas, era o estado dos espiritos e o achaque da epoca, pelo influxo das côrtes sobre as lettras. A *Academia real da Historia* incorporou em si o seu primeiro nucleo, a *Academia portugueza* do palacio da Annunciada; dil-o o proprio Conde da Ericeira: «Incorporou-se esta Academia e elevou-se muito na Academia real, *prevalecendo ambas algum tempo separadas*...» Apesar de incorporadas tambem as Academias dos *Anonymos* e dos *Illustrados*, prevaleceu sempre o prurido litterario do facil culteranismo seiscentista, destacando-se da pezada erudição historica, que ia exigindo estudos serios. Entre 1720, em que se inaugura a *Academia da Historia*, até 1756, em que a *Arcadia* reage contra o seiscentismo nas bellas-lettras, o fervor das Academias invadiu as principaes cidades e villas portuguezas, como uma fórma contagiosa de delirio; apontaremos desde já os *Problematicos* de Setubal, de 1721, os *Problematicos* de Guimarães, os *Applicados* de Lisboa, os *Aquilinos* de Aveiro, os *Vimaranenses*, os *Unidos* da Torre de Moncorvo, a *Bracharense* e *Engenhosos Bracharenses*, os *Escolhidos* de Lisboa, os *Particulares*, os *Laureados*, de Santarem, a *Palestra litteraria*, de Ponte do Lima, os *Infecundos*, os *Fleugmaticos*, etc.

A monomania academica invadiu o paço: «O senhor infante D. Antonio, foi protector de outra Academia celebrada no mesmo seu gabinete do paço, para escrever as memorias das Artes e Sciencias; o que me faz lembrada a innocente *Macariopolis* do nosso bem-

aventurado principe D. Theodosio, instituida no seu gabinete.» [1]

A tradição da antiga *Academia dos Generosos* não podia extinguir-se nem ser annullada por esta febre geral; em 1738 o Conde da Ericeira estava cego, e publicando em 1741 o poema épico a *Henriqueida*, consolavam-no os seus panegyristas comparando-o em tal calamidade a Homero. Já não podia ter grandes iniciativas, e é talvez por isso que da familia do antigo secretario da Academia dos Generosos, o Conde de Villar Maior, partiu um novo impulso; em 1745 Manoel Telles da Silva, Marquez de Alegrete, funda no seu palacio a *Sociedade dos Occultos*, que agremiou os homens mais importantes e instruidos da côrte, existindo até ao terrivel cataclysmo de 1755. A importancia d'esta Academia não deriva tanto dos poucos trabalhos publicados que existem, como de ter sido a base fundamental sobre que se constituiu em 1756 a *Arcadia lusitana*, que chegou a exercer uma influencia directa na litteratura. Esta continuidade, que se prolonga até 1779 na *Academia das Sciencias*, de Lisboa, e até 1790 na *Academia de Bellas Lettras* ou *Nova Arcadia*, ainda não tinha sido estabelecida pelos compiladores curiosos, que accumulam vagabundas noticias sobre as Academias litterarias do seculo XVIII. O conhecimento d'esta continuidade é condição essencial para bem apreciar o valor e a influencia de cada

---

[1] *Panorama,* t. VII, p. 263.

uma d'essas Academias e o logar irrisorio ou serio que na historia lhes compete.

O titulo de *academico* era quasi uma distincção social; e sobretudo o de *Arcade* romano era apreciado por pontifices, reis e cardeaes. Como grande protector das lettras o rei Dom João V tornara-se digno d'esse titulo; foi consagrado como pastor entre a grey idyllica da *Arcadia* de Roma com o nome de *Arete Meleo*,[1] merecendo por occasião da sua morte ser encomiado em epicedios por quarenta Arcades. Não nos admira que um rei pertencesse a essa associação poetica, na qual o papa Clemente XI tinha o nome pastoril de *Pistofilo Elidense*, e da rainha Christina da Suecia, passados dois annos depois da sua morte, ao constituir-se a *Arcadia de Roma* foi o seu cadaver revestido da dignidade de *Arcade*, entre exaltados louvores poeticos.[2]

Antes mesmo de D. João V pertencer á Arcadia de Roma, era já frequente entre a aristocracia portugueza e erudita do começo do seculo o titulo de *Arcade* romano: o Conde da Ericeira, sempre animado pela paixão das Academias litterarias, ás quaes abria o seu palacio e opulenta bibliotheca, pertencia a esse gremio com o titulo de *Ormanio Palisco;* ao polygrapho D. Manoel Caetano de Sou-

---

[1] *Panorama*, t. VII, p. 261, noticia extrahida de um Ms. do seculo XVIII.

[2] Giudici, *Storia della Letteratura italiana*, t. II, p. 268. Ed. 1865.

sa competia o nome de *Telamo;* [1] o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, auctor da *Arte de fazer Conceitos*, ahi tinha o nome de *Tagideu;* [2] Ignacio Garçez Ferreira, o de *Gelmedo.* E para ampliar a noticia citaremos outros nomes, justificando assim a influencia da Arcadia de Roma na constituição e espirito da *Arcadia lusitana*, que rompeu directamente com o seiscentismo e com a organisação da Tertulia hespanhola. O celebre pedagogista Luiz Antonio Verney, auctor do *Verdadeiro methodo de estudar*, em que traçou o plano da reforma dos Estudos em Portugal, usava o nome arcádico *Verenio Orgiano*; Francisco Xavier Pinto de Magalhães o de *Erotilo;* [3] João Peres de Macedo de Sousa Tavares «fra gli Arcadi romani col nome di *Libenio Orentejo;* [4] o Dr. José Thomaz Borges «academico entre os Arcades com o nome de *Celeo.*» [5] Poderemos ainda citar como árcades romanos o P.e Seraphim Pitarra, Frei Joaquim de Foyos, Philippe José da Gama, [6] continuando

---

[1] *Collecç. de Memorias* da Academia da Historia, ann. 1729. A sua carta de socio da Arcadia de Roma, na Bibl. nac., Ms. n.º 417 fl. 25 (B. 5 — 12.)

[2] Segundo Ramos Coelho, ed. *Hyssope.*

[3] Na traducção do *Galateo.* Lisboa, 1732.

[4] Folheto de 1761 (da Collecção de Barbosa).

[5] *Ramos superfluos* — Discurso recitado em 20 de Outubro de 1742, p. 4. (No Certâme da *Academia dos Escolhidos*, nas melhoras de D. João V.)

[6] Visconde de Juromenha, *Obras de Camões*, t. I, p. 220.

esta predilecção por todo o seculo XVIII, como vemos em José Basilio da Gama, *Termindo Sepilio*, em Claudio Manoel da Costa, *Glauceste Saturnio.* [1]

Em vista da sua prolongada influencia é conveniente conhecer-se alguns traços historicos d'esta academia, que floresceu nos fins do seculo XVII na Italia.

Nascera a *Arcadia de Roma* como uma tentativa de reacção contra o gosto *concettista* dos Marinistas, semelhante ao *gongorismo* hespanhol, ao euphuismo francez do hotel Rembouillet; nascera da reunião casual e espontanea de alguns poetas, e da phrase proferida por um d'elles: *Ecco per noi risorta Arcadia*, proveiu a ideia de uma associação regular, de uma Academia denominada *Arcadia*, cabendo a principal iniciativa a Crescimbeni e ao jurisconsulto Gravina, que estiveram sempre á frente de dois grupos dissidentes. Inaugurou-se a Arcadia em 5 de Outubro de 1690, no monte Palatino, nos jardins Farnese, com quatorze socios: Noris (depois cardeal), Angelo della Noce (arcebispo de Rossano), José Maria Suares (bispo de Vaison), João Francisco Albani (papa Clemente XI), Manuel Francisco Schelestrate, Stephano

---

[1] Esta paixão ainda persistia no presente seculo; um folheto de José Agostinho de Macedo publicado em 1798 tem por assignatura: «Na Arcadia de Roma, *Elmiro Tagideo.*» (Vid. Mem. para a Vida de José Agostinho, p. 203). Castilho tambem nas *Cartas de Ecco e Narciso* diz-se Arcade romano com o nome de *Mémnide Eginense.*

Gradi (bibliothecario do Vaticano) Octavio Falconieri, Dati, Borelli, Monzini, Guidi de Pavia, Filicaja, Crescimbeni, Vicenzo Leonio. Os Estatutos foram redigidos por Gravina em estylo das Doze Tabuas, e em que consignava a forma republicana (*Penes commune summa potestas esto*,) no seu primeiro artigo, sob a presidencia do Menino Jesus. Eram obrigatorios os nomes pastorís pela necessidade de imitar em tudo e por tudo os costumes dos habitantes da Arcadia: *(In coetu et rebus arcadicis pastoritius mos perpetuo, in carminibus autem et orationibus, quantum res fert, adhibetur)*.

A Arcadia de Roma era instituida *a preciso effetto di esterminare il cattivo gusto*, que se conservava nas frivolas Academias dos *Parteni*, *Malinconici*, *Intricati*, *Uniformi*, *Delfici*, *Fantastici*, *Negletti*, *Assetati*, *Infecundi*, e outras muitas com denominações as mais disparatadas. Propagou-se por toda a Italia a vertigem d'esta nova cruzada contra o *máo gosto*, e ao fim de dois annos contava a Arcadia mais de mil e trezentos poetas, com differentes succursaes dependentes da empresa archimandra. D'entre todos esses poetas apenas se destacaram Zappi, Frugoni e Filicaja. [1]

Entramos n'estas particularidades, porque assim se comprehende melhor a constituição

---

[1] Isidoro Carini, *L'Arcadia dal 1690 al 1890* — Memorie Storiche, 1.º vol. p. xv — 642, in-8.º Roma, 1891.

da *Arcadia Lusitana*, em que se usaram os nomes pastorís, em que o jurisconsulto Cruz e Silva redigiu os Estatutos, sobre a presidencia da Immaculada Conceição, soffrendo como a de Roma fortes dissidencias internas, e tendo tambem Academias filiaes em Coimbra, Porto e no Rio de Janeiro, embora sem intervenção directa sobre a sua economia. Pode-se inferir, que a influencia da Arcadia de Lisboa veiu atenuar a imitação do pseudo-classicismo francez, que preponderava na litteratura portugueza sob os Ericeiras; e assim como a celebre corporação romana procurava restaurar o estylo de Petrarcha, a *Arcadia Lusitana* visava ao restabelecimento das normas poeticas dos Quinhentistas Sá de Miranda, Camões, Ferreira e Bernardes. Como a de Roma, a gloria da Arcadia de Lisboa reduz-se a tres ou quatro nomes, Garção, Diniz, o Quita, e Manoel de Figueiredo.

Não se contentou o rei D. João V em receber o titulo de Arcade romano; retribuiu a distincção dotando essa academia com um palacio para celebrarem ahi as suas reuniões, palacio que mandou construir no Monte Janiculo, ao qual os árcades chamaram *Bosque Parrhasio*. Na *Vida, successos e falecimento do Rey Fidelissimo D. João V* consigna-se este facto, [1] ao qual tambem allude Pina e

---

[1] «A mesma soberana protecção lhe tem devido a *Academia dos Arcades* em Roma, fazendo-se seu socio com o titulo de Pastor *Albano*, mandando-lhe lavrar uma sumptuosa Arcadia: lendo-se sobre a porta

Mello no Prolegomeno do poema *Triumpho da Religião:* «A incomparavel magnificencia e profunda capacidade do sempre augusto Dom João V de gloriosa memoria, se fez Mecenas da Academia poetica dos *Arcades* de Roma; e edificou n'aquella scientifica cidade hum novo Helicona para fazer mais delicioso e illustre o congresso dos Academicos.» (p. VI.) O nome de pastor *Albano* com que nos apparece glorificado D. João V foi-lhe trocado em vez do que primeiro tivera, pelo sentido patriotico que envolvia. Dá-o a entender o conde da Ericeira, quando no Certâme da *Academia dos Escolhidos* em 1742, ao inaugural-o põe na bocca de Euterpe:

---

principal d'este magestoso edificio esta elegante inscripção:

Joann. V.
Lusitaniæ Regi
Pio, Felici, Invicto
Quod Parrhasi nemoris
Stabilitati
Munificentissime
Prospexerit
Coetus Arcadum universus
Posuit
Andrea de Mello e Castro
Comite de Galveas
Regio Oratore
Anno Salutis M.D.CC.XXVI.

(Ms. da Academia das Sciencias: Papeis varios, vol. 55, t. II; — tomo V, p. 15 e 16.)

Que só se atreve a rusticos amores
Que nos bosques occultam os pastores;
Não se anima a cantar do Luzitano
Pastor discreto ***Albano***,
A que a Arcadia já viu cultor amante
Ser dos Albanos muros regio Atlante . . .[1]

Ao symbolismo de pastor arcádico ligára-se tambem um sentido regalista, como vemos n'estas palavras do Elogio funebre de Dom João V em que diz o panegyrista sobre o nome de *Pastor Albano*: «tão propriamente lhe competia pela prudente e sabia regencia de *seus povos, que tambem são o rebanho que o rei apascenta no temporal* . . .»[2]

Pela tradição classica a *Arcadia* prestava-se a interpretações politicas, por que como refere Atheneo, os gregos da provincia da Arcadia eram tão apaixonados pela musica e

---

[1] Introducçam poetica que fez o — Conde da Ericeira — no primeiro dia do Certame publico que celebrou a Academia dos Escolhidos, etc. 1742.

Nas *Advertencias preliminares ao poema Henriqueida*, o Conde da Ericeira referindo-se á missão reformadora da Arcadia de Roma, falla com desvanecimento da sua cathegoria de socio, e do favor que essa corporação recebeu de D. João V: « Os da ultima edade desejam na *Arcadia*, de que tenho a honra de ser academico com o nome de *Ormauro Paliseo*, que se cultive no nobre edificio que se fundou pelo seu Protector El Rey D. João V, dignando-se, como sabio de admittir o nome do Pastor *Albano*, a pacifica e não rustica simplicidade da grega Arcadia, de que tem sahido á luz tão excellentes obras sobre o modelo das antigas.»

[2] Francisco Xavier da Silva, Elog. cit , Lisboa 1750.

canto, que até os applicavam ao governo da republica. [1]

Não pôde a Arcadia de Roma conseguir triumphar sobre *il cattivo gusto;* deveu isto por confinar-se na imitação dos escriptores puristas em vez de idealisar a natureza e sentir a vida italiana em todas as suas manifestações nacionaes. Mas as outras Academias que seguiam o seu esteiro não souberam achar o verdadeiro caminho; esterilisaram-se nas futilidades de uma emphase rhetorica que aproveitava todas as occasiões tristes ou alegres em que pudesse expandir as pompas laudatorias. Estas apotheoses da bajulação servil agradavam á realeza absoluta, e por isso comprehende-se que o rei D. João V patrocinasse tanto as Academias, como as dos *Escolhidos*, *Applicados*, *Anonymos* e *Occultos.*

É pelas relações de alguns successos que serviram de assumpto para os panegyricos das Academias, que se pode formar uma ideia da sua existencia; apresentaremos uma rapida descripção de cada uma, segundo a série chronologica, até chegarmos á intervenção da *Arcadia lusitana*, que veiu combater o gosto seiscentista, sem comtudo conseguir extinguil-o. Incorporadas as Academias de Lisboa na *Academia real da Historia portugueza* em 1720, surgiram pelas provincias immediatamente novos rebentos d'esta planta parasitaria. Em 30 de julho de 1721 instituiu Gregorio de Freitas em Setubal a *Academia Proble-*

---

[1] Athen., lib. 15.

matica, que se reunia nos fins de cada mez; ahi se discutiam theses com dupla demonstração e se liam poesias latinas e portuguezas. Eis algumas das theses ou problemas: «*Qual fizera mais, se Alexandre em conquistar o mundo, se Diogenes em desprezal-o?*» Serviu para a inauguração da Academia. Um outro problema: «*Se era mais conveniente ao Imperio romano conservar Carthago ou destruil-a?*» [1] No mesmo espirito se instituiu em 1721 em Santarem a Academia dos *Laureados*, de que dá noticia Frei Claudio da Conceição; [2] a moda foi-se estendendo, e encontramos a *Academia dos Aquilinos* em Aveiro em 1723, de que se acha noticia em um manuscripto do P.e João Baptista de Castro, que tambem aponta uma outra não conhecida denominada *Tyroens Braccharenses*.

N'esta mesma data de 1721 florescia em Guimarães uma Academia particular, cujo presidente era o donatario dos Coutos de Negrellos e Abbadim, Thadeu Luiz Antonio Lopes da Fonseca Carvalho e Camões, que se intitulava mais tarde patrono da *Academia Vimaranense*, academico da *Academia real da Historia*, da dos *Infecundos* e da *Arcadia* em Roma. Dá noticia d'esta Academia o auctor do *Gabinete historico*, e tambem o P.e João Baptista de Castro, fixando-a em 1722. Adiante veremos como esta Academia cele-

---

[1] Ms. Pomb. N.º 195; contém os Estatutos e a lista dos academicos *Problematicos*. *Ibi*, N.º 495.

[2] *Gabinete historico*, t. VII, p. 107.

brou ostentosamente a visita do Arcebispo de Braga a Guimarães.

Na *Academia Scalabitana*, em uma das suas sessões, discutiu-se o problema: «*O senhor Rey Dom João V conservando-se em paz, estando toda a Europa em guerra.*» E parece que a ella alludia a carga dos *Fleugmaticos*, porque na Scalabitana se leu uma Sylva sobre este assumpto: «*Dom Quixote com o seu Sancho Pansa accommettendo a um Moinho de Vento, cuidando serem inimigos que o assaltam.*» E em estylo chulo o assumpto: «Uma dama, que mandou chamar um Sapateiro para lhe fazer uns sapatos; o sapateiro tinha um nariz muito grande, e a dama um pé desmarcado.» Ou este outro problema: «*Qual faz aos homens mais urbanos nas acções, se o sangue, se a creação?*»

A *Academia dos Applicados*, de Lisboa, manifesta-nos o seu esplendor em dous grandes Certâmes, um em 1724, em que celebrou a Eucharistia na casa nova do Claustro do Convento da Graça, dos Eremitas de Santo Agostinho;[1] o outro em 1734, fazendo o panegyrico de Bluteau, por occasião do seu falecimento. Tomaram parte os seguintes academicos *Applicados:*

José Freire Montarroyo Mascarenhas
D. Manoel Caetano de Sousa
D. Celestino Seguineau

---

[1] *Panorama*, t. VIII, p. 143. Nos Mss. Pombal. N.º 126, fl. 59; e N.º 495, fl. 18 e 19, trata-se largamente d'este Certame poetico-eucharistico.

D. Luiz de Lima
D. Antonio Caetano de Sousa
D. José Barbosa
D. Jeronymo Contador de Argote
D. Manoel do Tojal e Silva
D. Caetano de Gouvêa
D. José Bautista da Ponte
D. Diogo Rangel de Macedo e Albuquerque
Dr. Filippe de Oliveira
Jacintho da Silva de Miranda
Joaquim Leocadio de Faria, *Secretario*
André Cenzio Anglo
Dr. José Corrêa
Dr. Francisco Rebello Leitão
Braz José Rebello Leite
Fr. João de Nossa Senhora (*Frei João Redondo*, como lhe chamava o vulgo.)
Lourenço Pinto
Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza
Vicente da Silva Bautista
Alferes Manuel Dias Fagundes
Fernando Antonio da Rosa
Joaquim Antonio da Rosa
José Carvalho de Andrade
Francisco Xavier de Sousa Cabral
Antonio Tedeschi, cantor da Egreja patriarchal
J. C.
P.e Manoel Lopes
Lourenço de Anveres Pacheco
P.e Antonio de S. Jeronymo Justiniano [1]
Francisco de Sousa e Almada

[1] Garção fez-lhe um Soneto satirico (N.º LXII.)

Antonio José de Brito
Antonio Sanches de Noronha (Academico *Anonymo.*)
Dr. Francisco Antonio da Silva
Manoel Lopes Salvado Cotta
João Francisco Delphim
Paulo Nogueira de Andrade
Braz José
Francisco de Pina e de Mello
José Luiz Carneiro de Vasconcellos (Da Academia dos *Unidos.*)
Thomé de Menezes da Sylveira Lobo (Da Acad. dos *Unidos.*)
Francisco Ignacio Botelho de Moraes (Id.)
Mathias de Vasconcellos Cabral (Id.)
João José de Madureira Lobo (Id.)

Foi celebrado este certame em 28 de fevereiro de 1734, e colligido pelo secretario Joaquim Leocadio de Faria;[1] vê-se que a *Academia dos Unidos*, da Torre de Moncorvo, tambem tomára parte no Certâme dos *Applicados*, celebrando egualmente em memoria de Bluteau um Congresso especial. Além dos socios já apontados, indicaremos ainda alguns outros encontrados nos manuscriptos pombalinos:

Paulo Botelho de Moraes
Antonio de Carvalho Gambôa, Presidente

---

[1] Acham-se estes nomes no *Obsequio funebre á saudosa memoria do Rev.*^{mo} *P.*^e *D. Rafael Bluteau, clerigo regular, pela Academia dos Applicados.* Lisboa, 1734.

Lourenço Carneiro de Vasconcellos
Eustacio Carneiro Lobão *(Anonymo)*
Paulo Rebello da Costa
Gonçalo José de Sousa e Vasconcellos
Luiz Camello de Castro
Gaspar da Silva Moniz (pae de Caetano José da Silva Souto Mayor, conhecido pelo nome de *Camões do Rocio* e tambem poeta.)

Em uma carta datada de 1731, escripta por Paulo Botelho de Moraes se dá conta da inauguração da *Academia dos Unidos*, e ao mesmo tempo da remessa do primeiro exemplar que a Portugal chegára do poema *El Alfonso* de seu irmão(?) Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, uma das glorias da Torre de Moncorvo. [1]

Pelo *Folheto de ambas Lisboas*, de 1731, em que se parodiam as praticas usadas nas Academias litterarias em estylo popular, dá-

---

[1] Eis a carta:

«Meu Am.º e muito meu Sr. No Correyo de quatro de Abril remetti a V. M. hum volume del *Alfonso* novamente mandado imprimir pelo seu Autor, e como foy o primeyro que chegou a Portugal me pareceu fazer a V. M. prezente d'elle, e supponho chegaria já a suas mãos. Agora se me offerece dar a V. M. conta da nossa primeira Academia, que se celebrou depois da festa no dia doze de Abril, que se fez mais celebre por assistirem a ella o Marquez de Tavora e o Conde da Ribeyra, que se achavam n'esta Villa. Principiou-se e acabou-se com a mesma formalidade de Sonatas. Só teve a vantagem de no fim se rematar com um bayle em que tambem dançou o mesmo marquez de Tavora. Foy Presidente da mesma Academia meu sobrinho

se conta da *Academia dos Fleugmaticos*, da rua do Correão, de que são membros varios typos da ralé, como fadistas, valentões, meliantes e quejandos. Parodiando as divisas das outras Academias, tambem se descreve esta com a sua divisa latina *Ex sale et substancia*, em uma fita preza nas garras de uma aguia, que tem no bico duas sardinhas, e em uma das garras um calix. Os assumptos ou problemas academicos são alli tratados ao gosto picaresco, e embora não haja respeito pela poesia da tradição, comtudo revela-nos a existencia d'esse veio fecundo, que se impunha mesmo ao máo gosto da epoca. Aquelles que assim satirisavam a monomania das Academias litterarias, sem o querer, apezar dos seus sarcasmos intencionaes, tocavam sem terem consciencia as fontes vivas da poesia. Trata-se de uma das sessões: «Feita pausa, nomeou o Secretario o primeiro assumpto he-

---

Francisco Ignacio Botelho de Moraes, filho segundo de meu primo Lourenço Carneiro de Vasconcellos, que tambem tem o fôro de seu pay. Houve alguns versos em louvor dos dois titulos de que remetto a V. M. esses como tambem algumas Orações e Discursos, que pelos nomes virá V. M. no conhecimento de seus autores, e em outras occasiões hirei enviando mays algumas obras. Tenha V. M. sempre muito boa saude para me poder mandar. D.s guarde a V. m. m.s an.

... de 1731.

Paulo Botelho de Moraes.»

Ms. 126, Coll. Pomb. — A fol. 84 vem a origem d'esta Academia; e a sua empreza a fl. 85. — Vid. Ms. 127, fl. 99.

roico, que foi a heroica acção do Principe *Dom Duardos* se fingir hortelão para vêr e fallar á Princeza Flérida, como consta do *Auto* do mesmo *Dom Duardos*, logo na segunda folha.» [1] Mais adiante se encontra: «e acabada a sonata, nomeou o Secretario o segundo assumpto, que foy glosar-se esta trova do *Auto da Menina fermosa:*

> Isabel e mais Francisca
> ambas vão lavar ao mar,
> se bem lavam melhor torcem
> namorou-me o seu lavar.» [2]

Nas Opposições da *Academia dos Fleugmaticos*, encontra-se tambem rimada a *Aventura dos Moinhos de Vento*, com algum merito litterario. E' apreciavel este Folheto, que pelos sarcasmos da paródia tratava de desperstigiar as Academias cultistas; mas foi impotente contra o seu imperio. A's vezes celebrava-se uma Academia litteraria para consagrar um acontecimento publico; assim em 24 de Maio de 1728, por occasião ou «em obsequio dos felices casamentos dos serenissimos Principes dos Brazis e das Asturias foi celebrada no palacio do governador» da ilha da Madeira, uma Academia, em que recitaram

---

[1] *Folheto de ambas Lisboa*, N.º 14.

[2] Motte tratado por Jorge Ferreira, Francisco Rodrigues Lobo, e em folha volante anonyma do seculo XVII. Vid. *Antologia portugueza.*

epithalamios, Epigrammas latinos, Sonetos, Romances e Glosas os seguintes personagens:

Domingos de Sá Martins
P.e Antonio Pereira da Costa
Fr. Antonio do Sacramento
Antonio do Carvalhal Esmeraldo
Fr. Manoel da Visitação
Pedro Valente
Gregorio Carlos Bettencourt
Fr. Manoel de San Thomaz
Dr. Agostinho de Ornellas e Vasconcellos. [1]

Por occasião do falecimento do P.e D. Manoel Caetano de Sousa, que fôra presidente da *Academia real da Historia*, celebrou-se em sua memoria um certame na *Academia Latina e Portugueza* em «hum funebre obsequio em 30 de janeiro de 1735. N'elle fez o seu elogio, e com summa elegancia, o academico Filippe José da Gama; e foi assumpto da Academia o seguinte problema: *De quem foi a maior perda, na morte d'este eruditissimo varão, se da Patria, se das Sciencias?* Defendeu a primeira parte o academico José Colasso de Miranda, e a segunda o academico Antonio Felix Mendes. Leram-se muitas poesias latinas e portuguezas respectivas ao mesmo objecto; e no meio da sala e acompanhado de decente ornato se via o retrato do Padre D. Manoel Caetano de Sousa; e ao

[1] Ms. Pombalino, N.º 126, fl. 152 a 174. (Bibl. nac.)

sobredito acto assistiram os sabios da côrte, muitas pessoas religiosas e fidalgos, e a maior parte da nossa Communidade. O elogio que fez Filippe José da Gama, em que pondera a vida do Padre Sousa, se acha impresso em Lisboa no anno de 1736 com uma poesia, que tem o mesmo assumpto.» [1]

Com a data de 1733 encontramos a *Academia Braccharense;* consideramos este titulo uma abbreviação da *Academia dos Engenhosos Braccharenses*, que empenhou todos os seus talentos para a glorificação do anniversario do seu Arcebispo primaz em 1744, [2] que a

---

[1] D. Thomaz Caetano de Bem, *Memorias historicas e chronologicas — dos Clerigos regulares em Portugal*, t. I, p. 464.

[2] Eis o prospecto do Certame:

«A 6 de Maio do prezente anno de 1744, celebra a Academia dos **Engenhosos Braccharenses** os annos de S. A. o Seren.mo Sr. D. Joseph, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, em cujo dia completa o numero de 41 da sua edade.

PREZIDENTE

O P.e M.e Francisco Pacheco, da Companhia de Jesu, Mestre de Rhetorica no Pateo braccharense.

SECRETARIOS

OS RR. DD. Manoel Rodrigues Madeira e Manoel Teixeira de Queiroz, Dezembargadores na Relaçam Primaz.

ASSUMPTOS ACADEMICOS:

Que annos mais felices para o nosso Augustissimo Prelado, os passados em que se instruia nas sciencias

Academia Vimaranense tambem thuribulou em extremo em 1747, quando foi visitada pelo principesco prelado.[1] A influencia jesui-

---

e virtudes para o exercicio de qualquer emprego? ou os presentes em que rege felizmente a Primazia de sua mitra?

Será disputado pelos S.es Jacome Borges Pereira, e Francisco Pereira de Miranda.

ASSUMPTO HEROICO:

Mostrar que S. A. nas acções que exercita he um verdadeiro Prototypo de Principes, e Prelados, por ser um vivo retrato dos seus reaes Progenitores.

ASSUMPTOS LYRICOS:

Disputar qual dia deve ser maior para a estimação? se o dia 6 de Maio. em que S. A. sahiu á luz? ou se este dia 6 de Maio em que se solemnisava seu nascimento.

PARA GLOSSAR:

Discorra o entendimento
Pelos annos de Sua Alteza,
Em que mais lustra a grandeza
Se em acções, se em nascimento.

2.º ASSUMPTO LYRICO-JOCO-SERIO

Uma velha, muito velha, em occasião de celebridade dos annos de S. A. pediu-lhe em esmola o dote para haver de entrar freira. » (Ms. Pomb., n.º 127.)

[1] No volumoso livro *Guimarães agradecido, Applauso metrico que a celebre Academia da muito notavel villa de Guimarães recitou na presença do Serenissimo Senhor D. José, Arcebispo e Senhor de Braga,* etc. figuram como membros:

Thadeu Luiz Antonio Lopes da Fonseca Carvalho e Camões, *Academico* e Patrono da mesma Academia, Academico da Academia real, e da dos *Infecundos,* e da *Arcadia* em Roma.

tica fazia-se sentir n'estas Academias; o certame dos *Engenhosos Braccharenses* foi prezidido pelo Mestre de Rhetorica P.ᵉ Francisco Pacheco, e o da *Vimaranense* por um outro jesuita do Collegio de Braga. Foi tambem no Collegio de Santo Antão, da Companhia de Jesus, em Lisboa, que a *Academia dos Escolhidos* celebrou o espaventoso certame pelas apparentes melhoras de D. João v, depois de ter recebido o primeiro ataque de paralysia. Exaltando a munificencia com que o fausto-

---

Sebastião Corrêa de Sá
Fr. Francisco Corrêa de Sá
Licenciado Ignacio Carvalho da Cunha, Arcipreste de Guimarães
Alberto José de Passos
Licenciado Manoel José Corrêa Alvarenga
Amaro José de Passos Leite, Secretario da Academia, Abb. de S. Faustino
Dr. Francisco da Cunha Rebello, vigario geral da Collegiada de Guimarães
Antonio Rodrigues Robi Sotto-Mayor, Academico da *Academia real*, Desemb. na Relação Primaz
Antonio José de Faria Machado
Dr. Manoel Lopes de Araujo
Domingos de Freytas
Beneficiado Lourenço Caetano Borges Pereira Pacheco
Manoel de Almeida Carvalhaes
D. Leandro Antonio Leytão, conego Regrante
Francisco Telles de Menezes
Jacome Borges Pereira
Antonio José Pereira de Faria
D. Antonio de Lencastre
Francisco Filippe de Sousa da Sylva Alcoforado
Beneficiado Thomaz Ferreyra Pinto
Manoel Teixeira de Queiroz
Beneficiado Rodrigo José de Faria
Fr. Joséph da Victoria (e Portella)

so Dom João v protegia as Academias litterarias da sua côrte, escreve o auctor da obra inedita *Vida, successos e falessimento do rey fidelissimo Dom João V:* « A Academia dos *Escolhidos, Applicados, Anonymos* e *Occultos* da côrte, têm feito n'este felicissimo tempo scientificos progressos com a sabia inspiração de um soberano, que tanto se empenha em fazer gloriosos os seus dominios pelas letras e pelas armas, suavisando os horrores de Marte com as sonoras consonancias de Miner-

---

Joseph Bernardino Magalhães Bacelar
Dr. Manoel Leite Peixoto
José Leite da Costa, Abbade de Soutello
José de Almeida Castellobranco Bezerra
Dr. José da Costa Velho, abb. de Alvellos
Antonio José Duarte Palha
Luiz Callisto da Costa e Faria.

A Academia não descurava a sua missão louvaminheira:

Lê-se na Gazeta de Lisboa, de 1750 (7 de Maio):

«Por carta escripta da praça de Chaves se recebeu a noticia de que no dia 6 do mez de Maio, em que cumpre annos o senhor Arcebispo Primaz de Braga, que alli se acha continuando a visita do seu arcebispado, a ***Academia Vimaranense,*** sempre obsequiosa e agradecida ás honras que sua alteza costuma fazer-lhe, concorreu de manhã a dar-lhe os parabens, e de tarde se ajuntou em acto academico, sendo seu prezidente o muito reverendo padre mestre da primeira no Collegio da Companhia de Jesus de Braga, e secretario o abbade de S. Faustino, que recitou um grande numero de poesias a varios assumptos, alternadas com a suavidade da musica, que os mesmos academicos tinham levado de Guimarães: etc.»

va; principalmente a dos *Escolhidos*, no douto e real certame que em 18 de Outubro de 1742 fez á sua melhoría no Collegio de Santo Antão, onde com a assistencia da nobreza e composta espectação de tão douto Congresso se recitaram engenhosos e eruditos discursos; exercitando-se com egual erudição a dos *Occultos* para immortal credito da nação no palacio do illustrissimo e excellentissimo Marquez de Alegrete.» [1]

O monarcha protegia as Academias litterarias, porque ellas eram outros tantos sanctuarios consagrados á sua glorificação. Na livraria do marquez de Castello Melhor guardavam-se tres grossos volumes do celebrado Certame de 1742, em que tudo quanto sabia fazer versos e accumular figuras rhetoricas ali se reuniu no Collegio de Santo Antão, sob a disciplina jesuitica, para exaltar as melhoras de Dom João V. [2] Quando ò rei expirou esgotado pela sensualidade, a *Academia dos Occultos* celebrou no 1.º de Septembro de 1750 uma Conferencia, para aproveitar tão

---

[1] *Op. cit.*, p. 15 e 16. (Papeis varios, t. II, vol. 55, da Collecç. da Academia das Sciencias.)

[2] Adquirimos esses tres volumes com sacrificio para o estudo historico d'esta epoca; lê-se no subtitulo: «Collecção das Composições originaes que para o dito Certamen mandaram seus Authores á determinada mão do Secretario para as receber José Freire Montarroyo Mascarenhas, o bem conhecido e erudito gazeteiro n'esse tempo — por morte do dito veiu por compra dar ao poder de Antonio Corrêa Vianna, de quem ao presente he. Lisboa, 1777.»

elevado assumpto,[1] merecendo assim ser memorada na chronica palaciana. Consignando aqui uma rapida noticia d'essas quatro Academias que mereceram a protecção de Dom João V, os *Escolhidos*, *Applicados*, *Anonymos* e *Occultos*, as suas relações evolutivamente nos conduzem para o conhecimento das condições em que se estabeleceu a *Arcadia lusitana*.

José Freire de Montarroyo Mascarenhas tendo colligido todas as composições mandadas para o *Certame Poetico dirigido ás Melhorias do Fidelissimo Rey e Senhor D. João V, pela Academia dos Escolhidos*,[2] teve a louvavel ideia de pôr á frente d'esses manuscriptos um *Catalogo de todos os Alumnos de que se compunha a Academia dos Escolhidos, nomeados pela ordem alphabetica*. Transcrevemos em seguida essa lista authentica e inteiramente inedita:

O Dr. Alexandre Victorino de Vasconcellos, advogado na côrte.

Alexandre Antonio de Lima.

André da Cruz Escocez, mestre das Linguas grega, latina e franceza.

André da Luz, mestre de grammatica.

P.e Antonio da Fonseca, presbytero do habito de San Pedro.

---

[1] *Collecção das Obras que na Academia dos Occultos se recitaram na morte do Fid. e Augusto Rei D. João V.* (Folheto em 4.º, de 92 p.)

[2] Uma nota com a rubrica *Freire*, diz «Enquadernado em 31 de Outubro de 1743.»

Dr. Antonio Ribeiro Pegas e Beja, advogado na côrte.

Antonio Rodrigues de Almada, beneficiado na Basilica de Lisboa.

P.e Antonio de San Hieronymo Justiniano, capellão do Loreto.

P.e Antonio de Santa Martha, conego secular de San João Evangelista.

Fr. Antonio de Santo Elias, da ordem do Carmo.

Antonio da Silva.

Dr. Bento da Espectação, conego secular de S. João Evangelista, prégador.

P.e Bartholomeu de Chaves.

Dr. Braz José Rebello Leite Pereira, presbytero e prégador.

Caetano Innocencio.

Diogo Joam de Serpa de Noronha, ajudante de Infanteria de um regimento da côrte.

Diogo Rangel de Macedo, commendador de Santa Marinha, director e mestre das regras da historia.

Dr. Félix José da Costa.

Fernando Antonio da Rosa.

P.e Filippe de Oliveira, prégador.

Filippe José da Gama, beneficiado; secretario e 2.º presidente.

Bacharel Francisco Antonio da Silva.

Francisco de Sousa de Almada, mestre da Arte Poetica.

Dr. Jacinto da Silva de Miranda, advogado.

Joaquim Leocadio de Faria, ajudante de Infanteria de um regimento da côrte; 2.º secretario no Certame.

P.e João de Lemos.

Dr. Joam Manoel da Costa, presbytero, prégador e advogado na côrte, vulgo o *Poeta da Barca.*

Frei João de Nossa Senhora, religioso de Xabregas, e Chronista da sua ordem, vulgo *Frei João Redondo.*

P.e José Bento dos Santos.

P.e José Colaço de Miranda, beneficiado da sé.

P.e José Correa Leitam.

P.e José da Annunciação, conego secular de San João Evangelista.

José Freire de Montarroyo Mascarenhas, censor e mestre de ortographia portugueza; foi o 1.º presidente.

José Gomes de Menezes, irmão do Conde de Tarouca.

P.e José Manoel Penalvo, prégador; serviu de secretario.

Lourenço d'Anveres Pacheco, cavalleiro da Ordem de Christo, escrivão da Contadoria geral.

P.e Lourenço Pinto, mestre de Grammatica.

Manoel José Ribas de Azevedo, cavalleiro da ordem de Christo, escrivão da contadoria geral.

Manoel Lopes Cota.

Benef. Manoel Pereira da Costa.

Fr. Manoel Rodrigues, franciscano, grande prégador.

P.e Manoel de Santa Martha, conego secular de San João Evangelista.

Benef. Marcelino da Silva Pimentel.

Pedro de Azevedo Tojal.

Fr. Pedro Nolasco, carmelita.

D. Thomaz Caetano de Bem, clerigo regular da Divina Providencia.

Thomaz José de Macedo.

Thomaz Rodrigues de Faria, criado do sr. Infante D. Antonio.

P.e Vicente da Silva, advogado na côrte.

D'estes academicos *Escolhidos* vamos encontrar alguns formando parte da *Academia dos Occultos*, que existiu até ao terremoto de 1755 e foi o nucleo da *Arcadia lusitana*; são elles, Dr. Vicente da Silva, Alexandre Antonio de Lima, Braz José Rebello Leite, João Manoel da Costa Barca, P.e José de Lemos, Jacinto da Silva de Miranda, P.e José Manoel Penalvo. Eram o fermento do gosto seiscentista que se transmittiu á nova Academia, e de que a Arcadia se não libertou sem rompimento heroico; apesar de toda a resistencia ainda vamos encontrar entre os árcades, como tendo escapado pela malha, o P.e Caetano Innocencio, da *Academia dos Escolhidos*, mas que não pertenceu á dos *Occultos*.

Um dos oradores do grande certame da *Academia dos Escolhidos*, descreve assim o caso que determinou esta pomposissima festa: «Adoeceu, porém El Rey Nosso Senhor, e que eloquencia haverá tão grave e tão egregiamente ornada e copiosa, que conte o susto, a pena e a confusão em que nos vimos desde o infausto dia 10 de Maio, até que finalmente amanheceu o dia 29 de Junho, em que principiámos a celebrar com festas e applausos esta desejada melhoria? Que outra cousa encontravamos pelas ruas senão procissões de gente afflicta e magoada entoando

psalmos e ladainhas, com vozes tristes e enternecidas, e todos pedindo misericordia? Vimos ser levadas com grande veneração e pompa as mais preciosas reliquias, as imagens milagrósas, e muitas de que se não lembram nossos avós, que sahissem dos Santuarios por maiores que fossem as calamidades do reino. Vimos emfim penitencias publicas, soando em todo este tempo desentoados os sinos...»[1] Na cota de um poema em doze Outavas de Braz José Rebello Leite lê-se tambem: «Na tarde de quinta feira 10 de mayo foi que S. Magestade se viu occupado de um ramo de paralysia.» O academico Francisco de Sousa e Almada escreveu quarenta e quatro Sonetos gratulatorios e historicos narrando esta doença do monarcha, e como se manifestaram as melhoras em 29 de Junho de 1742; basta transcrever algumas das rubricas que acompanham esses Sonetos:

«Houve Preces publicas por toda a côrte, em todos os Conventos e Freguezias pela saude de S. Mag.de

«Saiu em procissão de preces o Santo Milagre de Santarem. — Foram varias Imagens do Senhor dos Passos levadas em procissão de preces á Santa Igreja patriarchal. — Sahiram tambem em procissão varias imagens milagrosas de Christo crucificado a visitar Sua Mag.de — Foram conduzidas varias imagens da Virgem nossa Senhora a palacio, e das mais milagrosas, por diversas Communidades

---

[1] *Oração academica* — por Filippe José da Gama, p. 38. Lisboa, 1743.

e Irmandades.— Foram tambem conduzidas a Palacio algumas imagens da mesma Senhora occultamente, que pela brevidade não houve logar para virem em procissão.— Tambem foram levadas a palacio varias imagens de Santos . . . Os Religiosos Franciscanos e os Agostinhos descalsos fizeram de noite suas procissões de preces a varias Igrejas, onde tomaram asperas disciplinas.— Foram muitas Communidades religiosas a fazer novenas pela saude de S. Mag.[de] á sancta Igreja patriarchal.— Vieram as Irmandades dos Regimentos da Côrte dos Soldados de infanteria, Cabos principaes, Coroneis, Sargentos mayores, etc. em procissão á mesma S. Igreja patriarchal e atraz huma guarda de soldados armados.— Concorreu o Tribunal da Mesa da Alfandega, e os Freires da Igreja da Conceição, d'onde sahiram tambem em procissão de preces.— Vieram em Procissão todas as classes e aulas de Filosophia do Collegio á mesma Santa Igreja entoando devotas Ladainhas.— Saíu a Irmandade dos Soldados da Guarda real tambem fazendo procissão de preces . . . Da mesma sorte concorreram os criados inferiores de Palacio fazendo a sua procissão de preces . . . Vieram muitas Escolas de Meninos cantando devotamente suas Ladainhas . . . Ultimamente fizeram suas procissões muitas Irmandades de homens pretos . . . Fizeram-se tambem preces publicas em todo o Reyno em quanto não melhorou Sua Mag.[de] — Para que não faltassem as mais efficazes rogativas, se mandaram tambem dizer muitas missas ás almas . . . No dia do sagrado Apostolo San Pedro, recebe S. Mag.[de] repentina melhora pela

grande fé com que invocou a Virgem N. S.»[1] E' no Soneto 23 que se descreve esta melhora subita de D. João v em 29 de junho de 1742; nos Sonetos seguintes trata dos factos que indica nas rubricas dos restantes sonetos: «Resultou grande e geral alegria em todo o Reyno da Melhoria de S. Mag.de.—Cantou-se o Te Deum laudamus na Santa Patriarchal ... Pela melhoria de S. Magestade se puzeram luminarias por varias partes, estando as noites muito serenas.—Foi applaudida a melhoria de S. Mag.de com festa ecclesiastica de Sermões e missa solemne em varias partes.—Celebraram varios Engenhos metricamente as melhoras de Sua Magestade.»

Foi n'este delirio de jubilo official que se espalhou pelo paiz um folheto de outo paginas com o titulo:

«Proposição que a todas as Academias e engenhos d'esta côrte e de todo o Reino faz a *Academia dos Escolhidos* estabelecida n'esta côrte de Lisboa, para um Certame em que se applauda em varios Metros a melhora da augusta Magestade d'El Rey D. João v nosso Senhor. Lisboa. Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha Nossa Senhora.— Anno do Senhor M.DCC.XLII.»

Pouco mais haveria a dizer depois d'este titulo; mas antes de apresentar os problemas do Certame, lê-se na Proposição: «Para este convidam a todos os mais engenhos das ou-

---

[1] Na Oração academica já citada se lê: «Começou Sua Mag. a ter sentimento do braço que estava estupido ...»

tras Academias do Reyno, assim a *Vimaranense* da Provincia do Minho, como a dos *Unidos* da Torre de Moncorvo, e a todos os mais espiritos metroficantes, moradores em qualquer parte d'este Reyno; sendo por certo, que sendo a importancia d'este assumpto tão comũa a todos, todos concorrerão mui voluntariamente para fazer mais solemne e mais plausivel este acto.

«Para este effeito determina um triduo, no mez de Julho proximo, que principiará no dia que resolverem os seus Directores, e em cada dia presidirá um sogeito de distincção.

«Na primeira tarde: Depois da Oração do Presidente se defenderá este Problema: *Se foy tam grande a molestia de S. Mag.de como a affectuosa piedade dos seus vassalos?* Etc.

«Na segunda tarde: *Se na doença de Sua Magestade mostraram mais finezas nas suas rogativas os habitantes d'esta Côrte, ou os moradores dos logares distantes?* Etc.

«Na terceira tarde: *Se foi n'este Reino tam grande o sentimento na queixa de Sua Magestade como o gosto da sua melhora?*

«Leis do Certame: O *Poema latino* não excederá o numero de sessenta versos.

«Os *Epigrammas* constarão só de tres distichos.

«As *Odes* de Outo ramos.

«As *Lyras* de seis ramos.

«O *Poema* na lingua vulgar de doze outavas incluindo n'ellas as leys e os preceitos do mesmo Poema.

«As *Decimas* não serão mais que quatro.

«E os *Romances octosyllabos* não passarão de quinze coplas.

«Todas estas obras, escriptas em caracteres legiveis, as que entrarem em concurso por mão alheia:—Mandar-se-hão entregar até ao dia 6 de Julho em casa de José Freire de Montarroyo Mascarenhas, que é um dos Directores e Mestres da mesma Academia.»

Por uma carta inedita de 27 de Junho de 1742 do presidente da Academia dos *Unidos*,[1] vê-se que antes das melhoras repentinas do rei em 29 de junho já a *Academia dos Escolhidos* preparava e convidava para o Certa-

---

[1] Em data de 27 de junho de 1742 escrevia Paulo Botelho de Moraes accusando a recepção do Convite que lhe dirigira Montarroyo:

«Meu amigo e sôr muito da minha veneração. Logo que o R.do Padre Fr. Verissimo me entregou os assumptos para se escrever para o Certame que essa illustre *Academia dos Escolhidos* d'essa côrte quer celebrar em obsequio da melhora de Sua Mag.de os entreguei aos Senhores Academicos d'esta dos *Unidos;* e ainda que muitos se acham ausentes, e outros com mortalhas em casa, aquelles que se acharam desempedidos se animaram a escreverem por terem parte em tam applaudido assumpto, ainda que o tempo foi tam breve, que ficam bem desculpados os descuidos que tão eruditos Academicos poderão encontrar nos seus papeis; que esses illustres Academicos podem relevar attendendo sómente ao grande affecto com que desejamos dar-lhe gosto.

E como não serve de mais peço a V. m.ce me tenha em sua graça. D.s g.de a V. m.ce m. a. Moncorvo, 27 de Junho de 1742.

Sôr José Freire de Montarroyo Masc.as

Att.o am.o e Cr. de V. m.ce

Paulo Botelho de Moraes.»

me pelas melhoras que o rei ia obter por ter invocado a Senhora das Necessidades.

Nomearam para Juizes do Certame o Conde da Ericeira, que então estava cego,[1] o Visconde de Asseca, Luiz Cesar de Menezes, e dous padres jesuitas mestres do Collegio de Santo Antão, José da Costa e Paulo Amaro. Como foi grande o numero de composições metricas recebidas dentro do praso marcado, levou tempo a analysal-as em successivas sessões no palacio do Conde da Ericeira, e sómente se pôde fixar o primeiro dia do Certame em 18 de Outubro de 1742, no Collegio das Artes de Santo Antão da Companhia de Jesus, na aula chamada da Mathematica.

Na *Relaçam verdadeira do Certame que no Real Collegio das Artes de S. Antam celebrou a Academia dos Escolhidos*, por Roberto Alves da Silva, descreve-se a parte espectaculosa d'este congresso litterario na Aula da Mathematica: « Armaram-se as paredes d'esta Sala de damasco carmezim, guarnecido de galões de ouro, com excellentes placas em todas ellas; e no meio da parede fronteira á entrada da porta se collocou o retrato de Sua Magestade dentro de um docel de tela de

---

[1] Na Censura do P.^e José Pereira de Santa Anna para a impressão da *Henriqueida* em 1738, lê-se ácerca do Conde da Ericeira: «por quanto *até depois de lhe faltar o exercicio dos olhos corporeos*, incansavelmente trabalha com os d'alma, o quanto é possivel, vêr com o seu claro entendimento.» E na Censura do P.^e Paulo Amaro: «pois ainda *quando já cego* não cessa de illustrar a patria e diffundir as luzes da infinita erudição que enthezourou seu incansavel zelo.»

ouro e carmezim, servindo-lhe de taburno magestoso ou magnifico supedaneo cinco degráos cobertos de ricas alcatifas. Ao lado direito do retrato em altura de dous palmos e meio hum Theatro e sobre elle outro degráo com cinco cadeiras em que se assentaram os Excellentissimos e Reverendissimos cinco Juizes com hũa meza diante coberta de damasco de ouro e franjas do mesmo, em que estavam postos cinco ramalhetes de flores de seda . . . Ao lado esquerdo se assentou outro semelhante theatro menos um degráo com quatro cadeiras para os Oradores e Problématicos, com outra mesa coberta do mesmo damasco e franjas com quatro ramalhetes . . . e pouco distante da cabeceira d'esta mesa dous assentos com outra mesa de menos comprimento . . . para quem havia de recitar as poesias, que do corpo da mesma Academia se elegeram, o rev. P.e Dr. Antonio da Fonseca e Joaquim Leocadio de Faria . . . Ao redor da sala se pozeram bancos de encosto para os Academicos, Nobreza, Ministros, Religiosos e pessoas de distincção; e na área da sala toda a quantidade de bancos que se poderam accomodar.»

O Certame começou por tocar-se uma sonata, que se repetia antes de principiarem outras recitações. Houve uma quarta tarde para se conferirem os premios aos academicos, distinguindo-se nos Sonetos, nas Decimas e nas Liras Alexandre Antonio de Lima. E' para notar o encontrar-se entre as composições d'esse vistoso Certame, hum Soneto assignado por José Joaquim *Correa Garção:* «A' plausivel melhoria do Rey Fid.mo o sr. D. João 5.º»; era irmão do insigne poeta que

depois pertenceu á *Academia dos Occultos*, e que tanto lustre deu á *Arcadia lusitana*. Não vale a pena examinar as numerosas composições colligidas por Montarroyo Mascarenhas do celebre Certame dos *Escolhidos*, por que são todas moldadas sob as mesmas convenções da rhetorica dominante; compensam porém o trabalho de percorrel-as, juntamente com os opusculos que então se imprimiram para se conhecer bem a vida interna d'esta Academia. Continuando a aberração do gosto seiscentista, implicito no humanismo das escholas jesuiticas, careciam as Academias litterarias de successos estrondosos, acontecimentos palacianos que lhes ministrassem thema para as suas effusões panegyricas. [1] O Conde

[1] A Arcadia de Roma tambem celebrou as melhoras de D. João v, publicando todas as composições no seguinte livro:

Adunanza tenuta dagli Arcadi per la ricuperata salute della sacra real maestá di D. Giovanni V, ré di Portogallo. (Vinh.) In Roma 1744. In-4.º de 159 pp.

Dedicatoria ao rei por Michel Giuseppe Morei *Custode generale d'Arcadia*, e *Ragionamento* por Silvestro Merani, bispo de Porfirio com o nome arcadico de *Ipponio Basilidio*.

Contém composições encomiasticas dos seguintes Arcades romanos:

Acamante Pallanzio	Abb. Giuseppe Brogi
Acanto Corciriaco	Abb. Mattia Verazii
Acromelo Limatidêo	Abb. Agostino Cermisoni
Afrodisio	Conte Pietro Berardi
Agesilo Brentico	Abb. Francesco Domenico Clementi
Alberlo Eliconiano	Abb. Giacomo Appresi
Alcioneo Selinunzió	Abb. Onofrio Alfani
Algidio Bufagiano	Abb. Giacomo Filippe Battaglia
Alidauro Pentalide	Giampetro Taglizucchi
Amestri Alittoriano	Abb. D. Matteo Nabrazzi

da Ericeira, que presidira ao grande Certame dos *Escolhidos* no Collegio de Santo Antão em 18 de Outubro de 1742, faleceu em 1744; não faltaram as Academias litterarias da côrte a fazerem a apotheose do fidalgo que tinha sido o patrono e mais ou menos o iniciador de todas ellas. Assignada por José Freire de Montarroyo Mascarenhas, e pelo secretario Diogo Rangel de Macedo, distribuiu-se a seguinte circular impressa:

«A *Academia dos Escolhidos* da Côrte, que presentemente se acha restabelecida em huma das casas do Palacio do Excellentissimo Conde de Coculim, agradecida ao muito que deveu ao Illustrissimo e Excellentissimo

---

Amildo Cillenéo	Abb. Jacopo Cenomi
Androcle Ippocrenio	Avvocato Leopoldo Metastasio
Apollonio Orciano	Abb. Giovani Ginobili
Aracinto Parteniate	Caterina Crachas
Arbace Tesmiano	Abb. Pietro Antonio Petrini
Archeo Alfejano	Mons. Sebastiano Maria Corrêa
Archimede Diophanio	P.e Domenico Sante Santini
Arminda Ephesiaca	Teresa Ginobili Fiore
Bianore Cranéa	P.e Giuseppe Rocca Volpi
Carbaso Crisoroanio	Conte Pietro Ardente
Caricleo Chermario	Abb. Lucio Ceccarelli
Chelemo Egisio	Abb. Girolamo Coccoli
Clario Pedotrofoniano	P.e Giovani Leon
Cleante Corintiense	Jacopo Diol
Cloriso Scotaneo	Abb. Ignazio de Bonis
Demaro Larissiano	Abb. Pietro Cesari
Dicesio	Abb. Cesidio Lusi
Efiria Corilea	Anna Maria Parisotti
Egino	March. Gio. Franc. de' conti Guide di Magno
Empedocle Traustio	Dr. Ant. Luigi Salina
Ermezio Caristio	Conte Giuseppe Menatti
Erminto Citerio	Mons. Ottavio Ant. Bayardi
Eromede Sumiziano	Abb. Giuseppe Lavini
Ersilia Gortinia	Pellegra Bongiovanni Rossetti
Evagora Acrocerannio	Abb. Giuseppe Casale
Eulisto Macariano	Saverio Maria Barlettani

Senhor Conde da Ericeira, determinou fazer-lhe hum Obzequio, que se hade celebrar no dia 26 do presente mez pelas duas horas da tarde, em que será Orador Jeronymo Godinho de Niza, e se discutirá o problema seguinte:

«*A quem se faria mais sensivel a morte do Excellentissimo Conde da Ericeira, se ás Campanhas pelo grande valor com que n'ellas militava, ou se ás Academias pelo incomparavel engenho com que nellas discorria?*

Defenderá a primeira parte, o R. P. M. D. Fr. José de Lemos, e a segunda o R. D. Vicente da Silva, todos da mesma Academia, e logo o Illustrissimo Senhor D. José Gomes de Menezes a quem na mesma pertence escrever

---

Eurante Ippocrenio	P.e don Filippo Maria Sacchi
Euridalco Corinteo	Abb. Gaetano Golt
Feralce Trofeio	Abb. Giuseppe Petracchi
Ferecide Leonideio	Abb. Tomaso Palleschi
Fibreno Melissiaco	Dr. Pasquale Fantauzzi
Fiorilla Limeria	Caterina Mancini
Inaco Fertiniano	P.e Giovani di Luca
Irtaceo Ettidio	D. Cesare Francesco Tintori
Licurgo Alissonio	Avvoc. Vicenzo Moretti
Lisalbo Pelopio	Dr. Gio. Paptista Catena
Lisio	Marchese Teofilo Calcagnini
Loccresio Tegéo	Dr. Flaminio Scarselli
Oniantreo Tripolita	Canonico Antonio Ré
Logisto Neméo	Avv. Francesco Maria de' conti di Campello
Lorio Eurimedonziaco	Abb. Giuseppe Gaetano Cupelli
Lusisto	P.e D. Antonio de Batacourt monaco geronimiano
Manto Acacesia	Isabella Murena
Melesigene Penelopéo	Abb. Carlo Marcús
Merope Larissense	Lucrezia Lante
Melidéo	Abb. Paolo Sappa
Miréo Rofeatico	Abb. Michel Giuseppe Morci
Narindo Tritonide	Gio. Balliste Rizzardi
Neralco Castrimeniano	Mons. Giuseppe Ercolani
Nicasio Porriniano	P.e Alessandro Pompeo Berti
Nidastio Pegcate	Abb. Bartolomeo de Rossi

as Vidas dos Varões illustres, recitará com o unico assumpto d'esta Conferencia a primeira lição do seu emprego, dando finalmente fim a este acto Diogo Rangel de Macedo e Albuquerque. Espera a Academia que V. queira concorrer com a sua assistencia, e composições eruditas, para fazer mais plausivel tão illustre acção. Deus guarde a V. muitos annos. Da Academia, 20 de Janeiro de 1744.»

Concorreu a este Obsequio a *Academia dos Applicados*, que então se celebrava na cella de Fr. Manoel do Cenaculo, futuro bispo de Beja. Na Oração panegyrica, falla-se dos serviços do Conde em varios certames afamados: «No Certame que ao maximo dos

---

Niseno	Abb. D. Carlo Giuseppe Bettanzi
Nistigelo Armodiniano	Abb. Niccoló Angelisti
Nivildo Amarinzio	Abb. Gioachino Pizzi
Numenio Anigréo	P.^e Rugiero Giuseppe Boschovich
Argino Calcodonteo	F. Curzio Reginaldo Boni
Oriana Ecalidéa	Veronica Cautelli Tagliazucchi
Ormidi Leuttronio	Abb. Nicoló Coluzzi
Penteo	Dr. Alberto Baccanti
Promaço	Abb. Gio. Battista Monaldini
Ramireo Mieracchio	Mons. Gio. Carlo Antonelli
Silandro Nuntiniano	Abb. Ferdinando Nuzzi
Sillano	Abb. Giambattista Carro
Sildauro Misiate	Abb. Giuseppe Chiesa
Sindario Cartasio	P.^e D. Guglielino Tosco, abb cist.
Tiaso Nemesiaco	P.^e D. Antonio Maria Astichier, Abb. Teatino
Tibrio	Abb. Filippo Vanstryp
Triulnéo Tinariano	Francesco Benaglio
Tiresia Timosteniano	Domenico Rolli
Tirside Antinoide	Abb. D. Bernardino Pera
Tirsillo Erinmidio	Cav. Luigi Zappi
Vareno Acheruntino	Ortensio Giroldi de Jugo
Verenio Orgiano	Abb. Luiz Antonio Verney
Vesevio Lusiade	Abb. D. Giuseppe Nicole Carbone, canonico della metropolitana d'Evora.
Volcrindo Sideate	?

Mysterios, a um dos grandes Santos da religião theatina, e á melhoria dos Reis, que n'este seculo viu o mundo, dedicaram a *Academia dos Applicados*, os mui illustres e sabios Padres da Divina Providencia, e os alumnos do Congresso dos *Escolhidos* d'esta côrte, sempre a sua approvação foi o mais estimavel premio das melhores obras...» (Pag. 15.) Concorreram tambem a este obsequio funebre a *Academia dos Unidos*, e a dos *Particulares*. Depois do falecimento do Conde da Ericeira ainda continuou a febre das Academias; mas é certo que em 1745 se deu uma crise de reacção contra esta corrente tradicional e automatica do seiscentismo, que motivou a fundação da *Academia dos Occultos;* Garção distinguindo-a de todas as outras, caracterisou-as como sustentaculos do *espirito de máo gosto:* «Fundaram-se Academias. Algumas permaneceram sem mais fructo que o de propagarem o contagio.» Foi a impossibilidade de se libertar completamente do vicio culteranista que esterilisou a Academia ou *Sociedade dos Occultos*, que o terremoto de 1755 dispersou; teria insignificativo titulo e apagada existencia, se da sua ruina não surgisse a *Arcadia lusitana*.

§ II. O pseudo-classicismo francez e a protecção real na Litteratura

Com as mesquinhas manifestações da actividade *mental*, confinada nas Academias, contrastava o esplendor do Cesarismo, isto é do poder absoluto da realeza arrogando-se todas

as iniciativas *sociaes*. Em uma sociedade sem representação politica, sob a espionagem das consciencias pela Inquisição, e com o pensamento tolhido pela censura prévia dos bispos e do Desembargo do paço, era natural que as Academias seiscentistas subsistissem automaticamente. E em que exercerem-se, senão em bajular esse poder pessoal que se apresentava como synthese do estado, e em degradarem-se bastante glorificando-o para merecerem a protecção real? Se a *praça* communicava aos escriptores o contacto popular, que os aproximava da fonte viva das tradições, a *côrte* impunha-lhes a linguagem inexpressiva da pompa official, com uma emphase banal encobrindo a frieza e a mentira dos panegyricos. O gosto seiscentista servia as exigencias da cortezania, e medrava n'esse meio palaciano.

No seu bom senso secular, Montaigne consignou nos *Ensaios* uma phrase de Tito Livio: «que os escriptores habituados a louvar os reis são palavrosos e vãos.» [1] Eis a caracteristica de toda a litteratura portugueza do seculo XVIII; para glorificação de um dissoluto e perdulario Dom João V, do apathico e inconsciente Dom José, de uma dementada D. Maria I, nasceram obras litterarias pautadas pela *Arte de fazer Conceitos*, suscitadas por todas as pequenas ephemerides da vida do paço. Poesia, eloquencia, theatro, historia,

---

[1] «Tite Livius dict vray: qui le langage des hommes nourris soubs la royauté, est toujours plein de vaines ostentations et faulx tesmoignages.» *Essais*, liv. I, cap. 3.

tudo tem essa marca da bajulação desaforada, de indignidade servil, e em geral causa o tedio de uma linguagem empolada, vasia, produzindo em vez de emoções figuras de rhetorica sem verdade e sem naturalidade. A acção dos Jesuitas no humanismo da Europa manifestára-se pela perversão do gosto que se propagou a todas as litteraturas no seculo XVII; directores dos reis e intrigando nas côrtes, não admira que o Cesarismo por sua vez influisse n'este caracter de banalidade incolôr das litteraturas no seculo XVIII, e principalmente em Portugal, [1] onde o jesuita

---

[1] A actividade litteraria da primeira metade do seculo XVIII dispendeu-se em *folhas volantes*, que constituiam uma industria commercial privativa dos cegos agremiados na Irmandade do Menino Jesus; as folhas volantes imprimiram-se aos milhares, e o Abbade Diogo Barbosa Machado, que formou uma collecção hoje existente na Bibliotheca do Rio de Janeiro, classificou-as pela seguinte fórma:

Genethliacos dos Reis, Raynhas e Principes de Portugal, fol. 5 tomos.

Applausos dos annos de Reys, Rainhas e Principes de Portugal, 2 tomos.

Entradas em Lisboa, de Reys, Rainhas de Portugal, 2 tom.

Epithalamios dos Reys, Rainhas de Portugal, 5 tomos.

Elogios dos Reys, Rainhas e Principes de Portugal, 4 tom.

Applausos Oratorios e poeticos pela saude dos Reis, fl.

Ultimas Acções e Exequias de Reys, Rainhas e Principes de Portugal, fol. 3 tomos.

Elogios funebres dos Reys, Rainhas e Principes de Portugal, fol. 4 tomos.*

---

* *Annaes da Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro*, vol. I, p. 31.

João Baptista Carbone governava em nome de Dom João v. *Gastar* e *gosar* era a synthese suprema do Cesarismo; pelas despezas pharaónicas dava-se mais magestade á pessoa do rei, e pelos prazeres da sensualidade e caprichos da vontade irrefreada é que o poder tinha consciencia da sua força. A opulencia do reinado de D. João v contrasta com o estado miseravel da nação, arrasada pelo infame tratado de Methuen, reduzida em 1732 á cifra de menos de dois milhões e meio de habitantes, em geral indigentes por que a terra pertencia aos morgados, aos titulares, ás Casas reaes, á de Bragança, do Infantado, e ás corporações monachaes, e estupidecidos por

---

Esta simples indicação basta para revelar a extensão d'esta litteratura de cordel, sem intuito popular, e como a ausencia de dignidade era o motor de toda a obra litteraria. Esses folhetos transportados para o Rio de Janeiro com a Bibliotheca de Barbosa, devem encerrar revelações curiosas e autobiographicas, de um periodo litterario que se estende desde o fim do seculo XVII até á epoca da morte de Barbosa Machado em 1772.

Mas não eram só os reis, rainhas e principes os festejados nos applausos metricos; Barbosa Machado compilou em numerosos volumes as seguintes folhas volantes, que encerram as fórmas imaginaveis da adulação servil á aristocracia:

Applausos genethliacos de Fidalgos portuguezes, 1 tomo.

Epithalamios de Duques, Marquezes e Condes de Portugal, 3 tomos.

Elogios de Duques, Marquezes e Condes de Portugal, 2 tomos.

Elogios funebres de Duques, Marquezes, e Condes de Portugal, 3 tomos.

Elogios funebres de Duquezas, e Marquezas de Portugal, 1 tomo.

falta de uma qualquer instrucção secular que os arrancasse do analphabetismo. As riquezas, dispendidas em grandiosas construcções como o Aqueducto das Aguas-livres, o Theatro da Ribeira, a Patriarchal e a Basilica de Mafra, eram um accidente fortuito provindo das Minas do Brazil, e não a consequencia de uma energia vital, como a riqueza que resulta do trabalho industrial. De 1714 a 1746 produziram as minas do Brazil em ouro amoedado 96,040.415:628 contos de reis, e em diamantes 12.000:000 contos.

Comprehende-se como para o vulgo o monarcha apparecia com o perstigio de um poder mysterioso, e como as energias individuaes se entregavam ao grado da vontade so-

---

Elogios Oratorios e poeticos de Cardeaes e Bispos, 2 tomos.

Elogios funebres de Cardeaes e Arcebispos de Portugal, 1 tomo.

Elogios funebres de Ecclesiasticos portuguezes, 4 tomos.

Elogios funebres de diversos portuguezes, 4 tomos.

Elogios historicos e poeticos de Ecclesiasticos e Seculares, 1 tomo.

Noticias de Procissões e Triumphos sagrados, 4 tomos.

A collecção dos Villancicos cantados na Capella real e na patriarchal, formava treze tomos, não fallando já em quarenta e seis volumes de Sermões avulsos em exequias reaes, acclamações, desposorios regios e de autos de fé, que constituem uma manifestação pathologica de outro genero. Pode-se dizer que a litteratura do seculo XVIII consistiu exclusivamente em folhas volantes (*pliegos sueltos)* como uma vegetação sobre um monturo, esteril e ephemera; serviu para mascarar com um aspecto de grandeza a decadencia organica d'essa sociedade official.

berana. O auctor do *Antidoto da Lingua portugueza*, José de Macedo, entendendo que era necessario uma reforma da lingua, por causa da «grande frequencia com que usamos o diphthongo *ão* — que a faz mui tosca e grosseira» lembrou o seguinte alvitre: «se alguma pessoa de auctoridade fallar ao nosso monarcha sobre a reformação da nossa lingua, mui facilmente se moveria o seu generoso animo a fazer-nos tocante a este negocio algum favor tão grande que parecesse dos maiores que um principe pode fazer a seus vassallos, e que por isso bem se podesse contar entre as acções memoraveis de sua magestade, e as mais dignas do amor paterno que nos deve mostrar, e da summa propenção e benevolencia com que nos deve favorecer.» [1] Queria este philologo que o rei D. João V mandasse substituir na lingua portugueza as terminações em *ão* pela forma do nominativo latino, como em *solidão*, *solitude*, *mansidão*, *mansuetude*. Parece que o rei chegou a acreditar no seu poder quando protegia as Academias; mas apezar dos favores magnanimos, não surgiu um poeta digno d'este nome; as grandes despezas não crearam uma arte portugueza. As basilicas de Mafra e Patriarchal não crearam um estylo, e o gosto do *rococó*, da *chinoiserie* tomados da moda franceza com o estylo jesuitico acabaram de perverter a noção do bello no genio nacional. O estupendo Theatro da Ribeira, (1755) onde o architecto Servan-

---

[1] *Antidoto da Lingua portugueza*, p. 416. Lisboa, 1710.

doni phantasiava ornamentações desvairadas capazes de arruinar um estado, não produziu nem a Opera nacional, para a qual existia o elemento tradicional da *Modinha* como o observou Strafford; nem o Drama moderno, apesar do talento excepcional do desgraçado Antonio José, o *Doutor Judeu.* Dispendeu na esplendida Bibliotheca da Universidade de Coimbra 66:622$120 rs. com grandes acquisições de livros, mas os lentes não se instruiram e a Universidade quasi que regressava ao formalismo medieval. A fundação da *Academia real da Historia portugueza* não foi além da erudição concreta, preoccupando-se especialmente de catalogos chronologicos.

Uma cousa faltava, para que estes generosos esforços fructificassem — a *liberdade politica.* Era esse o problema fundamental do seculo XVIII, sobre que se exercia a especulação philosophica, e cujas aspirações sentimentaes inspiravam as litteraturas; Montesquieu, os pensadores do *Club de l'Entresol*, os organisadores da *Encyclopedia*, os grandes ministros, como Turgot, os criticos como Voltaire, davam expressão a esta exigencia da sociedade moderna suscitando uma insurreição mental. A influencia que a liberdade do pensamento no dominio da politica exerceu sobre todo o seculo XVIII, o seculo das grandes audacias, começou a irradiar-se de um fóco latente, como essa associação de livres-pensadores denominada *Club de l'Entresol*, de que falla o marquez d'Argenson, nas suas Memorias: «Era uma especie de Club á ingleza, formado de individuos que gostando de discorrer sobre o que se passava, podiam reunir-

se e communicar sua opinião sem medo de se comprometterem, porque se conheciam uns aos outros, e sabiam com quem e diante de quem fallavam. Esta sociedade chamava-se o *Entresol* (sobre-loja) pelo logar onde se reunia, que era a sobre-loja em que habitava o abbade Alary. Achavam-se alli sempre gazetas de França, da Hollanda, e mesmo jornaes inglezes.» D'Argenson historía nas suas Memorias esta associação iniciadora da primeira escola dos Economistas francezes e dos primeiros Encyclopedistas; muitos dos seus membros eram altos funccionarios da politica e do clero, mas basta citarmos esse typo extraordinario do evangelisador humanitario, o Abbade de San Pedro, o auctor do *Projecto da Paz perpetua*, para determinar-se a indole da elaboração mental que se estava passando nos espiritos que suscitaram Montesquieu e se anteciparam a Rousseau. Esta incubação da sociedade europêa exercia-se na preparação da *liberdade politica*, vindo as revoltas communaes, que na Edade média reclamaram a *egualdade civil*, a encontrar o seu complemento definitivo no assombroso phenomeno da Revolução franceza.

Em Portugal a especulação philosophica estava acorrentada ao scholasticismo dos commentadores jesuitas, imposto auctoritariamente pelo Ritual theologico: «Não se defenderão opiniões contra *Logica conimbricense.*» Os Litteratos eram obscuros academicos reunidos para imitarem frivolamente os canones rhetoricos da decadencia romana, sem ideias, sem relação com o seu tempo, limitando todas as aspirações a prostrarem-se ante

as graças do Cesarismo omnipotente. Não era o homem de letras esse poder novo que dirigia a opinião publica, como na Inglaterra, e que possuia a dignidade da sua missão; no seculo XVIII em Portugal, o poeta era um ente miseravel, que se admittia á mesa da creadagem das casas fidalgas, sempre prompto a pedir esmola em verso, metrificando sobre todos os successos que interessavam á realeza ou á aristocracia, emfim uma como continuação dos bobos dos palacios feudaes. [1] Insensivelmente caíam das grandes periphrases emphaticas no abastardamento joco-serio, acabando por descambarem na obscenidade.

---

[1] Um Soneto de João Xavier de Mattos, á morte de D. Francisco Xavier Telles, traz na rubrica dedicatoria: *Protector da Academia dos Domesticos;* termina:

> Rasgue as sessões a orfã Academia,
> E as pennas que guardou para a Epopêa
> Bem as póde aparar para a Elegia.

(*Rimas*, III 41.)

«Em todas a funcções antigamente era certo introduzirem por uma porta interior, por modo de pobre envergonhado, que vae á segunda meza, o Poeta, para um canto escuro; donde, no fim das árias, batendo as palmas, principiavam a sahir os discursos em Decimas, Outavas, e raras vezes Sonetos, e a atirar-se depois com os Motes para alli, á maneira dos Outeiros nas eleições das Priorezas e dos Prelados das Ordens, e nas festas dos Oratorios notaveis, que havia pelas ruas; foram em decadencia depois do Terramoto, até á sua extincção.» (*Theatro* de Manuel de Figueiredo, t. XIV, p. 464.)

Os poetas mais conhecidos por esta abjecção da linguagem pertencem á epoca de D. João v, continuando o genero a prevalecer até ao fim do seculo XVIII; taes eram Thomaz Pinto Brandão, Alexandre Antonio de Lima, Frei Lucas de Santa Catherina, Caetano da Silva Souto Mayor, *o Camões do Rocio;* Antonio Lobo de Carvalho, que faz a transição para o reinado de Dom José; por ultimo Tolentino, Bocage, Filinto e José Agostinho, ainda sacrificaram parte do seu talento a esta perversão do sentimento. Diante do poder absoluto, não havia outro intuito senão louvar, panegyricar, encomiar com descaro, até á indignidade; o que se escrevia não era a obra de arte destinada a dar convergencia aos sentimentos dirigindo para a concordia social, era um meio de adquirir protecção contra as prepotencias de cima; os que eram desinteressados viam n'esse trabalho um nobre ocio, um passa-tempo honesto para desviar as attenções do que se estava passando nas funcções do estado. O escriptor, sempre com medo de ter opinião, occultava para mais segurança o seu nome empregando um onomastico ficticio; assim o celebre critico Luiz Antonio Verney assignava-se em alguns papeis *Luiz Teixeira Gamboa*, o P.e Antonio Pereira, *André Lucio de Resende*, o philologo José de Macedo, *Antonio de Mello da Fonseca*, D. Jeronymo Contador de Argote, *P.e Caetano Maldonado da Gama*, Alexandre de Gusmão, *Dorothea Engracia de Tavarede Dalmira*, Fr. Lucas de Santa Catherina, *Felix Castanheira Turacem*, D. José Barbosa, *Fernando Monteiro de Sousa*, Francisco Xavier de Oliveira, *Felix Vieira*

Corvina de Arcos, Ignacio Barbosa Machado *Jacintho Machado de Sousa*, Antonio Felix Mendes, *João Pedro do Valle*, P.e José Pereira de Sant'Anna, *José Anacleto Murcelati*, D. Francisco Xavier de Menezes, *Manoel de Almeida Corrêa*, Pedro José da Fonseca, *Verissimo Luzitano*. [1] E' numerosissima a lista dos pseudonymos que os escriptores portuguezes empregaram no seculo XVIII; symptoma evidente da falta de liberdade mental em que se vegetava. Como não tivemos philosophos, nem tampouco os litteratos se inspiravam da verdade do sentimento, não poderam formar-se opiniões, e os raros espiritos que se alimentaram intellectualmente das doutrinas dos Physiocratas e dos Encyclopedistas calaram-se com o terror da repressão, ou emigraram de Portugal mesmo antes da terrivel Intendencia policial de Manique fechar os portos á entrada dos livros francezes ou mandal-os queimar na praça publica pela mão do carrasco. As *Ideias francezas* e o *Philosophismo*, como em Portugal se designava a corrente da *liberdade politica*, foram duramente abafadas por todos os poderes conservantistas do estado, que creára um tribunal especial, a *Mesa Censoria*, para só admittir no reino livros com orthodoxia ideologica. O seculo XVIII, tão rico em Portugal de homens de talento e de sciencia, contrasta com a af-

---

[1] *Museu litterario*, vol. I, p. 375 a 382 (1833); mais desenvolvido nos *Subsidios para um Diccionario de Pseudonymos*, por Martinho da Fonseca.

frontosa irracionalidade das instituições, n'esse torpissimo amalgama da Inquisição e da Intendencia da policia, embaraçando o complemento da egualdade civil na liberdade politica proclamada por todos os pensadores. A nação não tinha parlamento em que manifestasse a sua soberania, o povo não tinha terra, a qual estava vinculada ás classes retrogradas, o trabalho era considerado degradante, sendo a palavra *mechanico* um ferrete de servidão, a instrucção publica era um apanagio exclusivo dos Jesuitas, a consciencia era atropellada por um clero absorvente e cannibal, a Realeza era um fetiche, e a fidalguia uma prostituição galante. N'este meio social, havia tudo o que favorecia a indignidade infrene, e nada para que se creassem os bellos ideaes para as invenções artisticas ou se manifestassem os pensamentos fecundos. Um povo sem opinião, submisso a um regimen que abafa como o maior crime qualquer juizo sobre os actos discricionarios do poder, os espectaculos destinados a desviarem as attenções da causa publica, as ideias consideradas como um perigo social, tudo isto conduzia uma epoca á idiotia, a uma cretenisação geral, que a palavra decadencia incompletamente exprime. Essa decadencia nacional não podia deixar de aggravar-se sob a omnipotencia de um rei fanatico como Philippe II, faustoso como Luiz XIV, que tomava por modelo, e devasso como Luiz XV; tal era Dom João V, que o seu contemporaneo Frederico II definia com uma phrase sarcastica mas verdadeira: « *Ses plaisirs étaient des fonctions sacerdotales, ses bâtisments des convents; et ses armées des moi-*

nes, et ses maitresses des religieuses. [1] O povo portuguez formulou o seu julgamento em uma quadra repassada de um consciente desdem:

> Nós tivemos cinco Reis
> Todos chamados Joões;
> Os quatro valem milhões,
> O quinto nem cinco reis.

A missão do rei era *gosar*, firmando o seu perstigio em *gastar;* Dom João V cumpriu este programma, malbaratando os thezouros que vinham do Brazil, e imitando os costumes galantes da côrte franceza. Alludimos aos costumes devassos do monarcha, para vêrmos o seu reflexo na côrte, e a impossibilidade de uma idealisação do amor que inspirasse um verdadeiro lyrismo. A crápula de D. João V tornou-se um tom palaciano; elle proprio era sincero na desenvoltura; os manuscriptos contemporaneos estão cheios das suas aventuras de Jupiter-galante: anda publicada a carta que lhe escreveu D. Philippa de Noronha, filha do Marquez de Cascaes, exprobrando ao monarcha o tel-a seduzido com uma promessa escripta de casamento, pois que em vez de cumpril-a havia já quatro annos que ella se achava reclusa á sua ordem no mosteiro de Santa Clara. [2] A arte servia para acirrar o desvai-

---

[1] *Histoire de mon temps.*

[2] *Summario de varia Historia*, t. III, p. 234. A reclusão em um convento das damas que tinham relações amorosas com o rei era tambem usual na côrte de Hespanha.

ramento da sensualidade. Junto do convento das freiras bernardas de Odivellas, no qual Dom João v fazia as suas monterias, mandou construir um maravilhoso palacete com passagem para o convento, onde se entretinha com madre Paula e sua irmã mais velha Maria da Luz. As descripções contemporaneas descem a minucias de um luxo turquesco. Quando Beckford no ultimo quartel do seculo XVIII visitou Portugal, ainda achou viva a memoria d'este retiro: «Um individuo da sociedade, malicioso velho, italiano e clerigo, que tinha sahido da sua terra antes que o espantoso terramoto derrubasse pelos alicerces mais de metade de Lisboa, disse-me que se recordava do aposento, boa amostra n'esse mesmo gosto, isto é, adornado de espelhos e cortinas, uma especie de palacio de fadas, que communicava com o convento de Odivellas, tão famigerado pelo piedoso retiro d'aquelle exemplar de magnificencia e santidade, o rei D. João v. Deleitosos dias ahi se passaram, o monarcha com os companheiros favoritos das suas devoções.» [1] Depois da madre Paula, o idylio da *Flor da murta;* no manuscripto Nobiliario do Casal do Paço se relata sem convencionalismos officiaes, que D. Luiza Clara de Portugal, casada com D. Jorge Francisco de Menezes: «viveu como não devera, em vida de seu marido, andando mal encaminhada com el rei D. João v, do qual teve tres filhos...» [2] Nas

---

[1] Carta XVIII.

[2] Nobil. Ms., t. XI, p. 175. (Na Bibl. municipal do Porto.)

cantigas populares ha uma allusão a este escandalo da côrte:

> Oh *Flor da murta*,
> Raminho de freixo,
> Deixar de amar-te
> É que eu te não deixo.

Pinto Brandão, o poeta satirico, allude á doutrina theologica do *Molinismo*, que conciliava a religião com a sensualidade, explorada pelos directores espirituaes; contra o P.e Bartholomeu de Gusmão lançou essa pécha, para malsinar-lhe o talento:

> Porém a *Molinista* eu mais me inclino
> fosse, *por se attrahir, sendo do clero,*
> *as vontades do sexo feminino.*

Lê-se nas *Memorias* do Bispo do Grão Pará: «Dom João v, no tempo da sua cegueira e libertinagem, quando ia para Odivellas rebuçava-se até ao Arco dos prégos; ahi descobria-se, e dizia o Coculim: — Alli perde a vergonha. — Na vespera dos Passos se foi collocar ao lado da imagem do Senhor, vestido de pobre para vêr de perto as fidalgas, que alli costumam ir. Dizia-me a snr.a D. Herculana Coculim: — Vi eu, viu a condessa de San Vicente, e minha prima Constança de Menezes assim a el-rei.» (p. 154.) Em um manuscripto da Bibliotheca nacional, se lê: «Costumava o dito senhor (D. João v) agarrar no paço as damas e açafatas de noite, e ou por acaso ou de caso pensado, apagando a tocha ao moço da camara, que acompanhava a con-

dessa de Villa Nova, agarrou na condessa, moça forte, guapa e desembaraçada, que se recolhia de casa de sua prima, a camareira-mór D. Anna de Lorena, a qual lhe deu um bofetão grande...» O Cavalheiro de Olivei ra tambem allude aos amores d'este rei com uma cigana: «Eu vi o soberano arrastar pezadissimos grilhões, em que longo tempo esteve captivo por astucia ou feitiço, como se dizia, de Margarida do Monte, creatura de raça bohemia. Quantas desordens, exilios e até mortes se não effectuaram por intrigas d'aquella mulher! Morreu finalmente enclausurada no convento da Rosa, em Lisboa, como religiosa da ordem do patriarcha San Domingos, etc.»

Um inglez, lord Freeman, escrevendo para um irmão, quando viajava em Portugal, conta-lhe o que por cá ouvira de Dom João V: «dissipou a vida com clerigos e mulheres; — decahido pela edade, para gosar mais tempo das damas tomou canthäridas, as quaes o reduziram a uma summa frouxidão; — tendo vivido como sultão, fez as pazes com o céo e morreu como santo, segundo as vozes lisongeiras dos padres que lhe assistiram.» [1]

Em um dos sermões de Dom Raphael Bluteau, na egreja dos Clerigos regulares da Divina Providencia, acham-se alguns traços que deixam vêr qual o estado moral da sociedade portugueza em 1723. Elle attribue a

---

[1] Coll. Pomb., Ms. n.º 682. Toda esta parte se acha largamente tratada no livro de Alberto Pimentel, *As Amantes de D. João V.*

frequencia dos suicidios e assassinatos á falta de justiça distribuitiva: «Em Lisboa, com odios inveterados ou com furias repentinas, muita gente se mata, e uma das rasões das muitas mortes, é que os offendidos suppondo que a justiça não castigará aos que os aggravaram, com suas proprias mãos se fazem justiça. Em Lisboa, com uma folha de papel a que chamam *Carta de Seguro*, o mais cruel homicidio se abafa.»

Em 1753 um juiz ao livrar da morte um ladrão e falsario, allegava: «porque *se via obrigado a obedecer a quem pedindo, mandava.* Era o infante D. Antonio, irmão de D. João V, já no reinado de seu sobrinho D. José, que intercedia pelo ladrão, que era primo de um creado seu. O ingenuo juiz foi mandado reprehender e suspender de suas funcções, por que em vez de fallar em «*grandes empenhos*» — «*não devia fazer menção mais que do serviço de Deus e da boa administração da justiça.*»

As bases da familia estavam assentes em falsos sentimentos: «Em Lisboa, continúa Bluteau, qualquer sombra de infidelidade conjugal afia o punhal para o desaggravo e o matar mulheres é ponto de honra.» As crenças religiosas, que á primeira vista se poderiam afferir pelas esmolas aos conventos (os Franciscanos colhem nas suas sacristias de 1742 a 1744, para cima do 500$000 cruzados) acham-se assim definidas no sermão do theatino: «Em Lisboa dizem alguns, que no inverno frequentam as egrejas porque são quentes e no verão porque são frescas.» As principaes festas da côrte depois das toura-

das dos fidalgos, eram as procissões, taes como a de Cinza, que saía do convento de San Francisco, e Triumpho, que saía do Carmo, a do Corpo de Deus e a da Annunciada. A devoção alliava-se a um sensualismo molinista, e as egrejas eram os logares dilectos dos *faceiras*, para galantearem as damas. Segundo a pragmatica dos namorados do tempo de D. João V, o faceira: «Será obrigado pela quaresma a saber onde se hade exercitar: ás quartas de tarde, no Carmo; ás quintas de manhã na Trindade; ao sabbado de tarde na Graça; ás terças de dia em San Domingos, ou onde houver mais bulha...» [1]

Em 1740 o estylo dos seiscentistas havia entrado nos costumes burguezes, e os faceiras fallavam por conceitos; na pragmatica turina acha-se esta connexão íntima, e sobretudo os topicos da linguagem: «Tomará de cór os *romances do Chagas*, gabando-lhes muito a doçura, como se fôra aquelle mel para a sua bocca. Estudará epithetos, que é prata quebrada para os encontros. A's damas encobertas chamará *sol entre nuvens;* ás sisudas, *Venus maduras;* ás desenvoltas, *chocarreiras de Venus;* ás de leque, *peste de neve*, que matam pelo ár; ás de luto, *hypocrisias de alcorce* ou *crocodilos de nata*, que matam e lamentam, encaixando-lhe a glosa de que trazem o que não teem; aos olhos negros, chamará *figas de Cupido;* aos verdes, *negação da esperança;* aos azues, *ciume da vista;* aos pardos, *traições á beata;* aos pés chamará

[1] Ap. Ribeiro Guimarães, *Summario*, t. I, p. 123.

onças de neve; ás mãos *jasmins de carne;* e por este estylo lhes irá pondo cada feição em cada parte com dono; etc.» [1]

Por esta comprehensão da galanteria se vê que a mulher não era respeitada, nem o amor tinha seriedade; não houve por isso poesia que merecesse o nome de lyrica, nem sentimento sem que ficasse a sua verdade mascarada pelo conceito. Se alguma cousa tinha uma existencia natural em uma sociedade assim pervertida era a satira picaresca, sem a minima intenção de protesto; os nomes de Caetano da Silva Souto Mayor, (o *Camões do Rocio)* de Frei Lucas de Santa Catherina, de Thomaz Pinto Brandão, de Alexandre Antonio de Lima representam os esgáres comicos que a poesia soltava no meio de tanta estupidez e insensibilidade.

O erudito Verney, que no *Verdadeiro Methodo de estudar* criticára fundamentadamente o ensino jesuitico em Portugal, lança os olhos pelo estado da Poesia e sua deploravel degradação, devida aos mestres de rhetorica, que fomentavam o falso gosto: «Os mestres de rhetorica, em cujas escholas se faz algum poema . . . envergonham-se de poetar em portuguez, e têm por peccado mortal, ou cousa pouco decorosa fazel-o na dita lingua.» (I, 77.) E sobre a mesma causa,—que provocava o uso dos *equivocos* ou subtilezas de engenho: «Acham-se além d'isso mestres, que fomentam isto, dando prémios aos rapazes, que, nas escholas ouvindo alguma palavra,

---

[1] Folha volante, ap. Dr. Ribeiro Guimarães.

descobrem n'ella um *Anagramma* puro. Seria isto nada, se se contivesse dentro das escholas; mas o máo é que sáe para fóra e se introduz nos discursos graves...» E considerando o facto como uma monomania, caracterisa a eschola: « Esta sorte de poetas são doudos, ainda que não furiosos, ... e eu ainda conheço quem o pratíca, e quando se lhe offerece occasião de dizer um *Equivocosinho*... estes chamados doutos, frades, seculares, sacerdotes e estudantes, etc.» (I, 182.) Para conhecer as fórmas d'esta poetica extravagante e decadente, transcreveremos algumas descripções dos generos mais predilectos entre os metrificantes: «quando escrevem dez versos lhe chamam *Decima*; e quando unem quatorze chamam-lhe *Soneto*, e assim das mais composições. De sorte que compõem antes de saberem o que devem dizer e como o devem dizer... Geralmente entendem que o compôr bem consiste em dizer bem *subtilezas*, e inventar cousas que a ninguem occorressem; e com esta ideia produzem partos verdadeiramente monstruosos, e que elles mesmos, quando os examinam sem calor, desapprovam.» (I, 177.) Verney enumera as fórmas poeticas em que se exercia o falso engenho, os *Anagrammas*, os *Chronogrammas*, os *Equivocos*, os *Eccos*, os *Acrosticos*, os *Labyrintos de letras*, os *Lipogrammaticos*, os *Consoantes forçados;* merecem ser transcriptas as definições que apresenta: «o falso engenho consiste na semelhança de algumas letras, como os *Anagrammas*, *Chronogrammas*, etc., e ás vezes na semelhança de algumas syllabas, como os *Eccos*, e alguns consoantes insulsos; ou-

tras vezes na semelhança de algumas palavras, como os *Equivocos;* finalmente consiste tambem em composições inteiras, que apparecem com differentes figuras ou *pintura* . . .» (I, 179.) Allude aos versos quebrados affectando pyramides, calices, cruzes, segures; e da persistencia d'estes generos diz: «aquellas ridiculas composições, que tanto reinaram . . . no fim do seculo XVI e metade do seculo XVII, e desterradas dos paizes cultos, *ainda hoje se conservam em Portugal* e nas Hespanhas.» (I, 180.) No seu bom senso critico Verney exclama, depois de mostrar a estulticia dos poemas *Lipogrammaticos*, em que se não emprega uma determinada letra do alphabeto: «Mas não se póde soffrer que homens modernos, e que mostraram doutrina em muitas cousas, caíssem n'esta rapaziada, condemnavel ainda em um rapaz; e que fizessem composições expressamente para mostrar que sabiam fazer *Ecco.* Eu vi *Eccos* que respondiam em latim e outras linguas, e tive compaixão com o poeta que se cansára com aquillo . . .» (I, 182.) E descrevendo alguns generos especiaes: «Os *Anagrammas* são invenção nova, e tambem agradam muito n'estes paizes. Que divertimento não é ver um perfeito anagrammatista desentranhar d'aquella palavra mil cousas differentes! — Assisti a um sermão da Conceição prégado pelo P.e *** o qual fôra muitos annos mestre, e tinha fama de grande theologo, que provou o que disse com anagrammas tirados do nome da Senhora e de algumas palavras do Evangelho. Creio que é necessario pouca reflexão para conhecer o ridiculo d'esse estylo. Os *Acrosticos* são primos co-

irmãos dos *Anagrammas*, nasceram no mesmo seculo. Acham-se engenhos mariolas tão infatigaveis, que no mesmo Soneto põem tres vezes o mesmo nome, duas nas extremidades e uma no meio.» (I, 185.) «Dos *Chronogrammas* vi alguns em Portugal, mas raro.— Consiste pois o *Chronogramma* em pôr no principio ou no fim do livro, ou em alguma inscripção certas palavras, parte das quaes sejam maiusculas, as quaes juntas declaram a éra em que foi feito o livro.— Mais vulgar é em Portugal outra sorte de engenho falso, a que chamam *Consoantes forçados*. Quando querem experimentar um homem se tem engenho dam-lhe consoantes estramboticos para que complete os versos, e como isto seja o mesmo que obrigar um homem a que diga despropositos, já se sabe que sáem composições indignas de se vêrem. — Tambem os *Labyrintos de letras* são mui mimosos em Portugal.—Outros têm por cousa grande fazer *Labyrintos de quartetos*, dispostos em certa figura, de sorte que se lêem por todas as partes, e sempre conservam a mesma consonancia. Outros fazem *versos que se lêem para diante e para traz*; de uma parte fazem um sentido, de outra outro contrario; empregam n'isto tempo consideravel, não só em fazel-o, mas em decifral-o; e chamam a isto emprego do sublime engenho.» (I, 186.) «Egualmente é estimada n'este paiz uma especie de Sonetos, em que se repete a mesma palavra em todos os versos . . . Podia citar mil exemplos, mas nenhum melhor que o Soneto que se attribue ao Chagas, e começa: *O tempo já de si me pede conta*, etc.» E conclue observando a superabundancia das

composições: «a sua contextura é tam facil, que por máo que seja um Poeta sempre acerta com ellas. A *Decima*, o *Madrigal*, as *Liras*, a *Silva*, o *Romance* lyrico, *Quartetos* puros e de pé quebrado, *Tercetos*, etc., nada mais pedem que a naturalidade de conceito e expressão; etc.» (I, 201.)

A necessidade de reagir contra esta degenerescencia geral das litteraturas, começára em França, ainda no seculo XVII, e foi um dos fundamentos da auctoridade de Boileau. Mas não foram tanto os esforços de imitar os modelos classicos, que deram mais perfeição aos escriptores do impropriamente chamado Seculo de Luiz XIV; foi o espirito philosophico, suscitado pelo Cartesianismo, que veiu influir nas idealisações. Escreve Portalis: «Em França, foram os progressos da philosophia que puzeram côbro ao falso ouropel que se ia introduzindo nos auctores do fim do seculo de Luiz XIV, que por vezes seduzira Fléchier, e que constituia o fundo das obras dos jesuitas Porée, Laxante e Neuville. A rasão de accordo com o gosto proscreveu estes pontos compassados, estes trocadilhos de palavras, este tilintar de equivocos, esta longa e fatigante uniformidade de contrastes eternos que tantas vezes se deparam nas poesias de Santeuil; emfim, todo este falso luxo litterario, que conseguiu impôr-se por algum tempo a uma nação viva e engenhosa, que serve antes para mascarar uma indigencia real, do que a provar o bom uso da riqueza.» [1] A influencia

---

[1] *De l'usage et de l'abus de l'Esprit philosophique durant le* XVIII^e^ *siècle*, t. I, 365.

jesuitica tinha sido combatida pelos pedagogistas e padres de Port-Royal, que actuaram no impulso das reformas de outros paizes. O Conde da Ericeira, que traduzira a *Poetica* de Boileau, ao fallar das regras do Poema épico diz: «Os francezes que melhor que muitas nações deram os preceitos para o poema épico, confessam que ainda o não têm perfeito. Pode ser que se exceptue d'esta regra M. de Voltaire na sua *Henriade* ou Henriqueida... não deixando de estimar, quanto merece, sua sublime e natural poesia, que eu quizera imitar antes... Deixo aos criticos francezes a escolha do segundo logar, que não sei se é devido ao P.e Lemoine no seu *San Luiz*, ou a Scudery no seu *Alarico*.» Para apreciar o merito do *Adone* de Marini, cita o prefacio de Chapelain da edição feita em Paris, e diz: «mas aquelle douto francez, que sabia as regras da Epopêa, não se acreditou n'este paradoxo, e menos no poema da *Pucelle*, que mereceu justamente a critica mais universal pela dureza do seu estylo.» E citando a amisade de Boileau, refere-se a outras leituras: «Como na lingua franceza achei tão poucos poemas épicos que se livrassem da engenhosa e sabia critica do meu illustre amigo Nicoláo Boyleau Despreaux, confessarei, ainda com receio de alguma satira posthuma, que li com utilidade na parte em que são menos perfeitos a Brebeuf no sublime da sua *Farsalia*, e os auctores do *Clovis* e de *San Paulino*.» «Só direi que o P.e Le Bossu, conego regular de Santa Genoveva, no seu completo *Tratado do Poema épico* é o auctor que mais estudei, por achar n'elle unidas as

suas verdadeiras regras, e não menos, posto que nem em tudo conformes na comparação de Homero com Virgilio, e nas reflexões sobre a Arte poetica do P.e Rapin...» Outra vez torna a apontar a *Henriade* como modelo: «Voltaire — alterou pouco a historia da Liga na sua *Henriade*, em que conservou os nomes verdadeiros... e dá a rasão dos successos que finge, em uma observação que se acha no seu canto I, na edição de Genebra de 1723, intitulando ainda então o seu poema: *A Liga, ou Henrique o Grande*...» Mostra tambem conhecer: «O poema intitulado *Semana*, que algum tempo teve mal merecida estimação, de que foi auctor em francez Guilherme Sallustio Du Bartas...» E referindo-se aos outros classicos francezes: «Decidem os Francezes, que têm bom voto nas materias litterarias, contra os Poetas de vôo mais rapido e de expressões menos intelligiveis; e supposto que têm dado excellentes preceitos para o Poema heroico, elles mesmos confessam, como já adverti, que até agora não produziram eguaes exemplos... Nas suas Tragedias, principalmente nas de Corneille, Racine e alguns outros, e nas Comedias de Molière e poucos mais, puzeram o seu theatro na mayor perfeição e regularidade, exprimindo as paixões mais heroicas e mais finas com uma natural explicação dos movimentos da alma, contra o que chamam brilho falso, com que diminuiram o preço a muitos Poetas modernos e a alguns antigos da sua e de outras nações.» [1]

[1] *Advertencias preliminares ao poema heroico da Henriqueida.*

Francisco de Pina e de Mello, no seu poema *Triumpho da Religião* seguiu esta tendencia didactica do classicismo francez, e no prolegomeno que o precede, diz: «Eu não tenho visto mais que alguns modernos: o abbade Genest no poema da *Philosophia*, Racine no da *Religião* e da *Graça*, Voltaire na *Henriade*, nas Tragedias e em outras poesias. Porém Despreaux me parece melhor do que os outros. O Cardeal Polignac no seu *Anti-Lucrecio* ensinou á sua patria o modo como devia usar a Poesia, pois desprezando a frauta franceza, pegou da trombêta latina e inspirou-lhe tanto impulso, que fez menor o estrondo com que no Lacio tinha retumbado a Eneida.» E como authenticando o merito da poesia franceza pseudo-classica, escreve Pina e Mello: «E' fama que a Voltaire lhe tem produzido mais de meio milhão de cruzados as reimpressões das suas poesias; e no consumo d'ellas se prova o gosto que tem d'esta arte uma nação polida e sabia como a franceza; pelos seus versos o elevou o grande genio do rei da Prussia reinante ás maiores honras da sua côrte e ao mais distincto agrado do seu gabinete.» A tendencia prosaica que a preoccupação do bom senso imprimiu á poesia franceza, é notada por Pina e Mello, que a abraça com sinceridade: «Os Francezes, que têm formado um gosto particular na singeleza da sua explicação, não se podem accommodar ao uso das metaphoras, hyperboles, synedoches, antitheses, nem de outros tropos rhetoricos; e desconhecem os verbos, os nomes e os adverbios *reflexivos*, que enchem de resplendor e energia a Oração; sem

que admittam mais que aquelles que são puramente naturaes e proprios de significado, e os que (como elles dizem) *não necessitam de desculpa;* sendo que n'essa *desculpa* é em que muitas vezes consiste toda a força da elegancia.»

Outros escriptores da grande época litteraria franceza nos apparecem muito lidos e imitados em Portugal; do *Telemaco* de Fénelon, escrevia sob um verdadeiro ponto de vista o critico Luiz Antonio Verney: «Os Romances, a que os Portuguezes chamam Novellas, são verdadeiras Epopêas em prosa. — O *Telemaco* de Monsieur de Solignac é uma epopêa das mais bem feitas e escriptas que tem apparecido.» [1]

Pina e Mello elogia a sua estructura, lamentando porém que não seja escripto em verso: «Se as *Aventuras de Telemaco*, engenhosamente fabricadas pelo incomparavel Fénelon para instrucção dos principes reaes de França, se annunciassem em verso heroico, e lhe tirassem algumas narrações diffusas e preceitos economicos, ainda que o seu assumpto não é verdadeiramente guerreiro, teria emmudecido a fama de Homero e de Virgilio. Que *fabula* mais illustre, nem mais unida? Que *episodios* mais coherentes com a acção? Que *heroe* mais unico e bem caracterisado? Que *costumes* mais proprios? que *doutrina* mais proveitosa, que *artificio* mais limpo e engenhoso, que *narração* mais viva e animada, que *dramas* mais bem introduzidos, que

---

[1] *Verdadeiro Methodo de estudar,* t. I, 220.

locução mais eloquente? Que *imagens* mais brilhantes, que *belleza*, que *doçura*, que *deducção*, e que esforço de uma felicissima ideia?» (*ib.*, p. XXXII.) O *Telemaco* foi muito imitado no seculo XVIII em Portugal, traduzido e elaborado; Alexandre de Gusmão sob o pseudonymo de Dorothéa Engracia Tavareda Dalmira,[1] imitou-o nas *Aventuras de Diophanes;* o Capitão Manoel de Sousa verteu-o para boa prosa, e o advogado Joaquim José Caetano Pereira e Sousa traduziu-o em verso.[2] Racine era tambem traduzido, como vemos pela *Athalia*, em verso portuguez por Candido Luzitano, uma das auctoridades philologicas da Arcadia; Molière era traduzido pelo Capitão Manoel de Sousa, e o *Lutrin* de Boileau imitado com muito gosto e graça pelo árcade Cruz e Silva. João Baptista Rousseau, discipulo de Boileau, e que pretendia continuar a exercer a auctoridade do mestre entre a nova geração que despontava no seculo XVIII, tambem foi imitado nas suas Odes sacras e Cantatas pelos poetas da Arcadia, que lhe seguem o tom epicurista, combinando por vezes a religiosidade com a obscenidade dos epigrammas. A influencia litteraria da França na primeira metade do seculo XVIII era impotente para repellir os desvarios do seiscentismo; os escriptores da grande época tinham-se

---

[1] «sahiu á luz com um nome supposto, de cujas letras se fórma tambem o de *Alexandre de Gusmão;* anagramma porém imperfeito pela redundancia para mais occultar o proprio nome.» (Op. cit.)

[2] Lisboa, 1787, em 2 vol.

aproximado dos modelos classicos: Molière estudando Plauto e Terencio e fecundando-se pela philosophia de Lucrecio, Boileau imitando Horacio e Juvenal, Racine estudando os tragicos gregos e os *Amores de Theagenes e Chariclêa*, Lafontaine estudando Phedro, Platão e Tacito, Fénelon reunindo no *Telemaco* reminiscencias de Homero, de Platão e de Xenophonte; era porém um classicismo de segunda-mão, que aproveitava apenas para o purismo da linguagem e regularidade de uma elocução reflectida. E' por isso que foram esses escriptores principalmente considerados pela frieza do bom senso; no seu *Triumpho da Religião* escreve Pina e Mello, um dos imitadores d'esse pseudo-classicismo, em parelhas:

> Os Francezes poetisam como fallam
> Na pratica commum. Não regalam
> Com aquelles harmonicos debuxos
> Que a Castalia propõe nos seus influxos
>
> . . . .
>
> . . . . e sempre ostentam
> Que das leis da elegancia não se ausentam;
> Por costume ou por genio *tem disposto*
> *Na explicação vulgar todo o seu gosto.*
>
> (*Triumf.*, p. 61)

Outras correntes de ideias entraram em Portugal, quando Montesquieu, Turgot, Quesnay foram lidos, e actuaram pelas doutrinas economicas no governo de Portugal, principalmente na epoca pombalina; com o nome de *ideias francezas* foram combatidas as doutrinas de Diderot, Helvetius, d'Holbach, Voltai-

re, Rousseau, quando se vulgarisava a aspiração da liberdade politica; a influencia das doutrinas pedagogicas de Condorcet e as reformas da Convenção tambem vieram actuar no fim do seculo nos planos de remodelação da instrucção publica portugueza. Estavamos ainda longe d'estes impulsos que tanto convulsionaram o seculo XVIII.

As reformas de ordem intellectual que Dom João V pretendia realisar não se conseguem com magnificencia, quando o meio social deprimido amesquinha todos os espiritos; fazem-se por meio de concepções mentaes, pela influencia de uma Philosophia. Sentiu isto o Dr. Jacob de Castro Sarmento, que estava refugiado em Inglaterra, e sendo consultado pelo Conde da Ericeira por parte do rei, recommendou que se publicasse em Portugal o *Novum Organum* de Bacon. E' natural que os Jesuitas que dominavam a intelligencia portugueza não se conformassem com este plano que destruia para sempre a sua auctoridade; e immediatamente o P.e Carbone, que era omnipotente junto de D. João V, obstou a que o *Novum Organum* se traduzisse, ou se publicasse. O que não fez a auctoridade soberana, tentaram-no as iniciativas individuaes, umas vindo de fóra de Portugal, como as Cartas polemicas de Verney, ou ligadas ainda á fórma das Academias, como a *Academia dos Occultos*. O intuito de Verney foi mais tarde comprehendido pelo grande ministro de Dom José, e o pensamento indefinido dos *Occultos* apparece continuado e esclarecido pela *Arcadia lusitana*.

II

Garção e a sua acção litteraria

O delirio das Academias litterarias que manteve o gosto seiscentista na primeira metade do seculo XVIII, e o favor do poder monarchico absoluto para com o espirito de reforma que se manifestava pelo criticismo individualista, conduziram para essa tentativa de restauração do bom gosto iniciada pelo estabelecimento da *Arcadia lusitana.* Assim essa corporação organisada sobre os cansados modelos teria de reagir contra o elemento seiscentista que a viciava na origem, e de resentir-se das intermittencias da protecção real, sendo rapida e accidentada a sua sempre perturbada existencia. Não chegou a duas decadas a sua duração; mas n'esta passagem meteorica deixou um traço de luz, que influiu em todo o resto do nosso seculo XVIII, não tanto pela verdade das suas doutrinas estheticas como pela sinceridade com que conside-

rou a sua missão, dignamente e opportunamente cumprida. Acompanhar as phases por que passou a *Arcadia lusitana*, é descrever os conflictos doutrinarios que difficultaram a sua existencia, e como depois de arrefecida a protecção regia, a perseguição e o desapparecimento dos seus membros mais valiosos e activos, fizeram que se extinguisse sem ruido. Porém esta narrativa que se tornaria sem interesse sob o aspecto abstracto, relacionada com as particularidades das biographias dos principaes poetas da Arcadia adquire um relevo dramatico e intenso, revestindo-a de sympathia. Pelo seu talento, erudição e fino gosto, Garção foi a alma da *Arcadia lusitana*; reconhecia-o Dinis, que tivera primeiro a idéa do seu estabelecimento, e o consultava como auctoridade; por sua influencia foi chamado para esse gremio o reformador do theatro portuguez Manoel de Figueiredo, cuja paixão litteraria elle soube avaliar; tambem presentiu o talento delicado de Domingos dos Reis Quita, que o admirava como mestre, e teve força para o fazer admittir em uma corporação de indole aristocratica quando era apenas um simples cabelleireiro dotado de um vivo sentimento poetico. Estas quatro figuras synthetisam toda a existencia historica da *Arcadia lusitana;* apparecem-nos reunidas para a empreza da restauração d'ella, quando esteve prestes a dissolver-se em 1764. A ausencia de Dinis para o logar de auditor em Elvas, o falecimento prematuro de Quita, e logo apoz a prisão mysteriosa de Garção, aonde morreu passados dezenove mezes, explicam-nos o desmembramento da *Arcadia lusitana* e ao

mesmo tempo a persistencia de uma recordação benemerita, que a fez sobreviver nos espiritos, que muitas vezes pretenderam renovar a sua missão. Na marcha do seculo a corrente reformadora já não podia ser exclusivamente litteraria; preponderava a actividade scientifica, e esta lucida comprehensão coube aos iniciadores da *Academia das Sciencias* em 1779, que fizeram das Bellas-Lettras uma parte constitutiva d'esse organismo novo.

§ I. Garção e a Academia dos Occultos

De todos os poetas da Arcadia lusitana foi Pedro Antonio Corrêa Garção o que possuiu uma verdadeira organisação artistica, um vivo sentimento da realidade; e além d'isto é o que mais intimamente se acha ligado ás luctas e aos triumphos d'essa corporação ephemera, que na sua rapida passagem deixou um rastro luminoso em Portugal no seculo XVIII. Na biographia de Garção se synthetisam as phases da existencia historica da Arcadia, e mesmo da sociedade portuguesa, no meio da qual floresceu; descendo a particularidades pessoaes, não serão de uma erudição esteril os factos que aqui agrupamos, desde que elles nos conduzem á reconstrucção dos esforços de uma época para a sua regenerescencia mental. A esta luz o poeta apparece-nos digno de admiração pela influencia saudavel que exerceu em volta de si, e tambem de glorificação sympathica pela desgraça que o victimou no vigor da edade e na pujança do talento.

Nasceu Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção em 29 de Abril de 1724,[1] na cidade de Lisboa; foram seus paes Philippe Corrêa da Silva, e D. Luiza Maria da Visitação de Orgier, que do seu consorcio houvéram treze filhos, como se revela nos documentos officiaes. O appellido de Corrêa Garção foi tomado do sobrenome paterno e da avó materna, conciliando assim a origem plebêa com o prurido da nobreza excavada em uma ascendente que viera de França com a duqueza de Cadaval. Entraremos em pequenas minucias genealogicas, para melhor comprehender o meio domestico no qual foi creado o poeta.

Seu pae Philippe Corrêa da Silva tinha o fôro de fidalgo da casa real, era cavalleiro professo da Ordem de Christo, desempenhava o cargo de Official maior da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros e da guerra, e realçava mais a sua importancia pessoal pela dignidade de Familiar do Santo Officio. Em vista pois de tantas cathegorias era de prevêr que no Archivo nacional existissem documentos sobre a sua personalidade, que muita luz trouxessem para o conhecimento das condições da sua numerosa familia, e de

---

[1] Fixou esta data Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato, na *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa, e sobre a sua influencia na restauração da nossa Litteratura*, p. 78. (Hist. e Mem. da Acad., tomo VI, P. I.) No archivo da freguezia do Soccorro existe o assento do baptismo, pelo qual consta que tendo nascido muito debil e receando-se pela sua vida fôra baptisado em casa. (Innocencio.) D'entre as ruinas do terramoto de 1755 foi o archivo da freguezia do Soccorro um dos poucos que escapou.

certas particularidades da vida do poeta. Nas provanças para lhe ser concedido o habito de Christo, lê-se: « Constou ter a limpeza necessaria, porém que *he filho de um clerigo;* o avô paterno foi sapateiro, a mãe e avós paterna e materna pessoas de segunda condição . . .» [1] Estas referencias vagas adquirem umas indiscretas explicações, lendo-se as secretissimas informações do Santo Officio, que este tremendo tribunal tratou de colligir para conceder-lhe a carta de Familiar do Santo Officio em data de 26 de septembro de 1730. N'um tempo em que ainda se queimava vivo no Terreiro da Lan o que fosse accusado de christão-novo, tendo principalmente bens de fortuna que appetecesse confiscar, o titulo de Familiar do Santo Officio tornava-se necessario como um seguro salvo-conducto, dando em troca d'essa segurança um leve sacrificio da dignidade, submettendo-se á degradação de esbirro do sangrento tribunal para realisar as prisões por elle ordenadas. [2] Pelas suas relações com familias nobres, a cujo serviço

---

[1] Philippe Corrêa da Silva allegou os serviços de seu primo Antonio da Silva Carvalho, que morreu na batalha de Almanza, pelos quaes por carta regia de 13 de septembro de 1721 lhe foi concedida a tença de vinte mil reis em um dos Almoxarifados do reino. Em vista d'este precedente foi-lhe concedido o habito de Christo segundo parecer da Mesa do Mestrado em 23 de janeiro de 1722.

[2] Pelas Informações de limpeza, sangue e geração, sabe-se que Philippe Corrêa da Silva era natural de Braga, filho do Padre Manoel Corrêa, e de Maria de Araujo, a *Delgada* de alcunha, já falecidos (1729) moradores na freguezia da Sé, e elle baptisado na fre-

entrára, deveu Philippe Corrêa a admissão no funccionalismo das secretarias de estado, e o seu casamento com uma senhora de bom nascimento e que merecia a protecção da poderosa casa de Cadaval. No testemunho do Dr. Antonio Ignacio da Silveira, já citado, se lê sobre Philippe Corrêa: «he casado com

---

guezia de S. João do Souto. Neto paterno de Bernardo Corrêa, sapateiro, e de Martha da Silva; neto materno do Padre João Delgado, natural da Torre de Moncorvo, e de Catherina de Araujo, natural de Vianna do Minho. As informações ácerca da mãe da *Delgada* são muito curiosas: «vivia (Catherina de Araujo) de sua agencia, posto que mal procedida... e se ausentara d'aqui (Vianna) para a cidade de Braga, aonde se amancebara com um clerigo chamado o *Delgado*, e lá dizem que falecera, a qual era bem conhecida pela alcunha de *Colorenta*, por se acostumar a caiar a cara e a usar de outros meios illicitos para ser e parecer fermosa...» Muitas d'estas informações secretas já tinham sido tiradas «para este Philippe Corrêa se *ordenar de ordens menores*.» (Braga, 18 de Outubro de 1729). Inform. do Santo Offic., M.º 3, n.º 48. Torre do Tombo.

Outras noticias se encontram nas habilitações na Ordem de San Thiago tiradas para um seu filho: «Reverendo Dr. Fr. Rodrigo de Alencastre, Inquisidor geral da Côrte, do Conselho geral, e de Sua Mag.de, natural d'esta cidade (de Lisboa) e que disse ser de outenta e tres annos: = conhece de vista e visinhança um Philippe Corrêa da Silva, do qual ouvira dizer que era natural de Braga, e sabia que na sua primeira edade de estudante fora criado de D. Francisco de Sousa, filho de D. Luiz da Silveira, e lhe servia diziam que de escrever, e outrosim sabe que ha annos a esta parte he Official mayor etc.» Este testemunho repete D. Antonio Ignacio da Silveira, coronel de Dragões de Evora, governador da fortaleza de Santo Antonio da bahia de Cascaes, de sessenta annos: = Philippe Corrêa, o qual fora criado grave e de toda a estima de seu irmão

D. Luiza Maria da Visitação Douger (*d'Orgier),* — por elle testemunha com procuração d'ella se receber com o dito Philippe Corrêa na freguezia de *Santa Justa* . . .» Pelo testemunho já tambem citado do Inquisidor da côrte Dr. Fr. Rodrigo de Alencastro se lê, que Philippe Corrêa era «casado com D. Lui-

---

D. Francisco de Sousa, e que por seu falecimento entrou a servir o Officio de official da Secretaria de Estado por S. Magestade.» O P.e Manoel Maria de Sousa Borlento, diz que: Philippe Corrêa, baptisado na sé de Braga —Thezoureiro da Bulla da Cruzada — «e outrosim, conhece a *seu irmão Manoel Corrêa da Silva*, Conego da Sé de Braga, Cavalleiro da Ordem de Christo e Familiar do Santo Officio . . .» tudo isto que tem dito o sabe *pela familiaridade que tinha em sua casa* . . .»

O P.e Valentim Rebello de Castro, abbade reservatario da Igreja do Salvador de Bente: «sabe que o dito Philippe Corrêa tem um irmão Manoel Corrêa da Sylva, conego na sé de Braga, Cavalleiro do habito de Christo e tambem Familiar do Santo Officio . . .» Interessa-nos esta personalidade, para comprehender a Epistola II, em que Garção se refere a «*um tio, do Minho, que lhe queria deixar uns prasos.*»

Pelo testemunho de José Victorino Holbeche, escrivão dos Filhamentos, sabemos que «Philippe Corrêa da Sylva, natural da cidade de Braga, que exercitou n'esta côrte as occupações de *Escrivão das Moradias*, e actualmente Official mayor da Secretaria dos Negocios estrangeiros . . .» Além d'estes empregos, segundo o testemunho de Francisco Vieira Carneiro, Meirinho da côrte, era Philippe Corrêa da Silva: «Proprietario do Officio de *Carcereiro da Cadêa do Porto*, de que Sua Magestade lhe fez mercê e nunca serviu.» Confirmam este facto mais duas testemunhas, Antonio José de Andrade, Contador dos Contos do Reino, e Alexandre Henriques Arnaut, secretario do Santo Officio. Em outros documentos falla-se n'este cargo com que foi gratificado o qual se conservou por algum tempo nos seus descendentes.

sa Maria da Visitação Douger, a quem elle testemunha não só conhece, como tambem conheceu seus paes Ruy Garção de Carvalho, Thezoureiro que foi da Junta dos Tres Estados, casado com D. Margarida Thereza Gertrudes Douger, e que tambem ouvira dizer, que *a mãe d'esta*, visavô materna do habilitando [1] *viera a Excellentissima primeira Duqueza franceza de Cadaval com ella de França*, quando veiu para esta côrte ...» Sabe-se que D. Luisa fôra baptisada em 17 de Julho de 1699 na freguezia de Santa Justa, sendo seu padrinho o Conde de Villar Mayor, D. Manoel Telles da Silva, e madrinha, D. Luisa, Duqueza de Cadaval. [2] Comprehende-se já

---

[1] João Antonio Mamede Corrêa Garção, na Ordem de Santhiago. No testemunho do Rev. Alexandre Henriques de Arnaut (na habilitação de João Antonio Mamede Corrêa Garção) se lê: « D. Margarida Thereza Gertrudes Douger, natural d'esta cidade e avó materna do habilitando, a quem não só elle testemunha conheceu, mas ainda sua mãy, visavó materna do habilitando, de quem presentemente lhe não lembra o nome, — *o qual sabia* elle testemunha viera de França para esta côrte.»

E João de Almeida Souto, Veador da Casa de Cadaval, de edade de setenta e dous annos, diz: « da mãe e avó do habilitando serem pessoas distinctas, por muitas vezes ouvi dizer a pessoas fidedignas na Casa do Ex.mo Duque de Cadaval, as quaes referiu, que a dita D. Margarida Thereza Gertrudes Douger, avó materna do habilitando era filha de *uma Senhora que a Ex.ma Duqueza de Cadaval franceza, trouxera de França por pessoa da sua familia das mais distinctas* ...»

[2] Acham-se estas particularidades no processo de Informações feito a seu irmão José Antonio Garção de Carvalho para ser nomeado Familiar do Santo Officio, por carta de 12 de Dezembro de 1721. (Na Torre do Tombo.)

porque o nome de *Garção* foi preferido pelos numerosos filhos de Philippe Corrêa da Silva, cuja origem plebêa apparece sempre lembrada nas varias habilitações a que tiveram de submetter-se.

Contava vinte e um annos D. Luisa da Visitação, quando casou na freguezia de Santa Justa em 3 de julho de 1720; [1] a Casa de Cadaval tambem influiria nos despachos de seu marido, que desde logo começa a nobilitar-se

---

[1] Transcrevemos aqui a certidão de casamento:

« Aos quatro dias, digo, aos tres dias do mes de Julho de mil e sette centos e vinte annos, de tarde, n'esta Parochial de Santa Justa, na minha presença, e sendo presentes por testemunhas Manoel da Sylva Vieira, morador em esta freguezia, e Sebastião Mendes Brandão, com alvará do Provisor dos Casamentos, o Dr. Jacintho Rebello Freire, se casaram por palavras de presente na Forma do Concilio Tridentino Philippe Corrêa da Silva, com D. Luiza Maria da Visitação, solteiros, elle contrahente filho de Manoel Corrêa e de Maria de Araujo, natural da freguezia de San João do Souto, e baptisado na mesma da Cidade e Arcebispado de Braga, e ella contrahente, filha de Ruy Garção de Carvalho e de sua mulher D. Margarida Thereza Gertrudes, natural d'esta cidade baptisada em a freguezia de San José, e ambos contrahentes moradores em esta de Santa Justa, e em nome dos contrahentes como seu Procurador, com procuração approvada pelo Ordinario, D. Antonio Ignacio da Sylveira, morador em esta mesma freguezia, de que fez este termo, que assignou com os ditos Procurador e testemunhas

O Prior João Freyre
D. Antonio Ignacio da Sylveira
Sebastião Mendes Brandão
Manoel da Sylva Vieyra. »

com os gráos nas ordens de cavalleiro [1] como escudeiro fidalgo, e entrada para uma secretaria de estado. [2] A familia cresceu rapidamente, mas os meios não escasseavam, como vemos por estas Informações do Santo Officio, tiradas em Lisboa e datadas de 25 de Outubro de 1729: «Achei outrosy ser o dito Philippe da Silva pessoa de bons procedimentos e vida e costumes, e capaz de dar conta de todo o negocio de importancia e segredo que lhe fôr encarregado; vive limpa e luzidamente com carruagens, porém não se sabe com certeza o cabedal que tem de seu, só dizem algumas das pessoas que me informaram que possue de propriedade uma Thezouraria das Bullas em uma provedoria d'este reino que lhe rende cada um anno mais de seiscentos mil reis, alem de cem mais que lhe rende o ser Official da dita Secretaria.» Nas Provanças da Mesa do Mestrado de Christo em 1722 já se aponta como «Official mayor da Secretaria do Estado dos Negocios estrangeiros e da Guerra» e accrescenta-se: «vive com muita limpeza e abastadamente . . . tem uma thezou-

---

[1] Promovido no habito de Christo no Mosteiro de N. S. da Luz, extra-muros de Lisboa, por Carta de 31 de Janeiro de 1722, «em satisfação dos serviços que tinha feito na occupação de Official da Secretaria de Estado thé 28 de Janeiro, e de mais cinco annos em diante na dita occupação.» *Registo das Mercês* de D. João V, Livro 13, fl. 293.

[2] Carta de 15 de Julho de 1734, nomêa Escudeiro fidalgo, accrescentado com o fôro da Casa real, sendo official da Secretaria de Estado ha mais de dezesete annos. Chanc. de D. João V, *Registo das Mercês* ib., fl. 293.

raria da Bulla, alem do que tem de sua occupação e de renda.» Os talentos de Philippe Corrêa da Silva reconhecidos pelo inquerito da Inquisição, foram aproveitados, sendo secretario particular dos ministros (assistente ao Bufete) e encarregado de fazer as escripturas dotaes dos casamentos das Princezas do Brazil e das Asturias, e de ir ao Alemtejo nomeado para estar presente ás entregas solemnes. Desempenhou-se luzidamente no meio d'aquelles festejos, gastando muito da sua fazenda, e por isso acompanhava a côrte, como quando D. João V foi para as Caldas. Em um documento de 5 de Junho de 1747, em que se recapitulam os seus serviços officiaes, se vê que elle contava a esta data treze filhos, sendo cinco d'elles já aptos para serem empregados.[1] Como bom pae de fami-

---

[1] «Houve S. Mag.de por bem tendo consideração a lhe representar o dito Felipe Corrêa da Silva, Official da Secretaria de Estado ter servido na dita occupação o tempo de 30 annos, procurando sempre com todo o zello, prestimo e fidelidade o desempenho da sua obrigação, assistindo não só ao laborioso trabalho da Secretaria mas tambem ao Bufete de Secretario de Estado, escrevendo os Assentos em muitas Juntas na mesma Secretaria, e na occasião dos Casamentos das Princezas do Brazil e Asturias, hoje Raynha Catholica, ter sido escolhido e nomeado para fazer as Escripturas dotaes, o que executara, e fora mandado á Provincia do Alemtejo e nomeado para as das actas das entregas, tratando-se com o devido luzimento para tão grande funcção, gastando muito da sua fazenda e não faltando a cousa alguma que pudesse desmerecer a eleição que d'elle se fizera para aquelles actos, e continuando a servir sempre com o mesmo trabalho e disvello, acompanhara a S. Mag.de em todas as jornadas á Villa das

lias, elle não se esquecia de pedir tambem para os filhos; assim com data de 23 de Maio de 1735 encontramos um alvará, com outros do mez de Julho, fazendo mercê de Escudeiro fidalgo da casa real com acrescentamento a Cavalleiro fidalgo aos seguintes filhos:

Caldas, aonde em duas tivera sezões e estivera desconfiado dos Medicos, sem que isto lhe servisse de impedimento para repugnar continuar em todas as ditas jornadas té o prezente, fazendo além d'estes serviços outros que se confiaram do seu inviolavel segredo; e porque de todo não tinha havido despacho, remuneração ou acrescentamento algum, achando-se com 13 filhos que sustentar, em que entravam 5 filhos com edade de estado que lhe devia dar com grande necessidade, pede a V. Mag.[de] fizesse mercê do Officio de Carcereiro da Cidade e Relaçam do Porto, que se acha vago, sendo apto esta mercê lhe faz com a clausula geral de que lhe foi passado Alvará a 11 de Março de 747. Pedindo a S. Mag.[de] o dito Felippe Corrêa da Silva, que na conformidade do dito Alvará houvesse por bem de lhe mandar passar carta em forma da propriedade do dito Officio, e visto seu requerimento e Alvará referido, e confiando d'elle Felippe Corrêa da Silva que em tudo de que o encarregar servirá bem e fielmente, como a seu serviço e bem das partes cumpre, e por lhe fazer mercê, Ha S. Mag.[de] por bem e o dá d'aqui em diante por proprietario do dito Officio de Carcereiro da Cidade e Relaçam do Porto assim e da maneira que elle o deve ser e como o foram os seus antecessores que o referido Officio serviram, o qual terá e servirá em quanto o dito Senhor houver por bem e não mandar o contrario esta mercê lhe faz com a clausula geral e haverá o ordenado proes e precalços que desta mercê lhe pertencerem, por quanto foi examinado na Meza do Desembargo do Paço e havido por apto para servir o dito Officio, e nos registos do Alvará acima incorporado se porá verba do contheudo d'esta Carta a qual foi feita a 5 de Junho de 747.» *Mercês de D. João V*, vol. 13, fl. 293. (Torre do Tombo.)

— Ruy José Thimotheo Corrêa Garção.[1]
— Joaquim Manoel Corrêa Garção.[2]

Pela Carta de 23 de Dezembro de 1749, vê-se que estava arbitrado o ordenado de 150$000 rs. ao Carcereiro: « a Relação d'aquella cidade comprehendia o despacho e administração da justiça de tres Provincias, e iam á dita Cadeia innumeraveis prezos pobres, que davam incansavel trabalho ao Carcereiro, e que a muitos se lhe fazia preciso soccorrel-os e juntamente dar-lhes azeite para se alumiarem, e o que mais era serem as ditas Cadeas tão pequenas que o dito Carcereiro obrigado a tomar de aluguel casas fóra, e sahirem todas estas despezas do dito ordenado . . .» Pedia egualação aos Carcereiros do Limoeiro, que eram dous com ordenado de 20$000 de ordenado e 50 de gratificação, com assentamento do ordenado na Alfandega do Porto. Foram-lhe concedidos 150$000, com mais 50$000 de gratificação desde 19 de Julho de 1747. (*Mercês de D. João V*, vol. 40, fl 556.)

[1] Foi promovido a Capitão de Cavalleria para o Regimento dos Dragões do Coronel Henrique Garcez Palha, de Almeida, em 3 de Maio de 1762; acha-se a sua reforma em capitão em 6 de junho de 1778. (Communicação do general Brito Rebello, que graciosamente me facultou algumas pesquisas na Torre do Tombo.)

[2] Era Official da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros e da guerra, no tempo do terremoto. Casou com D. Rita Caetana Felicia Xavier de Moura, filha legitima do Sargento-mór Caetano José de Moura, ultimo administrador da Capella que instituiu o Sargento-mór Domingos Delgado de Arvellos; foi-lhe dada mercê d'ella em sua vida em satisfação dos serviços de Official da Secretaria de Estado, por alvará de 28 de Março de 1751. (*Chancell. de D. José*, vol. 82, fl. 316.)

Serviu com o Marquez de Pombal na epoca do Terremoto (*Panorama*, vol. XII, p. 78); e foi por ordem do ministro a Paris em uma missão de confiança. Conta Gramosa nas suas *Memorias:* « Succedeu ser preso em uma cidade de França um homem que se su-

— Luiz Antonio Roberto Corrêa Garção.[1]

— Antonio Xavier Corrêa Garção. (Alvará de 23 de Maio de 1735, com a mercê de

---

speitou ser o mesmo José Polycarpo de Azevedo (o creado do Duque de Aveiro, que conseguira fugir) por corresponderem alguns signaes e confrontações com as proprias d'elle. Por este motivo partiu d'aqui áquella cidade Joaquim Manoel Corrêa Garção, Official da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros e da guerra, para o reconhecer. Examinado porém o dito homem, assentou e affiançou o dito Garção não ser o referido José Polycarpo...» (*Mem.*, t. I, p. 171.) Interessa-nos o facto para se vêr que este nome de Corrêa Garção não era indifferente ao Marquez de Pombal.

[1] Encontramos em Alvará de 4 de Maio de 1728, a mercê de 30$000 de tença pelos serviços de um seu tio João da Silva.— Por alvará de 10 de Março de 1751, renuncia em seu irmão *Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção* o habito de Christo e dez mil reis da sua tença, por isso que fora despachado Conego da Sé de Braga. Incluimol-os aqui:

« Por despacho de S. Mag.e de 24 de fevereiro de 1728.

El Rey N. S.or tendo respeito aos serviços de João da Silva, natural d'esta cidade e filho de Pedro da Silva, obrados na Infanteria e Cavalleria d'esta côrte e Provincia de Alemtejo, por espaço de dezasette annos, dez mezes e dous dias, contados de seis de agosto de 1696, té o primeiro de Outubro de 1715, em praça de soldado, de Cavalleiro e Infante, Cabo de esquadra e Sargento supra e de numero, Alferes e Tenente, hindo em 1700 com a sua Companhia á Ilha Terceira, e vindo no Comboy que se deu a varias embarcações; em 701 hir no Comboy que se deu a varias embarcações, achando-se na Armada que esteve surta em Belem, e no esperar as frotas, dando-se cassa a varios navios; conduzir em 704 para Arronches varias munições de guerra e bocca com risco; guarnecer no anno seguinte a Ponte de Olivença; guarnecer em 711 e 715 as Praças de Marvão e Montalvão, procedendo sempre com acerto e cuidado; e a pertencer por Sentença do Juizo

Escudeiro fidalgo da Casa real, e accrescentamento de Cavalleiro.)

—*Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção.*[1]

---

das Justificações esta acção de serviços a sua mulher Maria Marques Magdalena; em satisfação de tudo: Ha por bem fazer-lhe mercê para seu sobrinho Luiz Antonio Roberto de trinta mil reis de tença effectiva em um dos Almoxarifados do Reino, em que couberem sem prejuizo de terceiro e não houver prohibição, com o vencimento na forma da Ordem do mesmo Senhor, dos quaes logrará doze a titulo do habito da Ordem de Christo, que lhe tem mandado lançar. Lisboa Occidental, 4 de Maio de 1728 || Diogo de Mendonça Côrte Real. || Manoel Joseph de Aguiar.»

(Torre do Tombo: Maço 11, N.º 53, da Ordem de Christo.)

Por despachado de 15 de Fevereiro de 1751, foi concedido a Luiz Antonio Roberto Corrêa Garção o poder renunciar em seu irmão Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção de um padrão de 12$000 rs. de tença o titulo de habito de Christo que lhe foi mandado lançar. (Transcrevemos este documento adiante.)

[1] Com este nome tambem o cita o arcade Antonio Diniz da Cruz e Silva, (*Obras*, t. III, p. 79.) O sobrenome suppimiu-se por simplificação, na edição de 1778. Nos logares competentes vão os documentos que descobrimos auxiliado pelo sr. Pedro Augusto de Azevedo, estudioso official da Torre do Tombo.

«*Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção* natural d'esta cidade, filho de Filippe Corrêa da Silva, Cavalleiro professo na Ordem de Christo.

Houve S. Mag.de por bem fazer ao dito Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção de o tomar por Escudeiro fidalgo com 450 rs. de moradia por mez e juntamente o accrescenta logo a Cavalleiro fidalgo de sua Casa, com 300 rs. mais em sua moradia, além do que por este tem de Escudeiro fidalgo para que d'aqui em diante tenha e haja 750 rs. de moradia por mez de Cavalleiro fidalgo hũ alqueire de cevada por dia pago segundo ordenanças, e he o foro e moradia que pelo dito seu Pay lhe pertence, e o Alvará foi feito a 23 de Maio

— Francisco Xavier Corrêa Garção.
— José Joaquim Corrêa Garção. [1]

São estes os filhos agraciados á data de 1735; os outros seis lembrados nos documentos de 1747 nasceram depois, se bem que alguns d'elles não podiam ser considerados, postoque já nascidos. Nascido em 1737, apparece-nos:

---

de 735.» (*Registo das Mercês de D. João V.*, vol. 27, fl. 35. — Tem titulo no Livro 3.º del rei D. José, a fl. 34.)

[1] *Registo das Mercês de Dom João V*, vol. 27, fl. 34 e 35.

Tambem metrificava. Transcrevemos aqui um Soneto *Á plausivel milhoria do Rey F.mo o sr. D. João 5.º*, recitado no Certame da *Academia dos Escolhidos*, celebrado em 1742 no Collegio dos Jesuitas:

> Excelso Rey, Monarcha sempre Augusto,
> feliz logray immensa melhoria,
> sem temer o rancor da Parca impía;
> que evita o Regio Alento ao golpe injusto.
>
> Não temais, que o valor a todo o custo
> na foice a Parca empregue com profia;
> pois lhe causam com rara valentia
> a Magestade medo, o Solio susto.
>
> Se atrevido da Parca o torpe intento
> quiz mostrar ter no Trono liberdade,
> mostrou que estaes do seu dominio isento;
>
> Sendo a Fenix feliz da nossa edade,
> ficará conservando o mesmo alento
> illeza sempre em vós a Magestade.

De *José Joaquim Corrêa Garção.*

—João Antonio Mamede Corrêa Garção.[1]

---

[1] A dedicatoria das *Obras poeticas* de Garção em 1778 ao Conde de Villa Nova de Cerveira, foi assignada por este irmão do poeta. Nas Provanças de João Antonio Mamede Corrêa Garção habilitando-se para um logar de Freire que principiou a vagar na Ordem de San Thiago, no Convento de Palmella, com data de 11 de Septembro de 1753, vêm dados curiosos, que nos auxiliam no esclarecimento da vida do poeta. João Antonio nasceu como todos os seus irmãos em Lisboa, e foi baptisado na Basilica de Santa Maria então sé metropolitana em 28 de septembro de 1737; (Livro 13, fl. 55.) a certidão de edade junta a esta Inquirição de *Vita et genere* do habilitando dá-o como nascido em 7 de agosto de 1737: «morador na freguezia de Santa Justa, d'esta cidade, de *donde se veiu baptisar por devoção na pia de Santo Antonio.*» Foi padrinho o Desembargador Alexandre Ferreira, e madrinha D. Antonia Joaquina da Silva, assistindo como procurador o parocho Antonio Nunes Cardoso. A esta circumstancia da devoção de seu pae por Santo Antonio, allude tambem outra testemunha da Inquirição, Francisco Xavier Braga, cavalleiro professo da Ordem de Christo: «e posto nascesse na freguesia de Santa Justa, fôra baptisado na pia onde se baptisou o Sr. Santo Antonio que ainda hoje existe na egreja de Santa Maria Mayor d'esta cidade, *o que se fez pela devoção que seus Pays tiveram com o dito Santo*, etc.» Repete este mesmo testemunho Manoel Pinheiro da Guerra. Aqui temos explicado o que determinou o uso do sobrenome Antonio em quasi todos os irmãos do poeta; alguns d'elles são referidos nas Inquirições como conhecidos das testemunhas. Diz o P.e Valentim Rebello de Castro, abbade reservatario: «que tambem conhece a um irmão do habilitando João Antonio Corrêa, por nome *Luiz Antonio Alberto Corrêa da Sylva Garção* ser actualmente (1753) Conego da dita sé (de Braga)...» E Manoel Pinheiro da Guerra: «outro sim conhece aos irmãos do habilitando Luiz Antonio Roberto, Conego actual da Sé de Braga, e a PEDRO ANTONIO, assistente n'esta côrte, Cavalleiro da Ordem de Christo, e ambos cavalleiros fidalgos de S. Mag.de» Esta mercê de habilitação para

— D. Margarida Josepha Rita de Orgier Garção de Carvalho.[1]

Desconhecemos os nomes dos ultimos quatro irmãos do poeta; mas pela lista que ahi fica

---

um logar de Freire de Palmella era em consequencia do requerimento de seu pae, e por alvará de 29 de septembro de 1753. No Livro 9 da *Chancellaria de S. Thiago*, fl. 374 *v.* encontramos João Antonio Corrêa Garção, Prior do Mosteiro de Santos apresentado em um Beneficio da Egreja de S. Julião de Setubal por carta de 19 de janeiro de 1780. Quer pelo lado paterno como pelo materno conservavam-se na familia conezias e beneficios ecclesiasticos.

[1] Esta irmã do poeta merece aqui ser lembrada; casou com Christiano Stockler, e o seu terceiro filho é o notavel auctor da *Historia das Mathematicas em Portugal*, Francisco de Borja Garção Stockler, (1759-1829) que tambem foi poeta didactico, cujos versos andam impressos, e secretario geral da Academia real das Sciencias de Lisboa, destacando-se como uma das figuras mais distinctas do seculo XVIII em Portugal. No Ms. de 1767 das Obras de Garção, a Ode XIII traz a rubrica: «*Aos annos de uma irmã.*»

Como vimos, adoptou o appellido de sua mãe *Dorger*, ou *d'Orgier;* era neta materna de Ruy Garção de Carvalho, natural de Villa Franca de Xira, Cavalleiro fidalgo, Escrivão das Moradias da Casa real, e Thesoureiro-mór do Reino e da Junta dos tres Estados, — e de D. Margarida Thereza Gertrudes Dorger Campello de Andrade, natural da freguezia de S. Justa. Tinha tres tios maternos, José Antonio Garção de Carvalho, Antonio José Garção actualmente (1753) beneficiado na basilica de Santa Maria, ambos familiares do Santo Officio, e outro cujo nome não encontrámos.

Este officio de Escrivão das Moradias vinha já do seu trisavô materno Antonio Garção de Carvalho, e quarto avô Manoel Garção de Carvalho; o quinto avô Luiz Garção de Garvalho fôra moço da camara de D. Affonso VI. Reservámos para aqui a genealogia materna, para notar-se como o seu conhecimento influiu no onomastico d'esta familia.

se vê que era uma familia numerosa, tratando-se com abastança, e com optimas relações como o Conde de Villar Mayor e a Duqueza de Cadaval. Não são indifferentes estes factos para o nosso estudo, por que foi em casa do Conde de Villar Mayor e por sua iniciativa que se fundou a *Academia dos Occultos*, á qual logo aos trinta annos pertenceu o nosso poeta. Uns irmãos seguiram a carreira das armas, outros as da burocracia e da egreja; Pedro Antonio Corrêa Garção seguiu os estudos juridicos, formando-se na Faculdade de Leis na Universidade de Coimbra.

Tendo nascido de uma extrema debilidade, a sua infancia foi menos subordinada á disciplina, e d'ahi o não ter revelado grande predilecção pelo estudo; baixo de estatura, [1] pelo atraso osseo, e de uma viva sensibilidade, pela convivencia feminina, natural em uma creança doente, desenvolveu-se-lhe a imaginação e achou a poesia das realidades quotidianas da vida vulgar. Isto o fez comprehender a essencia da poesia de Horacio, que elle tomou como mestre, e que o tornou um dos renovadores da poesia portugueza do seculo XVIII. Seu pae tinha a cultura humanista de quem aprendera para padre, e na serenidade domestica o encaminhava nos seus atrazados estudos. Quando Diniz dizia a Garção, que elle o excedia no purismo da linguagem, respondia-lhe: «Devo isso a meu pae,

[1] No Soneto LX, diz com simplicidade:

«Nem eu por culpa minha *sou pequeno.*»

porque emquanto fui pequeno só queria que lêsse Vieira.»[1] Entrando já vigorisado na adolescencia seguiu as escholas menores no Collegio dos Jesuitas;[2] não perdeu com o pedantismo do tempo a sua caracteristica espontaneidade, mas ficou de uma reserva extrema, evitando sempre a publicidade para quanto escrevia. Pode-se dizer que foi um tanto autodidacta, e d'aqui a sua originalidade. Nas notas de Sané á traducção franceza das lyricas de Filinto Elysio, lê-se ácerca dos primeiros estudos de Garção, porventura communicação do desterrado vate:

«Il s'était formé lui-même, *sa prémière éducation ayant été négligéé.*» A educação da epoca era a jesuitica, que assentava sobre outo annos de latim;[3] na sua casa cultivavam-se as linguas vivas por necessidade do cargo de seu pae na Secretaria dos negocios estrangeiros, para onde tendia a arrumação dos fi-

---

[1] Innocencio F. da Silva, no *Archivo pittoresco*, t. I, p. 348.

[2] Chamavam-se *estorninhos* os que frequentavam as escolas dos Jesuitas, em Lisboa: «Que assim se chamavam aos immensos Estudantes que andavam nas aulas dos Jesuitas no Collegio de Santo Antão, hoje Hospital de S. José, vestidos como os Estudantes de Coimbra, com chapéo, ou vestidos pretos de casaca, ou á romana, de cabelleira, ou sem ella, muito á sua vontade, mas sempre vestidos de preto.» (*Theatro* de Manoel de Figueiredo, t. XIV, p. 450.)

[3] Foi em 1735 que D. João V mandou consultar Jacob de Castro Sarmento sobre as bases de uma reforma do ensino; era então evidente a decadencia dos estudos sob o dominio dos Jesuitas.

lhos préviamente habilitados no italiano, no francez e no inglez. Garção nos seus primeiros versos obedeceu ao influxo seiscentista preponderante, como vêmos nas fórmas do romance endecasyllabo, nas endechas, nos motes e glosas; mas reagindo em si proprio contra a corrente anachronica queimou todos esses ensaios:

> Para ser mais solemne o sacrificio
> Em vergonhoso cadafalso queime
> Arrependida mão Odes, Sonetos;
> Espalhe ao vento as cinzas...

No estudo de Sané sobre Filinto, em que ha memorias que o desterrado poeta lhe communicava, lê-se que obedecera Garção nos seus primeiros annos ao contagio do máo gosto: «le célèbre et infortuné Garçon, qui dans l'inexperiance de sa jeunesse avait cédé un instant à la sedution générále, et s'en sauva de bonne heure par la seule force de son talent; etc.» [1] A sua libertação proveiu de uma clara comprehensão das poesias de Horacio, que tanto se harmonisavam no meio social deprimido sob o obscurantismo religioso e despotismo politico, diante da fogueira e da forca, com o estado de um espirito sem força para protestar, e que procurava o goso suave da idealisação dos pequenos accidentes da vida. O conhecimento da poesia ingleza, italiana e franceza deu-lhe uma nova luz para desenre-

---

[1] *Poésie lyrique portugaise,* p. VII.

dar-se do labyrinto do culteranismo; e as relações com algumas familias estrangeiras recentemente estabelecidas em Portugal, ás quaes faz referencias sympathicas nos seus versos, lhe facilitariam tambem o conhecimento dos exemplares modernos, que tanto suggerem a imaginação. Aquella desenvoltura caracteristica das côrtes do seculo XVIII, as faceis intrigas de amor sem emoções patheticas, nem desastres, acharam na sua sensibilidade um meio psychologico para se desenvolver o seu temperamento apaixonado, e para achar nas poesias de Horacio esse voluptuoso perfume de um genio que só se deixa impressionar pelos aspectos agradaveis da vida. Em um meio social tremebundo sob o regimen das delações inquisitoriaes, todas as reservas eram precisas; não nos admira o que de Garção escreveu o conego Manoel de Figueiredo: «não sei por que occulto mysterio era sobremaneira difficil em communicar os seus escriptos.» Ficou-lhe essa préga, esse receio que era na realidade fundado.

Passou Garção a mocidade em Lisboa, ao tempo em que Antonio José da Silva, o *Doutor Judeu,* fazia representar por bonecos Comedias no Theatro do Bairro Alto, quando existiam na realidade os *Ranchos do Alecrim e da Mangerona*, quando se fazia a galanteria feminina cantando *Modinhas* brazileiras e *lunduns* chorados, quando a sociabilidade se contentava com sermões e novenas, e os espectaculos impressionantes com que o povo se distrahia eram o queimar a fogo lento no Rocio ou no Terreiro da Lan algum desgraçado dos cahidos na garra do Santo Officio.

Nas obras de Garção ainda se encontram as primeiras impressões do theatro d'essa epoca, quando escreve sarcasticamente no *Theatro novo:*

> Eu sou de parecer que só se façam
> As portuguezas Operas impressas
> *Encantos de Medêa, Precipicios*
> *De Phaetonte; Alecrim e Mangerona;*
> Em outros nunca achei contentamento.

Mais tarde, em uma das suas Orações na Arcadia, allude ás *tramoias*, que estavam tanto no gosto do publico: «tinha o máo gosto adoptado o peior systema: Dragões, Magicas, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, patibulos, demonios e espectros, eram os milagres do Theatro. Ha bem pouco, que uma côrte polida fazia as suas delicias d'estes espectaculos. — Outro defeito ha que não é menos impio: com effeito não só não move, mas é ridiculo. D'este genero são as *transformações*, as serpentes, e outras puerilidades semelhantes...» [1] Ainda estava Garção em Lisboa, quando em 1739 foi queimado em Auto de fé por judaisante o poeta dramatico Antonio José. Isto bastava para desequilibrar uma consciencia; Garção ia respirar em um meio ainda mais asphyxiante, em Coimbra, entre a dissolução criminosa dos costumes dos estudantes e a estupidez proverbial dos lentes. Na Ode XXIV refere-se á sua existencia aventurosa em Coimbra:

---

[1] *Oração,* em 30 de Septembro de 1757.

Pois sabes, que *nas margens do Mondego,*
Amor, que é grão poeta,
A cantar brandos versos me ensinava,
Quando preso me tinha,
E victima chorosa, as áras cruas
Banhei c'o sangue quente
Do roto coração, das rotas vêas,
Que abriam seus virotes; etc. [1]

O que seriam estes versos de Coimbra deprehende-se pela persistente reacção ulterior contra o seiscentismo, a que se começou a chamar o *máo gosto.* Dispendia-se o talento em glosar quadras insulsas, em metrificar contrasensos sobre absurdos themas academicos em fórma problematica, rebaixando-se a poesia a celebrar os accidentes prosaicos da vida quotidiana no sentido da bajulação aos poderosos e opulentos; os certames litterarios eram um complemento espectaculoso das festas palacianas e monachaes, em que se dava livre expansão ás agudezas do engenho rhetorico. A lingua portugueza era com frequencia substituida pela latina, e principalmente pela castelhana, n'estes *dulces requiebros* convencionaes. Fóra d'estas pompas banaes predominava o estylo chocarreiro para tornar inoffensivo e irresponsavel nas satiras, como se vê nos versos de Thomaz Pinto Brandão e nos de Alexandre Antonio de Lima; e desde que não havia comprehensão, nem respeito pela poesia, era facil descambar na obscenidade, mancha commum aos nossos principaes

[1] *Obras poeticas e oratorias* de P. A. Corrêa Garção, p. 159. Citamos sempre a valiosissima edição de 1888 por Azevedo Castro.

poetas do seculo XVIII. Na epoca em que Garção frequentou os estudos de Coimbra governava o solicito reitor Francisco Carneiro de Figueirôa, impotente para suster em disciplina o corpo escholar. Os estudantes não frequentavam as aulas, e muitos d'elles nem residiam em Coimbra, empregando-se contra este insolente abuso o systema das *matriculas incertas*, isto é, uma chamada repentina de todos os estudantes, perdendo o anno aquelle que faltava. Os estudantes que se prestavam a passar o anno confinados em Coimbra vingavam-se em matar o tempo com estrondosas *investidas*, que acabavam por assassinatos, como aconteceu com o *Rancho da Carqueija;* os mais socegados entretinham-se em jogos, descantes, outeiros poeticos pelos conventos, caçadas, aventuras amorosas, por fórma que muitos fidalgos ociosos iam para Coimbra passar o inverno com os estudantes sempre alegres e distrahidos. Era ao que então se chamava a *boa feição*. No *Palito metrico*, escripto n'essa epoca da dissolução academica, systematisa-se a *boa feição* nos seguintes conselhos: «em logar da *Instituta* e Expositores, uma flauta, rabeca e machinho; pelos livros curiosos, uns dados e baralhinhos de cartas;» em vez das *investidas* sangrentas predominavam agora as lograções e pulhas dos espertalhões: «Muito tempo andou disfarçada (a *boa feição*) em Coimbra com a sordida lama da *Valentia*, de tal sorte que não tinha feição quem não matava ou feria.—Passada pois esta furiosa tempestade da *feição* impia, tratou cada qual de accommodar ao seu intento o methodo da *boa feição*. Os fôfos

quizeram que consistisse na generosidade das acções; os que presumiam de sabios, no chiste de dizer uma auctoridade e versinhos de Comedia; os bobos, na chocarrice das graçolas; os tolos, no baralhar e metter á bulha todo o acto serio. Ultimamente n'estes tempos modernos vieram uns lisboetas (que sempre são inventores de novas maquinas) e introduziram por feição meter á bulha os geraes, não cuidarem em postillas, comer muito doce, dar opios e dizer pulhas.» Tambem o Doutor Ribeiro Sanches, no seu *Methodo de estudar a Medicina*, pinta a vida da Universidade de Coimbra na primeira metade do seculo XVIII: «Cada estudante era senhor de allugar casa onde achava mais da sua conveniencia; uns na cidade e arrabaldes, outros perto da Universidade; conheci muitos que se levantavam sómente da cama para jantar, estando com boa saude; outros passando dia e noite a tocar instrumentos musicos, a jogar as cartas, a fazer versos. Quasi todos matriculados em Canones, nunca estudaram nos primeiros quatro annos; o primeiro estudo era a postilla pela qual deviam defender conclusões no quinto anno. Não havia noite de inverno sem *Outeiros*[1] mesmo diante dos Collegios de San Pedro e de San Paulo; etc.» (p. 148.) Continúa o celebre medico: «Tambem vi homens de maior edade, sem professarem mais que a

---

[1] Como nas Academias arcadicas havia as designações de *Montes* Parrhasio, Menalo, Helicona, dadas aos logares em que se reuniam os socios, adoptou-se o nome *Outeiro* para as conferencias poeticas avulso, prevalecendo no certame a improvisação.

vida de *feição* e *galanteo*, virem de Lisboa e das provincias passarem o inverno a Coimbra, lojados com os estudantes, na intenção de se divertirem; nunca lhes faltou companhia de jogar, glosar motes, tocar instrumentos, dansar, consummir o tempo na conversação dos equivocos e repentes.» (p. 150.) No *Palitico metrico*, alludindo-se aos terriveis costumes que se contrahiam na vida da Universidade de Coimbra, a gulodice, o uso do tabaco, accrescenta-se: «Não foi este o peior que trouxe da Universidade, que emfim, alguma utilidade traz comsigo: o mais prejudicial foi o *furor poetico*, que recebi no Ecco, pois indo a elle com alguns amigos lhe recitaram varias poesias; vim tão affeiçoado á parvoice que se me encasquetou na cabeça... de me... applicar ao estudo dos versos, deixando o das Leis...» O alvará de 26 de Novembro de 1733 chamára a attenção do reitor da Universidade para o *grande luxo e despeza* com que os estudantes se tratavam; e o Dr. Ribeiro Sanches descreve os excessivos gastos em batinas de crepe ou de panno, o requinte dos punhos e voltas de cambraya, as contas com as engomadeiras, as meias de seda, as fivellas de prata, as luvas, estojos e mais adminiculos que vinham do estrangeiro, dando o tom a estas loucas sumptuosidades a ostentação ruidosa dos dois Collegios rivaes de San Pedro e de San Paulo, em que residiam os filhos da principal fidalguia do reino.[1]

---

[1] Sobre a vida na Universidade veja-se o meu estudo *A Universidade antes das reformas pombalinas. Hist. da Universidade de Coimbra*, t. III, cap. II.

Garção, que fôra mandado para Coimbra em 1742 para seguir um curso nas Faculdades juridicas, terminou o curso de Leis na Universidade em 1748 apesar das immensas despezas que então se faziam, e sem ser envolvido n'essa onda de indisciplina escholar que impedia o estudo.[1]

O que era então o ensino do direito civil na Faculdade de Leis acha-se nitidamente descripto pelo reitor-reformador D. Francisco de Lemos, na preciosissima *Relação do estado geral da Universidade de Coimbra:* «Pa-

---

[1] Pedindo ao Dr. Augusto Mendes Simões de Castro para consultar o livro das Matriculas da Faculdade de Leis nos assentos referentes a Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, respondeu-nos em carta de 2 de Julho de 1898:

«Com muito gosto procedi no Archivo da Universidade ás investigações que v. desejava relativamente a Garção. Comecei as buscas no Livro da Matricula do anno de . . .

— No de 1742-43, fl. 371, apparece matriculado em *Instituta*. Do respectivo assento se vê que Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção foi filho de Filippe Corrêa da Silva, e natural de Lisboa. Consta do mesmo assento que appresentou certidão de *Logica*.

— No de 1743-44, a fl. 278, apparece matriculado em *Leis*.

— No de 1744-45, fl. 247 *v.*, apparece matriculado em *Canones*.

— No de 1745-46, fl. 287, apparece matriculado em *Leis*.

— No de 1746-47, fl. 286, apparece matriculado em *Leis*.

— No de 1747-48, fl. 290, apparece matriculado em *Leis*.

— Nos annos de 1748-49, 1749-50, 1750-51 não encontrei o seu nome.»

rece incrivel; mas é certo, que nos ultimos tempos não havia ensino publico nas Escholas juridicas. Todo o grande apparato de Cadeiras e Lentes juridicos, ordenado para o ensino da Jurisprudencia, se reduzia unicamente ás lições da *Instituta* de Justiniano; as quaes tambem tinham longos vazios. Todas as cadeiras estavam sem exercicio. Os Lentes não liam, e os estudantes não frequentavam as aulas e nem residiam. Assim viam-se as aulas desertas; a Universidade despovoada de estudantes, e só frequentada na occasião das matriculas; na qual concorria uma innumeravel multidão de estudantes de todas as partes do Reyno a pôr o seu nome no Livro da Matricula.

«Todo o exercicio litterario se reduzia aos Actos, para os quaes não era necessario ter estudado, mas sim que corressem os annos do Curso, e chegasse a medida do tempo n'elle marcada, porque os Pontos e os Argumentos eram já sabidos e muito vulgares; e além d'isso o estudante na mesma occasião dos Actos era instruido na materia d'elles por um doutor, o qual acabava de consumar a obra da negligencia, inspirando-lhe em casa e na mesma sala dos Actos o que elle havia de responder e dizer. — a reprovação de um estudante, ainda que fosse reconhecidamente ignorante e negligente, era um caso rarissimo, e o que se via era sahirem todos da Universidade com as suas cartas correntes para gosarem os privilegios, que as Leis concedem aos Bachareis e Doutores verdadeiramente letrados, para terem uso livre da profissão que não sabiam, e para enredarem os povos com

mil varedas e giros forenses, de que é fecundissima a rabulice.» [1]

E' certo que regressou Garção á casa paterna com essa terrivel préga que deixa Coimbra, uma apathia contemplativa, um tom de mófa diante de todos os accidentes da vida e uma certa predilecção pela poesia. Com esta sentimentalidade exarcerbada, e com a prenda dos versos, que iam revelando uma vocação decidida, facil lhe foi o enredar-se em risonhas aventuras amorosas, das quaes escrevia mais tarde na Ode III:

> Peleijei, peleijei (e não sem gloria)
> Nas barbaras, indomitas phalanges
> Do forte domador de humanos peitos,
> Insano Amor potente.
>
> A triumphal carroça acompanhando,
> Angelicos cabellos ennastrados
> Com mirto e rosas; de córado pêjo
> Os alvos rostos tintos;
>
> Mil garridas, mil candidas Licóres
> Vencedor me juraram, me renderam
> Do riso e do prazer, no Capitolio,
> Humilde vassalagem.
>
> (*Obras*, p. 81.)

Odes, Sonetos, confessa elle ter queimado com arrependida mão; e

> Ondada, crepitante labareda
> Entre serras de fumo lance ao vento
> O solto sprito de meus versos tristes...

---

[1] *Relação geral*, p. 25. (Edição da Academia real das Sciencias.)

Era-lhe porém impossivel libertar a sua alma apaixonada da obsessão feminina, que lhe minou a existencia; «*baixo e fusco*» se retrata na Satira I, com um traço revelador do seu temperamento ardente, e foi isso o que lhe deu a verdade do sentimento poetico, modificado pelo conceituoso bom senso adquirido na leitura de Horacio. E' esta a luz que dá a comprehensão dos seus versos, e por ventura, da sua desgraça.

Retirou-se Garção de Coimbra em 1748 tendo completado a formatura em direito civil; tambem se aproveitára das longas ausencias dos cursos, por isso que em 1745 o encontramos figurando entre os socios inauguradores da *Academia dos Occultos*. Pelo fallecimento do Conde da Ericeira em 1744, a missão protectora das Academias litterarias passára para o Conde de Villar Mayor, Dom Manoel Telles da Silva, que abriu o seu palacio para retiro das musas. Um espirito de reforma contra o *máo gosto* animou a empreza de uma Academia em revolta com o passado. Garção interessava-se por este movimento, acompanhando-o desde 1739; diz elle na Oração VII: «Devemos alegrar-nos de ser incontestavel que o primeiro documento em que podemos fixar a época d'esta restauração, é o papel critico que compoz e imprimiu o árcade *Sincero Jerabricense*.[1] E' verdade

[1] Refere-se ao *Exame critico de uma Sylva poetica feita á morte da Serenissima Senhora Infanta Dona Francisca*, por José Xavier de Valladares e Sousa. Lisboa, 1739. O auctor dos versos era Caetano José da Silva Souto Mayor.

que alguns espiritos mais fortes tentaram esta empreza ainda hoje ardua, e então impossivel; mas como nas primeiras escolas reinava um certo espirito de opinião, que soberbamente sustentava o partido do *máo gosto*, o verdadeiro methodo ou se não conhecia, ou se desprezava.

«Fundaram-se Academias, algumas permaneceram, mas sem mais fructo do que o de propagarem o contagio. Nos ultimos annos do prospero reinado de Dom João V, appareceram os primeiros crepusculos do bom gosto. Já então a *Sociedade dos Occultos* estabelecida em um palacio em que sempre habitaram as musas e fundada por um genio extraordinario, herdeiro não só do sangue mas tambem dos raros talentos e virtudes de seus eruditos progenitores, trabalhava n'este tempo na restauração da lingua portugueza, do estylo e da boa poesia. Poderia ser que a ella se devesse toda a gloria se a publica desgraça não separasse tão util e tão sabia companhia.» [1] Garção estabelece aqui a continuidade entre a *Academia dos Occultos* e a *Arcadia*, mas não lhe precisa a data da inauguração; as suas palavras provocam um alto interesse por essa agremiação litteraria pouco conhecida. Na Livraria do actual Conde de Tarouca guardam-se todos os papeis da antiga *Academia dos Occultos*, [2] desde a acta da insta-

[1] *Obras poeticas e oratorias*, de Garção, p. 551.

[2] Devemos ao Dr. José de Arriaga, auctor da *Historia da Revolução de 1820*, e da *Historia da Revolução de Septembro*, esta noticia; examinámos todos esses papeis, por concessão do illustre titular.

lação em 9 de Abril de 1745 até á ultima conferencia por meados do anno de 1755, mezes antes do tremendo cataclysmo. Consta essa volumosa papelada de Orações dos Presidentes de cada sessão mensal no Congresso, dos Problemas discutidos e de obras poeticas nas fórmas de odes, romances endecasyllabos, motes glosados, reflectindo ainda o gosto seiscentista. D'esses papeis consta a maior parte de autographos entregues ao secretario da *Academia dos Occultos*, existindo tambem um livro de excellente caligraphia em que se projectava trasladar essas composições pela ordem chronologica das sessões e do seu apresentamento ou leitura.

Na inscripção dos Socios com que se inaugurou a *Academia dos Occultos* figuram *Pedro Antonio Corrêa Garção* e Manoel de Figueiredo; são estes os mais valiosos elementos que mais tarde nos apparecem na fundação da *Arcadia*, e verdadeiros élos de continuidade. E' este facto importante; não figuram estes dous nomes na lista appresentada por Francisco de Pina e de Mello em 1756, talvez pelo despeito que o não deixou ser convidado para a fundação da Arcadia. O conego D. Joaquim Bernardes, que apparece como um elemento perturbador na Arcadia Lusitana, encontramol-o presidindo e discursando largamente na *Academia dos Occultos*. Estes papeis encerram os Estatutos da Academia, impressos em papel almaço e pouco extensos. Consta que foram organisados por Luiz Corrêa do Amaral França, o Nestor das Academias em Portugal, por isso que tendo nascido em 1725, e passando dos *Occultos* para os

Arcades em 1756, pertenceu á Academia das Sciencias creada em 1779, foi o principal sustentaculo da *Nova Arcadia* em 1793, sobrevivendo a Bocage, cuja mordacidade soffreu, e falecendo com outenta e trez annos de edade. Que riquezas de tradição e de memorias possuiria este homem para a historia litteraria de Portugal no seculo XVIII. Infelizmente a imperfeita educação portugueza não nos deixava conhecer o valor d'este genero litterario das Memorias. N'esses materiaes manuscriptos estão os documentos da actividade da *Academia dos Occultos* durante os dez annos completos da sua existencia. O que se precisa com clareza, é que depois de inaugurada em 9 de Abril de 1745 realisou-se a sua primeira Conferencia em 28 de Abril do mesmo anno, sendo vinte e quatro o numero dos academicos.[1]

O fundador da *Academia dos Occultos* e secretario d'ella, D. Manoel Telles da Silva, sexto Conde de Villar Mayor, segundo Marquez de Penalva, nasceu em Lisboa em 23 de Fevereiro de 1727, e faleceu em 25 de Fevereiro de 1789. Por occasião do seu casamento com D. Eugenia Marianna de Menezes e Silva, celebrou-se uma sessão na *Academia dos Occultos*, sendo então publicada uma Oração joco-seria lida por Alexandre Antonio de Li-

---

[1] Em um Ms. do P.^e^ João Baptista de Castro vem em um breve Catalogo das Academias portuguezas: «*Occultos*, em casa do Marquez do Alegrete, 1741, 10 de Julho.» (Ms. 522, Pombal.) E' possivel que n'esta data começassem as tentativas de aggremiação.

ma;[1] foi isto em 1748. A Academia escorregava para a bajulação panegyrica das suas antecessoras. N'esta mesma data publicava-se no *Journal des Sçavants* uma noticia da fundação da *Academia dos Occultos*, na qual se descreve o seu emblema e divisa: o sol entre nuvens, com a inscripção *Occultus intensus fulgit.*[2]

Pela informação dada para França, com certeza por via do embaixador portuguez, vê-se que contava a Academia com a protecção de Dom João V; procurava-se por todos os modos fundamentar os seus creditos, por que uma corrente critica acabava de manifestar-se em Portugal em uma série de Cartas sobre o *Verdadeiro Methodo de estudar* sob o pseudonymo de um frade Barbadinho. Não se sa-

---

[1] *Parnaso Olympico* — Oração academica epithalamica e joco-séria recitada no Congresso dos *Occultos*, em occasiam do entrudo, tempo em que se celebraram os felizes desposorios do ill.mo sr. Manoel Telles da Sylva com a Ex.ma sr.a D. Eugenia Marianna de Menezes . . . por Alexandre Antonio de Lima. Lisboa, MDCCXLVIII. Folheto em prosa e verso de 23 paginas. (Cat. Merelo, n.º 6842, 9.º)

[2] « Portugal (De Lisbonne):

« Il s'est formé depuis quelque temps en cette Ville une nouvelle Académie, sous la protection de S. M. le Roy de Portugal. Les Académiciens ont pris le nom d'*Occulti*, et pour sa devise un Soleil couvert de nouages, avec cette inscription: *Occultus intensus fulgit.* Cette Compagnie s'est assemblée pour la prémière fois dans la maison du Marquis d'Allegrete, et Dom Manuello Teles de Silva y a fait la fonction de Président. » (*Journal des Sçavants,* pour l'année de MDCCXLVIII, Avril, p. 251.)

bia então que o Barbadinho era o arcediago Luiz Antonio Verney; a analyse sobre o ensino jesuitico, systematicamente atrazado em Portugal, era feita com exuberantes provas n'essas cartas. Ahi se fallava com desdem da latinidade dos dous academicos, o Marquez de Alegrete Dom Manoel Telles da Silva, dos socios fundadores da *Academia de Historia*, e de seu irmão segundo o Conde de Villar Mayor. Escreve Verney: «Antonio Rodrigues da Costa, Conselheiro do Ultramar, que escrevia latim com muita facilidade, esquecido ás vezes de si mesmo, escreve algumas Cartas latinas fóra do estylo familiar, que parecem Orações academicas. Mas peor que este, o Marquez Manoel Telles da Silva e o Conde de Villar Mayor os quaes ambos tropeçaram terrivelmente n'esta materia de elevaçam affectada. O primeiro na Carta com que approva os Epigrammas do P.e Reys, que começa *Cum nullum*, etc., usa de um tal estylo, que ainda não vi cousa mais impropria. O segundo, nas Cartas que escreve a Antonio Roiz da Costa é affectado por um novo modo e inclina muito para a declamaçam, demora-se muito em logares communs, e não observa o verdadeiro estylo epistolar.» [1] Não se estava acostumado em Portugal a tanta clareza de opinião, e as Cartas do Barbadinho produziram uma tempestade com saraivada de réplicas dos jesuitas que se sentiram feridos, e se mascararam sob numerosos pseudonymos. No folheto *Retrato de morte-côr*, verrina acerba contra Ver-

---

[1] *Verdadeiro Methodo de estudar*, I, p. 88.

ney, exprime-se esse espanto: «Pode haver zello que desculpe o atrevimento de sacar ao theatro da critica pessoas de esphera tão alta que é sacrilegio levantar para ellas a vara da censura? a um Conde da Ericeira . . .» Pode-se concluir desde já, que em 1747 perturbou os zumbidos encomiasticos das Academias essa critica iniciada no *Verdadeiro Methodo de estudar*, que submetteu a uma dura analyse as formas da poetica seiscentista desacreditadas nos equivocos culteranistas. E assim como a obra negativa de Verney precedeu em mais de dez annos a obra da reforma pedagogica de Pombal, que a seguiu de perto, tambem cooperou na manifestação do esforço de regenerescencia da poesia portugueza deliberadamente empregado pela Arcadia. [1]

Apesar da iniciativa attribuida por Garção á *Academia dos Occultos*, obedecia ella ao impulso da época, empregando a obra litteraria na declamação encomiastica e emphatica dos altos personagens. Por ser o rei D. João V protector dos *Occultos*, organisaram elles um Certame poetico, para ser celebrado no paço no anniversario da rainha, no dia 10 de septembro de 1749. Estavam todos a póstos, e ia abrir o Congresso, lendo a Oração inaugural o segundo Marquez de Valença D. Francisco de Portugal e Castro, então presidente da *Academia dos Occultos*, quando ao soltar as primeiras phrases caíu prostrado por um

---

[1] Da questão do Verdadeiro Methodo de estudar trata-se no tomo III da *Historia da Universidade de Coimbra*, p. 247 a 250.

ataque apopletico. Desfez-se todo o apparato, e a situação que se desdobrava comicamente tornou-se em deploravel tragedia. Os Academicos retiraram-se do paço, não tendo perdido tudo, porque com a morte do Marquez de Valença acharam plausivel assumpto para uma Conferencia litteraria.

Reuniram-se outra vez os *Occultos* em 16 de Outubro de 1749, tomando todos parte na glorificação das virtudes do defuncto Marquez de Valença. Appareceu publicada essa Conferencia em um opusculo em 1751, com as assignaturas e pseudonymos de muitos academicos.[1] Apontaremos esses nomes, começando pelo falecido presidente:

D. Francisco Paulo de Portugal e Castro, 8.º Conde de Vimioso, 2.º Marquez de Valença, socio da Academia real da Historia portugueza, e da dos *Occultos;* nasceu em Lisboa em 25 de janeiro de 1679, falecendo no dia 10 de septembro de 1749, nas circumstancias acima descriptas. Fallam d'elle Barbosa Machado (*Bibl. lusit.*, II e IV) e o P.e Francisco José Freire em um Elogio impresso em 1749. Escreveu muitas Orações e Elogios academicos, e entre elles um *Elogio á constancia que el rei D. João V tem tido na sua dilatada doença.* Lisboa, 1748.

---

[1] Collecção das Obras que se recitaram na morte do Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Valença D. Francisco de Portugal e Castro, na *Academia dos Occultos*, na Conferencia de 16 de Outubro de 1749. Lisboa, 1751. In 4.º x-48 pag.

D. Manoel Telles da Silva, 6.º Conde de Villar Mayor. (E' o celebrado no *Parnaso Olympico*, por occasião do seu casamento em 1748.)

José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello.[1]

Alexandre Antonio de Lima.[2]

Dr. Vicente da Silva.[3]

---

[1] Nasceu em Faro em 25 de Junho de 1720; filho de João Pacheco Pereira de Vasconcellos, desembargador do paço. Graduou-se em ambos os direitos nas Universidades de Valhadolid e Salamanca e doutorou-se em Leis em Coimbra em 1755, depois de ter seguido a vida militar, sendo tenente do Castello da Terceira e Sargento-mór da praça. Pertenceu ás Academias da Historia, dos *Occultos*, da de Historia de Madrid, da de Geographia e Mathematica de Valhadolid, e em 1759 da dos *Renascidos* do Rio de Janeiro. Foi o juiz da terrivel Alçada do Porto, sendo por isso feito membro do Conselho real e do Ultramar por decreto de 13 de Maio de 1758. O Marquez de Pombal mandou-o prender em 15 de Janeiro de 1760, sendo solto por occasião da queda do ministro. Escreveu um Epithalamio *Glorias de Lysia*, no casamento de Manoel Telles da Silva com D. Eugenia Marianna Josepha Joaquina de Menezes. Lisboa, 1748, e A Exaltação ao Throno de El Rei Dom José, 1750. (Vid. Barbosa, *Bibl. lusit.*, IV.)

[2] Nasceu em Lisboa, em 21 de janeiro de 1699; pertenceu ás Academias dos *Applicados* e dos *Escolhidos*, e foi premiado no Certame de 1742 pelas melhoras de D. João V. Cultivou o genero faceto; imprimiu versos com o titulo de *Rasgos metricos*; continuou a missão de Antonio José escrevendo Comedias para o Theatro do Bairro Alto. Compoz um poemeto heroecomico *A Benteida* contra um ignorado Bento Antonio auctor da *Aldêa na Côrte*.

[3] Consta que nasceu em 21 de janeiro de 1707, falecendo depois de 1752. Formou-se em Canones na Universidade de Coimbra; advogava na Casa da Sup-

Frei José de Lemos. (Pertenceu á Academia dos *Escolhidos*, em 1742.)
Dom Joaquim Bernardes. [1]
Dr. Braz José Rebello Leite. (Pertenceu á Academia dos *Escolhidos*.)
F. V. A. (Fr. Verissimo Antonio?)
F. J. L. (Fr. José de Loureiro?)
Urbano José de Mello Pinto da Silva.
Antonio Carlos de Oliveira.
D. Frei Salvador Corrêa.
Marcos José Monteiro.
Paulo Nogueira de Andrade.
Conde de Villar Mayor (o 5.º)
Antonio de Brito.
Joaquim Simpliciano da Costa.
João de Alpoim Brito Coelho.

Não se encontra n'esta lista dos Academicos *Occultos* que celebraram a morte do Marquez de Valença o nome de Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção; estaria então ausente de Lisboa, tratando do seu casamento com uma senhora de Alcacer do Sal, que desposou

---

plicação por 1729, e ordenou-se de presbytero em 1733. Figura em 1742 entre os academicos *Escolhidos*, e com'o pseudonymo de Luis Tadeu Nicena escreveu a Comedia *Amor perdoa os aggravos*.

[1] Nasceu em 14 de septembro de 1692, e julga-se que falecera por 1764. Era filho do Physico-mór de D. Pedro II e sobrinho do oratoriano P.e Manoel Bernardes; em 1710 era Conego Regrante de Santo Agostinho; viveu dezeseis annos em Madrid, regressando a Portugal antes de 1741. Sabe-se que fora um dos primeiros socios da *Arcadia lusitana*, levando da Academia dos *Occultos* os germens do gosto seiscentista, que tanto custou a expungir d'aquella instituição nascente. Tornaremos a fallar d'elle.

em 1751. Fortifica esta inferencia não se encontrar o seu nome na Conferencia da *Academia dos Occultos*, com que em 1 de septembro de 1750 celebraram o falecimento de Dom João v. Transcrevemos os nomes dos que ahi figuraram com varias composições latinas e portuguezas:

D. Miguel Lucio Francisco de Portugal e Castro.
Braz José Rebello Leite.
F. J. L.
F. V. de A.
João Manoel da Costa Barca.
Antonio Saldanha de Albuquerque.
Antonio Carlos de Oliveira.
Marquez de Valença.
Fr. Salvador Corrêa de Sá.
Alexandre Antonio de Lima.
Carlos José de Mello Pinto da Silva.
Pedro José da Silva Botelho.
Martinho de Mello e Castro.
Paulo Nogueira de Andrade.
Joaquim Simpliciano da Costa.
Jacintho da Silva de Miranda.
Urbano José de Mello Pinto da Silva.
João de Alpoim de Brito Coelho.
José de Mascarenhas Pacheco Coelho de Mello.
Dr. Vicente da Silva.
Conde de Villar Mayor.
Manoel de Santa Martha Teixeira. [1]

---

[1] *Collecção das Obras que na* Academia dos Occultos se recitaram na morte do Fidelissimo e Augus-

Como deveria ser a poesia em uma sociedade em que se decretava o sentimento, e se castigava quem o não manifestasse? Na morte de D. João V em 31 de julho de 1750 decretou-se um luto nacional por dous annos, e a multa de dois mil reis aos que não assistissem á quebra dos escudos! Para os pobres era obrigatorio trazer gôrra na cabeça e toalha não encrespada. As Academias litterarias esgotando-se em Epicedios, epinicios, e allegorias funebres, iam adiante dos estupidos decretos.

A falta de Garção n'este certame da *Academia dos Occultos* em 1750, resultaria de se achar então ausente de Lisboa, tratando do seu casamento com uma rica viuva de Alcacer do Sal, n'este mesmo anno. Não deixou comtudo de tomar parte no regosijo publico,

---

tissimo Rey Dom João V, na Conferencia do 1.º de septembro de 1750. In-4.º de 92 pag.:

— Elogio funebre por D. Miguel Lucio Francisco de Portugal e Castro. — Joannis. V. Opt. Max. Sepulchral. Elogium por Blasus Josephus Rebello Leite.

— Occultorum Academia pro Lusitaniæ Imperio obitu Regis Joannis dolores exprimit — Elegia.

— Novum Tumulum Offert Occultorum Academia Regis Joannis por F.r J. L. (Fr. José de Lemos).

— Elogium, por F. V. de A.

— Soneto por D. Miguel de Portugal.

— Epigramma de João Manoel da Costa Barca — Inscriçam sepulchral. — Epitaphio.

— Soneto de Antonio Saldanha de Albuquerque.

— Soneto de Antonio Carlos de Oliveira. — Soneto do Marquez de Valença. — Soneto de Fr. Salvador Corrêa de Sá. — Soneto de Alexandre Antonio de Lima. — Soneto de Carlos José de Mello Pinto da Silva. — Sone-

escrevendo um romance endecasyllabo *A' feliz acclamação de D. José*, ainda com fórma seiscentista, em que allude ás tentativas litterarias da *Academia dos Occultos:*

> Na protecção das letras felizmente
> Do vosso influxo a erudição renasça;
> Os Virgilios, os Tullios se descubram
> Que atégora Lisboa *occulta* avara.

O casamento do poeta não póde passar desapercebido, porque deu estabilidade economica á sua vida, e condições de tranquilidade para as suas contemplações artisticas. Casou Garção com D. Maria Anna Xavier Froes Mascarenhas de Sande Salema, filha de Manoel Froes de Azevedo, cavalleiro fidalgo da Casa real e Escrivão proprietario da Mesa do Consulado geral da sahida e entrada da

---

to de Pedro José da Silva Botelho.— Soneto de Martinho de Mello e Castro. — Outavas de Paulo Nogueira de Andrade.

— Romance chronologico heroico de (?)

— Romance endecasyllabo de Joaquim Simpliciano da Costa.

— Romance de Jacintho da Silva de Miranda.—Romance de Urbano José de Mello Pinto da Silva.

— Romance heroico de João de Alpoim de Brito Coelho.

— Romance de José de Mascarenhas Pacheco Coelho de Mello.

— Romance de Alexandre Antonio de Lima. — Egloga do Dr. Vicente da Silva. — Endechas (?) — Soneto, do Conde de Villar-Mayor.— Soneto de Manoel de Santa Martha Teixeira.— Epitaphio, do Marquez de Valença. *

---

* Cat. Merelo, n.º 9863.

Casa da India, e de D. Anna Clara Mascarenhas Sande e Salema. N'este tempo os empregos publicos eram transmittidos em herança como uma propriedade individual, e transferiam-se por mercê regia como dotes das mulheres. Tendo falecido Manoel Froes de Azevedo, por mercê regia concedida por alvará de 13 de Agosto de 1733, foi conferida a propriedade do Officio de Escrivão do Consulado da Casa da India a sua filha para a pessoa que com ella casasse; achava-se então D. Maria Anna Xavier Froes na menoridade, sendo por isso auctorisado seu tio Antonio Froes de Azevedo a servir o dito officio e a dar-lhe duas partes do rendimento emquanto não chegasse á maioridade[1] por despacho de

[1] «Em petição de Antonio Froes de Azevedo, em que pedia a S. Mag. lhe fizesse mercê da serventia do Officio de Escrivão do Consulado da Casa da India, de que fora proprietario seu irmão Manoel Froes de Azevedo, e S. Mag.de tinha feito mercê a sua sobrinha menor filha do dito seu irmão, para a pessoa que com ella casasse, a favor da qual queria o Supplicante concorrer com todo o rendimento accrescendo a rasão de ser seu tutor testamentario.

S. Mag.de ha por bem fazer mercê ao Supplicante da serventia do Officio de Escrivão do Consulado, de que faz menção, durante o tempo da menoridade da sua Sobrinha D. Maria Anna Xavier Froes e Salema, a favor da qual dará o Supplicante duas partes de todo o rendimento do dito Officio, sem embargo das Leis e Decretos em contrario, e o dito rendimento entregará á pessoa a que pertencer cobrar. O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido e lhe mandará passar os despachos necessarios. Lx.a Occidental a vinte de Janeiro de mil setecentos e trinta e quatro.»

(*Conselho da Fazenda:* De 1726 a 1739.)

Este logar já andava na familia desde o tempo de

20 de janeiro de 1734, para o Conselho da Fazenda. Effectivamente quando, chegada á maioridade D. Maria Anna Froes casou em primeiras nupcias com Carlos Deleiro, o marido entrou na posse do Officio de Escrivão do Consulado da Casa da India, em que não chegou a encartar-se, por ter falecido. Tendo em 1751 convolado D. Maria Anna Froes a segundas nupcias com Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, foi por decreto de 19 de Maio de 1751 concedido ao poeta o entrar na serventia do Officio, de que era proprietaria sua mulher, com a condição de pagar dous encartes, sendo-lhe passada provisão em 25 de Maio de 1751.[1] Comprehende-se que o poeta, for-

D. João IV; exerceram-o João Froes de Azevedo, pae de Manoel Froes de Azevedo, e Miguel da Silva de Abreu, moço da Camara de D. João IV, por casamento com D. Martha Froes de Azevedo. (Vid. Sanches de Baena, *Archivo heraldino*, t. I, p. 405.)

[1] «Houve S. Mag.de por bem, attendendo ao dito Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção se achar legitimamente casado com D. Maria Anna Xavier Froes de Sande e Salema, proprietaria do Officio de Escrivão do Consulado da Casa da India por Alvará de 13 de Agosto de 1733 para a pessoa que com ella cazasse, e se não verificar a dita mercê em Carlos Deleiro primeiro marido da sobredita por falecer sem se encartar n'elle, foy servido fazer mercê ao dito Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção da propriedade do dito Officio de Escrivão do Consulado da sahida por seu real Decreto de 19 do corrente mez de Maio, com a clausula de se encartar n'elle dentro de um anno contado da data do dito Decreto e pagando os encartes do dito Carlos Deleiro e seu, e outro sim: Ha S. Mag.de por bem fazer-lhe mercê da serventia do dito Officio, para que entre logo a exercital-a, sem embargo de qualquer decreto ou Ordem em contrario em quanto se não en-

mado em direito pela Universidade, e habituado a ocios litterarios, não estivesse disposto a entregar-se á serventia do seu Officio; tratou pois de alcançar uma provisão para

---

cartar no mesmo officio, com o qual haverá o mantimento ordenado, e os proes e precalços que direitamente lhe pertencerem, de que lhe foi passado Provisão a 25 de Maio de 1751.

Pedindo a S. Mag.de Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, por que se achava legitimamente casado com D. Maria Anna Xavier Froes de Sande e Salema, filha unica do sobredito Manoel Froes de Azevedo e D. Anna Clara Mascarenhas e Salema, lhe fizesse mercê da propriedade do dito Officio, confirmando n'elle aquella graça por não ter effeito no primeiro marido com quem a dita sua mulher foi casada, em rasão de ser este proprietario do Officio de Escrivão das Justificações do Reino, e se não encartar n'elle por não poder conservar dous officios, falecendo ao tempo que queria pretender a renuncia, pagando elle Supplicante os direitos do seu encarte e tambem os que devia pagar o primeiro marido da dita sua mulher, em consideração do que e attendendo ao que o Supplicante representa não ter effeito o Alvará n'esta encorporado no primeiro marido da sobredita D. Maria Anna Xavier Froes de Sande e Salema, com quem se acha o mesmo supplicante casado: Ha S. Mg.de por bem fazer-lhe mercê da propriedade do dito officio de Escrivão do Consulado da Casa da India pagando os dous encartes, o qual terá e servirá na mesma fórma que o tiveram e serviram seus antecessores e haverá com elle de mantimento ordenado em cada hum anno 120$000 rs. que lhe serão pagos na mesma forma que os logravam os ditos seus antecessores, e assim como haverá os proes e precalços que da mesma mercê lhe pertencem, e esta mercê lhe faz S. Mag.de com a clausula geral, e nos Registos do dito Alvará nos Livros das Mercês e Chancellaria se porá verbas do contheudo n'esta carta, a qual foi feita a 3 de setembro de 751.

(O Alvará que no principio d'esta Carta vinha en-

que nos seus impedimentos servisse por elle Pedro José de Moura, passando-se-lhe alvará em 14 de fevereiro de 1761.[1]

Além da escrivaninha da Mesa do Consu-

---

corporado, está registado no Livro 8 del Rey D. João 5.º, fl. 480.)

—Houve S. Mag.de por bem conceder faculdade ao dito Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, proprietario de um dos Officios de Escrivão da Meza do Consulado da Sahida e Casa da India para que Pedro José de Moura possa servir o dito officio nos seus impedimentos, de que lhe foi passado Alvará a 14 de Fevereiro de 1761.» *

[1] Eu El Rey, faço saber aos que este meu Alvará virem, que eu hei por bem e me praz conceder faculdade a Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, proprietario de um dos Officios de Escrivão da Meza do Consulado da sahida e Casa da India, para que Pedro José de Moura possa servir o dito officio nos seus empedimentos. Pelo que mando ao Provedor da Casa da India lhe dê posse e juramento dos Santos Evangelhos para que bem e verdadeiramente me sirva, guardando em tudo o meu serviço e ás partes o seu direito, de que se fará assento nas costas d'este, que se cumprirá inteiramente. Sendo passado pela minha Chancellaria, o qual terá força e vigor, posto que seu effeito dure mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do L.º segundo, tit. 39 e quarenta, em contrario; por quanto pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregarão ao Thezoureiro d'elles, a fl. 16 do L.º quarto da sua Receita, e deu fiança a fl. 45, do L.º segundo d'ellas, como constou de hum conhecimento em forma feito pelo Escrivão de seu cargo e assignado por ambos, registado a fl. 228 *v*, do L.º quatorze do Registo geral e roto ao assignar d'elle, que será registado nos Livros de minha Chancellaria e Fazenda, e no dito Consulado. Lisboa, a quatorze de Fevereiro de

---

* Registo das Mercês d'el-rei D. José, vol. 3.º fl. 341.

lado da sahida, trouxe-lhe sua mulher em dote uma quinta nos arredores da villa de Alcacer do Sal, bens rusticos e urbanos, que lhe deram uma desaffogada existencia, mais tarde

---

mil settecentos sessenta e hum annos. = Rey = Antonio Teixeira Alz., Duarte Salter de Mendonça. Martim Teixeira de Carvalho a fez escrever, Manoel de Mattos Felgueiras do Lago a fez. Passado por decreto de Sua Mag.[de] de — de 1760. — Manoel Gomes de Carvalho. — Pagou 540, e aos Officiaes 328 rs. Lisboa, 12 de Março de 1761, e deu fiança a pagar os direitos do Serventuario do tempo que serviu Dom Sebastião Maldonado. = Antonio José de Moura. (*Chancellaria de D. José,* Vol. LXIX, fl. 319 *v.*

No livro da *Folha do Assentamento da Thezouraria da Casa da India do anno de 1754,* fl. 60, vêm:

«A Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, Escrivão do Consulado da sahida da Casa da India; paguei o que lhe pertence na adição da fl. 59, por conhecimento feito no L.º da folha que se queimou, e da dita adição se lhe não deve cousa alguma. Lx.ª 14 de Outubro de 1756. M. Sottomayor.»

E no livro da Folha de 1759:

«E *cincoenta mil reis* a Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, Escrivam do Consulado d'essa Casa, em *parte do seu ordenado* consignados n'ella 50U000

«Reçebeu Pedro Antonio Joaquim Corrêa Graçam, Escrivão do Consulado d'esta Casa da India, do Thezoureiro Bernardo Luiz da Camara Sottomayor, a quantia de quarenta e nove mil duzentos e cincoenta rs. 49U250

Que com setecentos e cincoenta reis que se lhe abate de 4 e $^1/_2$ por 100 pelo que respeita a terça parte do seu ordenado faz aquella de cincoenta mil reis, conteudo na adição acima, e vencida em todo o anno proximo passado de 1759, e de como recebeu a dita quantia do dito Thezoureiro assinou commigo Escri-

perturbada com dispendiosas demandas judiciaes, e muitos fóros no sitio da *Fonte Santa*, em Lisboa, na encosta de Alcantara, onde fez a sua habitual residencia na quinta que ficava contigua ao Convento do Senhor da Boa Morte. [1]

Tendo Garção recebido a mercê do habito

---

vão. Lx.ª 22 de Dezembro de 1760. João Vid. de Miranda.» O autographo de Garção tem o *P* entrelaçado com um *M*, inicial do nome de sua mulher.

Eguaes assentamentos se encontram nos volumes da Folha da Thezouraria da Casa da India de 1760, fl. 58, em que o Garção assigna em data de 29 de janeiro de 1761; e no livro de 1761. (Torre do Tombo.— Devemos este achado ao estudioso official do Archivo Pedro Augusto de Azevedo.)

[1] Transcrevemos aqui uma curiosa Carta de Filippe Corrêa da Silva dirigida a Francisco Xavier de Mendonça, Capitão general e Governador do Grão Pará, na qual se falla no casamento de seu filho e na Quinta da *Fonte Santa*. Tem esta carta, que descobrimos na Collecção Pombalina, o valor de nos mostrar as relações que existiam entre a familia de Sebastião José de Carvalho e a familia de Garção. Segue-se o precioso documento:

« Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Xavier de M.ça Furtado.

Meu am.o e sr. Como disse a V. Ex.ª nesta Secretaria, que nessa Cidade tinha huns parentes de minha mulher, que são homens bem nascidos pela parte que toca a este Reino, e que esperava V. Ex.ª quizesse tomallos na Sua protecção, lhe supplico queira fazer-me a mercê que me prometteu, sendo elles dignos d'ella, e espero que V. Ex.ª mandando chamar meu sobrinho o Beneficiado Bonifacio Caetano dos Santos e os mais, e em tudo o que V. Ex.ª poder contribuir para o seu augmento estimal-o-hei, e ao Sr. Bispo escrevo sobre o mesmo assumpto.

V. Ex.ª sabe muito bem que com o casamento de meu filho, se me seguiu ter a *Quinta da Fonte Santa*

de cavalleiro da Ordem de Christo, seu irmão Luiz Antonio Roberto Corrêa Garção, que era então conego da Sé de Braga, requereu licença para renunciar um padrão da tença de doze mil reis n'este seu irmão, sendo-lhe essa graça concedida por despacho de 15 de fevereiro de 1751,[1] e alvará de 10 de março do

---

junta ao Convento do S.r da Boa Morte, e que necessito de algũas Pranchas e varas para as parreiras, rogo a V. Ex.a queira encommendar a alguma pessoa pelo meu dinheiro ahi compre d'estas duas qualidades até quatro ou cinco duzias, e das varas the 200, e que se carreguem pelos navios, sacando-se letra sobre mim para pagamento do proprio e fretes, e em abzencia a meu filho *Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção,* que promptamente se pagará tudo.

Não deve V. Ex.a poupar-me em tudo o que entenda possa servillo, porque com a mais efficaz vontade lhe heide obedecer, e grande gosto terei na certeza de que V. Ex.a chegou com o melhor successo e saude. D.s g.de a V. Ex.a. Lisboa, 12 de Junho de 1751. O criado de V. Ex.a

Felippe Corrêa da Silva.»

Coll. Pombalina: Cartas de diversos, N.o 632. (Carta 67.) Bibl. nac.

[1] Por Despacho de S. Mg.de de 15 de Fevereiro de 1751:

« El Rey Nosso Senhor, tendo respeito a lhe representar Luiz Antonio Roberto haver sido deferido por Padrão de dous de Novembro de mil settecentos vinte e oito, com doze mil reis de tença effectiva que assentou na Alfandega do Porto, com a antiguidade de vinte e nove de Novembro de mil settecentos e vinte e outo, para os lograr a titulo de habito da Ordem de Christo; cuja mercê não tem tido effeito thé o presente; e por que segue a vida ecclesiastica, achando-se Conego na Sé de Braga, e tem um irmão por nome Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, em quem de-

mesmo anno. Para se lançar ao poeta o habito da Ordem de Christo tinham de se fazer as provanças e habilitações da sua pessoa; elle receando as inquirições de duas avós, a *Delgada* e a *Colorenta*, requereu para que a Mesa da Consciencia e Ordens procedesse a esse inquerito em Lisboa, sua patria, considerando que seu pae, com trinta e outo annos de serviço, e dous tios maternos já estavam habilitados pelo mesmo Tribunal. Feitas

---

sejava se verificasse a referida mercê do habito de Christo, e doze mil reis de tença effectiva; ao que tendo consideração ha por bem conceder-lhe faculdade para renunciar a sobreditta mercê em seu irmão Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, e por haver a referida renuncia em seu irmão Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção se lhe passará Padrão em seu nome dos ditos doze mil reis de tença effectiva, que logrará os titulos do mesmo habito de Christo que lhe tem mandado lançar, e o Padrão acima accusado se rasgará, e em seus registos se porão as verbas necessarias, e á margem do Registo da Portaria do habito que se havia passado ao ditto Luiz Antonio Roberto, fica posta a verba competente, e a propria rasgada n'esta secretaria: Lisboa a dez de Março de mil settecentos cincoenta e hum = Diogo de Mendonça Corte Real. = Em ausencia do Official Mayor José Gonçalves Paz.— Reg.[da] no Livro 10 das Patentes que serve n'esta Secretaria do Estado, a fl. 241 v.»

Em Aviso da Secretaria do Ministerio do Reino de 22 de Abril de 1773, na Relação das Contas e Alvarás que hão de ir ao Registo das Mercês sem embargo de ter passado o tempo prefixo da lei, aponta-se: = Carta do Officio de Carcereiro da Relação do Porto, a Luiz Antonio Roberto Corrêa *da Silva* Garção. = Avisos, vol. 11, fl. 163 v. Este cargo já andava na familia, e sendo incompativel com o de Conego, designa o nome de um sobrinho, que era em 1782 Provedor da comarca do Reino de Algarve.

as provanças, votou a Meza da Consciencia e Ordens em 15 de Julho de 1751: «*que a avó paterna foi mulher humilde, e concubina do avô paterno*» sendo isto impedimento para entrar na Ordem. O rei como grão-mestre conformou-se com este parecer despachando em 5 de agosto de 1751.[1] Garção dirigiu um novo requerimento ao rei,[2] allegando contra o impedimento appresentado, que seu pae e seus tios são Cavalleiros da Ordem de Chris-

---

[1] «Senhor. Foy V. Mag.de servido fazer mercê do habito da Ordem de Christo a Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção; e de suas provanças constou ter as partes pessoaes e limpeza necessaria. Porém *que a avó paterna foi mulher humilde e concubina do avô paterno*, e por este impedimento se julgou não estar capaz de entrar na Ordem, do que se dá conta a V. Magestade como Governador e perpetuo Administrador d'ella, na fórma que dispõem os Definitorios. Lisboa, quinze de Julho de mil setecentos cincoenta e hũ.

Philippe Maciel — Philippe de Abreu Castellobranco — Joseph Rebello do Vadre — José Ferreira da Horta — Manoel da Costa Mimoso — Manoel Ferreira de Lima.»

(Despacho) Está bem. Lisboa, 5 de Agosto de 1751. *(Rubrica real.)*

Convem apontar aqui o que se deu com o tio de Garção, que foi Conego da sé de Braga: Por carta de 13 de Janeiro de 1727 manda-se provêr no habito de Christo por qualquer pessoa ecclesiastica moradora nas Minas Geraes, a Manoel Corrêa da Silva, em satisfação de 8 annos de serviço de seu irmão Philippe Corrêa da Silva, *que os servirá por conta d'esta mercê*, e de ter dispensado S. Mag.de *em não constar da naturalidade de sua avó materna* no logar que se lhe deu por origem.» (Carta por 2 vias, a 13 de Janeiro de 1727.— Mercês de D. João v, Livro 13, fl. 293.)

[2] Diz Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção que V. Mg.de lhe fez mercê do habito da Ordem de Christo, e

to, que elle é cavalleiro fidalgo da casa real e formado na Universidade de Coimbra. Foi de novo consultada a Mesa da Consciencia e Ordens por despacho de 27 de septembro de

---

como para o receber se lhe hão de fazer as habilitações e provanças da sua pessoa na forma das Definições e Estatutos da mesma Ordem, recorre o Supp.[e] á real clemencia de V. Mg.[de] para que seja servido ordenar por seu real Decreto á Meza da Consciencia e Ordens se lhe tirem as Inquirições n'esta côrte como Patria commũa, visto que o Supp.[e] tem seu Pay habilitado pelo mesmo Tribunal na mesma Ordem, e pela parte de sua Mãy se acham tambem habilitados seus dous irmãos José Antonio Garção e Antonio José Garção, e ser na mesma Ordem, e assim o dito seu Pay Felippe Corrêa da Silva, como os ditos dous irmãos de sua Mãy serem familiares do Santo Officio; esperando o Supplicante esta graça por ter a fortuna de seu Pay estar servindo a V. Mag.[de] ha 38 annos na Secretaria de Estado, e hoje Official mayor, que espera merecer a V. Mag.[de] toda a mercê,

P. a V. Mg.[de] lhe faça a mercê dispensar com o Supplicante para que n'esta Côrte como Patria commũa se lhe tirem as Inquirições da sua pessoa, visto que o dito seu Pay se acha habilitado na mesma Ordem, e dous Irmãos de sua mãy, e todos Familiares do Santo Officio, o que V. Mag.[de] tem feito a varias pessoas em quem concorrem estas circumstancias.

E. R. M.[ce]

(Despacho): Veja-se na Meza da Consciencia e Ordens, e com effeito se me consulte o que parecer. Lisboa, vinte e sette de Março de mil sette centos cincoenta e hum.

(Rubrica real.)

1751, a qual na sua conferencia de 20 de Outubro seguinte purgou os impedimentos dos ascendentes anullando-lhe seis annos de serviço.[1] Não valia a pena tentar esforços para

[1] «Snr. Diz Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, Escrivão Proprietario do Consulado da Sahida da Caza da India, que V. Mg.de lhe fez mercê do Habito da Ordem de Christo, e tirando-se-lhe na Mesa da Consciencia e Ordens as inquirições da sua pessoa lhe resultou o impedimento pela parte de sua Avó paterna, e porque o supplicante se acha servindo a V. Mg.de com grande zelo, e o está tambem seu Pay Felippe Corrêa da Silva fazendo ha trinta e outo annos no emprego de Official da Secretaria de Estado, e hoje no lugar de Official mayor da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros e da Guerra; espera o Supplicante que, usando V. Mag.de da sua Real clemencia, e em attenção ao referido acima lhe queira fazer mercê de o mandar haver por habilitado, cuja graça V. Mg.de tem feito a muitos em que não concorrem as circumstancias do Supp.e pois he filho de Cavalleiro já habilitado na mesma Ordem, e pela parte materna seus tios se acham tambem habilitados; accrescendo mais ter V. Mg.de feito a mercê ao Supplicante do Foro de Cavalleiro fidalgo da sua Real Casa, e ser formado na Universidade de Coimbra, pelo que

P. a V. Mag de lhe faça mercê attendendo aos muitos annos de serviço de seu Pay, e aos proprios que está fazendo, e ao mais acima referido, havel-o por habilitado.

E. R. M.cê

(No logar do despacho): Veja-se na Meza da Consciencia e Ordens, e se me consulte o que parecer, sem embargo das ordens em contrario. Lisboa, a vinte e sette de Setembro de mil sette centos e cincoenta e hũ. *(Rubrica real.)*

(No verso da pagina): Consulta a seu favor pelas

obter umas honrarias que começavam por deixarem a descoberto toda a chronica escandalosa de um passado esquecido. Pela Chancellaria da Ordem de Christo foi-lhe mandado lançar o habito em 8 de Junho de 1752, por alvará dirigido ao Prior do Mosteiro de N. S. da Luz, extra-muros de Lisboa.[1]

---

rezoens de sua geração e a o Marquez prezidente parece o mesmo, ficando cassados seis annos de serviço ao Supplicante. Meza, 20 de Outubro de 1751. (Assignados: Marquez de Valença — Philippe de Abreu Castello Branco, — Joseph Rebello do Vadre — Philippe Maciel — Fernando José de Castro — José Ferreira de Horta — Manoel da Costa Mimoso.

(*Despacho*): Como parece á Meza. Bellem 23 de Outubro de 1751.

[1] Dom José etc. Como Governador etc. Faço saber a vós Prior do Mosteiro de N. S.ª da Luz extra-muros d'esta cidade de Lisboa, ou a quem vosso cargo servir que Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção me pediu por mercê que por quanto desejava e tinha devoção de servir a Deus nosso Senhor e a mim, na dita Ordem, houvesse por bem de o receber e mandar provêr do habito d'ella, e antes de lhe fazer mercê de o receber a Ordem, habilitou sua pessoa diante do Prezidente e Deputado do Despacho da Mesa da Consciencia e Ordens e Juiz d'elles, de na forma dos Definitorios e por Eu o assi ordenar por minhas resoluções, e por esperar que na dita Ordem poderá fazer muitos serviços a Deus nosso Senhor e a mim, hei por bem e me praz de o receber á Ordem e por esta vos mando, dou poder e commissão para que lhe lanceis o habito dos noviços d'ella n'esse dito mosteiro, segundo forma das Definições da dita Ordem, e de como assim lhe lançares lhe passareis certidão nas costas d'esta com declaração do dia, mez e anno que dentro de quinze dias remetterão ao Convento de Thomar da mesma Ordem para se assentar no Livro da Matricula dos Cavalleiros noviços d'ella e se guardar na Arca que está depositada para guarda das Cartas dos habitos que os Mes-

E' natural que nos primeiros tempos do seu casamento não podesse Garção frequentar as sessões ou congressos da *Academia dos Occultos;* o trabalho da administração dos bens que lhe trouxera sua mulher, o occupariam forçadamente. Temos d'esta epoca uma lista dos academicos *Occultos* em que o

---

tres e Governadores da Ordem mandam lançar no dito Convento, e o Dom Prior d'elle lhe passará certidão para sua guarda, e esta se cumprirá, sendo passada pela Chancellaria da Ordem. Lisboa, 8 de Junho de 1752 annos. — Rey. —

— Eu El Rey, como Governador, etc. Mando a qualquer Cavalleiro professo da mesma Ordem, a que este meu Alvará for appresentado, que na Santa Igreja Patriarchal ou na Igreja de N. S.ª da Conceição d'esta cidade de Lisboa, armeis Cavalleiro a Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, a quem mando lançar o habito da dita Ordem, e para seus Padrinhos no dito auto ajudarem, mandareis requerer a dous Cavalleiros mais da mesma Ordem o que fareis segundo forma de suas Definições e de como assim o armares Cavalleiro, lhe passareis certidão nas costas d'este, que se cumprirá sendo passado pela Chancellaria da Ordem. Lisboa 8 de Junho de 1752 annos.— Rey.—

Eu El Rei como Governador, etc. Faço saber a vós Prior do Mosteiro de N. S.ª da Luz, extra-muros d'esta cidade de Lisboa, ou a quem vosso cargo servir, que Fr. Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, Cavalleiro noviço da dita Ordem, me enviou a dizer desejava e tinha devoção de viver em toda sua vida e permanecer na Ordem e n'ella queria fazer profissão, houvesse por bem de o admittir a ella, por quanto tinha corrido folha, e vendo Eu sua devoção, e como he pessoa que á dita Ordem e a mim pode bem servir, me praz de o admittir á profissão, e por este vos mando, dou poder e commissão para que o recebaes a elle n'esse dito Mosteiro, segundo forma das Definições da dita Ordem, e de como assim o receberes á profissão lhe passareis Certidão nas costas d'esta, com declara-

seu nome não figura. Importa comtudo descontar a malevolencia do informador.

No Prolegomeno para a boa intelligencia do seu poema *Triumpho da Religião*, já abençoado pelo Papa Benedicto XIV em 1753, Francisco de Pina e de Mello traz uma curiosa noticia da Academia dos *Occultos*, com o catalogo completo dos seus socios; transcrevemos esse trecho importante: «No presente seculo encheram de resplendores o Pindo o Conde de Tarouca João Gomes da Silva, o Marquez de Fronteira D. Fernando de Mascarenhas, o Conde de Valladares D. Carlos de Noronha, o Visconde da Asseca, o Abbade de Sambade Manoel de Sousa Moreira e Gaspar Leitão da Fonseca. [1]

«Merece um logar muito distincto o Conde de Villar-maior Manoel Telles da Silva, não

---

ção do dia, mez e anno, que em termo de quinze dias remetterá ao Convento de Thomar da mesma Ordem para se assentar, no livro da matricula dos Cavalleiros noviços, e em seu titulo se porá verba necessaria, e o seu assignado d'ella se guardará no cofre das Profissões dos Cavalleiros que está no dito Convento, e o Dom Prior della lhe passará certidão para sua guarda, e este se cumprirá, sendo passado pela Chancellaria da Ordem. 8 de junho de 1752 annos, — Rey — Chancellaria da Ordem de Christo, Livro 264, fl. 53 e seg. (Tórre do Tombo.)

[1] «Gaspar Leitão da Fonseca tem composto um Poema do martyrio de Santa Iria, heroina da sua patria, a que deu o titulo de *Ireneidos;* eu o vi na minha primeira edade; e pela pouca lembrança que tenho d'elle não posso fazer juizo do seu merecimento: sei que o mesmo conde da Ericeira o estimava muito.» (Pina e Mello, *Triumpho da Religião*, Prolegomeno, p. XXVI.)

só por cultivar com felicissimo genio a affluencia hereditaria da sua casa; mas pelo egregio patrocinio, que tem dado á poesia com a *Academia dos Occultos* de que se fez Mecenas e Secretario, aonde se ouvem todos os mezes as obras dos maiores engenhos da Côrte, de que produzo o Catalogo, da mesma sorte que me foi communicado:

	Alexandre Antonio de Lima
	Dom Antão de Almada
	Antonio de Brito de Oliveira
	Antonio Carlos de Oliveira
	Antonio José de Mello
O P.e Doutor	Antonio de S. Maria Lobo, *Loio*
O Principal	Antonio de Saldanha de Albuquerque
	Antonio de Saldanha da Gama
O Doutor	Braz José Rebello Leite
O Desembarg.	Carlos José de Mello
O Monsenhor	Fernando Xavier Botelho
	Dom Francisco de Almada
	Francisco de Pina e de Mello
O Monsenhor	Francisco de Saldanha da Gama
	Gastão José da Camara Coutinho
O Doutor	Jacinto da Silva
	Jayme da Silva Telles
	João de Alpoim de Brito
O Doutor	João Manoel da Costa
	João Manoel de Mello
	Dom Joaquim Bernardes
	Joachim Simpliciano do Canto
O Monsenhor	Dom José de Almeida

O P.e Fr. Joseph de Lemos, *Graciano*
José Mascarenhas Pacheco
Dom José Miguel Portugal, *Marquez de Valença*
O Doutor José Teixeira de Magalhães
O P.e Doutor Manoel Joachim de Santa Martha Teixeira, *Loio*
Manoel Telles da Silva, *Conde de Villar-maior*
Marcos José Monteiro
Martinho Corrêa de Sá, *Visconde de Asseca*
Martinho de Mello de Castro
O Monsenhor D. Miguel Lucio Portugal e Castro
Paulo Nogueira de Andrade
Pedro José da Silva Botelho
O P.e Fr. Salvador Corrêa de Sá, *Jeronymo*
Verissimo Manoel de Almeida
O Doutor Vicente da Silva
O P.e Fr. Victorino de Almeida
Dom Urbano José de Mello, *Graciano*

FALECIDOS:

Diogo João de Serpa
O Doutor Francisco Antonio da Silva
Dom Francisco de Portugal, *Marquez de Valença*
O P.e Fr. Manoel da Silveira
José Manoel Penalvo, *deixou de ir á Academia.*» [1]

---

[1] *Triumpho da Religião*, p. v e vi.

Se nos não apparece o nome de Garção n'esta lista de 1753, uma rubrica posta á sua poesia: *Falla do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar uma estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentiu*, traz no manuscripto que pertenceu ao conego Manoel de Figueiredo a seguinte data: «Para a *Academia dos Occultos.* 1754.» [1]

E' um Monologo em verso solto, fórma poetica então pouco empregada. Este assumpto já tinha sido tratado na Academia dos Anonymos, formulado no seguinte thema: «*O Infante D. Pedro, que querendo-se-lhe levantar estatuas pelo seu governo na menoridade de El Rey D. Affonso V, o não quiz.*» [2] Tanto o trabalho appresentado aos Anonymos como aos Occultos deriva da *Chronica de D. Affonso V*, de Ruy de Pina, (p. 287) que se achava ainda inedita. Garção comprehendeu a situação poetica descripta pelo chronista e metrificou essa Falla attribuida ao Infante D. Pedro, sem desenvolver o elemento ideal. A data de 1754 seria fixada intencionalmente? A *Falla do Infante D. Pedro* só

---

[1] *Obras poeticas e oratorias* de Garção, p. 605. Azevedo e Castro transcreve uma interpretação de Camillo: «Pretende aquelle escriptor ter servido de estreia de Garção na dita Academia. Não podia na verdade estreiar com mais brilhantismo.» Pela lista dos socios com que foi inaugurada a Academia em 1745, sabe-se que o poeta era da primitiva.

[2] Foi tratado em uma Oração em prosa, em dous Epigrammas latinos, e um Soneto portuguez. *Progressos academicos dos Anonymos de Lisboa*, p. 190 a 196.

foi impressa depois da morte do poeta; é crivel que das copias que circulassem entre curiosos alguma fosse parar ás regiões, em que o omnipotente poder ministerial se considerasse visado, e ahi lhe parecesse achar uma intenção satirica.[1] E' certo que a poesia de Garção foi um dos ultimos lampejos da vida da *Academia dos Occultos*, na qual elle depositara tantas esperanças na renovação litteraria portugueza: «se a publica dèsgraça não separasse tão util e sabia companhia.» Assim o confessa na Oração recitada em 1758. Essa publica desgraça foi o tremendo terremoto do 1.º de Novembro de 1755.

Muitas são as relações em folha volante do terremoto, mas as descripções pittorescas e profundas d'esse espantoso desastre perderam-se nas conversas familiares, porque já não havia quem soubesse narrar as desgraças com esses toques dos navegadores do seculo XVI que ditaram ou escreveram a *Historia tragico-maritima*. Nas *Recordações* de

---

[1] Attribuiu-se o odio de Pombal a Garção por motivo d'esse Monologo, que, occultada a sua data de 1754, será sempre actual. Garrett colligiu esta tradição «o supposto delicto era pretexto e a causa verdadeira o odio de Pombal pela famosa *Falla do Duque de Coimbra* recusando a Estatua, que o Garção compuzera para fustigar a vaidade com que o Marquez se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro do Paço.» (Garrett, *Um Auto de Gil Vicente*, not. A.) O facto da justificação do poeta pela data da composição, não é incompativel com a intriga e interpretação ulterior dos seus inimigos em 1771, quando o ministro planeava a Estatua equestre; e n'isto é que está a verdade da tradição.

Ratton, vem alguns traços rapidos que se não devem desaproveitar por isso que são *de visu*. Eram nove horas e meia da manhã, do primeiro de Novembro quando Lisboa foi subvertida instantaneamente, estando um tempo claro, sereno e enchuto; o povo apinhara-se nas egrejas para ouvir as missas dos fieis defuntos, quando tudo ali ficou sepultado sob as abobadas. Logo que abateu a nuvem immensa de poeira, levantada do desabamento das casas, raros eram os edificios que permaneciam de pé: «não se ouvindo senão choros, lamentações e córos entoando o *Bemdito*, *Ladainhas*, e *Miserere*. Por fortuna o céo se conservava claro e sereno, e o terreno enchuto; por não ter até então havido chuvas, nem a haver por outo dias mais...» Foi n'esta catastrophe que o pae de Garção morreu nas ruinas de sua casa na freguezia de Santa Justa, [1] a que o poeta allude, preoccupado de uma allusão mythologica:

Afortunado Eneas, que saíste
Da destruida Troia, carregado
Com o pezo feliz do Pae amado;
E assim as leis do sangue bem cumpriste.

Tambem n'essa piedade resististe
Ao decreto fatal do injusto fado;
Se viste o patrio ninho destroçado,
Salvo, quem te deu sêr, ditoso viste.

---

[1] Morava alli em 1753, como se lê na Habilitação de seu filho João Antonio Mamede Corrêa Garção para a Ordem de San Thiago.

Os Penates, os Socios transportaste
Ao Lacio porto, aonde achaste abrigo,
Onde um novo Palladio collocaste.

Eu provei mais cruel fado inimigo,
A Patria vi arder: Tu a salvaste;
Mas eu perdi o Pae, perdi o amigo. [1]

Depois do desabamento seguiu-se o incendio, e pouco depois a depressão do leito do Tejo que produziu uma inundação imprevista. Os ministros de Dom José fugiram de Lisboa, e sómente Sebastião José de Carvalho se manteve no seu posto: «onde, perguntando el rei a Sebastião José de Carvalho o que convinha fazer n'aquelle momento, elle respondeu com muito sangue frio: *Enterrar os mortos, e cuidar dos vivos.*» [2] Esta phrase energica revelou um homem; sem elle, custaria muito a levantarmo-nos do collapso. [3]

---

[1] Soneto LIV, p. 54.

[2] Jacome Ratton, *Recordações*, p. 177.

[3] Em uma carta escripta de Lisboa, com data de 18 de novembro de 1755, dirigida pelo cirurgião Wolfall a um dos membros da Sociedade real de Londres, e que se acha publicada no tomo XLIX das *Philosophicals Transactions,* p. 398, vem os seguintes detalhes:

«No primeiro dia d'este mez pelas nove horas e quarenta minutos da manhã um violentissimo abalo de tremor de terra se fez sentir; pareceu durar pouco mais ou menos *um decimo de minuto*, e n'estes momentos todas as egrejas e conventos da cidade, com o palacio real e a magnifica sala da Opera que lhe estava proxima, desabaram; em uma palavra, não ficou de pé um unico edificio importante; pouco mais ou menos um quarto das casas particulares tiveram egual sorte,

Todos os que puderam fugiram para os arrabaldes de Lisboa; Ratton e muitas familias abarracaram-se no Lumiar; Garção escapara com sua familia porque fixara a residencia na quinta da *Fonte Santa*, onde viveu até ao desastre da sua vida.

Em uma Ode avulsa de Garção ao Conde

---

e segundo um calculo moderado *morreram cerca de trinta mil pessoas*. O espectaculo funesto destes corpos, os gritos, os gemidos dos moribundos meio enterrados nos escombros, nada ha que os descreva . . . mas o numero dos esmagados nas casas e nas ruas não é comparavel ao da gente que ficou sob as ruinas das egrejas, por que era um dia de grande festa e á hora da missa, estando por isso cheissimas . . . duas horas depois do terremoto manifestou-se o fogo em differentes pontos da cidade, occasionado pelo lume das cosinhas que pelo desmoronamento se aproximou de toda a ordem de materias combustiveis. N'esta occasião tambem um vento fortissimo succedeu á calmaria, e ateiou de tal forma o incendio, que no fim de tres dias a cidade estava reduzida a cinzas.— depois do choque, que foi na maré chêa, as ondas subiram quarenta pés mais alto do que até ali se observara, e retiraram-se subitamente . . . sentiram-se ainda até vinte dous abalos differentes desde o primeiro, ainda que nenhum bastante violento para botar abaixo as casas que lhe escaparam. — Outocentas pessoas morreram na cadeia civil, mil e duzentas no Hospital geral; em um grande numero de conventos, que tinham perto de quatro centos frades, não escapou nenhum.»

E em data de 22 de Novembro escreve:

«Na minha ultima carta omitti uma circumstancia essencial, convem a saber, que o tempo da *duração do tremor de terra foi de cinco a sete minutos*. O primeiro abalo foi extremamente curto; succedeu-se-lhe com a rapidez do relampago, dous outros abalos, e faz-se geralmente menção de tres reunidos em um só. Ao meio dia houve ainda um segundo.»

de Oeiras, celebrou o poeta a acção providencial do ministro por occasião do terremoto:

Já o fatal decreto a mão potente,
Justiceira, rubrica;
Procellosos vapores
As convulsas cabeças levantaram;
Abalaram indomitas os muros,
E aos horridos bramidos
Estremeceu a misera Cidade!

Estremeceu a serpe triumphadora,
Que no real escudo
Tantas vezes vôou sobre as profanas
Despedaçadas Luas agarenas.
Silvou espavorida
Nas escamosas azas mal segura;
Tão mudada ficou a natureza!

A pavida Lisboa desgrenhada
Em negra cinsa envolta,
Vendo os reaes castellos
Cahirem-lhe da fronte destroçados,
Em ti, fixou os olhos,
Os olhos em ti poz, illustre Conde!
Em ti que sacrificas
A' publica saude teu cuidado.

. . . .

. . . .

Clamar ouvimos a infeliz Cidade
Aos altos céos erguendo
As mãos enfraquecidas;
Ainda os eccos ouvimos d'estas vozes:
«Se em tuas santas áras
«Puro insenso queimei, senhor, guardae
«O constante ministro,
«O defensor do lusitano Augusto!

Assim afflicta, assim a patria illustre
Por ti ao céo clamava!
Os polos abalaram
C'um tremendo susurro respondendo!
Desceu celeste chamma,
Sobre os destroços dos cahidos templos;
E, recobrada esperança
Agoirou mil venturas de presagio. [1]

---

[1] Conservou-se inedita, pelo resentimento da familia do poeta; está incorporada na edição de 1888, p. 73; publicada pela primeira vez por Camillo no *Curso de Litteratura portugueza,* extrahida dos manuscriptos do Conego Figueiredo.

Em um romance heroico do P.e Manoel de Macedo, acham-se estes bellos traços descriptivos do terremoto de 1755:

Que é d'aquella magnifica cidade?
Aonde está Lisboa? Em vão cuidamos
Que têm duração longa humanas glorias!
Hontem Lisboa, hoje um campo raso.
Um subito tremor a terra abala
Precedido de um rouco estrondo vago;
Ferve o Tejo; chamma voraz se accende,
Cobre o sol grossa nuvem de um ár pardo.
Mortal pavor occupa animos fortes,
Do pobre a casa cae, cae o palacio;
Estalam pedras, montes se desfazem,
Os vossos mesmos templos arrazados!
O mar com furia indomita arremette,
A crespa carneirada vem saltando,
Cáem altos muros ao bater das ondas,
De um sorvo engole a tantos desgraçados!
Todos a voz levantam, todos pedem
Que lhe accudaes em tão temivel caso,
Ao vêr que da mirrada mão da morte
Seu curvo ferro pende ensanguentado. *

---

* Estas estrophes são ineditas, Ms. de *Poesias varias,* p. 146. Catalogo de Innocencio, 1:803.

A impressão produzida na Europa com o horrendo cataclysmo foi immensa, porque o terremoto de Lisboa reflectiu-se em quasi todo o globo com phenomenos extraordinarios. Para Portugal não foi apenas um phenomeno geologico; produzia um abalo moral, que o libertaria da cega credulidade. Portugal estava como um cadaver, sugado pelo vampirismo das ordens monachaes, que o exploravam pelo mais abusivo poder espiritual, e por uma desenvolta aristocracia que fruía os mais parasiticos privilegios. Era preciso que este cadaver, ou antes este povo morto para a dignidade, recebesse uma convulsão galvanica para o arrancar do marasmo a que o submettera uma dynastia que só tratava de si. D'esta convulsão material surgiu um homem — Sebastião José de Carvalho, que tratou de realisar pela força o que se não tinha alcançado pela evolução. Tambem na Europa o seculo XVIII ia entrar na phase das grandes audacias. O philosopho Kant, que tanto se interessou por esse cataclysmo moral denominado Revolução franceza, preoccupou-se altamente com o terremoto de 1755, sendo levado a construir uma vasta synthese physica das causas efficientes, [1] que antecedeu a concepção do *Systema do Mundo* de Laplace, e que se confirma com as doutrinas dynamicas de hoje. No meio das ironias com que Voltaire minava as instituições persistentes do feudalismo, lagrimas sinceras lhe irromperam dos olhos quando recebeu a noticia do terremoto

[1] Obras, t. VI, *Dissert.*

de Lisboa. Michelet interpreta essa profunda sensibilidade: «Bello momento, em que surprehendendo Voltaire com os olhos rasos de lagrimas, e não vendo o céo... Por isso que é mais do que Lisboa, é o mundo que se desmorona. A religião, e o estado, os costumes e as leis, tudo perece...»[1] Na carta que um cirurgião inglez escrevia para um membro da Royal Institution, descrevendo o terremoto, lê-se: «O palacio do Rei, na cidade, desmoronou-se ao primeiro abalo; mas os habitantes da terra affirmam que o edificio da Inquisição é que foi o primeiro derrubado.» E effectivamente foram os dous Poderes temporal e espiritual que se acharam envolvidos na explosão temporal do fim do seculo XVIII.

§ II. Garção e o quinquennio da Arcadia

Ainda se citava com intuito honorifico o titulo de academico do numero da *Academia real da Historia portugueza*, e da de bellas letras dos *Occultos* de Lisboa,[2] quando em

---

[1] *Histoire de la Revolution française*, t. I, p. XCII.

[2] Na Gazeta de Lisboa, n.º 36, de 9 de septembro de 1756, dando-se conta do despacho para desembargador da Casa da Supplicação de José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello por decreto de 25 de agosto d'esse anno, aponta-se como distinctivos do agraciado (infamissimo Juiz da Alçada do Porto) o ser academico de numero da Academia real da Historia portugueza e da de bellas lettras dos *Occultos* de Lisboa.— Na Gazeta de 15 de dezembro de 1757, o titulo de Arcade de Roma é ainda uma alta distincção de Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza.

meado do anno de 1756 alguns jovens bachareis tiveram a ideia da fundação de uma Sociedade de Eloquencia e Poesia, que denominaram *Arcadia lusitana.* Parecia extemporanea a empreza, e inviavel attendendo á depressão do meio social; mas os iniciadores eram nòvos, com pouco mais de vinte e cinco annos, recentemente chegados de Coimbra e ainda quentes das expansões poeticas d'aquella mocidade entre a qual pouco antes tinham figurado Garção e Manoel de Figueiredo, e ainda alli convivido com Durão e Claudio Manoel da Costa. Apesar de se apresentarem á leitura do Desembargo do Paço, esses tres bachareis não se resignaram a abandonar a poesia, tentando continuar o espirito de renovação litteraria encetado na vasta polemica do *Verdadeiro Methodo de estudar* em 1745, reagindo com todo o seu enthusiasmo contra o seiscentismo dominante. Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manoel Nicoláo Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho, encontraram-se em Lisboa com o mesmo enthusiasmo dos dias alegres de Coimbra, e elles tres acharam-se de accordo para o estabelecimento de uma *Arcadia* poetica. Dirigiram-se a alguns amigos cujo espirito de renovação litteraria se tinha manifestado, e fizeram a primeira reunião preparatoria em 11 de Março de 1756. [1] Era preciso assentar as bases d'es-

---

[1] Este facto sempre indeterminado, prova-se pela *Oração de Ismeno Cisalpino, em 11 de Março de 1758 por occasião de contar a dita Arcadia dous annos depois do seu estabelecimento.* Ms. da Bibl. de Evora, Catalogo, t. II, p. 30.

sa corporação que visava especialmente á cultura da Eloquencia e da Poesia, sendo este trabalho delegado expressamente a Diniz e Negrão; reuniram-se os dois em 15 de Agosto de 1756,[1] concordando em que funccionando a *Academia real da Historia portugueza*, cuja Oração inaugural depois do terremoto recitara o Conde de San Lourenço, convinha completar a empreza da erudição cuja divisa era *Restituet omnia*, com uma Sociedade propriamente de bellas-letras, que tratando de manter as normas do bom gosto pela critica tivesse como divisa *Inutilia truncat.* Esta relação intima com a Academia da Historia deduz-se das similaridades dos seus Estatutos.[2]

Passado um mez, reuniram-se os tres poetas em Bemfica, e ahi em 23 de Septembro de 1756 fez Diniz a primeira leitura do projecto de Estatutos,[3] que eram precedidos de

---

[1] Ramos Coelho, na sua edição do *Hyssope*, fixa a inauguração da Arcadia, isto é os primeiros passos para a sua fundação em 15 de Agosto de 1756. (*Hyssope*, ed. 1879, p. 9.)

[2] Como esta Academia, a Arcadia tambem estava sob o patrocinio da Conceição da Virgem, em cujo dia se fazia a eleição dos cargos de Director e Censores; como ella, tambem tinha duas sessões publicas. D'estes factos proveiu o equivoco de considerar-se que os Estatutos da Arcadia serviram de base para a fundação da Academia das Sciencias em 1779.

[3] Prova-se pelo cabeçalho dos mesmos Estatutos; a data precisa do dia do mez foi encontrada nos manuscriptos autographos de Diniz, pelo sr. Ramos Coelho, que os consultou quando estavam em poder do falecido proprietario José Gregorio da Silva Barbosa. Em uma

um preambulo ou *Discurso sobre a utilidade das Associações litterarias.* No emtanto decorreram dez mezes até á inauguração da Arcadia, em 19 de Julho de 1757, em que se celebrou a primeira Conferencia, e na qual foram jurados os Estatutos.[1] Esses dez mezes de laboriosa gestação indicam que houve obices a vencer, sobretudo para salvaguardar a organisação da *Arcadia lusitana* do elemento seiscentista, que se impunha ao publico por celebrados poetas como Francisco de Pina e Mello, Francisco Botelho de Moraes e José Freire de Montarroyo Mascarenhas, que eram então muito admirados. Os nomes dos primeiros socios da Arcadia revelam a escolha e intenção que presidiu áquelle agrupamento litterario. Antonio Diniz da Cruz e Silva, que já nos seus ensaios poeticos de Coimbra em 1750 usava do nome arcádico de Elpino, era o mais enthusiasta; aos accidentes da sua vida andou sempre ligada a existencia da *Arcadia lusitana*, e por tanto os principaes esforços para a organisação d'ella foram-lhe devidos. Theotonio Gomes de Carvalho pela sua importancia pessoal e relações com a aristocracia foi logo escolhido para Presidente, e para Secretario perpetuo Manoel Nicoláo Es-

---

nota do P.e João Baptista de Castro sobre as Academias, vem no fim do catalogo:

« Arcades, em Lisboa, — 1756.»

Ms. N.º 522. (Bibl. nac.)

[1] Aragão Morato, *Mem.*, p. 65. Confirma-o Elpino.

teves Negrão pelo facto de ser um dos iniciadores.

Da Academia dos *Occultos* foi chamado Pedro Antonio Corrêa Garção, tambem novo, com trinta e tres annos de edade mas já considerado pelo seu gosto litterario e conhecimento dos escriptores classicos latinos e francezes. Pode-se dizer que foi o alicerce em que se firmou a Arcadia, pela auctoridade que todos espontaneamente lhe reconheceram. Por via d'elle filiou-se na Arcadia Manoel de Figueiredo, que confessa no seu *Discurso VIII:* «Erigiu-se a Arcadia de Lisboa, todos sabem quanto custou a meu amigo P. A. G. (Pedro Antonio Garção) reduzir-me para fazer numero a entrar n'aquelle digno ajuntamento, e ninguem ignora que fui um dos primeiros que dissertaram, como tambem que a poesia dramatica era a em que eu tinha feito algum estudo, pois li seis Discursos sobre a Comedia e alli apresentei um *Edipo* . . .» [1]

Tambem se deve attribuir a Garção o ser convidado um modesto cabelleireiro, Domingos dos Reis Quita, cujo talento poetico recentemente se revelara, publicando em 1756 uma *Sylva no lamentavel Terremoto* dedicada ao Conde de San Lourenço; a amisade que existia entre este erudito fidalgo e Garção, em certo modo nos explica o interesse que começou a ligar ao Cabelleireiro da Travessa do Pastelleiro, cuja presença na Arcadia era chasqueada pelo poeta seiscentista Pina e Mello. Da Academia dos *Occultos*

---

[1] *Obras posthumas*, P. II, p. 210.

tambem transitou para a *Arcadia* Luiz Corrêa da França, o nestor das Academias poeticas, que chegou até á *Nova Arcadia* e a receber os golpes satiricos do genio de Bocage.

Como em 1739 José Xavier de Valladares e Sousa publicára uma analyse critica de uma Sylva composta por Caetano da Silva Soutomayor (o *Camões do Rocio*) em um opusculo intitulado *Exame critico de uma Sylva poetica feita á morte da Seren. Sr.ª Infanta D. Francisca*, entendeu-se que o seu nome significava um protesto contra o seiscentismo, e foi chamado para a Arcadia. Referindo-se aos esforços feitos no reinado de D. João V para a restauração das bellas-letras, Garção chama essa iniciativa para o seu consocio: «Devemos alegrar-nos de ser incontestavel que o primeiro documento em que podemos fixar a época d'esta restauração é o papel critico que compoz e imprimiu o arcade *Sincero Jerabricense*. E' verdade que alguns espiritos mais fortes tentaram esta empreza ainda hoje ardua, e então impossivel; mas, como nas primeiras escholas reinava certo espirito de opinião, que soberbamente sustentava o espirito do *máo gosto*, o *Verdadeiro methodo* ou se não conhecia ou se desprezava.» [1] A referencia indirecta á polemica de Verney tambem nos revela o espirito com que foram convidados para a Arcadia os oratorianos

---

[1] *Obras poeticas e oratorias* de Garção, p. 551. Citamos sempre a edição de Roma de 1888, embora hoje prejudicada pela descoberta de muitas composições ineditas do poeta.

Francisco José Freire e P.e Joaquim de Foyos, por isso que a Congregação do Oratorio do Espirito Santo foi a que directamente cooperou nas reformas pedagogicas, quando aos Jesuitas se retirou o monopolio da instrucção publica. Francisco José Freire *(Candido Lusitano)* era um dos mais intimos amigos de Garção, e já se tinha anteriormente manifestado com esse nome arcadico na questão do *Verdadeiro Methodo de estudar* no folheto publicado em Lisboa em 1751 com o titulo *Illustração critica a uma Carta que um Fidalgo de Hespanha escreveu á côrte de Lisboa ácerca de certos Elogios lapidares.* Autor *Candido Lusitano.*» A sua *Arte Poetica* fora publicada em 1748; tinha as suas provas dadas. No mesmo espirito de reforma se achava o P.e José Caetano de Mesquita, um dos professores que veiu a cooperar nas transformações pedagogicas pombalinas; Garção falla d'elle com admiração enthusiastica: «O profundo conhecimento da arte de orar; a pureza e energia da phrase; a sublimidade dos pensamentos, a boa ordem, a vasta erudição do nosso sabio pastor *Metalesio Klasmeno*, não são estes talentos uma das mais solidas columnas em que se apoia, e em que descansa a gloria e a honra da Arcadia?» [1] Nas discussões doutrinarias da Arcadia acharam-se sempre de accordo Garção e José Caetano de Mesquita, como se vê por esta affirmação de Morato: «Garção e José Caetano de Mesquita, deslumbrados sem duvida pelo falso luzen-

---

[1] *Obr. poeticas*, p. 488.

te dos argumentos que haviam lido no *Verdadeiro methodo de estudar*, quizeram desterrar do Parnaso as fabulosas Divindades, mas Antonio Diniz tomou a si combater nervosamente esta opinião.» [1] Vendo a lista dos nomes arcádicos não se encontra o de nenhum poeta ou rhetorico jesuita; pelo contrario a *Arcadia lusitana* celebra algumas reuniões publicas na Livraria dos Congregados de Nossa Senhora das Necessidades. A animadversão contra a *Arcadia lusitana* contentava-se de apodar os seus poetas como gente nova, sem auctoridade; e lançavam vaticinios pessimistas sobre a sua ephemera duração, que não iria além de dias. O enthusiasta Manoel de Figueiredo, na sua Satira II, escreve contra estas apprehensões:

> Olha a Velhice,
> Que fiada nas brancas e nas rugas
> Queria levantar-se c'os respeitos
> Dirigidos á sabia Antiguidade,
> Que figura ridicula parece
> A' vista da robusta Mocidade?
> Olha o maldito agouro já pisado
> Pela altiva constancia; . . .

E em nota ao penultimo verso accrescenta: «Todos assentaram que a *Arcadia* duraria quatro dias, quando muito.» [2] A intransigencia litteraria não foi tão rigorosa que não

---

[1] *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa.*

[2] *Obras postumas,* t. I, p. 86.

entrasse na Arcadia um representante do gosto seiscentista, o conego regrante D. Joaquim de Santa Anna Bernardes, auctor das satiras anonymas *El Duende de Madrid*, e sobrinho do afamado escriptor ascetico P.e Manoel Bernardes. As dissidencias internas que logo ao seu segundo anno soffreu a Arcadia, e se acham consignadas em referencias de Discursos e poesias, provieram d'estes antagonismos litterarios diante da critica dos Censores academicos. A severidade adoptada obrigava a um impenetravel segredo dos juizos criticos apresentados nas Conferencias, até ao ponto de exclusão d'aquelles socios que os revelassem; d'aqui o ter-se sempre mantido absoluta reserva sobre os livros da escripturação da *Arcadia lusitana*, e o desconhecimento de documentos directos por onde se fundamente a sua marcha historica.

Pelos Estatutos da Arcadia se sabe que existiram os seguintes livros: 1.º Contendo o texto dos Estatutos jurados, e em seguida a lista dos Socios; 2.º As Conferencias publicas e particulares, contendo as Orações dos Presidentes, as Dissertações lidas pelos Arbitros, e as composições poeticas recitadas pelos Arcades no Menalo e em outras assembleias; 3.º As Censuras, as Apologias, resoluções e pareceres sobre algumas duvidas, e ainda a correspondencia. Conservavam-se estes livros em poder do secretario perpetuo Manoel Nicoláo Esteves Negrão, que chegou ao alto cargo de Chanceler-mór do reino e sobreviveu até 1805; porém nunca os communicou a ninguem, porque o pouco que se sabe da *Arcadia lusitana* deriva de outras fontes, e essas

noticias são desordenadas,[1] e sempre hypothetico o catalogo dos seus socios.

Pela leitura das obras impressas dos principaes arcades, como Garção, Diniz, Manoel de Figueiredo e Quita, pelas Orações e Discursos lidos nas suas assembléas, por folhas avulsas, cartas ineditas e satiras que lográmos vêr, conseguimos recompôr o contheudo dos Documentos da Arcadia, e por esta coordenação chronologica estabelecer as phases accidentadas da sua historia. Assistiremos á lu-

---

[1] Erradamente se lhe dá o titulo de *Arcadia Ulyssiponense*, *Arcadia de Lisboa* e *Arcadia portugueza;* todas as referencias coévas, denominam-a *Arcadia lusitana.*

Os subsidios até hoje consultados têm sido:

1 *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa*, por Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato, lida em 1818 na Academia real das Sciencias. (*Historia e Memorias* da Acad. Tomo VI, P. 1.ª p. 57.) Parece ter consultado Negrão, e aproveita noticias communicadas pelo conego da sé de Coimbra Manoel de Figueiredo, que possuia ineditos de Garção e autographos de Diniz. Sobre os manuscriptos de Diniz fez o illustre academico a edição das Poesias de Elpino, (*Mem.* cit., p. 70.) Transcreveu o summario dos Estatutos da Arcadia «plano que ainda hoje existe (1819) originalmente escripto pela sua penna . . .» E em nota accrescenta: «Em poder do Sr. Manoel de Figueiredo, conego da sé de Coimbra.» (*Mem.*, p. 62.) E alludindo a duas Dissertações de Diniz respondendo a Garção e José Caetano de Mesquita, declara: «Estas duas obras existem Ms. em poder do Snr. Manoel de Figueiredo.» (p. 66.) D'esta memoria de Aragão Morato provêm todos os apanhados sobre a Arcadia lusitana cada vez mais diluidos e confundidos.

2 *Jornal de Coimbra*, de 1820, P. II, n.º LXXXVIII, artigo XIV, traz os Estatutos da Arcadia lusitana da re-

cta contra o elemento seiscentista, que tanto embaraçou a união dos Arcades; ao enfraquecimento da vida intellectual da sociedade e á sua restauração; aos conflictos com outros poetas dissidentes que se envolveram em um prolongado tiroteio de satiras pessoaes denominado a *Guerra dos Poetas;* e por fim á morte e dispersão dos árcades de mais talento, apagando-se insensivelmente aquella generosa empreza. Incorporamos n'esta narrati-

---

dacção de Diniz, que possuia o Conego Figueiredo. Este Jornal fora fundado pelos Drs. José Feliciano de Castilho, Angelo Ferreira Diniz, e Jeronymo Joaquim de Figueiredo, sobrinho do conego que tambem possuia composições ineditas de Garção.

3 No *Ramalhete* de 1840 a 1844 José Maria da Costa e Silva em algumas biographias de árcades collige vagas tradições, de pouco valor.

4 No *Panorama,* vol. IX, p. 330, 346 e 355, artigos de L. A. Rebello da Silva sobre Poetas da Arcadia com amplificações rhetoricas, sem criterio da historia litteraria. Foram depois reproduzidos com o titulo *A Arcadia portugueza* com mais rhetorica nos *Annaes das Sciencias e das Letras*, n.º 2, 3 e 4.º

5 No *Diccionario bibliographico*, espalha Innocencio noticias desconnexas sobre alguns árcades; e no *Archivo pittoresco* um estudo sobre a formação do poema *O Hyssope.*

6 Camillo Castello Branco, no *Curso de Litteratura portugueza,* a pag. 165, traz uma noticia sobre a *Arcadia Ullyssiponense*, aproveitando os manuscriptos do Conego Figueiredo, na relação da Arcadia com a *Academia dos Occultos.*

7 Ramos Coelho na edição do *Hyssope* de Diniz de 1879, ainda aproveita os autographos do poeta, e fixa as datas das suas ausencias de Lisboa, que tanto influiram na decadencia da Arcadia; tambem percorreu com vantagem as Gazetas de Lisboa de 1759 e 1760, que noticiam algumas sessões publicas.

va o documento fundamental e organico, colhido dos autographos de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tal como anda no *Jornal de Coimbra*:

A) **Projecto para o estabelecimento de uma nova Academia, que com o nome de Arcadia se pretende fundar n'esta corte de Lisboa, em Septembro do presente anno de 1756.**

«Depois que a desobediencia nos privou da incomparavel felicidade de sermos sabios sem o trabalho da applicação; e nos foi preciso para adquirirmos alguma pequena parte do feliz e amplo conhecimento de que Deus dotara a Adão, não só o consummir muitos e muitos annos em continuas vigilias, ora na lição dos livros ora em profundas meditações: mas o passar a extranhos climas, examinar novas e distantes provincias, contemplar usos, costumes, qualidades, producções de paizes barbaros e remotos,[1] n'uma palavra, gastar toda a vida (ainda que em uteis) em laboriosas fadigas. Começaram os homens, a quem o natural desejo que todos tem de ser sabios, fazia supportar com paciencia tantos incommodos, a buscar caminhos pelos quaes mais facilmente podessem chegar ao fim que tanto desejavam.

Varios foram os meios (como nenhum dos eruditos ignora) que o engenho humano tem descoberto para se alcançarem com menos trabalho e mais proveito as

---

[1] Dos antigos Platão, Solon, Pythagoras, Apollonio, e outros muitos, que apontam as Historias, como os eruditos não ignoram, fizeram grandes viagens e discorreram por climas extranhos, e paizes muito distantes para alcançarem a Sciencia porque tanto foram e são respeitados. Dos modernos com o mesmo fim passaram ás Indias orientaes e Occidentaes M... E por concluirmos com um exemplo de casa: não sei se nas obras do nosso Camões brilhára tanta erudição, tantas maximas e tanto juizo, se a sua desgraça o não conduzisse aonde a muitos dos nomeados levou o amor das Sciencias.

Sciencias; mas nenhum tão expedito como a instituição das Academias: e com effeito ninguem se atreverá a negar, que n'ellas felizmente se encontram as melhores disposições para se conseguir uma profunda, prompta e cabal instrucção. A mesma diversidade de genios, methodo e estudos de seus alumnos, que á primeira vista tão contraria parece a este projecto, é o meio mais proprio e conducente para a sua felicidade; pois inflammando-se todos na virtuosa emulação de se adiantarem e distinguirem pelos seus progressos: trabalham com tanta efficacia e actividade (cada um conforme a sua esfera, gostos e condição) que vem por este modo a descobrir verdades que nunca imaginaram.

Outra razão ainda mais forte prova a grande utilidade d'estes Congressos. Todos conhecem, que o discurso de um só homem, por maior que seja, não pode applicar-se juntamente ao grande numero de objectos que a Natureza, Artes e Sciencias lhe estão offerecendo: muitos dos quaes foram por muitos annos emprego das applicações dos maiores sabios, que hoje veneramos, para d'elles poderem apenas formar uma clara e mal distincta ideia. Para vencer este obstaculo é o unico arbitrio a reunião dos Sabios n'um corpo, cujos membros applicando-se ao mesmo tempo (não só na mesma cidade, reino ou provincia, mas muitas vezes nas partes mais distantes do mundo) a diversas materias, e communicando depois as suas fadigas litterarias, vem por este modo a supprir a limitada esphera dos nossos entendimentos e a possuir conhecimentos, que de outra forma tarde ou nunca se alcançariam.

Para confirmação d'este pensamento basta contemplar o grande augmento que tem tido as Artes e Sciencias depois que entraram a florecer as Academias. Que progressos não tem feito a Poesia, depois que os sabios de Florença fundaram n'esta Cidade a Academia chamada *Florentina?* Que não deve a lingua italiana á *Academia de La Crusca*, fundada em Florença pelos annos de 1584 por Salviati, e outros sabios da Florentina? A que ponto de perfeição não tem chegado o bom gosto, e delicadeza das composições depois que em Paris se erigiu a *Academia das Inscripções e Bellas Lettras?*

Que descobrimentos se não tem feito na Natureza! Que de cousas não sabemos, que até então ignoravamos! E que de augmentos não tem recebido a Logica,

a Physica, a Pneumatologia, a Ontologia, a Jurisprudencia natural, e mais partes da Philosophia; o estudo das Mathematicas, a Medicina, a Escultura, a Pintura, e as outras Artes e Sciencias da *Academia del Cimento,* fundada por Leopoldo de Medicis em 1651; da *Regia Sociedade de Londres,* transportada da Cidade de Osconia para esta côrte no anno de 1660 por Carlos II; da *Academia real das Sciencias,* erigida na Côrte de Paris pelo grande Luiz XIV, no anno de 1656; da *Academia de San Fernando,* ou *das trez Artes liberaes,* estabelecida na côrte de Madrid no anno de 1752, e protegida e honrada com distinctas demonstrações por El Rei Catholico! E finalmente, por não sairmos do nosso Portugal, que luzes não tem recebido a Historia, depois que o sempre Magnifico e Fidelissimo Rei Dom João o V, de saudosa memoria, formou na côrte de Lisboa a *Academia real da Historia portugueza!* [1]

---

[1] A estas se pode acrescentar a dos *Curiosos da Natureza,* confirmada na côrte de Vienna em 1687 pelo Imperador Leopoldo; a de *Berlim,* fundada n'esta côrte por Frederico I, Rei da Prussia, nos principios d'este, a instancias de Guilhelmo Godofredo, Barão de Leibnitz, um dos maiores escriptores dos nossos tempos; a de Petersbourgo, que deve a sua origem no anno de 1723 a Pedro I, e a sua ultima perfeição á Imperatriz Catharina em 1725; a *Regia Sociedade de Suecia,* em Stockolmo, no reinado de Frederico, principe da Casa de Hesse-Cassel; a *Regia Sociedade de Sevilha,* a da *Academia real da Historia* de Madrid; a *Sociedade das Sciencias de Gottinga,* fundada em 1751, debaixo dos auspicios de Sua Magestade Britanica pelo cuidado e zelo de M. Gerard Adolphe de Munch-Houren, Conselheiro aulico de Sua Magestade, Presidente da Camara Eleitoral de Hanover, e Curador da Universidade de Gottinga; a dos Sabios de Leipsick, e finalmente a da *Historia Ecclesiastica e Ritos,* fundada no Convento dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho da Cidade de Coimbra este presente anno de 1756: com a occasião de duas Cadeiras de Historia e Ritos, que o Santissimo Padre Benedicto XIV lhe concedeu: fóra outras muitas que omittimos por não fazer catalogo e ostentar erudição.

Estas considerações, que todas provam evidentemente a grande utilidade d'estas Assembléas, e o grande desejo que temos de vêr renascida em Portugal aquella aurea simplicidade, bom gosto e delicadeza, que já viu florecer nos escriptos dos seus Autores do seculo XVI (que para Portugal é o seculo de ouro)[1] nos moveu a fundar n'esta Côrte um erudito Congresso, debaixo das seguintes leis:

CAPITULO I

Chamar-se-ha a esta nova Academia — ARCADIA — e o logar das suas conferencias o monte *Ménalo*, bastantemente celebrado das frautas dos Pastores. Os seus alumnos se fingirão Arcades, e escolherá cada um nome e sobrenome de pastor adequado a esta ficção, para por elle ser conhecido e nomeado em todos os exercicios, e funcções da Arcadia.

CAPITULO II

Um meio braço pegando em um podão com a epigraphe — *Inutilia truncat* — será a empreza da Arcadia; por ser este o instrumento com que os agricultores cortam das arvores os ramos secos e viciosos: e o emprego da Arcadia examinar com uma exacta critica as obras dos seus Pastores, e separar o bom do defeituoso. Esta empreza se conservará gravada no logar das Conferencias e no sêllo do Secretario, o qual terá de mais na sua circumferencia esta inscripção — *Sigillum Moenali Pastorum.*

---

[1] Taes foram na Poesia Henrique Caiado, de quem fez tanta estimação o summo pontifice e grande poeta Alexandre, que mandou as suas obras, impressas em Bolonha, a Nicoláu Antonio, para d'elle fazer honorifica lembrança, Balthazar Estaço, Francisco de Sá e Miranda, Bernardim Ribeiro, a quem Camões chamára o seu Ennio, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes e outros muitos. Nas mais Artes e Sciencias, João de Barros, Duarte Nunes, Ayres Barbosa, Francisco Sanches, Achilles Estaço, e outros infinitos.

CAPITULO III

A divisa que trarão os Árcades nos dias das Conferencias será um lirio, no qual mysticamente se figura a Virgem Senhora Nossa, que a Arcadia toma immediatamente por sua Protectora com o titulo da Conceição, em cujo dia haverá sempre uma Sessão, e n'ella serão todos os Arcades obrigados a repetir composições em louvor d'este mysterio.

CAPITULO IV

A instrucção e o verdadeiro gosto da Poesia é o fim a que aspira este Congresso. A união dos seus Socios, a base em que se funda a sua duração e feliz augmento: para este effeito se observará entre todos os Árcades uma inalteravel modestia e decencia nas acções, crizes e apologias, não se admittindo nas horas da Conferencia argumento algum ou palavra picante, como tambem nos escriptos: por serem semelhantes desordens, além de contrarias á singeleza e trato de uma civil e scientifica Sociedade, a sua total ruina.

CAPITULO V

Destinar-se-ha um dia em todos os mezes para as Conferencias, ás quaes assistirão todos os Arcades. N'ellas haverá um *Presidente*, dous *Arbitros*, e dous *Censores*, cujos empregos exercitarão todos os Arcades, por querer a Arcadia mostrar a igualdade e justiça com que procede com todos os seus pastores.

Do numero dos Arcades haverá mais um *Secretario*, sujeito que tenha todas as qualidades e circumstancias para exercer um tão laborioso e distincto emprego, o qual será perpetuo e independente da sorte.

E porque em algumas occasiões poderá este achar-se impedido, ou exercendo algum dos outros empregos, em semelhantes casos para supprir as suas obrigações haverá um *vice-Secretario*.

Haverá mais o emprego de *Guarda da Arcadia*, o qual exercerá o Arcade assistente no logar das Conferencias: e porque poderá succeder que em algum tempo mude de sitio a Arcadia, em qualquer que esta existir conservará o Arcade o mesmo titulo e a mesma

obrigação. Havendo por acertado que por uma só vez e por eleição se façam os tres empregos.

Além das Conferencias ordinarias, haverá uma extraordinaria, a qual será, ou a que se celebrar á Conceição, ou outra, que hade haver em uma das Oitavas do Natal, para festejar a infinita bondade com que Deus foi Servido descer do Céo á terra e fazer-se homem para nos livrar do cativeiro de nossas culpas. Advertindo, que na Conferencia extraordinaria não exercitarão os Censores e Arbitros os seus empregos, nem se repetirão mais do que hymnos e louvores do mysterio que se festejar.

CAPITULO VI

O Presidente será obrigado a repetir um Discurso, cuja materia será ao seu arbitrio, excepto nas festividades da Conceição e Natal, em que se observará o que se determina sobre os assumptos no Cap. II e Cap. V.

Terá o Presidente na sua Conferencia voto decisivo todas as vezes que os Arbitros se não conformarem nos seus pareceres, ouvindo primeiro as razões com que cada um autoriza os seus votos. E se julgar conveniente poderá mandar aos mais Arcades, que digam a sua opinião sobre os pontos em disputa, e d'esta sorte fazer maior reflexão, e segurar com maduro exame a sua sentença.

Poderá propôr todas as materias, que entender necessitam de exame, ou para que na mesma Conferencia se ventilem, e se resolva o que parecer melhor com a pluralidade de votos, ou para que os Arbitros façam sobre ellas as suas Dissertações, parecendo á Arcadia que necessitam de maior consideração.

Dará o juramento aos Arcades, que de novo entrarem; na sua presença e na dos Arbitros, abrirá o Secretario o escrutinio, e a elle pertencerá o tirar do vaso as sortes para as eleições dos empregos; emfim terá n'esse dia toda a direcção da Conferencia e dominio da Arcadia.

CAPITULO VII

Os Arbitros serão obrigados a formar uma Dissertação sobre a critica e bom gosto das Bellas-Lettras, no caso que não occorra algum ponto que pareça con-

veniente disputar-se; porque n'este caso serão obrigados a ligar-se ao assumpto, que lhes fôr ordenado.

No fim da Conferencia examinarão alternativamente as censuras das obras e as suas respostas, e sobre ellas inflammados no espirito da verdade darão ambos o seu parecer: e porque succederá muitas vezes não concordarem no mesmo juizo, em tal caso serão obrigados a expôr as razões porque assim o julgam, para que e Presidente decida.

A elles compete o determinar as emendas e fazer que na mesma Conferencia e na sua presença se executem, e entregar as obras depois de purificadas, ao Secretario, para que este lhes ponha o sello.

CAPITULO VIII

Adverte-se, que as censuras que se fizerem ás obras do Presidente e dos Arbitros, não serão examinadas na Conferencia em que elles tiverem emprego, não só pela decencia do logar que occupam, mas por não virem a ser juizes em causa propria.

Tambem a Oração do Presidente e as Dissertações dos Arbitros não poderão exceder duas folhas de papel escritas de lettra ordinaria, por se evitar d'esta sorte a prolixidade.

CAPITULO IX

A Arcadia querendo conseguir o fim para que se institue, que é a instrucção dos seus Alumnos, e considerando que os meios mais proporcionados á felicidade d'este designio são as dissertações criticas, todas as vezes que estas são dictadas por um espirito sincero e desejoso de descobrir a verdade, e tomando n'esta parte o conselho de um tão grande critico como Horacio [1] julga por bem criar dois Censores, cujo emprego (por mostrar a sua imparcialidade e igual conceito que for-

---

[1] Si quid tamen olim
Scripseris, in Metti descendat judicis aures
Et patris, et nostris.

HORAT., in *Poet.*, v. 358 et seqq.

ma dos seus Arcades) ordena que todos exercitem, como já se advertiu no Cap. 5.º.

Os sobreditos Censores tendo na consideração os versos [1] em que Horacio lhes adverte as suas obrigações, examinarão livres de toda a preoccupação, e guiados de um sincero desejo de aproveitar a si e aos companheiros, com toda a diligencia e exacção as obras que se entregarem á sua critica: e sobre ellas escreverão livremente o seu juizo, sem que lhes sirva de soborno ou estimulo a lisonja ou emulação, e depois as remetterão ao Secretario para este dispôr d'ellas como se lhes determina no seu formulario. Adverte-se que os Censores serão obrigados a deixar tempo bastante (o qual será ao menos de dez dias) para que os Autores das obras censuradas possam responder ás suas censuras. [2]

CAPITULO X

O Secretario terá obrigação de dar principio aos exercicios academicos em todos os annos com um Discurso, cujo objecto será louvar a instituição e leis da

---

[1] Vir bonus et prudens versus reprehendet inertes.

Idem, *Poet.*, vers.

[2] A Arcadia com solido fundamento infere que esta Lei não parecerá dura aos seus Pastores, não só porque os suppõe dotados da mais louvavel sinceridade, uma das virtudes que constituem o caracter de um verdadeiro sabio; mas porque os não julga tão fatuos que tenham a vaidade de que as suas obras são em tudo perfeitas, pois para desvanecerem este conceito lhes basta trazer á memoria um Homero, um Pindaro, um Virgilio, um Ovidio, um Trissino, um Tasso, um Ariosto, um Milton, um Dryden, um Pope, um Voltaire, um Racine, um Corneille, um Camões, um Bernardes, um Ferreira, um Boscan, um Garcilasso, um Argensola, e outros muitos grandes homens de todas as nações, e contemplar que em todos elles acharam os criticos materia para as suas censuras, e como acertadamente adverte Quintiliano no Libr. 10.º, Cap. 2 das Instituiç. Orator.: *In magis quoque authoribus incidunt aliqua vitiosa, et edoctos inter ipsos mutuo reprehensa.*

Arcadia, mostrar aos Arcades a utilidade e gloria que tirarão de tão eruditas Assembléas, e animal-os a perseverança em tão louvavel resolução.

Terá em seu poder o escrutinio, os livros e mais papeis pertencentes á Arcadia: como, tambem o sêllo, do qual usará em todas as Cartas e explicações que disserem respeito ao seu emprego, e com elle sellará as obras dos Arcades, depois de estarem purificadas.

Terá tres livros, em um dos quaes se conservarão os Estatutos e os nomes dos Arcades, no outro lançará as Obras das Conferencias: guardando a sua formalidade, a saber, a Oração do Presidente, as Dissertações dos Arbitros, e as obras dos mais Arcades. No terceiro escreverá as censuras, apologias e mais papeis que vierem á Arcadia: como tambem as resoluções e pareceres que houverem sobre algumas duvidas.

Os quaes livros e papeis será obrigado a trazer á Arcadia todas as vezes que esta lh'o ordenar: tambem será obrigado a mostral-os em sua casa a qualquer dos Arcades, que os precisar vêr; mas não consentirá que elles os levem, ou alguma copia, e porá todo o cuidado que outras quaesquer pessoas não venham a saber as resoluções que n'elles se contêm.

Será obrigado a mandar os avisos dos dias destinados para as Conferencias dos Arcades, como tambem a Carta de convite aos novamente eleitos juntamente com os Estatutos.

O Secretario proporá as duvidas e incidentes que precisarem de uma nova resolução, como tambem os Sujeitos que se julgarem capazes de serem Socios. No fim das Conferencias receberá as obras dos Arcades, e distribuirá igualmente pelos Censores, tendo a advertencia, de que o mesmo Censor não fique com a propria composição para a censura, mas sim o companheiro.

Depois que as obras lhe forem remettidas pelos Censores, as enviará aos seus A. A., para que estes respondam ás censuras, ou as emendem, os quaes na Conferencia terão o cuidado de lh'as tornar a entregar, para que o mesmo Secretario as proponha aos Arbitros, exceptuando as dos proprios Arbitros e Presidente, as quaes, como se ordena no Cap. VIII, não serão examinadas emquanto elles tiverem emprego; porém em qualquer d'elles acabando o seu exercicio, terá o Secretario cuidado de as propôr na Conferencia se-

guinte, para o que as irá conservando na sua mão até que de todo se purifiquem, e se unam aos papeis da Conferencia a que respectivamente pertencem.

A elle toca o receber os votos, e abrir o Escrutinio na eleição dos Arcades, e nos mais casos em que se não votar vocalmente.

Sendo-lhe noticiado que algum Arcade faltou ao inviolavel segredo que n'estes Estatutos se recommenda, lhe não fará aviso para a Conferencia seguinte, e n'ella proporá as rasões que teve para assim o fazer, para com unanime consentimento se resolver a sua exclusão.

Todas as vezes que algum dos Arcades, que tiver emprego, lhe fizer aviso de que se acha legitimamente impedido para exercitar o seu emprego, poderá o Secretario avisar outro qualquer Arcade para substituir o dito emprego; cuja eleição será n'estes casos ao seu arbitrio. Porém, se não tiver este cuidado, será elle obrigado a supprir a falta.

CAPITULO XI

O Vice-Secretario será obrigado todos os annos a fechar a Arcadia e dar fim ás Sessões com um Discurso, em que dê conta dos progressos e augmento da Arcadia.

Será tambem obrigado a fazer as vezes de Secretario em todas as occasiões em que este se achar legitimamente impedido ou occupar outro qualquer emprego, occupando a sua cadeira e seguindo em tudo o seu formulario, e nas outras Conferencias se sentará na cadeira immediata á Mesa do Secretario.

CAPITULO XII

O Guarda da Arcadia terá obrigação de administrar e ter a seu cargo todo o preparo da Arcadia, não admittindo nas horas da Conferencia pessoa alguma, além dos Socios; pois parecendo á Arcadia não revelar as suas composições sem maduro e rigoroso exame, ficaria frustrado este projecto, se se admittissem nas suas Sessões sujeitos que não fossem Arcades.

A elle serão entregues todas as Cartas, que directamente forem remettidas á Arcadia, as quaes na Confe-

rencia entregará ao Presidente, para que elle as abra e se determine a sua resposta.

O seu logar será o ultimo da Arcadia, ficando da parte de dentro junto á porta da mesma Arcadia, para que com facilidade possa receber os Arcades e examinar as Cartas de convite sem mostrar as quaes, nenhum poderá entrar.

A elle pertence tambem o convite dos Hospedes para as Conferencias publicas, fiando a Arcadia da sua prudencia, que não admittirá na Conferencia pessoas, que pelas suas virtudes não sejam dignas de assistir a um tão serio e scientifico acto. E se algum dos Arcades quizer trazer algum convidado, lhe dará parte para ter o seu consentimento.

CAPITULO XIII

O Vice-Secretario e Guarda da Arcadia serão obrigados como qualquer dos outros Arcades a exercitar os empregos de Arbitros, Censores e Presidentes.

CAPITULO XIV

Não terá numero certo de Academicos a Academia; mas ficará ao arbitrio da Meza o elegel-os, todas as vezes que o julgar necessario. Os Arcades serão obrigados a assistir com a sua divisa a todas as Conferencias; ás quaes não faltarão sem urgentissima causa: attendendo a que de semelhantes faltas se seguirá á Arcadia a sua total ruina. Os que porém se acharem legitimamente impedidos, remetterão ao Secretario as suas composições, e os que forem occupados em algum emprego n'essa Conferencia, e não poderem cumprir com a sua obrigação, farão aviso ao Secretario com tempo, para que este dê providencia a semelhante falta.

Nenhum dos Arcades virá aos Congressos sem lhe preceder a Carta do Secretario, nem entrará na Arcadia, sem que primeiro mostre ao Guarda a sua carta de convite, para por ella o poder conhecer e saber que é dos eleitos para membro de um tão distincto corpo. E attendendo-se a que de se darem assumptos forçados se segue, que por se ligarem a elles muitos violentarão o seu genio e por conseguinte se não poderá achar nas suas composições aquelle gosto, facilidade e

delicadeza que caracterisam as da antiga Grecia e as dos Romanos do seculo de Augusto, e que entre todos os Sabios as fazem respeitadas, e considerando tambem, que se se dessem semelhantes assumptos nos apartariamos dos preceitos de Horacio [1] e dos melhores Criticos: sendo todo o fim da Arcadia o conseguirem os seus alumnos aquelle gráo da perfeição porque tanto suspiram os Sabios e que os pode fazer conhecidos no orbe litterario; ha por acertadó, que os assumptos das obras poeticas sejam livres, e ao arbitrio do seu A., o que porém não terá logar nos dias mencionados nos Cap. III e V.

Os Arcades serão obrigados a trazer a todas as Conferencias a sua composição, excepto quando forem Censores, porque então assás serviço farão á Arcadia nos seus exames. E ainda que o principal intento da Arcadia seja o cultivar a Poesia, ella admittirá todos os papeis em prosa, como: Discursos, Dissertações etc., todas as vezes que estes se dirigirem a dar-nos uma ideia clara e distincta do bom gosto e delicadeza; n'uma palavra, todas as vezes que os Arcades possam tirar d'ellas deleite e instrucção. A Arcadia tambem deixa livre aos seus Pastores qualquer das linguas, Portugueza, Latina, Franceza Italiana e Castelhana para n'ellas comporem as suas obras [2]: sem embargo que fazem melhor os Arcades se escolherem a Portugueza, pois além d'esta ser muito mais capaz para qualquer genero de composição, a irão cultivando e dando aquelle gráo de perfeição, em que hoje vemos outras muitas, nem tão suaves, nem tão abundantes.

No fim das Conferencias entregarão os Arcades as suas composições ao Secretario, para elle as distribuir

---

[1] Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam, etc.

HORAT., na *Poet.*

O mesmo nos recommenda Pope, no seu Poema dos principios de gosto.

[2] No caso que haja composição em alguma d'estas linguas, a Arcadia lhe ordenará Censor á parte.

conforme se lhe ordena no Cap. x. E depois que o Secretario lh'as tornar a remetter examinadas pelos Censores, terão obrigação de emendar ou responder ás Censuras, conforme lhes parecer, e na primeira Conferencia as entregarão ao Secretario para este as propôr ao juizo dos Arbitros.

Os Arcades trabalharão com toda a efficacia em se ajudarem mutuamente, advertindo uns aos outros os seus descuidos para que os emendem, e communicando-lhes com toda a singeleza a sua erudição, luzes e conhecimentos, sem que algum d'elles repute como deslustre da sua penetração qualquer reparo que se faça nos seus escriptos: antes estimarão estas advertencias, pois com ellas chegarão ao grão de perfeição porque tanto se distinguem muitos dos maiores homens que hoje veneramos.[1]

Por esta mesma rasão os Arcades, quando responderem ás Censuras feitas ás suas composições, se despirão de todos os prejuisos de uma van-gloria de querer mostrar engenho onde falta a razão; e todas as vezes que conhecerem que são justamente reprehendidos, sem receio confessarão a justiça e o acêrto dos seus Censores, pois d'esta sincera confissão lhes hade resultar maior gloria e conceito dos Sabios, que d'uma cega obstinação e pertinacia em querer defender os seus descuidos e escurecer a verdade.

Nos pontos porém, onde as razões dos Censores lhes não parecerem convenientes, poderão responder livremente tudo o que lhes parecer serve de confirmar o seu pensamento com aquella modestia e gravidade que acertadamente se recommenda no Cap. IV. E se os Arbitros e Presidente julgarem que a razão está da parte dos Censores, serão os Arcades obrigados a estarem pelo decidido, e no mesmo acto da Conferencia riscarão das composições o que aos Juizes parecer, e

---

[1] Malherbe e Molière consultavam sobre as suas composições aos proprios criados; e este ultimo até a uma velha chamada *Forest*, que tinha em sua casa, e emendava alguns logares que a ella não agradavam.

BOILEAU, *Reflexions critiques.*

em seu logar escreverão da propria mão a emenda que elles dictarem. [1]

Os Arcades na primeira Conferencia a que assistirem, serão obrigados a jurar de defender a immaculada Conceição de Maria Santissima, como Protectora da Arcadia: e n'ella farão um pequeno discurso, no qual darão á Arcadia os agradecimentos da sua eleição, e mostrarão o sincero animo com que se sujeitam aos Estatutos.

Todos os Arcades cuidarão, quanto lhes fôr possivel, no lustre, e augmento da Arcadia e observancia dos seus Estatutos, attendendo a que dos seus progressos lhes resultará incomparavel gloria: para o que cada um d'elles concorrerá com todos os arbitrios, que julgar podem dirigir-se a este fim, communicando-os ao Secretario, para que este os proponha em Conferencia.

Os Arcades serão obrigados a deixar no papel das suas composições (que serão sempre escriptas em folha) as margens que parecerem necessarias para que depois se possam encadernar, sem detrimento do que n'elle estiver escripto.

Os Arcades, nas materias que se resolverem por votos, depois de darem o seu, não poderão mais fallar sobre a mesma materia, salvo se o Presidente lhe ordenar que o façam. Sentar-se-hão na Arcadia sem preferencia, exceptuando o caso, em que tiverem algum emprego.

Na morte de qualquer dos Arcades, haverá uma Conferencia dirigida a mostrar o sentimento da Arca-

---

[1] A Arcadia julga que este § e o antecedente não parecerá duro aos espiritos *dotados* de solido e prudente discernimento, e principalmente o ultimo, que é o mais rigoroso: se se lembrarem da celebre Academia fundada por Caligula na Cidade de Leão, na qual os vencidos, *eram* obrigados a cantar os applausos dos vencedores. Porém, se contra as suas esperanças se *lhe representarem* demasiadamente asperos, devem considerar os sujeitos eleitos se podem ou não observar o que elles determinam, porque não succeda alguma desordem, que perturbe o socego e a conservação da mesma Arcadia.

dia na sua morte. N'ella repetirá o Presidente o elogio do morto, e todos os Arcades nas suas composições procurarão igualmente elogial-o, e mostrar a sua pena: por ser justo que a Arcadia honre em tudo quanto lhe fôr possivel, aquelles sujeitos que trabalharam por illustral-a.

CAPITULO XV

Poder-se-hão eleger para membros d'esta Sociedade todos os sujeitos que parecerem capazes de a illustrar sem que obste o não assistirem n'esta côrte á sua eleição, na qual só se olhará para o merito pessoal, sem attender a outras circumstancias, que costumam servir de reparo a alguns contemplativos, que ignoram o preço e estimação que se deve á virtude.

Sendo a base em que se funda a duração e augmento d'este corpo a união e conformidade entre os seus membros, esta não poderá persistir todas as vezes que elle fôr composto de partes que entre si não tenham uma boa harmonia. Por fugir d'este incommodo, e evitar toda a causa de dissabor e queixa aos Socios, não será admitido na Arcadia algum sujeito, sem que seja por unanime consentimento de todos os Arcades, bastando só que falte um voto para não ser aceito e novamente proposto.

E porque muitas vezes a politica e receio de ter um inimigo, faz que n'estas eleições não vote cada um conforme o que entende: para vencer este obstaculo occorre o arbitrio de se fazer a eleição por escrutinio, não se dando os votos vocalmente, mas entregando-se ao fazer a eleição a cada Arcade um = P = que significará = *Placet* = e um = D = que ao contrario quererá dizer = *Displicet.* = Das quaes lettras deitará a que lhe parecer, enrolada no escrutinio, e depois abrindo-se, e não se achando os PP conformes, se terá o proposto por excluido.

E porque poderia succeder que alguns dos Arcades querendo justificar-se, e mostrar que não negaram o seu voto, guardem a lettra que lhe ficar na mão; por acautellar este incidente, será justo que o Arcade, apenas lançar o seu voto, rompa em muitos pedaços o papelinho que conservar; e por este modo se logra o fim de se não saber quem faltou com o voto, e se deixa a cada um a liberdade de votar, como lhe parecer, sem o receio de deixar algum queixoso.

CAPITULO XVI

Ajuntar-se-hão no sitio das Conferencias os Arcades nos dias destinados para ellas de tarde: a saber, nos mezes de Maio, Junho, Julho, Agosto e Septembro até ás quatro horas, e nos mais até ás duas e meia. E tanto que estiverem juntos cinco Arcades, no numero dos quaes entrem o presidente e os dous Arbitros, se dará principio á Conferencia. O Presidente lerá primeiramente o seu discurso, seguir-se-hão os Arbitros, sendo o ultimo na ordem da Dissertação o mais antigo. Acabados estes papeis se recitarão as obras poeticas, a que o Presidente dará principio, seguindo-se pela sua ordem os Arbitros, e continuando pelos Arcades da parte direita até vir finalisar no Secretario, o qual precederá a sua obra ás que lhe forem remettidas.

E porque poderão os Arcades trazer mais de uma composição, e não seria agradavel o repetil-as todas juntas: haverá trez giros na recitação das Poesias, no primeiro dos quaes se lerão as obras Endecasyllabas, no segundo as Lyricas, e no terceiro as Jocosérias; e finalisados se recitarão as composições em prosa, quando as houver, e se procederá ao exame das Censuras, que se fará na forma seguinte:

Principiará a ler as Censuras e as respostas o Arbitro, que foi o primeiro na Dissertação, e nos pontos duvidosos irão logo dando o seu parecer, e observando o que se ordena no Cap. dos Arbitros e Presidente, e depois seguir-se-ha o segundo, e alternativamente irão continuando até todos se acabarem.

Finalizado este acto, se fará a eleição dos empregos na seguinte fórma: deitar-se-hão no escrutinio o nome de todos os Arcades, e o Presidente tirará um d'elles, e esse será o que exercite o emprego que se provê. Na primeira Conferencia se hão de provêr os logares de Presidente, Arbitros e Censores, e nos seguintes só a de um Censor; porque n'ella passa o 1.º Arbitro a Presidente, e o 2.º a 1.º, e o 1.º Censor a 2.º Arbitro, e o 2.º Censor a 1.º, vindo por este modo os Arcades a exercitar todos os Empregos, antes que cheguem á Presidencia, excepto alguns dos que saírem na primeira eleição, em os quaes se não pode observar esta regularidade.

CAPITULO XVII

O Presidente se sentará no meio da Meza entre os dois Arbitros, ficando-lhe o 1.º á mão direita, a quem se seguirão os Censores. Ao lado esquerdo lhe ficará a Mesa do Secretario, e junto d'ella o logar do Vice-Secretario: os mais Arcades se seguirão sem preferencia até vir a acabar no Guarda da Arcadia, que terá o ultimo logar, como já se advertiu no Cap. XII.

CAPITULO XVIII

Das Conferencias trez serão publicas, a saber: a da Conceição, a do Natal, e a que se celebrar na morte de algum dos Arcades; pois é justo que a Arcadia mostre publicamente o como se empenha em eternisar os seus Alumnos. N'estas Conferencias assistirão os Convidados no logar que se julgar mais digno.

CAPITULO XIX

Deixar-se-hão estes Estatutos em aberto, para a todo o tempo se poder accrescentar n'elles tudo o que parecer conducente para a gloria e lustre da Arcadia, como tambem se deixa logar a accrescentar-se ou mudar-se algum d'estes Capitulos, quando na pratica tenha algum inconveniente, que actualmente se não tenha precavido.

CAPITULO XX

E como da observancia d'estes Estatutos estão pendentes todos os progressos da Arcadia, serão todos os Arcades na primeira Sessão a que assistirem, obrigados a jurar quanto n'elles se contém, excepto o segredo que no Cap. XIV se lhe recommenda; porém para a observancia d'este Estatuto, em logar do juramento que a Arcadia n'este caso lhe não defere, por se conformar com as determinações do Vaticano, lhe dobra a pena: não sómente excluindo-o do numero dos seus Arcades o que não observar, mas até riscando dos seus livros todas as composições do Arcade.»

B) Catalogo dos socios da Arcadia

Conforme declaram os Estatutos, a Arcadia não tinha numero certo de socios, nem estes eram obrigados a residirem em Lisboa. Além dos socios com que ella se constituiu, houve uma eleição em 1758, em que foram admittidos novos poetas. Tambem na ultima sessão da Arcadia em casa do Morgado de Oliveira figuram poetas que por ventura entraram depois da restauração d'esta academia. O uso dos nomes pastoris vulgarisou-se por fórma que foram tambem adoptados por poetas que não pertenceram á Arcadia; tem isto complicado o apuramento dos seus socios. Comecemos por verificar se o rei D. José I foi effectivamente Protector da Arcadia lusitana com o nome pastoril de *Albano*, conforme julga Camillo: «Dom José I havia adoptado o nome academico de D. João V na Academia romana dos Árcades.» [1] Fundava-se n'estas palavras de Garção na Oração VI, sem data, recitada em uma conferencia: «Houve alguma força superior que fizesse tão violenta metamorphose? O publico zombou dos nossos escriptos? O generoso pastor *Albano* fechou-nos a porta d'esta cabana?» [2] Ha evidentemente uma referencia ao rei D. José; mas na Oração I, recitada por Garção na Conferencia de 8 de Maio de 1758, invectivando

---

[1] *Curso de Litteratura portugueza*, p. 176.

[2] *Obras* de Garção, p. 533. (Ed. 1888.)

os Arcades para effectuarem a empreza da restauração da Eloquencia e da Poesia portugueza, declara cathegoricamente que a Arcadia não tinha protecção official:

«Não vos pareça, oh Arcades, que um soberano só protege as Academias mandando-lhe passar um Alvará e uma Provisão regia. Talvez que esta protecção não seja a mais efficaz. Enche de vaidade os membros da Academia; e honrados com titulo, adormecem, desprezando a gloria, que só adquirem com o trabalho, esquece-se a instituição, e se se ajuntam, não se colhe de suas assembleias mais fructo do que o apparato. A verdadeira protecção consiste na tranquilidade publica, na paz e na abundancia.» (*Ib.*, 481.) Na citada Oração VI, mostra Garção que alguns arcades explicavam a decadencia da academia pela falta de protecção regia: «Estes vicios com mais ou menos força tomaram posse de vossos discursos: uns diziam, *que a Arcadia não podia subsistir sem patrocinio*, como se fosse pouca a tutella de quem é Senhora de todo o mundo, dos astros e dos céos; outros julgavam que sem rendas effectivas não podia conservar-se uma companhia de homens sabios, porque sem escrutinio de prata, se não deviam eleger Arcades; outros, que era indispensavel fazer mais sessões publicas, por que este foi o unico objecto da fundação da Arcadia, ainda que tal não lembrou aos fundadores; outros, finalmente, que não podia subsistir uma sociedade sem se effeituar a impressão das suas obras . . .»

Como podia o rei D. José ser protector da Arcadia, se o omnipotente ministro nunca che-

gou a tornar effectivas as esperanças que deixou entrevêr? N'esta mesma Oração VI o declara Garção: «Tempo, tempo virá em que cheguem os eccos do nosso merecimento aos ouvidos de quem o estima, de quem o conhece e de quem o proteje ainda quando o descubra desvalido, pobre e desprezado. *Já nós ouvimos da sua bocca promessas que não hão de faltar*, e foi a nossa cobardia quem deixou fugir a occasião.»

Tambem o arcade Manoel de Figueiredo no seu Discurso segundo referindo-se ao esplendor dos primeiros dias da Arcadia, declara expressamente que ella não tinha protecção official: «A Arcadia é um Congresso de homens applicados e civis que unicamente convocou o amor das bellas-letras. *Ella subsiste sem a protecção do Principe*, sem o interesse do premio, e sem a vaidade das acclamações. A gloria que resulta do seu estabelecimento, não comprehende mais a um que a outro individuo; . . . que louvores não merecem aquelles a quem a virtude unicamente obriga a recompensa, e que no amor da Sciencia tem o estimulo e o premio.» (*Ob. posth.*, II, 157.)

No Discurso III alludindo ao quebrantamento e quasi decadencia da Arcadia pergunta: «Era protector d'esta Academia algum Grande que vos lisonjeasse, que vos promettesse o seu patrocinio, que vos enchesse de vaidade quando chegasse á vossa porta a pedir-vos que não faltasseis á sua assembleia?» E accentuando na pouca applicação, falta de constancia e espiritos insociaveis, insiste: «*Quereis a Protecção regia?* E parece-vos

que assentará bem a particular consideração do Principe em huns homens que depois que mereceram a attenção do Publico, o applauso das primeiras pessoas da côrte, os louvores do Ministro, ou se encheram de orgulho para pretenderem a primeira contemplação, ou conheceram tam pouco a honra que lograram, que nem politicamente fizeram por sustentar aquelle conceito. Eu, amantissimos Arcades, eu que a nenhum de vós cedo no desejo de ver condecorado este Corpo litterario, vos asseguro que seria preciso violentar o meu entendimento para achar na deliberação regia, que nos recebesse debaixo da sua protecção, o acerto que evidentemente se representa em todas as resoluções do Ministerio.» [1] Manifestamente a *Arcadia lusitana* não foi alentada pelo favor regio, apezar de dispender a sua mais emphatica rhetorica nas glorificações do monarcha e do seu ministro; é esta situação que a torna sympathica, e que lhe deu o perstigio com que veiu a influir na Litteratura. Tendo Aragão Morato consultado papeis ineditos da Arcadia, já pela communicação com Esteves Negrão, conego Figueiredo e autographos de Diniz, é natural que a lista de trinta socios da Arcadia que apresenta (*Mem.*, p. 81) tenha certa veracidade sobretudo como constituindo o primeiro nucleo de 1756 até á eleição de novos socios em 30 de Abril de

---

[1] *Obras posthumas* de Manoel de Figueiredo, P. II, p. 165 e 166.

1758. Transcrevemol-a, comprovando-a com documentos:

1. Dr. Antonio Diniz da Cruz e Silva, *Elpino Nonacriense.*
2. Dr. Manoel Nicoláo Esteves Negrão, *Almeno Sincero.*

---

1. Comprova-se: Dithyrambo II de Garção: Ao sr. Antonio Diniz da Cruz e Silva, *Socio da Arcadia.* — Dissertação, na Conferencia de 7 de Novembro de 1757. — Soneto XI, de Quita. Diniz já adoptára o nome de *Elpino* em 1750, e « o nome de *Ergasto,* de que elle tambem usava antes de tomar na Arcadia o de *Elpino.*» (*Obras,* t. II, 276.)

2. Foi o Secretario perpetuo da Arcadia. Pelas Leituras de Bachareis no Desembargo do Paço, sabe-se que Manoel Nicoláo Esteves Negrão era natural de Lisboa, filho do desembargador Dionysio Esteves Negrão, natural de Monte-mór o Velho, e de D. Anna Margarida Barbosa de Araujo, natural de Lisboa. Formado em Leis, requereu para servir um logar de lettras, tendo a sua petição despacho de 1 de Septembro de 1751. Por este tempo era já Cavalleiro da Ordem de Christo e Familiar do Santo Officio; e pela informação do Corregedor do Civel de 8 de Septembro de 1752, era então solteiro. São muitos os documentos sobre a sua larga carreira publica: por alvará de 15 de Septembro de 1753 é despachado Corregedor do Civel da cidade de Lisboa. (*Registo das Mercês,* Liv. 6, fl. 361.) Por alvará de 24 de Janeiro de 1765 é nomeado Superintendente dos Tabacos no Porto; e por alvará de 14 de Agosto de 1765 nomeado Desembargador da Relação e Casa do Porto. (Livro 74, fl. 332; e Livro 6 das *Mercês*, fl. 361.) Vê-se por estas datas, que afastado de Lisboa tambem enfraqueceu a Arcadia logo depois da sua restauração; só regressou em 1771: transferido Desembargador da Casa da Supplicação, com serviço ordinario por alvará de 6 de Março de

3. Dr. Theotonio Gomes de Carvalho, *Thyrse Menteo;* mais tarde *Theonio.*
4. Dr. Pedro Antonio Corrêa Garção, *Corydon Erymantheo.*
5. Domingos dos Reis Quita, *Alcino Micenio.*

1771; (*Ib.*, fl. 361) Corregedor do Civel da côrte por alvará de 2 de Novembro de 1771; e Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicação por alvará de 15 de abril de 1774. (*Ib.*) Estava já em Lisboa, quando succedeu a desgraça e morte de Garção. Chegou a Chanceller-mór do reino, e morreu de provecta edade no primeiro quartel do nosso seculo. Sobre as suas relações litterarias, vid. *Obras* de Diniz, t. II, p. 28 e 62; e t. III, p. 34.)

3. Dithyrambo para cantar-se a tres vozes na Sessão academica, que se hade celebrar em applauso do Ill.mo Ex.mo Snr. Marquez de Pombal no dia 20 de Janeiro de 1774, em Lisboa, composto por Antonio Dinis da Cruz e Silva *chamado na Arcadia lusitana* ELPINO NONACRIENSE, e por Theotonio Gomes de Carvalho, chamado THYRSE MENTÊO. Lisboa, 1774. (Papeis varios da Coll. da Academia das Sciencias, t. 36.)
Compoz tambem uma tragedia *Cesar*, que se representou no Arraial do Cabo em 1758. Teve grande valimento junto de Pombal, e foi secretario da Junta de Commercio.

4. Vid. *Obras* de Diniz, t. III, p. 239; Idylio VI, de Quita; e Sonetos XI e XII, do mesmo. No folheto dos *Santos Patronos*, p. 43 a 51, assigna quatro poesias com o nome *Corid. Erim.*

5. Em um Folheto avulso de Quita, intitulado *Lincêa*, Ecloga ao feliz nascimento do serenissimo Principe da Beira, de 1762, lê-se: — por Domingos dos Reis Quita, *Socio da Arcadia lusitana.* E' sempre citado com o nome de *Alcino*, e por elle é memorado, na ode á Restauração da Arcadia.

6. Manoel de Figueiredo, *Lycidas Cynthio.*
7. José Gonçalves de Moraes, *Fido Leucacio.*
8. Beneficiado José Dias Pereira, *Silvano Ericino.*
9. Silvestre Gonçalves da Silva Aguiar, *Siveno Cario.*

---

6. Nas suas *Obras*, publicadas por seu irmão, lê-se no frontispicio — Official da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros e da guerra, *entre os Arcades de Lisboa* LYCIDAS CYNTHIO. — Adiante tratamos especialmente d'este escriptor.

7. Lê-se nas *Obras de Melizeu Cylenio* (Amaral França): « *Fido Leucacio* era o nome de José Gonçalves de Moraes, que embarcou para Pernambuco, onde morreu.» (p. 98.) Fez-se-lhe uma Sessão commemorativa na Arcadia em 1764, em que tomaram parte, Garção com a Ode XVII; e Quita com o Idylio IV.

Com o nome de *Leucacio Fido* apparece designado o P.e José Theotonio Canuto Forjó, por 1799; elle mesmo conta como lhe deram este nome poetico: « Alli (na Congregação do Oratorio da Casa de Extremoz) he que me deram *me inconsulto:* o nome de *Leucacio Fido;* pois não he de vêr que eu me arrogasse a denominação de um distincto membro da respeitavel e sempre saudosa *Arcadia lusitana.*» (Ms. L. 4. 19, da Bibl. nacional.) N'esta Academia particular ainda havia um *Corydon,* o P.e José Pedro Pessoa, um *Alexis,* o P.e José Bernardes, e um *Alfeno Apistio.* Na Bibl. nacional o Ms. D — 5 — 15, tem poesias de José Gonçalves de Moraes *(Fido Leucacio.)*

8. Cita-o Quita, na Ecloga II: *Silvano* (Ericinio) *o Beneficiado José Dias Pereira. Obras* de Diniz, t. II, p. 28.

9. Vid. *Obras* de Diniz, t. II, p. 28 e 148. Tambem o cita com este nome Ferreira da Costa na Nota

10. P.e José Caetano de Mesquita, *Metalezio Klasmeno*.
11. Feliciano Alves da Costa, *Nemoroso Cylenio*, e *Palemo*.
12. P.e Francisco José Freire, *Candido Lusitano*.

---

52 á recensão completa dos *Burros* de José Agostinho de Macedo.

10. Recitou na Arcadia uma Oração, na Conferencia de 30 de Septembro de 1759; vem citado nas *Obras* de Diniz, t. II, p. 64. Era mestre de Rhetorica, e mulato; parece ter sido excluido da Arcadia. Foi Arbitro na sessão publica de 28 de Dezembro de 1760. Imprimiu *Oração que na occasião do nascimento do Principe da Beira* . . . Escreveu José Caetano de Mesquita. Lisboa, MDCCLXI. Em uma Ecloga de Diniz recitada na Arcadia em 28 de Dezembro de 1757, vem a nota: «Allude a uma Oração que na Arcadia tinha repetido José Caetano de Mesquita.» (*Ob.*, t. II, p. 64.)

11. Citado nas *Obras* de Diniz, t. III, p. 32 e 197; t. II, p. 30, e t. III, p. 36. Na *Illustração* de 1845, a pag. 185, apontado como árcade.

12. Mais conhecido pelo nome arcadico, com que se assignava. Cita-o Garção no Soneto XXIV, na rubrica: *Ao P.e Francisco José Freire, da Congregação do Oratorio, e Socio da Arcadia.* No folheto dos *Santos Patronos contra as tempestades e raios*, de 1767, assigna-se CANDIDO LUSITANO. Compoz e publicou anonymo em 1761 o opusculo *Ulysses em Lisboa.* Opera portugueza destinada a celebrar o feliz parto de S. A. R. a . . . Senhora Princeza do Brazil.— Deixou ineditas as traducções do poema de Sannazaro, Canticos da Escriptura, *Metamorphoses*, de Ovidio, as *Tristes*, 4 volumes das obras de Virgilio, e as tragedias *Merope* e *Iphigenia em Tauris*. Já usava o nome de *Candido Lusitano* desde 1751, no folheto *Illustração critica á Carta de um philologo de Hespanha.*

13. Luiz Corrêa do Amaral França, *Melizeu Cylenio.*
14. Francisco de Sales, *Titiro Partiniense.*

---

13. Em um opusculo ao nascimento do Principe D. Antonio, em verso, assigna-se:
Luiz Corrêa de França e Amaral, *chamado na Arcadia lusitana e na Academia de Bellas-Letras de Lisboa*, MELISEU CYLENIO. (Papeis varios, da Academia, Coll. do Principe D. Antonio.)—Nos versos á morte do Principe D. José, assigna-se: *Socio da Arcadia Lusitana* e da *Academia de Humanidades, de Lisboa.* O seu livro de versos foi impresso sob o nome arcadico. Foi da *Academia dos Occultos*, e na Nova Arcadia tornou-se alvo das Satiras de Bocage Foi Presidente da Sessão de 31 de Maio de 1761.

14. Nas *Obras de Melizeu Cylenio*, p. 69, citado como professor de Rhetorica da Academia de Lisboa. ☞ Na *Memoria sobre o estado dos Estudos menores em Portugal*, por Francisco José dos Santos Marrocos, cita-se Francisco de Sales entre os eminentes professores de Rhetorica da reforma pombalina, taes como Pedro José da Fonseca e Nicoláo Tolentino: «*Francisco de Sales*, varão de recommendada lembrança no delicado tino e judiciosa critica, com que perfeitamente maneja esta e outras mais Faculdades, fazendo-se tão distincto no ensino de seus discipulos, que será acanhamento e não paixão de um d'elles dizer tão pouco, quando todos confessam com muito louvor o raro prodigio da natureza, que em suas producções nem sempre é liberal.» (Doc. de 1799, publicado pelo sr. Gomes de Brito, na *Rev. de Educação*, anno VII, p. 518.) Francisco de Sales era natural de Pernambuco e crê-se que nascera por 1735, ou pouco antes; era extremamente reservado nos seus escriptos, imprimindo apenas com o seu nome o idylio—*Fabula de Orpheo e Eurydice.* Existem cartas suas manuscriptas, que o mostram como dotado de certa mordacidade. A sua admissão na Arcadia explica o despeito de Nicoláo Tolentino.

15. Abbade Marianno Borgonzoni Martelli *Martillo Felsineo.*
16. José Xavier de Valladares e Sousa, *Sincero Jerabricense.*
17. Manoel Pereira de Faria, *Silvio Aquacelano.*

---

15. Poeta bolonhez, que acompanhou o nuncio Acciajuoli para Portugal. Em um folheto publicado em 1761 com uma Canção a El rei D. José, em italiano, diz-se: *Socio e Censore dell'Arcadia lusitana.* (Coll. Barbosa Machado.) Usa o mesmo titulo na Opereta *La vera Felicitá,* componimento dramatico de 1761, para o qual David Perez compoz a musica e se representou em Queluz. Era o poeta cesáreo da côrte de D. José, para a qual compoz e imprimiu numerosas Odes em italiano; presidiu á sessão publica da Arcadia em 8 de Dezembro de 1760, (*Gazeta* de 9 de Dezembro,) e foi Arbitro na sessão ordinaria de 31 de Outubro do mesmo anno. Morreu em 1777.

16. Citado com o seu nome arcádico por Garção, em uma Oração apontando-o como um dos iniciadores da critica em 1739; cita-o Diniz, *Obras,* t. III, p. 32. Vêl-o-hemos adiante nas luctas do elemento seiscentista, em correspondencia com Pina e Mello.

17. Natural de Melgaço (*Aquae Celenne*); negociante instruido; na organisação do Erario em 1761 foi nomeado Contador mór de uma das quatro Contadorias com o ordenado de 1.600$000 rs. Por decreto de 12 de Janeiro de 1757 fora nomeado Deputado da Junta de Commercio como representante da praça do Porto. Falla d'elle Francisco Coelho no volume com que termina a edição das Obras de Lycidas Cynthio:

«a quem ajudava não só com as suas luzes instructivas, mas com os seus proprios braços hum dos primeiros academicos da *Arcadia de Lisboa* com muita instrucção em bellas letras, gosto e ambição de saber, hum dos homens de capa e espada mais bem instruido, que em 1762 se achou já para Contador do Real Era-

18. Dom Vicente de Sousa, *Mirtillo.*
19. Dr. Damião José Saraiva, *Dameta.*

---

rio, o transmontano Manoel Pereira de Faria, e depois Thezoureiro mór: este homem pelo verão em mangas de camisa, e com um lenço atado na cabeça (porque então os que eram calvos traziam cabelleira) ajudava ao martyr Luiz Antonio de Leiros nos trabalhos de aperfeiçoar o linho cânamo . . . » (*Obras* de Manoel de Figueiredo, t. XIV, p. 629). Foi despachado Thezoureiro-mór do Erario por Decreto de 27 de Fevereiro de 1786. Manoel Pereira de Faria faleceu em 23 de Septembro de 1787. Garção dedicou-lhe a Ode saphica VI: *Ao senhor Manoel Pereira de Faria, socio da Arcadia.* E a Ode alcaica XI. Quita dedicou-lhe o Idylio VII.

18. Citado nas Obras de Diniz, t. II, p. 76. No *Museu litterario*, vol. I, p. 375. Era Sargento-mór de Dragões, fazendo por isso pouca assistencia em Lisboa.

19. Foi Juiz de Fóra em Setubal, e faleceu na sua patria a villa de Ancã em 1798, deixando, conforme affirma João Lopes de Sampaio Bacellar, um Poema inedito do genero épico em verso solto dedicado á sua povoação. Vid. Dr. Henriques Secco, *Memoria historica e chorographica do Districto de Coimbra,* p. 4, nota 7. Transcrevemos em seguida um Soneto inedito d'este árcade, em resposta a outro na sua despedida de Setubal:

Ao D.[or] Damião José Saraiva, *acabando o seu logar de Juiz de Fóra na villa de Setubal:*

Lamentando, senhor, a perda dura
Já ficamos na dôr da saudade,
Por que da vossa penna a suavidade
Nos soube preservar da desventura.

Mas, como a gloria é sempre mal segura
Em quem nunca logrou felicidade,
Quiz o fado cruel com brevidade
Usurpar-nos comvosco esta ventura.

20. Dr. José Rodrigues de Andrade, *Montano.*
21. P.e Caetano Innocencio, *Melibeu.*

Cumpra-se a lei do fado, e satisfeito
Bem a nosso pesar, com duro córte,
Fique d'essa cruel o seu preceito;

Mas saiba que gravada na alma forte
A pena ficará dentro do peito,
D'onde gastar mal possa a mesma morte.

Resposta do dito Juiz de Fóra ao antecedente:

Se a perda do logar fosse tão dura
Para mim, como a dor de uma saudade,
Nem me lembrara a vossa suavidade
Meu *allivio* (?) de tanta desventura.

Sempre inconstante, sempre mal segura
Foi no mundo qualquer felicidade,
E é já velho passar com brevidade
Todo o favor do fado ou da ventura.

Esta lembrança deixe satisfeito
Inteiramente o estimulo da côrte
Que na alma de qualquer duro preceito;

Mas a dor de uma ausencia e mal tão forte
Que nada lembra que de um triste peito
Arrancal-a emfim possa mais que a morte.

Encontramos estes dois Sonetos em uma vasta collecção de versos intitulada *Livro curioso. Anno de* MDCCCIII, a p. 329 e 330. Este livro tem 694, com 28 de indice; pertencem ao gosto do seculo XVIII as suas Cantigas, Mottes, Colchêas, Sonetos, e Outavas com algumas composições que remontam ao gosto quinhentista. Foi-nos confiado pelo nosso amigo Fraga Pery de Linde.

20. Citado nas Obras de Diniz, t. II, p. 66; e no *Museu litterario*, t. I. p. 375.

21. Citado nas Obras de Diniz, t. II, p. 76; e *Mus. litt.* Figurou na academia dos *Escolhidos* em 1742.

22. Manoel José Pereira, *Albano Melino.*
23. D. Francisco Innocencio de Sousa.
24. Luiz Pinto de Sousa.

---

22. Na Bibliotheca de Evora existe em manuscripto (Cat. dos Mss., t. II, p. 30) a *Oração que recitou na Arcadia de Lisboa o Pastor* ALBANO MELINO, *por occasião de El rei da Prussia fazer annos a 16 de Janeiro de 1758.* Houve grande assistencia da côrte. Em carta de 11 de Março de 1879 diz-nos Gabriel Pereira que é um elogio de Frederico o Grande, mas sem importancia. Traduziu varios poetas inglezes. Morato, *Mem.* p. 71. Obras de Diniz, t. III, p. 31.

23. A este árcade se refere Garção na Ode XVI, a proposito dos poetas classicos:

Elles fazem que Ansberto generoso
 Seu amigo me chame;
Que o *Sousa* marcial com puro estylo
 Gracejando me escreva.

(Pag. 126.)

Foi ao mesmo que dedicou a Ode *A' Virtude*, quando diz:

Assim, assim a misera pobreza,
 A contraria fortuna,
Deve immovel soffrer uma alma grande,
 Oh *Sousa* esclarecido.

(Pag. 87.)

Vid. Ramos Coelho, edição do *Hyssope* de 1879, p. 37, seguindo Innocencio. Figura na sessão de 1774, de 20 de Janeiro, em casa do Morgado de Oliveira. (Coll. Pomb., Ms. 416, fl. 85.) Na recensão integral dos *Burros*, nota de Ferreira da Costa, n.º 62.

24. Cita-o J. Silvestre Ribeiro, na *Resenha de Litteratura*, p. 143; e Nota 52 do Poema *Os Burros*, de José Agostinho, por Ferreira da Costa. Fez a traducção da *Arte da Guerra* do Rei da Prussia. Foi depois Visconde de Balsemão.

25. João Saldanha de Oliveira e Sousa.
26. Fr. Joaquim de Foyos, da Congregação do Oratorio, *Fabio*.

---

25. E' o Morgado de Oliveira, em cujo palacio na Annunciada se celebrou em 20 de Janeiro de 1774 a ultima sessão da Arcadia em applauso do Marquez de Pombal, seu sogro. Ms. 614 da Coll. Pomb, fl. 85. Nota 52 da recensão integral dos *Burros;* e D. Antonio da Costa, *Historia do Marechal Saldanha*, t. I, p. 13 a 17. Parece que ahi se celebraram anteriores reuniões, por isso que lhe chamaram *Arcadia dos Condes da Redinha.*

26. Em um Dithyrambo de Diniz, em que celebra Candido Luzitano, vem tambem o nome do oratoriano Fr. Joaquim de Foyos como *árcade.* Costa e Silva, no *Ramalhete*, vol. III, p. 334, da-o como socio da Arcadia conjunctamente com Domingos Maximiano Torres *(Alfeno Cynthio)* e José Basilio da Gama *(Termindo Sepilio.) Museu litt.*, vol. I, p. 375. Na Bibl. nacional existem versos d'este arcade: D — 4 — 16: Fr. Joaquim de Foyos, *Obras poeticas.* No folheto dos *Santos Patronos,* vem uns com as iniciaes J. de F., que lhe pertencem. Ácerca d'elle escreveu o P.e José Agostinho de Macedo a seguinte nota no fim do Canto I da redacção dos *Burros* de 1827: « Este roupeta velho e soberbissimo, depois dos pontos e virgulas que poz na edição de Fernão Alvares d'Oriente, assentou que devia fazer versos, ou com a ajuda das traducções, ou porque sabia grego, poz-se a verter a tragedia de Euripedes chamada *Hyppolito,* versos que desafiam o riso ao hypocondriaco mais teimoso e taciturno que Timon Atheniense, fazendo-se tão ridiculo por esta mania de versos como o missionario de Brancanes Fr. José do Coração.» Em outra nota accrescenta Ferreira da Costa: « Foyos fez alguns Sonetos, que giram impressos á batalha ganhada por Nelson aos Francezes e Hespanhoes em 21 de Outubro de 1805, defronte de Trafalgar; esta producção não confirma a grande empafia do auctor.» (Nota 252.) Falla tambem da traducção do *Hyppolito* como plagiada de uma versão italiana do grego, e da sua traducção inedita da *Cyropedia* de Xenophonte. (Nota 251.)

27. Gaspar Pinheiro da Camara Manoel, *Ergastulo Herculano.*

José Accursio das Neves increpou na *Historia da Invasão franceza* o ter a Academia das Sciencias convidado o general Junot para seu socio honorario. Francisco de Borja Garção Stockler pretendeu, em um folheto, defender-se da parte que lhe competia n'este acto. Em Nota ao poema dos *Burros*, (n.º 549) Ferreira da Costa indica os outros academicos que lançaram tão gloriosa pagina na historia da Academia: «O Padre Foyos, foi um dos que tambem cooperou para o referido convite . . . e os outros socios foram o Conde da Ega, Domingos Vandelli, Alexandre Antonio das Neves, e um Padre José Faustino, decidindo esta meia duzia de sabios contra a vontade dos mais socios a questão do convite, e dirigindo-o por uma Deputação presidida por Ega, a qual sendo bem acceita, foi Junot em grande fausto á Academia tomar o logar de Socio honorario.»

Na *Carta 5.ª ao Compadre Lagosta* (José Agostinho) por Paulo Midosi, e datada do Limoeiro, Novembro de 1827, vem o seguinte retrato de Fr. Joaquim de Foyos:

«V.ª P.ᵉ conhece bem o semi-frade Fr. Joaquim de Foyos, que além de uma grande quinta e outros bens que deixou á sua familia, legou á Congregação do Oratorio trinta mil cruzados. Este homem, aliás douto, era Chronista para a lingua latina, comeu pingues ordenados e morreu de noventa annos sem deixar uma pagina sequer escripta de suas Chronicas.» Exactamente como a *Historia dos Celtas em Portugal* e a *Historia dos Descobrimentos maritimos dos Portuguezes*, longos annos subsidiadas pelos cofres do estado.

Pelo processo da Inquisição contra o mathematico José Anastacio da Cunha, vê-se como Fr. Joaquim de Foyos aconselhava aquelle homem de genio, cujos versos philosophicos elle conhecera. *Historia da Universidade de Coimbra,* t. III, p. 622, onde vem cartas d'este arcade.

27. Capitão de mar e guerra; figura como segundo Arbitro na sessão publica da Arcadia lusitana de 28

28. José Soares de Avellar, *Leucacio.*
29. P.e Manoel de Macedo Pereira de Vasconcellos, *Lemano.*

---

de Dezembro de 1760, recitando uma Oração ao nascimento do Menino-Deus. (*Gazeta* de 30 de Dezembro, de 1760). Garção dedicou-lhe as Odes XX e XXI; n'esta ultima allude á sua profissão:

> Quando tu no alto pégo ouves zunindo
> Pela miuda enxarcia Africo e Noto,
> Que ferras todo o panno, que manobras
> Impavido e prudente;
>
> Se de longa experiencia aconselhado
> Não mandasses constante, que valera
> Ter no tanque de Cintra exposto ao vento
> Fragatas de cortiça?

Assistiu á ultima sessão da Arcadia em 1774 no palacio do Morgado de Oliveira.

28. Presidiu á sessão da Arcadia, em 30 de Septembro de 1760, celebrada por occasião do casamento da Princeza do Brazil (D. Maria I) com seu tio o Infante D. Pedro. (*Gazeta* de 7 de Outubro, de 1760.) No Catalogo Nepomuceno, n.º 2234, descreve-se: «Discursos e Dissertações que parece serem de José Soares de Avellar, recitados na *Academia dos Efficazes*... e tambem na *Arcadia de Lisboa.*» Ms. in-4.º de 110 pag. — Sob o n.º 2235: Discurso problematico recitado na Academia dos Efficazes: Sobre — qual é mais para admirar em Duarte Pacheco Pereira, se na guerra a sua fortuna, ou se a sua desgraça na paz?» E' autographo e assignado. No *Subsidio para um Diccionario de Pseudonymos* vem o seu nome arcadico. (p. 54.)

29. Natural da Colonia do Sacramento, aonde nasceu em 5 de Maio de 1726, sendo seus paes Manoel Ferreira de Sande e D. Maria Jacintha de Macedo e Vasconcellos. Veiu para Lisboa, e professou na ordem de S. Filippe Neri, na Congregação do Oratorio,

30. D. Joaquim de Santa Anna Bernardes, *Fido Menalio.*

Até aqui a lista apresentada por Aragão Morato, que parece incompleta, porque comprehende sómente os socios da fundação; encontrámos mais dous árcades da mesma epoca:

---

a 2 de Fevereiro de 1744, onde estudou e chegou a reger uma cadeira de Humanidades no Hospicio de N. S. das Necessidades. Saíu da Congregação para o estado do presbytero secular em 1761, na occasião de serem perseguidos alguns padres congregados pelo Marquez de Pombal. Vivia da prédica. D'elle dizia o rei D. José I: «O padre Macedo é muito feio; mas no pulpito até me parece bonito.» Morreu pouco depois de 1788, em grande miseria, tendo-se entregado á vida dissoluta de botequim e frequencia dos theatros, fazendo-se n'esse tempo notar como exaltado admirador da Zamperini, pelo que foi alvo de muitas satiras. O nome arcadico de *Lemano*, anagramma de Manoel, é citado na Satira que lhe fez Domingos Monteiro Albuquerque do Amaral *(Dorindo)* por causa da alludida cantora italiana. (Vid. *Ramalhete*, t. VI, p. 356, 361, 370, 379, 385, 393.) Encontral-o-hemos adiante no episodio da *Guerra dos Poetas*, e do *Grupo da Ribeira das Náos*, quando Filinto capitaneava os dissidentes da Arcadia.

30. Foi presidente da sessão publica da Arcadia em 28 de Dezembro de 1760. (*Gazeta de Lisboa*, de 30 de Dezembro de 1760). Vê-se que se conservou desde a fundação, mas não saiu da Arcadia passados dous annos, como suppoz Innocencio. Em uma Ecloga avulsa encontramos o nome arcadico *Fido Menalio* com as iniciaes J. B. de S., que interpretámos Joaquim Bernardes de Sant'Anna. Era afamado prégador; imprimiu-se a «Oração panegyrica e encomiastica que fez ao nascimento do Principe da Beira Frei Joaquim de Santa Anna, Eremita de S. Paulo, Prégador de S. A. Lisboa, Officina patriarchal de Francisco Luiz Ameno MDCCLXI.» Outros árcades como Quita, Borgonzoni Mar-

31\. . . . . *Ismeno Cisalpino.*
32\. . . . . *Silvandro.*

O titulo de árcade tornou-se em Lisboa uma distincção honorifica, sobretudo desde que as suas sessões publicas se fizeram com todo o apparato palaciano, com musica instrumental e com a assistencia dos ministros e patriarcha. Ambicionava-se o entrar n'essa pleiada, que se propozera regenerar a Eloquencia e a Poesia, e não houve remedio senão alargar o quadro, fazendo uma eleição. Manoel de Figueiredo compoz uma Satira *Aos Poetas e aos Mecenas*, datada de 30 de Abril de 1758, que traz a nota: «*Alludindo á eleição de sogeitos para Arcades.*» [1] É n'esta phase, comprehendo tambem n'ella os novos socios que entraram por occasião da restauração da Arcadia, que se deve incluir a lista de alguns poetas que sempre se consideraram como árcades, embora Aragão Morato não os tivesse indicado. São elles:

---

telli e José Caetano de Mesquita celebraram tambem este successo.

Ao tratarmos da Restauração da Arcadia fallaremos outra vez do turbulento conego.

31\. Nos Mss. da Bibliotheca de Evora, (Cat. t. II, p. 30) existe uma *Oração de* Ismeno Cisalpino *em 11 de Março de 1758, por occasião de contar a Arcadia dous annos depois do seu estabelecimento.*

32\. Apparece este árcade citado nos versos de Amaral França: *Obras de Melizeu Cylenio*, p. 87; e nas Obras de Diniz, t. II, p. 77; fôra contemporaneo de Elpino em Coimbra.

---

[1] *Obras posthumas*, t. I, p. 79.

33. Frei José do Coração de Jesus, *Almeno.*
34. Fr. Alexandre da Silva, *Silvio.*
35. Dr. Ignacio Tamagnini, *Alceste.*
36. José Antonio da Silva, *Silvio.*
37. José de San Bernardino Botelho, *Albano.*

Depois de ter a Arcadia sacudido de si o elemento seiscentista, e como que entrando em um periodo de serenidade, escreveu Domingos dos Reis Quita, o idylio sobre a *Amisade*, enumerando alguns socios mais dilectos:

> Não são estas ribeiras infestadas
> De petulantes Satyros e Faunos;
> *Com dardo agudo da sagrada Selva*
> Diana *essa vil turba lançou fóra.*

---

33. Os seus versos foram uns impressos e outros colligidos por Ribeiro dos Santos.

34. Com este nome cita Innocencio (*Dicc. bibl.* n.º 1722) um eremita de Santo Agostinho. Tambem se considera ser Fr. Alexandre da Sagrada Familia, tio de Garrett, que morreu bispo de Angra, e deixou muitos versos ineditos.

35. Parece referir-se a este arcade o Discurso II, de Manoel de Figueiredo, na sua recepção: « A confusão em que vos poz a lembrança que a Arcadia teve da vossa pessoa para occupardes o logar de um dos seus socios, é a maior confirmação que lhe podieis dar do seu acerto;... O progresso que tendes feito na vossa laboriosa Faculdade em um e outro Direito; o amor que mostrastes sempre ás Bellas-letras, e as circumstancias civis de que vos ornaes, fariam inculpavel a vossa satisfação, assim como justificam a eleição da Arcadia.» (t. II, p. 156.)

36. Citado nas Obras de Diniz.

37. Citado nas Obras de Melizeu Cylenio, p. 168 e 176; era conego secular de S. João Evangelista. « Elle escuta de *Albano* a doce avena.»

Portento raro de saber profundo,
Vem *Pedegache*, tu, que a frente cinges
Com os louros de Apollo e de Bellona;
Que de Minerva as sabias disciplinas
Comprehendeste com agudo engenho.
Tu, *Saraiva*, que as flores de Hyppocrene,
De Themis co'a sagrada venda enlaças;
Valladares, do Pindo immortal gloria,
Que do sabio Longino a vara empunhas,
Por ti clama, do Tagro deixa os montes;
Tu *Avellar*, e tu, *Pereira* egregio,
Que na fronte cingis da Arcadia o louro;
Tu, sabio *Betancourt*, que os versos amas,
E tu, recto *Damasio*, que a balança
Equilibras de Astrea justiçoso;
Cantor da bella Olaia, brando *Mattos*,
Que do immortal Camões os passos segues;
Tu, facundo *Diniz*, de Erato filho,
A quem Pindaro deu toante lyra,
. . . .
Tu, *Sousa* do Fayal, a quem as Musas
As correntes franqueam do Parnaso.
Vem, douto *Evangelista*, abre os thezouros
Dos Padres de Sião, e os aureos diques,
Solta a corrente universal da Historia,
Vós, *Sales*, *Foyos*, que as perennes fontes
Da Eloquencia tendes esgotado,
Da critica o farol accender vindes.
E tu, *Freire* elegante, que triumphas
Com as suaves settas da verdade
. . . .
Vinde que n'este bosque me acompanham
O divino *Garção*, o meu *Faria*,
Que são da minha lyra inseparaveis.

38. Miguel Tiberio Piedegache Brandão Ivo — *Almeno Tagidio*. (?)

---

38. Citado no Idylio de Quita á *Amisade*, entre outros árcades afamados como Garção, Diniz, Freire, Valladares. Na biographia de Piedegache, publicada por Costa e Silva (*Ramalhete*, vol. III, p. 358) diz-se: «que foi admittido para socio da Arcadia, tomando

39. P.e D. Antonio de Betancourt, *Lusisto.*
40. Dr. José Antonio de Oliveira Damasio.
41. P.e João Evangelista.
42. João Xavier de Mattos, *Albano Erythreo.*
43. Dr. Bento José de Sousa Farinha.

---

assim uma parte muito activa na grande obra da restauração da poesia e eloquencia portugueza.» Figura na ultima sessão da Arcadia em 1774. Com as iniciaes M. T. P. encontramos o nome de *Almeno Tagidio:* talvez Manoel Thomaz Pinheiro de Aragão.

39. O verso de Quita: «Tu sabio *Betancourt,* que os versos amas» refere-se ao poeta que figura na homenagem festiva da Arcadia de Roma, pelas melhoras de D. João v em 1744. Vide retro, p. 79.

40. Os versos de Quita: «E tu, recto *Damasio,* que a balança — Equilibras de Astrea justiçoso . . .» julgamos referirem-se ao Dr. José Antonio de Oliveira *Damasio,* despachado Juiz de fóra de Torres Novas em 28 de fevereiro de 1759. (Gazeta de Lisb. *eod. ann.*)

41. Era um afamado prégador; Quita refere-se a elle no verso: «Vem, douto *Evangelista,* abre os thezouros — Dos Padres de Sião . . .» E' tambem citado como árcade na *Illustração* de 1845, a pag. 185. Secularisou-se por causa do scisma da *Jacobêa,* e foi vigario do Soccorro.

42. Da Arcadia do Porto. Pelos versos de Quita pode-se inferir que pertencera á Arcadia restaurada:

«Cantor da bella Olaia, brando *Mattos,*
Que do immortal Camões os passos segues.

A sua Ecloga de *Albano e Damiana* chegou a ser popular, e cantavam-a os cegos, como referem Filinto e Francisco Coelho. (*Theatro* de Manoel de Figueiredo, t. XIV, p. 464.) Tambem pertenceu á Academia dos *Conformes lisbonenses.* (*Obras,* III, 81.)

43. Nos Mss. da Bibliotheca da Academia das Sciencias (Gab. 5. Est. 8, N. 54) acha-se uma *Oração Academica da Purissima Conceição de Maria, Protectora dos* ARCADES, por Bento José de Sousa Fari-

44. Capitão Manoel de Sousa.
45. João Antonio Monneau, *Jonio Sorbonense.*
46. Pedro José da Fonseca, *Verissimo Lusitano* e *Lereno.*
47. Claudio Manoel da Costa, *Glauceste Saturnio.*
48. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, *Eureste Fenicio.*

---

nha. Vê-se que foi recitada em uma das sessões obrigatorias da Arcadia em 8 de Dezembro.

44. Escreve Innocencio no *Diccionario bibliographico:* «Menos bem avisado andei, quando puz em duvida que Manoel de Sousa tivesse pertencido á Arcadia. Tal duvida acha-se de todo desfeita perante a declaração que elle proprio apresenta no rosto da *Historia antiga*, de Rollin, onde expressamente ajunta ao seu nome a qualificação de *Socio* d'aquelle corpo.»

45. Em folhas avulsas sobre o nascimento do infante D. Antonio em 1795; da Academia de Bellas-Letras. (Coll. da Academia.)

46. Dá-se o titulo de *Lereno* na Ecloga ao felicissimo e sempre plausivel nascimento do . . . Princepe da Beira, Lisboa, Officina patriarchal MDCCLX. In-8.º de 8 pp.—Tambem o cita o *Museu litterario.* vol. I, p. 375.

47. Escreve Teixeira de Mello, nos *Annaes* da Bibliotheca do Rio de Janeiro, p. 375: «Permaneceu na Europa doze annos depois de formado, lá contrahira relações de amisade com quasi todos os cultores das letras seus contemporaneos, e alli entrou para o gremio da *Arcadia de Lisboa*, sob o nome de *Glauceste Saturnio.*» Na edição dos seus versos, em Coimbra, de 1768, usa este nome como: *Arcade ultramarino.*

Nas Obras de Claudio Manoel da Costa, p. 270, vem uma despedida de Glauceste Saturnio, *Pastor Arcade, Romano, Ultramarino;* e na pagina seguinte a resposta de *Eureste Fenicio*, com a mesma indicação que parece alludir ás tres academias poeticas.

48. Pereira da Silva, nos *Varões illustres do Brasil*, t. II, dá a entender que tivera na Arcadia o nome

49. José Basilio da Gama, *Termindo Sepilio.*
50. João de Alpoim de Brito Coelho.
51. Manoel Pedro Thomaz Pinheiro Aragão, *Almeno Tagidio.* (?)
52. Francisco José da Costa, *Alcindo Filomeno.* (?)
53. Luiz Marinho de Azevedo, *Lucindo Lusitano.* (?)
54. Fr. Antonio Lopes Cabral, *Osando Aonio*, e *Lucindo.* (?)
55. Fr. Antonio de Escobar, *Salamio Lusitano.* (?)

---

de *Eureste Fenicio.* Figura na ultima sessão de 1774. Coll. Pomb. vol. 416, fl. 85. Defendeu Quita das Satiras do Dr. João de Zuniga.

49. Escreve Costa e Silva no *Ramalhete*, vol. IV, p. 22: «foi admittido na Arcadia, como já o tinha sido na de Roma.» Pertence á ultima geração que em 1774 figura na sessão derradeira da Arcadia. Nos Mss. da Academia achamos a seguinte rubrica: *Termindo Sepilio* — Pastor da *Arcadia dos Condes da Redinha.* Vê-se que além da celebrada sessão de 20 de Janeiro em casa do Morgado de Oliveira, ahi se reunia a Arcadia familiarmente.

50. Já figura na academia dos *Occultos*, nucleo da Arcadia. No *Desafogo da pena mais sentida*, composto pela Madre Thomasia Caetana de Santa Maria em Outavas glosadas de um Soneto contra os pretendidos conjurados dos tiros a el-rei D. José, assigna-se na Approvação do Desembargo do Paço: «*Academico da Academia real e da* ARCADIA.» Com data de 1759.

51. Costa e Silva, no *Ramalhete*, t. VI, p. 119 dá-o como árcade. Figura no fim do seculo XVIII; nasceu em 1773.

52 (Escrevia em 1813.) — 53 — 54 — 55 (São do seculo XVII.) Apontados erradamente como Arcades, no *Museu litterario* de 1834, vol. I, p. 375.

56. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, *Dorindo* e *Matusio*.
57. Manoel Pinto da Cunha e Sousa.
58. Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos, Abbade de Jazente.
59. Joaquim José Ferreira Lobo.
60. Beneficiado José Ignacio Barbosa.
61. Ignacio Carvalho da Cunha.
62. Domingos Maximiano Torres, *Alfeno Cynthio*.

c) Conferencias e Sessões da Arcadia

A actividade da Arcadia só poderia ser bem determinada percorrendo o Livro das Conferencias em que estavam trasladadas as Orações dos presidentes, os Discursos dos Arbitros, e as Composições em verso ou prosa dos demais academicos, ou *Pastores* que concorriam ao *Monte Ménalo*, como se dizia em obrigado estylo bucolico. Não sendo possivel deparar com esse livro, por um meio indirecto colligimos todas as referencias ás sessões e conferencias celebradas pela Arcadia, que

---

56. Na Ecloga de Quita *Lincêa*, com o nome de *Dorindo* responde a *Alcino*. *Obras* de Diniz, t. I, p. 157.

57 a 61. Figuraram na sessão derradeira de 1774; pertenceriam á então denominada *Arcadia dos Condes da Redinha*. Ahi figurou tambem o auctor do *Palito metrico*, o P.e João da Silva Rebello.

62. Segundo a opinião de Costa e Silva, no *Ramalhete*, vol. III, p. 133, pertenceu á Arcadia apesar da sua intimidade com Filinto; chegou até á edade de 88 annos, o que justifica a plausibilidade da tradição colligida por Costa e Silva. Foi da *Academia de Humanidades*, que se transformou depois na *Nova Arcadia*.

se encontram espalhadas pelas obras de Garção, Quita, Diniz, Manoel de Figueiredo, Amaral França, na Gazeta de Lisboa, em Orações manuscriptas e ineditos. Formado esse prospecto chronologico, vê-se immediatamente a existencia da Arcadia em todos os seus accidentes historicos: Primeiramente, a demorada organisação, desde 11 de Março de 1756 a 19 de Julho de 1757, em que foram jurados os Estatutos; difficuldades que se relacionam com a exclusão deliberada do elemento seiscentista. Depois, manifesta-se o enthusiasmo, na frequencia das sessões durante o resto do anno de 1757, enthusiasmo que se torna intenso seguindo-se as sessões em numero de quatorze por todo o anno de 1758. O titulo de árcade torna-se como altamente honorifico muito ambicionado; é então que no anno de 1759 as sessões da Arcadia se fazem pomposamente na Livraria do convento dos Congregados das Necessidades ou na sala da Junta do Commercio á Cotovia, para glorificação do rei D. José I pelas melhoras dos tiros da supposta conjuração, ou pela mercê do titulo de Conde de Oeyras com que Sebastião José de Carvalho fôra agraciado.

Mas a Arcadia não podia occupar-se sériamente da Eloquencia e da Poesia portugueza; ella fôra envolvida na corrente da grande lucta, que começou com o ataque aos Jesuitas, tirando-se-lhes a confissão e o ensino, que continuou com os cadafalsos de Belem e prisões da bastilha da Junqueira, com os Autos de fé politicos como o de Malagrida, e com o terrivel tribunal da Inconfidencia. As sessões da Arcadia rarearam no anno de 1760, ape-

sar das queixas de Garção e de Figueiredo contra os Pastores que desertavam do Ménalo; em 1761 apenas temos noticia de uma sessão, havendo um grande lapso ou occaso até á sessão de 14 de Março de 1763. Não causa estranheza esta falha, attendendo á guerra da Hespanha de 1762, e á organisação da defeza militar pelo Conde de Lippe, que absorveu todas as attenções até á paz de 1763. Em 1764 acham-se memoradas duas sessões, que se relacionam com os esforços empregados por Diniz, quando regressou de Castello de Vide a Lisboa, por Garção e pelo Quita para a *Restauração da Arcadia.* Não foi possivel insuflar vida a esse organismo combalido; desenvolveu-se a febre das partidas ou reuniões de familias, das representações em theatros particulares, dos jogos de whist, dos Outeiros poeticos e improvisações, e não bastando esta diversão, a Arcadia achou-se sem os seus principaes sustentaculos, pelo falecimento prematuro de Quita em 1771, e pela morte desgraçada de Garção em 1772, e ausencia forçada de Diniz pelos seus despachos na magistratura judicial. Ainda em 20 de Janeiro de 1774 se celebra uma sessão derradeira, não já da Arcadia lusitana mas, como dizem os manuscriptos coévos, da *Arcadia dos Condes da Redinha.* Sobre este schema chronologico é que iremos narrando as phases historicas da generosa mas sempre desprotegida corporação.

1756. — 11 de Março. Deliberação entre os Doutores Theotonio Gomes de Carvalho, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manoel Nicoláo Esteves Negrão, recentemente chegados da Uni-

versidade, de fundarem em Lisboa uma Arcadia, para o aperfeiçoamento da Eloquencia e da Poesia portugueza.

—15 de Agosto. Diniz e Esteves Negrão reunem-se para estabelecerem as bases da sociedade e formularem os seus Estatutos.

—20 de Agosto. Reunidos os tres graduados fica Antonio Diniz da Cruz e Silva encarregado da redacção definitiva dos Estatutos.

—23 de Septembro. Os tres iniciadores da *Arcadia lusitana* reunem-se em Bemfica, sendo ahi lidos os Estatutos apresentados por Diniz. O intervalo que vae até á inauguração da Arcadia justifica-se pelos trabalhos prévios de convidar differentes poetas, mais ou menos conhecidos, eruditos da Congregação do Oratorio, professores e mesmo membros de anteriores academias, que estivessem animados com o espirito da reforma que se manifestára em Portugal com as celebres Cartas sobre o *Verdadeiro methodo de estudar.* [1]

1757—12 de Julho. [2] No primeiro Idylio de Diniz, nos tres manuscriptos sobre que foi feita a edição de Morato, vem a seguinte rubrica: *Elpino Nonacriense, aos Pastores da Arcadia, na primeira Conferencia, que foi aos 19 de Julho de 1757.* O Idylio é um convite aos Pastores do claro Tejo:

---

[1] Escreve Aragão Morato, na citada *Memoria*, p. 62: « Estes successos memoraveis da historia da nossa Litteratura occorreram nos dias 15 e 20 de Agosto, e 23 de Septembro de 1756.»

[2] No Autographo da Bibl. nac., fl. 91, &, lê-se: 12 de Julho de 1757.

A ribeira deixae, vinde commigo
Do Ménalo ás fraldas, onde as Musas
Tornão a florecer. Alli cantando
Vereis do brando *Tirse* os seus amores . . .
Ali vereis tambem entre as ovelhas
Almeno, que os pastores não despreza . . .
E que goso tereis, quando escutardes
De *Corydon* a lyra, aquella lyra
Com a qual costumava o loiro Apollo
Nas ribeiras do Anfriso entre o seu gado
Os montes attrahir! o mesmo Apollo
Benigno lh'a entregou, a formosura
Ouvindo-o descantar da sua Marcia.
Ali tambem *Alcino*, o doce canto,
De *Fido*, de *Silvano* e de *Siveno*
Suspensos ouvireis, canto suave
. . . .
Pois por vós hoje vemos renovada
A antiga edade de ouro, e antigo preço
Das frautas pastorìs . . . . . .
Os Pastores seus jogos principiam.
Oh Arcades! notae com branca pedra
Dia tão fausto, e seja por famoso
A's vossas festas sempre consagrado;
E por que d'elle eterno se conserve
Entre vossos vindouros a memoria,
O seu nome cortae nos duros troncos
Das arvores annosas, e cantado
Em vossos versos para sempre seja.
. . . .
Que doces eccos ferem meus ouvidos!
Ah, já vejo os pastores, já escuto
O suavissimo canto: alli *Almeno*.
Aqui *Siveno* está, alli *Alcino*,
Tirse, *Corydon* e *Nemoroso*.
. . . .
Onde, sabios Pastores, dizei onde
Sem *Elpino* voaes, o vosso Elpino?
Esperae, esperae, que eu já vos sigo; etc.

(*Poes.*, t. II, p. 27 a 31.)

Por este Idylio se vê quaes foram os poetas que tomaram parte activa lendo composi-

ções na inauguração da Arcadia. A allegoria bucolica de se tratarem por Pastores era um tanto insulsa e mesmo contraproducente para quem pretendia restaurar o bom gosto litterario; mas a isto respondia Diniz na Dissertação sobre o estylo da Ecloga: «que á *Arcadia Romana* deve a Italia o grande esplendor da sua Poesia; o que confessam todos os sabios d'aquella nação... E todos nós sabemos, que huma das leis d'aquella celebre Assemblea é, que nas suas obras em verso se use sempre do estylo pastoril, e nas em prosa quanto a natureza da composição o permittir.»

— 22 de Julho. Esta segunda sessão da Arcadia é authenticada por tres Sonetos que recitou Diniz, e que na collecção autographa vem datados de 22 de Julho de 1757; confirma o facto a Oração lida n'essa Conferencia por José Caetano de Mesquita e Quadros *(Matalezio Klasmeno)* com a mesma data. (Ramos Coelho, ed. do *Hyssope*, de 1879, p. 359 e 386.) Vê-se que foi uma sessão ordinaria, por que a outra foi apenas inaugural e festiva.

— 26 de Agosto. O Idylio VII de Diniz, intitulado *Tresea*, traz a seguinte rubrica no manuscripto de que se serviu Morato: «*Recitado na Arcadia aos 26 de Agosto de 1757.*» (*Poes.*, II, 89.) Appareceu pela primeira vez impresso na Collecção das Obras poeticas dos melhores Authores, no Porto em 1789; não tem referencias pessoaes ou historicas. O idylio piscatorio *Amiclas*, tem nas poesias autographas de Diniz (fl. 123): «*Foi recitado na Arcadia em Agosto de 1757.*»

Torna a alludir a esta sessão no t. II, p. 127, nota 1.

Garção tomou parte n'esta Conferencia com a Dissertação I *Sobre o caracter da Tragedia*, propondo ser inalteravel regra d'ella não se dever ensanguentar o theatro; acompanha-a a nota: «*Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana no dia 26 de Agosto de 1757.*» (Ob. poet., p. 431, ed. 1888.) Ahi appresenta aquelle pensamento que tambem Goethe formulou distinguindo a tragedia da epopêa: «No theatro não só escuto o que se diz, mas vejo o que se faz. Na epopêa, não vejo o que se faz, ouço o que se diz.» (Ib., p. 438.) E para dar ideia do *pathos*, que é o elemento generativo da tragedia grega, manifesta uma certa liberdade critica: «A palavra *paixão*, de que se serve Aristoteles, não significa uma paixão que se move na alma por este ou aquelle respeito; mas sim no sentido em que ella significa padecimento, como quando dizemos (se é que se pode explicar uma cousa profana com os mysterios da nossa religião) *a Paixão de Christo*. N'esta significação se entende este termo;» etc.

— 30 de Septembro. A Dissertação II de Garção, *Sobre o mesmo caracter da Tragedia*, e utilidades resultantes na sua perfeita composição, traz a nota: «*Recitada na Conferencia da Arcadia Lusitana, no dia 30 de Septembro de 1757.*» — N'esta mesma sessão leu Diniz uma Ecloga intitulada *Auliza*, «em que fallam *Ergasto* e *Dametas*, e principia: Junto das frescas aguas do Mondego, — a qual o author recitou na Arcadia aos 30 de Septembro de 1757.» (*Poes.*, t. II, p. 77.) Diniz ela-

borou duas vezes esta Ecloga, mudando-lhe os nomes dos pastores em *Elpino* e *Silvandro*. No Ms. da Bibl. nac., fl. 47, lê-se: «Ecloga que recitou na Arcadia em 30 de Septembro de 1757.»

Tambem n'esta mesma Conferencia appresentou uma *Dissertação sobre o Estylo das Eclogas;* a rubrica «*para se recitar na Arcadia a 30 de Septembro de 1757, por Elpino Nonacriense*» condiz com a forma como foi encontrada: «foi tirada de uma extensa carta que elle havia escripto no anno antecedente a Theotonio Gomes de Carvalho sobre a mesma materia.» (Ib., t. II, p. 3.) E' n'esta Dissertação que aparece Pina e Mello julgado como um poeta sem gosto, appresentando-se alguns trechos tirados da sua *Bucolica;* a referencia chegou até Coimbra; doeu-se bastante, como veremos nas suas cartas cheias de resentimento contra a Arcadia. Diniz torna a alludir a esta sessão, no t. II, p. 126, not. 1.

— 29 de Outubro. Leu n'esta Conferencia Antonio Diniz da Cruz e Silva a segunda parte da Dissertação *Sobre o Estylo da Ecloga, aos 29 de Outubro de 1757, no Monte Ménalo*. N'ella faz ainda asperas referencias ao poeta bucolico Pina e Mello. Diniz aspirava a ser despachado Juiz de Fóra; compoz então a Ode IV «Ao illustrissimo e excellentissimo Sebastião José de Carvalho e Mello, *recitada na Arcadia aos 29 d'Outubro de 1757.*» (*Poes.*, t. III, p. 226.) Entre as glorias que celebra, exalta o rigor com que o Ministro mandou uma Alçada ao Porto para abafar uma rebelião, que não passou de umas queixas de pobres mulheres taverneiras que não podiam

exercer o seu commercio por causa do monopolio da nova Companhia dos Vinhos do alto Douro:

> O famoso Carvalho, *que do solto*
> *Vulgo a furia e licença refreando*,
> As desmaiadas artes animando
> Está com seu exemplo.

A cidade do Porto foi cercada por dous regimentos, fizeram-se prisões discricionarias, e por sentença da Alçada de 12 de Outubro de 1757 foram condemnados á morte vinte e um homens, e cinco mulheres; d'aqui para baixo as penas foram açoutes, galés, confiscação de metade dos bens, degredos para Angola, Mazagão, estado da India, para Castro Marim, para fóra da comarca, e carcere temporario, e reservando-se para castigo de dezesete crianças o assistirem ás execuções capitaes, com açoites e palmatoadas! O total das condemnações foi de: quatro centos e vinte e quatro homens, e cincoenta e quatro mulheres, confiscando-se-lhes em bens dez contos trezentos e dez mil reis! [1]

---

[1] Conta o Desembargador Gramosa, nos *Successos de Portugal*: «Acabadas todas as diligencias da Alçada (2 annos) não faltaram pessoas de excepção maior que informaram a Sebastião José não só da exagerada falsidade das primeiras informações do chamado tumulto, como das extravagancias, violencias e injustiças praticadas pelo escrivão da Alçada (o Dr. José Mascarenhas Pacheco Pereira.) Capacitado finalmente que fôra enganado, mostrou ter sentimento e arrependimento d'aquellas extorsões e injustiças, pelo que se determinou castigar ao referido Escrivão da Alçada, degradando-o, e conservando-o preso na fortaleza da Ilha das Cobras no Rio de Janeiro.» (t. I, p. 166.)

Diniz prostituía a poesia, exclamando n'esta Ode VI:

> Oh Fleury, oh Colbert, oh Mazarino,
> E vós outros, a que a grande experiencia
> Principes da politica sciencia
> Em todo o mundo acclama;
>
> Se quereis vêr quem hoje vossa fama
> Escurece, vêde este horoe preclaro,
> Cujo espirito grande, inclyto e raro
> Cheio de santo zelo . . .

Por estas estrepitosas bajulações teve Sebastião José de Carvalho conhecimento da *Arcadia lusitana*, e pareceu lisongear-se promettendo favorecel-a. Garção e Manoel de Figueiredo referem-se a essas esperanças. A atmosphera de cannibalismo politico ia-se tornando mais espessa; e como as artes não florescem ante a insensibilidade moral, a Arcadia condemnava-se á esterilidade.

— 7 de Novembro: Garção appresenta a sua Dissertação terceira: Sobre o principal preceito para formar um bom poeta procurar e seguir sómente a imitação dos melhores Autores da antiguidade. Tem a nota de: «Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana, no dia 7 de Novembro de 1757.» *(Obr. poet.*, p. 461.) N'esta Dissertação queixa-se já da falta de *tranquillidade que necessita quem escreve;* por ventura alludia ás demandas em que o envolveram os bens advindos por sua mulher. Substituía Diniz, que se achava então doente: «Substituir as vezes de um homem sabio, eloquente e erudito, as vezes de um *Elpino Nonacriense*, não é peso com que possam meus hombros.» Na Ode VI de Diniz «A

Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção, chamado na Arcadia *Corydon Erymantheo*, em 1757» vem um convite no gosto horaciano para combater os frios hybernaes com um ponche:

> « Ah Corydon! emquanto o inverno frio
> Cresta co'as duras mãos plantas e flores,
> Fogem do campo e rio
> Graças e Amores;
>
> Com o cheiroso ponche em doce guerra
> Quebremos o furor dos rijos ventos,
> Que as folhas sobre a terra
> Espalha aos centos.
>
> (*Poes.*, t. III, 239.)

Encarecendo a imitação dos antigos, allude Garção ao desnorteamento dos Seiscentistas e á missão actual da Arcadia: « Entre nós, depois que acabaram os bons dias da Poesia portugueza, poucos foram os que penetraram semelhante mysterio, de que são miseraveis testemunhas as obras dos *Seiscentistas*. Guardava o céo para a Arcadia a honra e a vaidade de erguer esta bandeira, e levar comsigo seus compatriotas. Hoje todos desejam imitar os Antigos, todos estudam pelos Gregos e Latinos e pelos nossos bons Authores; mas fugindo de Scylla, quantos varam em Charybdes?» (Ib., p. 465.) Falla tambem do interesse que a Arcadia encontrava no publico: « da imitação dos bons Authores, á qual deve a Arcadia sua grande reputação, e não pequena parte dos honrados elogios com que foi recebida de nossos mais prudentes e doutos patricios, e que hade espalhar seu nome pelas nações estrangeiras.»

— 8 de Dezembro. Era esta uma das sessões publicas obrigatorias dos Estatutos, por voto da Arcadia. Tomou parte n'ella Diniz com a Ode I «*A' immaculada Conceição de Maria Santissima, que recitou no Ménalo na Conferencia publica, que a este Mysterio celebrou a Arcadia de Lisboa, em 8 de Dezembro de 1757.*» Descrevendo a exaltação que o inspira, allude a outros arcades presentes:

Ah, já não sou, não sou o rude Elpino
Pastor da bella Arcadia: estes os campos
Não são do claro Alfeio.
Onde está *Melibeu?* onde a cabana
Do guardador *Albano?* onde *Siveno,*
Montano e mais pastores?

(*Poes.*, t. III, p. 214.)

N'esta mesma sessão leu Diniz uma Oração em prosa consagrada ao mesmo mysterio, conservada entre as suas obras ineditas autographas. (Ramos Coelho, ed. do *Hyssope*, p. 16.) O Immaculatismo tornára-se o thema forçado de todas as academias poeticas. [1]

---

[1] Para se formar ideia da Conferencia publica da Arcadia, transcrevemos aqui a descripção de uma que ao mesmo assumpto se celebrou então:

«Santarem, 6 de Dezembro (1757.)

«N'esta villa fez a nossa *Academia Scalabitana* a sua quadragesima sexta sessam no dia 27 do mez passado, dedicando-a á Immaculada Conceição da Virgem N. S., Protectora do Reyno, e Padroeira da mesma Academia. Executou-se todo o preposto no Cartel que se imprimiu, sendo Presidente o M. R. P. M. Fr. José de Santo Antonio, Presentado na sagrada theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens

— 28 de Dezembro. O Idylio V, de Diniz, tem por epigraphe: «Ecloga para celebrar a festa do Santissimo Natal, *recitada no Ménalo aos 28 de Dezembro de 1757, por Elpino Nonacriense e Almeno Sincero.*» N'esta composição é que se encontram versos do secretario da Arcadia o Dr. Manoel Nicoláo Esteves Negrão. Alludindo á adoração dos pastores no presepio, escreve Diniz:

> Não te lembra tambem que os nossos sabios
> Que as Leis da bella Arcadia composeram,
> A tão grande favor agradecidos,
> Mandaram que no Ménalo este dia
> Fosse sempre applaudido, e em doces jogos
> Pelos nossos vindouros celebrado?
> Ah, que um tão desusado esquecimento
> Duvidar me tem feito se és *Almeno*,
> *Almeno* em toda a Arcadia celebrado
> Por sabio e deligente pegureiro.

---

militares, e Prior do Convento de San Domingos d'esta villa, que discorreu na Oração com que deu principio a este pio e literario acto, com erudição elegante e discreta sobre a *Palma*, *Zarça* e *Rosa*, symbolos da purissima Conceição da Senhora. Foy assumpto para os Elogios a *Torre de David*, nunca entrada dos inimigos, e a *Oliveira* levantada entre as aguas do Diluvio universal: Geroglificos proprios do mesmo assumpto. Recitou o primeiro o M. R. P. Fr. Francisco Xavier Tapia, Presentado na sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio. O 2.º o M. R. P. M. Fr. Luiz de Santa Anna, Lente de Moral n'esta villa, ambos da religião Dominicana e ambos academicos scalabitanos. Leram-se muitas Poesias na lingua portugueza sobre o *Cedro do Libano*, tambem geroglifico da Conceição, segundo se tinha dado por assumpto; e sustentou engenhosamente e doutamente 6 combates a favor dos *Triumphos theologicos, ecclesiasticos e historicos* o Doutor Joam Antonio da Costa Andrade, Procurador

Responde-lhe *Almeno* com a chateza implicita do genero:

> Parece-me que vejo lá ao longe
> Pela estrada do Menalo ir andando
> Um rancho de Pastores: quanta inveja
> Me causa o vêr que a celebrar tal festa
> Nós não appareçamos os primeiros.

ELPINO:

> Não te enganas *Almeno*, que o *Montano*
> De *Tirse* e de *Siveno* acompanhado
> Já para o monte vae, e para o canto
> As suaves lyras, lyras afamadas
> Lhes ouço temperar; . . .

(*Poes.*, t. II, p. 62.)

Depois de alternarem umas quadras, tercetos, e parelhas, querendo imitar o *Carmen amaebeum*, Almeno termina o idylio indicando os outros árcades que têm de ler composições poeticas:

> Para esta banda um rancho de pastores
> Me parece que canta: Ai, Elpino!
> Ali *Mírtilo* está, acolá *Tirse*,
> *Corydon, Melibeu, Siveno, Alcino,*
> Ouçamos os louvores d'este dia
> Ao som das suavissimas avenas.

(*Ib.*, p. 76.)

---

da Fazenda real n'esta villa, Director da mesma Academia, e n'ella mestre de Historia ecclesiastica. Todos estes actos foram alternados com uma suave simphonia de Musica, que no fim de todos cantou a dous Córos o hymno *Te Deum laudamus*. Celebrado tudo na Ermida de San Roque, na presença do Doutor Francisco Ferreira Nobre, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, Corregedor d'esta comarca, *socio da mesma Academia e seu Mecenas*, e de um grande concurso de ouvintes.» (*Gazeta de Lisboa*, n.º 25, de 29 de Dezembro, de 1757.)

Nas obras de Garção vem a Ode XXXVI *Ao SS. Natal* (p. 187) repassada de um colorido biblico, e em fórma epódica, que foi lida n'esta Conferencia, embora não esteja datada. Nas obras de Quita a Ecloga III é *Ao Santissimo Natal*, alternando-se as estrophes entre *Alcino* e *Silvano Ericino;* (t. I, p. 52.) é verso de redondilha e arte menor, lembrando na fórma e por vezes no sentimento os Dialogos ou Colloquios das Lapinhas.

1758 — 16 de Janeiro. Sabe-se d'esta Conferencia publica da Arcadia pela Oração recitada por *Albano Melino*, celebrando-se o anniversario natalicio de Frederico II da Prussia. Ficou inedito este documento, que se acha na Bibliotheca de Evora. Começou então a prevalecer entre os árcades a predilecção pelas Conferencias publicas, que vieram a exercer uma tendencia deleteria sobre os seus estudos.

— 31 de Janeiro. O Dithyrambo II, de Diniz, traz a rubrica «Recitado na Arcadia a 31 de Janeiro de 1758.» (*Poes.*, t. III, p. 22.) N'esta composição são apontados varios árcades: *Albano*, *Siveno*, *Melibeu*, *Corydon*, *Tirse*, *Alcino*, *Almeno;* em notas explica o nome civil de cada um. Nem Diniz nem os outros poetas da Arcadia que fizeram Dithyrambos comprehenderam a estructura d'esta fórma litteraria.

N'esta Conferencia leu Manoel de Figueiredo a sua Satira I, como se deduz dos seguintes versos:

Ora, Lycidas, basta: *ha sete mezes*
Que por graça da chrisma, deu a Arcadia,
Como qualquer Doutor de *tibi quoque*
Eu te vejo Poeta de milagre.
E sete mezes ha que cá por dentro
Escarnecendo estou com risos falsos
A confusão que vae no teu juizo.

(*Obr. posth.*, II, 52.)

— **11 de Março.** Celebrou a Arcadia uma sessão commemorando o segundo anno da sua existencia; na Bibliotheca de Evora guarda-se o manuscripto inedito da *Oração que fez na Arcadia de Lisboa Ismeno Cisalpino, com assistencia de muita parte da côrte, em 11 de Março de 1758, por occasião de contar a dita Academia dois annos depois do seu estabelecimento.* Começa: «Permitti-me, oh Pastores da fertil Arcadia, que hoje me possa suppôr esquecido da grossaria da nossa profissão . . . *Dois annos ha*, que gozamos a pureza do clima a que nos conduzimos . . . Oh que sereno ambiente nos vivifica . . . que novos horisontes temos descoberto, etc.» N'esta Oração dá noticia de alguns trabalhos encetados por Arcades, taes como a versão da *Poetica* de Horacio, que mais tarde publicou Candido Lusitano, e de uma tragedia em elaboração que tem por assumpto *Oedipo.* Falla da reforma da Litteratura, condemnando as lettras hespanholas pelos exageros dos trópos gongoricos, que exemplifica, citando as phrases: *Ninhos de ouro em troncos de cristal*, para significar uma dama com cabellos louros, e *sombras sigiladas*, com que se designam as lettras no papel. N'esta Oração queixa-se o árcade dos obstaculos e opposições que su-

scitara a generosa empreza que era acoimada de novidades, por combater o máo gosto.[1] Os obstaculos surgiam no seio da propria Arcadia, onde entrára o elemento seiscentista, representado no conego D. Joaquim Bernardes, e tambem em resentimentos da critica. Na Ecloga VIII de Amaral França intitulada *Arcadia*, vem a nota: « Esta Egloga foi recitada no dia em que se celebrava o anniversario da Arcadia de Lisboa. *Melizeu*, é o nome do auctor, o qual finge que encontrou no campo *Silvandro*, pastor do Tejo, e com elle teve a presente pratica.» Diz-lhe Melizeu, explicando a pressa com que vae:

Saberás que é chegado aquelle dia
Em que no Monte Menalo os Pastores
Fazem a mais sonora melodia.
Hoje da Arcadia cantam os louvores,
Hoje apparecem todos coroados
De verde louro, das mais bellas flores.

SILVANDRO:

Oh, quem me dera ter egual ventura!
Oh céos! vós bem sabeis quanto eu desejo
Escutar d'essas vozes as doçuras,
Mas só tu tens logar em tal festejo;
Só tu nobre pastor tens merecido
Essa ventura que eu debalde envejo.

O nome de árcade era então muito ambicionado, como o proclama Melizeu:

---

[1] Carta particular de Gabriel Pereira, de 11 de Março de 1879, de Evora.

D'esta sorte *Silvandro* publicava
O quanto a nossa gloria se invejava.
Não só este pastor, meus companheiros,
Apeteceu viver n'estes outeiros,
Muitos lá do Mondego, lá do Tejo
Possuidos estão de egual desejo.

(*Obras*, p. 87 a 90.)

— 30 de Março. Compoz Diniz um poemeto em verso solto intitulado Propempticon, Ao ill.mo e ex.mo Manoel de Saldanha de Albuquerque, primeiro Conde da Ega, sahindo por Vice-rei para a India no anno de 1758.» Em uma nota de Morato, sobre a proveniencia do texto que adoptou, lê-se: « Este poema foi feito para se recitar na Arcadia aos 30 de Março de 1758, e vem escripto com o titulo Ode Monocolos.» E na lição mais antiga vem uns versos que confirmam o destino da Ode á despedida:

Calliope me inspira; sôem, sôem
No *Ménalo* outra vez as tuas vozes.

(*Poes.*, t. IV, p. 40.)

Vê-se que deixava o estylo rustico outra vez, referindo-se á Conferencia de 16 de Janeiro em que foi celebrado o rei da Prussia. Não era conhecida esta sessão.

— 28 de Abril. Nas *Obras autographas* de Diniz encontrou Ramos Coelho uma Ecloga, com a indicação de ter sido recitada na Arcadia em 28 de Abril de 1758. (Ed. do *Hyssope*, p. 16.) Não apparece memorada esta Conferencia.

— 30 de Abril. Na Satira I de Manoel de Fi-

gueiredo *Aos Poetas e aos Mecenas*, vem a nota: «30 de Abril, de 1758. *Alludindo á eleição de sogeitos para a Arcadia.*» (*Obr. posth.*, t. I, p. 79.) Como vimos pela Ecloga de Melizeu Cyllenio, havia grande empenho em ter o titulo de Arcade; *Silvandro* (cujo nome civil não descobrimos) manifestara esse desejo, e como muitos outros entrou n'essa segunda camada.

—8 de Maio. Garção recita a sua «Oração I, em que se intima e persuade aos Arcades se interessem em cumprir as leis da Arcadia que eram empenhar-se com todo o esforço na restauração da Eloquencia e antiga Poesia portugueza.» Traz a nota: «Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana, no dia 8 de Maio de 1758.» (*Obr.*, p. 477.) Entre os seus pensamentos vem: «Sem a fundação de uma Arcadia seria impossivel o magnifico projecto de restaurar estas duas artes divinas . . . » E fallando do máo gosto seiscentista, exclama: «Prouvera a Deus, ó Arcades, que ainda hoje em Portugal não avultassem mais as ruinas d'este geral destroço, do que as miseraveis reliquias da restituida Lisboa.» Confessa que a Arcadia não carece de provisões regias para viver, mas que frequentar as Conferencias sem um plano de trabalho «é deixar a machina sem alicerces.» Revela, que eram mais estimadas as composições poeticas lisongeando a Arcadia do que os papeis em prosa: «e muitos são de parecer que se devem supprimir, pois não servem de mais do que fazer compridas lições. . . . quando me lembro que estes pensamentos nascem entre homens sabios, entre nós, entre Arcades! Queremos restaurar a

Eloquencia, e não podemos soffrer que se exercite!» Caminhava-se para certas dissidencias internas. Não encontrámos outras referencias a esta sessão.

— 31 de Maio. A Ode I de Diniz aos annos de el-rei D. José, traz na collecção autographa a data de 31 de Maio de 1758, em que foi recitada na Arcadia. (Ramos Coelho, ed. do *Hyssope*, p. 360.) Na edição do Morato traz a data 30 de Junho (t. V, p. 1).

— 30 de Junho. Embora ambigua a data da Ode I aos annos do rei D. José, comtudo deve acceitar-se como celebrada uma Conferencia da Arcadia n'este mez. O Idylio piscatorio intitulado *Cymothêa* confirma-a com a rubrica que traz: «Recitado na Arcadia, aos 30 de Junho de 1758.» (*Obras* de Diniz, t. II, p. 113.)

— 31 de Julho. Na Ecloga X, de Diniz, intitulada *Elpino e Tirse*, vem a declaração: «Foi recitada na Arcadia em Conferencia de 31 de Julho de 1758. Contem uma allegoria do successo que teve a tragedia *O Cesar*, composta por Theotonio Gomes de Carvalho, (de quem são as partes de *Tirse*) representada no Theatro do arraial do Cabo, no dito anno.» (*Obr.*, t. II, p. 122.) N'esta Ecloga faz Diniz referencias á auctoridade litteraria de Garção, de Esteves Negrão, Valladares e Sousa, e Quita, que muito animaram os talentos de Theotonio Gomes de Carvalho, que se mostrava divorciado da Poesia. (*Ib.*, p. 132.)

A Satira II de Manoel de Figueiredo, tem a seguinte nota de valor historico: «31 de Julho, de 1758. No dia da abertura da Academia no segundo anno, *estando os Arcades*

em má intelligencia, por lhes não darem toda a attenção, quando liam os seus papeis.» (*Obr. posth.*, p. 83.)

Nos seus desorados versos, falla do

> . . . Orgulho, horrivel monstro . . .
> Em vão te jactas da fatal ruina
> Que fazes nos Palacios e nos Claustros:
> Que contra a *Arcadia* não, não valem forças . . .
> Nunca rebellarás seus pegureiros . . .
> . . . .
> Olha o monstro da Critica tremendo,
> Formidavel papão dos Escritores
> N'este Monte mais manso que um cordeiro.

Diniz no Idylio piscatorio *Iolas*, traz a rubrica: «Foi recitado na Arcadia em Julho de 1758.» (Ms. fl. 125. Na Bibl. nac.)

— 30 de Agosto. Como se authentíca pela nota que acompanha o Discurso I de Manoel de Figueiredo, (*Obr. posth.*, t. I, p. 108) celebrou-se esta Conferencia, cabendo-lhe em sorte o expôr um ponto litterario: «todo o meu empenho foi buscar-vos um assumpto proprio, tive a felicidade de encontral-o, não só interessante á gloria da Arcadia, porém o mais util á sociedade civil, e de que mais depende a polidez do nosso reino.

«E' este a *Comedia;* sabeis o deploravel estado em que se acha, sabeis a sua grande utilidade, sabeis a severidade com que foi banida, ouvís clamar a religião contra ella.» Manoel de Figueiredo abordava o assumpto predilecto que encheu toda a sua existencia. Pode-se dizer que elle insuflou um pensamento á Arcadia, como adiante trataremos.

N'esta mesma sessão de 30 de Agosto leu

Manoel de Figueiredo a Satira III: *Sobre a indifferença da rima na Poesia.* (Ib., p. 87.) Considera como uma escravidão o emprego da rima, e como um trabalho analogo ás minucias da arte chineza, concluindo que não são os versos rimados que fazem considerar Camões como um grande poeta. Esta these litteraria tambem teve o apoio de Garção e de Filinto Elysio; levados por considerações subjectivas, não observaram o aspecto historico, com que se manifesta nas linguas romanicas a *accentuação* e a *rima*, bases da Poetica moderna.

— **30 de Septembro.** E' esta a data da Conferencia em que Manoel de Figueiredo leu o seu Discurso II, continuando as reflexões sobre a Comedia, tratando especialmente dos Personagens, da Unidade e Decoro. (*Obr. posth.*, t. I, p. 122.) Parece que os Arcades, como adiante o confessa Garção, não gostavam de ouvir discursos em prosa.

N'esta mesma Conferencia Theotonio Gomes de Carvalho e Diniz lêram o Idylio XIII, em que são interlocutores *Tirse* e *Elpino:* «Foi recitado na Arcadia em a Conferencia de 30 de Setembro de 1758.» (*Obr.*, t. II, p. 175.) Por elle se vê que Diniz estivera algum tempo ausente de Lisboa:

> Suspirado Pastor, sejas bem vindo
> Da Arcadia aos campos, campos, que saudosos
> Estão da tua amavel companhia:
> Sejas bem vindo, por que te asseguro
> Que mais grato não é aos lavradores
> O sol nas eiras, que na Arcadia Elpino.
> Tu bem sabes o preço em que te estimam
> Do Menalo os pastores; todo o instante
> Por ti me perguntavam . . . .

— 30 de Outubro. Lê Manoel de Figueiredo o seu Discurso III sobre o riso e tristeza, ou a differença entre a Comedia e a Tragedia; em nota vem a data: «30 de Outubro de 1758.» (*Obr. posth.* t. I, p., 138.)

— 8 e 28 de Dezembro. D'estas duas Conferencias votivas e obrigatorias da Arcadia, não achamos referencia, embora se deparem Odes á Immaculada Conceição e ao Natal nas obras de Quita, que seriam recitadas por estas occasiões.[1] Mas a falta de indicação sobre outras Conferencias até 14 de Março de 1759 nos revela que alguma cousa de extraordinario se passou. Foi o caso dos tiros contra o rei D. José em 3 de Septembro de 1758, e o silencio sinistro conservado sobre o caso pelo temivel ministro, com os terrores espalhados pelas pesquisas extraordinarias do medonho tribunal da Inconfidencia! Em 9 de Dezembro de 1758 era assignado o decreto que mandava prender toda a familia do Duque de Aveiro e do Marquez de Tavora; em 13 do mesmo mez dava-se cumprimento ao decreto; em 11 de Janeiro de 1759 foram exautorados da sua nobreza e ordens militares em que eram professos; em 12 constituia-se o tribunal no paço da Ajuda que os condemnou a

[1] Camillo, no *Curso de Litteratura portugueza*, p. 166, traz uns extractos da Oração septima de Garção dizendo: «foi recitada no *terceiro anno da fundação*, em 1758.» Pelo texto da Oração se confirma a data de 1759, que é o *terceiro anno* da Arcadia a contar de 1756; Garção allude á presença do Ministro a duas sessões da Arcadia, que são as de 14 de Março de 1759 e a de 29 de Outubro do mesmo anno.

serem levados ao cadafalso com baraço e pregão, sendo-lhe primeiramente quebradas as canas dos braços e pernas, e expostos na roda do supplicio ao povo, separando-se-lhes a cabeça do corpo, botando depois fogo ao cadafalso e por fim lançando-lhes as cinsas ao mar! Executou-se esta cannibal sentença no caes de Belem no dia 13 de Janeiro de 1759, rebaixando a nação portugueza perante a civilisação europêa. O ministro achou juizes para revestirem esta monstruosidade com fórmulas de justiça; e os poetas e homens de letras glorificaram-no como o salvador da monarchia. A primeira Conferencia da Arcadia é a de:

1759 — 14 de Março. Fôra enviada uma carta regia a todas as camaras, abbadias, bispados e conventos de Portugal communicando que El Rei D. José estava já melhor das feridas que recebera do hypothetico attentado de 3 de Septembro de 1758; immediatamente se estabeleceu um delirio de festas religiosas, triduos, sermões, paradas militares, fogos de artificio, cavalhadas, e congratulações academicas, de que a Gazeta de Lisboa ia dando conta, como as Conferencias da *Arcadia lusitana*, dos *Unidos* da Torre de Moncorvo e dos *Preclaros* de Braga. Vejamos primeiramente o aspecto official d'estes festejos litterarios, em que a Arcadia foi forçada a envolver-se, sendo esse com certeza o motivo intimo que dissolveu o seu vinculo moral e corrompeu o ideal sympathico da sua missão.

Lê-se no n.º 12 da *Gazeta de Lisboa*, de 22 de Março de 1759, a p. 95:

« A Sociedade academica da *Arcadia lusi-*

tana estabelecida n'esta Corte, determinou fazer publico o gosto de ver conservada a vida do nosso clementissimo soberano e restabelecida a sua saude, em huma sessam academica, e conseguiu fazer a sua assemblea na Sala da livraria do Real Hospicio de N. S. das Necessidades, no dia 14 do corrente; a qual durou desde as 4 horas da tarde até as dez da noyte. A decoraçam da sala estava magnifica, a quantidade de luzes prodigiosa. Recitaram-se excellentes Poesias em differentes idiomas, e todas alternadas com a musica das melhores vozes e instrumentos. Foi o seu Presidente *Pedro Antonio Correa Garção*, e lhe deu principio com huma eloquentissima e muito erudita Oração que o Publico deseja já ver no prelo como se promete. Assistiram a esta magnifica e obsequiosa funcção o Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca, e os Excellentissimos e Illustrissimos Secretarios de Estado de S. M. Sebastião José de Carvalho e Mello, e Thomé Joaquim da Costa Cortereal, muytos da principal Nobreza, e um extraordinario concurso de gente.»[1]

---

[1] Nos differentes numeros da *Gazeta de Lisboa* vem noticias de todos os pontos da provincia em que se celebraram festejos pelas melhoras do rei D. José, umas vezes com descargas de mosquetaria, outras com panegyricos e triduos nos mosteiros, e com poesias e doces nas Academias litterarias. Ao padre Provincial da Ordem seraphica «lhe fez communicar por carta, firmada pela sua real mão, a noticia da sua completa melhora, e lhe ordenar que mandasse cantar em todos os Conventos da sua Provincia o *Te Deum* em acção de Graças pela merce, que lhe fez em preservar-lhe a

Por um ludibrio da sorte apparece eleito ou nomeado Garção para presidir a esta apparatosa, mas mentida Conferencia, elle que, segundo uma tradição de familia dissera: «que não podia servir junto de altos personagens, por que não podia assistir a uma acção injus-

---

vida no barbaro insulto da noite de 3 de Septembro.» As mesmas ordens foram ao Abbade geral dos monges de San Jeronymo, e ás demais ordens regulares. Dos festejos de Abrantes se lê: «A confusão dos repiques, o estrondo das bombas, as acclamações dos vivas faziam por toda a villa uma confusão agradavel, em que se considerava ao mesmo tempo a actividade do amor que havia nos corações d'estes fieis vassalos.» A sessão da *Arcadia lusitana* vem misturada com as noticias dos regosijos do Porto, Vianna do Lima e Tondella.

Na *Gazeta* de 29 de Março de 1759 se lê tambem sobre o regosijo da Torre de Moncorvo: «A celebre Academia ha tantos annos estabelecida n'esta villa com o titulo de *Unidos*, e que para credito dos sublimes influxos das Musas trasmontanas que os inspiram, basta dizer que foi seu alumno o grande Francisco Botelho de Vasconcellos, Autor do inimitavel Poema *El Alfonso*, não quiz deixar de fazer publica a demonstraçam do contentamento, que lhe causou o restabelecimento da saude do nosso Inclito Monarca. Todos invocaram o socorro das Musas, e fizeram sobre este assumpto relevantes Poesias, e para as communicarem aos seus naturaes ordenaram uma Conferencia na casa do Vereador José Luiz Carneiro de Vasconcellos, fidalgo cavalleiro da casa real e da ordem de Christo, sobrinho do mesmo Autor do *Alfonso*, que a fez armar decentemente, e collocar na parte principal d'ella debaixo de um docel o real retrato de S. Mag. fidelissima, a quem todos tomaram venia na recitação das suas obras; e foi o mesmo dono da casa o Presidente, que com huma elegantissima Oração deu principio a este plausivel acto pelas duas horas da tarde e durou até as 8 da noite, estando a casa illuminada com infinitas luzes. Foram tres os assumptos e todos alternados com a

ta, sem que redondamente a reprovasse.» A Oração proferida por Garção na Livraria do Hospicio das Necessidades foi considerada eloquente, e esperava-se que ella fosse impressa; ficou porém inedita até 1888, sendo extrahida dos manuscriptos do conego Fi-

---

simphonia de varios instrumentos, e ultimamente se deu fim á Conferencia com a glosa d'este Mote:

«Já brilha alegre no Oriente
O sol, que a sombra escondia,
Formando o mais feliz dia
Da noite mais inclemente.»

«Braga, 1 de Março. (1759.)

«N'esta cidade se tem estabelecido uma Academia, cujos alumnos se apropriaram o nome de *Preclaros*, e trabalham em apurar a Historia portugueza. Estes se ajuntaram no dia 24 de fevereiro na casa das Hortas, e fizeram uma assembleia publica dedicada ao aplauso da estimadissima melhora de S. Mag. Fidelissima. Disputou-se primeiro este Problema: *Se os jubilos com que os fieis Braccharenses applaudem as melhoras de S. Mag. sam effeitos do Amor, ou da obrigação*. O assumpto heroico foi — *mostrar que um dos maiores beneficios de que somos devedores ás sabias disposições de S. Mag. Fidelissima, he o purificar a fidelidade portugueza com a separação e morte dos traidores*. O segundo assumpto foi lyrico, e provou, que *quem se mostrou mais empenhado em applaudir as melhoras de S. Mag. Fidelissima foi S. A. o Serenissimo Senhor D. Gaspar, nosso augusto Prelado*. Glosou-se o seguinte Quarteto:

De Braga a Fidelidade
No gesto que representa,
Inseparavel se ostenta
Dos cultos da Magestade.

«A todos os referidos assumptos se recitaram muitas e elegantes Poesias, interpoladas com bellissi-

gueiredo.[1] O motivo por que pesou o silencio sobre esse documento está nas emendas que lhe fez a censura official, as quaes conservou o cuidadoso conego conimbricense. Ali dizia com emphase, que o braço de Deus: «Arrancou das mãos dos traidores o ferro e o fogo com que se armavam para assolar a patria, queimar as cidades, demolir os templos . . .»; a Censura attenuou as tintas: «Arrancou das mãos dos traidores o ferro e o fogo que podia não sómente assolar a patria, mas chegar a demolir os templos...» Dous paragraphos foram supprimidos pela Censura, referentes á escravidão dos indigenas do Brazil e á sua exploração pelos missionarios jesuitas: «Nasceram livres, viviam captivos; abraçaram a verdadeira religião, acharam perversos dogmas; sujeitaram-se a um rei, acharam mil tyrannos.» O editor Azevedo e Castro ao notar esta suppressão diz: «Comprehende-se facilmente que os prelados e magistrados cuja connivencia no captiveiro dos Indios verberava o orador, se revoltassem contra merecidas censuras e tratassem de suffocal-as.» Todos desejavam lêr impresso o eloquente dis-

---

mas Arias feitas em correspondencia dos assumptos. Distribuiram-se doces e bebidas por todas as pessoas que assistiram a este obsequioso acto; e depois houve uma magnifica ceya a todos os Academicos.» *(Gazeta de Lisboa,* n.º 10, de 1759.)

Já não figura n'este jubilo official a *Academia dos Occultos;* em 2 de Septembro de 1759 falecia com cincoenta e cinco annos o Marquez do Alegrete e Conde de Villar Mayor, em cujo palacio se reunia.

[1] *Obras poeticas e oratorias,* p. 561 a 590.

curso; Garção comprehendeu o perigo, deixou-o cahir em esquecimento, mas o ministro ficou conhecendo a audacia dos seus juizos. Quando o ministro rompeu com os Padres das Necessidades, tambem envolveria o poeta, intimo d'elles, no seu resentimento.

Referindo-se aos festejos geraes, diz Garção: «Estes eccos da publica alegria, estas protestações de vassalagem, não devia escutal-as com indifferença uma Sociedade composta de honrados e leaes vassalos. A *Arcadia*, que tomou sobre os seus hombros o illustre peso de transmittir á posteridade acções de Portuguezes benemeritos, havia de ser muda testemunha do jubilo de todo o reino?» Em outra passagem falla com enthusiasmo dos Congregados das Necessidades cooperadores das reformas pedagogicas: «Sabiamos é verdade que este real Hospicio era grande entre os sumptuosos monumentos que fazem eterna a memoria do sr. rei D. João v . . . Sabiamos que seu magnifico fundador estabeleceu n'elle novas e melhores Escolas, mandando que a sagrada Congregação do Oratorio dirigisse os estudos; sabiamos que as Casas da Congregação do Oratorio foram da sua fundação até ao presente santuarios da virtude e das sciencias; sabiamos que apesar de orgulhosas opposições, fizeram estes grandes homens amanhecer em Portugal a primeira luz da Philosophia, que nos ensinaram os nomes de Haley, de Bayle, de Locke e de Cartesio; . . . mas como as raizes da inveterada prevenção ainda não estavam totalmente arrancadas, foi preciso que V. M. com tão raro exemplo de humanidade nos declarasse, que só n'estas

Escolas devia apprender a mocidade portugueza.» (*Ib.*, p. 569.) A Oração termina louvando a constante e inalteravel justiça com que o rei soube *lavar no sangue dos culpados* a infamia da traição e parricidio que cahira sobre os portuguezes. Aqui o poeta uivava com os lobos.

A sessão no Convento das Necessidades durou seis horas; outros poetas leram Eclogas, Odes e Sonetos do mais desenfreado panegyrismo. O Idylio XI de Diniz, tem a rubrica: «Recitado na Conferencia publica, que a Arcadia celebrou no Real Hospico de N. S. das Necessidades em 14 de Março de 1759, por occasião das melhoras de El Rei Dom José o I, depois do attentado contra a sua real pessoa.» (*Poes.*, t. II, p. 135.) No dialogo dos dois pastores, diz um d'elles:

> Pois, suave Pastor, em sua defensa
> De um nodoso de mirto bom cajado
> Sempre me encontrarás o braço armado
> E prompto a castigar qualquer offensa.

Recitou ainda uma Ode pindarica, que traz o titulo A el rei D. José o I, com a rubrica: «Foi recitada na Conferencia publica, que a Arcadia fez na Livraria do Real Hospicio de N. S. das Necessidades, em 14 de Março de 1759, por occasião das melhoras do mesmo Senhor depois da Conjuração.» (*Poes.*, t. V, 20.) A emphase attinge a insensibilidade moral, quando diz:

> Decepadas as horridas gargantas
> Rendeu a cruel fera
> Entre arrancos violentos
> Da infame vida os ultimos alentos.

O suave Quita tambem leu uma Ecloga intitulada *O Grão Pastor:* «Celebrando a Arcadia a preservação da preciosissima vida de Sua Magestade.» Passa-se o dialogo entre Alcino e Sincero, que diz: — que lá nos montes do Tagro lhe contaram uns casos horrorosos. — Vê-se que Valladares e Sousa *(Sincero Jerabricense)* viera expressamente de Alemquer a esta Conferencia. A Ode VI, de Quita, tambem foi recitada n'esse dia, como o declara a rubrica semelhante á anterior. *(Obras*, p. 62 e 184.) Nos versos de Quita não ha a glorificação do carrasco. Manoel de Figueiredo leu trez Sonetos (XLIX, L e LVII) comparando o Duque de Aveiro a Lucifer, e mostrando que o rei não castiga só a offensa, mas vinga a Patria do desdouro. Até França e Amaral concorreu com uma Ode froixa, que vale mais pela nota: «Esta Ode foi recitada na Sessão publica, que os Arcades celebraram no Real Mosteiro de N. S. das Necessidades, em o dia 14 de Março de 1759, em memoria dos desejados alivios que S. M. F. experimentou depois do sacrilego attentado de 3 de Setembro de 1758.» (*Obras*, p. 121.) Como os intervallos eram preenchidos com musica comprehende-se como se prolongou a sessão das quatro ás dez horas da noite. [1]

---

[1] A verdade sobre a questão dos Tavoras ainda se não fez, por isso que a origem d'esse horrivel cannibalismo praticado pelo Marquez de Pombal aos olhos da Europa é tão insignificante, que ella tem sido procurada fóra da sua exclusiva e pequena vaidade pessoal. O odio do Marquez pelos Tavoras nasceu de uma

— 31 de Maio. Garção e José Caetano de Mesquita lêram como Censores duas Dissertações *Sobre a necessidade de banir do Parnaso as falsas Divindades.* Ficaram ineditas; Diniz responde-lhes na sessão seguinte.

Diniz ensaia o genero do Dithyrambo: «Thyrsigero instrumento — Que primeiro em minhas mãos sôa no Menalo.» O seu Dithyrambo I, traz a rubrica: «Recitado na Arcadia em Conferencia de 31 de Maio de 1759.» (*Poes.*, t. V, p. 5.)

— 30 de Junho. N'esta Conferencia leu Garção a sua «Oração II, em que se declama contra a falta de applicação dos Arcades aos estudos, notando-se esquecidos já das leis da sua empreza, e obrigações dos Estatutos.» E em nota: «*Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana, no dia 30 de Junho de 1759.*»

---

precedencia da côrte. Os tiros eram destinados contra o ministro, não só porque o rei D. José estava de luto e ninguem suspeitava que saísse do paço, como tambem os da emboscada se dispersaram quando se lhes gritou que ia ali o rei. O ministro esteve longo tempo sem conhecer a importancia d'este accidente para a sua vingança pessoal, e os Tavoras estavam tão seguros de que nunca haviam attentado contra o rei, que podendo fazel-o não se refugiaram em Hespanha ou Inglaterra. Foi só ao fim de tres mezes que o ministro procedeu, quando viu que não devia perder um tão bello ensejo para destruir essa familia que lhe fazia sombra no paço. Quando um dia se estudar este crime do ministro pelo que elle tem de tragico, então se conhecerá que é uma vergonha nacional, por que tudo aí se conspurcou, a realeza, apoderando-se das joias da familia extincta, os tribunaes judiciarios, e o povo que teve coragem para vêr esse espectaculo hediondo que rebaixou Portugal ante a civilisação da Europa.

(*Obr.*, p. 487.) É valiosa para o conhecimento da situação em que se achavam os árcades. Transcrevemos os trechos mais interessantes: «Logo que fundámos esta nossa sociedade, me interessei tanto nos seus progressos, como se a causa fosse minha. Trabalhei comvosco quanto o permittiam minhas debeis forças, tentámos aquelles caminhos, que nossos compatriotas ou desprezavam, ou não conheciam. Fizemos-nos famosos, conseguimos que o Ménalo seja nomeado com admiração e com respeito; que se leiam, que se busquem, e que se estimem nossas obras.

«Assim é, ó Arcades; mas seja-me licito perguntar-vos: e está assim satisfeita a nossa obrigação?... sujeitámos á critica nossos escritos sem aborrecermos nossos censores?... sinceramente vos confesso, que não levantando nunca de semelhante ponto a minha contemplação, cheguei a persuadir-me que um certo espirito de vaidade, uma quasi invencivel negligencia, uma certa cobardia, que nos ata e que nos prende, nos precipita a cahirmos em reprehensivel lethargo e reiterados absurdos. — O projecto do estabelecimento da Arcadia foi grande, foi magestoso, foi util e necessario. Os Estatutos com que ella se fundou eram solidos, apoiados na rasão e na prudencia, e concernentes ao glorioso fim a que se dirigia o nosso trabalho e a nossa esperança. Os animos estavam dispostos ou ao menos os semblantes: chegou a desejada occasião, mudaram-se os bastidores, desappareceu a sinceridade, confundiu-se a boa ordem, enchemo-nos de um terror panico, não pudémos soffrer a critica; apoderou-se de nós

a soberba, cresceu o odio, *e se não se reformasse a lei já então ficaria despovoada a Arcadia,* o Menalo sem pastores, e nós em vez de amigos e de companheiros, jurados inimigos uns dos outros.— Serenou-se a tempestade, ficamos contentes e satisfeitos; por que ficamos com liberdade de chamarmos bom ao que era máo, livres da custosa obrigação de discernirmos o falso do verdadeiro, senhores absolutos do Parnaso, com amplissima faculdade de infringirmos, cassarmos ou derrogarmos as mais preciosas leis da poetica e da rhetorica.» Depois d'isto Garção queixa-se da *reprehensivel indolencia* que reina entre os arcades: «Entregues a uma vergonhosa indifferença, deixamos passar os dias como se não tivessemos mais que fazer, como se nos não obrigassemos a mais louvavel trabalho, como se não houvessemos de dar conta ao publico do tempo que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades . . . » Reclama o uso do collegio censorio e um plano de trabalhos ou programma de doutrinas em vez de Discursos phantasiosos; e insiste: « Não adormeçamos, oh Arcades, ao som de uma aura popular, que hoje nos levanta ás estrellas . . . Estes applausos são nuvens que qualquer zephiro as dissipa.»

N'esta mesma Conferencia leu Diniz uma Dissertação respondendo á Censura que na anterior sessão da Arcadia lêra Garção sobre a Ecloga I recitada por Diniz, sustentando que se não deviam empregar as Divindades da fabula na Poesia christã. José Caetano de Mesquita appresentára tambem uma Dissertação sustentando o mesmo pensamento; Di-

niz replicou-lhes calorosamente: «Tanto na resposta á Censura de Garção como em outra memoria opposta á Dissertação de José Caetano de Mesquita. Estas duas obras existem manuscriptas em poder do sr. Manoel de Figueiredo.» (Morato, *Mem.* cit., p. 66.) Estes manuscriptos foram vistos pelo sr. Ramos Coelho, que os cita como *Obras autographas* de Diniz, e d'elles tomou a data da Conferencia da Arcadia. (Ed. do *Hyssope*, p. 16.)

— 30 de Setembro. Oração sobre a restauração dos Estudos das Bellas Lettras em Portugal, recitada em 30 de Septembro de 1759, por José Caetano de Mesquita, *Socio e Censor da Sociedade dos Arcades de Lisboa;* disserta sobre a influencia dos Jesuitas na decadencia da litteratura portugueza: «Apenas o bom Teive, e os que eram como elle gosam por poucos annos o nobre emprego de instruir, — quando — das mesmas cadeiras, em que se sentaram com provada utilidade dos Portuguezes, os lançaram sem respeito: foram d'ellas e bem á força. D'aqui brotou o nosso mal: o mal a que apenas agora se procurou remedio effectivo. — Apoderam-se das escholas, fazem-se senhores os novos mestres; firmam novo methodo de ensinar, que só havia de ser util a seus lucros; novo methodo, que não podia ser de mais damno aos pequenos discipulos. Toma o primeiro logar em os preceitos grammaticos Manoel Alvares: junto a seu lado um sem numero de Commentadores importunos. O grego só rende a quem se senta na cadeira onde se devia ensinar; pois apenas distingue um mancebo mal polido o que seja um alpha é acclamado um mestre

publico, e faz a cerimonia muito pago de si. Tão cegos, tão enredados rodeios embaraçavam os preceitos agradaveis da lingua latina, que um sem numero de mancebos assustados só com o longo caminho, que deviam pizar, ou aborrecendo os bellos estudos, os lançavam de si; ou emfim, vencidas fadigas incriveis, vazios de solida erudição, mas muito bem tragado o grosso volume da *Prosodia*, esse vocabulario bilingue, como se tivessem sido regalados dos mais delicados e finos alimentos sahiam das escholas bem satisfeitos. As composições poeticas de ordinario, que outra cousa eram mais do que umas cantigas vãs e frias, que o vulgo sómente applaudia? Alli era que as falsas luzes, as agudezas frivolas sobresahiam.—Ordinariamente se julgava, que o ser eloquente era usar de um estilo tumido e soberbo; afagar os ouvidos com argucias e um tom afeminado e macio, ostentar pensamentos, que ou se não entendessem facilmente, ou nunca. O que fazia o mimo dos que *diziam bem*, eram expressões inchadas, sentenças importunas: do mesmo pulpito eram os melhores mestres os que em periodos arredondados e certas cadencias falsas envolviam antitheses, paranomasias, equivocos, e tudo recitavam mui direitos, com uns gestos proprios de comediante affectado. Com estas preciosas doutrinas se carregavam os estudantes infelices, e se mandavam para a advocacia, para a egreja, para as sciencias maiores.»

Depois d'esta descripção da decadencia do ensino publico, de que os Jesuitas se apoderaram, Mesquita allude ao primeiro protesto lançado pelo intelligente Verney, o qual ser-

viu de base ás reformas de Pombal: «Com tão deshumano e insupportavel cativeiro estavam opprimidas as Bellas Lettras: nem ao longe apparecia alguma pequena luz do seu resgate. Havia muitos dos nossos nacionaes, que deixando a patria, e discorrendo pela França e Italia se instruiram no melhor methodo, adquiriram solida erudição; quando voltavam, viam a infeliz situação dos nossos estudos; mas não lhe podendo ser bons, gemiam, affligiam-se... Assim he, que emfim houve um portuguez, bem distincto pelo seu sublime genio e rara erudição, que se animou a escrever sobre o *Methodo* que se devia abraçar; mas, senhores, que negra torrente de calumnias se não precipitou sobre elle? Foi apregoado como inimigo publico da sua patria, impio, ignorante, o homem de mais venenosa lingua que naceo n'este paiz. E qualquer que chegou a ter uma luz clara do bom gosto, a cuja vistá procurou adiantar ao ser util aos estudos da sua patria, não teve de soffrer menos.» E personificando a influencia jesuitica sobre a nossa decadencia litteraria, prosegue Mesquita: «Isto deveis ao *Alvares*, deveis ao *Franco*, deveis ao *Soares*, deveis ao incansavel fallador *Madureira*, e seiscentos commentadores impertinentes do mesmo Alvares...» [1] Este discurso foi proferido na Sa-

---

[1] Oração sobre a restauração dos Estudos das Bellas Lettras, de José Caetano de Mesquita, professor regio de Rhetorica no Hospicio da Cotovia. — Lisboa, MDCCLX. (*Bibl. da Acad.*) Transcrevemos em seguida o documento official ácerca d'este árcade:

Na Consulta para o provimento dos mestres de

la da Junta do Commercio, tendo assistido el-rei Dom José e o Conde de Oeiras depois

---

Grammatica latina em Lisboa, datada de 24 de Agosto de 1759, vem ácerca de JOSÉ CAETANO DE MESQUITA as seguintes phrases do Director geral dos Estudos: « Parece-me muito digno da real clemencia de V. Mag.de nomear a Joseph Caetano em a primeira cadeira das que estão vagas, pelo grande serviço que tem feito a este Reino ensinando ha muitos annos com estudo publico, de que tem sahido vassallos tambem instruidos na Grammatica Latina, que tem com honra da nação servido grandes lugares; elle não veiu a exame, nem tem pedido algum dos Magisterios certamente por modestia e receyo, vendo que V. Mag.de dá nobreza aos Professores, que por direito commum (e especialmente pelo codigo lhe pertence) *conhecendo o defeito que tem de ser mulato*. Porém a gravidade com que tem vivido, e que tem dado ao publico, e o ser geralmente reputado como um dos melhores mestres que tem tido esta Côrte, desvanecem em grande parte a indescencia d'aquelle defeito em que elle não tem culpa, e a sua nomeação encherá de prazer a uma estimavel e grande porção da Côrte e a livrará do sentimento de vêr acabar mendigando aquelle que antes buscavam para habilitarem seus filhos para servirem dignamente a V. Mag.de e a Patria, porque não tendo outras rendas, e prohibindo-se-lhe esta commodidade de não poder tomar outra vida, necessariamente cahirá na referida miseria; finalmente, os mais companheiros que todos lhe confessam o serviço e o prestimo, não tem duvida na sociedade, que era tambem mais forte receio de consultal-o.» *

Sobre a influencia da Arcadia na reforma dos estudos, refere Garção na Oração VII: « Bem evidente ficou esta verdade depois que o nosso clementissimo soberano, querendo reformar as Escolas do Reino, tirou d'entre nós para mestres de eloquencia alguns Arcades. » *(Obras poet.*, p. 558.) Alludia a Mesquita e Sales.

---

* Registo de Ordens expedidas para a reforma e restauração dos Estudos, fl. 29. (Vol. 417 do Min. do Reino, no Arch. nac.)

das primeiras leis organicas dos estudos de humanidades; Mesquita estimula os Arcades a coadjuvarem a obra como os commerciantes, que n'aquella mesma sala fomentavam os interesses da nação.

—? de Outubro. Tendo sido agraciado Sebastião José de Carvalho [1] com o titulo de Con-

---

[1] Em 6 de Junho de 1759 foi Sebastião José de Carvalho agraciado com o titulo de Conde de Oeyras; lê-se no decreto: « Houve por bem e por graça especial fazer-lhe mercê de juro e herdade do titulo de Conde de Oeyras, cujo logar será logo erigido em Villa, que terá por termo o districto do seu actual julgado, de Reguengo do mesmo logar, com o relego da mesma forma que o tem o outro reguengo chamado de a par de Oeyras, e todos os seus direitos e pertenças, assim como atégora pertenceram; transferindo-se as ordinarias, tenças e mais pensões temporaes ou perpetuas, que no mesmo Reguengo se acham actualmente assentadas, para quaesquer outros Almoxarifados, que S. Mag. for servido declarar; e do Senhorio da Villa do Pombal, na comarca de Leiria, com a nomeação da Justiça e Officios, incluidos os Tabelliães, e só com a reserva de correição e alçada . . . Tambem houve outrosi por bem fazer mercê ao sobredito seu Secretario de Estado, da Commenda de San Miguel das tres Minas, sita no Arcebispado de Braga, e vaga por morte de D. Gregorio de Castellobranco, com duas vidas mais n'ella para filho e neto, e na falta d'elles para a pessoa em que se continuar a Casa, e memoria do sobredito.»

Este successo tambem foi festejado officialmente por todo o paiz; de Almada escreveram em 18 de Junho para a *Gazeta de Lisboa:* « A Praça esteve soberbamente illuminada por toda a parte nas tres noytes, e foram em todas continuos os repiques dos sinos e infinitos os vivas. Houve *Encamisadas,* bayles, mascaras de differentes ideias, e se recitaram diversas Poesias sobre este assumpto. Ficam-se ensaiando tres Comedias, e Cavalhadas, e dispondo varios ensaios mili-

de de Oeyras em 6 de junho d'este anno, entenderam os Arcades celebrar em uma sessão publica este regosijo que repercutiu por todo o paiz estrondosamente.[1] Nas Obras de Diniz encontra-se o Idylio XVI, em que se declara: «As partes de *Thelgon* e de *Palemo* são de Theotonio Gomes de Carvalho, e Feliciano Alves da Costa. As de *Elpino* e *Siveno*, são de Antonio Diniz da Cruz e Silva, e de Silvestre Gonsalves de Aguiar. Este Idylio foi recitado na Conferencia publica, que a Arcadia celebrou em Outubro de 1759 na Sala da Junta do Commercio, então sita na Cotovia, por occasião d'o Senhor Rei D. José I haver creado Conde de Oeiras ao ill.mo e ex.mo Sebastião José de Carvalho e Mello.» (*Poes.*, t. II, p. 197.) Aqui o genero bucolico descambando em um Dithyrambo final é de um desconchavo incomparavel, de um comico que faz compaixão.

Quita leu a Ecloga VI, intitulada *Carvalho*, dialogada entre dous Pastores *Alcino* e *Dorindo*: «Celebrando a Arcadia o despacho do ill.mo e ex.mo Conde de Oeiras.» (*Obr.*, t. I, p. 76.) A mesma rubrica nos manifesta o desti-

tares, Touros e differentes Dansas, e mascaras de gosto para as festas geraes que intentam estender por 12 até 15 dias. Logo que recolha o Regimento de Cavalleria que está disperso em quarteis de verde, e tudo parece pouco aos dous Cabos, e a esta guarnição para applaudirem as felicidades d'este Ministro primeiro da Europa no zelo, no amor e na fidelidade ao Rey e á Patria.»

[1] Era a segunda vez que o Ministro assistia a uma sessão da Arcadia, como refere Garção.

no da Ode VII, em que allude ao *sangue da execranda rebeldia* já pisado pela Luzitania vingada. (*Ib.*, p. 188.) Melizeu Cyllenio tambem leu uma Ecloga, intitulada *Melo*, e uma Ode; dizem-no as rubricas: «Esta Egloga foi recitada pelo Autor, quando a Arcadia celebrou em Conferencia publica as heroicas virtudes que resplandecem na pessoa do ill.mo e ex.mo senhor Conde de Oeiras.» (*Obr.*, p. 51.) E' caricato o final da Egloga:

> O seu merecimento bem conhece
> Não só a Arcadia, mas os mais pastores;
> Elle os nossos paizes enobrece.
> E pois a sua mão tantos favores
> Espalha sobre nós, agradecidos
> Cada vez lhe cantemos mais louvores,
> Que esta acção nos fará mais conhecidos.

A Ode de França e Amaral não tem mais merecimento do que a Ecloga; inconscientemente lhe traça o papel de um Cromwel no verso: «Oh nobre *Protector* do Luso Estado.» (*Obr.*, p. 132.) Reservámos para o fim o fallar das composições poeticas que Garção leu n'esta Conferencia publica da Arcadia, por que se prendem com a sua morte desgraçada, ficando ineditas até ao nosso tempo pelo devido resentimento dos seus parentes. Na Ode *ao Ex.mo Conde de Oeyras*, invoca a Virtude, dizendo:

> Tu me chamas aqui para em meus versos
> Da venturosa Oeiras
> Cantar a nova gloria,
> Do magnanimo Conde o amor da patria!

Não me instiga a lisonja; não invoco
As Musas fabulosas,
O céo, o céo me inspira; da verdade
Os trovões, os relampagos me cercam.
. . . .
Testemunhas maiores
São de tuas acções, sabio Ministro,
O throno defendido,
A Patria restaurada, e nós felizes!

Descreve o terremoto de Lisboa, e as providencias que o ministro deu, a fundação das Companhias e Monopolios. Conclue, que:

No Menalo, se a Arcadia não levanta
Em honra do teu nome
Uma soberba Estatua
De rico jaspe, como tu mereces,
Seus hymnos te consagra
. . . .
Não ergue a mão cruenta a fria morte
Contra sonoros versos!

(Ed. 1888, p. 73.)

Tambem ficou muitos annos inedita a Epistola de Garção *Ao Ex.mo Sr. Conde de Oeiras, Secretario de Estado*, lida n'esta mesma Conferencia, como se deprehende do seu conteúdo. Consta de trezentos e vinte versos endecasyllabos soltos, fazendo o encomio das medidas administrativas e das repressões politicas do ministro, em cujos hombros assenta o solio portuguez. (*Ib.*, p. 210.) Parece que a emphase rhetorica é empregada aqui por Garção para desfazer qualquer prevenção da Inconfidencia junto do rancoroso ministro.

Manoel de Figueiredo contribuiu para a

Conferencia com a Ode III, bem caracterisada pelo verso: « Ouço que se vos chamam Grande e Conde ...»

> Por ti nos torna a edade dos Tibullos,
> Horacios e Lucullos,
> Dos Ciceros, Terencios e Catullos,
> Dos Crispos, dos Virgilios,
> Dos Julios, dos Manilios:
> Por ti vão conseguir um premio justo,
> Sem inveja do Seculo de Augusto.
>
> (*Obr. posth.*, II, 12.)

Nada d'isto era verdadeiro, nada d'isto era sentido, e tudo tinha o sêllo da chateza e da mediocridade.

—8 de Dezembro. A Arcadia estava gloriosa pela pompa das sessões publicas que tinha celebrado na Livraria das Necessidades e na sala da Junta do Commercio, levando de vencida os seus detractores. E' o que affirma Garção na sua Oração VII, na Conferencia votiva ao mysterio da Conceição da Padroeira da Arcadia. Pelos factos alludidos é que se fixa irrefragavelmente esta Conferencia. Transcrevemos as palavras de Garção, que tem valor historico: « Tinhamos fundado uma Sociedade debaixo do auspicio e da tutela da Senhora; *vimol-a triumphar da inveja*, e o que mais é, rebatendo iniquas accusações, dissipar o estranho systema com que o máo gosto tinha envilecido a nobreza das bellas artes. Resuscitou a Poesia verdadeira; restaurou-se a boa Eloquencia ...» E para encarecer a importancia do triumpho, que elle attribuia ao patrocinio da Virgem, descreve a decadencia das letras portuguezas desde Alcacer-kibir até

aos *Occultos*, nos ultimos annos do reinado de D. João v, e esboça os tres annos da existencia da Arcadia:

«Em um tempo de calamidades e de afflicções, quando parecia que os portuguezes só tratavam de reedificar Lisboa e de restabelecer os seus particulares interesses, quando seria desculpavel que as musas fugissem do nosso continente, quando se julgaria que as artes jaziam sepultadas nas ruinas da cidade, n'uma palavra, quando era impossivel tratar da restauração das Sciencias, então oh Arcades, chegou o feliz instante de nos ajuntarmos, então fundamos esta Sociedade, jurando Padroeira d'ella a Immaculada Rainha dos Céos e da Terra... Adoptámos o systema da critica, phenomeno litterario, se lhe posso assim chamar, que era em Portugal espantoso prognostico de desastres... Persuadimonos de que era a amisade e não o odio a reciproca correcção de nossas obras;... Conhecemos que sem imitar os Antigos era impossivel enriquecer nossas composições das infinitas bellezas poeticas, que descobre a cada passo quem frequenta a lição dos Gregos e Latinos; e que n'este dictame de Horacio consistia o segredo do bom gosto.— Ganharam as nossas obras uma nova reputação. Conciliou respeito o nome de Arcade, e desejou o publico assistir ás nossas Conferencias: *atrevemo-nos a louvar um Principe*, a quem Plinio podia sem lisonja recitar o famoso Panegyrico, que fez a Trajano. O mesmo foi ouvirem-nos, que estimarem-nos os homens mais sabios e prudentes. Olharam para o fructo do nosso trabalho como para uma vantagem da

nação, e *a grande alma d'aquelle vigilante Ministro* que não tira os olhos do adiantamento da patria, *com publicas demonstrações nos honrou e nos animou* para não desistirmos da difficultosa mas illustre empreza a que sacrificavamos os nossos estudos. *Segunda vez nos ouviu, segunda vez nos honrou; de sua mesma bocca ouvimos nós expressões com que em Portugal não costumam fallar os ministros.*

«Podemos asseverar que vimos aquelle grande coração, e que n'elle estava vivamente impresso o incansavel zelo com que trabalha pelo bem de seus compatriotas, com que honra e em que estima os portuguezes benemeritos. *Não tardará muito que o publico conheça, que este genero de Letras lhe merece uma séria protecção*, que as estima por que as conhece.» [1]

A estas esperanças, que se não realisaram, accrescenta Garção a união dos Arcades inspirada pelo patrocinio da Senhora, que em breves dias se tornava em deploravel desmembração; emfim elle termina a Oração proclamando o triumpho da Arcadia: «n'uma

---

[1] Garção alludia ao facto hoje ignorado do trato do ministro com as musas. No *Elogio feito ao Marquez de Pombal*, por Francisco Xavier de Oliveira, vem uma referencia aos talentos poeticos do ministro de D. José, na sua mocidade: «Vem, agradavel Poesia; vem arte divina, vem ornar o espirito de Sebastião, começa já a ajuntal-o entre os seus mais illustres cultivadores; ensina-lhe aquella nobre maneira com que immortalizas a virtude, com que elevas ao conhecimento das ultimas edades, e com que preservas da morte os homens dignos de louvor. Esta arte engenhosa e encantadora,

palavra, *a Arcadia chegou ao cume da sua felicidade, venceu o genio da nação e triumphou da inveja.*» (*Obr.*, p. 558.)

Apesar d'estes triumphos e esperanças, de repente os Arcades deixaram de concorrer ao Ménalo, e desde 8 de Dezembro de 1759 a 30 de Septembro de 1760 não ha mais noticia de nenhuma Conferencia litteraria. A atmosphera de terror, que opprimia os espiritos sob o governo do Conde de Oeiras, era a causa d'esta quasi dissolução; começava a perseguição cóntra a nobreza, sendo recolhido á Junqueira o conde de San Lourenço que presidia á Academia da Historia, o amigo intimo de Garção, que lhe havia dirigido a primorosa Satira sobre a imitação dos antigos; davase tambem o rompimento do ministro com os Padres do Hospicio das Necessidades; o árcade José Caetano de Mesquita intrigava a corporação a que pertencia revelando-lhe estes resentimentos intimos, e afastando assim da Arcadia as esperanças do favor que o Ministro promettera. Todos tinham medo das delações e dos processos summarios da Inconfidencia ordenados pelo decreto de 17 de agosto de 1756; eram perigosas as reuniões, e os socios da Arcadia tiveram razão para se

---

que tem merecido a applicação de tantos illustres personagens, dos Grotios, dos Leibnitz, e dos Richelieus, *foi toda a delicia de Sebastião nos seus primeiros annos; todos sabem o feliz successo com que cultivou as Musas;* póde ser que d'ellas recebesse aquella sua elevação de espirito, aquelle seu sublime e nobre modo de pensar, aquella abundancia, força, e variedade de seu estilo.»

retrahirem. Accresceu a circumstancia de Diniz se ausentar de Lisboa, tendo ido servir para Castello de Vide o logar de Juiz de Fóra, em cuja posse entrou em 2 de Fevereiro de 1760; tambem Manoel de Figueiredo se achava em 6 de Junho de 1760 em Beja,[1] d'onde Lycidas dirigia um Soneto «Aos Pastores do Tejo, que estranham sua tristeza depois da retirada que fez á Provincia transtagana.» Os Padres do Oratorio retrahiam-se ante a hostilidade do minstro. E como o silencio da Arcadia se tornava reparavel ante as festas de casamento da Princeza do Brasil com seu tio, em 6 de Junho de 1760, fez-se uma sessão, que apenas se conhece pela noticia seca da Gazeta de 7 de Outubro:

1760 — 30 de Septembro. «No mesmo dia celebrou uma sessão a Academia da Eloquencia e Poesia, intitulada *Arcadia lusitana*, em que foi presidente Joseph Soares de Avelar recitando uma excellente Oração em applauso das felicissimas Vodas da Serenissima Princeza do Brazil N. S. com o Serenissimo senhor Infante D. Pedro.»

E para que não parecesse que esta Conferencia obedecera a indicação official, celebrou-se outra em

— 31 de Outubro. Dá-nos noticia a Gazeta, pela seguinte forma:

«No ultimo dia do mes passado (31 de Outubro) celebrou huma sessão ordinaria a Academia da Eloquencia e Poesia, intitulada *Arcadia lusitana*. Os dous Arbitros da Assembleia leu cada hum a sua Dissertação. O

[1] *Obras posthumas*, t. II, p. 127, e 74.

primeiro que foi o bacharel Luis Corrêa da França, Sobre o estilo e artificio das Descripções poeticas e oratorias; o segundo, que foi o Abbade Mariano Borgonzoni Martelli, sobre a origem da Instituição das Academias, progresso e augmento das Sociedades litterarias.» (Gazeta, de 18 de Novembro de 1760.)

— 8 de Dezembro. «Hontem (8 de Dezembro)... No mesmo dia celebrou a sociedade da Eloquencia e Poesia intitulada *Arcadia lusitana* a Sessão publica, que por voto da mesma Academia dedica todos os annos, n'este dia, á Senhora da Conceição, que tomou por sua Padroeira. Foi Presidente o Abbade Mariano Borgonzoni Martelli, que recitou em idioma italiano um elegante Discurso sobre o Mysterio da Immaculada Conceição da Senhora.»

(Gazeta, de 9 de Dezembro de 1760.)

— 28 de Dezembro. Ainda encontramos esta Conferencia votiva:

«Domingo passado (28 de Dezembro) celebrou a Sociedade intitulada *Arcadia lusitana* a Sessão publica de voto, com que todos os annos costuma n'este dia festejar o Nascimento do Menino Deus. Foi Presidente da Assembleia o Reverendo Conego D. Joaquim Bernardes; primeiro Arbitro da sessão o Reverendo Joseph Caetano de Mesquita, professor regio de Rhetorica; e segundo Arbitro o Capitão de mar e guerra Gaspar Pinheiro da Camara Manoel, fidalgo da Casa real, recitando cada um em louvor d'este ineffavel Mysterio huma eloquente Oração; e os mais socios differentes composições poeticas latinas e portuguezas.»

(Gazeta, de 30 de Dezembro de 1760.)

1761 — 31 de Maio. Desde 28 de Dezembro de 1760 até 31 de Maio de 1761 não tornou mais a reunir-se a Arcadia; para arrancal-a da sua invencivel apathia não bastou invocar a celebração do seu quinquennio, foi ainda preciso recorrer ao perstigio official celebrando os anniversarios do rei D. José e do casamento da Princeza do Brasil. Mas não houve o enthusiasmo para uma apparatosa Conferencia publica; vem na Gazeta, que o Garção redigia, assim descripta a sessão particular:

« Domingo, 31 do mez passado (Maio) celebrou a Sociedade litteraria chamada *Arcadia lusitana* a sessão particular, com que fechou o seu quinto anno academico; foi Presidente da Conferencia o Bacharel Luis Correa da França; o Abbade Mariano Borgonzoni Martelli leo, como primeiro Arbitro huma excellente Dissertação sobre a utilidade de estudo da Geometria, e recitou depois uma Canção heroica em verso italiano nos felicissimos annos de S. Mag.; [1] Joseph Xavier de Valladares e Sousa leo na mesma Conferencia hum Canto nupcial ou Epithalamio das augustissimas Vodas da Serenissima Princeza do Brazil N. S. com o serenissimo senhor Infante D. Pedro.»

(Gazeta, de 9 de Junho de 1761.)

---

[1] Publicou-se em um folheto sem *l* nem *d*: « A sua reale maestà D. Giuseppe I, per il di Lui felice compleannos che corre nel giorno 6 giugno l'anno 1761. Marianno Borgonzoni Martelli, *Socio e Censore del' Arcadia lusitana.*» Este abbade italiano explorava o genero, publicando duzias de folhetos aos annos da rainha D. Marianna Victoria, do Principe, das Infantas, os quaes se acham apontados na vasta collecção de Barbosa, e se conservam na Bibliotheca nacional.

1762 — Novembro? Desde a Conferencia de 31 de Maio de 1761 até fins de 1762 não tornou mais a reunir-se a Arcadia; um acontecimento publico occupava todas as attenções, a questão do Pacto de Familia, que levou a Hespanha e a França a declararem guerra a Portugal por não querer tomar parte nas hostilidades contra Inglaterra. Fizeram-se grandes sacrificios para entrar em campanha, sendo chamado para organisar e commandar o exercito portuguez o Conde reinante de Lippe, afamado pelos seus conhecimentos militares de artilheria. A este acontecimento se refere Garção, na Ode XIX:

> A' vista dos soberbos Castelhanos,
> Com poucas tropas, com bisonha gente
> Sustenta Lippe a ruiva e fresca margem
> Do Tejo caudaloso.
>
> (*Obr. poet.*, p. 140.)

E ao ajuntamento da Infanteria e Cavalleria aquartelada em barracas de campanha no terreno entre Queluz e Alto da Porcalhota, em que se faziam continuos exercicios a que assistia a côrte, allude Garção nas Cantigas que começam:

> Do Campo de Rio frio
> Já vieram os soldados,
> Trazem corações de bronze
> Em dura guerra ensaiados.
>
> Ferozes e carniceiros
> Arrastam duros canhões,
> Ameaçando ruinas
> Incendios, roubos, traições.
>
> Com pifaros e tambores
> Nos atrôam os ouvidos;
> Os fundos valles, os montes
> Gemem do estrondo feridos.

Comprehende-se que desde o começo da campanha até aos preliminares da paz em 3 de Novembro de 1762, não houvesse a serenidade de espirito para assumptos litterarios. A Oração VI de Garção allude á preoccupação exclusiva da guerra, por onde se infere que a Arcadia se reuniu por fim d'este anno. São preciosos os periodos que extrahimos da citada Oração VI, em que alludindo aos esplendores da reforma litteraria, diz:

« Mas todo o apparato d'esta magestosa scena desappareceu. Vós não conseguistes o que intentastes, não cumpristes o que promettestes; . . . Mas esta subita mudança de onde nasceu, ó Arcades? Houve alguma força superior que fizesse tão violenta mudança? O publico zombou dos nossos escriptos? O generoso Pastor *Albano* fechou-nos a porta d'esta cabana? [1] Tinhamos quando florescia a

---

[1] O nome de *Albanó* parece ter sido adoptado pelos Arcades para designarem o Rei Dom José I. A Ecloga III de Claudio Manoel da Costa em louvor da Paz celebrada em 1762, intitula-se *Albano*, referindo-se evidentemente ao monarcha, cujos encomios confunde com os do seu ministro: « Eu não distingo se canto de Augusto, se de Pollião.» Ahi tambem se refere aos Arcades:

> Musas do *monte Ménalo*, que um dia
> Com suave harmonia
> Cantastes brando o peito
> De Dafne, o Pastor claro,
> Melhorando o conceito
> Fazei que o tempo avaro
> Só traga na memoria
> *O nome soberano,*
> A nunca vista gloria
> Do meu sublime, do meu grande *Albano.*

(*Obras*, p. 118.)

Arcadia maior abundancia de cabedaes... Mas os effeitos correspondem a uma d'estas causas, *a Arcadia emudeceu;* nossas flautas não se ouvem; o *Ménalo está totalmente desamparado,* e até me parece que nós mesmos não conhecemos uns aos outros; aquella inestimavel e boa harmonia que reinava não só em nossas opiniões e doutrinas, mas até em nossas almas e em nossos corações,... desvaneceu-se.» E interrogando qual foi a causa da ruina da Arcadia, responde elle mesmo: «foi a nossa cobardia e a nossa ambição, soffrei que vol-o diga. — A nossa ambição (não vos assusteis) a grande ambição de gloria com que nos sacrificámos ao trabalho de tão fundos estudos, foi quem nos reduziu a tão extrema penuria, foi quem executou tão vergonhosa catastrophe: julgámos que entre montes não cabia a nossa fama e quizemol-a expôr a maior theatro... Apparecêmos aos olhos do publico, agradámos, fômos ouvidos; conheciam-se os nomes e respeitava-se a Arcadia. Então namorados de tão alta fortuna, nos pareceu mal tornar para um monte e viver em cabanas. Presidir n'uma grande sala magnificamente decorada, rodeado de ouvintes illustres, sabios e virtuosos, *que talvez conversavam dos successos da campanha,* em quanto nós fallavamos como se nos ouvissem; [1] ou estavam com o lapis notando palavras que lhe pareciam novas, porque não leram Ferreira, nem as toparam nos sermões do padre Vieira.

---

[1] Esta circumstancia fixa a data da Oração em fins de 1762, antes da proclamação da paz.

«Cantarmos nossos versos ao som de uma orchestra numerosa, e talvez impropria, isto é que julgamos honra; e uns homens que trajaram estas galas e fizeram tão respeitavel figura, não devem concorrer mais em uma simples sala a que chamamos cabana...» E fallando da inveja, preguiça e ociosidade que dissolvem a Arcadia, prosegue: «Estes vicios com mais ou menos força tomaram posse de nossos discursos; uns, diziam que a Arcadia não podia subsistir sem patrimonio...; outros julgavam que sem rendas effectivas não podia conservar-se uma companhia de homens sabios, porque sem um escrutinio de prata se não deviam eleger Arcades; outros, que era indispensavel fazer mais sessões publicas, porque esse foi o unico objecto da fundação da Arcadia...; outros finalmente, que não podia subsistir uma sociedade sem se effectuar a impressão das suas obras... Se estes ridiculos pensamentos não achassem acceitação e talvez applauso entre nós, *por que passaria tanto tempo sem nos ajuntarmos, por que não haveria sessões?* Para que desprezariamos tão honrado exercicio...? Envergonhemo-nos, senhores, da reprehensivel cobardia, de tão culpavel indolencia.» E alludindo á já promettida protecção do omnipotente ministro: «Tempo, tempo virá em que cheguem os eccos de nosso merecimento aos ouvidos de quem o estima, de quem o conhece e de quem o proteje, ainda quando o descobre desvalido, pobre e desprezado. *Já nós ouvimos da sua bocca promessas que não hão de faltar*, e foi a nossa cobardia quem deixou fugir a occasião.» — «E que fatal exemplo da in-

constancia da fortuna me não representa o torpe esquecimento com que temos tratado o progresso e vantagens da Arcadia? Quem não esperaria que uma companhia tão numerosa, composta de sujeitos tão dignos da publica estimação, havia de ser duravel e havia de conservar-se apesar do genio da nação? Appareceu em triumpho: *louvou o maior dos reis e o maior dos ministros;* e foi louvada pelo maior dos reis e pelo maior dos ministros, e guiada por sua mesma vaidade, cahiu no estado da miseria. Os seus proprios filhos, os seus maiores amigos, todos fugiram, todos a desampararam, quebrando-lhe as forças e esquecendo-lhe o nome os mesmos que o receberam d'ella.» (p. 542.)

A crise por que passava a Arcadia era decisiva; o meio social era asphyxiante. O espectaculo truculento de um Auto de Fé, como o de Malagrida em 20 de Septembro de 1761, o terror dos carceres da Junqueira por causa de uns fracos versos satiricos, eram para fazer o retrahimento das almas. A Arcadia não podia levantar-se ante as imprecações dos seus mais ardentes enthuziastas. Depois de Garção, leu tambem Manoel de Figueiredo o seu Discurso III, em que lamenta: «pois *são taes as ameaças da total ruina da Arcadia,* que vós os que a estabelecestes, vós os que a fortificastes, pasmados contemplaes a sua decadencia, e já principiaes a sentir a vergonhosa consequencia da sua falta. Uns julgando-a *irremediavel sem o valente reparo da protecção regia*, e outros querendo pôr-lhe os violentos remedios da severidade; ... mas irremediavelmente vêdes expirar a

maior obra, o projecto das mais bem fundadas esperanças que viram as bellas-letras em Portugal... Oh, não seja verdade que os mesmos homens, que principiaram uma tal obra sejam aquelles que a destruam ... quando os acasos da fortuna lhe anteciparam uma gloria, a que elles sem temeridade poderiam unicamente aspirar no fim dos annos, *a puzeram na consideração do Ministro, no agrado do Princepe*, na attenção de todos. Confesso-vos, senhores, que quando ólho para cada um de vós julgo impossivel a decadencia da Arcadia; mas volto os olhos ao Ménalo, vejo-o sem Pastores; ... quanto temo que venha a prejudicar ao vosso particular merecimento fazendo-se publica a vossa pouca falta de applicação, á vossa falta de constancia, e os vossos espiritos insociaveis.

« *Quereis a protecção regia?* E parece-vos que assentará bem a particular consideração do Princepe em huns homens que depois que mereceram a attenção do publico, o applauso das primeiras pessoas da côrte, os *louvores do Ministro*, ou se encheram de orgulho para pretenderem a primeira contemplação, ou conheceram tão pouco a honra que lograram que nem politicamente fizeram por sustentar aquelle conceito.» E tornando á esperança da protecção regia: « seria preciso violentar o meu entendimento para achar na *deliberação regia que nos recebesse debaixo da sua protecção*, o acerto que evidentemente se me representa em todas as resoluções do Ministerio.

« Que quereis que se responda ao Ministro, quando perguntar pelos progressos da Arca-

dia?... Que quereis que se responda? Que está extincta? E não vos cobrís de confusão? Pois isso é evidente. — Mas se n'esta sociedade reinara a bôa união, o fervor da applicação, aquella civilidade, que serve de ornamento á sciencia: em uma palavra, se se frequentassem as nossas sessões, que honras não deviamos esperar, que protecção não alcançariamos de um Mecenas que tanto nos tem mostrado a sua propensão, de *um Ministro, que na occorrencia dos negocios da maior ponderação, uma e outra vez nos quiz ouvir*, e nos recommendou a continuação de novos estudos, dando-nos os conselhos mais prudentes para se conseguir o fructo, que elle via se poderia colher d'este bem principiado estabelecimento. Perguntae, senhores, a quantas pessoas tem a honra da communicação d'este Ministro, com que elogios não honrava esta Academia? Com que satisfação se não lembrava do merecimento de algumas obras? Que esperanças não fundava nos genios de muitos de vós? A mim, que não tenho a fortuna de vêr a Sua Excellencia senão na occorrencia das suas maiores occupações, e bem alheias d'este assumpto, a mim me disse passados tempos, tal era a impressão que lhe tinham feito as vossas obras: são as palavras — *Alli ha muitos admiraveis.* [1]

« Agora discorrei, não como applicados, como homens de bem, se vos fica decorosa a frouxidão que mostraes, o esquecimento das

---

[1] *Obras posthumas*, t. II, p. 160 a 169.

vossas obrigações academicas, e a incivilidade com que trataes a Arcadia.» [1]

E' precioso este testemunho de Manoel de Figueiredo; o terrivel ministro mostrara um certo interesse pela Arcadia, mas ficou arrefecido comprehendendo a significação moral do seu retrahimento.

1763 — 26 de Março. [2] Depois d'estas tentativas de reanimação da Arcadia, chegou a Lisboa noticia que em Pernambuco falecera José Gonçalves de Moraes, que na Arcadia tivera o nome de *Fido Leucacio*. O seu nome tinha sido lembrado na Conferencia publica de 14 de Março de 1759:

> Lembras-te, amado Albano, aquelle dia
> Em que o nosso Pastor todos louvámos
> Cheios de gloria, cheios de alegria;
> Pois entre os doces versos que cantámos,
> Entre as vozes das Ninfas mais formosas
> Todos o nosso *Fido* desejámos. [3]

---

[1] Seu irmão Francisco Coelho colloca este Discurso em 1764: « sendo maior a mania d'esta poesia lyrica no tempo que durou a Arcadia de Lisboa, desde 1757, que principiaram a reunir-se os Alumnos, até que se desvaneceu em 1764, pouco mais ou menos, como elle (sc. Manoel de Figueiredo) dá a conhecer no terceiro Discurso da segunda parte d'estas Obras; e parece-me ser a ultima vez, que recitou na Assemblea.» E em nota: «*Não chegou a effectuar-se a Assembléa.*» *Obras*, t. XIV, p. 108.

[2] Data em que se publicou a paz entre Portugal, Hespanha e França, que por uma Ode de Amaral França (p. 149) nos leva a inferir que a destinára á Arcadia.

[3] *Obras* de Melizeu, p. 103.

O sentimento pela morte de *Fido Leucacio* serviu de assumpto para uma reunião dos Arcades; consagraram-lhe uma sessão commemorativa; ahi leu Garção a sua Ode XVIII *A' morte de José Gonsalves de Moraes, socio da Arcadia*, em que allude á situação d'ella:

Aonde estão, Arcadia, os teus serenos
Afortunados dias?

Gonçalves de Moraes embarcára para Pernambuco, como diz Amaral França na Ecloga *Fido;* Garção tambem allude á sua tentativa de fortuna:

Trocas do manso Tejo que te escuta
As margens deleitosas
Por ásperos sertões, por longos mares,
Por férvidas areias
Com que malignos climas te couvidam
E invejosos te chamam?
Ah, triste Arcadia, triste e desgraçada!
Que detestaveis erros
Contra o céo commetteram os teus Pastores;
Que lugubre destino
A tão duro castigo te condemna?

(*Obr.*, p. 136.)

As palavras de Garção tornaram-se em dolorosa realidade. N'esta sessão funebre leu Quita o seu Idylio IV, (*Obr.*, I, 136), e Amaral França uma Ode (p. 128). Pela falta de versos de Diniz sobre este caso se deprehende que a sessão fôra celebrada antes do seu regresso de Castello de Vide a Lisboa, para o que lhe foi passada licença em 19 de Dezembro de 1763. A sua presença veiu influir no esforço para a *Restauração da Arcadia,*

a que foram consagradas differentes poesias. Collocamos este successo, em uma das sessões seguintes:

1764 — 13 de Maio. O Idylio XVII de Elpino, que se intitula *Anfrizo*, tem a rubrica historica: «Recitado na Arcadia, em o ajuntamento de 13 de Maio de 1764.» (*Obr.*, t. II, p. 221.) Garção ahi leu a sua Ode XIV; e Quita o Soneto XI, em que attribue a Diniz e Garção o influxo do resurgimento. O Soneto de Diniz (*Obr.*, I, p. 235) prende-se com o de Quita idealisando os bosques venturosos da Arcadia.

— 19 de Junho. Emquanto Diniz permaneceu em Lisboa teve vida a Arcadia. O seu Idylio XVIII, *Pharmaceutria*, traz a rubrica: «Recitou-se na Arcadia em 19 de Junho de 1764.» (*Obr.*, II, 232.) Proximo já do meado do anno foi Diniz despachado Auditor do segundo regimento da praça de Elvas, e com a sua ausencia tornou a cahir a Arcadia em um marasmo lethal. De Elvas dirigiu elle uma carta a Theotonio Gomes de Carvalho, datada de 25 de Outubro de 1764, remettendo-lhe o Idylio XIX, e explicando o emprego de certas imagens diz no fim: «Se comtudo não parecer bem a v. m. e ao senhor Garção, riscal-a-hei, por que o Idylio sem ella pode subsistir.» (*Obr.*, t. II, p. 240.) A carta vem na integra no Ms. da Bibl. nacional, fl. 114.

1774 — 20 de Janeiro. Não torna a apparecer memoria de nenhuma Conferencia da Arcadia desde 19 de Junho de 1764 até esta data, nem mesmo quando o ministro foi feito Marquez de Pombal em 17 de Setembro de 1770. Quita tinha falecido miseravelmente em 1771, e Garção desgraçadamente em 1772. O re-

gresso de Diniz de Elvas para Lisboa coincidiu com este ultimo lampejo da Arcadia, cuja sessão se celebrou em casa do Morgado de Oliveira João de Saldanha de Oliveira e Sousa, casado com a terceira filha do Marquez de Pombal, D. Maria Amalia Daun; foi a sessão em homenagem do omnipotente sogro, a qual se julga ter sido a ultima,[1] acabando de vez a Arcadia com a partida de Diniz em 1776, despachado para a Relação do Rio de Janeiro.[2]

§ III. Garção e a lucta com o elemento seiscentista

Em uma das suas Orações lidas na Arcadia, Garção chega a affirmar serem maiores os estragos do máo gosto seiscentista do que as ruinas materiaes do terremoto. E todas as vezes que procurava incitar os arcades ao purismo da imitação dos antigos, para os

---

[1] Nas *Odes pindaricas* de Diniz, a VII *Ao Marquez de Pombal*, tem a rubrica: «Foi recitada na *sessão academica*, que se fez no Palacio do Morgado de Oliveira, em 20 de Janeiro de 1774.» (*Obr.*, t. V, p. 133.) Era moda esta fórma de festejo; celebraram-se os annos do Conde de Coculim, governador das armas, em Chaves, «com Comedia, *Academia* e *duas noites de Outeyro*, em que se recitaram varias Poesias em seu applauso ...» (Gazeta de Lisboa, n.º 33, de 1756).

[2] Morato, na sua *Mem.*, p. 80, apontando esta data, escreve: «O fim d'esta Sociedade em 1776, prende-se naturalmente com o principio da *Academia real das Sciencias* em 1779.» Adduzia este facto como «a ultima e mais brilhante prova da influencia da Arcadia na nossa Litteratura, e tambem o seu maior brazão.»

submetter á critica agitava o espectro do seiscentismo como ameaça. Tambem em Filinto, que embora em dissidencia com a Arcadia seguia as mesmas doutrinas, vamos encontrar bem caracterisado o horror do seiscentismo na litteratura:

Que homem ha 'hi tão bronco em nossa historia,
Que ignore pêrdas que custou á lingua
O reinado da insipida Ignorancia!
Esse estupido Monstro as fuscas azas
Despregou, e cobriu co'ellas o reino:
Tapou o sol, poz noite nos engenhos,
Bafejou *Anagrammas*, forçou *Glosas*,
Inçou de oucos *Conceitos predicaveis*
Os pulpitos, e as aulas de *sophismas;*
E degradou a lingua de nobreza,
Despindo-a de affouteza e bizarria.
. . . .
Abra-se a antiga, veneranda fonte
Dos genuinos Classicos, e soltem-se
As correntes da antiga sã linguagem. [1]

Quando Diniz, longe de Lisboa nos ocios forçados de uma doença ditava os primeiros versos do *Hyssope*, recordava-se do estado da poesia portugueza, contra o qual tanto luctava a Arcadia de que elle se achava afastado:

D'aqui sahiram a infestar os campos
Da bella Poesia, os *Anagrammas*,
Labyrinthos, *Acrosticos*, *Segures*,
E mil especies de medonhos monstros,
A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas grutas do Parnaso.

---

[1] *Obras*, t. I. p. 84.

Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida *Burleta*, que tyranna
Do Theatro desterra indignamente
Melpómene e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada.

. . . .

Alguns (misera gente!) inutilmente
Compõem grandes Iliadas, e tecem
Aos vaidosos magnatas mil *Sonetos*,
Mil *Pindaricas Odes* e *Epigrammas*,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres Anticyras,
Abrazados se crêem de um santo fogo,
E ter commercio com os altos deuses:
Senhores da aurea fama e seus thezouros
Se inculcam aos Heroes, e em seus delirios
Se julgam mais felizes e opulentos
Que o grande Imperador da Trapizonda;
Emquanto na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões e de improperios
Dos ricos ignorantes e dos grandes,
Com mófa e com desprezo são olhados. [1]

Filinto descrevia o seiscentismo na sua Carta a Brito já no fim do seculo XVIII, e Diniz quando a Arcadia estava triumphante na sua reforma. Era esse elemento que a Arcadia procurou combater quando se constituiu, não convidando para o seu gremio poetas laureados, como Alexandre Antonio de Lima, José Freire de Montarroyo Mascarenhas e Francisco de Pina e Mello. Contava já sessenta e um annos de edade Pina e Mello, com uma vasta série de composições litterarias impressas, quando alguns jovens bachareis se lembraram de fundar uma *Arcadia;* Pina e Mello

[1] Cant. I, p. 88. Ed. 1879.

resentiu-se do desdem dos novos, e mais ainda dos ataques das suas criticas e apodos. Como Garção, elle tambem pertencera á *Academia dos Occultos*, e tinha uma ideia ou programma litterario, o conciliar a simplicidade franceza com a pompa hespanhola. Pina e Mello nascera na villa de Monte-mór o velho em 7 de Agosto de 1695; n'aquella epoca de soltura da vida de Coimbra, passou os melhores annos da mocidade cursando philosophia no Collegio das Artes e a faculdade de Canones, adquirindo essa erudição pomposa e ideias barocas que prejudicaram todos os seus escriptos. Era uma natureza irrequieta, não chegando a concluir formatura, e envolvendo-se nas difficuldades de um casamento precóce, que descontentou seu pae a ponto de vender todos os bens não vinculados que tinha para reduzir o filho á pobreza. Chamava-se D. Maria Thereza Coelho de Faria o ideal d'estes sacrificios amorosos; á falta de recursos, o joven poeta fugiu para Castella e por lá andou em aventuras servindo-se do seu conhecimento dos Canones para facilmente passar por clerigo com reverendas falsas, segundo a tradição colhida por Camillo em uma Genealogia dos Pinas de Monte-mór o velho. Voltando passados annos a Portugal, foi preso em Coimbra na cadeia da Portagem por denuncia de ter explorado os officios ecclesiasticos; sua mulher, recolheu-se então ao convento de Santa Iria de Thomar, onde professou. Vê-se por esta existencia accidentada que tinha uma excitabilidade que o fazia poeta. Era grande admirador de Camões, e ambicionava ser auctor de uma Epopêa; diz elle:

«Desde a minha adolescencia trouxe diante dos olhos a fabrica de uma Epopêa. Intentei formal-a no prodigio que alguns dos nossos escriptores põem entre os maravilhosos successos da historia, de que dizem fôra theatro a minha patria, na degolação e resurreição dos seus moradores (sc. lenda do *Abbade João* de Monte-mór). Depois de estar esta obra bastante adiantada a levei ao incendio e entreguei as suas cinzas ao esquecimento. Principiei logo a *Conquista de Gôa* pelo famoso Affonso de Albuquerque, acção que estabeleceu o nosso Imperio na Asia; e passados alguns annos a *Jornada do Heroe para o Templo da Fama*. Seguiu-se-lhe outro novo projecto, que foi o do *Mundo restaurado;* e todos estes ensaios vieram a produzir em edade mais madura este *Triumpho da Religião.*» [1] Recolhido aos seus parcos recursos da villa de Monte-mór, ahi se entregava ás distracções litterarias, aspirando a ter certa auctoridade sobre questões de gosto poetico. Pina e Mello enumera os poetas francezes cujas obras conhecia: «Eu não tenho visto mais do que alguns modernos: o Abbade Genest, no poema da *Philosophia*, Racine no da *Religião* e da *Graça*, Voltaire no da *Henriade*, nas Tragedias e em outras poesias. Porém Despréaux me parece melhor do que os outros.» [2] Em outro logar o mesmo Pina eleva

---

[1] *Prolegomeno*, p. XXXVIII. Tinha cincoenta e nove annos quando o appresentou á censura.

[2] *Triumph. da Religião*, Prolegomeno, p. VI.

o poema pseudo-classico de Fénelon, o *Telemaco*, acima das epopêas de Homero e Virgilio: « Se as *Aventuras de Telemaco*, engenhosamente fabricadas pelo incomparavel Fénelon, para instrucção dos principes reaes da França, se annunciassem em verso heroico, e lhe tirassem algumas narrações diffusas e preceitos economicos, ainda que o seu assumpto não é verdadeiramente guerreiro, teria emudecido a fama de Homero e de Virgilio. Que *fabula* mais illustre, nem mais unida? Que *episodios* mais coherentes com a acção? Que *Heroe* mais unico e bem caracterisado? Que *costumes* mais proprios; que *doutrina* mais proveitosa, que *artificio* mais limpo e engenhoso, que *narração* mais viva e animada; que *dramas* mais bem introduzidos; que *locução* mais eloquente? Que *imagens* mais brilhantes; que *belleza*, que *doçura* e que *esforço* de uma felicissima ideia? » [1]

O pensamento de Pina e Mello foi realisado por Joaquim José Caetano Pereira e Sousa, que traduziu as *Aventuras de Telemaco* em verso portuguez, [2] sem que essa obra de arte adquirisse mais relêvo. O *Telemaco* provocou muitas imitações na litteratura portugueza, que serviram para depravar o gosto, taes como as *Aventuras de Diophanes, ou Maximas da virtude e formosura com que Diophanes, Clymenea e Hemirena, princepes de Thebas, venceram os mais apertados lan-*

---

[1] *Ibid.*, p. XXXII.

[2] Lisboa, 1787, 2 vol.

ces da desgraça, por Dorothea Engracia Tavareda Dalmira (pseudonymo de Alexandre de Gusmão), e essa outra insipida allegoria do *Feliz Independente do mundo e da Fortuna* pelo P.e Theodoro de Almeida.

O Conde da Ericeira, que escrevia a Boileau em francez, traduzia em verso portuguez a sua *Poetica*, para servir de disciplina aos poetas que só imitavam o estylo gongorico; Pina e Mello, no poema o *Triumpho da Religião*, arremedo do *Anti-Lucrecio* de Polignac, visava a conciliar os dois estylos «a pompa hespanhola com a simplicidade franceza.» O árcade Candido Lusitano, traduzindo a *Athalia* de Racine, e Diniz, imitando o *Lutrin* de Boileau, tambem adoptavam a simplicidade franceza; a lucta contra Pina e Mello originou-se especialmente por causa do genero bucolico.

Em 1755 publicava Pina e Mello a sua *Bucolica* dividida em dez Eclogas, em que imitava a ingenuidade da linguagem popular até ao plebeismo, e em que aproveitava a redondilha octosyllaba com o sabor mirandino, de que D. Francisco Manoel de Mello se apropriára com tanta felicidade. Na Dissertação lida por Diniz na Arcadia, sobre o estylo das Eclogas, em sessão de 30 de Septembro de 1757, ataca de frente o gosto de Pina e Mello: «Eu, senhores, n'elle não encontrei mais que acções muito vulgares, vís, grosseiras e indignas de entrarem n'um poema, cujo fim é excitar em nós um vivo prazer com a imagem de uma innocencia e simplicidade delicada, e algumas sentenças e moralidades tão triviaes, que não ha compositor algum de Novellas por

mais insipido e infeliz, que d'ellas não tenha usado. Isto é por parte da materia; que por parte do artificio todo elle consiste n'uma affectação inculta e grosseria de dicção, que por nenhum principio póde agradar aos homens que uma vez chegaram a tomar o gosto á pureza da sua lingua. E porque não pareça que sentenciamos á revelia, citaremos alguns logares d'estas novas Eclogas. Um pastor chamado Nuno, que na Ecloga VIII vem acordar a outro seu amigo, vendo que este se enfada d'elle o chamar, lhe diz:

Com mui pouco te quebrantas,
E se houvesse presumido,
Não te vinha erguer das mantas;
Mas estarás aborrido,
Que inda agora te levantas.

Está como te aprouver,
Como gostas, como queiras,
E já que te fiz erguer
Se has vir vêr as sementeiras
E' o que quero saber.

« Ao que o tal Pastor responde:

Heide ir, por que heide dar réga
E deitar á gelva o macho,
Que lhe dei honte' uma esfrega,
E vêr os homens do sacho,
E heide pôr outros na séga.

« Ao que Nuno replica:

Par Deus, que quem tanto havia
De fazer, estar de borco
Na cama até ao meio dia
A resonar como um porco,
Foi boa calaçaria.»

(Obr., t. II, p. 22.)

E mais adiante approxima Pina e Mello de D. Francisco Manoel de Mello, pensando que o menoscabava: «Este é um dos authores que *pelo seu máo gosto* em materias de Eloquencia *foram chamados Seiscentistas;* assistiu muita parte de tempo em Castella, e mesmo dentro de Madrid, onde dominava a corrupção protegida de Lope de Vega, Luis de Gongora, Francisco de Quevedo, Conde de Villa Mediana, Juan Perez de Montalvan, e outros quasi infinitos, que com as suas agudezas transformaram a natural belleza da Eloquencia, e chegaram com o seu contagio a inficionar o nosso Portugal. *Francisco de Pina e Mello conheceis vós melhor do que eu.*» (*Ib.*, p. 35.) Na segunda parte da Dissertação Sobre o estylo da Ecloga, lida na Arcadia em 29 de Outubro de 1757, torna Diniz a transcrever trechos das Eclogas de Pina e Mello para exemplificar as phrases rusticas e totalmente incultas, e a inverosimilhança das sentenças ante a rudeza popular. Apezar de ficarem ineditos esses Discursos de Diniz, chegou a Pina e Mello a noticia da censura, o que o levou a escrever a seguinte carta:

«Ao D.or João Gomes Ferreira

«Meu amigo e Sn.r Sempre fico contentissimo, quando recebo carta de Vm.ce, e muito mais vindo acompanhada com a noticia da sua boa disposição. Não se pode dizer, que são novos elogios com que Vm.ce illustra as minhas trovas, e lhes dá o merecimento, que ellas não tem; por que ha muito que Vm.ce me honra com estes applausos: o que só pode ter desculpa com o affecto de vm.ce Vm.ce

se agrada da descripção da vida campestre, e talvez que ella não alcance este favor senão pela sua mesma rusticidade, achando-se n'ella o que dizia Ovidio:

Conveniant rebus nomina quoque suis.

« Aqui notará Vm.ce hum admiravel impulso da Providencia, permittindo que Vm.ce me louve ao mesmo tempo que tem sahido contra mim tantos Aristarcos do nosso Reino, que se tem convertido em Mômos, não só para ataçalharem as minhas Poesias, mas as minhas *prosas*. Ainda que ellas fossem melhores sempre me havia de consolar com o successo, que teve a *Iliada* de Homero na bocca d'aquelle animal que se não pode nomear sem pedir perdão aos circumstantes.

« Dizem que os criticos mais crueis que tem sahido a campo são os famosos Pastores da nossa *Arcadia lusitana:* e tendo noticia, que a maior parte d'estes senhores se acham ainda n'aquella idade que rosto anima — com tinta vegetante o seu preludio — parecia-me que seriam necessarios huns bigodes postiços para fazerem o papel de Censores. Imitando o Author do *Novo methodo* com o nome de Barbadinho.

« Lastima he, que as crianças que cahem aos pés das Parteiras lhes naçam logo as barbas! E ainda he peior para acrescentar a monstruosidade, que com as barbas lhe venham logo os dentes para morderem na clava de Hercules. Clava tão dura, que todos os que a mordem sahem feridos e com os beiços ensanguentados.

« Eu quando ouvi, que se estabelecia huma nova Academia em Portugal, seria para que os seus Pastores cultivassem os brejos incultos, e agora vejo que acrescentão espinhos nas terras maninhas.

« Vm.ce cuidará que eu me mortifico com estas emprezas dos engenhos da nossa éra. Posso dizer a vm.ce que desejo rir-me, e que m'o impede a lastima que sempre tenho d'estas e de outras ninherias; e por mais que pretendo fazer a figura de Democrito, sempre ajunto as sobrancelhas, e fico com o semblante de Heraclito. Que cousa mais digna de chorar-se, do que hum Menino que ainda fede aos cueiros, queira empunhar a vara censoria e queira ser Mestre antes de ser discipulo. Porém, saiba Vm.ce que ainda crianças, como são estes nossos novos Poetas, e que lhes he necessario trazerem babadouro para não sujarem a camisa, ainda assim imitam a velhacaria de Tiberio, de quem se disse:

Aliut in lingua promptum — Aliut in pectore clausum.

« Pois aquelle mesmo Arcade de que Vm.ce me manda huma obra n'este correio, e que entre elles parece que faz a primeira figura, me está consultando quasi todas as semanas sobre as suas Prosas e Versos, pedindo-me que lh'as emende, com a maior efficacia, e posso encarecer a Vm.ce o que não tenho feito por modestia propria.

« Emfim, este ajuntamento he huma Francezada, que intentou passar a moda dos vestidos para a Eloquencia; e que por falta de espirito e de verdadeiro conhecimento d'esta

faculdade emprehendem constituir um *novo Methodo*, em que até as saloyas possam ser espirituosas e discretas. Isto succede, e succederá a todos aquelles, que chegando á raiz do Pindo não se esmorecem com a altura do Monte, mas não podem levantar os olhos para a elevação do seu cume. E como não tem azas pretendem que todos sejamos reptis para arrastarmos o peito pela terra. Miseravel Pedanteria, e que não merece outra vista mais que a do desprezo.

«Deixe Vm.ce caminhar esta gente sobre as suas moletas, que a posteridade hade fazer justiça, postoque os bizouros queiram suffocar as vozes da fama com o seu importuno zonido. Vm.ce agradecerá da minha parte ás Pessoas que se oppõem a esta cascavelada toda a mercê que me fazem: O correio he grande, e por isso me não posso demorar mais com Vm.ce a cujas ordens fico. Etc.

Francisco de Pina e Mello.»

SONETO

Aos **Arcades de Lisboa,** *odiados Odistas, e Novissimos introductores do seu chamado verso branco, que o não pode haver mais escuro.*

Dizei-me o que vos fiz, Arcades fracos,
Que tendes tanto empenho em destruir-me?
Se confessaes que não podeis seguir-me,
Pedi a Deus vos dê melhores cacos.

Contra os vossos espiritos opacos,
Tenho Flaco e Camões em que me firme;
Com que se haveis depois em vão seguir-me,
Vivei como as corujas nos buracos.

Citaes o auctor da *Eneida*. Eu, sim, venero
Tão grande authoridade, a grega pluma
De Homero em louvor vosso considero.

Porém, que intentaes vós, que se presuma?
Virgilio foi Virgilio, Homero Homero,
E vós, Arcades meus, coisa nenhuma.

F. DE P. E M.» [1]

Esta carta e soneto não têm data; mas pela referencia ao Discurso com que Diniz combateu nas sessões de 30 de Septembro e 29 de Outubro de 1757 na Arcadia a simplicidade rustica de Pina e Mello, precisa-nos a epoca do resentimento do que os árcades chamavam o *Corvo do Mondego*. Ao Soneto de Pina replicou Diniz com este outro:

Hoje faz nove dias justamente
Que ao Parnaso subiste, Varão grande,
Dado ao mundo por Deus que tudo o mande,
Para riso e praser da Lusa gente.

Então cingida a erriçada frente
Da planta, que ama o Deus que as luzes brande,
Versos mais doces do que assucar cande
Cantaste ao som da lira docemente.

Mas hoje da Rhetorica formosa
A corrente soltando arrebatado,
Que em *Florinda* bebeste copiosa;

A todo este Congresso tens mostrado,
Que ser mereces instalado em prosa,
Como fonte nos versos instalado.

(*Poes.*, I, 142.)

---

[1] Torre do Tombo, Ms. n.º 1052 (Collecção de Manuscriptos historicos, — t. 7.º, p. 138 a 140.)

N'esta Carta de Pina e Mello ao Dr. João Gomes Ferreira, ha allusão a um árcade, que apesar da refrega litteraria o consultava em questões de gosto; esse árcade era o ingenuo Manoel de Figueiredo, de que restam fragmentos de cartas que nos referem estas relações e nos dizem quem era o Dr. Gomes Ferreira, magistrado em tempos anteriores em Montemór o velho:

Em uma Carta de Manoel de Figueiredo a Pina e Mello, agradecendo outra que recebera com data de 15 de Dezembro de 1758, dá-lhe conta das obras que d'elle conhecia: «não tenho mais que os papeis volantes, se não fôra notoria minha ausencia d'este Reino, a diligencia que fiz por furtar os que li, que são as *Rimas*, a *Ethica pastoril* que me emprestou o meu amigo Negrão e o poema da *Religião*, que era de um fulano Gomes, que foi ministro n'essa villa; etc.» Pede-lhe o seu juizo para um poema dramatico: «distinguindo-me da multidão dos ingratos e ignorantes se dê ao trabalho de notar os erros...» Em carta de 14 de Abril de 1759, Pina e Mello mostra-se muito resentido da critica; e escreve: «Não temos critica que não seja filha da inveja ou da emulação; e o melhor despique que podiam ter estes criticos para contentar estes dous terriveis affectos, era fazer outras Obras melhores, que aquellas que condemnam...» E referindo-se ao seu rompimento com Valladares e Sousa: «além de reconhecer que não tenho capacidade para ser bom Juiz, tem-me succedido varios desastres com reparos, que me obrigaram a fazer em outras composições; pois de uma expressão modera-

da e sincera sempre resultou uma inimisade quasi irreconciliavel; etc.» [1]

Na correspondencia particular de Pina com Valladares e Sousa encontraremos bem explicado este azedume a que os dous poetas foram levados por causa do poema da *Conquista de Gôa.*

Em carta de 25 de Junho de 1759 escrevia Pina e Mello ao árcade Manoel de Figueiredo depois de umas reflexões sobre metrica: «Eu estou envergonhado de me declarar com V. m., quando me consta por muitos meus amigos de Lisboa o desprezo, que faz das minhas trovas a nova *Arcadia Lusitana*, de que V. m. he hum tão digno Consocio; e admira-me que V. m. queira ouvir hum homem, que está em tão pouca conta n'esse sublime Congresso; que bem pudera advertir, que para ser bom não era necessario dizer mal dos outros. Os que reconhecem a difficuldade da Arte e genio poetico perdôam, e não recusam as producções, que sahem d'este divino enthusiasmo: eu bem sei que todo o motivo d'estas accusações he quererem que os Poetas de Portugal sigam a simplicidade franceza; porém os que acquiriram as brancas em um continuo estudo, tem para elles maior auctoridade os antigos que os modernos; e á vista de tantos Poetas de espirito que produziu o Pyreo e o Lacio, não valem nada os Despréaux, os Rousseau, os Racines, os Corneilles, etc.; e eu não tenho visto de poeta

---

[1] No vol. XIV, p. 67, do *Theatro* de Manoel de Figueiredo.

francez cousa alguma que me contente senão aquelle Soneto de Mr. Desbarraux, que principia=Grand Dieu, tes jugemens sont remplis d'équité.» [1]

O resentimento que aqui manifesta Pina e Mello, torna-se mais explicito em uma carta a Valladares e Sousa, visando o árcade Domingos dos Reis Quita sobre o qual descarrega o seu desdem por ser *cabelleireiro*, pensando que assim amesquinha a Arcadia.

Eis a carta de Pina e Mello, dirigida ao árcade José Xavier de Valladares e Sousa; em data de 15 de agosto de 1757 escreve elle ácerca de Quita, cujo gosto bucolico era muito apreciado:

«O *Cabelleireiro* bem podera deixar de metter-se tambem a critico, visto não ter chegado ainda a ser poeta. Elle não tem outro instrumento de que se possa aproveitar senão da *çanfonina;* a trombeta ou a vara censoria são insignias que pertencem á valentia de outro pulso. Estou vendo que os sôpros que alguns pedantes dão a este pobre homem o hão de deitar a perder, fazendo-o pendurar o psalterio para tanger a Lyra, não tendo algum gosto para ella; e succeder-lhe-ha o mesmo que a Caetano Tosse, um bom cantor italiano, que deixou de cantar por tanger rabeca, na qual ninguem o podia ouvir.» [2]

Contra este desdem, ainda passados alguns annos protestava Diniz, equiparando na pobreza Quita com Camões:

---

[1] *Ibid.*, p. 76.

[2] *Cartas mss.* de Pina e Mello. (Bibl. nac., P—37.)

Olha o que succedeu ao nosso *Alcino*,
E em tempos mais atraz a aquelle grande
Cuja lyra sublime *e sonorosa*
Mais affamada foi do *que ditosa.*
Desprezos e pobreza só houveram.

E em nota explica: «Domingos dos Reis Quita, que por isso mesmo que a sua fortuna e educação o puzeram n'um logar bem distante do Parnaso, a que elle com tanto affinco e gloria se endereçou, devia ser protegido e animado; foi pelo contrario perseguido e atacado com criticas e invectivas, que até o insultavam pela sua pouca ventura, criticas mais ditadas pela inveja do que pela razão.» [1] Nicoláo Tolentino, que tambem mantinha uma certa malevolencia contra a Arcadia, chamava Quita pela antonomasia faceta de *Cabelleireiro da travessa do Pasteleiro.* A intimidade de Pina e Mello com Valladares e Sousa fundava-se na edade; ambos nascidos no seculo XVII, foram condiscipulos na faculdade de Canones. [2] Por carta de 27 de

---

[1] *Poesias* de Diniz, t. II, p. 295.

[2] Sincero Jerabricense, José Xavier Valladares e Sousa, «Nasceu em Alemquer pelos fins do seculo XVII, filho de Francisco Leitão de Carvalho e de D. Isabel de Lima, representantes de algumas familias d'essa villa. Foi formado em Canones na Universidade de Coimbra, eleito socio da Arcadia de Lisboa sob o nome de *Sincero Jerabricense*, e teve o posto de Capitão mór de Ordenanças na terra d'onde era natural. Possuia diversos morgados, e entre elles o dos Telles de Alemquer, instituido no seculo XV. Teve um irmão, Antonio Telles Leitão de Lima, advogado de algum nome, que escreveu um tratado em latim *De Gabellis*. José Xavier escreveu algumas obras em latim e castelhano. A

Novembro de 1757, vê-se que as relações de Pina eram já antigas, consultando-o sobre trabalhos litterarios; mas as censuras de Valladares desagradaram-lhe sob a impressão em que estava da hostilidade da Arcadia. Transcrevemos alguns trechos:

«Sr. Joseph Xavier de Valladares e Sousa.

«Dê-me V. m. licença para que lhe diga, que não tem temperamento para censurar amigos; pois usando de bastante liberdade nas suas criticas, e sem aquella doçura com que se tempera a acrimonia das reprehensões, he ao mesmo tempo summamente sensivel a qualquer palavra que pode facilmente escapar ao que se defende, em que he mais desculpavel o sahir o braço para fóra da raia, do que o golpe a quem acomette. Se V. m.

---

mais meritoria é o *Exame critico*, escripto sob o *nom de plume* de Diogo de Novaes Pacheco, do qual diz um auctor de celebridade, que é papel de grande merecimento.» (Guilherme J. C. Henriques, *Ineditos Goesianos*, I, p. 149.) Era tambem Escrivão da Confraria da Real Casa do Hospital do Divino Espirito Santo de Alemquer, em 1750; escreveu umas *Noticias genealogicas de muitas familias nobres da Provincia da Extremadura, e principalmente da Comarca de Alemquer*, de que fez extractos o auctor supracitado. Acrescenta Henriques: «Foi José Xavier de Valladares e Sousa que fez com que a data exacta do falecimento de Damião de Goes chegasse aos nossos dias.» Foi em 1736, quando por um requerimento se reuniram e encadernaram *os papeis escriptos* em que se faziam os assentos de baptisados na freguezia de N. S. da Vargea da Villa d'Alemquer, remettidos para o Vigário geral do Patriarchado. (*Ib.*, p. 119.)

lhe tem parecido bem a liberdade de proferir que o Poema (sc. *Conquista de Goa*) não he digno da imprensa, de que estes e aquelles logares estão cheios de incoherencias, de que o meu estylo e os meus pensamentos não são épicos, porém muito communs e em muitas partes impertinentes e superfluos, que os meus versos são humildes e prosaicos, etc.; como lhe parece mal que eu acuda com mais ou menos força a uns talhes tão impetuosos e a uns golpes tão sensiveis? Eu estou mil vezes arrependido de entregar esta triste obra á censura de V. m.; porque estou tambem na certeza de que ainda que fôra composta por hum Anjo, nunca se poderia livrar de uma espada tão fulminante; e se heide experimentar que o Poema hade ser o motivo de que V. m. se desgoste commigo, não fallemos mais em Poema; por que este Poema importa pouco e a amisade de V. m. vale muito para mim.» Esta carta, extensa, é datada de 7 de Novembro de 1757; revela um certo rompimento, que se manifestou com mais impeto em outras cartas, em que allude aos *novos criticos*, que eram os Arcades, com os quaes estava Valladares e Sousa. Em outra carta que lhe dirigiu Pina e Mello em 13 de Março de 1758, diz: «Não me admira que V. m. me suspendesse o favor da sua correspondencia, porque esta acção é livre, e ninguem se obriga senão por muito seu gosto a sustentar semelhante fadiga, especialmente com pessoas de que não póde tirar alguma utilidade; porém não deixa de ser mui digno de reparo que V. m. me não tenha restituido a copia da *Conquista de Gôa*, pois esta restituição

não só a pedia a justiça, mas o mesmo estimulo que V. m. recebeu da defeza, com que eu contestei as suas accusações. Sirva-se V. m. de me mandar estes cadernos, em que V. m. se interessa tambem muito por apartar de si hum objecto do seu desprezo. Deus g.^{de} a V. m. m. an.^{os} Monte-mór o Velho, a 13 de Março de 1758.»

O caso azedava-se, como vêmos por essa outra carta dirigida a Valladares e Sousa:

«Ha dous ou tres correios, que pedi a V. m. a restituição do meu segundo Poema, e até agora não tive resposta sua. N'esta semana tive uma carta de Joseph Freire de Montarroio, em que me dava a noticia de que V. m. estava fazendo uma cruellissima critica áquella obra; e por este aviso alcanço a rasão de V. m. m'a não ter restituido. Pobre *Conquista de Goa*, que foi buscar um azylo e achou a indignidade de um Libello diffamatorio! Eu enviei a V. m. esta minha filha em boa fé, e confiado na sagrada observancia da hospitalidade, e V. m. não só a corrompeu, mas a carregou de golpes, e de açoites, conservando-a de hospeda em escrava. He crivel que V. m. se alumiasse tanto com o seu espirito rixoso, que lhe não fizesse horror uma acção que ainda seria a mais escandalosa entre os barbaros mais incultos e inhumanos? De que tem servido a V. m. o nascer em hum Reino civilisado, o dizer-me que está instruido em todos os dictames da critica; e *estar já em huma idade avançada*, aonde commumente se esfriam os impulsos mais ardentes de uma mocidade inconsiderada? etc.»

Por este tempo achava-se em Coimbra um poeta, antigo companheiro de Antonio Diniz da Cruz e Silva nas aulas da Universidade, e muito apreciado pelo Conde de San Lourenço, a quem dedicou muitos versos: era José Antonio de Brito, que usava o nome arcadico de *Olino*. Não entrou para a Arcadia, por que deixou a residencia de Lisboa, tornando para Coimbra, e indo morrer prematuramente em Vianna. Em uma Epistola de Garção, que lhe dirigiu para Coimbra, ha uma allusão a estas luctas satiricas contra Pina e Mello, e á questão litteraria do verso solto que se debatia na Arcadia:

> Se as graciosas Musas te rodêam,
> Encosta a curva lyra sobre o peito,
> As aureas cordas fere, escreve ó Olino.
>
> Se a rima como escravo te traz preso,
> Perdida a liberdade, ao duro cêpo,
> Quebra as fortes cadeias; não é justo
> Que o continuo zum-zum do consoante
> Que o ouvido agita só, a alma *nunca*,
> Esfrie o fogo que na ideia nasce.
> Não busques pensamentos exquisitos,
> Em denegridas nuvens embrulhados;
> Não tragas, não, *metaphoras violentas*
> Imitando esse *Côrvo do Mondego*
> Que entre os Cysnes do Tejo anda grasnando;
> Usa da pura lingua portugueza,
> Que aprendido já tens no bom Ferreira,
> No Camões immortal, em Sousa e Barros. [1]

---

[1] *Obras poeticas*, p. 197. Aragão Morato na *Mem.* cit., p. 66, allude á alcunha: «o insulso e rustico estylo que na Poesia pastoril haviam introduzido alguns poetas do seculo antecedente e ainda n'aquelles tempos o *Corvo do Mondego*, que assim chamavam ao incansavel escrevedor em prosa e verso F. Pina e Mello.»

Faltando uma rima a Theotonio Gomes de Carvalho, e tendo corrido a noticia que Pina e Mello morrera, improvisou Diniz um Soneto sobre o successo alludindo ao seu partido pela rima em poesia:

Alma triste do Pina, que orgulhosa
Em torno de Hipocrene andas vagando
Por *duros consoantes* barregando,
Occupação de Vates trabalhosa.
. . . .
Tu que foste no mundo forte asylo
Da *rimada Poesia* . . . .

(*Obr.*, I, 133.)

E no Soneto XLIX da segunda Centuria, formúla Diniz o seu juizo:

Ha engenho no Pina, mas a méta
Perpassou, ora humilde, ora empolado,
Quem o tem por modelo, é máo poeta.

(*Ib.*, 151.)

Depois do triumpho sobre o elemento seiscentista, leu Garção na Arcadia em 30 de Junho de 1759, uma Oração em que lamenta a recorrencia d'esse máo gosto: «E que fizemos? Clamavamos contra os miseraveis *Seiscentistas*, contra o máo gosto da nação: choravamos pelos bem aventurados dias de Camões, de Bernardes e de Ferreira; compravamos a todo o custo as suas obras, como que fosse o mesmo tel-as que imital-as. Entrámos a chamar Ode ao que era Idylio, Idylio ao que era Satira, Satira ao que era Dithyrambo; n'uma palavra, corria com passos tão accelerados a nossa decadencia, que já parecia inevitavel a

ultima ruina, ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio d'estes damnos.

«Aquelle pomposo designio de domar o genio da nação, fazendo que a critica fosse recebida como conselho e não como offensa, aquella magnifica ideia de banir da Poesia portugueza o inutil adorno das *palavras empoladas*, *conceitos estudados*, *frequentes antitheses*, *metaphoras exorbitantes* e *hyperbatons sem modo*, introduzindo em nossos versos o delicado e apetecido ár da nobre simplicidade, foram os dois pólos que primeiro perdemos de vista. Ergueram a cabeça esses mesmos vicios que promettiamos e juravamos reformar ou reprimir, ficando tolerados ou por inercia ou por cobardia, ao mesmo passo que o podão pintado em o nosso escudo ameaçava ou fazia rir aos extranhos.» (*Obr.*, p. 492.) E' evidente o sentido d'estas palavras de Garção: A Arcadia que repelira o Seiscentismo e o vencera em Pina e Mello, achava-se minada por esse máo gosto, cujos germens tolerára por inercia. Referia-se a D. Joaquim Bernardes de Sant'Anna, que ainda presidiu á sessão da Arcadia de 28 de Dezembro de 1760.

Transcrevemos em seguida uma Satira inedita de Candido Lusitano a Garção, em que se relata esta lucta do elemento seiscentista:

Satira

O Candido ao Garção saude envia.

Como heide apparecer, Garção amigo,
E chá beberricar na coxa mesa,
Se não posso saír do meu cantinho,
Sempre assustado mais do que receia

Os arpéos do falcão timida garça!
Que é isso? Ris-te? Cuidas por ventura
Que remoquejo a harpia dos meus cobres,
Que comtigo nasceu dos mesmos ovos?
Não! não é esse o medo que me encova,
Que eu dera liberal vintens aos centos,
E fôra esse o meu susto!
Ando escondido,
Porque temo me bispe, ou de encalhada
Me pilhe um charlatão que me persegue
De dia ou noite; quando saio ou entro
Dar não posso uma volta, dar um passo
Sem marrar infeliz com este *duende:*
Por toda a parte me persegue o faro
Do apestado sabujo. Ai! ai, que o sinto
Petiscar na tranqueta; certamente
E' elle! Que farei?...
— Abra, quem bate.
(Oh! enganei-me.) E's tu, rapaz? Espera,
Ora ahi tens o premio promettido,
E trata em ganhar sempre nos Certames
Moldando versos pela forma antiga:
Seguir sempre a Virgilio, sempre a Homero,
Ao doce Ovidio pouco, e aos outros nada.

Porém, tornando, amigo, ao meu trabalho,
Eu o soffrera emfim, se elle de versos
Não trouxera algibeiras atulhadas:
Já hoje me empurrou um cadernorio
Cosido n'um cebento pergaminho
Com *Acrosticos* mil, mil *Labyrintos*,
E um contrapezo de *Eccos* e *Anagrammas*,
Que quando os vi as carnes me tremeram
E o pacto renunciei por mais seguro;
Muito mais, cri ser magicas receitas,
Quando me leu uns versos que eu, attento
Não pude perceber:
«Que? Não entendes?
(Me disse elle sorrindo, em tom de mófa)
Pois ouviste um Soneto em quatro linguas
Que mandei para o Porto, á Nova Arcadia;
Foi fornada feliz, armou-se todo
Na loge do barbeiro, que applaudiu,
E uma copia lhe dei, que não quiz paga.»

A cada verso que elle vomitava
Com braços largos, olhos espantados,
Bocca escumosa, gestos retorcidos,
E voz que bombas imitar podia,
Eu commigo rosnava: Oh venturoso
De quem vive entre Alarves Tupinambas,
Que ouve lingua mais clara, mais polida.
Quem me derá lá vêr-me! Antes seus monos,
Que este com seus tergeitos affectados!
Elle, vendo-me sério e pensativo
Creio me diz:
« Que? Estás maravilhado
De tanto esforço de arte e de juizo?
Para chegar aqui muito suámos,
Muitas noites perdemos; estas unhas
Se roidas estão, estas pestanas
Se queimadas m'as vês, é tudo effeito
De acerrima lição de estudo a fundo:
Sei de cór o *Tezauro*, de Graciano
Repito a *Arte de Agudeza e Ingenho;*
Gongoras, Calderons, Lopes, Candamos,
Moretos, Salazares e Solizes,
Com quantos por seus rastos caminharam,
São para mim lições mais decoradas
Que as Novenas nos cegos trovadores,
Que altos Poetas! D'elles treme Apollo,
Por isso nunca os quiz no seu Parnaso.
Grande homem foi Virgilio, mas mesquinho;
Famoso Homero foi, mas paroleiro,
E ambos, Poetas lá das priscas éras,
Que não atura a moda d'estes tempos;
Por isso, não querendo eu perder passo,
E atrazar-me na delphica carreira,
Deixei-os no seu vôo, terra, terra,
E impelido de um Estro agongorado,
O Pégaso venci, e fui-me ás nuvens.
Dizem-me, que entre os Gregos fôra insigne
Um tal Pindaro, um certo Anacreonte;
E entre os Romanos . . . não me lembra o nome.
Ah, lá me occorre: Horacio, e mais Catullo;
Mas confesso que d'elles não sei nada,
Porque não sou freguez de Baccho e Venus,
E se bons foram, não me fazem falta,
Como ámanhã verás, que carregado
Aqui virei de Rimas e Poemas.»

Quando isto proferiu não pude ter-me
E arrancando um suspiro dentro d'alma,
Disse-lhe em alta voz, e em tom severo,
Como quem já queria desavir-se,
Destampando qual brava regateira :

— Carregado de Rimas e Poesias!
Nunca cá chegues, caustico insoffrivel.
Caimbra te dê nos pés, torpôr na lingua,
E marres n'uma esquina de improviso
Com torpe e brucha velha, ou torto aziago,
Que a bafo e olhado á terra te baquêem.
Contra mim indignadas sinto as Musas,
Pois com mão tão pezada me castigam.
Nada me accusa a consciencia; eu nunca
Co'a turba vil, que engatinhando intenta
Trepar ao alto Pindo, tive trato:
Os meus amigos são o illustre *Pina*,
O sublime *Deniz*, o terno *Quita*,
O arguto *Feliciano*, e esse grato
A's aonias Deidades, o *Theotonio;*
Mas sobre todos, tu, *Garção*, que em faixas
Nas azas do alto Cysne de Venusa
Foste levado aos braços de Thalia.
Ha longos annos (creio que são trinta)
Que a estante limpei de mil Poetinhas,
Que ainda os Confucios são da nossa China.
Oh quanto adubo, quanta alcamonia
Tem embrulhado a decantada *Filis!*
A lusitana *Phenix Renascida*,
A barbara *Insulana*, o vil *Viriato*,
O *Virginidos* torpe, as *Singulares,*
Generosas e *Anonymas* Palestras,
Com mil outros latões, que eu estimava
Mais do que prata velha um fino avaro.
Pois então, Musas, se eu fiel vos sirvo,
Se eu gasto com Camões noites e dias,
E apprendo por Bernardes e Ferreira,
Musicos immortaes, que em vossa orchestra
Fazem a voz segunda ao Venusino
E Mantuano Cantor, sem resistencia,
Por que haveis permittir que um importuno
Aio de vosso palafrem alado
De modo me persiga, que um balurdo
Nunca se agarrou tanto em ferrea porta

Como se péga a mim este malvado.
Porque o não converteis em sanguesuga
Dos charcos de Aganippe, ou em morcego,
Que da Cimmeria cova nunca saia?

Aqui deu o velhaco outro sorriso,
Mostrando graça achar nos meus enfados;
Em branda voz me diz:
« Quanto quizeres
Podes fallar de mim, não desconfio,
Porque o teu genio sei: Dos teus amigos
Sabes ser soffredor; oh, mal o haja
Essa *Arcadia* a quem segues, e apregôas
Pela mana mais intima das Musas,
Essa senhora sempre desdenhosa:
Tudo despreza, nem com flôr se adorna
Se a não semêam Gregos e Romanos,
E a rega de Hyppocrene o licôr puro.
Jacte-se de ser bella por si mesma,
E posturas não quer, ou vãos enfeites;
Chama semsaboria aos Saes agudos
Do decantado Owen, paronomasias
Antithezes, Equivocos frizantes,
Conceito, que algum dia as sobrancêlhas
Arquear fazia, como se o dissera
Lope em Castella, Chapelain em França.
Tudo ella tem por vil quinquilheria,
Que a plebe do Parnaso só contenta,
Como ao simples Tapuia a vã missanga.
Se algum do Terço velho a vós levanta
E em bom toante diz uma exquisita
Metaphora, que saia dos seus eixos,
E Hyperbole, que exceda a já proscripta
Bitola dos Antigos, — frioleira,
Pedantismo, ignorancia, insulso gosto
Chamam da *Arcadia* os duros Rhadamantos,
E arream-lhe a bandeira quasi todos;
Menos eu, que sou Gama de outros mares.
Ora, já que te devem tanta estima
Da antiguidade as Lyras mais sonoras,
Quero ámanhã trazer-te (não te assustes)
Nada de Rimas, nada de Poemas,
De tecidos *Centões* raro thezoiro,
Minados em Marcial, Lucano, Estacio,
Poetas de mão chêa, que encovaram

Quantos antes jactara Grecia e Roma.
Pois que? Não digo bem? Tenho máo gosto?
Tu franzes-me o nariz? A testa enrugas?
Quem te hade contentar? Ora, paciencia
Tem por um pouco, que eu vou já buscal-os;
Espero d'esta vez dar-te no gôto
Para ámanhã não fique, a casa é perto;
Tenho gosto que admires um trabalho
Que seculos levára a outro engenho;
E a mim levou-me quasi o mesmo tempo
Que a escrevel-os precisava. Eu vólto.»

— *Centões!* e de Marcial! Lucano e Stacio!
Desabafei então; vae-te em má hora,
Insulso causticante, e só cá tornes
Quando tornar ás chaminés o fumo!
Vae-te palestra armar, e arrotar versos
Do Arsenal no guindaste embasbacando
Quantos palrilhas fazem lá seu pouso.
Oh, se ahi te pilhasse, e te mettesse
Na calceta com Rimas e Poemas
Esse illustre Mendonça, arrimo e sombra
De bons, de máos perseguidor severo,
Que prazer eu teria, e se soubesse
Que os *Eccos*, os *Centões*, os *Anagrammas*,
E quanto escreve o meu arrumadiço,
Serviam reduzidos à torcidas
Para àccender os fétidos cachimbos! —

Ditoso tu, amigo, que perito
Na Pintura que falla, e na Poesia
Que aos olhos bem se exprime em mudas vozes,
Co'a penna ou co' pincel as horas passas
Longe do trato d'estes importunos,
E apenas sabes que inda a terra os soffre,
Se bem que inutil pezo entre os viventes,
Lá retirado sempre em companhia
Do Pindaro latino, que a dar passos
Te ensinou com seguras andadeiras,
Por elle defendido estás seguro
De que te ataque um charlatão Poeta,
Por que inda o teme e temerá tal gente,
Mais que a Cocythia turba o austero Minos.

Mas, ai! Que avisto o meu fatal trambolho!
E como vem correndo! Adeus, amigo;
Esconder-me vou já na Livraria,
Só n'ella posso dar-me por seguro
Porque ahi nunca entrou, nem chega á porta. [1]

Do P.^e FRANCISCO JOSÉ FREIRE.

A referencia ao Arsenal e ao illustre *Mendonça*, dá-nos a data aproximativa d'esta Satira; Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que fôra nomeado Secretario de Estado-Ajudante por decreto de 19 de Julho de 1759, passou a Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar em 1760 por doença que inhabilitou Thomé Joaquim da Costa Côrte-real. D'elle escreve Gramoza, nos *Successos de Portugal*: «Foi grande despachador de serviços militares; . . . Supposto que em algumas occasiões increpava as partes com termos menos politicos e prudentes, comtudo, sendo o fundo do seu coração cheio de humanidade, quando chegava a tratar do despacho d'ellas, as attendia sem lembrança do que havia proferido.» (t. I, p. 21.)

N'esta Satira de Candido Lusitano, tambem se allude ao talento de Garção para a Pintura, entregando-se a esses trabalhos artisticos no seu retiro da Fonte Santa. Era completamente ignorado este facto, lucidamente aproximado do seu talento descriptivo na Poesia. Tambem em uma carta de Diniz, de 25 de Outubro de 1765, manda mostrar a Garção *uma pintura para que faça outras semelhantes*.

---

[1] *Poesias varias.* Mss. vol. VIII, p. 592 a 604. (Mihi.)

Fixamos a composição da Satira pouco depois de 1760, por que ahi se ataca de frente as formas da Poetica seiscentista, e se apresenta a Arcadia impondo-se pela sua auctoridade reconhecida. Tambem Candido Lusitano allude amigavelmente aos emprestimos de dinheiro que fazia a Garção, que pela sua imprevidencia de artista já luctava com grandes difficuldades economicas que lhe atormentaram a vida.

O elemento seiscentista achava um sustentaculo na Arcadia em D. Joaquim Bernardes; parece que a antinomia de doutrinas litterarias o separou a final da corporação.

Na lista de 1753 dos socios da Academia dos *Occultos* figura o conego Dom Joaquim Bernardes, genio satirico e improvisador, que veiu a pertencer ao primeiro quinquennio da Arcadia, d'onde foi repellido por causa do seu exagerado gosto seiscentista. (N. 14 de Septembro de 1692; m. 1764?) Escreve Innocencio no artigo do *Dicc. bibliographico:* «Quando Diniz e Garção instituiram a *Arcadia Ulyssiponense*, foi elle um dos primeiros convocados para fazer parte d'aquella associação, a que no principio se prestou, mas creio que houve logo desintelligencias pelas quaes se despediu, não me constando que alli apresentasse trabalho algum seu. Era demasiadamente aferrado ao seiscentismo para que pudesse partilhar as doutrinas da moderna escola poetica que tratava de se erguer sobre as ruinas da antiga introduzindo novo gosto em Portugal.» Filinto caracterisa em dois versos este academico *Occulto:*

O *Conego Bernardes*, que brincando
Fez duzentas outavas de repente
A' lua chêa..................

Em nota accrescenta: «Teve elle a bondade de m'as lêr, e eu de as ouvir.» Dom Joaquim Bernardes era sobrinho do ascetico P.e Manoel Bernardes: esteve ausente de Portugal dezeseis annos, andando por Madrid, Hollanda [1] e outras terras; voltou a Lisboa em 1745, quando Fr. Gaspar da Encarnação, chefe da *Jacobêa*, dominava espiritualmente D. João V e o molinosismo da côrte: Poeta satirico, D. Joaquim Bernardes viu-se forçado a deixar a vida claustral.

Nas *Memorias* do Bispo do Grão Pará vem os seguintes traços ácerca do conego D. Joaquim Bernardes: «O author das Satiras manuscriptas que inundaram Madrid em tempo do governo da Parmesana foi D. Joaquim Bernardes. Denominavam-se as Satiras *El Duende de Madrid*. Apoz dezeseis annos de desterro foi recolhido em San Vicente de Fóra D. Joaquim, sob a vigilancia de Fr. Gaspar reformador. Frei Gaspar, n'aquelle tempo era sua magestade. Dom Joaquim fallou ao rei na festa de Santa Engracia e disse-lhe: —Beijo a mão a V. M. por se dignar de ser minha valia para o padre Frei Gaspar.

---

[1] Infere-se das seguintes linhas das *Memorias* do Bispo do Gram Pará: «Para a Hollanda fugiu um capucho com a abbadessa de Santa Anna, chamada Laureana. Deu elle o nome a uma synagoga, mas foi modo de viver, segundo affirmaram ao conego D. Joaquim Bernardes, em Hollanda.» (p. 88.)

« Riu-se el-rei, e disse-lhe: — Parece-se muito com seu pae.

« Responde o conego: — Senhor, estimo muito mais essa memoria que a semelhança; esta é effeito da natureza, e aquella do beneficio de V. M.

« Continuou o rei: — Até isso é de seu pae.

« Replicou o padre: — E isso é de V. M., por que honrar os mortos é muito seu.» [1]

Gramosa, nos *Successos de Portugal*, t. I, p. 227, conta o motivo por que D. Joaquim Bernardes deixou o mosteiro de S. Vicente e se fez padre secular. Reinava o scisma da *Jacobêa*, em que os confessores obrigavam

---

[1] *Mem.* cit., p. 184.

Effectivamente o rei fazia uma referencia affectuosa a João Bernardes de Moraes, irmão do purista P.^e Manoel Bernardes, e antigo medico de D. Pedro II. Conta d'elle o Bispo do Grão Pará:

« O sr. rei D. Pedro conversava com D. Nuno Alvares Pereira, duque de Cadaval, menos honestamente. Bernardes, physico-mór, agitava a agua na tina para o banho do rei. Perguntava este: — Está boa? — Sim, senhor, fresca como a conversação, respondeu Bernardes.

« El-rei mudou-a, e disse baixo ao duque: — Anima-se a muito! —

« Muita virtude é necessaria para dar correcção a princepes! Quem não fôr João Bautista accommode-se. O espirito de Nathan propheta é para poucos. Esta doutrina é do padre Bernardes, na *Floresta*, mas seu irmão que assim fallou, conhecia o modo, o genio e capacidade do principe a quem servia fiel. Viu que o semblante triste não era vento que soprasse a nevoa espessa da luxuria: etc.» (*Ib.*, p. 91.)

Comprehende-se que Dom João V ainda se lembrasse do antigo medico de seu pae.

aos penitentes a denunciarem as pessoas com quem tinham peccado no 6.º mandamento; os frades vicentes que não quizeram seguir estas praticas foram perseguidos pelos seus superiores e alguns secularisaram-se: «O P.e Dom Joaquim Bernardes, que foi conego da Sé de Santa Maria Maior, além de muitos mais da mesma Congregação dos Conegos regrantes que seguiram o mesmo exemplo; mas todos sabios e abalisados.» Descrevendo os esforços para a extincção d'este scisma, além das Pastoraes dos Bispos, aponta Gramosa os varios sermões que se prégaram: «sendo o mais distincto e o que mereceu os maiores applausos o que recitou o P.e D. Joaquim Bernardes, que havia sahido da Congregação dos Conegos de Santo Agostinho por não seguir a seita Jacobêa, e evadir os injustos procedimentos dos mesmos Jacobêos, cujo sermão é um chefe de obra na materia do Sigillo sacramental.» (Op. cit., p. 235.) O seu talento oratorio não podia submetter-se á nobre simplicidade exigida pelas doutrinas da Arcadia; nem lhe era facil emancipar-se dos conceitos prédicaveis. [1]

Sobre o talento poetico do conego regrante de Santo Agostinho confiava o Bispo do

---

[1] Na Gazeta de Lisboa, n.º 41, de 13 de Outubro de 1757, descrevendo-se as festas que os Franciscanos da Torre de Moncorvo fizeram pela canonisação de dois santos, entre os prégadores figura «*Fr. Joaquim de Santa Anna*, que actualmente se achava visitando aquelle Convento;» e accrescenta: «que na ultima noute de luminarias houvera hum Outeiro, em que os socios da *Academia dos Unidos* applaudiram com ele-

Grão Pará, quando escrevia: «o engenho compõe ramilhetes, o juizo produz os fructos, quando não fica tudo em flor. E' exemplo este soneto de D. Joaquim Bernardes:

Eu vi um dia Amor, que se queixava
que da vista o privasse a natureza,
pois assim lhe negava uma belleza
que elle, por fé sómente idolatrava.

A tenra mão aos olhos applicava
para a venda soltar sobre elles preza;
mas a mãe lhe advertiu que n'esta empreza
o sêr do Amor com vista se arriscava.

Té que Leonor, com mão de neve pura,
com gesto airoso e livre desapêgo,
os nós lhe desatou da ligadura.

Fez Amor em seus olhos doce emprego;
porém, vendo tão rara formosura
em logar de vêr mais, ficou mais cego.»

Transcreve em seguida uma traducção feita pelo mesmo conego do Soneto de Voiture, que começa:

Sous un habit de fleures, la nymphe que j'adore

«Traduziu-o o conego D. Joaquim Ber nardes pelo modo seguinte, *aos setenta an-*

---

gantes Poesias alternadas com a harmonia de varios instrumentos as virtudes dos dous novos Santos, e que entre todos se distinguiu muito hum Romance heroico, que ditou de repente Francisco Ignacio Botelho de Moraes, fidalgo da casa real, e sobrinho do insigne Poeta Francisco Botelho Vasconcellos, author do sublime Poema intitulado *El Alphonso*.»

nos de sua edade, em que apprendeu a cantar árias e a dançar minuetes. Emfim poeta até morrer.» [1] Camillo em uma nota á traducção: «Quem leu o Soneto de Voiture e depois a versão portugueza não duvida que o frade cruzio tivesse os setenta annos.»

Nos Manuscriptos da Academia das Sciencias (Gab. 5, Est. 8, n.º 35) encontra-se uma Ecloga em louvor do talento poetico de Dom Joaquim Bernardes, da qual transcreveremos alguns trechos para mais accentuar esta individualidade:

HIRC.: Já sabeis que do bom pastor João
He costume sabido em seu casal
N'estas noites de inverno haver serão.
Ali mostrar costuma cada qual
A sua habilidade, as suas manhas,
Cada um como sabe, ou bem ou mal.
Ali se dão risadas mui extranhas,
Huns bailam, outros jogam, ferve a roda,
Bebe-se vinho, assam-se castanhas,
Cantigas hontem houve já da moda,
E a voz de *Damiana*, que as cantava;
Ficou com a bocca aberta a gente toda.
E tambem um Pastor, que lá se achava,
Que ouvirieis talvez n'algumas tardes,
Quando aqui n'este outeiro apascentava.
Taes mimos fez na flauta, taes alardes,
Já serio, ora jocoso, que era encanto.
SAN.: Quem é? que me não lembro?
HIRC.: Era *Bernardes*.
SAN.: Venturoso pastor, mal sabeis quanto
A fortuna de ouvil-o vos invejo,
Que alegre som que tem, que doce canto!
Se ás ribeiras tornar do fresco Tejo
Por meu mestre o terei, como primeiro;
Deus me queira cumprir este desejo.

---

[1] *Memorias*, p. 69 e 70.

Reparastes vós já n'algum rafeiro
Quando presente o dono na malhada,
Como fica contente no terreiro?
Pois assim eu fiquei, na madrugada
Em que do bom *Bernardes* a doçura
Primeira vez de mim foi escutada.
Quem da arte e raro engenho achar procura
As frescas flores, no seu verso a mólhos,
As achará em phrase clara e pura.
Tão nobre é o seu canto, e sem refolhos,
Que competir podera com aquelle
Que adormeceu o velho de cem olhos . . .

Segue-se uma serie de gradações comparando-o a Amphion, Orpheo, Pan, etc., o que nos revela a preponderancia que exercia sobre o gosto que prevalecia antes da Arcadia. Em uma nota de Frei Vicente Salgado, se lê ácerca de D. Joaquim Bernardes: « foi cruzio, e hoje é Conego da Basilica de Santa Maria.» N'este mesmo volume manuscripto acha-se um Romance endecasyllabo de D. Joaquim Bernardes a Sebastião José de Carvalho recapitulando todos os actos do ministro, que revela uma falta flagrante de senso poetico. Entre os rhetoricos da primeira metade do seculo XVIII Dom Joaquim Bernardes e Francisco de Pina e Mello eram reputados como os luminares do gosto; a Arcadia teve de luctar contra estas influencias, quando se constituiu, e quando se desagregava.

Manoel de Figueiredo, eminentemente conciliador em todas as luctas da Arcadia, no Discurso que precede a comedia *Os Censores do Theatro* condensa em poucas linhas a origem doutrinaria d'esta corporação e o seu triumpho sobre o Seiscentismo: « Apparecem aqui *Novos Methodos de estudar*. Eu os vi

pela primeira vez em Madrid na mão de Fr. Dionisio Garção; e perguntando-me se teriam acceitação n'esta côrte, não houve ninguem que lhe não fosse ao pello: Sempre estimarei que mostrem. Sabem-se dos tempos em que fallo, mais que dois papeis criticos em que se possa pôr os olhos, antes d'elles, appareceram em Portugal; andavam ás rebatinhas d'ahi a muito pouco tempo, e desde então é que aqui se ouviu esta palavra *bom gosto*, e á revolução que se sentiu n'elle vejam se lhe acham outra origem.

« Ajuntam-se quatro moços, formam hũa Academia, chamam-lhe *Arcadia;* sacodem o pó e a traça aos bons antigos, e depois de graduados uns, de estabelecidos outros, de caracterisados outros, põem-se a estudar Horacio, a decorar Virgilio, a lêr Pindaro, Theocrito, Anacreonte; a traduzir alguns, a imitar todos. Então é que se viu a fantasma da Poesia ou monstro que vagava n'este Reino com aquella alcunha. Eclogas, conheciam-nas os poetas pelas de Virgilio, Odes pelas de Horacio; Idilio era bicho; as Obras de Camões, olhem que ouvi dizer a boa gente, não se liam. Já não ha *Sylvas*, já não ha *Romances;* já não ha *Redondilhas?* E o *Romance endecasyllabo?* Assim exclamavam todos. Não ha seis mezes que me vieram dizer a rir: — Sabe v. m. que fulano ainda leva um *Romance heroico* áquella sumptuosa Academia que fez F. » [1]

[1] Autographos de Figueiredo. (Bibl. nac.)

§ IV. Garção e a restauração da Arcadia

Quando a Arcadia se considerava no seu pleno esplendor, como o proclamára Garção em 1759, para de logo se lhe extinguiu o vigor, deixando de ser frequentada pelos socios e interrompendo-se por mezes continuados as suas sessões. A pressão do terror que abafava a sociedade portugueza sob as iniciativas do grande ministro, de quem o povo dizia — que *tinha cabellos no coração*, fazia-se sentir n'esse pequeno mundo de ingenuidade bucolica; todos tinham medo dos processos arbitrarios do Tribunal da Inconfidencia e dos carceres duros da Junqueira, para onde um simples dito gracioso ou uma anecdota equivoca que se podesse imaginar com intenção allusiva ao ministro era o bastante para ser sequestrado á vida social. E os árcades tiveram rasão de se temerem, quando um d'elles se tornára o informador secreto do ministro. Allude a este facto Aragão Morato, que ainda tratou com o secretario da Arcadia, o chanceller-mór do reino, Negrão, servindo-se com certeza de noticias tradicionaes: « Um ministro poderoso e retrahido, cujas heroicas virtudes ella (a Arcadia) mil vezes cantára, que mostrava amparar até com a propria presença seus felizes trabalhos, e que se mostrou sempre zeloso da gloria litteraria da nação, *deu faceis ouvidos ás vozes da calumnia*, e incautamente *pretendeu subjugar a Arcadia, tomando por intermedio d'esta sujeição um dos seus menos distinctos socios*. As musas querem-se bafe-

jadas e accolhidas, mas não soffrem jugo, nem escravidão; vivendo n'um estado de honesta liberdade e *extranhas a todos os politicos acontecimentos do seu paiz* e do seu seculo, *que mal se podia recear dos Arcades portuguezes?* Em tão grande transe desmaiou a constancia dos Arcades, e deixaram estes de frequentar a Arcadia.» (*Mem.*, p. 76.)

Quem seria este árcade menos distincto? Innocencio considerava ser o P.ᵉ José Caetano de Mesquita, mulato que o ministro despachára para uma cadeira de rhetorica. Bastava constar ao ministro que os seus actos não eram incondicionalmente admirados para se correr grandissimos perigos; o melhor era estar calado e passar desapercebido. E' crivel mesmo, que a desaggregação da *Arcadia lusitana* se tornasse reparavel ao ministro, e que a licença concedida a Antonio Diniz da Cruz e Silva em 19 de Dezembro de 1763 para estar ausente de Castello de Vide durante dous mezes, obedecesse ao intuito de uma reanimação da Arcadia. Diniz manteve sempre as mais intimas relações litterarias com Theotonio Gomes de Carvalho, e este gosava de extraordinarias influencias junto do Conde de Oeyras, como veremos em um processo criminal trancado abruptamente. Sómente a presença de Diniz é que podia dar um alento novo á Arcadia, creação sua. Além dos dous mezes de licença, demorou-se em Lisboa, figurando em um *ajuntamento* da Arcadia em 13 de Maio de 1764, o que quer dizer que nem mesmo chegára a ser uma Conferencia; tentou-se uma sessão com esplendor, realisada no palacio do opulento Lazaro Leitão Ara-

nha, da sé patriarchal de Lisboa, em 19 de Junho de 1764, quando se estava no regosijo do Tratado de paz assignado em Paris, pela entrega das praças e cidades occupadas pelas tropas castelhanas e francezas. Se não foi n'esta sessão apparatosa, seria no mez de agosto ou septembro, que Diniz ao passar por Lisboa, dirigindo-se para Elvas como Auditor militar, organisou juntamente com Garção e Quita uma reunião que teve por fim a *Restauração da Arcadia.* A ultima vez que apparece a assignatura de Diniz no Livro da Vereação da camara de Castello de Vide tem a data de 28 de Julho de 1764; e pelo fragmento da carta a Theotonio Gomes de Carvalho consultando-o sobre certas imagens poeticas, descobre-se que elle já estava em Elvas em 25 de Outubro d'esse anno. Foi n'esta passagem para o seu novo emprego, que se celebrou a *restauração* da Arcadia, de que ficou nos versos dos tres poetas um ecco sympathico, e ainda em uma *Ode heroica a El Rei Fidelissimo*, por auctor anonymo, mas em que se define a iniciativa do facto e a sua relação com a paz gloriosa, que se assignára em Paris. Depois de cinco annos de ausencia, Diniz prorompe em um Soneto:

Bosques da *Arcadia*, bosques venturosos,
Em que algum dia as Musas habitavam,
Onde estão vossos Cysnes, que cantavam
Inda mais que os do Meandro harmoniosos?

Onde os altos loureiros, que viçosos
Aqui tão doces sombras derramavam;
E ás estrellas as pontas levantavam
Muito mais que os do Pindo gloriosos?

Ah, que da *vil discordia* o violento
Braço *vos decepou, quando o perigo*
Menos temieis do contrario vento!

Monstro infame e cruel, monstro inimigo,
Quem viverá do teu furor isento,
Se até em pobres choças tens abrigo?

(*Poesias*, I, 118.)

Tomando este primeiro verso do soneto de Diniz, escreveu Quita o seu soneto XI *Na Restauração da Arcadia*, dirigindo-se especialmente a Pedro Antonio Garção e Antonio Diniz da Cruz e Silva, como sustentaculos d'ella:

São estes os loureiros gloriosos
Que do Alfeo banha o pranto cristalino,
E' este *Corydon*, aquelle *Elpino*,
«Bosques da *Arcadia*, bosques venturosos!»

Oh petulantes Faunos invejosos,
Fugi, fugi do Ménalo divino;
Já do Deus semicápro o verso dino
Retumba n'estes valles deleitosos.

E já de novo a santa Paz respira,
Que a discordia roubou, soltando o freio
Aventurosa á implacavel ira.

Mas *aos bosques da Arcadia Elpino veiu*,
Sôou de Corydon a doce lyra;
Fugiu, não apparece o Monstro feio.

E' á Ode XIV de Garção, que tem a rubrica *A' restauração da Arcadia*, que se refere Quita; n'ella desenvolve uma comparação horaciana, com grande relevo descriptivo:

Soberbo galeão, que o porto largas,
Aonde o férreo dente presa tinha
A cortadora prôa, que rasgava
    De um novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos, que no Tejo surgem;
Já ferve a brava chusma e se levanta
A nautica celeuma.

. . . .

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crêspas torrentes te atropellem,
Ao pólo chegarás aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras galeras
Forçando os debeis remos, com que açoutam
O mar que lhe resiste e que as affronta,
Trabalham por seguir-te.

Desarvoradas voltam, não se atrevem
A commetter o pélago que surcas;
Com damnados prognosticos agouram
Desastrado successo.

. . . .

Não tornes a surgir em manso porto
Que Lethes seja o seu famoso nome,
Que os peitos amollece mais briosos,
Que ao somno te convida.

Não se nutre a virtude do descanso;
Arduas emprezas, rispidos trabalhos,
Em nobre coração de immortal gloria
Accendem claro lume; etc.

Ainda á saudosa emoção do seu regresso a Lisboa, relacionada com a *Restauração da Arcadia*, volta Diniz no Soneto XXXIII da terceira centuria:

Salvè, montes da *Arcadia*, onde cantando
As castas Musas tem tão firme asylo,
Que em vão o tempo para destruil-o
Dos annos o furor está chamando;

. . . .

Oh terra venturosa! *quão contente*
Torno a vêr-vos, depois de tantos annos
Que a fortuna de vós me trouxe ausente.

Condiz esta referencia com a partida para Castello de Vide em 2 de Fevereiro de 1760, até ao regresso a Lisboa depois de 28 de Julho de 1764. Assim se precisa nitidamente a epoca da *restauração* da Arcadia; servindo-se de tradições coévas, escrevia Aragão Morato: «Pouco depois d'isto (sc. a calumnia de um membro menos distincto) recolhia-se *Elpino* a Lisboa, e não menos á sua vinda, que ao doce som da lira de *Corydon*, attribuia Quita... a restauração d'aquella sociedade.» (*Mem.*, p. 76.)

Não se falla na parte que pertence a Quita, o desprotegido *Alcino*, n'esta restauração da Arcadia; mas no documento desconhecido que transcrevemos em seguida, *Alcino* é glorificado junto com *Elpino* e *Corydon*. N'essa Ode heroica, pretende-se relacionar o resurgimento da Arcadia com a Paz alcançada pelo rei, e como consequencia d'ella. Seria um meio para debelar a calumnia que a tornára suspeita ao omnipotente ministro. Transcrevemol-a de uma folha solta de 8.º grande, sem logar nem data, e de muita raridade:

ODE HEROICA

A

ELREY FIDELISSIMO

No restabelecimento da «Arcadia Lusitana»

Se de insepultos e mirrados ossos
Arrasadas não vemos as campinas,
Ensopados em sangue os ferteis campos
Da rica Lusitania;

Se de tantos Heroes esclarecidos
Que a Patria prezam mais, que as proprias vidas,
Enlaçados nas frentes lhes não vemos
C'os loiros os cyprestes;

Se a furibunda guerra envolta em sangue
Sobre um montão de pallidos cadaveres,
Muito longe de nós está bramindo
Em rigidos grilhões; [1]

A quem, Senhor, a quem se não á vossa
Mão potente e benigna isto se deve?
Se não áquelle amor com que regeis
Os humildes Vassalos?

Estandartes ganhados nas batalhas,
Só c'o sangue e co'a vida dos soldados,
Prisioneiros com os braços sobre as costas
Ligados e torcidos;

Soberbos Reys vencidos arrastrando
A pezada carroça ao vencedor,
Não são, não são os dignos monumentos
Da grandeza de um Rey.

N'outras nobres estatuas se conserva
Sua gloria immortal para os vindouros;
Estas, grande Senhor, são as virtudes,
Que o throno vos rodêam.

Alli vejo a justiça vigilante
Dissipar a garganta ao torpe vicio,
Erguer os cadafalsos, e tingil-os
Do mais pérfido sangue;

Vejo unida a prudencia ao aureo sceptro,
E lá muito distante a si morder-se
A funesta Ambição: Ah! quanto foge
Do throno da justiça.

Não foi, Lusos, não foi o medo frio
Que vos affugentou dos Marcios campos;
Vós, impávidos sempre, aos inimigos
Os semblantes mostrastes;

---

[1] Allude á campanha de 1762, e ao Conde de Lippe.

A Paz, a doce Paz tão desejada,
Vos fez cahir das mãos os mesmos ferros,
Com que sempre cortastes para a frente
Os triunfantes louros.

Esta, filha do Céo, as azas de ouro
Estende sobre toda a Monarquia,
A seu lado se vê sempre a abundancia
Riquezas espalhando.

Entre nuvens de pó não vão marchando
Espessos esquadrões de gente armada,
E os cavallos fogosos já não pisam
As maduras espigas.

Vê-se por toda a parte a segurança
Augmentar o Commercio, abrir os mares,
As empoladas ondas vão cortando
Ligeiras, ricas náos.

Que delicias derrama sobre a terra
Esta filha do Céo, mãy do socego!
Não se ouvem já os tremulos gemidos
Do Povo portuguez.

A lagrimosa, e modesta Esposa
Com as mãos inda trémulas desarma
O férvido mancebo, que corria
Para os braços da morte.

Taes beneficios entre nós derrama
Com mão paterna o nosso invicto Rey,
Aquelle Rey, que á sombra do seu Throno
Faz a todos felices.

Inda, Senhor, da curva e doce lira
Inteiras sinto as douradas cordas,
Inda a tenho affinada, ainda canto
Vossas grandes acções.

Vejo surgir as Musas portuguezas
No verde seio do limoso Tejo,
Porto seguro encontram; porque as guia
Tão luminoso Astro.

Do abysmo do desprezo em que jaziam
Co'a vossa protecção se vão erguendo,
As frontes abatidas já levantam
Adornadas de flores.

De Pastores cobertos vejo os montes
De outra *Arcadia* mais fertil, mais amena;
Alli á sombra escuto de uma faya
Cantar o terno ALCINO.

O doce ELPINO, o sabio CORIDON,
Cysnes do manso Tejo, nos seus versos
Padroens hão de erigir, nos quaes se lêa
O vosso grande Nome.

Conhecia de perto a Arcadia quem escreveu esta Ode, e muito bem a iniciativa dos tres poetas; seria Theotonio Gomes de Carvalho, pela allusão ás reformas audaciosas do Conde de Oeiras? seria, por ventura, José Antonio de Brito, que o Conde de San Lourenço protegia; que o Garção muito considerava, enviando uma Epistola a *Olino* com conselhos litterarios; que o Diniz acceitava como egual, respondendo-lhe nos mesmos consoantes por occasião de estar preso na cadêa da Universidade; e que o Quita chorava em uma Elegia, pela sua morte prematura? [1]

---

[1] Na Elegia *Na morte de José Antonio de Brito.* (*Obras*, I, 156.):

Olivo, aquelle *Olivo*, que algum dia
Os vossos frescos valles habitava,
Servindo-vos de doce companhia;
Aquelle *Olivo* meu, que tanto amava,
. . . .
Aquelle, que deixando o rude emprego,
A ser por outros Mestres ensinado
Passou aos ferteis campos do Mondego . . .
. . . . o fatal córte
Na mais perfeita flor da breve edade
Exprimentou da feia e dura morte.

Os dous versos em que se falla na *curva lyra* e nas *douradas cordas*, denunciam a Epistola que o Garção dirigira a *Olino*, o joven poeta em quem depositava tantas esperanças.

Além da Ode heroica, encontramos um Soneto glorificando o grupo que tanto se empenhava pelo purismo da linguagem na eloquencia e na poesia. [1] Mas a *restauração da Arcadia* foi ephemera; Diniz só regressou a Lisboa passados dez annos, e n'esta ausencia o Quita tinha expirado na miseria, e o Garção no Limoeiro sem culpa notificada; e mesmo antes d'esta ruina, o esplendor momentaneo serviu para suscitar o assalto de satiras pessoaes que se chamou n'esse tempo a *Guerra dos Poetas*.

---

[1] Louvam-se os Gregos, louvam-se os Romanos,
Por terem a sciencia consumada,
Mas eu conheço não lhes cede nada
Esta turba de *Sabios Lusitanos*.

Invejariam os antigos annos
Esta edade feliz de vós gosada,
Quando d'elles a fama ao longe brada,
D'estes hade bradar sem temer danos.

Nos volumes que eu tenho revolvido
N'essas inda que poucas escrituras,
E que da voz dos sabios tenho ouvido;

Nada desfaz as minhas conjecturas,
Estes hão de exceder quem tem bebido
Em fonte copiosa aguas mais puras.

Ms. U—1—50, fl. 356. (Bibl. nac.)

§ V. Garção e a Guerra dos Poetas.

Os Estatutos da Arcadia, pela extrema severidade, longe de assegurarem a sua existencia tendiam a embaraçal-a, enfraquecel-a e tornal-a senão odiosa, ridicula. Comminavam a pena de exclusão aos Censores que revelassem qualquer parecer ou voto, e exigiam completa unanimidade para admissão de socio. D'ahi resultou o não formarem parte da Arcadia muitos dos principaes poetas do seculo XVIII, a começar por Filinto, Nicoláo Tolentino, José Anastacio da Cunha; assim se estabeleceu uma dissidencia espontanea, agrupando-se em volta de Filinto Elysio uma pleiade de poetas essencialmente satiricos, um pouco livre-pensadores, contrastando com a gravidade official da Arcadia patrocinada pela Virgem Immaculada, tendo no seu gremio padres do Oratorio, magistrados e altos funccionarios e exhibindo-se em publicas e apparatosas sessões. O *Grupo da Ribeira das Náos*, assim chamado por se reunirem em casa de Filinto, [1] começou a tomar a Arcadia como alvo das suas satiras; podem fixar-se

---

[1] Em um Soneto, descrevendo uma manhã no Tejo, allude Filinto á sua residencia quando ainda vivia com o Patrão-mór: «Uma manhã de Julho que me puz á janella na *Ribeira das Náos*, vinha-se erguendo o sol tão córado, e dava taes vislumbres aos novellinhos de nevoa que se despegavam do Tejo...» (*Obras*, t. I, p. 277.) Elle era então mais conhecido pelo nome de *Filinto Niceno*, e tambem Padre *Niceno*. (*Obras*, t. II, p. 296.) Ainda em 1806 José Agostinho fallava contra as *Nicenadas*, em carta a Francisco Freire de Carvalho.

as hostilidades em 1767, conforme se infere do Discurso VIII de Manoel de Figueiredo: «Fecha-se o Theatro portuguez; as noites de Pancas, do Pinheiro, de Salvaterra, depois de doze annos de wisth, já se não podiam aturar; *(em nota:* Pelos annos de 1767.) pego na penna, escrevo o prologo da *Eschola da Mocidade*, principío a Comedia; d'ahi a dias visitei o Bispo de Beja, (D. Fr. Manoel do Cenaculo) falla-se nas composições em que gastavam o tempo os moços de genio que tinha Lisboa, *pois n'aquelle tempo se devoravam com Satiras uns aos outros*, e o Theatro sustentando-se com traducções; ...» *(Obr. posth.*, II, 211.) Ao grupo da *Ribeira das Náos* parece referir-se Aragão Morato, quando consignou a tradição: «finalmente, uma nova Sociedade formada á imitação da Arcadia, e em cujo gremio entravam alguns moços de muita capacidade e engenho, contribuiu não pouco para fomentar a emulação litteraria, e grangear aos Arcades a maior celebridade. Mas, não devia durar muito tão feliz perspectiva.» *(Mem.* cit., p. 75.) A emulação despeitada transformou-se em violentas satiras pessoaes, deixando as questões de purismo da linguagem com que entre si se apodavam de *Tarelos*, *Francêlhos* e *Latiniparlas*.

Como Garção era a principal figura da Arcadia, pelo conhecimento directo que tinha dos escriptores gregos e latinos, foi á sua auctoridade que visaram. Encontrámos em um manuscripto contemporaneo: [1]

---

[1] Bibl. nacional (U — 1 — 51, pag. 303.)

Ao Garção

Lisboa, tres de Abril. Cheio de sarro,
Roto o vestido, hirsutos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos,
Envolto em homem gira um certo escarro.

Reger das Musas o soberbo carro
Quiz, mas porém frustraram-se os desvelos,
Morde no chão, arranha-se de zelos
A fragil criaturinha que é de barro.

Do aureo côche as rédeas prateadas
Larga, atrevido! põe-te na trazeira,
Segue de teus avós segue as pizadas.

A Gazeta até aqui vae verdadeira,
Ficam quatro folhinhas reservadas,
Que prometto mandar-te na primeira.

José Basilio.

Tem este soneto o valor de nos fazer o retrato de Garção, que era de meã estatura, franzino e trigueiro, como elle proprio se descreve; tambem pela vehemencia do protesto, se reconhece a sua auctoridade litteraria. *Contra José Basilio da Gama*, conforme a rubrica do Soneto LVIII, escreveu Garção:

Quem vem lá? Quem nos honra? Este estudante
Que das Musas quer ter o magisterio,
Aprendeu com varões do Sacro Imperio,
Porém, se tolo foi, veiu ignorante.

Examinado elle, é um pedante
Das Musas portuguezas vituperio,
Foi creado no cálido Hemispherio,
Fidalgo pobre, cavalleiro andante . . .

O fecho do soneto encerra a intenção sarcastica, a qual se liga com os successos da vida de José Basilio da Gama:

> Arredem-se, senhores, dêem caminho,
> Passe o senhor quaqui *que vem de Roma.*

José Basilio, estudante das escholas dos Jesuitas, fôra levado por elles quando expulsos de Portugal, para Roma; passado tempo regressou a Portugal, e como suspeito ao governo foi desterrado para Africa, com a attenuante de se lhe conceder seis mezes para se preparar. N'este intervallo dedicou um Epithalamio á filha do Marquez de Pombal, Dona Maria Amalia, e é certo que se achou favorecido e despachado pelo ministro. Vê-se o que significa a phrase: *que vem de Roma.*

Por ventura quanto ao pedantismo alludia Garção a ter-se elle offerecido para corrigir os versos de Manoel de Figueiredo, que nas suas peças dramaticas empregava versos agudos e exdruxulos. No Discurso VII, refere-se o arcade ao caso: «Houve hum em fim, *(em nota:* José Basilio da Gama) que por eu me desculpar com a minha preguiça se me obrigou a mudar todos aquelles versos dos poemas tragicos que eu tivesse composto, e se me não satisfizesse se não perdia nada; que fizessemos a experiencia; e protesto ingenuamente, e mesmo assentei que o faria...» *(Obr. posth.,* II, 202.) Diniz tambem lhe chamava no Soneto LXXV da terceira centuria: «o vão *Termindo,*» pelo nome que tinha na Arcadia de Roma. Garção vendo que a par de Basilio

da Gama surgia um outro grupo de poetas vibrou-lhes uma Satira, que ficou inedita, e conseguimos descobrir:

De um novo frenesi hoje enlouquece
Quasi meia Lisboa, e vae lavrando
O mal, como em rebanho que engafece.

Alça-se cada dia um *novo bando*
De Poetas, e praga tão damninha
Anda os campos de Apollo devastando. [1]

A esta Satira inedita se refere Soyé, apontando um verso, que resume o seu intuito: «Ao rábido furor do pedantismo.» Quem fosse o *novo bando de Poetas* define precisamente Garção no Soneto LIX, colligido no manuscripto de 1767 com a rubrica: «*Contra um Rancho satirico.*» Ahi vêm indicados os principaes poetas do Grupo da Ribeira das Náos:

Pinto fidalgo, embaixador á Mancha,
Tu, *Monteiro* roaz, que na baralha
Vales por espadilha da canalha
Que a fama alheia com ferretes mancha;

Padre *Niceno*, tu, patrão da lancha
Carregada de drogas da antigualha,
Que o *Bandeirinha* alvar á tôa espalha,
Pôtro que n'outro pôtro se escarrancha;

---

[1] Publicamos adiante esta Satira sempre debalde procurada, quando descrevermos o Codice manuscripto das Obras de Garção, que pertenceu ao professor Antonio Lourenço Caminha. (Vid. § VII.)

Capitão Archimédes, tu zarôlho
Manoel de Sousa, que pareces Mendes,
Que da récua aproveitas o restolho;

Ulpiano venal . . . tu bem me entendes . . .
Se para estas cousas tenho dedo e olho
Em peralvilhos jubilado tendes. [1]

N'um manuscripto da Academia das Sciencias este Soneto é attribuido a Garção, e esclarece-o a rubrica inicial « *Soneto com que* o *poeta Pedro Antonio Corrêa Garção zurziu varios heroes que o abocanharam na Assembleia do Doutor Estoquete.*» Commentamos este Soneto pelas memorias contemporaneas, para conhecermos os traços pittorescos d'essas figuras:

— *Pinto* fidalgo, embaixador á Mancha — allude ao poeta tão satirisado pelo Lobo da Madragôa, um certo Pedro Caetano Pinto; em duas copias da Academia das Sciencias completa-se o retrato grotesco: « *Pedro Caetano Pinto, enfronhado em fidalgo, a quem a sua imaginação persuadiu estar despachado para uma Enviatura.*» E em outra versão se lê: « *Pedro Caetano Pinto, que tinha hido viajar a Hespanha, onde casou, e tinha um ár de Embaixador nas sociedades, andar*

---

[1] Este Soneto foi publicado pela primeira vez com o nome do P.e Manoel de Macedo *(Lemano). Ramalhete*, t. VI, p. 346. No Ms. que possuimos vem esta variante final:

Se eu n'estas cousas tenho dedo e olho,
Em peralvilhos *todos dado* tendes.

de diplomacia. Mancha, patria de Dom Quixote.» [1]

A este mesmo Pinto allude Filinto Elysio em uma Ode ao seu anniversario, em que traz á memoria outros poetas do Grupo da Ribeira das Náos:

> Onde te foste, dia egual ao de hoje,
> Em que *Pinto*, *Barroco* e os *dous Domingos*,
> Com versos, com sainetes engraçados
> Celebravam meus annos. [2]

E em nota cita: Pedro Caetano Pinto de Moraes, Sebastião José Ferreira Barroco, Domingos Monteiro, e Domingos Maximiano Torres.

— Tu, *Monteiro* roaz . . . — Em uma das citadas copias do Soneto, vem a nota: «*Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, aliás com merecimento, mas muito fallador: serviu muitos annos de Juiz dos Orfãos do Bairro alto; hoje com beca. Director e Conservador da Imprensa regia.*» Em outra copia, depois d'este nome vem mais: «*cujos versos atiravam sempre para a Satira.*» Na vida de Bocage tratámos d'este poeta, que Elmano chegou a considerar seu rival.

— *Padre Niceno*, tu, patrão da lancha — Acompanha-o esta nota: «*O P.e Francisco Manoel, sobrinho do Patrão-mór, que nas*

---

[1] Camillo, no *Curso de Litteratura portugueza*, p. 203, imaginou que este *Pinto* fidalgo era Luiz Pinto de Sousa Coutinho, 1.º visconde de Balsemão, e assim queria corrigir Morato, que o aponta como árcade.

[2] *Obras*, t. III, p. 80.

suas obras usava muitos vocabulos antigos.» Era conhecido pelo nome poetico de *Niceno*, antes de receber de D. Leonor de Almeida *(Alcipe)* o nome pastoril de *Filinto*, com que ficou conhecido na litteratura. Fallando em uma nota da increpação de misturar o serio com o chistoso, diz elle: «Ah! que se elles me tivessem conhecido em Lisboa, tão sisudo como um *Padre Niceno!* Quem mais sério do que eu? melancholico por compleição, pelo vestido preto...» [1] O epitheto de *Patrão da lancha* refere-se não só a ser elle o chefe do grupo dos Dissidentes da Arcadia, como sarcasticamente ao rumor de ser filho adulterino do Patrão-mór, em casa de quem morava com pae e mãe na Ribeira das Náos.

— Que o *Bandeirinha* alvar . . . — Em nota da versão do Ms. da Academia lê-se: «*Domingos Pires Monteiro Bandeira, que ha pouco morreu, sendo Secretario da Mesa da Consciencia. Quando era moço andava muito a cavallo, e a cara era como descreve o poeta, sendo aliás homem de juizo e de distincção.*» Era tambem intimo amigo de Nicoláo Tolentino.

— *Capitão* Archimedes, tu zarolho — *Manoel de Sousa*, que pareces Mendes: — Visava inquestionavelmente o traductor do *Telemaco* e de algumas comedias de Molière, o Capitão Manoel de Sousa. As notas dos dous manuscriptos explicam-nos algumas allusões satiricas: «*Parecia-se na figura com o Guarda das Aulas do Collegio de Santo Antão,*

---

[1] *Obras* de Filinto, t. II, p. 296.

chamado Manoel Mendes.» E em outro manuscripto: «*Era o Capitão de Engenheiros Manuel de Sousa, que era torto; o poeta o compara com o Manoel Mendes, bedel do Collegio dos Jesuitas, por se parecer com elle; e nas suas obras introduzia as palavras que o Padre Francisco Manoel usava.*» Por isso se vê que a phrase «que pareces Mendes» não se pode referir ao typo da comedia popular que Ferreira de Azevedo escreveu no principio do nosso seculo, como pretendera Camillo.

— Ulpiano venal ... — Allude ao advogado e poeta Dr. Jeronymo Estoquete. Em um dos manuscriptos lê-se na rubrica, que o Garção era abocanhado *na Assemblêa do Dr. Estoquete;* e ao annotar o verso, aponta: «*Estoquete, advogado, dizem, de provisão.*» Em outro manuscripto accrescenta-se: «*parece que por não ser formado. Era rabula e tratante.*» [1]

---

[1] Publicou um: Elogio ao Ex.^mo e Rv.^mo Sr. Dom João, Arcebispo metropolitano de Evora, do Conselho de Sua Mag. Fid., Regedor da Casa da Supplicação, que compoz Jeronymo Estoquete, jurisconsulto lisbonense, Advogado de Numero da Casa da Supplicação. Lisboa, 1768.

Nas Obras de João Xavier de Mattos, t. III, p. 42, vem um Soneto *Ao Doutor Estoquete*, defendendo uma causa do auctor. Talvez o seguinte caso: (Minist.º do Reino, liv. V dos *Avisos*, fl. 95: Para o Juiz do Crime do Bairro de Andaluz:)

«Recebi a conta de V. m. na data de 23 do corrente mez de maio, de 1763 «de que João Xavier de Mattos puchara um espadim contra o P.^e José Matheus no Mosteiro de Santa Anna, dando causa a correspondencia illicita que o mesmo Mattos tinha no mesmo Mosteiro, pelo que fora logo preso; etc.» Recommenda que se investigue sobre o motivo. (Commun. Brito Rebello.)

Em um manuscripto de Poesias varias encontrámos este Soneto acima transcripto, com a rubrica mais explicita:

A Domingos Monteiro, Pedro Caetano, Domingos Pires Monteiro Bandeira, Manoel de Sousa e o P.e Barradas. Por Pedro ANTONIO CORRÊA GARÇÃO.

Apresenta algumas pequenas variantes aproveitaveis; mas o principal valor do manuscripto está na reunião das réplicas provocadas pelo Soneto de Garção. Transcrevemol-as:

RESPOSTA. POR DOMINGOS MONTEIRO

Quem visse um máo Poeta atassalhado
De Odes mouras, e em torno um bando indino
De lapuzes crianças sem ensino
Brincar-lhe c'os papeis, ter-lh'os rasgado?

Quem o visse c'o lenço entabacado
Enxotar um, porém outro malino
Limpar o cú do irmão mais pequenino
Com o Soneto que estava começado?

Quem mais visse entre tanta porcaria
Um esqueléto em forma de macaco,
Poetando em phrase turca, obscena e fria?

Quem mais visse d'aquelle estulto caco
Sahir tanta obra má, — Este é (diria)
Garção, nojento escarro de tabaco. [1]

Corresponde este Soneto a um quadro realista da vida domestica de Garção rodeado de seis filhos; elle mesmo na Epistola ao Dr. João Evangelista confirma-o:

---

[1] *Poesias varias,* Ms., t. II, fl. 195 a 198. (Mihi.)

Mas de Poeta, amigo, só me resta
Desastres e miserias; *filhos rotos* . . .
. . . .
O Chico mostra rotos os sapatos;
Uma quer lenços, outra quer roupinhas;
. . . .
A' porta está batendo o alfaiate.
Se alguem aos cães lançar os patrios ossos
Se foi traidor á Patria, se é falsario,
Seja lançado a filhos, e crédores.

(*Obr.*, p. 206.)

Vê-se que Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, o *Matuzio*, assim chamado nas Satiras, conhecia o viver intimo da Fonte Santa. Ao Soneto acima transcripto segue a

RESPOSTA DE GARÇÃO:

A Porto Salvo com feliz carreira
Vae a Náo, sem temer de dar em sêco,
Vê com desprezo a ufana cruz de Meco,
Passa, e não faz caso da Azeiteira.

Se armada em guerra sobre a tua esteira
Te encontrar petulante algum chaveco,
Prolonga-te por cima do Taréco,
E ri-te, quando vires a *Bandeira*.

Se der no fundo, e vires que é *Barrada*,
A aguda prôa sobre o baixo mette,
Verás que tudo se resolve em nada.

Já segura a victoria te promette,
Pois como era podre, e a gente levantada,
Não teme o *Capitão*, bem que *Estoquete*. [1]

---

[1] No Ms. de Caminha, fl. 23 ℣, traz a rubrica: *Resposta a um que lhe fizeram, que principia:* Quem visse um máo Poeta . . .

Resposta de Monteiro

De tabaco e de cebo carregada
Vinha a xarrúa do *Arcadão* arfando,
Crepitantes coriscos disparando,
A' maneira mourisca ensarciada.

Quando a lancha do Meco empavezada
Lhe abriu no bojo um rombo abalroando,
Escopeteando, e não escopeteando
Jaz do *Arcadão* al-arma regougada.

Já na xarrúa a sonora grita sôa,
Bem como no Bairro Alto a pateada
Ao Entremez de que se riu Lisboa;

Mas não valeu do Abbade a benção nada.
Pois como a xarrúa tinha podre a prôa,
Foi logo em Gazetas por tomada.

Segunda resposta do mesmo Autor

Os teus Sonetos, meu Garção, são feitos
Pela giria vilã das regateiras,
Que insultam e despossam, as primeiras
Em pôr nos outros sempre os seus defeitos.

Tu, que em versos quebras mil preceitos,
Que provocaste os *Pintos* e os *Bandeiras*,
Que sempre em portuguez dizes asneiras,
Que vil te fazes, queres ter respeitos;

Rico tu foste já antigamente,
Hoje serás um Gongo enfeitado
Nos teus versos; no mais riso da gente.

O Soneto da Náo tenho-o guardado;
Tu é que infamas; cala-te, insolente,
Ninguem tem mais de vidro o seu telhado.

Vê-se por este Soneto que Monteiro tomava a allusão da *Náo* como muito injuriosa;

de facto tinha uma referencia a Filinto, o Patrão da Lancha, ou chefe do *Grupo da Ribeira das Náos*, cuja mãe vivia em mancebia com o Patrão-Mór, na mesma casa e em complacencia sodalicia do marido, ou o *Méco*. Pelo ultimo verso do soneto de Monteiro parece inferir-se que eram conhecidas as aventuras amorosas de Garção.

A *Guerra dos Poetas* descambava para as retaliações pessoaes; por isso começou a suscitar a intervenção do bom senso, como se consigna n'este outro Soneto, inedito, que se dirige a Diniz, consolando-o dos aggravos de que tambem era victima. [1]

Diniz tomára parte na refrega com este Soneto contra *Matusio*, ou o Dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral:

---

[1] Cesse a impura, cruel mordacidade
Das Satiras grosseiras, insolentes,
Que não podem os animos decentes
Indecencias soffrer da honestidade.

O silencio suffoque a liberdade
Dos pensamentos vís, maledicentes;
E o pesar de dicterios tão pungentes
Seja algoz que castigue a iniquidade.

Tu, só tu, luso Pindaro famoso,
O doce canto sublime elogiaste,
Sem invejar ao da Grecia harmonioso.

E se n'esse louvor te transportaste
No teu canto feliz, maravilhoso
C'os melhores Poetas te egualaste.

(*Poesias varias*, Ms., t. 8, p. 231. (Mihi.)

Quem é este famoso Archipoeta,
Que o rebellão Pegáso esporeando,
Por charcos e atoleiros galopando,
Do pejo e da insolencia passa a méta?

O veneno infernal que o inquieta
Pelos olhos e ventas respirando,
Em mil trovas, mil pulhas vae lançando,
Com que o luso Parnaso tanto infeta.

Mas a mirrada Inveja, que montada
Na garupa lhe vae, e impaciente
O infame coração lhe morde irada:

«Afastae, afastae, grosseira gente,
Deixae passar *Matusio,* (grita e brada)
Doutor em prosa e verso omnisciente.»

(*Obr.*, I, 157.)

Em uma Satira inedita de Anacleto da Silva Moraes contra o poeta Malhão, vem os seguintes versos, com uma nota em que indica Monteiro sob o nome de *Matusio:*

Mas faça seus chorrilhos desterrado
De illustres Casas e das Assembleias,
Onde gira o bom gosto, onde se preza
O bom *Lereno*, o singular *Matusio* . . .

Em outro Soneto torna Diniz a atacar *Matusio:*

Eis um novo Thrasão temos em scena,
Porém de fama mais agigantada,
Pois mais do que obrava o outro co'a espada
Faz o nosso *Matusio* com a penna.

Trezentos homens sem trabalho ou pena
Matava aquelle de uma cutilada;
E mil Doutores de uma só pennada
Ao negro esquecimento este condemna.

(*Obr.*, I, 168.)

No Soneto de Monteiro *Quem visse um máo poeta*, ha uma allusão maligna ás Odes de Garção; este resentira-se da critica que lhe fizeram á Ode v, em que se encontram os versos: — Varra o crédor soberbo a pobre casa — C'o desabrido Alcaide . . . — Na Satira I, dirigida para Coimbra por ventura a *Olivo*, (José Antonio de Brito de Magalhães) é de *Matusio*, que o Garção se queixa:

Pois um *Matuzio*, o fallador *Matuzio*
Que inda mais livros leu de quantos teve
Ptolomeu, e conserva o Vaticano,
N'esta mesma bigorna lá de longe
Co'a pesada cabeça te martella:
Que furia te tentou com tal *alcaide*?
. . . .
Justo, porém, será que tu lhe digas . . .
Que seus versos não leio, que não lêam
Elles os versos meus, *Odes* ou trovas;
Não lhes quebro os ouvidos, não os canso
Co'a importuna lição dos meus poemas;
Na *Arcadia* os leio; alguns dos seus pastores
Pejo não têm de lêl-os, de approval-os.

(*Obr. poet.*, 231 a 237.)

Não se achou Garção sósinho na refrega do *Grupo da Ribeira das Náos;* algumas chufas foram acirrar o arcade *Lemano*, o P.e Manoel de Macedo, que vibrou uma Satira mordacissima contra os — charlatães importunos do valente troço dos *Pintos*, *Sousas*, *Monteiros*, *Estoquetes*, *Bandeirinhas* e P.e *Niceno*. Transcrevemos alguns trechos elucidativos:

Surgiram entre nós do pó da terra
Não sei que máos espiritos, que a vara
De rigidos Censores usurpando,
Acção não ha, que á sua furia escape.
Grandes, pequenos, sabios, ignorantes

Vós sois o alvo das ervadas settas;
E toleram-se sem que á desbocada,
Liberdade se ponha justo freio!
  De quatro Auctores decorando os nomes
Para enganar da plebe a rudez crassa,
Presumem que com ár de mestres podem
De Apollo sobre a trípode sentados
A seu arbitrio repartir os votos:
Fechando as carregadas sobrancelhas,
Os narizes torcendo, nada approvam;
Tudo lhes cheira mal: Grocio, Bohemero,
Montesquieu, De Real e Puffendorf,
Posto que os não entendam, andam sempre
Na sua dianteira. De palavras
Usando, que do Tempo a curva roda
Levado tem do torpe esquecimento
Para as negras moradas, não sabendo
Que Horacio é claro; que nas linguas vivas
O uso é quem governa. Grande Barros,
Que affronta te não fazem, quando entendem
Que de escudo lhe serves!...
. . . .
He ridiculo quem se afasta do uso.
Bem hajas tu, meu *Mattos*, tu *Basilio*,
Bem hajas, que com uma nobre e tersa
Locução do Parnaso ao bipartido
Cume voado tendes: corromper-vos
Não vos deixastes das mouriscas vozes
Da rançosa antigualha. Vossos versos
Com applauso serão de todos lidos.
. . . .
Palrilhas,
Mas vós que tendes feito? Estalar-nos
Sempre com vãs promessas os ouvidos.
. . . . fanfarronadas
Não se engolem por cá; á vossa conta
Já temos rido muito: e atreveis-vos
A macular com temeraria penna
Os escritos dos mais? Vamos ávante.
Hade vos agradar a palavrinha.
Mas, nescia presumpção, quanto nos cegas!
Refinada vaidade, com teu fumo
Quantos juizos tens escurecido?
Da quadrilha roaz tal ha que affirma
Que passados tem já todos os livros,
Que já não tem que lêr. Tal assevera . . .

. . . . Ora eu já não posso
Demorar-me com tanta babozeira.
Charlatães importunos, já vos deixo,
Pintos, Sousas, Monteiros, Estoquetes,
Bandeirinhas, e tu, *Padre Niceno,*
Valente chefe do famoso troço
Da *Ribeira das Náos*, até á primeira.
Se ao dissabor das Satiras forrar-vos
Quizerdes, acceitae o meu conselho,
E' santo. Conhecei-vos, e calae-vos.

M. DE M. [1]

Em um Soneto de Diniz se apontam mais dous poetas, que tambem hostilisavam a Arcadia; são elles, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga *(Alcindo Palmireno)* e José Basilio da Gama *(Termindo Sepilio)*:

« Quem é este animal, que galopando
Em torno d'essa fétida lagôa,
(Diz Apollo a Thalia) o Pindo atrôa
Com zurros nossa musica turbando?
. . . .
E dos Vates as cinzas não perdôa,
Com coices suas cinzas violando? »
. . . .
Então Apollo torna á Ninfa, rindo:
« E' *Palmireno*, que eu mudei em burro,
Em pena de incensar o vão *Termindo*.

(*Poes.*, I, 277.)

Em uma Satira de Silva Alvarenga, que Camillo possuia com outras composições ineditas de *Alcindo Palmireno*, e que elle julga-

---

[1] E' a Satira do P.e Manoel de Macedo. (Ms. U — 4 — 5, da Bibl. nac., fl. 69 a 76.) — Camillo no *Curso de Litteratura portuguéza*, p. 205, traz fragmentos d'esta Satira, com *variantes*.

va dirigida a Diniz, ao apontal-o como imitador de Quita:

> O roubador do plagiario *Quita*;
> De frivolos discursos satisfeito . . .

E em nota do mesmo auctor da Satira, continuando o juizo ácerca de Quita, já fallecido: «Pode-se louvar este auctor pelo seu genio, bem que seja plagiario e superficial; e se os outros Arcades não excedem a este e a *Melizeu*, que rasão terá *Candido Lusitano* para lhes chamar felizes imitadores dos Arcades romanos?» Comprehende-se depois d'isto a allusão de Diniz aos coices de *Palmireno* violando as cinzas dos vates. Silva Alvarenga, no poema heroi-comico *O Desertor* celebra a reforma da Universidade em 1772, e n'esta Satira já ataca o velho scholasticismo:

> . . . . eu cavo á roda
> Em quanto o regio braço arranca e queima
> Estas velhas raizes que ainda brotam
> Orgulhosa ignorancia e má doutrina. [1]

Tanto José Basilio da Gama como Silva Alvarenga eram da sympathia do Marquez de Pombal; serviriam por ventura o desdem do ministro, hostilisando a Arcadia.

N'esta *Guerra dos Poetas* encontram-se tambem alguns Sonetos contra Quita por um Dr. Zuniga, e outros em sua defeza por Manoel Ignacio (da Silva Alvarenga?)

Vê-se que só depois da morte do poeta as admirações pelo sua obra encommodaram

---

[1] Camillo publicou esta Satira na Nota 22 do seu *Curso de Litteratura*.

alguma cousa a *Alcindo Palmireno*, como tambem provocaram os desdens de Nicoláo Tolentino.

A *Guerra dos Poetas*, que se ateára contra a Arcadia, ia tomar um novo aspecto, e mais intenso ainda. Garção impressionára-se com o falecimento prematuro de José Antonio de Brito, em quem confiára tantas esperanças; [1]

---

[1] A morte do joven José Antonio de Brito foi o primeiro golpe de consternação na Arcadia; os poetas choraram-no. E o Conde de San Lourenço, o amigo intimo de Garção, e como elle tambem perseguido por Pombal, chorava ao fallar-se-lhe no poeta que protegia; ainda em Tolentino se lê n'umas quintilhas ao Conde de San Lourenço:

> Pois vi outr'ora amparado
> O discreto e doce Brito,
> Triste moço em flor cortado,
> Que ia alevantando o esp'rito
> De vossas luzes guiado.
>
> Pois na vida lhe adoçastes
> Do seu fado a má ventura:
> E não vos envergonhastes
> Quando a fria sepultura
> Com as lagrimas lhe honrastes;
>
> Se os seus versos sonorosos
> Inda repetis com magoa;
> E pensamentos saudosos
> Vos trazem aos olhos agua,
> Que os deixa, senhor, fermosos . . .

(*Obras*, p. 119.)

A amisade de Garção pelo Conde de San Lourenço, com quem conferenciava em litteratura, fazia com que o Conde lhe communicasse os versos que possuia do mallogrado José Antonio de Brito; assim se explica como o soneto *Quinze vezes a aurora tem rompido*, que elle escrevera ainda em Coimbra, viera parar aos papeis de Garção.

e ainda sob essa emoção succedeu a morte de Quita, em 26 de Agosto de 1770. Parece que a fatalidade cahia abruptamente sobre Garção, por que na noite de 9 de Abril de 1771 é preso em sua residencia por uma ordem do Marquez de Pombal, e atirado ao segredo do Limoeiro, aonde morre sem chegar a notificar-se-lhe a culpa em 10 de Novembro de 1772. Com a ausencia de Diniz em Elvas, na auditoria militar, com a morte de Quita e de Garção, podia-se dizer que estava extincta a Arcadia; o Grupo da Ribeira das Náos já não tinha objectivo, e mesmo Filinto mostrou grande pesar pela desgraça de Garção. A *Guerra dos Poetas* reaccendeu-se em 1771 e durou até 1774, quando o arcade P.e Manoel de Macedo, grande prégador e ex-congregado do Oratorio, fez correr ou dedicou uma Ode á celebre cantora italiana Zamperini, por quem se apaixonaram fidalgos e argentarios. Eis a faisca que ateou de novo a *Guerra dos Poetas*:

EM LOUVOR DA SNÃR ANNA ZAMPERINE

ODE

Do R. Manoel de Macedo

Formosa Zamperina,
Não disse bem; formosa não te basta.
O nome de *divina*
E' só que te compete. Pisa, arrasta
As vaidosas bellezas
Do teu triumpho ao veloz carro presas.

Um gesto, um movimento
De teus olhos gentis quem não inflamma?
Transporta o pensamento
Que suave prazer n'alma derrama!
Com doce actividade
Rouba o socego, rouba a liberdade.

Do arco o Amor não sacode
Seta mais penetrante. A tua vista
E' um raio que pode
Das rebeldes vontades na conquista
Vencer, deixar prostrados
Os corações, ainda que obstinados.

Appareces: No rosto
De cada um se observa diffundido
Não sei que estranho gosto;
Tu, só tu, tens o applauso conseguido
De sempre desejada,
Retiras-te da scena, a scena é nada.

Oh encanto! Oh ternura!
Oh soberana voz! Não ha sereia
Que encha de mais doçura
O insaciavel animo. Recrêa,
Excita um novo espanto.
Não, da terra não é aquelle canto.

Quem não fica pendente
Como absorto de tanta melodia?
Suspira impaciente,
Não sabe quando hade raiar o dia
Que ouvir-te outra vez possa;
Da saudade a aspereza nada a adoça.

Ora humilde, ora altiva
No semblante os affectos transmutando,
Que acção tão expressiva!
Um olhar teu severo, um olhar brando
Consterna e vivifica;
Na branca testa os louros te duplica.

França! não te gloreies
Das Actrizes que contas celebradas;
Para que o orgulho enfreies,
Do Adriatico mar nas prateadas
Margens, huma apparece:
E' Zamperine, a bella: ouve-a, emmudece.

Do caudaloso Sena
Já fez parar as ondas cristalinas:
O ecco da voz amena
Batendo as azas nas azues campinas
Tão vastas, como bellas
Gravado tem seu nome entre as estrellas.

E ha quem disputar queira
Do teu merecimento a preeminencia,
Tu és sempre a primeira.
A frenetica inveja, a competencia,
São terrestres vapores
Que não mancham do sol os resplendores. [1]

---

[1] No Ms. 76 da Livraria da Torre do Tombo encontra-se grande parte dos versos das luctas pela Zamperini. Transcrevemos alguns trechos:

Zamperinaida Macedica, metrica, critica, satirica, ou Collecção de Obras poeticas com seu rabo-leva prosaico que se tem feito á cantora italiana Anna Zamperine e seu apaixonado o P.e Manoel de Macedo em Lisboa de 1772 a 1773:

Soneto: Em applauso, de *D. Miguel José de Portugal.*

Soneto: do *P.e Macedo:*

Que doçura! que bella melodia!
Que olhar brando, que vista penetrante!
Que figura gentil, e que brilhante
Zamperine se ostenta cada dia.

Dos eccos a sonora melodia
Arrebata, suspende a todo o instante
Em que os myrtos e louros tem constante
O seu merecimento e bisarria.

Não mancham d'este sol a luz dourada
As densas sombras da cruel inveja,
Quando de todo o mundo é admirada.

Mas a todo este applauso inda sobeja
Motivo, com que vendo-se exaltada
Mais em throno triumphal sempre se veja.

Domingos Pires Monteiro Bandeira escreveu outra Ode «*Contra o Autor e seus encarecidissimos pensamentos da Ode antecedente.*» No Ms. de Camillo tinha o seguinte preambulo: «Escreveu o Padre Macedo uma *Canção* louvando desmedidamente a Zamperini, e fez outras varias asneiras: primeira, em chamar *Ode* ao que é puramente Canção, e esta é cheia de vozes, e nenhum pensamento bom

---

Dialogo entre *Fileno* e *Dorindo* sobre a zamperinatica Senhora e sua habilidade. (Fl. 8.)

Do P.e Macedo:

Peralvilhos infames, que esquecidos
Do dever de christãos, injuriastes
Nos libellos servis que fabricastes,
Os caprixos á honra mais devidos.

Que pretendeis? acaso de entendidos
O nome por tal meio procurastes?
Ah não, que n'essas trovas só lucrastes
A merecida nota de atrevidos.

Que graça, que conceito ou pensamento
Nas ridiculas trovas se descobre,
Para ao menos córar o vosso intento?

De maroto não passa, e esse pobre
Quem ostenta tão vil procedimento,
Dizer mal nunca coube em peito nobre.

Defendendo o P.e Macedo:

Contra o Padre Macedo conspirados
Vejo os Poetas, vejo os Oradores;
Só por cantar em versos superiores
Da bella Zamperine os predicados . . .

quanto a philosophia, nem sublime quanto a poetica; segunda, em ser escripta em estylo dos Sermões, com certa duzia de palavras a modo de xadrez; terceira, nos gallicismos é um mar seguido e prosaico, e outros innumeraveis erros, para seus e nossos peccados. E o peor é insultar as senhoras sérias e jocosérias, entrando francezas e italianas, maneatando tudo á taboa do carrinho da Zampe-

---

Do P.e Botelho:

Macedo, é tempo de mudar de officio,
Tu que eras prégador rijo e potente,
A testa inclina, e escuta paciente
Que eu tambem de prégar tomo o exercicio,

No pulpito explicaste contra o vicio
Doutrina santa em phrase irreverente,
No Theatro és a fabula da gente,
Opprobrio á Religião e a nós supplicio.

Com fé quem te hade ouvir prégar já agora,
(Oh Deus de Abrahão, oh Numen sempiterno)
Se *divina* chamaste á vil cantora!

Só podes ir prégar ao escuro averno,
Que essa profana voz impia e traidora
Não he clarim do céo, é voz do inferno.

SILVA *do Bacharel Nuno José Columbina:*

Ter no canto perfeição
A Zamperine, isso sim;
Porém ser um seraphim
Na formosura, isso não!
De *divina* a distincção
Quem lhe daria sem medo
Senão o Padre Macedo,
Na Ode que nos consomme?
Que, para dizer com o nome,
Veiu *Ma,* e veiu *cedo.*

rini. E' pouca vergonha em um clerigo. Ode com elle.» Transcrevemos d'essas outo estrophes uma, apenas:

Não arrancou Quixote desvelado
    Entre aérios carinhos
A durindana mais vãmente ousado
    Contra duros moinhos,
Que tu com o verso, em que a alma derreteste,
Sem ouro a Dulcinéa accometteste.

Copia ou declaração de um Pasquim ou Critica figurada por estampas que se fez á cantora italiana Anna Zamperine, na côrte de Lisboa em 1772:

«Camara de Zamperine, na qual está uma meza quadrada, e encostada esta a ella, sentada em uma poltrona, saindo-lhe da bocca os seguintes versos francezes:

Prenez, belle et charmante coquete, prenez tout
Puis que vous êtes dans un pays de fous.

«Defronte de Zamperine está o grande heroe *Anselmo José da Cruz*, tambem sentado, dando-lhe mil peças, que ella com a mão direita está puchando para si, emquanto o *Monteiro-Mór* com um joelho em terra lhe beija a mão esquerda; com estes versos em inglez (trad.):

As verdadeiras propriedades de um inglez
São pagar bem, e desprezar.

«Ao lado direito está *Ignacio Pedro Quintella*, sentado com a bolsa aberta, mas ainda irresoluto, com os seguintes versos em francez . . . . . .

«Ao lado esquerdo está *Antonio Soares de Mendonça* metendo a bolsa na algibeira, já de pé e quasi indo-se embora, com estes versos na lingua italiana:

Lasciate a gli altri amico la campagna;
Questa sol con quatrine si guadagna.

Em uma Satira de Joaquim Ignacio de Seixas, medico das Caldas, lê-se esta carga aos apaixonados da Zamperini, alludindo ás duas Odes de Macedo e do Bandeira:

Zamperini apparece: adeus Talaia,
Zamperini em francez, em prosa, em verso,
Nas salas, nos theatros, nas tavernas;
Tudo se enzamparina, os homens, digo,
Que as senhoras maldita graça lhe acham.
Já de mil pretendentes rodeada
Se constitue Penolope ás avéssas.
. . . .
O demonio de um louco enthuziasmo
Se apodéra da plebe dos Orates,
(Disse Orates, querendo dizer Vates)

« De traz da cadeira de Anselmo José da Cruz está *Theotonio Gomes* e *Nalli*, ambos olhando para a meza, com estes versos, que começam na cabeça do Theotonio e acabam na de Nalli:

Cé la statua, e c'é il Monsieur.

« A um canto da casa está o *Dr. P.e e R. Manoel de Macedo*, repetindo a sua, que elle chama Ode, com estes versos no idioma portuguez:

Meu Macedo, não te canses,
Pois os gostos são diversos;
Zamperini estima o ouro,
E faz desprezo dos versos.

« A *João da Silva Tello,* peccador por pensamento, estes dous versos no mesmo idioma portuguez d'esta sorte:

Tu, julgando de versos, feito Apollo?
E' para rir, João da Silva Tolo.

« Em outro canto da casa está um cirurgião chamado o Zuaglia, que ajudou a matar ao que foi por alcúnha Pay da Zamperine . . . »

Que imaginando com saber profundo
Que inda ha Saphos ou Lesbias pelo mundo
Estrugem os ouvidos com Romances,
Decimas frias, rancidos Sonetos,
Que mal entende a actriz veneziana.
Eis que do Auctor sagrado *Ode á divina*
Pelo vulgo se espalha; *Assaz tem Pluto*
Sae a empatar-lhe as azas ao caminho.
Esquenta-se-lhe a bilis; fremem de ira,
Que os Poetas têm odios do diabo.
D'aqui *Macedo* Satiras fulmina,
Moldadas sobre o tom dos seus Sermões,
Em verso solto como o proprio auctor.

. . . .

D'alli *Monteiro,* qual outro Lucilo
Estando sobre um pé, faz n'uma noite
Perdendo a sua obra e o seu azeite
Trezentos pares de enfadonhas rimas,
Em estylo dialectico forense.

. . . .

Dividem-se os juizes. Defensores
Occupam do Parnaso ambos os cumes,
Basilio faz lunatico a Macedo,
Mattos fal-o pastel de carne e massa.
Não te faltam, *Monteiro,* mil sequazes
Que se offerecem a dar em teu serviço
Té a ultima gota do seu estro.
Toca-se ás armas; temol-a travada . . .

. . . .

Por mais que a gente ria ás gargalhadas,
Moteje á vossa custa de máos versos,
Vós vos credes Horacios e Virgilios,
Por vêr que quatro estupidos vos louvam.

. . . .

Deixa, amigo *Monteiro,* de secar-nos
Com a antiga locução aspera e dura . . .

. . . .

E tu, *Macedo,* fallo-te sincero,
Dou-te licença de queimar teus versos;
Não nascestes Poeta, tem paciencia.
Emprega o tempo a lêr as Escripturas. [1]

---

[1] Ms. U — 1 — 50, fl. 171 a 179. (Bibl. nac.)
Nas *Poesias varias,* Ms. t. II, p. 467, vem assignada por Francisco Xavier Lobo. (Mihi.)

Esta satira appareceu pela primeira vez impressa no *Ramalhete*, tomo VI, attribuida erradamente a Silva Alvarenga ou a José Basilio da Gama.[1] Monteiro de Albuquerque, em Satira contra José Basilio da Gama por se intrometter na Zamperinaida, invectiva-o:

Deixa cantar os filhos de Thalia,
Compõe tu para as *Musas da Ribeira*,
Espreme as gotas, mete a chularia.[2]

Já na sua velhice Filinto, na Ode *Ao tempo passado*, recordava-se d'estas luctas:

Macedo comporá os Epinicios,
Em *Zamperino* metro, e Hebe engilhada
Já Maria da Costa lhes confeita
Summarentas ambrosias.

E em nota falla d'esta criada do P.e Macedo «que possuia as mais reconditas receitas para fazer doce.» *(Obr.*, v, 252.)

Assignado com o nome do Dr. Francisco Xavier Estoquete, encontrámos o seguinte Soneto com a rubrica:

Sentença que deu Apollo sobre as criticas e respostas do P.e Macedo

Vistos todos os autos do Libello
Contra o Macedo, em que ha contrariedade,
Réplicas, e tudo o mais que com verdade
Querem que eu julgue sem aggravo ou apêllo;

E como d'elles consta, que o cabello
Cortou o Réo, que é sabio e sem maldade,
Tratou a Zamparina de Deidade,
A' vista e face de seu rosto bello:

---

[1] Camillo, *Curso de Litteratura portugueza*, p. 205.

[2] *Ramalhete*, t. VI, p. 394.

Por tanto, o absolvo, e mando que sómente
Imite ao Pay San Pedro, de quem herda
O Filho, o exemplo, que hade dar á gente:

Os Autores, reponham toda a perda
Da fama, pela acção incompetente,
E os condemno a que vão beber da m . . . . [1]

Apesar de se encontrar muito longe de Lisboa, *Elpino* escrevendo em Elvas o poema heroi-comico *O Hyssope*, não pôde furtar-se á comparação da voz do Vidigal tocando na bandurra, com o canto da Zamperini:

E tu, oh extremada Zamperini,
Que em Lisboa os casquilhos embasbacas,
Seus suaves accentos escutaras,
Passages e Volatas, bem que as Graças
Lisongeiras te cerquem e derramem
Em teu peito e garganta mil encantos . . .

Commentando estes versos, o lusitanophilo Timotheo Lecussan Verdier deixou um quadro altamente pittoresco d'este episodio da alta sociedade de Lisboa; o Conde de Oeiras, filho do Marquez de Pombal, e então presidente do Senado de Lisboa, tambem estava apaixonado pela Zamperini, e prestou-se a arranjar com alguns argentarios uma empreza com o fundo de 100:000 cruzados para as recitas da cantora com a sua companhia no Theatro da rua dos Condes; o dinheiro foi desbaratado, faltando-se aos salarios dos cantores, e em 1774, enjoado com tudo isto «o Marquez de Pombal fez sahir de Lisboa a Zamperini.» Com a entrada de Tolentino e

---

[1] *Poesias varias*, Ms., t. 8, p. 686. No t. 2, p. 333 a 495 ha muitas satiras ineditas. (Mihi.)

Antonio Lobo de Carvalho no conflicto, os versos descambaram na obscenidade. N'este anno tinha Diniz regressado a Lisboa, como sabemos pela sessão academica no palacio do morgado de Oliveira; e d'elle escreve Verdier: «não perdia a occasião de admirar as prendas de tão celebre *virtuosa;* pois, como amigo intimo de Theotonio Gomes de Carvalho, era admittido e frequentes vezes visto no camarote da administração.» Pode-se concluir que com a expulsão da Zamperini terminou em 1774 a *Guerra dos Poetas*, quando tambem a Arcadia dava o seu ultimo arranco.

A influencia litteraria da *Arcadia lusitana* foi reconhecida mais tarde por Filinto Elysio, quando combatia o emprego dos gallicismos:

> Taes eram approvadas e bemquistas
> Por nobre imitação de almos traslados
> Do pindarico *Elpino* as cultas Odes;
> E a facundia bebida nos antigos
> Que vertia o *Garção* nos seus poemas,
> Quando na Arcadia outr'ora os escutava
> De atilados varões o estreme ouvido. [1]

A admiração consagrada por Filinto a Garção augmentava, quanto elle mais se interessava pela pureza da lingua portugueza e da elocução poetica:

> Olha o Garção, quão rico na pintura
> Da infeliz Dido, as côres assignala
> Quando perecedôra, entregue a Clotho
> *Com a convulsa mão subito arranca*
> *A lamina fulgente da bainha,*
> *E sobre o duro ferro penetrante*

[1] *Obras,* t. I, p. 38.

Arroja o tenro cristalino peito:
Em borbotões de escuma murmurando,
O quente sangue da ferida salta;
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Não ha termo que não traslade ao vivo
No sp'rito do leitor o fiel quadro
Que o Garção debuxou na clara ideia.
Sim: que Estudo e Razão lhe persuadiram
Que ao Vate acceito a Apollo, acceito ás Musas
Cabe espertar no ouvinte imagens vivas
Com valente pincel, accêsas côres,
Arrojado nos rasgos, lumes, sombras,
E ardente como esse éstro, que o inflamma. [1]

Filinto pondo em relevo as bellezas das poesias de Garção, cumpriu o bello pensamento formulado na Ode:

Poetas por Poetas sejam lidos,
Sejam só por Poetas explicadas
Suas obras divinas .... [2]

No *Ultimo adeus ás Musas* mostra-se ainda outra vez acérrimo admirador do árcade:

Assim Garção, seguindo o Venusino,
Toma o vôo, co'as azas estendidas,
Quando canta a progenie illustre e féra
Dos que na Paz dourada, ou guerra dura
A si ganharam claro nome, e aos netos:
Ou, amansando o vôo, busca o trilho
Do Teio Anacreonte, quando escreve
Vermelhas brazas, alvo pão tostando,
Ou do Delfim a calva loura e lisa
Da carroça dos annos não trilhada. [3]

---

[1] *Obras*, t. I, p. 54.
[2] *Id.*, t. I, p. 226.
[3] *Id.*, t. I, p. 414.

§ VI. Garção e as doutrinas dramaticas da Arcadia

Estavam ainda em ruinas os theatros de Lisboa arrasados pelo terremoto do 1.º de Novembro de 1755, e logo que se celebrou a primeira conferencia mensal da *Arcadia lusitana* em 26 de Agosto de 1757 leu Pedro Antonio Corrêa Garção um trabalho critico, a *Dissertação sobre o caracter da Tragedia, propondo ser inalteravel regra d'ella não se dever ensanguentar o Theatro, e no desempenho de cujo drama devem reinar o terror e a compaixão.* Não contente com seguir Aristoteles, submette-se Garção aos scholiastes que tornaram intolerante a doutrina do philosopho; cita Demetrio Phalero e Neoptolomeu de Paros e a Epistola de Horacio *Aos Pisões.* Dacier e Le Bossu impõem-se-lhe ao criterio da espontaneidade, da verdade do natural. Para fundamentar a regra de que se não deve ensanguentar o theatro, antes de apontar exemplos da antiguidade, Garção invoca primeiro os tragicos francezes: «Os Francezes a receberam, a adoptaram e a defendem com a pratica e com a doutrina. Nós temos a gloria de que a nossa *Castro* seja um exemplo de que não ignoramos e de que a seguimos.» E mais adiante: «O maior tragico da França, Monsieur Corneille, no exame do seu *Horacio* diz: — Se é uma regra não ensanguentar o theatro, não é certamente do tempo de Aristoteles...» Proclamados estes principios estheticos, circumscriptos aos modelos academicos francezes, seguia-se como consequencia immedia-

ta a condemnação do riquissimo e fecundo theatro inglez, que tanto tinha de actuar na poetica moderna. N'esta mesma Conferencia lia Garção: «Os Inglezes, nação em quem mais se descobre os genios dos Republicanos antigos, e que no orbe litterario fazem uma grande figura, os Inglezes, digo eu, são os que menos respeitam esta lei, infringindo-a reiteradas vezes, de que é triste testemunha o seu *Catão*, e de que talvez lhe fez gostar aquelle odio com que sacrificam á sua pretendida liberdade uma testa coroada.» Esta mesma doutrina vamos encontrar na *Gazeta Litteraria* do Porto em 1761, na qual o P.e Lima fallando de uma obra ingleza sobre o theatro, termina: «Não podemos deixar de observar que concordamos inteiramente com este Author, na preferencia que dá ao Theatro francez, no que pertence aos costumes, e julgamos que a censura que faz ao Theatro inglez é justa e bem fundada. — Esta preferencia é conhecida por todos aquelles inglezes de bom gosto, que discorrem, que o patriotismo não se estende a querer arrogar á nação ingleza a gloria que todos os criticos e homens de juizo tem concedido á França; mas esta preferencia não se deve limitar unicamente aos costumes. Qual será o insensivel que não sinta, e ao mesmo tempo não admire o sublime de Corneille, o terno e pathetico de Racine, o terrivel de Crébillon, etc. que não só inspiram o terror e a piedade, que são os fins da Tragedia, mas ao mesmo tempo aquella elevação e nobreza de sentimentos de que os espectadores se acham apoderados, representando-se qualquer tragedia d'estes grandes Poetas?»

(Vol. I, 33.) A grande voga das tragedias francezas em Portugal quadrava com o governo despotico de uma realeza apparatosa; e insurgindo-se contra as liberdades da tragedia ingleza Garção relaciona-a com a decapitação do rei Carlos I. Não existindo um povo livre, com vida politica, os sentimentos, as paixões iam buscar-se a um mundo de convenção; as tragedias racinianas estavam em completo accordo com a sociedade portugueza: os personagens eram reis, e os nobres os aulicos confidentes que entretinham o dialogo e faziam quasi sempre de ouvintes. D'aqui veiu uma falta de animação e uma monotonia incuravel de todas as insipidas imitações. A este proposito diz perfeitamente Charles de Rémusat: «A tragedia acabou por assimilar-se aos governos acanhados, em que o povo é excluido. N'estes, as paixões dos nobres só encontram complacentes servidores; nunca uma palavra involuntaria, nunca um movimento descuidado os chama á verdade; só encontram sentimentos de convenção; não ouvem se não respostas officiaes, e para elles a sociedade está representada por meio de confidentes. Tal é o defeito da tragedia franceza; em nada diminue o genio dos poetas. As fórmas contrafeitas e a etiqueta que opprimiu o theatro francez não foram livremente escolhidas por elles; se se tem de accusar alguem, virem-se contra Richelieu em vez de Corneille, contra Luiz XIV em vez de Racine. A tragedia franceza é contemporanea do estabelecimento de todas as solemnidades do poder absoluto. Como não supportaria ella o jugo? Como seria ella só verdadeiramente publica, se nada

o era então n'esse tempo? Poderia o povo figurar sobre a scena, quando tão raramente se lembravam da sua existencia? Os poetas não tinham mais que imaginar senão acções em que os grandes podessem tomar parte nos estrondosos successos. Deve-se-lhes increpar este erro, quando os proprios historiadores o não evitaram? Uma unica cousa foi omittida nos tres quartos da historia de França, — a nação. A nossa tragedia foi como a nossa historia, como o nosso governo, como a nossa sociedade. Com certeza, a Revolução veiu muito a tempo; sem ella, acabava-se por esquecer que houvesse em França outra sociedade a não ser a gente fina.» [1] Estas palavras explicam a predilecção do theatro portuguez no meado do seculo XVIII pelas tragedias francezas. A' medida que o Marquez de Pombal executava com uma impassibilidade cruel as reformas administrativas para engrandecimento do poder monarchico absoluto, na litteratura que se restaurava prevalece o mesmo espirito auctoritario do classicismo. O ministro reduzia a realeza ao typo dos imperadores byzantinos; conjunctamente a litteratura submette a sua espontaneidade aos canones dos rhetoricos da decadencia. O ministro era uma grande vontade, actuando sobre preconceitos seculares; porque não comprehendeu os factos e as ideias dominantes do seu tempo: o conhecimento dos primeiros escriptores economicos e dos Encyclopedistas não o fez perceber que a administração do estado

[1] *Passé et Présent*, t. I, p. 213.

era uma sciencia, e entregou-se á fundação de sangrentos monopolios; tendo vivido alguns annos em Inglaterra não comprehendeu a constituição ingleza, abafou com o terror das forcas uma manifestação popular, e reduziu a aristocracia portugueza a uma hierarchia nulla e sem preponderancia. Reconcentrando todo o poder nas mãos do monarcha, facil lhe era servir-se do seu nome como de uma chancella. E assim procedeu. Transformou Dom José em um imperador empalhado; cercou-o de apparatos, deu-lhe espectaculos, fez-lhe uma estatua grandiosa, e como a um Augusto ou a um Luiz XIV competia-lhe uma Litteratura. No mundo do bello nada póde a auctoridade; ahi só subsiste o que é espontaneo e livre. Na transformação litteraria proclamou-se o dogmatismo dos canones rhetoricos, declamou-se contra as liberdades irreverentes dos Seiscentistas, e á maneira das Companhias monopolistas estabeleceu-se uma Sociedade para a restauração da Eloquencia e da Poesia portugueza. Coube, pela opportunidade do momento essa missão á *Arcadia lusitana*, fundada por homens graduados, que tinham esperanças na consideração do ministro, cujas inspirações não chegaram a perceber. Herculano descreveu perfeitamente esta relação entre o espirito da Arcadia e a acção politica do Marquez de Pombal: « A Arcadia e a influencia que esta corporação teve nas letras foi uma nova reacção litteraria, e o dogmatismo com que se restauraram as doutrinas romanas, postoque reflexas já de Italia e de França, foi ainda mais intolerante e absoluto que na época do Renascimento. O Seis-

centismo acabou ás mãos dos Arcades, que restabeleciam o predominio da Arte antiga, e revocavam o pensar e o estylo dos poetas do tempo de D. João III e de D. Sebastião, ao passo que o Marquez de Pombal procurava restaurar a esquecida robustez da Monarchia com a auctoridade dos seus principios administrativos e com a acção vigorosa do seu governo de ferro.—A Monarchia do Marquez de Pombal era anachronica em politica: a restauração da arte romana era anachronica em litteratura. Ambas deviam necessariamente passar e passar rapidas. Assim aconteceu. A fórmula politica nunca fôra tão absolutamente monarchica; a fórmula litteraria nunca fôra tão mesquinhamente romana; ... nunca os nomes e exemplos de Aristoteles e de Quintiliano, de Horacio e de Virgilio, substituiram completamente o raciocinio na critica. Mas o Marquez de Pombal começava por discutir com a aristocracia e com a theocracia, e a Arcadia com o Seiscentismo.» [1] As reformas de Pombal não eram organicas, e com a morte do rei D. José acabou-se a sua administração energica diante dos sarcasmos da *viradeira*. A Arcadia extinguiu-se da mesma sorte, como observa Herculano: « A Arcadia derrubára a poesia seiscentista; cumprira a sua missão. Depois dogmatisou e morreu. Foi de innanição. Esta sociedade tão activa, tão belligerante, tão ruidosa nos seus começos, expirou, e nem sequer o mundo litterario deu tino d'isso. Era que a Arcadia nunca propria-

[1] *Memorias do Conservatorio*, p. 29.

mente vivera, porque nunca apresentára uma ideia progressiva.»

Depois dos Discursos de Garção sobre a Tragedia, logo em 1758 apresentou Manoel de Figueiredo na Arcadia a sua primeira tragedia de *Edipo*, a qual foi entregue ao Censor José Xavier de Valladares e Sousa. Era difficil passar da doutrina para a pratica; por isso, Garção foi estimulado para compôr uma tragedia, como se vê pelo Soneto de Diniz: «*A Pedro Antonio Garção, mandando-lhe a III Decada de Tito Livio, na qual se referem as tragicas mortes de Sophonisba e Eraclia, e persuadindo-o á composição de uma Tragedia*:

Sabio e illustre Garção, que ao eminente
Cume do sacro Pindo tens chegado,
E de honroso suór todo banhado
Coroas de hera e louro a altiva fronte;

De Sophonisba a morte, ou da innocente
E nobre Eraclia o caso desastrado,
Qualquer, para teu plectro sublimado
Digno objecto te dá Livio excellente.

Por teu engenho exposto em tristes Scenas
Uma d'estas cruel, mesquinha historia
Dará a Roma inveja, assombro a Athenas.

Do bom Ferreira pois te excite a gloria,
Logrem por ti as tragicas Camenas
De Sophocles e Seneca a victoria.

(*Poes.*, I, 9.)

Garção chegou a escrever a tragedia de *Sophonisba*, e segundo o testemunho de José Maria da Costa e Silva, esta como uma outra

tragedia sobre *Régulo*, ficaram ineditas e se guardaram na Livraria do Conde de Vimieiro. [1] Não consta que chegassem a ser representadas. Outros poetas da Arcadia ensaiam a Tragedia, já com composições originaes como Quita e Manoel de Figueiredo, já com traducções como Francisco José Freire *(Candido Lusitano)* que, segundo um estudo de Rivara, traduziu quatorze tragedias dos melhores auctores gregos, latinos, italianos e francezes, as quaes se guardam na bibliotheca de Evora. A parte mais curiosa do seu trabalho é a que versa sobre questões de arte dramatica.

Na traducção da *Athalia* de Racine, publicada em 1769 por Candido Lusitano, tambem vem uma Dissertação sobre a presente Tragedia: «para instrucção d'aquelles que não sabem as leis do theatro . . .» — «Publicamos esta Dissertação cujos fundamentos nos ministram as indispensaveis leis da Poesia tragica; e como d'ella entre nós não é vulgar a instrucção, parece-nos que faremos beneficio a alguns com este discurso, *extrahido de diversos authores francezes.*» E fallando da simultaneidade dos affectos do terror e da compaixão no personagem da tragedia, diz: «A isto é que os Francezes chamam elegantemente *unidade de interesse*, isto é, que quanto se fizer, ou no dispôr, ou no começar, ou no proseguir ou no terminar da acção, se faça de maneira, que se interessem os animos dos ouvintes por um só, e não por muitos actores.»

---

[1] *Ramalhete,* t. III, p. 134.

Considerando a *unidade de interesse e de acção* intrinsecas da Tragedia, dá como extrinsecas a *unidade de tempo* e *de logar;* e voltando á poetica franceza, expõe: «Das combinações dos caracteres e paixões resulta aquella grande contenda de affectos nos ouvintes, *a que os Francezes chamam Situação;* por que fica o animo como situado n'aquelle ponto de vista que mais o perturba.» Candido Lusitano admittiu o verso solto na tragedia: «porque são muitos os exemplos em que me fundei, e o nosso insigne Ferreira na sua *Castro* é para mim de maior excepção.» Manuel de Figueiredo abonou-se com este voto; foi elle o unico poeta da Arcadia que entrou com maior coragem na restauração do theatro portuguez; os prologos de todas as suas Comedias trazem excellentes reflexões sobre arte dramatica. Para elle nem só o theatro francez merece sympathia; quer typos, caracteres, costumes originaes, tudo conduzindo para evidenciar uma these fundamental. Manoel de Figueiredo era desleixado na fórma, versejava mal, e isso prejudicou o seu vasto trabalho de idealisação. Tambem foi a principio empolgado pela fórma da Tragedia, compondo depois do *Edipo* um *Viriato*, *Artaxerxes II*, traduzindo o *Cid* de Corneille, o *Cina*, o *Catão* de Addisson, e uma *Andromaca.* As circumstancias do meio social desviaram os Arcades para a cultura da Comedia. Lisboa, depois do terremoto, distrahia-se em pacatos serões de familia em que se jogava o whist, recitavam poesias e ensaiavam representações particulares. Era o tempo das Partidas ou reuniões; mas a semsaboria fazia

lembrar com saudade as noites alegres do Theatro do Bairro Alto, quando se representavam as Operas do Judeu, e ainda se repetiam os ditos e chascos das *Guerras do Alecrim e Mangerona* e dos *Encantos de Medêa*. Garção viu o perigo da perversão do gosto, e na terceira Conferencia da Arcadia celebrada em 30 de Septembro de 1757, leu a segunda parte do seu trabalho *Sobre o mesmo caracter da Tragedia, e utilidades resultantes da sua perfeita composição*, em que condemna o theatro portuguez com a feição que apresentava antes do terremoto: «tinha o máo gosto adoptado o peior systema: Dragões, magicos, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, patibulos, demonios e espectros, eram os milagres do Theatro. Ha bem pouco que uma côrte polida fazia as suas delicias de semelhantes espectaculos. E Metastasio, não obstante alguns defeitos, teria se quizesse uma estatua no Capitolio.» Em outra Oração sustenta que se não pode escrever uma boa Comedia sem lêr Plauto ou Terencio, e ainda allude ás representações do Theatro do Bairro Alto: «Se por exemplo me encarregasse de compôr uma Comedia sem lêr Aristophanes, Plauto e Terencio, sem examinar no que consiste o verdadeiro ridiculo, poria no theatro Jason desembarcando em Colcos com os valiosos Argonautas, namorado de Medêa, roubar o Velocino; e depois de atravessar os mares nunca d'antes navegados, depois de ter quebrantado todos os encantos, de vencer Dragões, e conseguir tão precioso triumpho, entregar a um simples lacaio um thesouro tão inestimavel, só para que

o bufão podesse dizer um ridiculo equivoco, (alludia aos *Encantos de Medêa*, de Antonio José); não cuidaria que o Protagonista fosse um zeloso ou um avarento; e isto guardaria para uma Tragedia; seria um Rei, um Capitão; os amores, ainda que fossem attribuidos a um velho ou a um Catão, seriam o sal attico das minhas scenas; arderia Troya; appareceriam exercitos, ainda que os cavallos deitassem por terra os bastidores; e se pudesse introduzir no theatro o apparato de uma trincheira, que lançasse bombas e disparasse artilheria, então ganharia uma nova fama, a que não aspirou Sophocles nem Euripides. Eis aqui a ruina que eu temia, quando temia que acabasse a Arcadia.» Tentando o genero comico, Garção escreveu duas pequenas peças litterarias, o *Theatro novo*, e *Assembléa ou Partida;* prendem-se com os esforços que então se realisavam para o desenvolvimento dos theatros de Lisboa por parte da aristocracia. Existiam os dois theatros do Bairro Alto e da Rua dos Condes, que se prejudicavam pela sua rivalidade; um explorava as comedias portuguezas traduzidas ou imitadas do castelhano, do italiano e do francez, o outro preferia as burletas e operas. O theatro do Bairro Alto, como se sabe pelo ajuste de contas entre os seus emprezarios João Gomes Varella e Mathias Ferreira da Silva, foi começado «*em outubro de 1760, e outo dias antes do carnaval de 1761 foi o primeiro dia em que se representou,*» tendo-se gasto na sua edificação no Pateo do Conde de Soure 6:023$835 rs., não contando com os scenarios e guarda roupa. No *Journal de litterature*,

des sciences et des arts, de 1781, vem a descripção do Theatro do Bairro Alto: « E' espaçoso; a platéa divide-se em duas; tem uma ordem de camarotes ao nivel da platéa, a que dão o nome de forçuras; é raro vêr mulheres n'estes camarotes, a não ser em noites de enchente real. Tem mais duas ordens de camarotes, sendo onze de cada lado e cinco ao fundo. Da quarta ordem, sómente metade do lado da scena tem camarotes; a outra metade forma galeria.» As primeiras representações foram de *bonecos*, e circumstancias desfavoraveis complicaram o desenvolvimento do Theatro, taes como o terremoto de março de 1762, que fez «*outra vez ausentar o povo*» e a campanha contra a invasão hespanhola e franceza. O Theatro do Bairro Alto arrastava uma vida tormentosa; ahi se representavam as comedias a *Creada astuciosa*, *O medico hollandez*, *Codre*, o *Lavrador honrado*, *Amor da Patria*, *A Dalmatica;* de 1765 para 1766, começam ahi tambem a ser representadas Operas italianas simultaneamente com a Companhia portugueza. David Perez ahi fez cantar a *Didone*, *Zenobia*, e *Semiramide reconosciuta*. E' na opera *L'Amore arteziano* que figura a celebre Cecilia Rosa de Aguiar, que por ter ficado em Portugal não attingiu a celebridade europêa de sua irmã Dona Luiza Todi. O Theatro do Bairro Alto achou-se de repente em um grande esplendor; os Fidalgos que protegiam o Theatro da Rua dos Condes ligaram as duas emprezas, e influiram para que tres setubalenses talentosas Cecilia Rosa de Aguiar, Luiza Rosa (Todi) e Isabel Iphigenia entrassem na carreira dra-

matica. Nicoláo Luiz foi « *ajustado para dar as Comedias.*» E' d'este anno de 1766 que se deve datar a Ode de Garção *Aos Fidalgos que protegiam o Theatro do Bairro Alto.* Garção era ouvido pela sua auctoridade, e n'esse mesmo anno de 1766 foi levada á scena a sua Comedia *Theatro novo.* Pela Ode citada vê-se como pensava no elemento nacional:

> Calçando o humilde sóco, ao feio vicio
> A mascara rasgada,
> Hão de ensinar no comico exercicio
> Como verdade do alto céo mandada.
> De *rosas* coroada
> Sãs maximas ditando ao povo rude
> Espalhe os claros raios da virtude.
>
> O jugo vergonhoso,
> Os cêpos, em que jazem prisioneiras
> Como escravas das Musas estrangeiras,
> Com animo brioso
> Desejam sacudir: serão louvadas,
> Dignas então de vós, por vós honradas.

Servindo este seu pensamento de libertar das Musas estrangeiras as nacionaes, Garção escreveu essa pequena comedia intitulada *Theatro novo*, que é uma satira contra os que exploravam a scena portugueza sem comprehensão da arte dramatica. Na Collecção das Obras poeticas de Garção copiadas pelo professor Antonio Lourenço Caminha, o *Theatro novo* traz a seguinte nota final: « *Este finalisado drama se representou no Theatro do Bairro Alto, em 22 de Janeiro de 1766, e o povo espectador o não deixou acabar com pateadas e assobios.*» (Fl. 154.)

Esta nota tem o valor de nos collocar pre-

cisamente na epoca em que os Fidalgos portuguezes protegiam o Theatro do Bairro Alto, e quando lhe ajuntaram a empreza do Theatro da Rua dos Condes. A queda da Comedia era inevitavel sob a férula de Nicoláo Luiz, encarregado de arranjar as comedias para o theatro, apanhando-as dos auctores hespanhóes e italianos que o Garção repellia. [1] Vejamos o elenco do *Theatro Novo.* Um Corretor viuvo, não tendo a quem pregar mais calotes, lembra-se que tem duas filhas bonitas, e um compadre brazileiro velho mas rico, e com tal perspectiva intenta formar um theatro com os capitaes do amigo. Juntam-se os socios da empreza, discute-se o systema que hão de seguir, distribuem-se papeis, até que por fim o compadre brazileiro percebe que o querem ludibriar e desfaz a sociedade casando com uma das filhas do corretor. O enredo é simples, porém os esclarecimentos historicos abundam; o Doutor Gil Lainel, que era o encarregado de compôr para o Theatro novo diz no congresso:

> . . . . o Theatro
> Depende mais que tudo do Poeta:
> Que fazem bastidores, e instrumentos
> Sem Dramas regulares? uma boa,
> E perfeita Tragedia, inda despida

[1] Garrett aprecia altamente o merito das obras dramaticas de Garção: «Com o dinheiro que elle (o povo) suava para as Operas italianas, para castrados, para maestros e maestrinos, podia ter quatro theatros nacionaes; e o Garção que lhe fizese comedias, que haviam de ser portuguezas de véras porque o Garção era portuguez ás direitas.» (*Auto de Gil Vicente,* introd.)

Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça e mais força, que um máo drama
No Theatro de Reggio ou de Veneza,
Com soberbas tramoias recitado.

Responde o Mestre da Musica, advogando a sua parte no espectaculo (provavelmente referia-se a David Perez):

. . . . . . ninguem te nega
O constante poder da Poesia,
Mas quem hade soffrer *Catão* ou *Dido*
Do grande Metastasio, repetido
Entre velhas cortinas, sem orchestra?

GIL:

. . . . no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cada graça consiste na doçura
De affeminada musica moderna,
Na remendada phrase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o portuguez Theatro,
Desaggravando a casta lingua nossa
Dos aleives que sem rasão lhe assacam.

APRIGIO *(Emprezario):*

Quem me dera que o bom Goldoni ouvisse
Como ronca um poeta de Lisboa.

BRAZ *(Licenceado):*

Tragedia é cousa que ninguem atura:
Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,
Quer rir e não chorar; lá vae o tempo
De lagrimas comprar ás carpideiras;
Não faltam boas Operas, Comedias
Em francez, italiano, em outras linguas,

Que pode traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico; que o povo
Só se agrada de lances sobre lances;
Quem isto não fizer, já mais espere
Que o povo diga — bravo, e dê palmadas.

Falla o ARCHITECTO *do Theatro*:

Venho ajustar o preço do Theatro,
Com Dramas não me meto; os Bastidores
E' só o que me tóca. Porem, digo
Que regular Tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De vistas sobre vistas, as tramoias,
Mares, incendios, dragos e batalhas
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em Theatro trovoadas
Com raios e relampagos tão proprios,
Que as damas desmaiavam; era um gosto
Vêr a gente fugir dos camarotes
Espantada bradar: Misericordia!

INIGO *(actor)*:

Pois se devo fallar, digo, senhores,
Que o Theatro sem Dança pouco vale;
Muito menos sem Musica. Podia
Quem a gloria quizesse de primeiro
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua portugueza: eu aqui trago
Uma por mim composta n'este gosto,
E' a *Perda de Troya;* vê-se Eneas
Sahir co' pae ás costas, vae Ascanio
Com os caros Penates abraçado.
Arde a cidade: cáem as altas torres;
Embarca a gente phrygia; muitos annos
Por inhospito mar andam vagando,
Até que surgem no distante Lacio
Onde Eneas a Turno tira a vida . . .
. . . .
Tem varios Duos, Arias, Cavatinas,
Eu cuido que desbanco a Metastasio.

JOFRE *(musico)*:

Digo o que entendo; e cuido que o theatro
Sem Musica e sem Dança nade vale;
Ha cousa mais formosa que a ligeira
Calada Pantomima, cujos gestos
Sem auxilio das vozes representam
Recondita paixão, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectaculo, que os leves
Grandes saltos mortaes? Que vêr nos áres
Bater co'os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em portuguez toda cantada;
Para tanto não é a lingua nossa.
Algumas árias, duos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o Theatro nós não temos verso.

Uma das filhas de Aprigio dá o seu parecer, e vota que só se representem as Operas do Judeu; o antigo theatro do Bairro Alto tinha sido o seu throno, e ainda depois de renovado, appareceram em scena em 1767 as *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, de mistura com o *Doente imaginario*, o *Magico de Salerno* e *Domine Lucas*. Assim dizia ella:

Eu sou de parecer, que só se façam
As Portuguezas Operas impressas [1]
Encantos de Medea; Precipicios
De Phaetonte; Alecrim e Mangerona.
Em outras nunca achei galantaria.

---

[1] Em 1747, por Simão Thadeu Ferreira.

Arthur *(mineiro rico, a quem o compadre arma traça para obter dinheiro):*

As Comedias de Calderon, Mureto,
Candamo, Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus senhores? Tanta gente
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,
Os Condes e os Marquezes que as ouviam
Com gosto e com prazer, eram uns asnos?
Só estes meus senhores têm juizo?

Gil:

Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, de Euripides, Terencio.

Aprigio:

Nada de grego, nada; fóra, fóra;
Sempre te ouvi dizer que elles não tinham
Os lances amorosos de que gosta
O povo portuguez.

Gil:

Queres a *Castro,*
Tragedia do Ferreira?

Aprigio:

Deus me livre!

Gil:

Pois, amigo, encetemos o Theatro
Com a minha *Iphigenia.*

Aprigio:

Bello nome!
Isso é que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas letras nas esquinas
Hade pescar curiosos a cardumes.

Desarranja-se o convenio da distribuição dos papeis; o velho mineiro rico Arthur Bigodes vendo que pode casar com Aldonça sem arriscar o seu dinheiro diz para o Compadre:

Amigo Aprigio Fafes, do Theatro
Bem te podes deixar; assaz nos bastam
Os Theatros que temos em Lisboa.
Nem tudo hade ser Opera ou Comedia.

E' então que termina o *Theatro novo* com os versos de Aprigio, em que Garção evoca a nossa tradição dramatica nacional:

Inda o fado não quer, inda não chega
A epoca feliz e suspirada
De lançar do theatro alheias Musas,
De restaurar a Scena portugueza.
Vós, manes de *Ferreira* e de *Miranda*,
E tu, oh *Gil Vicente*, a quem as graças
Embalaram no berço, e te gravaram
Na honrada campa o nome de Terencio,
Esperae, esperae, que inda vingados
E soltos vós sereis do esquecimento.

Era a previsão do Romantismo, quanto á obra de Garrett e reconstrucção da cadeia tradicional da historia litteraria. E reforçando o pensamento da *Ode aos Fidalgos que protegiam o Theatro do Bairro Alto*, exclamava:

Illustres Portuguezes, no Theatro
Não negueis um logar ás vossas Musas;
Ellas, não as alheias, publicaram
De vossos bons avós os grandes feitos
Que eternos soarão em seus escriptos . . .

Não eram as ideias de arte que levavam os Fidalgos a protegerem o Theatro do Bair-

ro Alto; pelo Ajuste de Contas judicial de Varella vê-se que na relação dos devedores de camarotes e bilhetes são quasi todos fidalgos, uns negando a divida, outros querendo espancar o cobrador. Os enthusiasmos eram pelas actrizes, como se vê por esta anecdota contada por Gramosa, juiz do crime na côrte: «Tinha o Duque (de Cadaval) seus galanteios com certa dama Actora no Theatro do Bairro Alto; o Marechal Smith, a quem não era desconhecida a inclinação e trato do Duque, deixou-se captivar de afeição pela dita Actora, dando-lhe a conhecer não só na representação das Operas, mas até chegou a esperal-a na sahida do Theatro, aonde lhe prestava a sua inclinação. O Duque, que tinha presenciado muitos d'aquelles obsequiosos cortejos, e informado pela mesma actora das fallas que lhe fizera o dito Smith, encontrando-o em um dos corredores do theatro deu-lhe um encontro mais forte, largando algumas palavras estimulantes, e veiu postar-se na sala de espera. Saíu o Marechal inglez pela dita sala sem que houvesse novidade. Publicaram-se logo no theatro e fóra d'elle todos estes factos, que não deixaram de produzir esperanças de grandes cousas, attendendo por uma parte os elevados espiritos do Duque, e pela outra aos não inferiores do seu rival, como Marechal e como inglez.» [1] Um pobre diabo amigo do Duque foi avisar o Marquez de Pombal do conflicto; o ministro

---

[1] *Successos de Portugal,* t. I, p. 34 a 37.

teve arte de compôr as cousas por fórma que as altas partes belligerantes declararam que nada se passára, sendo mettido no carcere o alviçareiro, que ahi jazeu esquecido até á acclamação de D. Maria I. Era assim a justiça do Marquez de Pombal; deu-se o caso em principios de Março de 1770.

No Theatro do Bairro Alto figurava no esplendor do seu talento e formosura Cecilia Rosa de Aguiar, da qual se lê no *Journal de Litterature, des Sciences et des Arts*, já citado: «A sua figura é verdadeiramente theatral, tem naturalidade na acção, o que a singularisa nos papeis de ingenua, mas conhece a fundo as regras da arte, e não pode representar papeis affectados. Finalmente, deixa-se dominar tanto pelo sentimento, compenetra-se por tal modo do seu papel, que tem acontecido adoecer depois das representações da *Inez de Castro*, sendo necessario descansar alguns dias. Tambem canta mui agradavelmente.» Para o Theatro do Bairro Alto viera do Theatro da Rua dos Condes uma comica afamada, a Maria Joaquina, que tinha os seus admiradores. Ficou immediatamente eclipsada pelo talento fulgurante de Cecilia Rosa de Aguiar; na noite de 6 de Setembro de 1766, distribuiu-se no Theatro do Bairro Alto o seguinte Soneto, o qual pela belleza e pela data bem parece escripto por Garção, embora se conservasse anonymo:

Formosa estrella, d'onde se occultava
Tanta luz, tanto ardor, que hoje em ti brilha?
Se apparecer um thezouro é maravilha,
Quanto se deve á mina que o guardava?

Volta ás settas d'Amor a doce aljava,
Venus se esconde; Circe já se humilha,
Estendendo o regaço, e na mantilha
Cupido envolverás, que te esperava.

D'essa voz, d'essa imagem na doçura
Competindo-te está na estancia amena
De Cecilia e de Helena a formosura;

Porém, se a sorte me trocara a scena,
Convertendo-me em Páris a figura,
Eu roubara a Cecilia e não a Helena.

E como complemento d'este Soneto correu um outro feito pelo mesmo poeta anonymo, mas em que ainda se sente a delicadeza do traço descriptivo de Garção; é á celebrada comica Maria Joaquina supplantada pelo talento colossal de Cecilia Rosa de Aguiar, e como uma especie de consolação:

Eu, que humanos sentidos encantava,
E devidos obsequios merecia,
Animada açucena parecia,
Resplendor matutino me julgava;

Mas a sorte cruel, que me esperava
Invejosa, traidora, féra, impia,
Por me tirar de todo a galhardia
Melhor flor, melhor astro destinava:

Era pois açucena, a que das flores
Nunca soube sentir crueis desmaios,
Conservando da gala altos primores;

Mas, apenas Cecilia fez ensaios,
Uma Rosa venceu tantos candores,
Um sol fez encobrir tão puros raios. [1]

---

[1] Communicados por Innocencio ao Dr. Ribeiro Guimarães.

Uma nova effervescencia se ia dar no theatro com a chegada da cantora venesiana Zamperini a Lisboa em 1770; não era agora a fidalguia que se exaltava, era o mundo da finança que sob a fascinação da cantora, organisou uma Sociedade para a exploração do Theatro da Rua dos Condes com o fundo de cem mil cruzados em acções, que foram impingidas aos negociantes mais conceituados da praça. Nomearam quatro administradores e inspectores da empreza, Ignacio Pedro Quintella, Alberto Mayer, Estolano de Faria, e Theotonio Gomes de Carvalho. Rememoramos aqui esta noticia da conhecida nota de Verdier, porque com a data de 1770 foi encontrada entre uma alluvião de papeis, que pertenceram ao archivo do Conde de Farrobo, uma carta que a Ignacio Pedro Quintella lhe dirigira o banqueiro Alberto Mayer, offerecendo a esse Administrador e inspector dos Theatros da Côrte, a comedia de Garção intitulada *A Assembleia ou Partida*, pela quantia de seis moedas. Esta comedia foi representada estando presente o Infante D. Pedro.

Na obra *Historia critica do Theatro, na qual se tratam as causas da decadencia do seu verdadeiro gosto*, traduzida em portuguez, para servir de introducção ao *Theatro* de Manoel de Figueiredo, e offerecida a el rei nosso senhor D. Pedro III, por Luiz Antonio de Araujo, e publicada em Lisboa em 1779, vem esta referencia á comedia de Garção *A Assembleia*, como tendo sido representada:

«Mas, Senhor, já n'isto principiamos a levar vantagem aos Dramaticos escriptores; já temos Poemas d'este genero, que ou lidos

ou representados nada inspiram contra os bons costumes; a prova é clara. Appareceu Manoel de Figueiredo com o seu *Theatro*, apenas alguma pessoa, que se tinha separado por meio de uma sabia critica do dominio das paixões, em que tinha sido creado, o podia lêr e com gosto; . . .

« Não trago á memoria a *Hermione* do famoso Quita, a *Castro*, nas quaes a moleza das paixões em nada faz abater o caracter sublime das personagens. *A Assembleia, que foi representada na presença de Vossa Magestade*, emendou um principio de vicios tão introduzido n'esta Côrte, sem que nenhum dos espectadores o tomasse por si.» (Dedic.)

Garção luctava com faltas de dinheiro, por causa de demandas em que deixou envolvida a sua casa; é para notar, o não servir-se da intimidade que tinha com Theotonio Gomes de Carvalho, um dos Administradores da empreza theatral. A data de 1770 interessa-nos, por que é na *Assembleia ou Partida* que se encontra o Soneto que termina:

> Suspira e diz: — Ah, saiba a cega gente,
> Que Amor nascendo moço se faz velho,
> *E um velho ter amor não é tontice.*

Nos manuscriptos do conego conimbricense Manoel de Figueiredo encontrou Camillo relacionado este soneto com a fatalidade que determinou o falecimento de Garção: « Eis aqui a funesta historia referida em poucas palavras pelo conego Manoel de Figueiredo commentando o Soneto que fica transcripto.» [1]

---

[1] *Curso de Litteratura portugueza*, p. 184.

N'esta comedia intercalou Garção a *Cantata de Dido*, uma das obras mais bellas do lyrismo portuguez, inspirada pelas emoções recebidas da musica de David Perez na Opera *Didone abbandonata*, que se cantou no Theatro do Bairro alto. Não se admira n'essa Cantata tanto a perfeição da fórma, como a comprehensão do genio grego revelado no pathetico, religioso, sombrio, incommunicativo á paixão, mas infundindo terror; é um quadro em que as partes se enlaçam em uma unidade completa que as domina. A arte grega é assim. A *Cantata de Dido* nasceu de uma objectivação, que se reflecte na serenidade da narrativa; o sentimento religioso pagão não é alli convencional, como os Olympos fabricados pela Arcadia, é uma emoção vivida, que se communica. Garção estava apaixonado. Elle o confessára na Ode XXXV, quando diz:

Depois de largo tempo, Amor, me vêres
O pé dos cêpos livre,
No regaço da paz dormir quieto,
Me moves nova guerra?
. . . .
Não queiras atear inutil flamma
Em pouca árida cinza,
Que os gelos de *oito lustros* esfriaram;
Desprega as leves pennas,
Vae-te, cruel. Acode onde te chamam
Os férvidos suspiros,
Os brandos rogos de gentis mancebos.

(*Obr.*, p. 192.)

Sabe-se que o poeta nascera em 1724; foi passados *oito lustros*, aos quarenta annos de edade, em 1764 que elle se achou envolvido

em uma paixão amorosa. Faz lembrar a situação de Garrett quando retratava a sua alma nas *Folhas cahidas*:

« Este inferno de amar como eu amo . . . »

Na comedia *Assembleia ou Partida* descreve-se a nova vida social que dava origem a estas intrigas amorosas; ha ahi mesmo uma pagina prophetica que é a estampa da atroz realidade.

— Partidas! Assembleia! Que mania!
«E chamas tu mania, ...
O viver como vive a gente séria
Hoje em Lisboa? Grandes e pequenos,
Todos querem gosar das sãs delicias
Do suave prazer da companhia.

— Sem esses bons prazeres e delicias,
Nossos avós e nossos paes viveram
Fartos, alegres, ricos e contentes.

— Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo
Que vão amanhecendo n'esta casa
Os polidos costumes estrangeiros.
Graças a Deus, que temos assembleia,
Que já temos partida, que podemos
Sem pejo conversar, que rir podemos
Sem receio dos olhos assustados . . .

Foi esta transformação rapida dos costumes admittindo uma facil sociabilidade em uma classe média que vivera confinada no isolamento domestico, que o Garção atacou na sua comedia de 1770; mas elle foi victima d'essa fascinação. E quando se lê o desfecho da *Assembleia ou Partida*, em que vêm prender o dono da casa Braz Carril, parece-nos vêr o quadro que mezes depois succedia ao poeta:

Haverá coração, haverá peito
Tanto de aspero e rigido diamante
Que não estale, ao menos se enterneça
Vendo do caro amigo miseravel
A consorte fiel desamparada,
Os innocentes filhos sem abrigo,
E nas mesquinhas mãos da fome horrenda,
Da triste desnudez e da vergonha
Expostos a desprezos e ludibrios?

(*Obr.*, p. 421.)

E' certo que o coração adivinha. O que o poeta escrevia na visão subjectiva de 1770, tornou-se inexplicavel realidade em 1771, vindo aggravar-lhe o estertor o ludibrio do prepotente.

§ VII. Garção victima do rancor do Marquez de Pombal

A vida intima de Garção, o sentimento da sua obra poetica não podem ser bem comprehendidos sem o conhecimento da transformação profunda que se operou repentinamente nos costumes da sociedade em Lisboa. A commoção produzida pela catastrophe espantosa do terramoto do 1.º de Novembro de 1755 manifestada pela expansão do egoismo do instincto de conservação, foi-se apaziguando em uma reacção sympathica de mutuo affecto, que attrahia os individuos e as familias para uma até então não usada sociabilidade. E' isto o que sempre se dá entre os companheiros de um desastre; os indifferentes que escaparam do mesmo perigo, ficam ligados por uma reciproca affectividade. As familias que

viviam confinadas no isolamento e desconfiança domestica pelo terror das denuncias ao Santo Officio, e pela preoccupação catholica do peccado suggerido pela approximação dos sexos, acharam-se espontaneamente levadas a reunirem-se em *Partidas* ou *Assembleias*; os jogos, as conversas animadas, a recitação de poesias estimulavam a vida do espirito e davam aos caracteres um maior relêvo. E' certo que, pelo automatismo do costume não pareceu bem esta repentina sociabilidade, [1] que era condemnada como *estrangeirismo;*

[1] «Ha cincoenta e sette annos, quando tratavam de ajuntar-se os Alumnos para formar a *Arcadia de Lisboa*, conheci hum curioso, que desejando introduzir-se em algumas assembleias distinctas, fallando com o seu protector, personagem amante das Sciencias, lhe expoz o seu desejo e o seu pensamento: era copiar elle os versos mais conhecidos que havia em manuscripto, e mais celebrados, fazer uma Collecção, de que já tinha hum bom volume, e poderia augmentar a dous ou tres; leval-o comsigo na carruagem, e lá quando a occasião o pedisse, entrar o curioso a ler os versos á maneira dos Entremezes e dos Sainetes em musica dos Hespanhoes; pois ainda não tinha chegado nas Assembleias ao zenith o frenesi do jogo do whist, a Musica, a Dansa, que absorveram depois todo o tempo. — Lembra-me que entre os versos que tinha já copiado o curioso, eram os Sonetos do illustrissimo e exc. sr. Conde de Tarouca, as Obras de Paulino Cabral de Vasconcellos, abbade de Jacente, e outros muitos dos mais estimados, celebrados d'aquelle tempo, e n'este mesmo principiou a conhecer-se João Xavier de Mattos, pela sua Ecloga de *Albano e Damiana*, que fez muita bulha; os cegos e os seus moços atroavam a rua com o pregão, não se tinha civilisado tanto com as gentes a impressão.» *Theatro* de Manoel de Figueiredo, t. XIV, p. 464.

nas satiras do tempo vê-se o reflexo d'esta condemnação, que na sua bella comedia *Assembleia ou Partida* Garção synthetisou no typo de Gil Futoste. Por causa da guerra provocada pelo Pacto de Familia entre Carlos III e Luiz XV, contra Portugal em 1762, muitos officiaes estrangeiros vieram para Portugal com o fim de formarem os quadros do nosso exercito. Sobre este ponto escreve Gramosa nas suas memorias: «Concorreram de todas as nações muitos officiaes de todas as patentes, e homens muito recommendados na arte militar, os quaes se repartiram por todos os Regimentos instruindo os soldados no manejo adequado . . . De Inglaterra vieram tres generaes Tirawli, Frazer e Smith, todos muito peritos e acreditados pelas acções militares em que tinham dado provas do seu valor e merecimento; . . .» [1] Pelo processo da Inquisição de Coimbra contra José Anastacio da Cunha ha referencias a essa culta officialidade estrangeira que estava em Portugal, e á liberdade de espirito com que fallavam espalhando insensivelmente uma certa insurreição mental; assim o brigadeiro Ferrier, escossez, pedia a José Anastacio que lhe traduzisse em verso portuguez algumas poesias francezas e inglezas, e o major Frazer, inglez, offerecia á esposa do governador da praça de Valença a *Oração universal* vertida por José Anastacio, cujo talento excepcional era apreciado na intima convivencia além dos militares citados, dos capitães Muller, Grand, Camel, tenente

---

[1] *Successos de Portugal*, t. I, p. 218.

Archibold, major Kinseshae, Carrete, Mehuz, Keniri, e outros que liam Voltaire e Rousseau, e discutiam todos os problemas da liberdade de consciencia. Na sua confissão na Inquisição de Coimbra José Anastacio declarou que passava com o Ferrier e Frazer «especialmente de noite, lendo algumas passagens em Voltaire, e mais em Horacio, Ovidio e Pope, as traduzia para se entreterem e divertirem:...» Pelo mesmo processo se vê que as damas tambem se interessavam por estas questões immanentes em obras poeticas, como D. Anna Bezerra e D. Anna Isabel Forjaz. [1]

Garção vivia tambem na intimidade dos officiaes estrangeiros, os quaes cita affectuosamente nos seus versos, como o coronel Mac-Bean, Weinholtz, Mardel; e como redactor da *Gazeta de Lisboa* estava ao facto do movimento da politica europêa, tornando assim a sua conversa agradavel, matisada pelo conhecimento que tinha das linguas franceza, italiana e ingleza. E' esta fina sociabilidade que se reflecte nos seus versos através do colorido *horaciano*, que não destôa da situação; elle vive sob a pressão de um governo despotico que legitíma todos os crimes pela Rasão de Estado, e sob a intolerancia da religião que mantém a orthodoxia da fé á custa de todas as atrocidades: em contacto com homens instruidos, e seguros de si como estrangeiros para formularem as suas opiniões, Gar-

[1] Trata-se amplamente na *Historia da Universidade de Coimbra,* t. III, p. 607 a 636.

ção reduz toda a sua liberdade a risonhas ironias, procurando tirar do bem estar do momento essa *cenesthesia* ou harmonia das suas emoções. Na Epistola III, falla elle de si como de um homem:

> Que leu, e que estudou; e que aprendia
> Ao menos a zombar da má fortuna;
> Que illustres bons amigos o buscavam,
> Como allivio da barbara tortura
> De conversar com Getas e Tapuyas.
>
> (*Obr.*, p. 209.)

E' na sociedade com damas formosas e com homens cultos que elle está á vontade, sendo aliás naturalmente retrahido, como conta o conego Figueiredo. Não admira que esses officiaes estrangeiros o convidassem para as suas reuniões, como vêmos pela Ode IV, que na edição de 1778 traz a rubrica: «*Sendo convidado para assistir a hum pouco de Ponche que se havia de fazer no outro dia; elle quando veiu trouxe esta Ode. A Lydia com que falla é* (a sr.ª D. Elena Filippa Xavier Navarra) *e a Marilia* a (sr.ª D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos.)» E' verdadeiramente horaciana:

> Conversemos, bebamos, murmuremos;
> Comtigo as Graças vem, commigo Amores,
> Que no varrido lar ao lume sécam
> As orvalhadas pennas.
> . . . .
> Ferve o cheiroso ponche, que desterra
> A pesada tristeza, os vãos temores,
> Que deixa voar solto o pensamento
> Nas azas da alegria.
> . . . .

Não queiras triste penetrar a densa
Caliginosa nevoa do futuro;
Não percas um instante de teus dias:
Olha, que o tempo vôa!

Vôam com elle nossas esperanças,
Castellos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa scena da fortuna
De improviso se troca!

(*Obr.*, p. 83.)

E penetrando mais intimamente n'esta delicada sociabilidade, em que as damas se sentiam inclinadas para aquelle apaixonado temperamento artistico, vamos encontrar a Ode XXXIII: «*A uns annos de uma Senhora ingleza*,» na qual exaltando-lhe as virtudes, diz logo:

Do angelico semblante os resplendores
Inda faz mais brilhantes.
Em seus olhos gentis a formosura
Os corações pisando,
Despedaça de Amor as cruas settas,
Subjuga o fatal nume.

A Ode XXVI, que tem a rubrica: «*Traducção de uns versos inglezes feitos a um seu grande pintor*» levam a suppôr que seriam feitos no convivio d'essa mesma Senhora ingleza, que tambem o apreciava como pintor. As francezas e inglezas com outra desenvoltura e maneiras graciosas em contraste com o mutismo e ár tacanho das senhoras portuguezas dos tempos que já lá vão *(le bon vieux-temps)*, facilmente exerciam uma fascinação no meio social em que aqui se encontravam. Deu-se um facto analogo com a mocidade ro-

mana, quando na Cidade eterna entraram as mulheres syrias e judias trazidas pelos triumphos militares; foi quando nos versos de Tibullo e de Propercio entrou esse fogo desconhecido no lyrismo antigo. Garção tambem se achou *aos quarenta annos* assaltado pelo amor, quando já contava com todas as suas paixões apaziguadas; e pela data de 1764 se vê que coincide com este contacto da sociabilidade com esses officiaes estrangeiros. [1] Embora mysteriosa e mal conhecida, esta paixão

---

[1] Tambem por este tempo Diniz manifestava uma certa sympathia por uma tia de Garção, da qual falla na carta a Theotonio Gomes de Carvalho, de 25 de Outubro de 1765:

«Remetto essa pintura, que V. m. mostrará ao *Sr. Garsam*, para que faça outras similhantes. Lembro a V. m.ce que tambem hade ser vista com hũa luz por detraz. He reliquia dos Inglezes, que por acaso achei entre uns papeis, e n'elles se tornaram seis, que me deu o Governador de Castello de Vide. Dirá V. m.ce mais ao sobredito, que eu lhe prohibo o mostral-a a *sua tia, minha Senhora D. Catharina,* já que é tão avara com os seus retratos.» Ms. autogr. fl. 114 &. Na Bibl. nac., N.º 6965.

O Soneto LXVI da Centuria II, de Diniz, refere-se a esta tia de Garção que elle encontrára na Fonte Santa:

Dá-me, meu Corydon, dá-me esse vaso
Em que brilha a soberba malvazia;
Da-m'o prestes, que em ditoso dia
Ha de tudo commigo ir aqui raso.

Vê pois, com que prazer no bucho o vaso,
A' saude da tua gentil tia . . .
. . . .
O Céo dos temporaes te izente aos danos,
Por que brindando á tia Catharina
Do teu licor bebamos muitos annos.

teve um desfecho tragico; é isso o que nos faz mais sympathisar com o poeta, procurar a verdade subjectiva dos seus versos, e exercer a critica para reconstruir a realidade.

Possuido do genio horaciano pela fina erudição e pelo temperamento, Garção idealisa o seu lar domestico da quinta da Fonte Santa, um retiro que faz lembrar a Tibur do poeta venusino, com os seus *sodales* ou pessoas intimas que o frequentam, e que se lhe chegam a tornar necessarias quando demoram as visitas. São essas suaves relações affectivas que elle descreve sempre nos seus versos. Vivia alli em uma certa sumptuosidade, que depois desappareceu pelo accidente de processos judiciarios, e em que revelou a sua encantadora serenidade philosophica. Importa separar estas duas situações. A *Fonte Santa*, aonde concorriam os poetas da Arcadia, como Theotonio Gomes de Carvalho, Francisco José Freire, Diniz, Quita e Manoel Pereira de Faria, com os officiaes estrangeiros Frederico Weinoltz, Mac-Bean, Mardel e outros, era um retiro encantador, em que se trocavam pensamentos com intima confiança, um como oásis n'esta sombria e suspeitosa sociedade incerta sob os processos camerarios da Inconfidencia do terrivel ministro. [1] No *Diccionario biblio-*

---

[1] Ácerca do sitio da *Fonte Santa*, escrevia-nos Innocencio em carta de 18 de Janeiro de 1861: « Garção assistia no sitio chamado da Fonte Santa (por virtude de uma que alli havia, e que por signal secou haverá seis ou outo annos). Esta fonte, extra-muros, ficava contigua pela parte de baixo ao cemiterio do alto dos Prazeres e á borda da estrada.— Na Fonte Santa

graphico portuguez, affirma Innocencio que a casa do poeta ficava á direita da fonte que dera nome ao sitio, e que possuia contigua uma outra casa, que elle allugára ao seu amigo o coronel Forbes Mac-Bean. Todas estas pequenas particularidades se tornam necessarias para esclarecer um dos accidentes da sua vida. Depois do terremoto, receando-se algum novo abalo, como effectivamente succedeu em 1762, muitas familias preferiram viver nos arrabaldes de Lisboa; e assim, na falta de espectaculos e distracções publicas jogava-se desesperadamente o whist, versejava-se com allegorias mythologicas e fórmas bucolicas, e o chá ou o ponche eram a delicia das partidas. A visinhança da familia do coronel Mac-Bean intendente da Artilheria ao serviço do governo portuguez, e encontro ahi de outras familias inglezas que o frequentavam, animou o retiro de Garção desalentado pelo quasi desmembramento da Arcadia; ahi tomou conhecimento mais largo da litteratura ingleza, cujo theatro cita como o *Catão* de Addisson,

---

estive eu sentado bastantes vezes, quando em annos mais verdes frequentava a meudo aquelle sitio, attrahido pelas reminiscencias do infeliz poeta: e ha hoje talvez vinte annos, que eu e outro amigo consumimos uma tarde de verão em busca de uma pedra que devia existir por alli algures e que não podémos encontrar, na qual o Garção (contava o meu amigo Assentis) mandara gravar o seguinte Epitaphio para servir de campa na sepultura de um cão, que muito estimava:

«Aqui jaz um malhado e bom rafeiro . . .»

Mais tarde publicou-o no *Dicc. bibliographico.*

e apropriava-se das condições com que se tornaria um precursor do Romantismo em Portugal se a sua vida se prolongasse. No seu retiro da Fonte Santa era consultado como mestre; Quita confessa quanto lhe deve, e no Idylio VI descreve essa seductora vivenda:

> Lá no valle da Fonte se divisa
> De Corydon a choça rodeada
> De altos loureiros enredados de hera.
> Ah sabio Corydon, que em doce abrigo
> Ao amigo calor de um brando fogo,
> Gosas da paz que habita com o justo!
> Talvez que ao lado da formosa Filis
> Tocando estéjas na canora lyra...
> Ah, quem podesse, Corydon amado,
> Ir gosar o teu canto deleitoso!
> Mas tu móras, pastor, além do rio...

Por este tempo tinha o poeta capella em casa, [1] sege e lacaios, e o seu antigo creado grave Manoel José, que memora affavelmente

---

[1] Lê-se n'este Aviso regio:

« Para o Arcebispo de Lacedemonia.

« Sendo presente a S. Mag.de o Breve incluso, que em tempo habil foi expedido a favor de *Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção* e de sua mulher D. Marianna Xavier Fróes de Sande Salema para poderem ter missa em as casas da sua habitação; não teve o mesmo Senhor duvida que V.a Ex.a o possa dar á sua devida execução, não obstante os Editaes em contrario, precedendo as mais diligencias que forem precisas. D.s g.de a V. Ex.a Paço, a 9 de Dezembro de 1760. | Francisco Xavier de Mendonça Furtado.» (*Avisos* de 1760 a 1762, vol. 8, fl. 56 v. Na Torre do Tombo.) Tambem a fl. 48 v vem egual breve confirmado a favor de seu irmão Joaquim Manoel Corrêa Garção e sua mulher D. Rita Caetana Felix Xavier de Moura para terem na sua habitação Oratorio e missa. 21 de Novembro de 1760. *(Ib.)*

nos seus versos. [1] Era uma *aurea mediocritas*. Celebravam-se com alegria ruidosa as festas domesticas, como o natal e as fogueiras de S. João, com que divertia seus seis filhos José Maria, Francisco, [2] Maria da Hora e os outros tres, que lhe pediam dinheiro para fazer fogueiras. A officialidade estrangeira que frequentava a Fonte Santa não encontrava egual sociabilidade e jovialidade franca nas outras familias portuguezas, e as damas tratavam o poeta como homem de fino gosto, dando-lhe uma confiança facil de amabilidades que não estavam nos nossos costumes. Não admira que do galanteio fosse arrastado á paixão, e que o desvairasse o espinho da carne, de que se queixava S. Paulo. Garção celebra com um sybaritismo horaciano esses habitos novos, que tanto o absorviam e lhe faziam esquecer o seu sonho da Arcadia:

> O louro chá no bule fumegando
> De Mandarins e Brahmenes cercado,
> Brilhante assucar em torrões cortado,
> O leite na caneca branquejando;

---

[1] No Soneto XLI ao P.e Delphim, capellão do Loreto, que não apparecia na Fonte Santa, escreve-lhe:

> Sege te mandarei, se sege queres . . .

E no Soneto L:

> Lacaios, mulher, filhos e criadas
> Todos clamando estão pelas fogueiras . . .

No soneto XXXIII, manda o *Manoel* saber do P.e Delphim; o soneto XXXV é um dialogo com o Manoel, quando regressa.

[2] Na Epistola II, diz: «O Chico mostra rotos os sapatos.»

Vermelhas brazas alvo pão tostando,
Ruiva manteiga em prato mui lavado,
O gado feminino rebanhado . . .
. . . .

(Soneto XVI.)

Depois de cochichar o chá se toma;
Eis aqui o *Long-Room* da Fonte Santa.

(Son. LI.)

Na Comedia *Assembléa ou Partida*, em que descreve Garção os novos usos da sociabilidade, falla das amorosas intrigas nascidas n'essa repentina convivencia:

Anda voando Amor nas Assembleas,
E qual sonora abelha em lindas flores,
Bebe o suave nectar nos formosos
E triumphantes olhos das madamas,
Com que ferozes corações abranda
De homens os mais austeros e sisudos.

Garção parece já que procura justificar-se; é n'esta comedia que em um Soneto glosa o verso: «Que ter um velho amor não é tontice.» E ahi mesmo mostra o effeito capitoso da poesia nas mulheres, quando a Dulce da comedia diz:

Oh que fracas que somos! Pois nos rende,
Nos encanta e cativa a liberdade
O doce som de umas sonoras vozes,
Que raras vezes, mana, percebemos.
. . . .
As que de versos gostam, não resistem
A' buena-dicha de um Poeta amante.

Garção dizia-o pela experiencia; e como nos seus versos estavam implicitos os elemen-

tos d'esta seducção poética, era por isso reservado em extremo sobre as suas composições; pelo que dizia o conego Figueiredo: «não sei por que *occulto mysterio* era sobremaneira difficil em communicar os seus escriptos.» No meio d'esta familiaridade despreoccupada em que se cantavam Modinhas ao som da rabeca do P.e Antonio Delphim, sempre desejado na Fonte Santa, Garção era provocado a galantear as damas com allegorias cupidinescas. O Soneto XLVII tem a rubrica: *A uma Senhora, a quem o Autor chamava sua mãe;* é extremamente exaltado, e aproxima-nos um tanto da realidade:

Commigo *minha mãe* brincando um dia
A namorar co'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos me esperava
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a amal-a;
Ditoso, se tal arte não soubera,
Não me custara a vida não logral-a.

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubera agora desejal-a,
Nem de tão louco amor enlouquecera.

Este soneto pinta uma situação clara; o poeta é que foi fascinado, e sente a loucura da obsessão de um desejo irrefreavel. O tratamento de *sua mãe* servia para mascarar um ardente affecto sob a apparente serenidade. Encontrámos mais sete Sonetos ineditos

sobre este equivoco de sua *bella mãe*, todos vibrantes de paixão, que nos fizeram sentir a verdade e realidade do que fica transcripto. [1] Não era com uma menina ingenua, mas com uma mulher casada, caprichosa e voluvel, que o poeta se enredára aos *quarenta annos*, quando se achava já arrefecido e pae de seis filhos. Começára por um innocente platonismo, e esse destempero tão frequente em damas estrangeiras dando aso a liberdades inesperadas levou-o ao incendio do desejo. Demais, essas intrigas amorosas eram a caracteristica da epoca; as mesmas galanterias do *Pays de Tendre*, que se passavam nas côrtes, nos salões, nas grades dos conventos, invadiam tambem a singeleza das reuniões domesticas. Seria aquella a quem o poeta chamava *sua mãe* e *bella mãe* a *Senhora ingleza* a quem fazia versos apaixonados no seu anniversario? [2] Ella não vivia na Fonte Santa, mas vinha alli a casa da familia Mac-Bean em frequentes visitas e ahi se travaram

---

[1] Vêm reproduzidos adiante na *Bibliographia das Obras poeticas de Garção*, na Collecção de Sonetos ineditos.

[2] Este tratamento carinhoso não é de uso em Portugal, mas revela-nos que era tomado da familiaridade ingleza. Em uma carta de M.me Austin dirigida a Augusto Comte em 3 de Março de 1844, diz que dera desde longos annos o tratamento de *meu caro filho* a Stuart Mill: « Eu vou meter-me a traduzir os trechos admiraveis e salutares de que fallara, e os enviarei ao *meu caro filho* John Mill, — porque é assim que elle é para mim desde que elle contou os 14 annos.» (Vid. *Revue Occid.*, 1.º de Nov. de 1898, p. 439.) Por esta comprovação se reconhecerá que era a uma Senhora ingleza aquella a quem o Garção chamava *sua mãe*.

as relações. No Soneto IX expressa o poeta uma allegoria relacionando a Fonte Santa com o estado da sua alma:

> Ao som da Fonte Santa que corria,
> Na alva borda do tanque debruçado
> De cansados desejos já cansado
> O triste Corydon adormecia.
>
> Em doce sonho imaginando via
> De Belisa gentil o rosto amado,
> Que na trémula vêa retratado
> Dos olhos cobiçosos lhe fugia.
>
> . . . .
>
> — Se folgas de que morra um innocente,
> Por que foges de mim, nympha, sabendo
> Que amor me mata quando estás presente?

Fixada esta paixão em 1764, aos *outo lustros*, como confessa o poeta, esqueceu-se totalmente da Arcadia e até dos seus proprios negocios, começando de 1766 para elle uma epoca de difficuldades economicas. [1]

---

[1] «Em Petição de Pedro Antonio Corrêa Garção em que pede se lhe acceite a prestação annual de reis 50$000 para pagamento de cento e outenta e dous mil reis, que deve a Antonio Xavier Soeiro:

«Attendendo ao que o supplicante representa, Hey por bem acceitar-lhe a prestação annual de cento e outenta e dous mil reis, que deve a Manoel de Sousa Soeiro, *executado pela minha real Fazenda pelo que resta da Thezouraria geral das Sisas d'este reino, que serviu.* O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido e faça executar, procedendo-se na segurança da dita prestação. Palacio real de N. S.ª da Ajuda, a 30 de Abril de 1766. || Com rubrica de S. Mag. || (Decretos de 1764 a 1766. vol. 4.º, fl. 221 ỿ.) — Talvez que o verso da Ode XXVIII: «Ah illustre *Soeiro*, doce amigo» se refira a este Antonio Xavier Soeiro, fixando-nos a data da composição. Pelo novo Regimento das Sisas foi

Aggravou-se-lhe mais a situação com demandas que teve de sustentar, as quaes embaraçaram de se fazer o inventario dos bens por sua morte, dentro de um anno. Comprehende-se o estado da sua alma pelo Soneto XVIII:

> Vejo na vasta scena do futuro
> De tragico destino a face accesa, . . .
>
> Rasgar-me o peito e coração figuro,
> Da torpe inveja a barbara fereza;
> *Da fome crua, esqualida pobreza*
> *Em vão fugir desejo, em vão procuro.*

O poeta tem o presentimento da desgraça que avança sobre elle. E no Soneto XXI ao opulento e alto funccionario Theotonio Gomes de Carvalho, manda um peditorio:

---

creado o logar de Thezoureiro geral d'ellas, sendo nomeado Antonio Xavier Soeiro por tempo de 3 annos pela Resolução de 28 de Junho de 1752. Por Alvará de 9 de Maio de 1755 se lhe prorogou por mais 3 annos o servir o logar de Thezoureiro geral das Sisas. (Registo das Mercês, Liv. 46, fl. 125 v.)

Por falecimento de Antonio Xavier Soeiro, foi despachado para este logar por Alvará de 8 de Maio de 1760, Luiz Antonio de Leiro, tambem por trez annos começados a contar desde o 1.º de Janeiro d'esse mesmo anno.

Quando foi pois que Garção serviu o logar da Thezouraria geral das Sisas? Foi ainda em vida de Antonio Xavier Soeiro, de 1758 ao principio de Maio de 1760, e no seu impedimento, por isso que lhe ficou devendo 182$000 rs., sendo-lhe concedido o pagar em prestações 50$000 ao irmão d'elle, Manoel de Sousa Soeiro, que arrecadava esta divida pelas razões seguintes:

Metto a mão na algibeira, acho só versos.
De versos, me diz elle, quem se veste?
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os fados tens achado adversos;
Mas pede a Theotonio que te empreste
Um dobrão de seis mil e quatrocentos.

Na Epistola II Ao Dr. João Evangelista, que no Ms. de 1767 traz a rubrica: «*a um Ministro seu amigo, que estava em a Provincia do Minho e lhe pedia fosse para lá, porque tinha um tio que lhe queria deixar uns prazos,*» pinta o poeta a situação desolada em que por este tempo se achava:

Assim depois de tantos negros dias
E longas noites, mais que as de Lamego,
Em funebres ideias mal gastadas,

. . . .

Com data de 15 de Junho de 1759 foi a informar ao Provedor dos Orfãos e Capellas um Requerimento de Manoel de Sousa Soeiro, para ser nomeado tutor de dois menores, filhos naturaes de seu irmão Antonio Xavier Soeiro, que pelo falecimento d'elle ab intestado, e orfandade de mãe tinha em sua casa e educava. A 15 de Junho fez-se a assentada das testemunhas ante o Juiz do Crime do Bairro de Santa Catherina, servindo de Provedor dos Orfãos sendo-lhe passado o competente informe em 25 de Junho, e a provisão em 9 de Julho de 1759. Os dois menores chamavam-se Joaquim Xavier Soeiro e D. Thereza Sizilia. (Desembargo do Paço, Côrtes, Extremadura e Ilhas.— Maç. 152. Torre do Tombo).

Vê-se pois que o Garção foi executado pela real fazenda pela divida de que eram herdeiros os dois menores representados em direito por seu tio. (Devemos parte d'estes apontamentos ao bom amigo Pedro Augusto de Azevedo, e general Brito Rebello).

Dos olhos me fugiu o santo lume,
Que me guiava ao cume do Parnaso.
. . . .
Mas de poeta, amigo, só me resta
Desastres e miserias; filhos rotos,
De valadio o tecto, a vinha calva,
Caseiros, architectos e criados
Mais duros que as catastas de Perillo.
. . . .
Dize-lhe que sou doudo, que desprézo
Opulentas heranças; que inflexivel
Com semblante sereno e socegado
Não me cansa soffrer a mão pesada
Da fome e da penuria; não me espanta
A carregada nuvem da desgraça
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.

E na Epistola III, ao seu amigo Sarmento, pinta o viver apertado da Fonte Santa:

. . . . não te assusta
O suspeito convite de um poeta,
Affeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde tugurio noto açouta,
E áfrico lhe arripia as leves telhas,
Hoje podes cear na Fonte Santa.
. . . .
A desabrida noite nos convida
A que juntos passemos poucas horas
Em doce trato, em doce companhia:
Teremos bons parceiros, cartas novas,
E em ruivos castiçaes de pexisbeque
Arderão duas candidas bugias.
Ja na mesa fumega o precioso
Natural elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido
Que o pão de cada dia, n'esta casa.
. . . .
Não me namoram fartos testamentos,
Opulentas heranças; a meus filhos
Basta só que lhes deixe para exemplo
A nobre tradição, de que descendem
De um pae, que *detestou a vil lisonja,*
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho.

Segundo uma tradição da familia, publicada por um neto do poeta Pedro Stockler Salema Garção, é sobre a recusa de um despacho que teve origem o rancor do Marquez de Pombal: « Agora mencionaremos os factos tal como tradicionalmente nos foram transmittidos entre familia, com aquella imparcialidade, que deve a penna de um escriptor parente.—Chegando aos ouvidos do Marquez de Pombal o merito conhecido do nosso Poeta, com sincera admiração abonado por pessoas que tinham cabida no gabinete do ministro, consta que este por mais de uma vez lhes dissera:—Se me pedir ser empregado n'esta Secretaria, de boa vontade o nomearei.—Feita assim esta declaração espontanea que de algum modo revelava os explicitos desejos do Marquez, apressaram-se alguns amigos a communical-a ao nosso poeta, revestindo-a de côres as mais lisonjeiras; mas este como dotado (vid. *Epistola ao Desembargador Manoel Sarmento)* de um espirito nobre, sem que fossem mais por diante lhes respondeu com muito sangue frio:—Meus amigos, eu não nasci com genio proprio para servir ao pé de altas personagens.=Porque? lhe perguntaram.—Porque jámais (disse elle) poderei presencear acto algum injusto sem que redondamente o reprove.—Como a intriga achasse aqui um fio opportuno para urdir a sua têa, a fim de se fazer valer ainda que por baixos meios, não faltou logo quem se antecipasse em levar esta resposta ao ministro, que mui diversamente a esperava e que desde então creou occulta aversão ao poeta, talvez porque se persuadisse e quizesse persua-

dir os mais de haver sido como ministro sempre impeccavel na sua carreira publica; e como o resentimento disfarçado seja quasi sempre companheiro inseparavel do desejo de vingança, deveremos fixar aqui *a primeira causa das perseguições* que cercaram e surprehenderam o nosso poeta por uma resposta vaga, que não indicava allusão directa á administração do marquez, mas que só manifestava o caracter franco de que era dotado como implacavel inimigo da mentira e lisonja.» [1] Garção sentiu que se agglomeraram em volta d'elle os nimbos da tempestade, e fortificando-se em uma certa impassibilidade philosophica, escrevia sob essa impressão a Ode VI, á Virtude:

O constante varão, que justo e firme
Da difficil virtude segue os passos,
O pesado semblante do tyranno
Não teme, não estranha.

. . . .

Em severos costumes ensaiado,
Présa mais a innocencia do que a vida;
Fiel á patria, ao principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Parece que o poeta escrevia o seu eterno epitaphio. Com a data de 8 de Abril de 1771 expediu o Marquez de Pombal o seguinte Aviso:

«Para o Corregedor do Crime do Bairro de Belem.

El Rey Meu Snr. he servido que V. M.ce

---

[1] Na *Imprensa e Lei*, n.º 537 e 539. (1855.)

logo que receba este Aviso procure com todo o cuidado prender a *Pedro Antonio Corrêa Garção*, morador na sua quinta á Fonte Santa, e a Manoel José seu criado grave, e os conduza ás cadêas do Limoeiro, onde devem ser conservados em segredo separados: e logo que V. M.ce executar esta real Ordem me dará conta para ser presente ao mesmo Snr. D.s g.de a V. M.ce Paço a 8 de Abril de 1771. | Marquez de Pombal.»

Effectivamente foi Garção preso em a noite de 9 de Abril, e conduzido ao Limoeiro, onde se conservou no carcere de segredo durante outo mezes, sem que a sua prisão fosse abrandada. [1] Lembra-nos o desterro de Ovidio, como o descreve Camões na Elegia III:

> Sua cara mulher desamparando,
> Seus doces filhos, seu contentamento.

Sua mulher D. Maria Anna Salema recorreu a todos os altos personagens amigos do poeta para lhe acudirem em tamanha catas-

---

[1] Na mesma data foi expedido outro Aviso:

« Para o Corregedor do Crime do Bairro Alto.

El Rey meu Snr. he servido que V. M.ce logo que receba este Aviso procure com todo o cuidado prender a Francisco Antonio Lobo, morador na rua Formosa, que parece ser filho do Escrivão da Guarda, e o conduza para a Cadea do Limoeiro, onde deve ser conservado em um separado segredo; e logo que V. M.ce tiver executado esta Real Ordem me dará conta para ser presente ao mesmo Snr. D.s g.de a V. M.ce Paço a 8 de Abril, de 1771.— Marquez de Pombal.»

Este Francisco Antonio Lobo figura nas tradições de familia como o auctor do facto imputado a Garção.

trophe; o ministro nunca largava a presa senão depois de a sentir já fria, e a desolada esposa chegou a fazer conhecida do monarcha a situação do poeta. Ao fim de muitas deplorações conseguiu que sahisse Garção do segredo em novembro d'esse anno, ficando no carcere commum. E' natural que os homens importantes que manifestaram certa consideração pelo poeta intercedessem por elle, mas tudo foi improficuo. Havia effectivamente um acinte rancoroso da parte do Marquez de Pombal; só quando lhe constou que o Garção estava na enfermaria do Limoeiro com uma doença aguda e já agonisante, é que assignou a seguinte ordem de soltura:

«Aviso.—Para o Cardeal Cunha.

Ex.^mo^ e Rev.^mo^ sr. Sua Magestade é servido que V. Eminencia mande soltar a *Pedro Antonio Corrêa Garção*, e a Francisco Antonio Lobo de Avila, que se acham presos na cadêa da côrte, por ordem do mesmo Senhor; assignando os sobreditos presos um termo perante o Corregedor do Crime do Bairro da Rua Nova, de sahirem da referida cadeia para fóra d'esta côrte, á qual não poderão voltar em quanto S. Mag.^de^ não mandar o contrario. —D.^s^ g.^de^ a V. Em.^a^—Paço, 10 de Novembro de 1772. José de Seabra da Silva.» [1]

---

[1] *Avisos*, Vol. 11, fl. 109. (Na Torre do Tombo.)
No Archivo da Cadeia do Limoeiro os Registos começam em 23 de fevereiro de 1756. Infelizmente faltam os relativos ao periodo que vae de 27 de Abril de 1758 a 23 de Abril de 1775. E' o que nos escreve o sr. Faustino da Fonseca, em carta de 15 de Dezembro de 1898, que nos prestou o favor d'esta investigação.

Segundo a tradição conservada por Garrett, esta ordem de soltura foi expedida «*algumas horas depois de o saberem morto,*» tendo sido «muito de antes promettida por el-rei á desolada esposa.»

Sem contradictar esta tradição, Innocencio esclarece-a com o testemunho de um neto do poeta: «O facto é, que achando-se elle perigosamente enfermo, a mulher solicitou a permissão de transportal-o para casa, e depois de muitas diligencias conseguiu, passando-se a ordem de soltura ou remoção, a qual ella foi levar ao Limoeiro na manhã de 10 de Novembro; porém o Garção estava já nos paroximos da morte, e não pôde aproveitar-se da graça, falecendo n'essa mesma tarde. Isto é o que me contava o neto, que tinha boas rasões de o saber.» Para o rancor do Marquez de Pombal, morto ou moribundo equivaliam-se no seu intento; a ordem de soltura não foi passada para tratar-se em casa, mas para sahir para fóra da côrte em quanto se não mandasse o contrario. Não ha portanto um vestigio de piedade, como se poderia inferir da noticia de Innocencio. [1]

---

[1] Ácerca do creado grave de Garção, preso com elle, achámos o seguinte documento:

«Para o Corregedor do Crime do Bairro da Rua Nova.

Acabo de receber a conta que V. M.ce me dirigiu, em que me participa que *Manoel José* se recusou de receber a pena pecuniaria de cincoenta mil reis que lhe devia entregar Manoel Antonio Casaca: Mande V. M.ce ao referido Manoel Antonio Casaca que entregue a sobredita quantia á pessoa que se acha encarregada de receber as esmolas dos Prezos, a qual assiste

Mas qual foi a causa da desgraça do poeta? Fallou-se muito n'isso, e tradições confusas chegaram até ao nosso tempo; antes de apurar o que ha de verdade implicita n'ellas, prosigamos no quadro deploravel em que ficou a familia de Garção. Falla o seguinte documento, em que o governo quiz em certa fórma reparar a miseria em que se achava a viuva do poeta e seus seis filhos:

«Attendendo a alguns justos motivos que me foram presentes, Hei por bem nomear a José Maria Salema Garção para serventuario do Officio de Escrivão do Consulado da Casa da India, que se acha vago pelo falecimento de seu Pay *Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção;* e executará a sobredita serventia emquanto Eu assim o houver por bem, e não mandar o contrario. O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido e lhe mande passar os despachos necessarios. Palacio de N. S.ª da Ajuda, em 24 de Março de 1773. || Com rubrica de S. Mag.de.» [1]

A viuva do poeta tendo de proceder a inventario dos bens do casal por causa dos filhos menores, pediu auctorisação para lhe ser prorogado o praso do anno obrigatorio pelo

---

em casa do Desembargador Romão Joséph Rosa Guião, cobrando o recibo da entrega. D.s g.de a V.a M.ce Paço, em o 1.º de Fevereiro de 1772. | Marquez de Pombal.» (*Avisos*, vol. 10, fl. 228. Na Torr. Tom.)

[1] Chancell. de D. José, vol. 86, fl. 118 ỿ; e Decretos de 1772 a 1775. Vol. 213, fl. 80 ỿ. (Na Torre do Tombo.) O despacho do Conselho da Fazenda é de 29 de Março do mesmo anno.

estado dos bens se acharem aggravados com muitas dividas; o que lhe foi deferido por despacho de 7 de julho de 1773. [1] Parece que o filho não partilhava o rendimento do Officio com a mãe; isso se deprehende da pe-

---

[1] «Senhor — Diz D. Maria Anna Salema, viuva de Pedro Antonio Corrêa Garção, moradora n'esta côrte, que por morte do dito seu marido lhe ficaram filhos menores, e o seu Casal gravado com varias dividas inliquidas e bens embaraçados com penhoras, e por quanto a Supplicante tem obrigação de dar a inventario os bens que ficaram por morte do dito seu marido, e lhe he difficultoso pela falta de noticia que tem dos embaraços em que os mesmos se acham sujeitos, sem a qual noticia he muito prejudicial aos Orfãos o fazerse o dito inventario e partilha, pretende a Supplicante que V. Mag.de se sirva de conceder hum anno á supplicante para dentro d'elle se desembaraçar, e poder dentro d'elle aprompiar a facção do dito inventario e partilha, que por este meyo se póde proceder em mayor utilidade dos referidos menores.

P. a V. Mag.de seja servido pela sua real grandeza conceder um anno á supplicante para se proceder á dita partilha e inventario dispensando na Ley em contrario.
E. R. M.ce

(Despacho:) O Juiz do Inventario informe com seu parecer. Lix.a 18 de Junho de 1773.»

No informe do Juiz dos Orfãos do Bairro Alto Joaquim Manoel de Campos, em data de 26 de Junho de 1773, se lê: «Por algumas noticias extra-judiciaes me consta ser verdade tudo o que a supplicante allega, pelo que me parece se faz digna da mercê que pretende, que só a V. Mag.de é reservada.»

— Passe Provisão por tempo de anno, feita a descripção dos bens na forma da ley. Lx.a 7 de julho de 1773. (Desembargo do Paço — Côrte e Extremadura Maço 181, n.o 16.»

tição da viuva, sendo-lhe concedido metade do rendimento para si e mais para os outros cinco filhos. [1]

A impressão produzida pela desgraça e morte de Garção acha-se reflectida em alguns poetas seus contemporaneos; Domingos Maximiano Torres traz na collecção dos seus ver-

---

[1] «Em Petição de Dona Maria Anna Xavier Froes Salema, viuva de Pedro Antonio Joaquim Correa Garção, Proprietario que foi do Officio de Escrivão do Consulado da Casa da India, que presentemente serve seu filho José Maria Salema Garção; em que pede que do referido officio divida o rendimento na parte competente, para alimentos da dita Supplicante e dos outros cinco filhos que deve educar e sustentar.

Attendendo ao que a Supplicante representa: Sou servido, que seu filho José Maria Salema Garção lhe contribua effectivamente aos quarteis com metade de todo o rendimento do Officio que serve, de Escrivão do Consulado da Casa da India, para alimento da mesma Supplicante sua mãe e mais cinco filhos emquanto vivos forem, e não tiverem outra cousa de que possam subsistir. O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido e faça executar com os Despachos necessarios; não obstante quaesquer Leis ou Decretos em contrario. Oeyras, em 23 de Agosto de 1775. || Com a rubrica de S. Mag. ||

Decretos de 1775 a 1777, fl. 33 ṽ (Vol. 214.)

A situação domestica continuou sempre percaria; pelo que foi concedido á filha do poeta um logar no Recolhimento de Nossa Senhora da Annunciação do Castello, como se vê pelo seguinte documento:

« Attendendo á boa informação, que tive do procedimento e mais circumstancias que concorrem na pessoa de Dona Maria da Horta Mascarenhas Salema, filha de Pedro Antonio Corrêa Garção, já defunto e de sua mulher D. Maria Anna Mascarenhas Salema: Hey por bem fazer mercê de hum dos logares do numero, que se acham vagos no Recolhimento de Nossa Senhora da Annunciação do Castello, que se acha transferido

sos uma Canção *Á Amisade,—na prisão de Pedro Antonio Corrêa Garção;* [1] começa:

Desce do céo, Melpomene benigna,
Um sublime furor na accesa mente
Me infunde *(brame e estale a Inveja dura)*
. . . .
Se os versos meus vencerem agradar-te
Socorre a *Corydon*, Deusa benigna:
Toma a esta alma a sua melhor parte:
Tem compaixão da angustia acerba e indigna
De Marcia, que com pranto lastimoso
De dia e noite chama o caro esposo.
Ouve os rogos ardentes
Dos filhos innocentes.
Põe os olhos na *Arcadia* sem ventura,
Que de suspiros vãos enchendo os áres,
Cuberta de amargura
Tende as supplices mãos aos teus altares.

Seria esta Canção escripta para estimular os amigos do poeta a intercederem por elle, quando ainda se achava incommunicavel no segredo do Limoeiro. Na Ode *Ao Estro*, Filin-

---

para o sitio denominado do Paraiso. A Meza da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido e lhe mande passar os despachos necessarios. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 27 de Mayo de 1782. ‖ Com rubrica de S. Mag.de.»

Decretos de 1782 a 1784, fl. 19. (Vol. 217.)

N'esta mesma data encontramos um alvará de 29 de Abril de 1782 ao Corregedor da Comarca de Tavira para informar quanto rende annualmente o logar de Provedor da Comarca do Reino do Algarve por testemunhas, sem intervenção do actual Provedor *Luiz Antonio Roberto Corrêa da Silva Garção.*» (Junta dos tres Estados, vol. de 1777.)

[1] *Versos* do Bacharel Domingos Maximiano Torres, denominado ALFENO CYNTHIO, p. 173. Lisboa 1791.

to Elysio foragido da patria pela persegui-ção religiosa, que succedeu apoz as persegui-ções politicas pombalinas, compara a sua des-graça com a de Camões e a de Garção:

Corydon, Corydon! que improba estrella
Te dá nome immortal, fonte de invejas?
Pelos salões das honras
Te arremessa ás masmorras,
Onde os annos consumes, que deveram
Ser da ampla gloria e louros assombrados.

Dirigido *A Francisco Dias Gomes* encontramos um Soneto inedito do beneficiado José Ignacio Barbosa *(Alcino Lisbonense)* á sepultura de Garção, quando ainda não estava perdida:

Esteve aqui Alcido lamentando
Em funebre Elegia a morte feia
De *Corydon*, que foi da nossa aldêa
Sabio mestre, altos versos ensinando.

Ficam tristeza — os valles inspirando,
A selva escura o zephiro menêa,
Ao longe as ondas quebram pela areia,
Funesto canto as aves lamentando.

Os Faunos, as Napeias temerosas
Fogem das grutas concavas, aonde
Ecco repete as vozes lastimosas.

Já Corydon, ah, triste não responde!
Em silencio com lagrimas saudosas
Vamos banhar a pedra em que se esconde. [1]

---

[1] *Poesias* de José Ignacio Barbosa, beneficiado da Santa Egreja patriarchal de Lisboa. Ms. U — 1 — 75. (Bibl. nac.) E' o Soneto 14.º Francisco Dias Gomes dedicou-lhe a Elegia XVII. *(Obras*, p. 243.)

A lamentação de *Alcido*, a que allude este soneto, é a Elegia v de Francisco Dias Gomes: *Na morte do muito excellente Poeta Pedro Antonio Corrêa Garção*. Põe em contraste a sua morte « em tenebroso carcere profundo » com a sua renovação poetica, que synthetisa na phrase celebre de Boileau, *Enfin Malherbe vint*, a qual explica: « he certo que este grande homem contribuiu muito para introduzir o bom gosto na Poesia em Portugal, onde estava apagada a memoria dos grandissimos Poetas, que tanto illustraram a lingua portugueza no seculo de quinhentos.» (p. 83.) Eis como esbóça o quadro d'essa transformação operada pelo desgraçado árcade:

No Tejo e Douro estava ha longos annos
A boa Poesia desprezada,
E seus doces encantos soberanos;

Sua presença pura e delicada,
Seus vivos olhos, suas tranças de ouro,
Da magestade sua despojada . . .

. . . .

Emfim, veiu Garção, e libertada
Do triste bando foi dos máos poetas
Do Tejo a rica praia celebrada.

Então com vozes doutas e discretas
Imitou-se Virgilio, e o que cantou
Nos Olympicos Jogos os athletas.

Veiu a Philosophia, que ensinou
A conhecer o bom, o honesto, e justo,
Que um fanatico error nos occultou.

Livres de temor palido e do susto
Entoaram as Musas os seus cantos,
Como no tempo do famoso Augusto.

Mas o destino avaro, que de tantos
Males opprime o triste peito humano,
Sem se fartar de lagrimas e prantos,

Urdindo-lhe fatal e extremo dano,
Não consentiu que o genio alto e fecundo
Mais se elevasse a Apollo soberano.

Em tenebroso carcere profundo
A morte lhe cortou a doce vida,
Digna de outro destino e melhor mundo.

Em a Nota 9 á Elegia x, allude outra vez á morte do poeta no carcere:

« D. Francisco Manoel de Mello homem de tanto prestimo nas armas, e tão insigne nas letras, passou muita parte dos seus dias prezo na Torre de Belem, donde são datadas as mais das suas Cartas, que correm impressas. *O Garção, insigne restaurador da Poesia portugueza nos nossos tempos, acabou a vida no fundo de uma prisão, motivada por causa de si tão futil, que he vergonha expressal-a.* Outros muitos exemplos poderia apontar . . . , que a Nação portugueza padece enfermidade moral a este respeito; porque é tão clara, tão patente a frieza com que accolhe qualquer homem sabio, que não parece insensibilidade, mas desprezo. » (p. 144.)

Por via de Domingos Maximiano Torres, Filinto Elysio e Dias Gomes chegaram até ao nosso tempo tradições incoherentes sobre a prisão, que se repetiram sem criterio; os parentes do poeta sobre dados positivos engenharam interpretações plausiveis, que tambem não são verdadeiras. Por eliminações successivas dos factos contradictorios é que nos iremos aproximando da realidade.

Comecemos pelo odio do Marquez de Pombal contra Garção:

Sobre o governo do Marquez de Pombal escrevia em carta particular Ribeiro dos Santos, logo depois da sua morte:

«Delações secretas dos calumniadores, suspeitas imaginarias, temores indiscretos, simplices presumpções, pequenos indicios, eram as provas que bastavam para contestar os delictos, e sobre estas varias provas os cidadãos delatados ou suspeitos, ou se submergiam em horrorosas masmorras e callabouços, sem jámais se lhes dar defeza, nem ainda a culpa. A uns foi crime de Estado a amisade; a outros o parentesco; a uns a fortuna, a outros a riqueza; uns viveram a flor dos seus annos na escuridade dos carceres; outros abreviaram a vida no meio de crueis desgostos e amarguras; os que escaparam de tantos males e affrontas sahiram cobertos de cans.» [1]

E' espantoso o Decreto de 17 de Agosto de 1756, em que o sanguinario ministro manda proceder a uma rigorosa devassa contra todas as pessoas que fallavam mal do seu governo, premiando as delações, espalhando agentes provocadores pelos botequins, [2] e jul-

---

[1] Ms. n.º 130, fl. 200. (Na Bibl. nac.)

[2] O Marquez de Pombal tambem chegára á perfeição dos *agentes provocadores*, como refere Gramosa: «Tinha n'esta capital muitos sujeitos seus emissarios e confidentes, que andavam pelas casas particulares, pelos botequins e por outras partes aonde havia ajuntamento de gente movendo conversação sobre o Governo. Criticavam os mesmos emissarios alguns procedimentos; alguns do ajuntamento cahiam na rêde declarando ingenuamente os seus sentimentos; porém passados poucos dias eram prezos, levados á cadêa de Be-

gar *camerariamente* no Juizo da Inconfidencia todos os individuos que lhe não eram affectos. Foi em consequencia d'este systema de terror que elle fundou uma Bastilha portugueza nos carceres da Junqueira, para onde foram logo arrojados o Conde de Obidos (D. Manuel Mascarenhas), [1] o Conde de San Lourenço, amigo intimo de Garção, muitos Congregados das Necessidades, e grande numero de fidalgos que ou morreram em ferros com os quaes foram sepultados, como D. Manoel de Sousa, o Calhariz, ou gemeram nas enxovias, até ao tempo da *viradeira*. O Marquez de Alorna, preso na Junqueira, e suas filhas clausuradas em Chellas, eram tambem das relações intimas de Garção, que celebrára em seus versos a formosa *Alcipe*, D. Leonor de Almeida. Difficilmente nas suas conversas, sendo especialmente instigado por agentes provocadores, deixaria Garção de referir-se menos conformadamente a estas arbitrariedades do ministro; os mediocres, invejosos do seu talento, naturalmente se serviam d'este

lem, e d'ahi para um presidio de Africa. Este terrivel modo de multiplicar criminosos n'aquelle genero de culpa trazia aterrados a todos os homens de bem, que consideravam o perigo a que andavam expostos; etc.» (*Successos de Portugal*, t. I, p. 103.)

[1] O Conde de Obidos gracejando no paço disse — que D. Sebastião não podia vir a reinar em Portugal, por que já cá governava outro Sebastião. — Isto bastou para ser preso e morrer encarcerado. O Conde de San Lourenço estava para ser nomeado Secretario de Estado, quando foi repentinamente preso, depois do casamento da princeza.

meio para vingarem vaidades feridas. Bastavam as suas duas Odes *A' Virtude* para irritarem o ministro; por uns versos contra o Marquez de Pombal morreram na Junqueira o escrivão do Fisco, Salvador Soares Cotrim, e o P.e Antonio Rodrigues. Vejamos outras causas futeis.

Depois da supposta conjuração de 3 de Septembro de 1758, o Ministro andava sempre acompanhado de uma guarda de cavalleria composta de capitão, alferes, sessenta praças e um tambor, que o seguiam com estrondo pelas ruas da cidade, e lhe defendiam a casa, e a secretaria quando despachava. A figura do tambor, de uma estatura alambasada, fardado com pelles de urso, e de barretina alta da mesma pelle, aterrava os transeuntes, mas despertava os chascos, que uma vez conhecidos pelo ministro eram castigados como crimes de Inconfidencia ou lesa-magestade. Gramosa conta a seguinte anecdota, que explica o terrorismo em que se vivia:

«Havia n'esta côrte o Padre Antonio da Fonseca Claro, beneficiado em Santa Justa, homem bem instruido e dotado de bom talento, grande genealogico e humanista, e não máo poeta. Achando-se este em uma occasião em casa de certa familia da sua amisade e ouvindo o som da caixa da guarda do Marquez, chegou-se para a janella, e dizia com riso e alegria para a familia:

«— Lá vem o urso; lá vem o urso.

«Passados poucos dias foi o Marquez sabedor da graça, e para que se abstivesse, foi degradado para a villa de Aveiro; como porém o sitio era contrario á sua saude, pou-

de por via de empenho grande alcançar a commutação de degredo para Villa Franca de Xira, aonde permaneceu quatorze annos, saindo d'elle pela acclamação de D. Maria I.» [1]

Esta, entre centenas de anecdotas analogas, basta para explicar o rancor do Ministro contra qualquer phrase vagamente hostil attribuida ao Garção. Dias Gomes, além da *Elegia á morte de Garção*, escreveu em uma nota: «O Garção insigne restaurador da Poesia portugueza em nosso tempo, acabou a vida no fundo de uma prisão, *motivada por causa de si tão futil*, que é vergonha expressal-a.» [2] Infelizmente não nos diz qual fosse essa causa futil; mas coincide a sua opinião com as que se apontaram depois. Garrett, na primeira nota do *Auto de Gil Vicente*, commentando a phrase: «Mataram-lhe o Garção n'uma enxovia...» escreve: «a causa verdadeira o odio de Pombal, pela famosa *Falla do Duque de Coimbra recusando a Estatua*, que o Garção compuzera para fustigar a vaidade com que o Marquez se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro do Paço.» Com certeza Garrett recebeu esta noticia do neto do poeta, porque ainda em 1855 escrevia Pedro Stockler Salema Garção, na *Imprensa e Lei*: «Havendo o nosso Poeta composto uma *Falla* em verso, que poz na bocca do Infante D. Pedro Duque de Coimbra, na qual este pedia aos portuguezes que lhe não erigissem a estatua que pretendiam elevar-

---

[1] Gramosa, *Success.*, I, p. 110.

[2] *Obras poet.*, p. 72 a 83. Nota a pag. 144.

lhe, não faltou logo quem, approveitando a occasião, dissesse ao Marquez, que aquelle discurso fôra feito com o estudado proposito de menoscabar a Estatua equestre, que se estava levantando em honra d'El rei Dom José I...» Contra esta causa levanta-se o facto cathegorico de se encontrar a *Falla do Duque de Coimbra* nos manuscriptos do conego Figueiredo com a nota marginal: *Para a Academia dos Occultos. 1754.* Em carta de 18 de Fevereiro de 1861, que recebemos de Innocencio, dizia: «O motivo a que Garrett se lembrou de atribuir a prisão, tenho eu por uma redonda fabula. Joaquim Machado de Castro, o estatuario de el-rei D. José, tomou conta do projecto em 1770, e principiou a dar-lhe andamento no principio do anno seguinte; ninguem se lembrava ainda de pôr o busto do Marquez no pedestal, que estava primeiramente destinado a ser liso e sem ornato algum. A Estatua collocou-se em 6 de junho de 1775. Como pois Garção adivinhava em Abril de 1771, que o Marquez intentava pôr alli o seu retrato?» Deixando o detalhe do medalhão, mas acceitando o facto primitivo e simples, nada ha mais natural do que um intrigante levar ao Marquez os versos da *Falla do Duque de Coimbra*, escriptos por Garção desde 1754, e sem lhe apontar a data, que por ventura ignoraria, interpretal-a em 1770 ao sabor dos juizos sobre o empenho que o Marquez então revelára de levantar uma estatua ao rei inepto. Ha anachronismo para os eruditos, mas contemporaneidade para a interpretação malevola d'esse inoffensivo papel velho.

Innocencio no seu raciocinio grosseiro accrescenta: «Esta causa é semelhante á que outros allegam dizendo, que Garção incorrera nas iras do Marquez em rasão de artigos que escrevera na *Gazeta de Lisboa*, da qual foi redactor nos annos de 1761 e 1762, quando o facto é que a *Gazeta* foi mandada suspender ainda n'este ultimo anno, e nunca mais se publicou até agosto de 1778. Para longe demorou Pombal os effeitos do seu desagrado mandando proceder contra o poeta no fim de nove annos!» Aqui o facto não vale por si, mas pelo seu espirito e interpretação: suspeitava-se que o Garção fôra preso por um motivo politico, e assim ignorando a data da suspensão da *Gazeta*, [1] era natural o syncretismo. Fez-se isso longe de Portugal e nas apagadas reminiscencias de Filinto, que assim o communicou a Sané, o qual escrevia em 1805: «Cet homme de génie eut en fin lamentable. Titulaire d'une charge de magistrature dans l'Amirauté royale, le Gouvernement le chargea de rédiger la *Gazete de Lisbonne*. Quelques articles insérés par lui dans cette feuille irritèrent le Marquis de Pombal, roi de Portugal sous le nom de Joseph I, comme Richelieu avait régné en France sous le nom de Louis XIII. Ce ministre despote, et dont on disait

[1] Nos Mss. de Fr. Vicente Salgado (Ms. da Academia, n.º 55, Gab. 5, Est. 8,) vem esta nota depois de duas Odes de Garção: «Este Autor morreu preso no Limoeiro no anno de 1751 (!) e era o que fez as ultimas Gazetas Portuguezas, antes da guerra de 17.. com Castella em que se mandaram suspender.

Fr. Vicente Salgado.»

que Joseph était son premier favori, fit enfermer Garção dans un cachot, où il périt ignoré, il y a environ 33 ans. Un voile épais couvre depuis cette époque la destinée de l'infortuné Garçon. Ce nouveau crime de Pombal n'étonne point dans l'assassin des familles de Aveiro et de Tavora.» [1] Pela data da suspensão da *Gazeta de Lisboa*, em 1762, é completamente inadmissivel que este facto se relacione de um modo directo com a prisão do poeta; [2] comtudo encerrará um fundo de ver-

---

[1] Sané, *Poésie lyrique*, p. 292.

[2] A *Gazeta de Lisboa* fôra fundada por José Freire Montarroyo Mascarenhas com o titulo de *Historia annual, chronologica, e politica do mundo*, apparecendo o primeiro numero em 10 de Agosto de 1715, e sendo-lhe concedido privilegio real em 1718; terminou esta empreza com os primeiros cinco numeros do anno de 1760, em 31 de Janeiro, pela morte do seu proprietario e redactor. Pouco depois, os officiaes da Secretaria dos negocios estrangeiros obtiveram para si o privilegio das *Gazetas* de Montarroyo por Decreto de 20 de Março de 1760 (Livro 69 das Mercês, fl. 46 v), * e Garção foi por elles encarregado de redigil-a, apparecendo o primeiro numero d'essa nova empreza jornalistica em 22 de Junho de 1760. A publicação correu regularmente, até que o Marquez de Pombal mandou expressamente prohibir a *Gazeta*, publicando-se o ultimo numero em 8 de Junho de 1762. O motivo da suspensão comprehende-se pela propria data historica: Portugal estava em guerra com Hespanha e França, e o Conde de Lippe organisava as nossas forças para repellir toda a invasão da fronteira; qualquer noticia dos planos de defeza, ou qualquer opinião ácerca do *Pacto de Familia* podia perturbar a acção do governo

---

* Garção era filho do official maior da Secretaria dos estrangeiros, e por esta circumstancia e pelo conhecimento de varias linguas é que foi escolhido.

dade, se observarmos que essa suspensão veiu aggravar a falta de recursos em que Garção se achava, a qual sendo conhecida pelo Conde de Oeyras, por 1766, motivasse a offerta de um despacho para a secretaria do reino, caso lhe fosse pedido. Havia um resentimento do ministro contra o poeta; e sobre elle aponta Innocencio outra causa para a perseguição: «Parece que este (Pombal) andava já desgostoso com o poeta pelas suas intimidades com os Padres da Casa das Necessi-

---

pessoal, que obrava por arbitrio irresponsavel. Frei Vicente Salgado, na nota que já transcrevêmos dos seus manuscriptos, dá a entender que fôra uma *suspensão preventiva.* Como se sabe, era prohibido o discutir ou noticiar assumptos de politica interna; a *Gazeta de Lisboa* apenas extractava os factos da politica estrangeira sem commentarios; desde que se concluira em 15 de Agosto de 1761 em Versalhes o tratado conhecido pelo nome de *Pacto de Familia* entre a Hespanha e França, a existencia da nacionalidade portugueza estava ameaçada; no artigo VI do Pacto estatuia-se que na lucta da França e Hespanha com a Inglaterra Portugal por fórma alguma poderia deixar os seus portos abertos aos inglezes. * N'esta conjuntura arriscada, em que o governo francez provocava a invasão de Portugal, e a Hespanha provocava o governo portuguez a romper directamente contra a Inglaterra, tornava-se impossivel o poder dar noticias do estrangeiro sem que alludissem a estas intrigas diplomaticas. Não era preciso mais para que o Conde de Oeiras mandasse suspender a publicação da *Gazeta de Lisboa*, sem que este facto mostre Garção incurso em qualquer abuso de opinião politica, o que se justifica pela ausencia de perseguições contra o poeta durante os dez annos que se seguiram.

---

* Visconde de Santarem, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal,* t. II.

dades que elle Marquez olhava como inimigos do seu ministerio, e não sem rasão.» [1] Apontou esta causa, pela primeira vez, Antonio Joaquim de Mello, na obra *Biographias de alguns Poetas e homens illustres de Pernambuco*: «O Marquez de Pombal o não olhava bem, *por ser parcial dos Padres Congregados* e outros murmuradores do seu ministerio.» (t. I, 13.) Estes dois auctores citados não entram em mais explicações; vejamos pois a origem da dissidencia com os Padres Congregados, a qual não dista da suspenção da *Gazeta*.

Em junho de 1760 o Desembargador Ignacio Ferreira Souto quiz imprimir um livro *De Potestate Regis*, em que sustentava as doutrinas regalistas, na questão do rompimento das relações do governo portuguez com a Curia romana. Para se imprimir o livro era preciso que o Inquisidor geral desse licença; e para isso, mandou submettel-o á censura do P.e João Baptista, dos Congregados da real Casa das Necessidades. Como o oratoriano achasse no livro algumas proposições mal soantes á orthodoxia, o Inquisidor disse que Ignacio Ferreira Souto fosse conferenciar com o censor, para se explicar e modificar a doutrina. O auctor foi ao cubiculo do congregado, mas em vez de attender ás censuras, saíu repentinamente com o seu manuscripto. Queixou-se o padre da violencia ao Inquisidor; mandou este aos Familiares do Santo Officio, Viscon-

---

[1] Citada Carta de 18 de Fevereiro de 1861.

de de Villa Nova de Cerveira, e Conde de San Lourenço, tambem camaristas do paço, que fossem a casa do Desembargador buscar o manuscripto *De Potestate Regis;* declarou o desembargador que o entregára ao Conde de Oeiras. Soube d'estes passos o ministro, e foi a Palhavã entender-se com o Inquisidor geral; em uma d'essas conferencias, violentamente insultado pelo irmão do Inquisidor D. Antonio Verissimo, foi levado o aggravo ao Conselho de Estado, resultando d'aqui varias perseguições. Os *Meninos de Palhavã*, D. José e D. Antonio, foram debaixo de prisão para o convento dos Mariannos do Bussaco; o Visconde de Villa Nova de Cerveira, preso para o Castello da Foz, e o Conde de San Lourenço para o forte da Junqueira, onde jazeu dezesete annos. Tambem foram perseguidos varios Padres do Oratorio, como o censor do tratado o P.^e^ João Baptista, desterrado para Monsão; o P.^e^ João Chevalier desterrado para Freixo de Espada á Cinta, e o P.^e^ Theodoro de Almeida, para o Porto, d'onde fugiu, indo viajar pela Europa até á epoca da acclamação de D. Maria I.

Sabe-se pelas obras de Garção quanto elle presava o gosto litterario e a instrucção vasta do Conde de San Lourenço D. João José Ansberto de Noronha; a sua prisão na Junqueira em 1760, quando elle já tinha feito grandes despezas para entrar no serviço de Secretario de Estado, não deixariam de provocar certos protestos da parte dos seus amigos. A questão com os Oratorianos assentava na independencia dos Bispos sobre concederem dispensas matrimoniaes estando quebra-

das as relações politicas com a Curia; é crivel que Garção tambem como formado em leis se manifestasse mui particularmente contra o exagerado regalismo do ministro. Não era preciso mais para incorrer no odio de Pombal, que andava irritado contra quantos faziam versos, por causa das satiras anonymas que o feriam. Todos os pretextos serviriam, depois d'isto, para arrojar com o desgraçado Garção a um carcere arbitrario. Se o irmão do Poeta não tivesse publicado a sua obra, por onde se lhe reconheceu o superior talento, passaria sem reparo este crime, que se tornou clamoroso.

Em 1769, como se vê por carta de 25 de Março do P.e Antonio Pereira de Figueiredo para o Proposito do Oratorio em Goa, estavam as relações dos Congregados com o ministro em uma tensão violenta: « Saberá mais que por causa de certos desmandos das Congregações do Reyno (os quaes eu quiz e procurei evitar e não pude evitar) incorreram todas em tal desagrado del Rey, que todas, excepto a de Viseu, se acham ha 3 mezes suspensas de prégar e confessar pelos respectivos Ordinarios. E não sei qual será a ultima sorte d'estas seis Casas, dando-se El Rey por mal servido d'ellas; e tambem não sei se o castigo chegará á de Pernambuco e á de Goa. O certo he porém que El Rey não obrou sem grande e justa causa: e que a Casa de Lisboa, que era a mais obrigada e devedora a El Rey, foi a mais culpada.» E em carta de 24 de abril de 1771 escreve o mesmo padre, explicando os « motivos porque El Rey se desgostou tanto d'ella (Congregação do Orato-

rio): porque desapprovar e perseguir as doutrinas que o Ministro de Sua Magestade tanto approva e promove... he o mesmo que oppor-se ás justas e prudentes intenções de Sua Magestade; ...» [1] Um ministro que chega a publicar um alvará em nome do rei offerecendo quarenta mil cruzados a quem revelasse o nome dos maldizentes do seu governo, [2] não tinha escrupulos para mandar prender no segredo por qualquer *causa futil* o pobre poeta. Algumas das sessões publicas da Arcadia celebraram-se na Livraria dos Congregados das Necessidades; alguns arcades eram Oratorianos, como o P.e Francisco José Freire, intimo de Garção, P.e Joaquim de Foyos, P.e Manoel de Macedo, e é plausivel que a mesma suspeição contra o Oratorio envolvesse em desdenhosa indifferença do ministro a Arcadia. Vamos examinar o que determinou a ordem de prisão de 8 de Abril de 1771; só pelas vagas referencias e tradições da familia do poeta nos chegamos a aproximar da verdade.

No prologo de Sané, na *Poésie lyrique* (p. XXIX) impressa em 1808, lê-se: «le poète Garção expiait dans les cachots où il périt, le malheur d'avoir été *doué d'un caractère faible et débonnaire*, que le Marquis de Pombal ne pardonnait point aux exécuteurs de ses ordres absolus.» A esta fraqueza de caracter referia-se Garrett mais explicitamente na intro-

---

[1] Cartas publicadas por Cunha Rivara. Goa, 1857. — *Historia da Universidade de Coimbra*, t. III, 359 a 369.

[2] F. L. Gomes, *Le Marquis de Pombal*, p. 91.

ducção do *Auto de Gil Vicente:* «mataram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez.» — «e o Garção nunca escreveu tal carta em inglez.— mais ignobil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de philosopho!» Manda vêr uma nota no fim da obra; ahi conta, que um namorado «da amisade de Garção, querendo escrever a uma menina ingleza a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe traduzisse para a lingua da bella insular os seus lusos namorados requebros.» A menina «não engraçou com o auctor da missiva, e foi mostral-a ao pae, que a foi mostrar ao Marquez de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Aguas-Santas (sc. Fonte Santa) cuja letra conheceu ou lh'a denunciou alguem. Não faltou quem esclarecesse o caso e mostrasse a innocencia do poeta; mas o supposto delicto era um pretexto...» Garrett dramatisa o caso alludindo á esquivança da joven que entrega a carta ao pae, mas não declara nomes nem a profissão do inglez. Escrevendo por 1841 é natural que ouvisse a tradição contada por um neto do poeta J. M. Stockler Salema Garção, que tambem dramatisava o caso indicando já o nome do namorado, dando-o como casado e com filhos, e fazendo ser a carta entregue ao creado do coronel para a levar a sua ama. [1]

---

[1] Eis como Innocencio lhe ouviu esta tradição cheia de particularidades falsas e romantisadas: «Entre muitas pessoas de qualidade que frequentavam a casa do poeta, onde concorriam a meudo os socios da Arcadia e outros eruditos e illustres litteratos d'aquelle tempo, havia um mancebo peralta, que parece ti-

Innocencio, na carta de 18 de fevereiro de 1861, borda sobre a mesma tradição novas circumstancias: « O que sempre passou como tradição corrente na familia do poeta, é que este fôra preso pela culpa de ter escripto a tal carta em inglez, pedida por um amigo dos que lhe frequentavam a casa, e que dizem que *era casado;* dizem mais que a carta era dirigida a uma filha do coronel inglez Mac-Bean, visinho e tambem amigo do poeta (o mesmo com quem este falla no verso 2.º da Ode 21); que este surprehendera a carta na mão da filha, e que reconhecendo a letra fôra queixar-se ao Marquez de Pombal.»

Um bisneto do poeta, Pedro Stockler Salema Garção, em 1855, bordava a tradição com outras circumstancias romanescas, como chamar-se o coronel *Mac-Lean*, morar no *mesmo predio* de Garção á Fonte Santa, o namorado pedir por signaes á menina que lhe recebesse um bilhete, que obteve depois de muito trabalho que o Garção lh'o traduzisse em inglez, e que o creado do coronel apesar de subornado, por um impulso de honradez foi entregal-o ao patrão. [1]

---

nha por appellido Avila, o qual não obstante ser casado e ter filhos, entendeu que podia requestar a filha do inglez, e o mais é que encontrou n'ella as melhores disposições para attendel-o. Quiz dirigir-lhe uma carta, porém como ignorasse a lingua da sua bella, rogou ao Garção com grandes instancias que lh'a escrevesse ou traduzisse. Teve o poeta a fragilidade de condescender com os seus rogos, fazendo a carta pedida; porém o estouvado amante em vez de copial-a pela sua letra, pegou do proprio rascunho e deu-o a um creado do Coronel para que o entregasse á sua ama.» *(Dic. bibl.)*

[1] Vid. *Imprensa e Lei*, de Maio de 1855.

Accrescentaremos ainda a tradição transmittida por Domingos Maximiano Torres, que chegou a Innocencio, e a refere: « E' mister accrescentar, não porque o dissesse o neto, mas porque Domingos Maximiano Torres (amigo como já disse de Garção) o contára em antigos tempos á pessoa que m'o transmittiu, que a tal carta havia por fim nada menos que convidar para a fuga a menina, cujo estado de gravidez ia já sufficientemente adiantado.» [1] Camillo considera apaixonado o proprio poeta: « A mulher que o poeta amava era sua visinha, filha do intendente da artilharia Mac-Bean, escossez ao serviço de Portugal. Formosa e leviana, diz a tradição colhida por um neto de Garção; porém esse descendente do poeta amoroso em vez de dar a seu avô a personalidade activa e directa na historia dos amores da escosseza, ou ingleza como elle dizia, constituiu-o simplesmente secretario dos affectos de um seu hospede em uma carta de grande consideração escripta á menina.» [2] Camillo era levado a esta deslocação da intriga, por que o conego Figueiredo commentando o Soneto em que glosa:

Que ter um velho amor não é tontice

apontava «em poucas palavras» a desgraçada paixão amorosa em que se envolvera o poeta. Enunciámos a tradição com todas as variadas e phantasiosas circumstancias para a discutir perante os factos:

---

[1] *Dicc. bibl.*, t. IV, p. 390.

[2] *Curso da Litteratura port.*, p. 182.

Garção foi mandado prender em 8 de Abril de 1771, e com elle o *seu creado* grave Manoel José, por ordem assignada pelo marquez de Pombal.

N'esta mesma data foi preso Francisco Antonio Lobo, morador á rua Formosa, o qual no Alvará de soltura de 10 de Novembro de 1772, em que é nomeado conjunctamente com Garção, se chama Francisco Antonio Lobo *de Avila*. Aqui temos os elementos positivos para apurar a verdade. Antes de tudo interessa-nos conhecer mais de perto este Lobo de Avila «*que parece ser filho do Escrivão da Guarda.*» Era effectivamente filho de José Lobo de Avila, Thesoureiro da Guarda real dos archeiros, [1] rapaz dado á desenvoltura de costumes, e solteiro.

Seria a carta dirigida á filha do coronel Mac-Bean? ou Mac-Lean? A confusão deu-se logo em 1778, quando o irmão do poeta, na edição das Obras de Garção deixou passar no texto duas referencias a *Mac-Lean* (p. 113 e 124) e nas Erratas emendou para *Mac-Bean*. E se Mac-Bean fosse effectivamente o causador da desgraça do poeta, segundo observa Innocencio, deixaria seu irmão ir no texto da obra essas duas composições em homenagem ao crú denunciante? Não faria como fez á Ode e á Epistola ao Conde de Oeyras, supprimindo-as? O neto de Garção falla em *Mac-Bean*, e o bisneto em *Mac-Lean!* Mas esta incerteza, mais se aggrava diante das datas.

Francisco *Mac-Lean* está fóra da questão, porque viveu sempre longe de Lisboa, e já

---

[1] Avisos, Liv. 11, fl. 11 v.

em 29 de Março de 1763 era *brigadeiro;* [1] sómente em fins de 1772 é chamado á capital, sendo em seguida despachado General das Armas da Provincia da Extremadura.

---

[1] Fôra despachado *Coronel* do novo Regimento da *Praça de Almeida* em 14 de Junho de 1762; depois de Brigadeiro, continuou na mesma Praça, da qual foi nomeado Governador em 16 de Março de 1764; promovido a Marechal de Campo com exercicio de general na mesma Praça; e por decreto de 23 de Dezembro de 1767 despachado Tenente General sem prejuizo da antiguidade dos que a tiveram maior. Vagando em 1763 o posto de General das Armas da Provincia da Extremadura, o Marquez de Pombal: «nomeou para o exercer a Francisco *Makliane* (Mac-Lean) inglez de nação e homem pouco conhecido pelos seus talentos militares. Esta nomeação magôou fortemente a toda a côrte portugueza.» (Gramosa, *Successos de Portugal*, t. I, p. 107.) Em Outubro de 1772 é que Mac-Lean foi chamado a Lisboa, como se vê por esse singular officio do Marquez de Pombal:

«El rey, meu Senhor, tendo informação das molestias que opprimem a V.ª Ex.ª e de que nem estas podem ser soccoridas na Provincia da Beira, faltando n'ella Medicos de letras e experiencias; nem os remedios d'ellas se podem dilatar sem perigo da digna pessoa de V.ª Ex.ª, cuja conservação constitue no real serviço um importante interesse: Ordena, que V.ª Ex.ª logo que receber esta, se ponha em caminho para a côrte e cidade de Lisboa, a fim de ser n'ella assistido e curado por Medicos habeis sem mais perda de tempo. Deixando V.ª Ex.ª n'esta cidade as suas ordens aos Commandantes do destacamento e Piquete que n'ella se acham para se recolherem ao tempo da minha partida, a qual se acha já tão proxima, que com pouca differença entrarei na côrte ao mesmo tempo em que V.ª Ex.ª ali chegar.

Deos guarde a V.ª Ex.ª Paço Episcopal, em 19 de Outubro de 1772. || Marquez de Pombal. || »

(Collecção geral das Ordens e Providencias para a nova Reforma da Universidade, fl. 31. (Arch. nac., Vol. 436 do Min. do Reino.)

A favor de Forbes *Mac-Bean* milita o testemunho de João Antonio Corrêa Garção, deixando correr os versos: *Caro, illustre Mac-Bean*, (p. 124) e *Oh Mac-Bean amigo*, (pag. 113.) não sendo ainda passados seis annos depois da catastrophe. Mac-Bean era homem de trato rude, como se sabe pela seguinte carta do brigadeiro Diogo Ferrier, datada de Valença de 26 de Outubro de 1766, ao Conde de Oeyras: « Em primeiro logar este coronel Mac-Bean pela sua natureza está sempre e sempre esteve imbuido de *um genio malevolo* aos seus eguaes, soberbo aos seus inferiores, e pouco paciente na obediencia e respeito que deve aos seus superiores; e sendo ao mesmo tempo uma pessoa que tem discurso, e reconhecendo em si esta infeliz disposição, nas suas horas de reflexão afflige-se muito a este respeito, porém não deixa de continuar n'essa mesma pratica, por cujo motivo tem-se conservado poucos amigos entre os officiaes e mais pessoas de bem com que teve occasião de tratar; . . . » [1]

Este caracter explicaria a vehemencia da queixa ao Marquez de Pombal, e d'aqui o personalisar-se em Mac-Bean o denunciante, passados muitos annos; mas pelas datas vê-se, que em fins de 1766 estava Mac-Bean na praça de Valença, e que a paixão amorosa de Garção irrompeu em 1764, aos *outo lustros*, como elle confessa. A epoca em que Garção viveu mais intimamente com Mac-Bean, como se vê pela Ode XIII, foi em 1762, pois que

---

[1] *Mss. Pombal.*, N.º 616, fl. 57 ỹ. (Na Bibl. nac.)

ahi se refere á campanha que: « Sustenta Lippe — Com poucas tropas, com bisonha gente, — A' vista dos soberbos Castelhanos.» Como pois a intriga amorosa, quando Mac-Bean estava longe de Lisboa, e já não era visinho de Garção, descobrindo-se em 1771 por causa da *carta escripta em inglez*, quando a joven alludida pela sua longa residencia em Portugal já conhecia o idioma portuguez? Vê-se que a tradição foi entretecida com reminiscencias de factos que se syncretisaram n'uma mesma explicação, ainda assim incoherente.

Ha uma outra fonte de informações, que nos advem pelo livro de Antonio Joaquim de Mello, *Homens illustres de Pernambuco;* repete-se a tradição de uma carta e cita-se o nome de outro official inglez: « Pretextou a prisão com a traducção que fez de escriptos de amores, de uma filha do brigadeiro inglez *Elsden*, com um amigo do poeta.» (t. I, p. 13.)

O tenente-coronel Guilherme Elsden, gosava de uma illimitada confiança do Marquez de Pombal, empregando-o em todas as obras de engenharia até ao momento da sua sahida do poder em 1777.

Em decreto de 16 de Janeiro de 1762 foi Guilherme Elsden despachado Ajudante de Infanteria com exercicio de Engenheiro, tendo servido já quinze mezes, por ter « executado com promptidão e feliz successo as ordens que lhe eram dadas.» Despachado tenente-coronel em 23 de Dezembro de 1767; por Provisão de 16 de Outubro de 1772 foi nomeado para assistir á entrega do Collegio dos Jesuitas de Coimbra á Universidade, e de dirigir todas as transformações, appre-

sentando-se alli em 1773. Brito Rebello encontrou na Torre do Tombo um Aviso regio para ser admittida em um Recolhimento de Lisboa a mulher do coronel Elsden, n'esta mesma data; tinha o coronel uma filha, Dona Francisca Thereza da Conceição Elsden, que era casada por 1782 com Joseph Térnisien Selebac e d'Amart, e uma irmã, com quem vivia ainda em 1784. [1] Com estes elementos aproximamo-nos mais da verdade da tradição. Garção conheceria a familia Elsden quando convivera intimamente com Mac-Bean, em 1762; seria madama Elsden *a senhora ingleza*, cujos annos celebrava, e aquella por quem se achava apaixonado aos quarenta annos (1764). A traducção de versos inglezes indíca uma intimidade artistica, que o levou a tratar por *sua mãe* a dama que elle celebra em ardentes Sonetos; e este epitheto affectuoso de *sua mãe* não competia senão a uma mulher casada. Não é crivel que Francisco Antonio Lobo de Avila amasse a mesma mulher, e conservasse a amisade e complacencia de Garção; é pois natural que como rapaz solteiro namorasse a *filha* do coronel Elsden, e que as cousas se aproximassem do ponto a que allude Domingos Maximiano Torres. A carta de Garção a madama Elsden, de que resultou a prisão de Garção, de seu creado Manoel José e de Francisco Antonio Lobo de Avila, *escripta em inglez* era para que não fosse accessivel o seu conteudo, e fallava da situação do namorado, que pretendia raptar a fi-

[1] Avisos, vol. 22, fl. 168 v.

lha do coronel Elsden. Tendo este regressado inesperadamente a Lisboa, e recebendo da mão de Manoel José uma carta, veiu no conhecimento das intimidades de sua mulher com o Garção, e dos adiantados amores de sua filha com o estouvado e conhecido peralta Francisco Antonio Lobo de Avila. Em contacto quasi permanente com o Marquez de Pombal, o coronel Elsden mostrou ao ministro o documento compromettedor, e abruptamente o ministro mandou metter no segredo do Limoeiro os tres agentes da aventura. O Avila era solteiro, e tudo poderia reparar; Garção apenas transmittira a madama Elsden um aviso cauteloso e prudente, d'onde resultou provar-se a sua inculpabilidade; a mulher de Elsden recolheu-se a um convento por um requerimento do engenheiro, que em 1772 foi dirigir as obras da Universidade para Coimbra, as do Convento de Santa Clara, e acabamento das obras do Bispo-eleito-coadjutor; em 1774 Elsden demora-se em Leiria estudando os planos para preservar a cidade das inundações; em 1775 occupa-se na reparação das estradas da comarca de Alcobaça; em 1777 vae fazer a planta para resguardar Vallada das inundações, e termina o anno com uma outra diligencia em Aveiro. A intimidade do coronel Elsden com o Marquez de Pombal é que melhor explica o rancor com que o ministro não quiz mais largar a sua preza.

Para completar este quadro em que o Garção expiou pela morte o seu platonismo amoroso, transcrevemos a narrativa em que um bisneto do Poeta mostra a extraordinaria dedicação de sua esposa:

«N'este deploravel estado de cousas, a infeliz esposa não cessava de requerer a El Rei que desse as suas ordens a fim de se lhe minorar pelo menos o rigor da prisão de seu marido, graça que só pôde conseguir depois do predito praso de outo mezes, sendo passado para a sala livre. Aproveitando a occasião da pena minorada, reforçou a infatigavel senhora as *suas supplicas perante o monarcha* [1] pelo espaço de mais de dez mezes, apparecendo em toda a parte banhada em lagrimas, até que pôde conseguir persuadil-o que se deveria reputar innocente o supposto réo, ao qual no longo tempo de anno e meio se não tinha formado processo, prova evidente de não existir o crime aterrador que tão aleivosamente se lhe imputava, e com tal efficacia amiudou por vezes estas razões, que o monarcha ordenou que fosse solto. O Marquez, a quem, como era de esperar, não quadrou bem esta resolução regia, não se descuidou debaixo de pretexto de negocios ponderosos que lhe tomavam o tempo, de demorar o mais que lhe foi possivel o seu cumprimen-

---

[1] N'este tempo o Rei dava audiencias publicas; o Marquez de Pombal não se atrevendo a abolir este costume, mandou fazer na sala do Docel um throno alto cercado de gradeamento de vara e meia como defeza da pessoa real. E para admissão á audiencia régia de qualquer postulante, exigiu uma Justificação prévia do Corregedor do Crime do bairro respectivo sobre sua pessoa e ausencia de suspeita, e depois de visado este documento pelo ministro entregava uma senha, a qual tinha de ser apresentada aos porteiros da casa para a entrada á audiencia. (Gramosa, *Successos de Portugal*, t. I, p. 111.)

to, e com tal arte se houve n'esta estudada delonga, que sendo n'este entrementes assaltado com vigor o nosso poeta por uma molestia aguda, na presença da qual declararam unanimemente os facultativos a impossibilidade de escapar, só pôde então a sua infeliz consorte obter que se realisasse a ordem de soltura depois de expôr dolorosamente o perigoso estado de saude de seu marido, a qual teve logar na manhã do dia 10 de Novembro de 1772, e n'essa mesma tarde faleceu o nosso poeta depois de 19 mezes de rigorosa prisão, com quarenta e outo annos de edade, ignorando até a referida ordem de sua soltura...» E da clausula de sahir para fóra da côrte, escreve: «Clausula deshumana e falsa contra a qual protestou a viuva durante os poucos annos que lhe sobreviveu, tomando o céo por testemunha de que o monarcha, pelo que sempre tinha ouvido de sua bocca, tal não havia ordenado.

«Foi sepultado na egreja parochial de S. Martinho, ha pouco demolida, e por isso ignoramos (1855) onde jazem os restos mortaes do nosso poeta... O tragico fim do nosso poeta deixou a sua viuva tão consternada e aborrecida do mundo, que apenas conseguiu como boa mãe dar destino a seus filhos, se recolheu ao convento de Santa Monica, que era o mais proximo da egreja de S. Martinho onde seu marido estava sepultado; e alli acabou seus dias...» [1]

---

[1] Na *Imprensa e Lei*, de Maio de 1855.

§ VIII. Historia externa do texto das Obras de Garção

A perfeição dos versos de Garção condiz com a invencivel reserva que mantinha em communicar os seus escriptos, e com as numerosas variantes com que os ia modificando, como se confirma pelos traslados do conego conimbricense Manoel de Figueiredo. Em vida apenas consentiu na publicidade de quatro pequenas Odes sacras, em 1767, para comprazer com o seu collega na Arcadia, Francisco José Freire *(Candido Lusitano)*. A sua auctoridade litteraria foi geralmente reconhecida, e tornou-se necessario tomar conhecimento dos seus escriptos. Apezar pois d'essa muita reserva tiraram-se copias dos seus versos, por meios indirectos e pacientemente; apontaremos em primeiro logar a que o conego Manoel de Figueiredo, pela rasoavel condescendencia da esposa do poeta, foi extrahindo dos proprios autographos, difficeis de lêr pelas emendas e pela caligraphia; uma outra era formada pelo seu intimo amigo Antonio Diniz da Cruz e Silva, a qual no fim da vida d'este magistrado foi parar á Livraria da casa do Conde de Vimieiro; tambem na Livraria do Conde de Pombeiro se guardou uma outra copia, variando todas entre si, por isso que eram diversamente formadas. De qualquer d'estas fontes parece-nos derivarem-se uma copia de 1767, que está hoje no Instituto historico do Rio de Janeiro; outra, que em 1777 foi apresentada á Mesa Censoria,

contra a qual, para evitar a fraude litteraria, a familia de Garção accudiu fazendo a edição de 1778. Já depois d'esta edição o professor Antonio Lourenço Caminha tirou de uma de essas fontes outra copia tendo em vista o colligir o maior numero de composições ineditas do desgraçado árcade. Nenhuma d'estas fontes foi aproveitada até á edição de 1888, publicando-se apenas composições avulsas, em selectas e revistas. A familia do poeta, na posse dos manuscriptos authenticos, prometteu uma edição digna do seu merecimento; prometteram-a seu irmão João Antonio Mamede Corrêa Garção, seu filho José Maria Salema Garção, e seu neto já no nosso seculo. Infelizmente preoccuparam-se mais com o credito moral de Garção do que com a sua obra litteraria. O trabalho principal é a edição de 1888, realisada pelo brazileiro Azevedo Castro; não é porém definitiva, mas sel-o-ha logo que se incorporem n'ella as poesias ineditas do Ms. apographo do professor Antonio Lourenço Caminha, e se aproveitem os documentos que põem em bases novas a biographia de Corydon.

Bibliographia das Obras de Pedro Antonio Corrêa Garção

IMPRESSAS

1767

Santos Patronos, contra as tempestades de raios, invocados em devotos Hymnos, Publicados por Candido Lusitano. Lisboa. Na regia Off. Silviana e da Academia real. Anno CIƆIƆCCLXVII. In-8.º de 82 p. (Com uma gravura de S. Barbara.)

Como Garção evitava dar publicidade ás suas composições, torna-se apreciavel este folheto, por conter quatro poesias lyricas unicamente publicadas em sua vida, e com a abbreviatura *Corid. Erim.* (Corydon Erimantheo.) São os hymnos XVI a XIX: *Ao Beato Bernardo*, Marquez de Baden; *A Santo Ubaldo*, Protector da cidade de Eugubio; *A San Norberto*, Bispo e Confessor; *A S. Thomaz de Aquino*, Doutor e Confessor. (De p. 42 a 51.) Não tem variantes na edição das Obras de Garção de 1778, mas não seguem a mesma ordem, talvez por provirem directamente dos manuscriptos. Sobre esta publicação avulsa, escreve Innocencio: «essas Odes lhe renderam em retribuição umas cinco empanadas, com que foi presenteado pelo F. Freire, as quaes elle altamente elogia e agradece em uma chistosa carta missiva cujo fac-simile conservo em meu poder.» (*Dicc. bibl.*)

Esta carta está infelizmente perdida, como o declara o conselheiro Azevedo Castro, na Ed. 1888, p. 599.

Collaboraram nos *Santos Patronos* outros poetas da Arcadia, taes como Diniz, Quita, Fr. Joaquim de Foyos, e Candido Lusitano, que diz na advertencia Ao devoto Leitor qual a «excellencia dos Poetas, que me ajudaram.»

1778 (1.ª edição)

Obras poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção, Dedicadas ao ill.^mo^ ex.^mo^ sr. D. Thomaz de Lima e Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, etc. Lisboa, Na regia Off. Typographica. Anno MDCCLXXVIII. Com licença da Real Meza Censoria e Privilegio real. 1 vol. in-8.º de 12 inn. e 414, com 2 de erratas s. n.

E' a primeira edição das *Obras de Garção* feita seis annos depois da sua morte, e só depois da queda do Marquez de Pombal. A dedicatoria ao novo ministro do reino é assignada por João Antonio Corrêa Garção, irmão do poeta. Contem: 57 Sonetos; 30 Odes; 3 Epistolas; 1 Falla; 2 Satiras; 3 Mottes; 3 Endechas; 2 Dithyrambos; 2 Cantigas; e 2 Comedias. E em prosa: 3 Dissertações; 5 Orações. Ha muita desordem no texto, e numerosissimas erratas.

Por este motivo se lê em umas palavras Aos Leitores: «A obrigação, que nos foi imposta de recebermos a edição das Obras de Pedro Antonio Corrêa Garção, *que furtivamente se pertendiam dar ao publico*, desculpará a desordem e os muitos erros que n'ellas descobrirão os intelligentes...» Nos papeis pertencentes á Real Mesa Censoria, que se guardam na Torre do Tombo, encontrámos o seguinte parecer, que nos explica a allusão da edição furtiva, que se projectava em 1777:

«José Pereira de Sousa pede licença para fazer estampar as *Orações e Dissertações* de Pedro Antonio Corrêa Garção, Academico que foi da Arcadia, denominado Coridon Eri-

manteu. Já n'esta Meza se fez publico o distincto merecimento d'este insigne Portuguez, *quando se propoz e se approvou o primeiro tomo de suas Obras poeticas.* Elle foi bem conhecido entre nós e ainda entre os extranhos. A perda da sua vida foi perda para Portugal, pois o enriqueceria de peças litterarias de grande preço, que serviriam de exemplares a todos os que quizessem dar passos seguros na Poetica e na Rhetorica. N'estes poucos periodos tenho feito vêr o caracter das *Orações e Dissertações* que se apresentam e do grande merecimento que tem para a sua publicação, e seriam muito dignas da licença que se pede. Lisboa, Meza, 23 de Outubro de 1777. Fr. Joaquim de Santa Anna Silva, Fr. Francisco Xavier de Santa Anna Fonseca, Fr. Luiz de Santa Clara Povoa.»

Pela data d'este parecer da Mesa Censoria se vê que estava já demittido o Marquez de Pombal, e que a *viradeira* se estendia tambem até ás opiniões litterarias. De outra fórma nenhum membro da Mesa se atreveria a dizer de Garção que — *a perda da sua vida foi perda para Portugal.* Mesmo a publicação do livro das poesias de Garção parece ter sido motivada por um nobre protesto a favor de aquella victima do arbitrio do Marquez, como se deprehende do facto de terem sido supprimidas as duas Odes que Garção lhe consagrára.

As *Orações e Dissertações* appareceram em 1778 no mesmo volume dos versos, e como completando-o; mas ficaram outras Orações ineditas em poder do conego Figueiredo. Para salvaguardar os direitos de propriedade

litteraria, passou-se uma carta regia em 17 de junho de 1778, sobre o Decreto de 3 do mesmo mez e anno, fazendo «mercê a Dona Maria Anna Salema, viuva de Pedro Antonio Garção, do privilegio exclusivo por tempo de dez annos, para que só ella, ou quem tiver faculdade sua possa mandar imprimir, precedendo à necessaria licença da Real Mesa Censoria, a Collecção das Obras, que em prosa e verso deixou escriptas o sobredito seu marido...»

O irmão do poeta declara na referida advertencia: «Sendo as Obras bem acceitas, como esperamos, *teremos o gosto, que hum dia apparecerão dignas do nome de seu Author*...»

Nos projectos frustrados de edições das Poesias de Garção, veremos como esta ideia se conservou nos descendentes do poeta, filho e neto, que por ventura ainda conservariam alguns manuscriptos.

1794

Como o privilegio concedido á viuva de Garção terminára em 1788, os filhos requereram novo privilegio que lhe foi concedido por mais cinco annos; não o tendo aproveitado, requereram novamente em 1793. Parece que d'esta vez chegaram a apresentar o Manuscripto ao exame da Mesa Censoria, como vemos no Jornal O *Historiador*, de 1840, a p. 86, quando ahi se transcreve a poesia de Garção: «No campo do Rio Frio...»; em nota allude-se ao Manuscripto despachado pela Mesa Censoria em 1794 «que vae ser reim-

presso brevemente.» O privilegio acabou em 1799 sem que esta publicação se fizesse. Consignamos aqui o privilegio e o requerimento do filho do poeta.

«Senhora:

Diz José Maria Salema Garção, e seus irmãos, filhos de Pedro Antonio Corrêa Garção e de D. Maria Anna Salema, que elles alcançaram nova graça no privilegio exclusivo nas *Obras poeticas* de seu Pay, e tendo-se passado provisão por este regio Tribunal nos fins do anno passado, e indo a transitar pela Chancellaria adonde tinha pago os novos direitos, se lhe desencaminhou;

P. a V. Mag.de seja servido mandar-lhe passar outro com salva.

E. R. M.ce

Despacho em 7 de Julho de 1793.

Provisão por mais cinco annos:

«e por que esta mercê se achava finda, me supplicaram lhes continuasse a mesma graça por mais cinco annos *para fazerem uma edição nova, correcta e accrescentada com mais obras do dito seu pay.*»

(Desembargo do Paço, Maço 1984, N.º 15.)

Innocencio falla em um descendente do poeta, que pensava em fazer esta promettida edição, para a qual o sollicito bibliographo fornecera algumas composições ineditas de Garção. Tambem não chegou a ser realisada.

1812

Soneto a Antonio Diniz da Cruz e Silva. Publicado no *Jornal poetico ou Collecção das melhores composições em todo o genero, dos mais insignes Poetas, tanto impressas como ineditas*, p. 116. Lisboa, 1812.

Achámol-o em um Manuscripto de 1802, contendo versos dos poetas do seculo XVIII, e intitulado *Liuro curiozo de MDCCCII;* vem a pag. 367, anonymo, e com um verso differente no primeiro terceto:

> A um canto da bocca arrumo um dedo,
> Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando
> *Sem saber se he tarde ou se he cedo.*

O verso final não traz o nome de Diniz, mas um N com reticencias. No Ms. 1728 da Livraria da Torre do Tombo vem este Soneto nas Obras de José Antonio de Brito, *(Olivo)* discipulo de Garção e protegido do Conde de San Lourenço; tem a epigraphe:

A hũ seo Amigo. Estando preso o Author na Cadêa da Universidade:

> Quinze vezes a aurora tem rompido,
> E accendi outras tantas a candêa,
> Depois que preso estou n'esta cadea
> Soffrendo o que ninguem cá tem soffrido.
>
> De todo trago o estomago perdido,
> Como frio o jantar, mal quente a cêa,
> E este misero ornato que me arrêa
> De noite é cama, de manhã vestido.

A um canto da bocca arrumo um dedo;
Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando,
Sem saber o que faço me arremedo;

Commigo mesmo estou philosophando;
Nego os mesmos principios que concedo,
Vê tu, meu bom Diniz, qual louco eu ando.

(Fl. 44.)

E n'esta folha ỹ vem: *Ao mesmo intento pelos mesmos consoantes:*

Dinis, a minha magoa tem *rompido*
Em fazer tristes versos á *candêa*;
Assim divirto o tempo da *cadêa*,
Tão mal passado, como bem *soffrido*.

Todo o que gasto em versos he *perdido*,
Porque com elles não se aduba a *cêa*,
Nem a Musa gentil que o verso *arrêa*
Me cose as rotas mangas do *vestido*.

Se tenho fome rôo a unha a um *dedo*,
Que como em vão buscar a codea *mando*
Aos que vejo comer nunca *arremedo*.

Em jejum sempre estou *philosophando*,
Os ergos da pobreza não *concedo*,
Mas prova-se a miseria em que *ando*.

Este Soneto foi escripto quando José Antonio de Brito Magalhães era contemporaneo no curso de Leis com Antonio Diniz da Cruz e Silva, antes de 1754. Foi o primeiro Soneto erradamente attribuido a Garção em 1812; Innocencio o incluiu sob o nome de Garção no *Diccionario bibliographico*, e d'ahi o transcreveu como tal Azevedo Castro para a edição de 1888. Foi Brito Rebello quem deu pelo

auctor do Soneto, avisando do erro a Ramos Coelho (*Hyssope*, p. 395.) Ha na Bibliotheca Nacional um outro ms. das Poesias de José Antonio de Brito.

1812 (2.ª edição)

Obras poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção. Nova edição. Rio de Janeiro, na Impressão regia. 1812. 2 tom. in-16.º de: 197 e 259 pp.

Vem descripta esta edição nos *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro*, de 1808 a 1822, por Alfredo do Valle Cabral. (N.º 285.) Ahi se lê: «Innocencio da Silva assignala erradamente a data de 1817; mas vê-se que houve lapso typographico no ultimo algarismo.» Descreve esta segunda edição o conselheiro Azevedo Castro: «Não tem dedicatoria, e o editor alliviando a obra da parte em prosa, aproveitou a taboa das erratas da edição anterior, expurgando esta dos erros na outra apontados. Conservou, no entretanto, a mesma desordenada distribuição das poesias; algumas alterações, poucas e de somenos importancia, introduzidas no texto por conta propria.» E referindo-se á pretendida edição de 1817, diz: «E' evidente o erro da data, que facilmente se desfaz.» A mesma referencia ao numero de paginas dos dous volumes, identico exactamente ao da edição de 1812, claramente o prova.— Sobreleva notar, e este argumento me parece concludente, que no prologo da terceira e ultima edição publicada em Lisboa no anno de 1825 pelos livreiros Martins & Irmão, se diz «conforme á de 1812.» (Ed. 1888, p. XVII.)

1825 (3.ª edição)

Obras poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção. Lisboa, na Imprensão regia. A'. custa dos Livreiros Martins & Irmão 1825. 2 vol. in-8.º (Declara-se que é a reproducção da edição brazileira, e como n'esta, tambem supprimiram as Prosas.)

1827

Dido abandonada — Cantata de Garção. Lisboa. Imprensa de João Nunes Esteves. 1827. In-8.º de 6 p.

1834

Ode *O Suicidio*. Publicada no tomo III do *Parnaso lusitano*, p. 320. Paris, 1834. Foi extrahida dos Mss. da Casa de Pombeiro.

1853

Soneto *contra José Basilio da Gama*. (N.º LVIII, da ed. 1888.) Publicado na *Miscellanea poetica ou Collecção de Poesias diversas, de Auctores escolhidos*, p. 168. Rio de Janeiro, 1853.

1864

Soneto: *A Antonio Diniz da Cruz e Silva;* começa: «Quinze vezes a aurora tem rompido,» etc. No *Diccionario bibliographico* de Innocencio, vb.º Pedro Antonio Corrêa Garção. Foi-me communicado por Innocencio em carta de 18 de Fevereiro de 1861 para a ilha de S. Miguel: «E pois que estamos com versos, talvez não tenha conhecimento do seguinte Soneto dirigido pelo Garção ao seu amigo Diniz poucos dias depois de achar-se na prisão; tenho-o com varias outras poesias ineditas do nosso infeliz árcade . . .» Este sone-

to foi encontrado na collecção das Poesias de José Antonio de Brito, que era discipulo de Garção e morreu antes do mestre. (Vid. supra 1812, *Jornal poetico.*)

1876

Ode *Ao Conde de Oeyras.* Publicada por Camillo Castello Branco no *Curso de Litteratura Portugueza,* p. 326.

Soneto *contra um Rancho satirico;* começa: Pinto fidalgo embaixador da Mancha. (Ibid. p. 203.)

1879

Soneto *Ao P.e Delphim,* capellão do *Loreto;* (N.º XLII.)

Soneto *Ao P.e Antonio de San Jeronymo;* (N.º LXII.)

Ambos publicados no *Cancioneiro alegre* de Camillo Castello Branco, impresso no Porto.

1882

Epistola *Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Sebastião José de Carvalho.* Publicada na *Folha do Povo,* n.º 542, por occasião do Centenario do Marquez de Pombal.

Esta publicação provocou carta de um bisneto do poeta Pedro Salema Garção, inserta no *Espectro da Granja,* n.º 498 (III anno), que é a repetição do que escrevera em 1855 na *Imprensa e Lei* pelas mesmas phrases. Quando em 1865 o livreiro Lopes Fernandes emprehendeu uma reproducção dos Livros classicos portuguezes, revista pelo bibliographo Innocencio Francisco da Silva, entre as obras annunciadas que formariam parte da projectada collecção, acha-se indicado:

Obras poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção, nova edição correcta e accrescenta-

da com muitas Poesias e discursos ainda não impressos. [1]

---

[1] Ainda em 1861 não pensava Innocencio em fazer esta edição; em carta de 18 de fevereiro de esse anno escrevia-nos para a ilha de S. Miguel: « tenho com varias outras poesias ineditas do nosso infeliz árcade, as quaes com outras deviam entrar em uma nova edição que dos seus versos preparava um seu neto José Maria Stockler Salema Garção, que eu conheci e tratei, nascido seis ou sete annos depois da morte do avô, com quem muito se parecia, segundo o retrato que este nos deixou de si na Satira I, menos no talento. Comtudo era excellente pessoa. Morreu ha poucos annos.»

Seria depois da morte d'este, que Innocencio projectaria a sua edição. Sobre José Maria Salema Garção, transcrevemos aqui os seguintes documentos:

Santo Officio — N.º 14345.

Denuncia de D. Maria Amalia Botelho Palha:

« consta que José Maria Salema Garção, official papelista do Conselho do Ultramar assistente com seu pae no Cruzeiro da Esperança, proferira diante da mesma denunciante proposições que inculcão a sua pouca firmeza na Fé, duvidando do Juizo final, das penas do Inferno, da jurisdicção da Igreja em estabelecer mandamentos que os Fieis devem observar, da divina Providencia, e dando a entender que sómente peccam contra o sexto mandamento os que commettem adulterio, escarnecendo de S. José e da pureza da S.ma Virgem.» — Entregue na Meza, em 6 de Fevereiro de 1810.—

— A *José Maria Salema Garção*, filho de José Maria Salema Garção — « dizia que era bom ser amante toda a vida, por que se satisfaziam sempre as paixões sempre com o mesmo fogo e desejo, e não cahiam na *indifferença e tristeza* da vida dos casados.»

— A *Filipe Corrêa Garção*, official do regimento de Melicias, morador á Fonte Santa, agora com o seu batalhão na Sobreira formosa, a quem ouvi tambem fallar contra a frieza em que se tornam os casados e que he milhor ser amante para sentir as impressões amorosas com mais força.»

4 de Fevereiro 1810.

No *Diccionario bibliographico* tambem allude a este seu projecto, que infelizmente não chegou a ser realisado, dispersando-se os seus materiaes com a venda judicial da sua livraria. No emtanto a necessidade de uma edição litteraria das Obras de Garção era reconhecida publicamente; Rebello da Silva formulava com clareza: «Uma edição expungida dos erros que desfeiam as que existem, e *augmentada com o precioso peculio das obras não publicadas*, seria um serviço relevante ás letras e um valioso documento para a historia d'ellas.» (*Panorama*, t. IX, 355.) Camillo Castello Branco no livro manuscripto que colligira o conego Figueiredo, escreveu: «Se um dia se fizer edição nova dos versos de Garção (tarde será) deverão adoptar-se estas emendas e publicarem-se as poesias ineditas constantes d'este volume manuscripto.» Este desideratum foi em grande parte realisado pelo philologo brasileiro Azevedo Castro.

1888 (4.ª edição)

Obras poeticas e oratorias de P. A. Corrêa Garção. Com uma introducção e notas por J. A. de Azevedo Castro. Roma, Typ. dos Irmãos Centenari. Via delle Capelle, 35. 1888. 1 vol. In-8.º peq. P. LXXXIV — 622. (Tiragem avulsa: *Cinco Sonetos eroticos de Garção,* sem data.)

O encontro de composições ineditas de Garção no Ms. de 1767 pertencente ao Instituto historico do Rio de Janeiro, determinou o conselheiro Azevedo Castro a emprehender uma edição das Obras completas do perstigioso arcade; mais o afervorou no seu pro-

posito a acquisição do Ms. compilado pelo conego da sé de Coimbra, Manoel de Figueiredo, intimo commensal da Fonte Santa. Azevedo Castro tomando por base o texto da edição de 1778, dá exacta conta do seu trabalho: «Assim compulsando os ineditos a que me tenho referido, pensei em prestar algum serviço ás letras . . . Esta edição é completa, porque comprehende mais que todas as outras, embora n'ella se não encontre *tudo quanto compoz o poeta*. Não poupei esforços, diligencias, sacrificios, importunações a amigos e extranhos, elles que o digam, para conseguir mais, para conseguir tudo, mas foi quanto pude alcançar. Contém, em definitiva, mais que as anteriores as seguintes peças, ineditas, ou recolhidas de publicações extranhas: 7 Sonetos; 6 Odes; 1 Epistola; 3 Orações.» (P. XXXV.) Allude tambem aos Sonetos no genero picaresco não incorporados no livro, para não maculal-o. As Notas contém as variantes dos dous manuscriptos de 1767 e do conego Figueiredo, interessantes para o estudo do processo artistico do poeta. Infelizmente não pôde o esmerado editor alcançar o Ms. de Caminha, em que se continham mais ineditos de Garção; só tivemos essa fortuna em 1898. A parte biographica, que acompanha esta edição, em nada adianta o pouco que se sabia sobre Garção; para isso era necessario investigar na Torre do Tombo, e o infatigavel Innocencio ficou muitas vezes prejudicado por esta falta. Em carta de 28 de septembro de 1887, escrevia-nos Azevedo Castro: «Mais do que nunca lamento hoje o não terem permittido as circumstancias fizesse eu

uma breve estadia em terras de Portugal antes de haver tomado sobre meus debeis hombros a arriscada empreza em que me embarquei.» Quando fui brindado com um exemplar da edição de Roma, recebi tambem a seguinte carta do benemerito editor:

«Londres, 11 de Maio de 1888.

Prezado am.º Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga.

Tenho a satisfação de remetter a V. Ex.ª por este Correio um exemplar da nova edição das Obras de Garção, que espero acolherá com a costumada benevolencia e desculpará em vista do acabado da obra, pelo lado material está bem entendido, a temeraria empreza a que me abalancei.

Posso em verdade assegurar a V. Ex.ª que não foi sem grande sacrificio que a levei ao cabo. As difficuldades erão taes e tamanhas que muitas vezes cheguei a desanimar; mercê de Deos, porem, consegui superal-as e hoje posso apresentar ao publico portuguez em nitido volume a mais completa collecção de um de seus mais festejados poetas.

Sou o primeiro a reconhecer a minha insufficiencia e o confessei francamente na Introducção do livro. Conto, no entretanto, alguma indulgencia me seja dispensada attenta a espontaneidade com que dei a lume os ineditos de que estava de posse.

Na alludida Introducção verá V. Ex.ª a minha argumentação contestando a versão do snr. Camillo Castello Branco. Poderei estar

em erro, mas é minha convicção que a questão adhuc sub judice est.

Com o mais profundo respeito e distincta consideração

De V. Ex.ª

att.º adm.ᵒʳ cr.º obr.ᵐᵒ am.º

J. A DE AZEVEDO CASTRO.»

MANUSCRIPTOS

Collecção das milhores Poesias que não correm ainda impressas dos Poetas que floresem presentemente em Portugal, juntas pelo cuidado de A C B U S, & em Lisboa, 1767. (Ms. pertencente desde 1881 ao Instituto historico e geographico do Rio de Janeiro.)

Apesar da orthographia, denunciando um compilador illiterato, vê-se que trabalhára sobre uma collecção já formada. Escreve o conselheiro Azevedo Castro: «Em todo o caso é muito para louvar o paciente cuidado com que trasladou tão avultado numero de poesias, inclusive todo o *Theatro novo*, com a declaração de haver sido representado no Theatro do Bairro Alto em 1766.

«Esta preciosa descoberta suggeriu-me a ideia de publicar uma edição completa das producções do mais notavel dos fundadores da Arcadia, *reunindo ás conhecidas as ineditas do manuscripto*, e arrecadando para o futuro livro as dispersas em varias collecções de que tinha noticia. Sem demora puz mão á obra.» (P. XXI, ed. 1888.)

Collecção de Poesias portuguezas de varios engenhos, d'este e do presente seculo juntas e recolhidas pelo secretario dos engenhos alheios. 3 tomos, in-4.º (No 1.º tomo traz a nota: *Entre muitas ineditas tem algumas de Corrêa Garção.)*

Esta Collecção foi adquirida por Camillo Castello Branco, e aproveitadas d'ella algumas noticias para o seu *Curso de Litteratura portugueza.* Ahi transcreve umas prosas ineditas de Garção, e declara: «Não a pesquizas nossas pessoaes, mas á possessão casual de valiosos manuscriptos se deve attribuir o que dissermos novo a respeito de Garção. O manuscripto de Poesias e Discursos ineditos do árcade Corydon Erimantheo, possuiu-o o conego conimbricense Manoel de Figueiredo, nomeado duas vezes pelo academico Trigoso na mais conhecida que notavel *Memoria sobre a Arcadia.* Figueiredo, segundo Trigoso escreve, possuia papeis, documentos particulares e productos ineditos da Academia dos Arcades seus coevos e amigos.» *(Op. cit.,* p. 172.)

Escreveu Camillo Castello Branco estas linhas em 1876, e em 1883 foi vendido o manuscripto com toda a sua livraria. *(Catalogo,* p. 73, n.º 1865.) Foram tenacissimos os esforços do conselheiro Azevedo Castro para descobrir o paradeiro d'este manuscripto para completar a sua edição das *Obras poeticas e Oratorias* de Pedro Antonio Corrêa Garção. Sómente o primeiro volume é que continha composições de Garção. Diz o carinhoso editor: «As ineditas todavia não abundavam; com excepção de *trez Sonetos e outras tantas*

Orações, tudo o mais constava das collecções impressas. O que, porém, contribuia para dar a meus olhos inapreciavel valor ao manuscripto, era o facto de haver sido todo elle copiado e annotado pelo conego da sé de Coimbra Manoel de Figueiredo, que em um prologo panegyrico explica o modo como obtinha as producções do poeta.» (Pags. XXVI. Ed. 1888.)

Eis o prologo:

«Esta collecção de composições oratorias e poeticas tem sido o trabalho e cuidado de alguns annos. Corydon tão digno entre nós de nome eterno, como foi entre os Romanos, não sei por que occulto mysterio era sobremaneira difficil em communicar os seus escritos. Conservava-os como moeda rara em si com summa avareza, especialmente depois que a critica indiscreta se atreveu a riscar-lhe parte de sua terceira bellissima Oração. Não soffreu que uma penna atrevida e impertinente desfigurasse suas excellentes ideias, depois que vencendo os importunos rogos da côrte, se resolveu a consentir na impressão da maravilhosa invectiva contra os traidores da patria.

«E' certo que só a prevenção que ainda dominava certos genios austeros e atrabilarios podia achar que emendar em uma tão inimitavel composição.

«Nas mesmas emendas até se deixa entrever que a mão que as fez era muito falta da politica que reina conforme a constituição e o governo dos estados. O pastor teve a honrada constancia de frustrar antes a espectação publica do que enganal-a com partos alheios.

«Os logares notados e supprimidos, que vão indicados na nota seguinte, mostram bem que a penna emendadora conhecia muito fracamente a força dos pensamentos exprimidos. Estes são os desgostos que enfraquecem e desanimam um espirito que desejando sacrificar tudo pela patria, sempre reserva a honra e o entendimento. A Arcadia que ouviu Corydon detendo o Alpheo com sua melodia, chora hoje sem remedio a sua perda.

«Portugal sentirá sempre não conhecer a fundo um pastor que tanto lustre deu a seus amenos campos. As musas lastimar-se-hão que os dissabores e as angustias de animo suffocassem um genio verdadeiramente poetico.

«Amava o grande cothurno, e se a Nação quizer contar a Horacio e Sophocles entre seus poetas, não achará outro mais digno que Corydon. A lição e o genio produzem só de seculos a seculos estes raros phenomenos. Suas *Odes* serão o modelo do grande e do sublime, e suas *Orações* sustentar-lhe-hão dignamente um distincto logar entre os bons Gregos e Romanos, ou seja para a pureza da phrase, ou para sua natural energia e viril estylo. Milagre raro unir-se o estro e transporte dos poetas com a facil e numerosa linguagem dos oradores. O que é de Corydon é na verdade admiravel.

«A's diversas copias se deverão attribuir alguns erros, comtudo em nada substanciaes. Deve advertir-se que sendo as duas primeiras Orações *transcriptas dos seus proprios originaes*, se cuidou muito em fazer conservar no traslado a mesma orthographia. O author não tinha n'ella systema uniforme. O

mesmo projecto de que nunca apparecessem em publico, os fazia ter escritos com summa negligencia; e de modo que foi necessario ter grande uso de sua letra para advinhal-os. Porém com trabalho tudo se vence.

«Lê e medita; gosa os fructos dos meus innocentes roubos. Para agora lêres foi necessario que mão domestica, a quem nada se podia occultar, fosse a mesma que generosamente infiel me desse em summo recato algumas das composições que aqui vão copiadas.»

Por esta declaração prévia do conego Manoel de Figueiredo, vê-se que a esposa do poeta, D. Maria Anna Xavier Froes de Sande e Salema, lhe communicava os autographos de Garção, que assim ia copiando cuidadosamente, pela muita admiração que lhe consagrava. Fôra isto muito antes do desastre de 1771; e pode considerar-se como a primeira collecção organisada das composições de Garção, que tenazmente lhes negava a publicidade. D'estes mesmos ineditos se formou a edição de 1778, dirigida por João Antonio Corrêa Garção, irmão mais novo do poeta, o qual deixou ficar inedita a *Ode* ao Conde de Oeyras, e a *Epistola* ao mesmo ministro. Ha porém grandes variantes entre os dois textos; como explical-as? Basta observar o que diz Azevedo Castro:

«Em verdade muitas das poesias copiadas continham *notas em baixo da pagina* á guisa de emendas ao texto. Examinando-as, porém, acuradamente verifiquei, ora que taes notas se identificavam com as collecções impressas, ora que a identidade estava no mesmo texto.» (P. XXXVII, ed. 1888.)

Conclue-se que o conego Figueiredo copiou os manuscriptos já com essas variantes e emendas dos autographos difficilmente legiveis do poeta; e que quando encontrou a mesma composição repetida fez-lhe o confronto, ajuntando a uma as variantes que encontrara nos outras. Isto condiz com a incondicional admiração que consagrava a Garção, e a tudo quanto elle escrevia.

Foi d'estes mesmos manuscriptos que se serviu João Antonio Corrêa Garção para a edição de 1778, organisada á pressa, e sem tempo para lêr bem os autographos; muitos dos erros apontados no fim da obra são devidos a imperfeitas leituras e tambem á adopção de variantes, que durante a impressão foram systematicamente desprezadas.

Em 1876 publicou Camillo Castello Branco, no *Curso de Litteratura portugueza*, pagina 326, a *Ode ao Ex.mo Conde de Oeyras*, extrahida da collecção do conego Figueiredo; e no *Cancioneiro alegre*, em 1879, dous Sonetos *Ao P.e Delphim, capellão do Loreto* e *Ao Padre Antonio de San Jeronymo, capellão do côro de N. S. do Loreto, de nação italiana*. Na *Camiliana* de Henrique Marques, p. 82, ainda se apontam como ineditos; estão já incorporados na edição de 1888. D'elles escrevera Camillo: «Encontro nos meus papeis dois Sonetos ineditos de Garção. Contendem ambos com capellães do Loreto.» (Op. cit., t. II, p. 57 e 58, ed. 1888.)

Em um Ms. da Academia real das Sciencias, de Lisboa, (G. 5, Est. 21, Part. 5) que se intitula *Catalogo dos Manuscriptos copiados por Antonio Lourenço Caminha*, encontrámos a seguinte indicação:

Collecção das Obras poeticas de P. A. Corrêa Garção, onde vem muitas que se não imprimiram.

Vê-se que o curioso professor regio de rhetorica, que ainda conheceu muitos árcades, fizera uma copia dos versos de Garção, apesar de citar o privilegio exclusivo concedido á viuva do poeta. Quando mal esperavamos, encontrámos esse manuscripto em 1882 em um leilão de Casimiro da Cunha, na rua larga de S. Roque; conhecêmol-o pelo titulo. Não nos foi possivel fazer um exame comparativo com o texto impresso, e da nota sobre a representação do *Theatro Novo* em 1766, démos em 1887 noticia ao sr. Azevedo Castro. (Ed. 1888, p. 610.) Sómente em 1898 é que tornamos a encontrar esta copia de Caminha ao percorrer o Catalogo da Livraria do acerrimo bibliophilo Pereira Merello, que o guardára dezeseis annos implacavelmente. [1]

---

[1] Quando o conselheiro Azevedo Castro trabalhava na impressão das *Obras poeticas* de Garção, demos-lhe noticia d'este manuscripto; em carta de 10 de septembro de 1887, escrevia-nos sobre as informações que *eram inteiramente desconhecidas:* «Entre estas figura para grande mortificação minha a noticia da existencia do Ms. copiado por Antonio Lourenço Caminha, contendo poesias ineditas do nosso Poeta.

«Pois eu e o Luiz Guimarães, que suámos o topete, como se diz na nossa terra, á caça de quejandos ineditos, não tivemos a fortuna de descobrir esse. E diz V. que n'elle se encontram varios Sonetos, além da Epistola ao Marquez de Pombal, que publicou na *Folha do Povo* em 1882, e mais uma Satira.

«Que achado! mas a que horas! a impressão do encantado volume está a terminar, e presentemente corrijo as provas das Notas e Variantes.»

Descreve-se no Inventario-Catalogo da Livraria de Pereira Merello, n.º 5330:

Collecção das Obras poeticas de Pedro Antonio Garção, *aonde se achão muitas que se não imprimiram*, etc. (Tem no pé da pagina N.º 112, talvez da série das copias de Caminha.) Manuscripto, em papel de linho, in-4.º com 179 folhas numeradas e tres de indice; encadernado em couro, tendo na lombada a ferros dourados: OBRAS POETIC. M S. Transcrevemos em seguida o:

Index das peças de Poesia que contem este tomo:

Sonetos

Qual a mansa novilha que innocente 1
Vejo na vasta scena do futuro *v*
Ao brilhante poder de santo-fogo 2
Pisando mil estrellas radiantes *v*
Commigo minha mãe brincando um dia 3
Se eu soubera, Marilia, que vivia *v*
N'uma sonora roda que girando 4
Espirito gentil do esposo amado *v*
Ao som dos duros ferros que arrastava 5
Não menti, não, se disse que os Amores *v*
Se tuas longas azas despregando 6
Estavam as tres Parcas penteando *v*
Na solitaria praia a ruiva areia 7
Qual saudosa mãe que da ribeira *v*
Foi-se embora o Delphim? Como ficamos! 8
Luctando com mil sustos, mil pezares *v*
Doutor Henriques, o Garção doente 9
Lá de traz do casal vem resurgindo *v*
Amigo Frei Joaquim, assim te eu veja 10
Ante meus olhos anda amor voando *v*
Molhae, correi, brincae; na mão mimosa 11
Que é d'elle, o cabeção do Padre Antonio *v*
* Amigo meu, Delphim, padre carola 12
Tambem me lembra a mim que já tiveste *v*
Amigo, fallo serio; saudosos 13
Inda a vermelha aurora somnolenta *v*

Quem viu Padre Delphim? um clerigo alvo 14
Não se paga de versos a saudade *v*
Appareceu o Padre Antonio; estava 14
Amigo Padre Antonio, a Fonte Santa *v*
Cantar Marilia ouvi tão docemente 15
Sujos Brontes estão arregaçados *v*
Em magnifica scena a phantasia 16
Os antigos Poetas fabulando *v*
Trez vezes vi, Marilia, de alva lua 18
Depois de atar a pobre barca Algido *v*
Por Cerastes e Gorgones lançada 19
Por entre crespas serras do enrolado *v*
Quaes as portas de Jano aferrolhadas 20
Depois de tu quebrares a rabeca *v*
Ao pelado Elizeu a rapazia 21
Hoje ao redor de mim Amor voava *v*
Inda que abrindo a bocca o mar irado 22
Com a mão na rabiça e na aguilhada *v*
Quem vem lá? quem nos honra? é estudante 23
* A porto salvo em feliz carreira *v*
N'uma galé mourisca afferrolhado 25
Comtigo, Lilia, moram os amores *v*
Esparzindo dourados resplendores 26
Quem de meus versos a lição procura *v*
Amor, que mil ciladas me traçava 27
Era alta noite, a lua prateada *v*
Ao som da Fonte Santa que corria 28
Se belleza gentil pudera dar-te *v*
Não louves, clara Tirce, a doce lyra 29
Salve formoso dia, alegre dia *v*
Doze vezes o sol com seus fulgores 30
Afortunado Eneas, que sahiste *v*
Hontem se foi d'aqui Nise formosa 31
Não te direi que as Graças, que os Amores *v*
Com soquete, lanada e botafogo 32
O louro chá no bule fumegando *v*
(Seguem-se doze folhas em branco.)

Odes

Em louvor dos bons progressos da Arcadia.
Em Metaphora nautica

Soberbo galeão, que o porto largas 44
O constante varão justo e irado 47
Pelejei, pelejei, e não sem gloria 48

Vê, Silvio, como sacudindo o inverno 49
Cercado de pedreiros, de vorazes 50 *v*
Em quanto o pobre Tirse descansado 52 *v*
Delphim, caro Delphim, com que ligeiro 53 *v*
Com que férvidos rogos imaginas 56
Ligado com asperrimas algemas 57 *v*
Nas despidas paredes que me abrigam 60
Pois sabes que nas margens do Mondego 62
Com suaves caricias, brando, humilde 63 *v*
Se em ricas urnas de ouro refulgente 65 *v*
Se já ouviste, Conde magnanimo 68 *v*
Não fabulosa têa de mentido 69 *v*

Dithyrambo

Baccho, Elpino, cantemos, da-me o bromio 70 *v*

Endexas, a duo

Quem amor não tem 72

Letra

Em mil agonias 73

Cantiga

Cuidava que Briolanja 73

Romance endecasyllabo

Subi, Senhor, ao throno lusitano 74

Mote

Marte, faze-te da moda 76

Decimas

* O sol do teu claro rosto 77

(Seguem-se trez folhas brancas)

Cantigas

Do Campo de Rio frio 81

Ode

(Traducção de uns versos inglezes a um grande pintor)

O dourar a manhã do sol que nasce 82

Ode

* De Paphos nos altares agradaveis 82 *v*

Odes epodicas

Quantos, caro Pinheiro, noite e dia 83 *v*
Cercado estava Amor de mil amores 85
Que facil é com lapis e compasso 86 *v*
Pois torna o frio inverno desabrido 89

Dithyrambo

Os brilhantes trançados enastrando 90 *v*

Satira

Coridon, Coridon, que negro fado 91

Epistola

Qual sordido pedreiro, que doente 95

Satira

Não posso, amavel Conde, sujeitar-me 98

ADVERTENCIA: *Esta Satira parèce que ficou por acabar, pois d'ella se não acha mais nada.* 101

Odes pindaricas

Não arabico incenso, ouro luzente 101 *v*
Quantos, claro Noronha, vão surcando 104
Se já ouviste, Conde magnanimo 105
Apenas hoje a somnolenta Aurora 107

Romance

* Desce, oh santo Hymeneo; a sacra têa 108

Satira

* De um novo frenesi hoje enlouquece 110 *v*

Falla o Infante

Não, lusitano Povo, eu não consinto 132

Carta

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Sebastião José de Carvalho e Mello.

Se em teus hombros constantes firmemente 132

Theatro novo 136

ADVERTENCIA AO LEITOR:

Este finalisado Drama, se representou no Theatro do Bairro Alto em 22 de Janeiro de 1766, e o Povo expectador o não deixou acabar, com pateadas e assobios. 154

Assemblea ou Partida 156

Index 180

Consignamos em seguida algumas variantes, e rubricas explicativas das poesias d'este manuscripto:

Soneto X (Ms. Merello)

A *puro* sacrificio vae puxada
Sem temer a *segure* reluzente.
O *fero* gume na cerviz cravado.

Soneto LV

Traz no Ms. Merello, fl. 5 a rubrica: *Estando o A. preso.* (Tinha á margem a nota de inedito; vem na ed. de Roma.)

Soneto XXIV

Tem a rubrica: *Estando o A. preso.* fl. 29. Na ed. de Roma é dedicado a Theotonio Gomes.

Ode XIV

Tem a rubrica: *Em louvor dos bons progressos da Arcadia. Em Metaphora nautica*, fl. 66.

Dithyrambo I

Tem apenas duas estrophes no Ms. Merello, fl. 90 *v.*

Satira I

Tem no Ms. Merello o titulo *Coridon e Calpurnio.*

Epistola II

Tem no Ms. Merello a rubrica: *Ao sr. João Evangelista, Ministro na Provincia do Minho.* Fl. 95.

Satira II

Depois do ultimo verso:

« O cabello que foi ou preto ou louro »

Ms. Merello, fl. 101, tem a seguinte

ADVERTENCIA

Esta Satira parece que ficou por acabar, pois d'ella se não acha mais nada.

O signal * designa inedito, ainda depois da edição de Roma de 1888.

Dos Sonetos d'esta collecção, achavam-se incluidos:
2 no Drama *Assemblea ou Partida*.
2 na collecção dos Sonetos eroticos (São o IV e V.)
2 são inteiramente ineditos; são os seguintes: (retro, p. 345) e

Soneto

Amigo meu Delphim, padre caróla,
Eu sinto grande estrondo na barriga;
Huma ora ronca, outra se empertiga,
Huma tripa se esconde, outra se enróla.

Não me parece bem a chirinola:
Arre, que apêrto! Valha-te uma figa:
Quem sabe, se isto é cousa da *lombriga?*
Mas, eu sinto no cú como uma bóla.

Espera, que me espremo. Que tormenta!
Escuta o rouco som da trovoada,
D'esta feita a culatra me arrebenta!

Ay! que dei uma bufa! Não he nada;
Ora cheira; e vê lá se te contenta,
Que eu já tenho a barriga aliviada.

Ms. Merello, fl. 12

Ode

De Paphos nos altares agradaveis
O mimoso Cupido,
Quando da clara mãe está nos braços
Gosando mil delicias,
Não está mais contente e mais gostoso
Do que eu, quando estou vendo
Os teus olhos gentis, formosa Tisbe.
Que amoroso deleite!
Que gostoso prazer! Que doce gloria
Me conduz ao transporte
D'este amoroso ardor em que me abraso!
Quando ouço a voz suave
Que sensivel se mostra aos meus affectos;
E vejo o riso brando
Com que acceitas de Amor os doces mimos;

Então, contente clamo:
Deixa, oh Cupido, os braços amorosos
Da bella Cytherêa,
Deixa os mimos que gosas, quando alegre
Descanças no seu peito:
Vem buscar nos da minha amada Tisbe
Prazer mais deleitoso:
Oh quanto sou feliz, pois logro amante
A gloria incomparavel
Que até o mesmo Amor invejar póde!

Fl. 82 *v.* Ms. Merello.

Romance

Desce, oh santo Hymeneo; a sacra têa
Nos altares do Amor brilhante suba;
Em ardores reciprocos se abrasem
Constancia, Discrição e Formosura.

Accenda o fogo a prónuba Deidade,
E nas mesmas prisões dois peitos una;
Erycina os corôe de amarantho,
Espalhe Antheros as virentes murtas.

Entrae, oh felicissimos Consortes;
No templo entrae; que fausta pyra busca,
Duas almas unidas na firmeza,
Dois corações concordes na ternura.

Deixae que a chamma toque os nobres peitos,
E que as duas vontades fiquem uma;
A fé jurae; perdei a liberdade
Que Amor comvosco, assim protesta e inculca.

Ahi tens, fino amante, a bella Esposa,
Que hoje te entrega o imperio da Fortuna,
Generosa, discreta, illustre, amavel,
Mimo dos fados, idolo das Musas.

Naturaes perfeições despreza sábia,
Em mais sublimes prendas sendo culta,
Por que no Lacio idioma e no materno
Com rara erudição fallando lustra.

De Apelles e de Zeuxis a memoria
Em tão ditoso seculo, caduca;
Que a illustre contendora os escurece,
No airoso rasgo da melhor Pintura.

Ali tens, oh Esposa esclarecida,
O venturoso amante que te busca;
Heliotrópio feliz do maior Astro
Que o orbe admira nas espheras lusas;

Affavel, erudito e generoso,
Com illustres acções, mostra a profunda
E douta ideia, da melhor prudencia,
Com que os dogmas politicos computa.

De meritos tão raros, convencido
O sabio Rei da vencedora Prussia,
A chave lhe entregou dos interesses
Que entre as rasões de Estado se regulam.

O sabio Rei dos Cesares e Titos
Retrato o mais fiel, effigie augusta,
Que a base de estandartes lhe guarnece
E que a fronte com livros lhe circumda.

Venturoso Ministro, que sustenta
Do magnanimo Rei a gloria summa!
Vantagem das Nações, honra da Patria,
Na estimação que a Côrte lhe tributa.

Apertae, pois, Consortes adorados,
Ternos laços de amor e da ventura;
Tocae os corações no amavel fogo;
Sacro licor na pyra se diffunda.

Assim cantava ás humidas Deidades
Glauco, vestido de espadanas brutas;
Escutavam, librados sobre as ondas
As phocas e os tritões da salsa bruma.

Buscam todos o thalamo ditoso;
Deixam nas aguas circulos de escumas;
E os corações que em mãos limosas erguem
De nova côr adornam, rubicunda.

As Filhas de Nereo pérolas trazem,
Que ao leito nupcial finas ajuntam;
E para Altar propicio dos Amores
Thetis o estofa de manchadas plumas.

Ao concurso maritimo seguindo
Cupido sobre o thalamo figura,
Abrindo as azas, pavilhão ao leito,
E entre as pennas as settas guarda occultas.

Corre Juno as cortinas; Venus lança
Os aromas no fogo. Alegre a turba
Das marinhas Deidades se recolhe
Nas cavernas do pélago profundas.

(Fl. 108 *v*. Ms. Merello.)

Decimas

O sol do teu claro rosto
Que alegre me amanhecia,
De pranto n'um mar já posto,
Me roubou a luz do dia.
Fez anoutecer o gosto,
Deixa-me em sentimento
Em espinhos, em abrolhos
Todo o meu contentamento,
Por me faltarem teus olhos
N'este triste apartamento.

Ah, terna, Aonia, a dourar
Estes campos com teus raios,
Vem minha alma resgatar
De tantos mortaes desmaios.
Mas, que faço em te chamar?
Não te dóe minha afflicção,
E só, ingrata, vieras
Se capaz de compaixão
Tanta magoa tu tiveras
Como tem meu coração.

(Ms. Merello fl. 77)

Satira

De um novo frenesi hoje enlouquece
  Quasi meia Lisboa, e vae lavrando
  O mal, como em rebanho que engafece.
Alça-se cada dia um novo bando
  De Poetas, e praga tão daninha,
  Anda os campos de Apollo devastando.
Não fica planta, fructo, flor, ervinha
  Sem ser abocanhada; maior damno
  Nunca fez a lagarta em qualquer vinha.
Cada um d'elles sem pejo e muito ufano
  Mais versos n'um Oiteiro só vomita
  Do que fez Thomaz Pinto em todo um anno;
Este, d'aqui o empulha, este outro grita;
  Mas elle a cantilena leva ávante,
  Pois lhe basta que um só — bravo — repita.
Soffra-os muito embora essa ignorante
  Caterva, que em tropel, a ouvil-os vêem
  Com bocca aberta e preito semelhante.
Façam-lhe rodas mil, vivas lhe deem;
  Então mais, se é Romance ou se é Soneto,
  Que a taes beiços alfaces taes convem.
Com semelhantes couros me não metto;
  Mas não posso tragar que elles persigam
  Os que distinguem bem branco do preto.
Mil remoques bernardos que lhes digam,
  O fugir d'elles, como de empestados,
  E' em vão, para que elles os não sigam,
E como sanguexugas aferrados
  Jámais deixam os pobres miseraveis
  Sem de sangue ficarem esgotados.
Ah, Destinos crueis! Ainda julgaveis
  Por poucos nossos males e catarros,
  Agudas febres, velhos intrataveis?
Presumidas mulheres e masmarros
  Com vãos flatos de doudos falladores,
  Não bastavam, assás, sem taes galfarros?
Mas, perguntae a um d'esses parladores,
  Muito cheio de si, por ter brindado
  Com descante a uns olhos matadores,
Ou áquel'outro, com o dedo apontado
  Por haver vinte *Glosas* repetido
  A certo consoante endiabrado:

Que Horacios, que Aristoteles têm lido?
  Que Virgilios? que Homeros? que famosos
  Antigos exemplares remexido?
Vereis com que risadas desdenhosos
  Vos respondem; talvez com sentimento
  De vossos crassos erros lastimosos:
Nunca foi gregos versos meu intento
  Ou latinos compôr; nem a Poesia
  Requer estudo, mas vêa e talento.
E logo para prova vos enfia
  Uma lauda de nomes e apellidos
  Em que furor, sem letras, só havia;
Nomes só d'elle e de outros taes sabidos,
  Que quando a bocca abriam nos Outeiros
  Sempre eram como oráculos ouvidos.
Oh gente a mais feliz! Pois que os primeiros
  Sois que aprendeis por giria que ainda vemos
  O officio dár nas trovas dos Barbeiros.
Mas d'aqui que procede? Que nós temos
  A cada passo versos tão boçaes
  Que nem suando sangue os percebemos;
Vós, Edipos que enigmas desataes,
  E vós, que os caracteres nigromantes
  E sibylinos versos disfarçaes,
Vinde e vereis em quam breves instantes
  Vos desfaço essa futil vaidade,
  Só com dez ou quatorze consoantes:
Aqui não ha segredo, nem verdade
  Occulta, ha só palavras campanudas
  Que a cruel Rima pucha sem piedade.
Um simples termo, que a este xadrez mudas,
  Já se tornam insulsas frioleiras,
  Cousas que se inculcavam por agudas.
As expressões do vulgo mais rasteiras,
  Vem travadas com outras na sentença
  Que ferem as estrellas derradeiras.
Olha, com que irmandade e sem diff'rença
  Vão Odes, Elegias e Epigrammas,
  E tudo o mais que casa sem dispensa;
Mas se por ser Poeta assim te inflammas,
  Dize, bom homem, quem te fez deixar
  Acrosticos, *Enigmas* e *Anagrammas?*
Tambem tinha o *Romance* o seu logar;
  De quando em quando a *Outava* o tinha,
  A *Quintilha*, o *Elogio lapidar;*

Porém Eclogas? Cuidas que a cabrinha,
O cajado, o surrão, o arrabil,
O dizeres *bofé, ca, homê, asinha*;
Que o fallar Bieito, Bras, Gonçalo, Gil,
Que a vacca mansa, a ovelha, o pegureiro,
Bastá a formar o estylo pastoril?
Meu amigo, outro officio! o de gaiteiro;
E' alegre, senão, vae-te á tabũa.
Não val mais conversar sempre ao soalheiro?
Ser Poeta não é cousa commũa,
E' dom divino, que genio apoucado
Nunca pode alcançar por mais que sũa.
Mas este mesmo dom sem ser guiado
Pelas regras da Arte, ao precipicio
Corre, como cavallo desboccado.
Que julgas tu? Que a Arte o seu principio
Teve em subtís caprichos? A Rasão
E' sobre que se firma este edificio.
Oh, senão fosse assim, um charlatão
Dentro em dous mezes, sem temor, ousara
Talvez dar Epopêas á impressão.
O estrangeiro Drama se mostrara
Com muito maior pejo do que agora,
Se a atrevida ignorancia o estro peára.
E se o muito bom fôra, então embora
Lucilo ao grande Horacio preferira,
E melhor que Virgilio Mévio fôra.
O fallador Crispino repetira
Com boa acceitação seus versos frios,
E nem hum bocejara, outro dormira;
Porém cheios de todo os grossos rios
Correm, quando os ribeiros claros, puros,
Se derivam com doces murmurios.
Uns versos morrem logo, outros seguros
Do tempo e da inveja, estimações
Merecem bem aos seculos futuros;
Vêde-o nos Sás, Ferreira e Camões.
Mas, é que n'estes houve a rija lima,
Que o grão Flaco inculcava aos seus Pisões.
N'estes, doutrina e arte egual se estima,
No conceito e dicção egual nobreza,
Não parava o cuidado só na rima;
Era o seu melhor livro a Natureza,
Onde mil raras graças profundavam;
Não havia a corrente, vã presteza;

Assim, grandes, pequenos respeitavam
O seu alto saber; as gentes rudes
Entre as cerradas trevas se illustravam;
Elles tornam mais bellas as virtudes,
Elles fazem que sempre te conheçam,
Vicio torpe, por mais que as formas mudes.
D'aqui vem que respeito e amor mereçam
Ante os Reis e Heroes, que os mais famosos
Se lastimam que Homeros lhes faleçam;
Os indomitos tigres, os raivosos
Leões, que apoz de si mansos traziam,
Não são contos de velhas fabulosos:
São os Povos ferozes que despiam
Sua antiga braveza, e a luz brilhante
Da Justiça e Rasão na alma imprimiam.
Que generoso espirito ver diante
Bella imagem, de feitos excellentes,
Não aspira a que a Musa illustre o cante?
Dom raro! Dom divino! Que diff'rentes
São hoje os teus effeitos! Que desprezo
Entre o vulgo profano hoje não sentes!
Não trato de um tal vulgo, cujo pezo
De razões não se estima. D'outro fallo,
Mais ridiculo sim, porém mais tezo;
O Matagentes, digo, o que o cavallo
Fez da Fama, ou o Rabula chamado,
Que justiça acha tudo; alto, immenso,
Que lança aos borbulhões o mascavado
Latim, da bocca, e que entre mil diff'renço
Pelo ár pedantesco e impanturrado;
Ou aquelle que com fervor intenso
Ao som de um — Ergo — raivoso se engrila,
Que qual sombra de rogo o faz suspenso,
E pois na ruiva letra da Postila
A vista consumiu, quer que o soffshould
Se insensivel bruto, em tudo filla.
D'esta cáfila doida é que tomamos
Os dictérios, apodos, e as affrontas
Com que os pobres Poetas regalamos;
E Poeta, diz um em suas contas,
Ou é louco bufão, ou comedor;
Quer bom sejas, quer máo o mesmo montas:
Camões e o Capa-rota trovador,
Fraternalmente correm sempre iguaes
No juizo de um tão sabio censor,

Pois tudo é ser Poeta; e se algum mais
Trovas faz, melhor é! Deusas do Pindo,
Por que tantos ultrajes não vingaes?
Vêde que o ocio torpe consumindo
Vae tanto engenho claro, que podera
Ir barbaros costumes destruindo;
Mas que Amphião, que Orpheo algum fizera
Se entre os vis trovadores consumir-se
A descrição modesta, não temera?
Ah, não! Musas, fazei que a dividir-se
Chegue o ouro da escoria, e que do engano
Possa até o vulgacho emfim despir-se!
Gose em paz, só, ditoso, soberano
De Poeta o que ornou a Natureza
Do que ha mais peregrino; e mais ufano
Gose da justa gloria e da grandeza
Tal espirito, e sejam sepultados
Os fanaticos loucos na vileza;
Pelas ruas, com vaias e apupados,
Os rapazes lhe tirem dos vestidos
'Té serem da mania melhorados;
Quando não, nas Casinhas recolhidos.

(Fl. 110 *v.* Ms. Merello.)

Depara-se noticia de uma Satira inedita de Garção em uma referencia do discurso preliminar do poema *Sonho erotico* de Luiz Rafael Soyé, publicado em 1786. Transcrevemos a passagem: «Não me acho, como já disse, com a paciencia, que me seria precisa para vêr meus versos assoalhados, entregues como desherdados pupillos,

Ao rabido furor do Pedantismo.»

E em nota a este verso ou titulo: «Garção, Satira inedita.» [1] Esta satira nunca foi publicada, e tampouco encontrada pelos insistentes esforços do conselheiro Azevedo Castro.

---

[1] *Sonho erotico*, p. XLI.

Em outra passagem do seu prologo Soyé allude ao antagonismo que existiu contra Garção e ás satiras que lhe dirigiram na chamada *Guerra dos Poetas:* «Mas reflectindo depois na injustiça, com que os garrulos detractores dos nossos dias, zelosos herdeiros da mordacidade de Canusino e Pedio, trataram o nosso immortal Garção, pertendendo á força das calumnias, que a maldita inveja desde os seus corrompidos seios fulminava envoltas n'hum halito pestifero, e com os Sonetos e mais Satiras volantes, que a precipitada emulação por suas mãos cegamente escrevia com pennas de milhafre, que a mesma inveja lhe molhava nas fétidas e negras aguas do Cocyto: pertendendo, digo, com o veneno da Satira deslustrar a memoria de hum tão grande homem, manchando assim indecorosamente huma reputação comprada com tanto trabalho, e a hum genio tal justamente devida: etc.» [1]

Por estas explicações, e pelo sentido do primeiro verso, se reconhecerá que esta é a Satira, que se julgava perdida, e á qual Soyé se refere dizendo de memoria o primeiro verso ou titulo que aproximadamente e por vaga reminiscencia formulára.

Collecção manuscripta das Poesias de Garção, contendo tambem duas tragedias ineditas, *Sophonisba* e *Regulo.*

Existia na Livraria da Casa do Conde de Vimieiro, segundo affirmava José Maria da Costa e Silva. (*Ramilhete*, t. III, p. 134.)

---

[1] *Ibid.*, p. XII.

E particularisava o facto dizendo, que se achavam em dous saccos. E' certo que a Condessa de Vimieiro, D. Thereza de Mello Breyner tinha relações litterarias com Antonio Diniz da Cruz e Silva, intimo de Garção, e como elle influente na Arcadia lusitana; pelos versos de Diniz sabe-se que este entregára á illustre dama muitos papeis seus. Da existencia da *Sophonisba* n'essa collecção deduz-se talvez a proveniencia dos manuscriptos, que estariam confundidos em dous saccos, por não terem sido coordenados pelo seu possuidor. Sómente a Diniz é que o Garção consentiria em confial-os, apesar da sua extrema reserva; viviam em communhão litteraria, tendo sido Diniz que lhe forneceu o material e talvez o pensamento para a tragedia *Sophonisba*, como se vê pelo Soneto LXXXIX (Vid. rétro, p. 372.)

Collecção das Obras manuscriptas de Garção.

No tomo III do *Parnaso lusitano*, pag. 320, foi publicada pela primeira vez a Ode *Ao Suicidio*, com a seguinte nota: «Esta Ode foi tirada de uma collecção de Obras manuscriptas de Garção, que existiu em casa do Conde de Pombeiro.»

Esta Ode não apparece nas collecções manuscriptas já apontadas; seria talvez este o motivo da preferencia que lhe deu o organisador do *Parnaso lusitano*.

Innocencio Francisco da Silva tambem cita um volume manuscripto das Obras de Garção, que pertencera ao Morgado de Assentis,

que veiu com os outros seus papeis parar á mão de Francisco Evaristo Leoni.

N'este manuscripto se encontrava a *Oração panegyrica recitada n'uma das salas de N. S. das Necessidades, em obsequio das melhoras de S. M. F. o senhor D. José I* apresentadas depois do attentado de 3 de Septembro de 1758. Começa: *Triumpharam realmente as virtudes de V. M.* Acham-se estas phrases na Oração VIII, que Azevedo Castro extrahiu do Ms. do Conego Figueiredo.

O interesse pelas poesias de Garção, que levou a formar tantas Collecções manuscriptas dos seus textos esparsos, não exgotou o campo da sua actividade completa; muitas poesias existem, em que se conhece o estylo, confundidas com as de outros seus contemporaneos, umas vezes assignadas, outras vezes sem nome do auctor, que por varios textos se lhe restituem.

Obras poeticas de diversos anonymos. Ms. in-4.º, 2 vol. (Estava á venda na loja do alfarrabista Pires, rua da Prata. D'elle copiamos por amavel concessão esses dois Sonetos de Garção, ainda ineditos:)

Jurou-me Nise um dia, e na lembrança
A grande impressão tenho presente!
Jurou-me, que a partisse um raio ardente
Se houvesse de fazer no amor mudança.

Affirmou-me com tanta segurança,
Disse-me tão devéras, que eu contente
Julguei que assim seria, e finalmente
Puz de parte a fiel desconfiança.

Mas enganou-me a falsa, sem que irado
Contra a gentil sacrilega perjura
Fulmine o céo o fogo deprecado;

Mas se dar-lhe o castigo não procura,
Ou Jupiter não pode, ou namorado
Guarda tambem respeito á formusura.

(T. I, fl. 8 *v*.)

Do mesmo author a hum homem que lhe não quiz emprestar um pouco de dinheiro.

Maldito sejas, seja excommungado
Aquelle horrendo, misero jarreta,
Que chêa de dobrões tem a gaveta,
Nem sequer um real dá emprestado.

Permitta o céo, que a moça ou o criado
Algum furto lhe faça com tal treta,
Que o misero vil como escopeta
Arrebente de estouro exasperado.

Veja em fim por castigo derradeiro
Quando estiver já quasi moribundo
A festa que se faz ao seu dinheiro.

E padecendo as penas do profundo,
O demonio lhe conte quanto o herdeiro
Se regala com elle cá no mundo.

(Ibid., fl. 9)

O soneto LIX de Garção (ed. de 1888) *Contra um rancho satirico*, traz a seguinte rubrica no manuscripto intitulado *Obras poeticas de diversos Anonymos*, t. I: « *Garção escreve contra os Academicos que seguiam ao P.e Francisco Manoel, sobrinho do Patrão-mór.*»

Esta copia em nada differe do texto impresso a não ser nos erros do amanuense analphabeto. A rubrica é importante, porque tambem dá o Soneto como de Garção; desi-

gna o rancho satirico, que eram os Academicos da Ribeira das Náos, em casa do Patrão-Mór, onde morava o P.e Francisco Manoel do Nascimento.

N'este mesmo volume lêmos um soneto de José Basilio da Gama contra o P.e Manoel de Macedo, e dois Sonetos de Fr. Joaquim Forjaz, por onde se sabe que elle fôra desterrado de Lisboa por ordem do Marquez de Pombal por ter escripto um soneto que não agradou ao ministro, e como regressou a Lisboa depois de 1777, quando Pombal foi demittido. Este Frei Joaquim Forjaz é aquelle Frei Joaquim, dos sonetos de Garção.

Poesias varias, Ms. in-4.º copiado em 1830. (Pertenceu á Livraria de Innocencio Francisco da Silva, e vendeu-se em leilão por sua morte. Cat. n.º 1803.)

Consultámos este manuscripto, e n'elle encontrámos trez Sonetos ineditos de Garção, que pertencem ao genero erotico; começam:

— Depois de tu quebrares a rabeca
— Hoje ao redor de mim Amor andava
— Molhae, correi, brincae, na mão mimosa.

Enviei-os ao conselheiro Azevedo Castro, que m'os agradeceu em carta de 28 de septembro de 1887, datada de Pougues-les-Eaux; foram depois incluidos em uma Separata reservada, com o titulo *Cinco Sonetos eroticos de Garção;* são o 1.º, o 4.º e o 5.º

Traz tambem a Ode intitulada *O Suicidio*, pela primeira vez publicada no tomo III do *Parnaso lusitano*.

N'este mesmo Ms. se encontra o «*Epitaphio que o Autor mandou gravar sobre a sepultura de um cão que muito estimava:*

Aqui jaz um malhado, bom rafeiro,
Achilles dos mastins da Fonte Santa,
Amigo do seu dono verdadeiro,
Que n'estes versos inda triste o canta;
Valente, cavalleiro, namorado,
Morreu de amor, de brincos estafado.

P. A. Garção.»

Innocencio reproduziu-o no *Dicc. bibliographico;* mas esqueceu incluil-o na edição de 1888. D'este ms. é que extrahimos a Epistola ao Conde de Oeyras, publicada na *Folha do Povo* em 1882, n.º 542. (Catalogo Palha, n.º 4585.)

Avulsas em Mss. da Bibliotheca nacional:

Ode

A Fortuna derrame
Com generosa mão a prata e o ouro,
Sem lembrar-se de mim;
Faça ricos, que o pouco me contenta.
Entre, entre em Sicilia,
Prepare ao Rey tiranno as iguarias,
Ao lado de Dionisio e o satisfaça!
Vale mais a pobreza
De um socego feliz acompanhada.
Magnificos palacios,
Jardins de primorosa architectura,
As estatuas de jaspe,
As columnas em Africa cortadas,
As torres, que soberbas
Fazem gemer a machina potente,
Os leitos de marfim,
Os cofres de diamantes e os thezouros
Dos Principes e grandes,

Não poderão fazer que a vil cobiça
Cahindo sobre mim
Os membros pouco a pouco me apodreça!
Não quero nas paredes
Os retratos dos meus antepassados;
Conte o nobre que vem
A sua geração de muito longe,
Leia até fatigar-se
Nas historias os nomes dos Avós,
Banhado em gloria van,
Zombe de mim, por ser menos illustre,
Que nada me estimula,
Nada me faz perder a côr do rosto.

Porém, que horrivel urna!
Alli, alli os nomes se revolvem
De grandes e pequenos;
Sobre ella do Fado os negros olhos
O veneno derramam.
Lá mette a mão banhada em sangue humano
A Parca inexoravel!
Temei, temei, oh vós chamados Grandes,
Que o monstro fecha os olhos.
Porém a Magestade
Deve ser attendida . . . mas que vejo?
Vão-se abrindo os sepulchros,
E os corpos enterrados
As cabeças levantam: Tambem fomos
(Nos dizem) poderosos,
No mundo démos Leis; o nosso imperio,
O nosso nome augusto
De extranhos e vassalos foi temido;
De nossas mãos herdaram
Os sceptros tantos Reis e Imperadores!

Oh fechem-se essas pedras, que já basta
De espectaculo horrendo, e na memoria
Essa figura imprima eternamente
Quem confia no mundo

Da Arcadia. [1]

---

[1] Ms. L — 4 — 19, da Bibl. Nacional.

Depois da sigla *Da Arcadia*, e na mesma letra, vinha a seguinte Ode:

Eu hontem na minha Lyra
Uns versos tocando estava;
Cupido que ali se achava,
Mostrou que alegre os ouvira.

— Quero (diz elle) que faças
Uma agradavel cantiga,
Onde esteja em doce liga
A ternura com as graças.

Se, conforme aos meus desejos
Tu cumprires este empenho,
Da Deusa que por mãe tenho
Eu te prometto tres beijos.—

«Não! (respondo.) O prémio guarda,
O que quero eu t'o direi:
Tres cantigas te farei
Só por um bejo de Anarda.»

Olhou o Amor para mim,
Riu-se pelo que eu pedia,
E como firme me via
Disse ao meu amor que sim.

As tres cantigas com pressa
Eu entro logo a compôr;
«Mas, dize, Anarda, do Amor
Cumprirás tu a promessa?»

Em seguida a esta, vem no fim da mesma pagina a *Ode á ambição*, que já anda impressa nas Obras de Garção (XXVIII, *Á vida rustica*):

Oh mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
Passa alegre o inverno tormentoso!
Que de um pequeno campo
Que elle mesmo cultiva se alimenta,
Apascentando as vacas
Que de mão paternal sómente herdou
C'os dourados novilhos.

Seguem-se mais outo versos, ficando as paginas interpoladas com outros com differentes letras e textos. [1]

No Ms. U — 1 — 5 (da Bibl. nac.) fl. 259, vem a Ode de Garção *Ao Conde de Oeyras*, que começa: Tu difficil virtude, dom celeste, etc. Vem sem nome de auctor.

Collecção de Sonetos anonymos e ineditos, do meado do seculo XVIII. (Cat. Merello.)

Em uma collecção em cadernos descosidos e outavo pequeno, de Sonetos, sem nome de auctor, mas evidentemente pertencentes a diversos poetas, encontrámos muitos com a correcção e belleza de que só o Garção tinha o segredo. Estudando e comparando o estylo, e embora encontrassemos uma grande paridade, não nos atreviamos a attribuir a Garção alguns se não se reproduzissem n'elles certas particularidades. Pertencem esses Sonetos a uma série, que o Poeta não podia incorporar na sua Collecção, por que tratavam de uma paixão tardia e occulta; eram confidencias intimas, de que talvez elle mesmo não guardasse copia; encerram uma ardencia e exaltação, que não apparecem nos que dedicára a D. Maria Joaquina de Gusmão Vasconcellos, a D. Maria Caetana de Sousa Sayão, a D. Maria Felippa Xavier Navarro, a D. Maria Euphrasia. Ha nos seus versos uma leve indicação da pessoa a quem eram

---

[1] Ms. L — 4 — 19. Da Bibl. nacional.

dirigidos; elle dedicára uns versos *Aos annos de uma Senhora ingleza.* Podiam estes ser lidos por toda a gente; mas os apaixonados, os que tratam da confidencia de duas almas? esses ficaram reservados, por que sómente a intensidade da paixão attenuava a loucura.

Garção escreveu um Soneto *A uma Senhora, a quem o auctor chamava sua mãe* (N.º XLVII); n'esta pequena collecção de bellos Sonetos anonymos do seculo passado encontrámos alguns, versando sobre esta mesma circumstancia indicada por Garção:

Estava-se-me agora figurando
Na molesta, cansada fantazia,
Que á força de tão grata melodia
Algum tanto meu mal me ia deixando.

Outra vez se me vinha aproximando
Com risonho semblante a alegria,
Como quem libertar-me já queria
Do poder do Destino miserando.

D'esta enganosa esperança commovido,
Livre voar deixava o pensamento,
Nos eccos do teu canto esclarecido.

Mas de que serve tal contentamento,
Se quando ao maior auge está subido,
Lembra-me *a Mãi,* renova-se o tormento.

Não crêas, *bella Mãe,* que separado
Me trazem de teus olhos vencedores
Outros cuidados vãos, outros ardores,
Outro desejo meu mal empregado.

Se, qual d'antes não busco desvelado
A gloria de gosar os teus favores,
Não crimines de falsos meus amores,
Pois que o Destino só é o culpado.

Eu sim, fôra mil vezes, e constante
Mostrara que meu firme coração
De ti um só momento não se afasta;

Porém, triste de mim, a cada instante
Me lembra de teu Pai a condição,
E que em breve tambem serás Madrasta.

Aos annos de minha mãy

Que deleitosa scena se está vendo
N'estes felizes sitios socegados,
Amor com seus Ministros apressados
Um soberbo Padrão está erguendo.

Alli Venus e as Nymphas vão movendo
Em giros mil os passos engraçados,
Ao som dos instrumentos concertados
Em que as Irmãs de Apollo estão tangendo.

Lá por entre uma nuvem transparente
Das virtudes os raios soberanos
Fuzilar tambem vejo claramente.

Oh céos, estes effeitos sobrehumanos
Indicando me estão seguramente
Que alguma Divindade hoje faz annos.

No templo da suprema Eternidade
Abrindo a porta, Amor me fez entrar
Dizendo-me, que alli me vae mostrar
A gloria de uma nova Divindade.

Ergo os olhos, e a par da magestade
De Jove sacrosanto, vejo estar
Uma formosa Estatua, cujo ár
Ignoto me não era, na verdade.

Quiz affirmar-me, mas a refulgente
Viva chamma que em torno despedia
Observal-a não deixa inteiramente;

Mas Amor, que suspenso assim me via,
Rindo-se me pergunta levemente,
Se acaso *minha Mãi* não conhecia?

Tu pedes, *bella Mãi*, e finalmente
Apesar da lembrança do passado,
Sem remedio me vejo obrigado
A cumprir teu desejo vehemente.

Solte-se pois a voz, e em cadente
Estilo, nunca d'antes escutado,
Hoje teu nome seja celebrado
Por um *filho* infeliz, mas innocente.

Mova a rabida Inveja macilenta
Com barbaro furor a lingua impía,
De que nem o sepulchro nos izenta;

Faça alarde da sua tyrannia,
Que minha alma de tudo se contenta,
Com tanto que te agrade n'este dia.

Como pode cantar sonoramente
De teus annos o dia sublimado
Um triste que só vive costumado
A maguas crueis, a pranto ardente?

Como pode minha alma descontente
Produzir pensamento delicado,
Se n'um frouxo lethargo sepultado
O desgosto me traz continuamente?

Confesso, *bella Mãe*, que na verdade
Tão cativo me sinto da tristeza,
Que nem de chorar tenho liberdade.

Porém para que vejas quanto prêza
A teu desejo tens minha vontade,
Vencerei the a mesma natureza.

Não arabico incenso precioso
Offerecer-te venho reverente,
Nem tão pouco de Colchos o luzente
Metal, que tanto estima o cubiçoso.

Nem crêas que brilhante luminoso
Tirado da gangetica torrente
A' custa de mil riscos te apresente
Por prova do affecto extremoso.

Obsequio fazer quero mais subido,
Que tirar-te não possa o duro Fado
Com seu rigor cruel e desabrido.

E por que o dom não julgues limitado,
Recebe e vê, *Mãi*, trago aqui rendido
Um coração além de amante, honrado.

Sobre o caracter da mulher amada, mudavel e imprudente, sobre a situação do poeta em relação á intimidade na familia d'ella, e sobre o poder de seducção do seu canto, são tambem documentos vivos os seguintes Sonetos da collecção alludida:

Se crês, ingrata Bruna, que a vontade
Que te mostro sincero e tão rendido
Seja effeito sómente produzido
De enganosa traição e de maldade;

Se crês, que *as leis da candida amisade*
Quebrantando perjuro, e fementido
Conservo dentro na alma escondido
Esse monstro fatal da impiedade;

Ou fechastes os olhos á rasão,
Para não vêr o quanto innocente
De tanto crime está meu coração;

Ou se acaso tal pensas, certamente
Por ti me julgas, que da ingratidão
Exemplo podes ser a toda a gente.

Que importa, ingrata Bruna, que a ventura
Propicia mostre o rosto, se inconstante
A toda a hora muda, e n'um instante
Converte em pranto a sorte mais segura?

E até, cruel, parece mais apura
Seu engenho fatal, e penetrante
Contra aquelle innocente, pobre amante
Que levantado tinha a tanta altura.

Eu, porém, da Fortuna desprezara
A roda formidavel, e contente
A teus duros grilhões me sugeitara,

Se *teu genio mudavel e imprudente*
Com solidas razões me não mostrara
Que falsa me hasde ser eternamente.

Estimem uns as armas sanguinosas,
Emprego de Mavorte o mais amado;
Este, que faz que o peito desarmado
As pelejas não tema mais perigosas;

Amem outros as leis, que rigorosas
Deixarão sempre o crime castigado;
Busquem outros com próvido cuidado
Immensos bens, riquezas estrondosas;

Siga-se Amor, Fortuna e mais paixões,
'Traz que os humanos correm tão dementes,
Por entre mortes, roubos, vis traições;

Que á vista pois de enganos tão patentes
Ninguem deve estranhar por que razões
Eu só amo os prazeres innocentes.

Em torno já da meza preparados
Lautos manjares vejo, e contentes
Sentarem-se os amigos e parentes
Do mais grato prazer acompanhados.

Qual lança mão dos cópos atestados,
Qual os talheres vibra reluzentes,
Qual offerece as salsas excellentes,
Qual o prato faz em mil boccados;

Todos gritam; em tudo se está vendo
Uma grande mas bella confusão
Nascida do prazer e da alegria;

Mas eu só cá estou apetecendo
De todo o bangalé e da funcção
Ouvir da bella Marcia a melodia.

Se Orpheo ao som da Lyra decantando
Pôde com tão divina melodia
Penetrar a tremenda, negra, fria
Vêa de Flegetonte, miserando;

Se pôde, os leves dedos meneando,
Lá no profundo reino da agonia
Do Cerbéro fatal a rebeldia
Ir destro pouco a pouco quebrantando;

The conseguir do féro Rhadamanto
A consorte que ao Bárathro descera,
Deixando-o banhado em terno pranto;

Se tão ditoso fôra, que podéra
Agora a gloria ter de ouvir teu canto,
Por certo que *da Esposa se esquecera.*

III

Domingos dos Reis Quita

Que no seculo XIX um pobre cabelleireiro do Languedoc escrevendo na linguagem provençal fallada pelo povo, a qual decahida em dialecto mostra ainda como serviu á expressão brilhante dos Trovadores ocitanicos no seu idealismo amoroso, comprehende-se que o sentimento historico de Nodier e de Sainte Beuve glorificasse Jasmin, esse pobre cabelleireiro; que Paris estimasse a sua visita, e que Longfelow traduzisse para inglez um dos seus poemetos. Mas em Portugal, no meado do seculo XVIII, entre a implacavel separação das classes, sob o preconceito da degradação do trabalho *mechanico*, e avergado o espirito ao imperio da erudição humanista pedante e esteril dos claustros e dos graduados, nunca pudemos explicar bem como o cabelleireiro Domingos dos Reis Quita teve a rara ventura de lhe reconhecerem o talento poetico, e

de ser admittido entre a pleiada dos Arcades lusitanos, magistrados, professores, frades e personagens de importancia.

A vida de Domingos dos Reis Quita é um drama triste; luctou contra a fatalidade do nascimento humilde e de uma orfandade precoce, e quando parecia quasi vencedor, victimou-o a fatalidade da doença e por ventura um mysterioso amor. A biographia que escreveu o seu amigo Miguel Tiberio Piedegache lembra-nos por vezes a vida dos poetas provençaes, de nascimento humilde, de paixão profunda, morrendo sem queixa por suspeitas dos castellãos irasciveis, que os apunhalavam com a impunidade senhorial. Quita é com certeza o unico árcade que no apagado bucolismo do seculo XVIII se aproxima da ingenuidade natural; seguia os seus antecedentes populares. Em relação com principes como os Meninos de Palhavã, e com a familia do omnipotente ministro de Dom José, em nada se modificou a situação da pobreza com que luctava; ignorando o latim e o grego, nem lendo as obras rhetoricas que lhe falsificassem o sentimento, assim ficou o que era, um eminente lyrico, excedendo todos os seus contemporaneos nas Eclogas, e elevando-se ao drama pastoril, como a *Lycore*, e mesmo á tragedia, como a *Segunda Castro*.

Ampliamos alguns factos colhidos pelo seu biographo Piedegache: nasceu o desventurado poeta em Lisboa, em 6 de Janeiro de 1728, na freguezia de S. Sebastião da Pedreira, sendo seus paes José Fernandes Quita, negociante de pannos brancos, e Maria Rosaria. Constava a familia de sete filhos; um contra-

tempo commercial fez com que o honrado negociante de pannos no intuito de evitar uma falencia ou de resarcil-a, sahisse repentinamente de Portugal em 1735. A este tempo Domingos dos Reis Quita contava sete annos, e sua mãe luctou heroicamente com a miseria para providenciar sobre todas essas crianças. Nos primeiros seis annos foi Maria Rosaria ajudada por seu marido, que lhe enviava da America, aonde estava trabalhando, os parcos recursos com que esta corajosa mãe ia educando os filhos. Mas, as noticias da America em breve faltaram e conjuntamente as remessas de dinheiro indispensaveis. Em tamanha desgraça a unica esperança que a Maria Rosaria ainda restava era esse seu filho mais velho, Domingos dos Reis Quita, que apenas contava treze annos. Teve pois de sacrificar a intelligencia e vocação da criança, que manifestava uma precocidade notavel, ao urgente mister de uma profissão mechanica.

Em 1741 começou Domingos dos Reis Quita a apprender o officio de cabelleireiro, que n'essa epoca era um tanto artistico. No seculo XVIII imperava a moda dos labyrintos de cabellos com os toucados phantasticos usados pelas senhoras da alta sociedade, que imitavam os penteados da côrte franceza. Addisson tinha notado a importancia de *une bonne perruque* para o valimento de um cortezão; ora, pelo estabelecimento da Patriarchal os Monsenhores e Principaes opulentos usavam longas cómas empoadas; e até o mais circumspecto burguez trazia seu rabicho com laço e polvilhos, como vêmos pela troça de Garção na comedia *Assembleia ou Partida*, com-

parando-o á plica polonica, como uma nova enfermidade nacional. O officio de cabelleireiro tornava-se de importancia, pelas entradas junto de poderosas entidades. Leonardo, o cabelleireiro de Maria Antonietta, representa o cumulo da influencia que esta classe exerceu na alta aristocracia. Nas côrtes do seculo XVIII, pela necessidade da imitação da côrte de Luiz XIV, os cabelleireiros tornaram-se tão importantes como os eunuchos no tempo dos imperadores byzantinos; elles preparavam esses combates de vaidades com os topetes e madeixas artificiosas, que faziam passear nos salões e nos bailes. Na intimidade cantavam *Modinhas* sentimentaes em falsete, acompanhavam minuetes voluptuosos á guitarra e ás vezes alcançavam a immortalidade nos versos de algum academico. Presentiria isto quem dirigiu o infeliz Quita para o officio de cabelleireiro? Natureza passiva e branda, a inferioridade da sua situação tornava-o incapaz de se aproveitar d'estes recursos; comtudo foi embalado em uma certa vibração poetica. Pela direcção que o seu talento tomou bem se vê que a leitura das obras pastorís de Francisco Rodrigues Lobo lhe produziram a primeira e a mais indelevel impressão: o gosto do bucolismo era lisongeado pela vida social do seculo XVIII, e assim fixou o genero da sua predilecção.

Os dialogos das Eclogas e os dramas Pastoraes são produzidos pelo mesmo gosto que inspirava tambem os pintores e pastelistas das festas galantes, Watteau, Lancret ou Boucher; a pintura e a poesia identificavam-se representando essas flascidas pastorinhas con-

fidenciando com dengues pegureiros com uma ingenuidade contrastando com as intrigas amorosas da Regencia. Ainda na puericia, Quita começou por escrever a ecloga *Alcino*, e por muito tempo tratou a poesia em segredo; era a sua consolação na desgraça, não a queria profanar ao vulgo, e attribuia os seus versos a um Religioso das ilhas, como tambem na sua miseria Chatterton inventava um monge Rowley, para dar aos seus versos o valor archaico. Piedegache descreve como se descobriu e se tornou publico o seu talento poetico na quinta de Santo Antonio, na Moita. Pertencia esta quinta a Manoel Gonçalves de Aguiar, pae do árcade Silvestre Gonçalves de Aguiar *(Siveno Cario)* e da formosa Dona Thereza Theodora, que o Quita idealisou com o nome de *Tircêa*. Alli improvisou o soneto (XXXVIII) *Benigno amor*. Sabemos que Dona Thereza casara com Thomaz José Xavier Pimenta, e que viuvando passara a segundas nupcias em 1760 com o Dr. Balthazar Tara. Eis explicada a origem da intimidade com D. Thereza Theodora de Aloim, irmã do arcade *Siveno Cario*, em cuja familia o poeta achou abrigo na prolongada doença que o victimou. [1]

Achava-se em Lisboa por 1756 José Antonio de Brito de Magalhães, poeta e contemporaneo de Diniz na Universidade, e tambem

[1] Silvestre Gonçalves de Aguiar tinha duas filhas, D. Anna Rita Furtado de Mendonça, e D. Maria Antonia de Mendonça (avó do general Brito Rebello, que nos prestou estas informações.)

da intimidade de Garção; versejava com facilidade e graça. O Conde de San Lourenço era o seu protector nos estudos de Coimbra, e a elle deu conta em um Soneto da sua formatura, que aqui publicamos para se conhecer esta singular individualidade:

Escreve ao Ill.mo Ex.mo Conde de San Lourenço como fizera as suas Conclusões

Eu, Senhor, fiz as minhas Conclusões
Na alta Postilla do senhor Dinis,
Com elle mesmo o meu Bacharel fiz,
Bem ou mal isso são opiniões.

Li depois por alli quatro questões,
Quanto pude estudei, não quanto quiz,
Chegou-se a formatura, fui feliz,
Formei-me emfim, levei informações.

Chego a Vianna, muitos parabens,
Tudo em casa alegria e gosto vae,
Contente o velho; minha mãe tambem.

Pergunto eu agora (reparae)
De donde é que me veiu tanto bem?
De vós, que sois o meu segundo Pay. [1]

Não se tornando cioso da protecção do conde de San Lourenço, José Antonio de Brito tendo tomado relações com o Quita e conhecendo seu brilhante temperamento poetico fallou d'elle com enthusiasmo ao Conde, que desejou tratar com o talentoso cabelleireiro. Realisou-se a primeira conferencia em que mostrou «viveza e subtil penetração» como

---

[1] Ms. da Livraria da Torre do Tombo, n.º 1728, fl. 97 *v*.

diz Piedegache; e n'esse mesmo anno Quita publicou os seus primeiros versos: *Sylva no lamentavel Terremoto do primeiro de Novembro de 1755*. Dedicada ao illust. e excellent. Senhor Conde de San Lourenço por seu author Domingos dos Reis, Lisboa, MDCCLVI. [1] Traz a seguinte dedicatoria, hoje completamente desconhecida: «O grande desejo de mostrar-me agradecido, faz com que eu offereça a Vossa Excellencia esta inutil producção do meu rude engenho, sem advertir que a tão digno Mecenas he improprio uma offerta tão humilde. A natureza e a educação uniram na pessoa de Vossa Excellencia virtudes tão raras que o fazem hum dos mais singulares Fidalgos de Portugal: eu me resolvera a publicar esta verdade, se a geral approvação dos mais intelligentes me não deixara livre de escrupulo da lisonja. Intentey n'esta *Sylva* dar uma verdadeira ideia do lamentavel estrago a que vemos reduzida Lisboa: conheço que não ficou completa, por que me falta o talento para formar imagens tão distinctas. Queira Vossa Excellencia duplicar os motivos do meu agradecimento, dignando-se acceitar este obsequio como tributo da minha obrigação. Deus guarde a pessoa de Vossa Excellencia como desejo, etc. — *Domingos dos Reis*.»

A *Sylva* tem bastante merecimento litterario, transluzindo por vezes certa emoção da

[1] E' um in-4.º de 14 pag. da Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. Foi incluido na edição das poesias de Quita mas sem dedicatoria.

realidade. E' natural que José Antonio de Brito tambem apresentasse o poeta cabelleireiro a Garção, cuja auctoridade muito acatava, para lhe dar alguns conselhos, e mesmo dirigil-o.

Quita entrou na intimidade de Garção, como se vê no seu Idylio VI, idealisando o seu lar:

> Ah sabio Corydon, que em doce abrigo
> Ao amigo calor de um brando fogo
> Gozas da paz, que habita com o justo!

No Soneto XIII celebra *a Pedro Antonio Garção, socio da Arcadia, em dia de seus annos, offerecido por sua mulher D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema.* E no Soneto XXXVII, dirigido tambem a Garção, exalta-o contra a maledicencia dos poetas mediocres. Pelo merecimento que o Conde de San Lourenço e Garção lhe reconheceram é que foi Quita convidado para a Arcadia lusitana em 1757, onde adoptou o nome de *Alcino Micenio.* A prisão do Conde de San Lourenço não o deixou dar ao mavioso poeta a protecção de que era digno. A entrada para a Arcadia acirrou violentas invejas, como vimos pelo desdem com que se referia a elle Pina e Mello e mesmo Nicoláo Tolentino n'estas quadras *Aconselhando a um Cabelleireiro que não continuasse a fazer versos:*

> Mas se de Autores antigos
> Tens tido pouco exercicio,
> Eu te aponto um bem moderno,
> E até do teu mesmo officio.

Foi este o famoso *Quita*,
A quem triste fado ordena
Que a fome lhe traga o pentem,
E da mão lhe tire a penna.

Em quanto na suja banca
Pobre tarefa tecia,
Que espirito sublime
Sobre o Parnaso se erguia!

Cosendo sobre o joelho
Em dura e falsa caveira,
A sua alma conversava
Com Bernardes e Ferreira:

Mil vezes travessas Musas
Da baixa obra o desviam;
E mostrando-lhe o tinteiro,
Pós e banha lhe escondiam.

Mas, de que serve talentos
A quem nasceu sem ventura?
Vale mais que cem sonetos
A peior penteadura.

A esta malevolencia se refere Piedegache: «Alguns zoilos, invejosos da grande reputação que o deu a conhecer até aos extranhos, intentaram com petulantes satiras desassocegar a paz ditosá que gosava no regaço das musas e nos braços da amisade, deslustrando os seus escriptos e o seu nascimento.»

Em uma collecção de versos manuscriptos encontramos as seguintes Satiras, que transcrevemos. Começamos por um Soneto de Quita *Ao Dr. Zuniga, criticando as suas Poesias*:

Em metricos preceitos não repares,
Contraste não te faças de Thalia;
Se outras regras não sabes de Poesia,
Mais que simul-cadentes e lunares;

Em que Horacio, ou puros exemplares
  Fundas a tua errada phantasia?
  Toantes, semitoantes são mania
  De talentos incultos e vulgares.

Estas regras que antigos desprezaram,
  De que sabios modernos se estão rindo,
  Só rançosos pedantes praticaram;

Estuda-os, Aristoteles abrindo,
  Queima as Artes que a tinha te pregaram,
  Ou de absurdo em absurdo irás cahindo.

RESPOSTA DO DR. ZUNIGA:

Senhor mestre, o seu livro não o exalta,
  Tome as lições, por que ellas não são minhas,
  A Musa, já que a tem, meta-a nas linhas,
  Dar-lhe-hão o estylo crêspo que lhe falta.

E' mui boa a censura, é grande, é alta,
  Não tenho aquellas cousas por coisinhas,
  São erros grandes, sim; não são casquinhas,
  Sequer defenda-os, não se chame á malta.

Se é Poeta tambem d'esses conversos
  Leigos do Pindo, Padres de frioleiras,
  De Apollo filhos mansos e perversos;

Tome um conselho, e não dirá asneiras,
  Pentêe sempre antes do Prelo os versos,
  Assim como pentêa as cabelleiras.

RESPOSTA DE QUITA, PELAS MESMAS CONSOANTES:

Quanto, amigo Doutor, quanto te exalta
  O Soneto; mas sabe que são minhas
  Estas sabias lições, e bota as linhas,
  Verás quanto mais tenho que em ti falta.

Se cuidas que me offendes, por ser alta
  A pedante censura, taes cousinhas
  Ainda são mais ridiculas casquinhas
  Que os brincos puerís que vem de Malta.

Poetas pode haver inda conversos,
Mas não que como tu digam frioleiras
Por costumes antigos e perversos;

Tu mesmo o considera: Olha, que asneiras
São, dizeres que, emfim penteie os versos,
Só porque me exercíto em cabelleiras.

Ao mesmo assumpto. — *De Manoel Ignacio* (da Silva e Alvarenga?):

Dormindo vi a candida Poesia
Junto do Tejo aurifero sentada;
Virgineo tinha o rosto, e adornada
De verde louro a frente se lhe via.

Um alvo Cysne junto d'ella erguia
A grata voz tão doce e concertada,
Que com terna saudade és lembrada
Do teu Alcino, Arcadia, a melodia.

Já a delphica Virgem sem demóra,
O louro descingindo o mais glorioso
Coroava esta feliz Ave sonora;

Quando um Zuniga, insecto paludoso,
Gritou das verdes aguas d'onde móra,
E me acordou do somno deleitoso.

Ao mesmo assumpto:

Que phantasmas, que aspectos horrorosos
Apparecem nas margens dilatadas
Do claro Tejo? As Nimphas assustadas
Se escondem pelos valles cavernosos!

As Musas pelos montes pedregosos,
Fugindo ao Pindo vão como pasmadas;
Pelas selvas, de trevas carregadas,
Sôam funestos versos pavorosos.

Mas, apparece Apollo de repente,
Da noite as sombras horridas consome,
Desterra o susto da medrosa gente.

Era o Zuniga, aquelle pobre home'
A quem por máo poeta o Deus luzente
Ao fado condemnou de lobishome.

AO MESMO ASSUMPTO:

Sobre as azas o Tempo equilibrado
Guardando vi que estava cauteloso
Um aureo vulto, a que olha respeitoso,
Ficando sobre a fouce reclinado.

Absorto, louco o Heroe representado
Na imagem a quem dava culto honroso,
Castas Musas em canto sonoroso
Espalhavam seu nome venerado.

Quando um Zuniga cheio de vaidade
Procurando offuscar tão alta gloria,
Que observou na festiva variedade;

A misera ignorancia fez notoria,
Deixando entre nós sempre a saudade,
De teus versos, Alcino, na memoria.

Tambem o árcade Manoel de Figueiredo na comedia *Os Censores do Theatro* allude a essas malevolencias, fazendo dizer um personagem: «Tu cuidas que os *Cabelleireiros portuguezes* são tão intelligentes n'estas cousas como os Francezes? Tanto não; que eu *conheço um em Lisboa*, que é author de Tragedia e meia, que corre anonyma.» Quita raramente replicou ás satiras, nem ainda mesmo quando o *Corvo do Mondego* atacava a Arcadia, e na *Guerra dos Poetas*. A Tragedia e meia a que allude Manoel de Figueiredo era a *Megara*, da qual escreve Piedegache: «No anno de 1761 compozemos a Tragedia *Megara*, o

senhor Domingos dos Reis Quita e eu; e no anno seguinte começámos a imprimil-a. Declarando-se a guerra, e marchando eu para a campanha com o meu regimento, suspendeu-se a impressão, que em 1764 tornou a renovar-se.» A sensibilidade de Quita provinha da debilidade do seu temperamento, que o victimou prematuramente; como tambem a affabilidade complacente do trato pessoal era uma préga da sua humilde condição social. Mas nem assim desarmou a animadversão que suscitava o seu talento; por que nenhum dos altos personagens que consagrou nos seus versos lhe prestou o menor auxilio na angustia economica com que luctava. Despachado Arcebispo de Braga o serenissimo D. Gaspar, pensou o poeta em ser admittido como fámulo junto do egregio prelado; recusou-se este pretextando a vivacidade de espirito do poeta, que apezar d'esse miseravel desdem ainda em 1770 lhe consagrou o Idylio VII. O grande ministro é cantado por *Alcino* na Arcadia quando foi despachado Conde de Oeyras, (Ecloga VI); prostrado pela doença em 1761, chega a pedir-lhe soccorro na Epistola, em que narra:

Depois que unida á minha sorte escura,
A fria mão da palida doença
Dispara contra mim a fréxa dura.
Aberta já me tinha a chaga intensa,
Já sobre os turvos olhos me corria
Da feia e negra morte a nuvem densa.
Em pavorosas trevas já veria
Trocada a luz do sol, se a providencia
Me não salvasse da morada fria.
Mas ponderae a barbara inclemencia
Com que pelos cabellos arrastado
Me traz a triste, a sordida indigencia.
. . . .

Já remir a fatal necesidade
Não podem com fadiga os membros lassos,
Quebrados da cruel enfermidade.
Com vacillantes, mal seguros passos
Move apenas o corpo enfraquecido,
Que em vão para o trabalho agita os braços.

. . . .

Pois como a singular benignidade
Com que dos infelices sois amparo,
Me deixa suffocar da adversidade?

Se o duro e bronco ministro não fez caso do poeta, os seus filhos muito menos se importaram com o desgraçado de quem acceitavam os Idylios e os Sonetos encomiasticos. Quando Henrique José Maria Adão de Carvalho e Mello casou com uma filha de D. José de Menezes o Gago, celebrou *os felices desposorios*, na Ecloga Melindo, e no Idylio III. E quando D. Thereza Violante Daun, *sendo ainda menina* fez annos dedicou-lhe o Idylio II; e quando ella casou com Antonio de Sampaio Mello e Castro Torres e Luzignano, feito então Conde de Sampaio, lá concorreu o generoso poeta com um extenso Epithalamio. Quem se prestaria á indignidade de dizer duas palavras em favor do poeta cabelleireiro? ou mostrar se quer que conhecia a sua existencia?

Comtudo a sua commovente desgraça achou ecco em um coração feminino, como refere o citado biographo e compilador das suas obras: «Depois da funesta catastrophe do tremor de terra que assolou Lisboa, viu-se desamparado, sem casa, sem abrigo, sem vestidos, sem dinheiro;» e tudo isto achou Domingos dos Reis Quita «na beneficencia de Dona

Thereza Theodora de Aloim.» E confessa Piedegache: «Desde esta epoca, viveu experimentando os effeitos d'aquelle animo generoso, que desvelado prevenia, não as precisões, porque nunca mais as conheceu, sim as cousas que podia apetecer.» O poeta contava trinta e dous annos, quando D. Thereza de Aloim e seu marido Dr. Balthazar Tara lhe deram abrigo na sua casa. Quita celebrava com a mais reconcentrada paixão em seus Idylios a generosa *Tircêa* (Idylio IX.) O poeta neo-árcade Francisco Joaquim Bingre deixou consignada em um Soneto esta tradição amorosa, que relaciona com a situação do cabelleireiro poeta:

Os fios de ouro de *Tircêa* bella
O namorado Quita penteava,
E sobre o seu topete lhe formava
Uma pyra de Amor como uma estrella.

Movendo a mão sutil, e os olhos n'ella
As rosalinas faces lhe beijava,
N'um espelho o toucado lhe mostrava,
Que fazia bradar com gosto a ella:

«Que penteado é este? Oh céo, que vejo!
Uma pyra? uma estrella? E' um thezouro,
Que comtigo, meu Quita, ter desejo.»

Disse; e gostosa c'um prazer vindouro,
No pente de marfim pregou um beijo,
E o pente transformou-se em Lyra de ouro. [1]

---

[1] Extrahimos este Soneto do *Estro de Bingre*, manuscripto dos versos completos em quatro volumes, que pertenceu a Sebastião de Lima, de Aveiro.

O Soneto de Bingre condiz com as miniaturas da epoca, em que os penteados aberrando por caprichos de imaginação do natural ficavam sempre bonitos. Do meado do seculo XVIII por diante os penteados tornaram-se extravagantes: em vez das tranças lustrosas e madeixas da elegante simplicidade da côrte de Luiz XIV, os cabellos eriçaram-se á maneira de Bastilhas, como prenuncios do terror. Em um seculo sensual, que affectava a expressão suave e meiga com polvilhos de diamante, os cabellos imitavam ternas allegorias de labaredas em uma pyra para darem realce a uns olhos chammejantes; os laços, os topes, as perolas, as fitas enastram essa catadupa de cabellos; as pennas das aves do Oriente fazem da cabeça das excelsas senhoras um florão que ondula e doudeja nas festas galantes do cesarismo. Os cabellos representam as preoccupações do tempo, entretecidos em cadafalsos, em açafates de flores, frisados, encanudados, exprimiam a gamma de todas as paixões amorosas ou politicas. Nas comedias de cordel, nas Satiras de Tolentino e do Lobo da Madragôa são frequentes os ataques contra as modas francezas. Pelo Soneto do Bingre conhece que o Quita era um cabelleireiro inventivo e artista, capaz de exaltar as damas com os seus penteados. Parece que depois de 1755 penteava exclusivamente *Tircêa;* e que outro ideal póde explicar a sua constante elaboração poetica?

Em 1761, quando estava no esplendor do seu talento e trabalhava na tragedia *Megara*, adoeceu com uma phtysica como narra o seu collaborador Piedegache; durante um anno

foi tratado com o mais extraordinario disvello por Tircêa: «De dia o alimentava sollicita, de noite o velava cuidadosa, suavisando o tormento da molestia com o mimoso trato, consolatorias praticas, maternal affecto.» Restituido á vida por tanta amisade, como o confessa na Epistola ao Conde de Oeiras, viu-se momentaneamente considerado pelo publico; os livreiros Borel e Rolland publicaram em 1766 os seus versos em dous volumes. Em 1769 foi representada sua bella pastoral *Lycore* no theatro do Bairro Alto; e vendo alli representar a tragedia de *Inez de Castro* de Vellez de Guevara, arranjada por Nicoláo Luiz, concebeu e compoz a sua *Segunda Castro*. O trabalho mental aggravara-lhe a doença; em 1767 atacou-o uma febre lenta. Dos seus protectores conta Piedegache: «De noite se levantavam da cama uma e outro repetidas vezes, D. Thereza para applicar os remedios ou ministrar os alimentos, o Doutor Tara para observar a molestia e reflectir no curativo.» A pretexto de livrar seu cunhado Antonio José Cota, que tinha numerosa familia, do encargo de sustentar sua sogra Maria Rosaria, deixou Quita a casa da familia protectora em 13 de julho de 1770; a 22 do mez de Agosto, como narra Piedegache: «depois de uma tormentosa noite amanheceu muito doente por causa de *uma indigestão* que o salteara, e *logo se persuadiu ser chegado o termo da sua vida.*» Assim doente de um modo mysterioso nove dias depois de ter sahido de casa do Dr. Balthazar Tara, para lá tornou no dia 23, aonde expirou em 26 de agosto com quarenta e dous annos de edade.

Pela tradição conservada na familia da irmã do Quita vulgarisou-se que morrera envenenado pelo Dr. Balthazar Tara [1]; assim o refere José Maria da Costa e Silva em uma nota do poema didactico *O Passeio:* «Um sobrinho de Domingos dos Reis Quita me affirmou que o marido d'esta senhora, que era medico, envenenara o poeta para vingar os zellos que d'elle concebera; não o affirmo, nem o nego. E' porém constante que elle habitava em casa do Doutor Tara; que o mal de que este falecera o atacou repentinamente estando a cear; e que o Doutor Tara tratou d'elle. O meu amigo, que o fôra egualmente de Quita, o bacharel Domingos Maximiano Torres, na Ecloga em que lhe deplora a morte parece insinuar o facto de envenenamento...» [2] Essa Egloga *A' morte de Domingos dos Reis Quita*, foi intencionalmente transcripta na edição das Obras do poeta, de 1781, por Piedegache, na qual incluiu os manuscriptos que a irmã de Quita lhe entregára. Falla na Ecloga o pastor Alfeno:

> *Ceava* um dia (dia desgraçado!)
> Dos seus fructos alegre o brando Alcino
> Aos Céos dando mil graças e louvores;
> Come um pômo, talvez *envenenado*

---

[1] Por este tempo o Dr. Tara ensaiava uns *pós febrifugos*, sobre os quaes consultou a Faculdade de Medicina por um requerimento de 1774, que se guarda no seu archivo. (Mirabeau, *Mem. hist. da Faculdade de Medicina*, p. 72.) Por ventura foram empregados contra as terçãs de Quita? D. Thereza faleceu pouco depois em 11 de Novembro de 1773.

[2] *O Passeio*, p. 53, ed. 1844.

De mortifero dente viperino,
Subito o accometteram crueis dores,
Ancias mortaes e frigidos suóres.
Como pode a Natura
Crear n'esta espessura
Tão activa peçonha, que tocando
Os teus suaves labios, n'um momento
Se não fosse mudando
Em doce salutifero sustento! [1]

Jaz trabalhado do lethal veneno,
Fitos os olhos, fitas as pestanas
No céo resplandecente e cristalino
Com o semblante angelico e sereno.
Ao redor os Pastores e Serranas
Suspiram tristemente de contino,
Até que vendo em fim o pobre Alcino
Ledo constante e forte
Chegar-se a fera morte
Aos Pastores estende os froixos braços.... [2]

A morte de Quita foi um golpe na Arcadia e um abalo profundo para a alma de Garção, que via n'elle o mais esperançoso discipulo; foram para *Corydon* e *Elpino* os seus ultimos anceios, como se lê na Ecloga *Alcino.* [3] Onze annos depois da sua morte Piedegache publicou uma edição definitiva de todos seus versos, precedidos de uma pequena biographia.

---

[1] Versos de *Alfeno Cynthio*, p. 96, Lisboa 1791. Tem grandes variantes do texto de 1781 nas Obras de Quita.

[2] Seguimos n'esta 2.ª estrophe o texto de 1781. T. II, p. 362.

[3] Publicamos o seguinte Soneto inedito sobre a tradição dos amores de Quita, por um poeta do seculo passado:

Pondo em pratica as doutrinas apresentadas por Garção na Arcadia, Quita cultivou depois da poesia pastoril a tragedia; Garção tinha despertado a curiosidade pela *Castro* do quinhentista Ferreira, quando na Dissertação I sobre a regra de nunca ensanguentar-se o theatro diz: «Nós temos a gloria de que a nossa *Castro* seja um exemplo de que a não ignoramos e de que a seguimos.» Sob a impressão viva da *Inez de Castro* representada por Cecilia Rosa de Aguiar no theatro do Bairro Alto, foi o Quita levado a compôr a *Segunda Castro*, de uma acção simples em que apezar da influencia de Guevara pende para o convencionalismo das tragedias francezas. A *Castro* de Ferreira era acoimada do defeito de nunca se encontrarem em scena

---

Cupido tem a aljava pendurada
N'um cypreste, que abriga a sepultura
De *Alcino*, por quem vive na espessura
A formosa *Tircêa* magoada.

Na mão a bella face reclinada,
Alli suspira cheia de ternura,
Em roda cresce a funebre verdura,
Com as saudosas lagrimas regada.

As Ninfas já não colhem frescas flores,
Não gósta a verde relva o manso gado,
Não se escutam as frautas dos pastores;

Este letreiro Amor deixou gravado,
Em memoria dos candidos amores:
— *Alcino* amou *Tircêa* e foi amado. [1] —

---

[1] *Poesias* de José Ignacio Barbosa, Soneto 23. (Ms. U—1—75) Bibl. nac.

D. Pedro e Ignez. Ao emprehender a *Segunda Castro* Quita, seguindo a regra das unidades, começa por um dialogo entre o principe e a sua amada. A regularidade do verso endecasyllabo, as expressões banaes do sentimento, a impossibilidade de analysar a passividade psychologica e d'essa descripção tirar o verdadeiro lyrismo torna este dialogo uma descórada e longa egloga academica. E quem se libertou d'este molde do seculo? Ignez está afflicta, e seu princepe procura em vão consolal-a. Ella sabe que chegou á côrte o embaixador de Castella a tratar o casamento de D. Pedro com a infanta Dona Beatriz; sabe que D. Affonso IV desconhece o laço indissoluvel que o une a Ignez, receia da sua chegada repentina a Coimbra, e estremece com o presentimento dos planos ardilosos de crueis conselheiros. Em quanto se deplora, entra de repente Almeida, que na comedia de Vellez de Guevara é o creado com caracter de bobo da Edade media, e que Quita arvorou em confidente, segundo os modelos francezes; Almeida dá parte ao princepe da chegada do rei seu pae a Coimbra. D. Pedro e o rei encontram-se a sós; o velho monarcha reprehende o filho por não ter vindo ao seu chamado á côrte, e em seguida dá-lhe parte de que a Infanta D. Beatriz, que hade ser sua esposa, já partiu de Castella, e que n'esse mesmo dia se devem celebrar os desposorios. Esta situação implacavel e difficil foi inventada por Guevara, que a levou até ás ultimas consequencias. Na comedia hespanhola a infanta chama-se Branca de Navarra. Quita approveitou-se d'este lance modificando-o se-

gundo as conveniencias da scena franceza: não a expõe á tortura moral de um encontro com Ignez de Castro, nem á rudeza vehemente do exaltado princepe. D. Affonso IV procura levar seu filho com razões de estado para effectuar o casamento com a infanta de Castella; o princepe recusa-se a tudo, até que o rei o repelle da sua presença dizendo que vae substituir a ternura pelo horror. Coelho e Pacheco reduzidos á posição de meros confidentes aconselham a morte de Ignez de Castro, o rei hesita e antes prefere que a mettam em perpetua clausura. O Embaixador de Castella, ao trazer a sua mensagem sabe que o casamento de D. Pedro se torna impossivel por causa d'esses amores com D. Ignez de Castro; como bom politico contenta-se com o desterro da amante. O acto termina com a retirada do rei e da côrte, assentando o designio de mandarem clausurar Ignez em um mosteiro de Castella. No segundo acto, conformando-se com o systema das confidencias, Dom Pedro lamenta-se diante do seu creado Almeida ao saber da sentença que desterra D. Ignez de Castro; n'este longo dialogo em que a violencia está sómente nas palavras, nunca um grito da flagrante verdade natural perturba as composturas rhetoricas. Segue-se o encontro do princepe com o Embaixador de Castella, que propuzera o alvitre do desterro; a situação é tensa e bem trazida, em que o princepe o ameaça com um conflicto politico; D. Affonso IV accede á pressa para salvaguardar a tranquilidade dos seus estados, e manda o filho para um castello proximo, como na Comedia de Guevara. D'aqui em diante

são coherentes todos os tramas dos Conselheiros para conseguirem a morte de Ignez. O poeta querendo tornar sympathico o typo de D. Affonso IV, fal-o protestar contra a ideia do assassinato, sensibilisa-o diante das lagrimas de Ignez, commove-o com a vista dos seus indefezos netos, e por fim deixa-o em um momento de fraqueza conceder a fatal sentença e leva-o a revogal-a quando já não é tempo. A *Segunda Castro* ficou por alguns annos esquecida; quando appareceu a *Nova Castro* de João Baptista Gomes revivia n'um plagio, peorada na linguagem emphatica e alterada com situações falsas. Até n'isto foi infeliz o Quita. João Baptista Gomes começou a *Nova Castro* plagiando o terceiro acto da tragedia de Quita; mudou o nome de Leonor em Elvira, e deslocou a prisão do principe, e diminuiu a importancia do Embaixador, que na obra de Quita chega a interceder pela vida de Ignez. O final das duas tragedias é rigorosamente o mesmo. O rei manda soltar o filho para ir ter com a sua amada; regressando immediatamente a Coimbra, entra no palacio e dá com ella apunhalada. Quita rematou a scena com algumas maximas, deixando suspenso o resultado da acção. Quita dera á impetuosidade de Guevara a brandura do idylio submisso ás frias unidades dos tragicos francezes; João Baptista Gomes tirou-lhe o exagerado lyrismo, e com uma versificação elmanista apta para ser declamada conseguiu sem talento roubar a Quita a popularidade da sua tragedia.

Obedecendo ás doutrinas da Arcadia, que só via a restauração do theatro na imitação

dos classicos francezes, Quita continuou esse esforço impotente com mais outra tragedia, a *Hermione*, em cinco actos. A acção é rica de situações, mas sempre pobre de linguagem, por causa da geral incapacidade da observação psychologica. Eis pouco mais ou menos o seu entrecho: Hermione, rainha do Epiro e esposa de Pyrro, sente-se desprezada por seu marido, que anda apaixonado por uma captiva que trouxera da guerra de Troya, por nome Chricêa. Rainha e captiva deram ambas no mesmo dia á luz dois filhos, Idamante princepe, e Polymene de condição degradada. Pyrro louco de amor pela troyana, querendo que o filho d'ella viesse a herdar o throno trocou as duas crianças. Sómente Chricêa o sabe. Por fatalidade, mais tarde Polymene é assassinado por seu irmão Idamante; a rainha Hermione chora-o, mas aquella dôr santa penetra no coração de Chricêa. Succede morrer Pyrro na guerra; dividem-se os partidos entre a rainha e o filho da captiva troyana; Chricêa é perseguida por Hermione, que vinga todos os antigos crimes na pessoa de Idamante. Morto o supposto filho da escrava, apparece vindo da guerra Arbante, dizendo que Pyrro ao cahir no campo da batalha o mandára declarar a troca das duas crianças, por que isso mesmo lhe pedira a troyana Chricêa. Amontoam-se os conflictos, as peripecias, as collisões, os lances imprevistos, mas a linguagem . . . sempre rhetorica. Na *Hermione* Quita aproxima-se mais dos modelos gregos, não na nobre simplicidade heroica, mas na fórma exterior, nos Córos com as divisões insignificativas de Strophe e

Antistrophe, tornando-se o Coripheu personagem independente. A tentativa da Arcadia não podia dar resultado; sob o despotismo do Marquez de Pombal imitava as tragedias inspiradas pelo despotismo de um Richelieu, e de um Luiz XIV. Quita synthetisou na *Hermione* o estado geral da sua epoca n'estes versos degradantes mas valiosos por inconscientes:

> Aos designios dos Reis como dos Deuses
> Os olhos fechar devem fieis vassallos,
> E submettendo-se ao poder do sceptro
> Devem, sem impugnal-os obedientes
> Respeitar seus decretos absolutos.

Bibliographia das Obras de Domingos dos Reis Quita

1756

Sylva no lamentavel Terremoto do primeiro de Novembro de 1755. Dedicada ao illust., e excellent. Senhor Conde de S. Lourenço, por seu author Domingos dos Reys. Lisboa, Na Off. patriarchal de F. Luiz Ameno. MDCCLVI. Com as licenças necessarias. In-4.º de 14 pp. (Traz uma dedicatoria em prosa, que não apparece na edição das Obras poeticas de 1781.)

1762

Lincêa. Ecloga ao feliz nascimento do serenissimo Principe da Beira ... por Domingos dos Reis Quita, socio da Arcadia lusitana. Lisboa 1762. In-4.º. (Foi incorporada na primeira edição das Obras poeticas.)

1766

Obras poeticas de Domingos dos Reis Quita. Lisboa, 1766. In-8.º 2 vol.

D'esta edição escreve Innocencio: «na qual faltam muitas peças inteiras, e as emendas e retoques com que o poeta aperfeiçoara posteriormente as que foram n'ella (ed. de

1781) incluidas.» Acompanhava esta edição uma *Carta sobre a utilidade da Poesia* — escripta ao Author por um seu amigo; provocou a publicação de um pequeno folheto in-16, de 46 paginas, intitulado: *Carta escrita ao Senhor Domingos dos Reis Quita, que serve de resposta a outra, que lhe escreveu hum seu amigo, e corre impressa com os seus versos.* Ahi se lê: «Não sei explicar a v. m. quanto me encheu de prazer a alegre nova, que ha pouco recebi da impressam dos seus versos. Estimei egualmente que v. m. fosse o mesmo que offerecesse aos Sabios as provas para conhecerem com evidencia até donde se estende o seu famoso estro, e qual seja a sua instrução na Arte da Poesia. Porém, mais que tudo foi a minha admiração ao ler a Carta d'aquelle seu amigo sobre a sua utilidade. Tam digno de agradecimento me pareceu o modo fino com que v. m. lisongeou, como merecedor de riso ou de desprezo quanto elle superficialmente ajuizou da Poesia. Daquellas resoens frivolas, desatadas e mal establecidas está revendo a sua ignorancia na pratica.» Etc. Faz grande alarde de citações de Aristoteles, Horacio, Boileau, Rapin, e mais rhetoricos, revelando um tom ironico mas sem comprehensão do que é a poesia.

1767

Santos Patronos, contra as tempestades de raios, Invocados em devotos hymnos, — publicados por Candido Lusitano. Lisboa. Na regia Off. Silviana e da Acad. real. CIƆIƆ. CCLXVII.

Além dos Hymnos compostos por Candido Lusitano, Corydon Erimantheo e Elpino No-

nacriense, acham-se ahi mais quatro assignados por *Alcino Missenio*, dedicados a S. Anthimio martyr, a S. Magno abbade, a S. Domingos Soriano confessor e a S. Nicoláo Tolentino. Não foram comprehendidos na edição das Obras poeticas de 1766, por que Quita os escreveu depois de impresso o seu livro; é porém reparavel que Piedegache os não incorporasse na edição das poesias de 1781.

1781

Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana *Alcino Micenio*. Segunda edição correcta e augmentada com as Obras posthumas, e Vida do Author. Lisboa. Na Typ. Rollandiana. 1781. Com licença da real Mesa Censoria. In 8.º 2 vol.

No prologo do editor lê-se: «Resolvi-me pois a reimprimir as suas Obras por serem já rarissimas; e sabendo a irmã do defuncto Author, que eu lhe queria dar nova vida, me deu todos os Manuscriptos que tinha de seu Irmão e assim darei ao publico todas as Obras de um Author nosso e moderno.»

N'esta edição vem o Epitome da vida de Domingos dos Reis Quita por Miguel Tiberio Piedegache Brandão Ivo, e a Carta sobre a utilidade da Poesia. As Tragedias formam parte do segundo volume.

1800

Traduzida em inglez a Tragedia *Castro*, por Benj. Thompson. Londres. 1800.

1831

Obras de Domingos dos Reis Quita. Lisboa, Typ. Rollandiana. 1831. In-16.º 2 vol. Faltam-lhe as tragedias.

IV

Manoel de Figueiredo

No prologo á tragedia *Catão*, datado de 1839, memora Garrett o nome de Manoel de Figueiredo com estas palavras: «Um homem sem talento, mas de grande tino, juizo e erudição...; o honrado Manoel de Figueiredo, de cujo volumoso *Theatro* poucos sabem até que existe; lêl-o, isso é para exemplares paciencias. Pois ganha muito quem o fizer, que ha alli ouro de Ennio com que fazer muitos Virgilios.» [1] Manoel de Figueiredo ao entrar para a Arcadia lusitana emprehendeu com a maior coragem a restauração do Theatro portuguez, sob o aspecto de nacionalismo e na-

---

[1] Em Carta de 1822, que acompanha o *Catão*, escrevera Garrett: «nosso Manoel de Figueiredo (bom homem e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poetico e perfeitamente ignorante das mais simples leis do metro...»

turalidade. A concepção não era servida pela expressão, e a sua obra ficou desconhecida, sobrevivendo apenas o nome do escriptor na *Travessa do Figueiredo*, em Alcolena, onde vivera longos annos. [1] E' o unico titulo da popularidade que merecia quando os nomes das ruas ainda não serviam para glorificar galopins eleitoraes, politicos de corrilho e heroes de noticiario. Pondo ao serviço do pensamento da creação do theatro nacional uma clara intelligencia, uma vontade exclusiva e o conhecimento de obras primas de muitas litteraturas conjunctamente com o espirito de observação adquirido nas suas viagens, teve a infelicidade de escrever em uma epoca de forte reacção classica contra as imitações inscientes da comedia hespanhola e italiana, e quando estava no maior perstigio a Opera exhibida com os apparatosos espectaculos da scenographia. Assim os Theatros do Bairro Alto, e da rua dos Condes, em que dominavam a *baixa Comedia* e a *Opera*, não lhe admittiram as suas *peças*, [2] e os academicos

---

[1] Gomes de Brito, nos Documentos mandados publicar pela Commiss. Executiva da Cam. Municipal de Lisboa, consigna: « residente em Alcolena, junto a Belem, segundo os Almanacks da Academia, foi o individuo que deu o nome a esta travessa, em uma casa na qual com effeito passou o melhor da sua vida, assim como seu irmão, dedicado e corajoso editor das suas Obras, Francisco Coelho de Figueiredo, que ahi residia ainda em maio de 1811 . . . » Op. cit., p. 88. 2.ª Serie. (1895.)

[2] Nas Notas de Francisco de Paula Ferreira da Costa aos *Burros* de José Agostinho (Not. 133), lêmos: «Não consta que Drama algum dos que compoz fosse á scena.»

eram tão indifferentes ao seu trabalho que o bom do árcade teve de interromper a publicação do *Theatro* logo aos primeiros volumes. Lucta surda e tenaz de uma consciencia que serve um ideal, mas em que perdeu a espontaneidade e a graça, como se vê pelos seus laboriosos autographos; e a ingenuidade de caracter, que dá certa côr pittoresca á sua linguagem, priva-o da malicia, tão necessaria para a *vis comica*. Antes de descrevermos essa lucta, que é a sua vida intima, é indispensavel archivar o juizo formulado pela auctoridade de Garrett: «Vivia aqui ha coisa de cincoenta para sessenta annos, n'esta boa terra de Portugal, um figurão exquisitissimo, que tinha inquestionavelmente o instincto de descobrir assumptos dramaticos nacionaes, ainda ás vezes, a arte de desenhar bem o seu quadro, de lhe grupar não sem merito as figuras; mas ao pôl-as em acção, ao coloril-as, ao fazel-as fallar... boas noites! era semsaboria irremediavel. Deixou uma collecção immensa de Peças de theatro que ninguem conhece, ou quasi ninguem, e que nenhuma soffreu talvez representação; mas rara é a que não poderia ser arranjada e apropriada á scena.—Que mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico! Que bellas e portuguezas cousas se não podem extrahir dos treze volumes—são treze volumes e grandes! do *Theatro* de *Ennio*-Manoel de Figueiredo! [1] Algu-

[1] Ha um XIV volume, repositorio precioso de noticias do seculo XVIII, que reuniu seu irmão Francisco Coelho, que é de alguma raridade bibliographica.

ma d'essas peças, com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um estylo mais animado, fariam comedias excellentes.—Estão-me a lembrar estas: *O casamento da cadêa*, ou talvez se chame outra cousa, mas o assumpto é este; comedia cujos caracteres são habilmente esboçados, funda-se n'aquella antiga lei que fazia casar da prisão os que se suppunham poderem reparar certos damnos da reputação feminina.—*Fidalgo de sua casa*, satira mui graciosa de um tão commum ridiculo nosso. *As duas educações*, bello quadro de costumes: são dois rapazes, ambos estrangeiramente educados, um francez outro inglez, nenhum portuguez. E' eminentemente comica, frisante... O *Cioso*, comedia já remoçada da antiga comedia de Ferreira, e que em si tem os germens da mais rica e original composição. *O Avaro dissipador*, cujo só titulo mostra o engenho e invenção de quem tal assumpto concebeu: assumpto ainda não tratado por nenhum de tantos escriptores dramaticos de nação alguma, e que é todavia um vulgar ridiculo todos os dias encontrado no mundo. São muitas mais, não fica n'estas, as composições do fertilissimo escriptor, que, passadas pelo crivo de melhor gosto, e animadas sobretudo no estylo, fariam um rasoavel reportorio para acudir á mingua dos theatros. Uma das mais semsabores porém, a que vulgarmente se haverá talvez pela mais semsabor, mas que a mim mais me diverte pela ingenuidade familiar e sympathica de seu tom magoado e melancholicamente chôcho, é a que tem por titulo *Poeta em annos de prosa*... Oh Figueiredo, Figueiredo, que grande

homem não foste tu, pois imaginaste este titulo que só elle em si é um volume!» [1]

Bastaria esta apreciação do restaurador da moderna litteratura dramatica em Portugal para incitar a curiosidade de conhecer a vida ou actividade de Manoel de Figueiredo. Com as noticias espalhadas nos prologos das suas obras, e o que escreveu o seu apaixonado irmão Francisco Coelho de Figueiredo, fixam-se dados seguros e de interesse biographico. Nas *Obras posthumas* (II, 305) aponta-se o seu nascimento em Lisboa em 15 de Julho de 1725; estudou na Congregação do Oratorio, apprendeu calligraphia com Manoel de Andrade Figueiredo, e dedicou-se ao desenho sob a direcção do pintor André Gonçalves, como confessa em um Soneto. Frequentou algum tempo a Universidade de Coimbra, em tempo em que alli cursava Garção, como se vê da rubrica que acompanha o primeiro Soneto, que escreveu «*Estando o author em Coimbra, em 1745.*» A paixão pelo theatro revelou-se á sua alma aos outo annos de edade: em 1733 ainda a Companhia hespanhola de Antonio Rodrigues representava no Pateo das Arcas. Alli se representava a comedia famosa de Guevara *Reynar despues de morir*, como sabemos pela *Comedia das Comedias* de Thomaz Pinto Brandão, que a enumera. Figueiredo descreve a impressão que lhe causára em criança: «Taes foram os berreiros em que entrei quando de uma forçura do Theatro da rua das Arcas me pare-

---

[1] *Viagens na minha terra*, cap. IX.

ceu que via morta na scena de D. Ignez de Castro, uma gentil rapariga que a figurava, que meu pobre pae foi obrigado a pôr-me na rua aos bofetões; e era de vêr como se enfadou em casa com minha mãe, pois ella . . . o obrigou a conduzir alli o pequeno, que elle não era d'esses, levado das perseguições que eu lhe tinha feito.» [1] Passados annos, quando Manoel de Figueiredo viu representar em Madrid esta comedia não a pôde aturar até final, e muito menos no Theatro do Bairro Alto, quando a bella Cecilia Rosa de Aguiar a representava traduzida por Nicoláo Luiz. [2]

As primeiras tentativas litterarias de Figueiredo são assim descriptas no *Discurso* VIII: « Antes de eu cumprir os quinze (annos) appareci com dous ou quatro versos latinos a que chamava Epigramma, e não sei quantos portuguezes, nem como lhes chamava, em uma Academia ou ajuntamento em que eu era, creio, que o mais velho; fallou-se nas minhas poesias como nas mais; chamou-me meu Padrinho, pediu-m'os sorrindo-se, leu-os e restituiu-m'os dizendo, — que aquella era uma prenda estimavel nos homens, porém que os lisongeava demasiado, e consequentemente lhes fazia desagradavel as applicações uteis; que estimaria que eu me deixasse de fazer versos, e que cuidasse n'aquelles estudos que me poderiam dar de comer. O meu genio não era tão poetico que me fizesse violencia o preceito de um senhor, que a menor rasão que

---

[1] *Theatro* de Manoel de Figueiredo, t. VI, 147.

[2] Obr. posth., *Discurso* VI.

eu tinha para veneral-o era ser meu Padrinho e não ter outro que me protegesse, nem me fizesse gente se lhe desagradasse; esfriei, e esfriei de sorte que se passaram dezesete ou dezoito annos, em que comporia cem versos.» (*Obr. posth.*, II, 209.)

Desde 1740 até 1757, como se vê do texto autobiographico, quasi que deixou de cultivar a poesia; perdeu assim aquella plasticidade que tornaria viaveis as suas idealisações. Terminando os estudos em 1745, fez uma viagem a Hespanha, donde voltou em 1750 com o Tratado de limites entre as possessões da America, e depois definitivamente em 1753: «quando o cansado trabalho dos primeiros estudos me deixavam tempo para fortificar o meu espirito com a leitura dos poucos Authores que podem ensinal-a, saí de Portugal, e *vivi sete annos entre Castelhanos*, cuja similhança de idioma não só me fez perder a acção da minha lingua, porém mil vezes me fez entrar na duvida de serem ou não portuguezes os termos, etc.» (*Obr.*, t. XIII, p. XIV.) Durante esta ausencia da patria andára Figueiredo em commissão do governo desde 1749, (*Obr. posth.*, II, 346) chegando a Madrid em janeiro de 1750 com o Tratado de limites; (*ib.*, p. 301.) era uma questão antiga em que Portugal e Hespanha se achavam envolvidos sobre a delimitação dos territorios da America, em que os commissarios-engenheiros e governadores de ambas as corôas, se não entendiam, tendo de recorrer ás armas. Por fim as duas côrtes conheceram que eram um joguete dos Jesuitas que assim embaraçavam a demarcação, que os prejudicava no goso do

estado que tinham formado com os indios nas visinhanças dos rios Uraguay e Parnaguai; de commum accordo suspenderam a guerra, e reciprocamente se ajudaram nas demarcações, desvendando-se a trama politica da Companhia, sendo esta uma das causas da sua ulterior expulsão. Figueiredo fôra o feliz portador do Tratado de limites á côrte de Madrid, regressando a Portugal em 1753, (*ib.*, p. 291) e como premio entrou logo como Official da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros e da guerra, em que levou uma vida serena e automatica, sendo aposentado em 17 de Novembro de 1797; por este tempo pediu que lhe não pagassem beneficios e uteis (emolumentos e gratificações), dizendo que os seus ordenados lhe bastavam «para entretêr os poucos dias que lhe restavam de vida.» (*ib.*, p. 306.) Morreu este homem justo em 27 de Agosto de 1801, embalado no delicioso sonho da restauração do Theatro portuguez, a que procurou dar realidade seu carinhoso irmão.

No regresso de Hespanha em 1753 veiu encontrar o deslumbramento da Opera italiana, que absorvia completamente o Theatro portuguez: «Esta paixão, quanto a mim, (a da musica) é a que leva a gente a estes espectaculos, e as excellentes decorações com que elles se enobrecem; resultando toda a gloria do trabalho dos Poetas do nosso tempo ao Compositor da musica, aos Architectos e aos Actores.» (*ib.*, p. 217.) Referia-se Figueiredo aos scenographos Servandoni, Azzolini, Bibiena, e aos grandes cantores Giziello, Cafarelli e Raaf. Na sua Comedia *João Fernandes feito homem*, escripta logo depois do Ter-

remoto, falla da pompa d'estes espectaculos regios: «os reis não soffrem, conhecem que é necessario para se desfructarem que tenham o espirito tranquillo, e que seja n'aquella hora em que estão para isso, escrevem-se com um *Egicieli*, um *Rafe* ou *Cafarelli*, porque são uns milagres da natureza; e estes homens costumados á lição do Theatro, a representar heroes, ainda fóra d'elle são bem morigerados.» (*Ob.*, XIII, 305.) Cita em seguida David Perez; e da litteratura dramatica: «lêras em letra redonda no principio da traducção *Drama de Metastasio accommodado ao gosto do Theatro portuguez*, não vendo de mais n'estas composições do que os semsabores graciosos.» A critica do Theatro reduzia-se ás seguintes regras: «E' entremezão, se os faz rir. E' castelhano, se tem artificio. E' satira, se toca nos costumes.» (*Ob.*, III, 354.)

Em 1755 succedeu o estupendo terremoto do primeiro de Novembro; Lisboa ficou subvertida, e ninguem pensou mais em theatro. A amisade de seu irmão revelou-se salvando os manuscriptos do poeta: «dous saccos com cartas de 1753, tempo em que meu Irmão tinha chegado da Hespanha, papeis que eu já tinha livrado do incendio que sobreveiu ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755.» (*Ob. posth.*, II, 291.) A partir d'esta catastrophe a vida dramatica de Manuel de Figueiredo é dividida em duas epocas distinctas: a primeira decorre de 1756, em que se fundou a *Arcadia*, até 1764; a segunda de 1768 até 1777, quando sob o governo de D. Maria I o Theatro soffreu violenta repressão. A effervescencia litteraria da Arcadia,

provocada por quatro moços, como elle diz, foi um saudavel desvio para os espiritos apavorados pela vista das ruinas; Figueiredo declara que foi o seu amigo P. A. G. (Pedro Antonio Garção) que o convenceu «a entrar n'aquelle digno ajuntamento,» aonde adoptou o nome de *Lycidas Cynthio*. E da sua actividade n'esta primeira epoca escreve: «ninguem ignora que fui um dos primeiros que dissertaram, como tambem, que a poesia dramatica era a em que eu tinha feito algum estudo, pois li seis *Discursos sobre a Comedia*, e alli apresentei um *Edipo*, que não sei a que folhas vae, e compuz a este mesmo tempo um *Viriato*, que levou o mesmo caminho, e me não fazem saudades;...» (*Obr. posth.*, II, 210.) Mais tarde desejou passar os olhos por esses tentâmes, como narra seu piedoso irmão: «Quantas vezes o Author na sua ferocidade do Theatro depois de 1768 a 1777, fallando nós sobre esta materia, se lembrava e me dizia: —Que seria feito d'aquelles papeis da minha mania logo depois do Terremoto? Se eu os achasse ainda havia de aproveital-os; —ria-se e passava para diante não fazendo caso algum d'aquelles trabalhos, como nunca fez, nem allegações de cousa alguma do que mais interessa e desvanece os homens.» [1]

[1] Foram achados em 9 de Setembro de 1808 por este dedicado irmão, que explica a perda occasionada por tres mudanças de casa a contar de 1764:

«Em 9 de Septembro de 1808, indo buscar uns papeis differentes a uma casa onde meu Irmão escreveu o *Theatro*, achei-os embrulhados em meia folha de papel toda escripta e muito amarrotada; era o esboço

As peças escriptas por Manoel de Figueiredo n'esta primeira epoca eram as tragedias *Edipo*, *Viriato* e *Artaxerxes II*, e as comedias *João Fernandes feito homem*, *A farçola*, e o *Passaro bisnáo*. As tragedias foram apresentadas á Arcadia lusitana, expondo o plano de restauração do Theatro: «Fiz uma tragedia sem amor, sem confidente, sem monologos, sem ápartes; guardei as unidades de acção, de tempo e de logar, segundo a opinião mais

---

de um *Discurso* numero VII... Affirmo-me e conheço que a letra era de meu Irmão, que o assumpto era tendente á materia sujeita; fui estendendo o papel e lendo; vi que elle tinha recitado na Arcadia seis *Discursos sobre a Comedia;* admirei-me do numero e fui vêr as Obras lyricas impressas, e não achei mais que cinco; fez-me pezo a falta de um, e comecei a esquadrinhar quantos logares havia em casa, em que se podessem achar papeis, e não pude encontrar nem esperança; pergunto á pessoa mais antiga da minha familia, que não passa de tres homens, e nenhum d'aquelle tempo, se dava fé de alguns papeis velhos em alguma parte: — N'aquella agua-furtada, me responde — estão uns sacos com livros e papeis velhos. Immediatamente encontro debaixo de cadeiras quebradas e outros trastes em tão bom estado cobertos de lixo, que é para o que elles servem ordinariamente, dous saccos... Fui vendo escriptos do anno de 1756, principio do seu furor poetico; ... Tive o prazer de encontrar a Tragedia de *Edipo*, com a dedicatoria ao Senhor Rei Dom José I, com a douta Censura e com a Apologia; egualmente achei em muito bom estado a Tragedia *Artaxerxes II*; não tive a mesma felicidade com o original da Tragedia de *Viriato*, mas ainda se pôde aproveitar, como já expressei n'uma nota. Achei os originaes de tres Comedias escriptas no anno de 1756 e 1757: *João Fernandes feito homem; o Passaro Bisnáo;* e fui encontrando muitos versos, etc.» (*Obr. posth.*, t. II, p. 290.)

austera, não aproveitando de algumas das liberdades que introduziu ou a corrupção do gosto ou a fraqueza dos poetas.»

N'esta mesma Tragedia de *Edipo* diz: «animo-me a dar a Portugal uma tragedia, triumphem outros, basta-me a gloria de ser o primeiro que morresse na brecha.» E accrescenta: «muitos que eu tenho por ignorantes me quizeram sustentar que a nossa lingua é incapaz do Theatro, porque os famosos poetas que emprehenderam composições semelhantes, não nos têm dado um drama.» Apresentado á Arcadia o *Edipo*, o Collegio Censorio entregou-o ao exame de Valladares e Sousa (*Sincero Jerabricense*), que formulou um extenso parecer datado de Alemquer de 22 de Agosto de 1758; Figueiredo replicou como lhe competia, em data de 30 de Setembro. O Collegio Censorio demorou-se a dar o seu voto, escrevendo por isso Figueiredo: «Lançou-se o pregão de que a Arcadia trabalhava em restaurar a boa Tragedia, aquella que teve o berço na sabia antiguidade, que adoptaram as nações cultas, que frequentam e estimam, que já foi as delicias de Portugal, e que desgraçadamente tinha desapparecido do nosso Theatro. Este foi o cartel de desafio, não faltavam forças para o combate, e quiz a sorte que o *Edipo* fosse o primeiro mantenedor; . . . e consentireis, oh Arcades, que sirva de ludibrio não só a um membro d'esta sociedade, mas a toda a Academia, a pezada somnolencia que cahiu sobre um negocio de tão delicada importancia?» *(Ob.*, XIII, 127.) Figueiredo dedicou-se então ás doutrinas litterarias sobre a Comedia, sobre o riso; mas a Arcadia

caíu em uma apathia de que difficilmente se levantou na *restauração* de 1764, quando Diniz regressou de Castello de Vide para Lisboa e antes da partida para Elvas. Pouco depois d'esse anno irrompeu a *Guerra dos Poetas*, da qual Figueiredo sempre conciliador se queixa a D. Fr. Manoel do Cenaculo, fallando «nas composições em que gastavam o tempo os moços de genio que tinha Lisboa, pois n'aquelle tempo se devoravam com Satiras uns aos outros...» (*Disc.* VIII) Depois do terremoto tinham-se passado doze annos de disputas ao whist, e o aborrecimento dos serões fez com que se renovasse o Theatro do Bairro Alto e se começassem os espectaculos. Isto exaltou a imaginação de Figueiredo, que diz: «pego na penna, escrevo o Prologo da *Eschola da Mocidade*, principio a Comedia;...»

Entrava na segunda e intensissima phase da sua actividade litteraria, escrevendo para a gaveta; elle conta como se deixou absorver por esta vertigem: «d'ahi a dias visitei o Bispo de Beja... desejando empurrar o Prologo, o que fiz sem todo o preparo; vê-o Sua Excellencia, anima-me, caio na fôfa e entro a escrever de véras. Este nome de Poeta que eu ia ter, a aversão que se lhe tinha, o meu Theatro inteiramente opposto ás ideias que a minha nação tinha d'elle, assustavam-me; os desgostos que haviam dar-me ignorantes; e o que eu havia de dar aos homens de proposito, que não me julgavam até então totalmente pateta, a ridicularia de imprimir um tomo e parar, segundo o costume entre nós, me obrigaram a sérias reflexões; assentei por

fim em não imprimir sem ter ao menos os cinco tomos completos, e dado as suas fabulas no indice, para que a honra me obrigasse a dal-os ao publico; achei tudo o que esperava, menos a opposição das pessoas intelligentes e d'aquelles sujeitos, ainda que poetas, que entre nós por algum modo se distinguem; etc.» A extracção dos volumes não passava de trezentos: «Que Portugal tem conhecedores, provo-o com trezentos exemplares do meu *Theatro*, que distribuo.» (*Ob. posth.*, p. 183.) No *Discurso* VII faz o poeta a critica da sua obra: «O meu *Theatro* tem o maior defeito que podem ter os poemas dramaticos; não o teria porém se eu escrevesse d'aqui a cem annos. Este defeito é a parte didactica que n'elle ha, sempre insupportavel em scena... Isto é quanto ao Theatro comico; que quanto ao tragico escrevi como se o fizesse para Athenas, sem mais consideração que me atasse ou contivesse para contar os seus tragicos, do que a falta de magnificencia dos Theatros modernos. Passaram os meus poemas, á excepção dos que contém o primeiro tomo, pela censura da unica pessoa que eu conheço em Portugal fizesse estudo sério, e nas fontes gregas e latinas, sobre este assumpto; e da mesma sorte uma grande e erudita meditação sobre a nossa lingua.» Este censor a que allude foi Garção, que pela sua morte lhe fez uma enorme falta. Suppriu-o com a intimidade do poeta italiano Gaetano Martinelli, librettista dos Theatros regios de Lisboa, que o animava na sua empreza: «a 6 de Março de 1775, visitando o meu amigo o snr. Caetano Martinelli, que não só lisonjêa esta mi-

nha paixão, com as suas grandes luzes poeticas e vasto conhecimento de Theatros, mas até com os seus livros . . . » (*Obr.*, t. v, p. IV.)

No enthusiasmo da idealisação não tinha Manoel de Figueiredo o cuidado de aperfeiçoar a metrica; chegando-se-lhe a offerecer José Basilio da Gama « a mudar todos aquelles versos (sc. exdruxulos e agudos) dos Poemas tragicos que eu tivesse composto.» Succedia-lhe o mesmo que a La Motte com Voltaire; sabia architectar bem um drama, mas não possuia a imaginação, o colorido, o senso da verosimilhança que distinguia Voltaire. Conta elle proprio: « Alguns amigos, e das pessoas mais habeis e intelligentes na materia, que eu conheço, me buscaram depois de ler a minha *Osmia;* não passaram de dois para lamentar o descuido de metter versos ou já exdruxulos ou já agudos, ou já uns e outros n'aquelles poemas . . . » Dos que o accusavam de ter dialogo conciso abonava-se com a Poetica do professor Pedro José da Fonseca, lida pela primeira vez em 23 de setembro de 1775. (*Obr.*, t. IV, § XIII.) Imprimiu o primeiro e segundo tomo do seu Theatro em 1775, o terceiro em 1776, em que estaca o periodo da sua actividade litteraria. Refere-se a este limite seu bom irmão Francisco Coelho de Figueiredo, no prologo do quarto tomo, impresso trez annos depois do falecimento do ingenuo poeta: « Em o anno de 1777 continuando em maiores trabalhos do seu officio, não escreveu mais sobre este objecto, nem ainda poz em bom estado para se poderem ler facilmente algumas das peças tanto comicas como tragicas, por ficarem nos primeiros borrões, cheias

de entrelinhas, em bastante confusão e difficuldade para quem não as tenha escripto, nem pensado, etc.» A data do estacionamento de Manoel de Figueiredo coincide com o inicio do reinado de D. Maria I, com o *Rigorismo* que excluiu dos theatros as mulheres, com o *Intolerantismo* violento do Arcebispo-Confessor. O bom do árcade via affundar-se o Theatro portuguez, e poz de parte os seus trabalhos. As peças dramaticas escriptas por Manoel de Figueiredo no segundo periodo da sua actividade de 1768 a 1777 estão quasi todas datadas; eil-as pela ordem da colleccionação:

Eschola da Mocidade — 12 de Abril de 1773.

Perigos da Educação — 15 de Agosto de 1773; representada no Theatro do Bairro Alto em a noite da 8 de Maio de 1774.

O Dramatico affinado — Lisboa, 12 de Maio de 1774.

Os Paes de familia—25 de Abril de 1773.

Apologia das Damas — 27 de julho de 1773.

Osmia lusitana — 31 de Outubro de 1773.

Fastos do amor e amisade — 21 de Septembro de 1773.

Mappa da Serra Morena — 10 de Julho de 1774.

O Fatuinho em Lisboa — 21 de Outubro de 1773.

Poeta em annos de prosa — Lisboa, 30 de Novembro de 1773.

A mulher que o não parece — Em 20 de Janeiro de 1774.

Ignez — Lisboa, 30 de Maio de 1774.

Os Censores do Theatro — 29 de Maio de 1774.

As Irmãs — Em 15 de Outubro de 1775.

A Sciencia das Damas — Em Lisboa, em 17 de Maio de 1775.

O Jogador — Lisboa, 8 de Junho de 1775.

O *Cid*, de Corneille — Lisboa, 4 de Septembro de 1775.

Cinna, ou a clemencia de Augusto — Em 4 de Dezembro de 1775.

Catão, de Addisson — Em 20 de Janeiro de 1776.

O Impostor Raweduto — Sem data.

O Cioso, de Ferreira — Em Lisboa, 4 de de Agosto de 1776.

A mocidade de Socrates — 29 de Abril de 1776.

Iphigenia em Aulida — 11 de Abril de 1777.

O Acrédor — Em 4 Dezembro de 1776.

Andromaca — 11 de Abril de 1777.

Grifaria — De 1777.

O homem que o não quer ser — Sem data.

Fragmento de uma Comedia — (Intitula-se *O Urso*).

O Avaro dissipador — Sem data.

O Insolente miseravel — Sem data.

O Fidalgo de sua propria casa — Sem data.

Lucia, ou a hespanhola — Sem data.

Os Amantes sin ochavo — Sem data. [1]

---

[1] Tendo deixado a maior parte do seu *Theatro* inedita, seu inconsolavel irmão Francisco Coelho teve a fortuna de sobreviver-lhe mais vinte e um annos para

Depois de conhecermos a vida d'este árcade e as suas ideias sobre arte dramatica, vejamos como elle as realisou.

O assumpto tragico dos amores de Ignez de Castro impressionára-o, irritando-o tambem pelo modo como o seu adversario Nicoláo Luiz, encarregado de fornecer as comedias

---

o salvar pela imprensa. Conta elle: «E quando em 1803 comecei esta empreza, subindo a grande preço o papel, todos me aconselhavam que suspendesse, e esperasse que diminuisse aquelle grande valor, e que viesse tempo de mais socego: se caio? ainda me não arrependi da minha constancia... (*Obr. posth.*, II, 299.) Em cinco annos publicou os manuscriptos, contentando-se com quinhentos exemplares; a demora foi devida ao tempo que Bartolozzi gastou nos ornatos e vinhetas que acompanham a edição: «O desejo de enfeitar as Obras lyricas com os novos fructos do paiz e o *Theatro* com o trabalho pessoal do insigne Bartolozzi com outenta e quatro annos, fez com que se demorasse mais algum tempo a publicação d'ellas; ficando-me o dissabor de se concluirem tão tarde.» (*Ib.*, p. 309.) E na Advertencia final accrescenta: «A mim que me faltava o tempo pelo receio da minha edade fiz acceleradamente imprimir aquelles escriptos com tanta fortuna, que o consegui em cinco annos; e quando a 29 de Novembro de 1807 me entraram em casa os Francezes, achava-me com aquella parte das Lyricas toda feita...» Foi em 9 de Septembro de 1808, que Francisco Coelho de Figueiredo, que se julgava preso á vida unicamente para salvar os trabalhos de seu irmão, descobriu esses primeiros ensaios de 1756 a 1764: *Obras escriptas antes da união dos Arcades em Lisboa, em 1757.*» (*Ib.*, p. 309.) Bem haja esta piedade fraterna, que com a sua crença profunda em um talento desconhecido de todos, salvou a sua obra, obrigando-nos a estudal-a e a respeital-a.

Nasceu este bom irmão em Lisboa a 4 de Outubro de 1738, e morreu em 1822 reformado em tenente-coronel de cavalleria.

para o Theatro do Bairro Alto, poz em scena a peça de Vellez de Guévara. Manoel de Figueiredo abalançou-se ao assumpto, que a Arcadia discutira, proclamando á admiração a *Castro* de Ferreira; a tragedia *Ignez*, abstrahindo da linguagem e da versificação, é perfeitamente bem conduzida e original; tem a simplicidade antiga, não se funda unicamente no lyrismo subjectivo do amor, mas na fatalidade que se descobre na lucta dos interesses politicos; os personagens têm caracter, o que em quasi todos os outros poetas falta. E' dividida em tres actos; e começa por uma conversa entre Alvaro e Fernando, irmãos de D. Ignez de Castro, que descobrem os sustos e sobresaltos em que ella vive, e os receios que têm de que o princepe D. Pedro venha um dia a repudiar Ignez. Sua irmã vem interrompel-os cuidadosa por causa da longa demora do Princepe. Eil-o, que chega; conta o motivo da tardança: El Rei seu pae está doente e mandara-o chamar a convidal-o para uma montaria de lobos. Dom Pedro relata a conversa com D. Affonso IV: o velho monarcha receia que seu neto D. Fernando, orfão de D. Constança sua mãe, seja sacrificado aos filhos de D. Ignez, e quer desherdar D. Pedro! Depois d'esta revelação terrivel, o Princepe e os irmãos de Ignez partem para a caçada. — D. Pedro volta para o palacio onde guarda sua amante e esposa sem ter caçado nenhum lobo; Ignez continua sempre agitada e presagiando a catastrophe; D. Pedro resolve-se a sahir outra vez a monte, Ignez quer acompanhal-o com o temor de ficar sósinha, desistindo d'isso depois de hesitações e instan-

cias. — Na ausencia de D. Pedro chega o rei D. Affonso IV acompanhado dos tres conselheiros, Pacheco, Gonçalves e Coelho; o rei accusa Ignez de ter contribuido para a morte de D. Constança e de querer roubar o throno a Fernando seu neto. Ignez justifica-se; cada vez que o monarcha dá largas á colera, os tres conselheiros avançam com as espadas para descarregarem em Ignez o golpe mortal. Dom Affonso IV é que os detem, e chega a enternecer-se. N'isto diz aos Conselheiros que saiam com elle, quando se ouve um grito fóra da scena: era o de Ignez assassinada. Passados instantes entra o Princepe, vê-a morta e os assassinos de sua mulher protegidos, pelo velho rei! A situação é shakespeariana, mas falta-lhe a linguagem que desvenda a consciencia. Dom Pedro tem ideia de vingar-se em seu pae; recúa, cae em si, prediz qual hade ser o futuro e pede-lhe que o mate já, se quer evitar a atrocidade da vingança.

Apesar da frouxidão de quasi todas as scenas, a tragedia de *Ignez* vale muito pelo novo ponto de vista em que foi collocada. Manoel de Figueiredo conhecia as tragedias de Ferreira, Guevara, e La Motte, que cita no seu prologo: «mas quiz o bom Ferreira, o famoso Vellez, o celebre La Motte e alguns outros reduzil-o a tragico: conseguiram-no?» «O modo que Houdar La Motte diz que tivera de trocar em terror a piedade, acabando a tragedia por um furor de D. Pedro, por um prognostico do que obrará depois, me não obrigou a mudar o esboço da minha, concluido sem ler outra alguma mais que a do nosso Doutor Antonio Ferreira. Ninguem presumi-

ria tal escrupulo no Author francez, vendo-o passar sem remorsos pelo anachronismo de Constança; substituir o veneno ao ferro; tirar a atrocidade da acção fazendo tyranno d'ella a uma madrasta em vez de um pae; e o que mais é, privar a fabula do interesse da vida de Fernando; etc.» Figueiredo regeitava os monologos nas Tragedias; o francez o confirmára n'esta doutrina: «Com a occasião de ler a *Castro* de La Motte, achei no Discurso, que a precede, esta notavel invectiva e bem digna de engenho, que todos lhe reconhecem, refutando os monologos com a mais judiciosa critica.» Influenciado pelas varias Poeticas e leitura das tragedias classicas, conseguiu banir todas as Mutações ou *tramoias*, introduzindo as divisões simples do drama moderno.

Na Comedia foi Manoel de Figueiredo mais feliz. Luctando com o preconceito de escrever comedias em verso, e na sua ingenita probidade incapaz de conceber a graça maliciosa sem o exclusivismo do fim moral, ainda assim fixou os aspectos ridiculos da sociedade do seu tempo. A comedia *A mulher que o não quer ser*, á qual Garrett poz o nome de *Casamento na cadêa*, dava ainda hoje uma excellente peça dramatica. A comedia *Poeta em annos de prosa* faz lembrar a sorte de Manoel de Figueiredo intentando levantar o Theatro portuguez quando se achava mais absorvido nos negocios da Secretaria da Guerra e Estrageiros; o typo de Vasco parece o seu proprio retrato, e o de Julio o de seu dedicado irmão Francisco Coelho. Eis o elenco: Vasco é um homem que tem paixão pela composição de Comedias, mas são tantos os *séc-*

cas que lhe tiram o tempo, e é tal a sua bondade em atural-os, que para poder escrever alguma cousa pede ao Ministro que o mande prender. Apparece um fingido Corregedor para leval-o preso, e obriga tambem a entrarem em custodia todos quantos n'esse momento o estavam atormentando com pedidos. Desde que se leu o mandado de prisão ninguem mais o conhece; Vasco intercede pela soltura dos *séccas*, conhece o Corregedor, que é um antigo amigo e condiscipulo, ri-se da sua monomania, e entrega á criada todos os manuscriptos para os queimar na borralheira. Na scena passada entre Vasco e o Emprezario, ajuntou Manoel de Figueiredo todas as criticas que lhe dirigiam:

VASCO: Mas aqui
Em confiança, pode e faço gosto
De ouvir o seu juizo, a sua pratica...

EMPREZ.: Eu não lhes acho graça, nem a tem,
E nem a podem ter. Como hade tel-a,
Se não tem *Graciosos?*

VASCO: Ah! são d'essas?

EMPREZ.: Tenho aqui dous fanhosos mais notaveis
Que aquelles que fallavam nos Bonecros:
Não me servem de nada: está perdida
Aquella graça n'elles. São Comedias
Que não têm um *A'parte;* ora bem sabe
Que elles eram, senhor, os que faziam
Rir a gente.

VASCO: Sem duvida!

EMPREZ.: Bem sabe
Que era nos *soliloquios*, que luzia
A dama que pisava bem as taboas.

. . . .

Nem tem os Intermedios dos *Graciosos*
(Que era o sal da comedia) arremedando

Os amores dos Amos; e por fim
Casando-se tambem quando elles casam.
De mais a mais...

VASCO: Que mais?
Dizem que são.

EMPREZ.: *Em verso?...*

VASCO: Mas não são?

EMPREZ.: Ao menos d'estes
Com que fomos creados, certamente.
Eu conheço o que é *Romance* e *Redondilha*,
Endecha, *Madrigal*, *Silva*, *Canção*,
Decimas e *Quintilha*; *Outava rima*.

VASCO: E consoantes?

EMPREZ.: Nada, nada d'isso.
Consoante? Deus livre! A tal ARCADIA
Lá terá dado conta d'esses damnos
Que fez á Poesia: irreparavel!

VASCO: Mas que casta de verso?

EMPREZ.: Prosa escripta
A' maneira de verso . . . .
O melhor me esqueci.

VASCO: Diga lá . . . .

EMPREZ.: Comedias *sem amor*...
Pois o amor
Cá no meu entender, e não tem duvida,
Não é carne de vaca nos Theatros?

(*Theatro*, t. IV, 288.)

Eram estes os defeitos que attribuiam ao *Theatro* de Manoel de Figueiredo; pelas queixas que faz contra o *Belisario* se vê que Nicoláo Luiz estaria á frente dos que combatiam a nova poetica dramatica sustentada pela Arcadia. Manoel de Figueiredo tinha talento, muita observação, conhecimento dos costumes nacionaes e respeito ás Poeticas desde Aristoteles a Le Bossu; architectava bem o drama, mas ignorava o valor esthetico do que se não diz, do que se adivinha. Faltava-lhe a

plasticidade de estylo por ter começado a escrever para o theatro aos quarenta e tres annos de edade, sendo propriamente um *Poeta em annos de prosa.* O seu retrato moral feito pelo dedicado irmão é um encanto: «em mais de cincoenta annos o observei sem reserva alguma entre nós: a sua presença, os seus discursos, os seus pareceres, a sua modestia, a sua grande caridade e humanidade m'o faziam admirar em todo o tempo; e á proporção que se me foi augmentando a edade, fui observando em differentes epocas criticas differentes lances em que se viu, os quaes eu cheguei a saber, e a conhecer bem a sua philosophia, a humanidade de seu coração e os vivos sentimentos da sua alma. Elle nunca desafogava.»

V

Antonio Diniz da Cruz e Silva [1]

A iniciativa da fundação da *Arcadia lusitana* cabe inteiramente a Diniz sem comtudo lhe pertencer o primeiro logar na historia d'esta corporação litteraria; pela circumstancia da sua carreira na magistratura judicial, teve de sahir de Lisboa como juiz de fóra para Castello de Vide, como auditor militar para Elvas, e como desembargador para o Rio de

[1] O nome com que assigna o requerimento de 1754 para se lhe tirarem as inquirições, que precediam a leitura no Desembargo do Paço, é — *Antonio Diniz da Cruz;* com este nome é despachado Juiz de fóra de Castello de Vide; e com elle se lhe tirou a residencia em 1765 quando foi despachado Auditor em Elvas.

O nome de *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, que se tornou definitivo, acha-se officialmente no informe do Governador da Praça de Elvas em 1775. No emtanto em uma Ode ácerca dos tiros contra o rei D. José em 1759, assigna-se: *Antonio Dinis da Cruz e Silva Castro.* E em outros autographos *Antonio Dinis da Cruz*

Janeiro, influindo estas prolongadas ausencias na vitalidade da Arcadia, seu restabelecimento e extincção irreparavel. Mesmo assim longe d'esse fóco poetico Diniz nunca deixou de cultivar as Musas, enchendo os seus ocios provincianos com idealisações mythologicas já na fórma de Idylios e Eclogas, já na fórma de Dithyrambos e Odes pindaricas, que pela sua expressão convencional e emphatica muito prejudicavam a verdade do sentimento e o seu talento indiscutivel. Por este artificio banal lhe adveiu a ideia da falta de seriedade na Poesia, julgando-a incompativel com a gravidade de um alto magistrado; escreve Costa e Silva: «Ouvimos dizer a Nicoláo Tolentino, que Diniz nada quizera imprimir em sua vida por condescender com o melindre desembargatorio, que julgava *que um magistrado se deslustrava cultivando as musas.*»[1] E' verdadeiramente lamentavel a acção que a profissão juridica exerceu no seu caracter, que se mostrou severo n'esse julgamento dos poetas envolvidos na chamada *Conjuração Mineira*, e sob a Alçada do Rio de Janeiro.

---

e Castro: «Segundo a collecção das obras autographas . . . usou elle pelo menos algum tempo do apellido de *Castro* em vez de *Silva.* — Na copia do *Hyssope* da Academia real das Sciencias vem o nome do poeta do seguinte modo: *Antonio Diniz da Cruz e Silva Borges.*» Ramos Coelho, ed. *Hys.* p. 35. Todas estas variantes se explicam pelas suas preoccupações genealogicas: *Cruz* era proveniente do nome de seu pae João da Cruz Lisboa; *Silva*, de sua avó paterna Josepha da Silva; *Borges* do nome de seu avô materno Manoel Gomes Borges; *Castro* não se justifica.

[1] *Ramalhete*, vol. IV, p. 350.

N'essa terrivel época de pressão da auctoridade, só havia para as consciencias uma fórma de protesto — o sarcasmo; suscitou a poesia satirica, a unica verdadeira do tempo, e a esse espirito deveu Diniz a creação de uma obra prima, que hade ser sempre admirada, o poema heroi-comico — *O Hyssope*. Morrendo com o fim do seculo XVIII, a sua biographia resume as phases definitivas do desapparecimento da Arcadia e da sua transformação em novas Academias.

§ I. Dos primeiros annos até á entrada na magistratura

Todos os elementos necessarios para se formar a biographia de Diniz acham-se nos dois inqueritos testemunhaes que se fizeram ácerca dos seus ascendentes, o primeiro em 1754 para ser admittido á Leitura do Desembargo do Paço, e o segundo em 1779 com as provanças e habilitações para se lhe lançar o habito de San Bento de Avis. O primeiro inquerito era formal, e apontando os seus parentescos chega a dizer que sua familia se tratava á lei da nobreza; o segundo foi extremamente rigoroso, apurando-se que seu pae fôra carpinteiro de casas, que tivera um avô calafate, e que esta mancha de *mechanico* o embaraçava para receber o habito de Avis! Que miseravel sociedade. No emtanto esses documentos projectam uma luz viva sobre o meio em que nasceu e se desenvolveu o poeta.

Em 4 de Julho de 1731 nasceu Antonio Diniz da Cruz e Silva, sendo seus paes João

da Cruz Lisboa e Eugenia Thereza; [1] n'este mesmo anno passaram-se importantes successos em sua casa, pois que seu irmão mais velho Francisco Caetano (nascido em 8 de Fevereiro de 1714) professou com dezesete annos de edade no Convento de Jesus, (onde agora está a Academia das Sciencias,) em 27 de Janeiro de 1731 com o nome de Fr. Francisco de Sales; e ainda n'este mesmo anno e antes do nascimento d'este ultimo filho, partiu seu pae para os Goyazes, no Brasil, para melhorar de fortuna, d'onde mandava uma mezada para a mulher, dotes para duas filhas para se metterem a freiras, e recursos para este filho mais novo poder seguir os estudos. Ficou a criança entregue aos cuidados de sua mãe e irmão, em um lar em que dominava uma emoção de saudade, e em que entrou a angustia da pobreza desde que cessaram as noticias de João da Cruz Lisboa, em consequencia do seu falecimento. [2] Morava a deso-

---

[1] No Livro dos Baptismos de Santa Catherina que teve principio em 1721 e finalisou em 1731, a fl. 292, consta: «que Antonio Diniz da Cruz e Silva fôra baptisado na mesma freguezia pelo coadjutor Valentim Ravasco em 23 de julho de mil setecentos e trinta e um, e *nascera aos quatro dias do dito mez,* por filho legitimo de João da Cruz Lisboa, baptisado na freguezia de Santos, e de Eugenia Thereza, baptisada na freguezia da Encarnação.

«Os paes se receberam na mesma freguezia em 5 de fevereiro de 1713 pelo cura Manoel de Aguiar Madeira.» *(Livro dos Casamentos,* fl. 156 v.)

[2] Ainda em 1739 estava no arraial de N. S. da Conceição de Thabiras, como atravessador de cargas (negociante de atacado) passando depois para o arraial de Paracatú onde exerceu o mesmo commercio e foi sargento-mór da ordenança.

lada familia na rua direita do Poço Novo, mantendo-se Eugenia Thereza das suas primorosas prendas de costura, ajudada por duas filhas, e indo trabalhar por favor especial para casa da Condessa de San Vicente em seus vestidos e mais alfaias. E' certo que para ajudar a educação de Diniz concorreram Fr. Francisco de Sales, a cujo irmão se mostrou grato, e sua avó paterna Josepha da Silva, conhecida pela alcunha da *Medideira*, por que tinha um logar no Terreiro do Trigo como commissario de vendas de cereaes. Tanto a Diniz como a seu irmão chamavam-lhe algumas testemunhas das provanças *neto da Medideira*. D'alli da rua direita do Poço Novo ia Diniz frequentar a Aula de Grammatica, que tinha em sua casa na rua da Silva o professor João Rodrigues Rocha, por 1741; pela designação de Grammatica se entendia propriamente o curso da lingua latina, que era o preparatorio para poder frequentar Logica e Rhetorica na Congregação do Oratorio, onde estudou estas disciplinas o poeta em 1745 e 1746. Todas estas particularidades se encontram nos depoimentos das provanças de 1779, na ingenuidade pittoresca, que bem merece ser conhecida. [1]

Em 1747, quando Garção acabava a for-

---

[1] A 3.ª testemunha João Evangelista Machado de Oliveira, mordomo da Casa do Conde de S. Vicente, diz que « conheceu muito bem n'esta cidade ao justificante Bacharel Antonio Diniz da Cruz e Silva, sendo morador na rua Direita do Poço Novo, freguezia de Santa Catherina... » « Que a mãe e avô materna — viviam com muito recolhimento, usando do trabalho de suas

matura em Leis, entrava Diniz na Universidade de Coimbra para frequentar o primeiro anno juridico, n'uma terrivel época de indisciplina, contra a qual era impotente o sollicito reitor Figueirôa. Ahi se entregou, como

---

mãos; e que por serem prendadas em toda a qualidade de costura, vinham muitas vezes a casa da Ex.ma Condessa de S. Vicente a ajudar-lhe na factura dos seus vestidos e outras semelhantes alfaias; mas que d'isto não percebiam paga alguma e o faziam tão sómente por obsequiar a mesma Fidalga, a quem desejavam agradar; e se sustentavam, a mãe da justificante do que lhe mandava annualmente seu marido, que havia muitos annos assistia nos Brasis ...»

A 4.a testemunha D. Maria Rita Felisberta: «E posto que não chegou a conhecer occularmente ao Pay do habilitando, sabe comtudo que é o proprio, e *que antes de nascer* o mesmo justificante, passara para as Minas, aonde se estabelecera e finara; e ouviu dizer, que antes de partir para as sobreditas Minas era n'esta côrte homem de negocio. Que a mãe do sobredito justificante vivera sempre com muito recolhimento sem trato, e estimada com distincção de algumas senhoras da primeira qualidade d'esta côrte, e muito principalmente da Ex.ma Condessa de S. Vicente, a cuja casa ia repetidas vezes; sustentando-se a dita Mãe com as mezadas que seu marido, Pae do habilitando, lhe mandava, que eram avultadas, tanto assim, que tambem lhe mandara os dotes competentes para duas filhas professarem no Convento de Santa Clara de Santarem.»

N'este inquerito depôz tambem o Dr. Antonio dos Santos Ribeiro, Bacharel em Canones, morador na rua da Madragoa, freguezia de Santos, e cincoenta e quatro annos de edade. Disse: «que era certo que o justificante se tratara nobremente nos Estudos da Universidade.»

A 8.a testemunha Maria Thereza de Jesus, de setenta e seis annos de edade, disse: «que o pae do justificante fôra n'esta cidade carpinteiro de casas, mas que deixando este officio, sua mulher e filhos, se ausen-

muitos dos academicos seus contemporaneos á cultura da poesia, como moda do tempo, usando então o nome pastoril de *Elpino* e de *Ergasto*, que manifestam a sua prematura preoccupação arcadica. A vida universitaria

---

tara para as Minas a mudar de fortuna, aonde falecera; mas que d'aquellas partes passados alguns annos principiara a remetter a sua mulher avultadas mezadas, tanto para sustento de sua casa como para o adiantamento de seu filho. Que a mãe do justificante depois que seu marido se ausentara, se exercitava em costuras, que huns e outros lhe encommendavam e de que percebia o justo estipendio; e da mesma sorte ganhava a sua vida a Avó materna Catherina Maria, sendo ambas occupadas por varias senhoras para simples costureiras, por serem muito prendadas n'este exercicio. Que a avó paterna do justificante Josefa da Silva, a que tambem conheceu vivendo em casas proprias na rua da Cruz fora *Medideira*, tendo um lugar no Terreiro, em que vendia pessoalmente até á sua morte.» Este testemunho foi reforçado tambem por Anna Joaquina do Nascimento e Anna Maria da Fonseca.

O P.e Fr. José de Santa Rosa Teixeira, Reitor jubilado da Provincia da Terceira Ordem, morador no Convento de Jesus, tambem declarou: «que o pae do justificante fora n'esta cidade carpinteiro de casas; mas que largando este officio se ausentara para o Ultramar, e haverá isto quarenta e seis annos, pouco mais ou menos. Que a mãe e Avó eram mulheres recolhidas, tratando unicamente da sua costura, de que se persuade se sustinham, mas viviam com procedimento honesto na rua da Cruz, aonde assistiam.» «Ouvia dizer que a avó paterna Josefa da Silva tinha sido *Medideira* no Terreiro de Lisboa ...»

O leigo da Ordem Terceira Fr. Luiz do Espirito Santo tambem declara que «a avó paterna do justificante, a qual fôra Medideira, tendo um logar no Terreiro em que vendia pessoalmente ...» e do pae «sabe que se chamava João da Cruz Lisboa e que nos seus principios fora carpinteiro de casas, vindo por fim a falecer nos Brasis para onde se ausentara ha muitos annos.»

deixava uma profunda impressão na vida; o Tolentino conta pittorescamente nas suas quintilhas o que era a entrada de um estudante novato em Coimbra. Da vida escholar datam as suas relações de amisade inquebran-

---

O capitão José Thomaz de Villa Nova «disse que pela rasão de ter assistido muitos annos no Arraial de Paracatu, comarca do Sabará, conheceu muito bem no dito arraial ao pae do justificante, o Sargento-mór João da Cruz Lisboa, o qual fora d'esta cidade em direitura para os Goyazes, aonde estivera varios annos . . . mas que no dito Arraial do Paracatu tinha o exercicio de atravessador de cargas, que consistia comprar cargas de fazendas atacadas e vendel-as da mesma sorte, sendo ao mesmo tempo Sargento-mór da Ordenança do dito arraial . . . Sabe outro sim que o dito pae do justificante era natural da freguezia de Santos, d'esta cidade onde fôra carpinteiro de casas, por elle mesmo lh'o assim dizer repetidas vezes.»

Confirma-o tambem o testemunho de outro homem de negocio Manoel Cardoso Pinto, que tambem o conheceu como atravessador no Arraial de Paracatu.

O calafate Manoel Francisco, diz que o avô paterno do justificante «fora official de calafate e companheiro d'elle na ponte da Ribeira das Náos, aonde trabalhara até falecer, e a Avó Josepha da Silva tivera um logar no Terreiro, aonde era Medideira, tratando-se ambos com limpeza.»

Na inquirição do dia 17 de Abril de 1779 declarou João Rodrigues Rocha, professor de Grammatica, morador na rua da Oliveira, freguezia de Santos, de edade de outenta annos: «E perguntado disse, que morando elle testemunha ha mais de vinte e outo annos na rua da Silva, então freguezia de Santos, e hoje de S. Catherina, conheceu muito bem ao justificante Antonio Diniz da Cruz e Silva, morador que era na sobredita freguezia, frequentando a sua Aula de Grammatica . . .

Que o justificante n'aquelle tempo não tinha defeito algum corporal, e lhe pareceu que terá a idade presentemente de quarenta e cinco annos pouco mais ou

tavel com Theotonio Gomes de Carvalho, que o conheceu desde a infancia. Durou o seu curso de Leis de 1747 a 1753, como se vê pelos livros das matriculas e provas dos cursos na Universidade; [1] faltam assentos do anno le-

menos; que os seus principios não foram outros mais que o dos estudos n'esta côrte, frequentando a Aula de Grammatica com elle depoente; depois de approvado n'ella seguira a Universidade de Coimbra; lêra no Desembargo do Paço, e ouvira dizer que fora Auditor de certo Regimento, que lhe não lembra; e hoje segundo a noticia que tem estava servindo a Sua Magestade no logar de Desembargador da Relação do Rio de Janeiro;

Que ao Pay do justificante lhe não conheceu n'esta côrte exercicio algum, mas que era certo ter assistido muitos annos nos Brasis, aonde falecera, e que emquanto vivo todos os annos remettia certas porções de dinheiro para sustento do justificante e de sua mãe, que vivia com muito recolhimento e sem trato algum. Outro sim conheceu a avó materna do justificante Catherina Maria, que vivia recolhida, e a sustentavam varios parentes, e muito principalmente seu neto Frei Francisco de Sales, Religioso de Jesus, e irmão do justificante.»

A mulher do professor de Grammatica Antonia Maria da Silva, no seu depoimento declara, que o irmão do poeta Fr. Francisco de Sales «era quem mais quotidianamente favorecia e tratava com estimação» (sc. a avó materna Catherina Maria.)

[1] Nas Provas dos Cursos: — de 1.º de Outubro de 1747 até fim de Maio de 1748.

— do 1.º de Outubro de 1749 até o fim de maio de 1750.

— do 1.º de Outubro de 1750 até o fim de maio de 1751.

— do 1.º de Outubro de 1751 a . . .

— do 1.º de Outubro de 1752 até ao fim de maio de 1753. (Por Provisão datada de 21 de Fevereiro de 1753 manda-se-lhe levar em conta um anno de Logica, que frequentou na Congregação do Oratorio de 1745 a 1747.)

ctivo de 1748 a 1749, que por ventura não frequentou por qualquer circumstancia de doença ou alteração passada em sua familia. Entre os versos manuscriptos de Diniz que foram coordenados por Aragão Morato, dous Sonetos tinham a data de 1750; d'isto inferira o sabio editor que por este tempo começara a versejar. Em outros manuscriptos encontram-se com a data de 1752 e 1753 quatro Sonetos, que no texto impresso foram privados d'este esclarecimento. N'este mesmo manuscripto vinha uma novella pastoral em prosa e verso, intitulada *Jornadas*, imitando a fórma e o gosto da *Lusitania transformada* de Fernão Alvares d'Oriente, datada de 1753; ficou incompleta, com certeza pelo novo rumo que levou a sua vida desde que em 23 de Julho de 1753 appresentou as suas cartas de formatura no Desembargo do Paço e regressou de vez a Lisboa. Aragão Morato extrahiu d'este manuscripto a Elegia II, a que poz esta explicação prévia: «Acha-se no original de Coimbra no meio de uma obra, que o author havia começado a escrever *em prosa e verso*, á semelhança da *Lusitania transformada*, e a que poz o titulo de *Jornadas*.» (*Ob.*, t. IV, p. 79.) Vê-se que o interessavam os modelos classicos; mas esse bucolismo e mythologia que o dominavam pervertiam-lhe o gosto. A lucta da vida forçou-o a requerer em 1754 um logar de letras ou magistratura perante o Desembargo do Paço; obteve despacho para admissão á leitura de Bachareis em 5 de Julho de 1754, mandando-se proceder ás provanças ou *inquirições de sangue*, para mostrar que não tinha origem *infecta* de mouro ou judeu.

Eis o valioso documento, que mostra a angustia da sociedade em que se vivia:

«Senhor — Diz Antonio Diniz da Cruz, d'esta cidade, Bacharel formado na Faculdade de Leis, que pertende servir a V. Mag.de nos logares de Letras; para o que lhe he preciso habilitar-se; por isso

P. a V. Mag.de seja servido mandar que se passem as ordens para que um dos Corregedores do Civel lhe tire as suas Inquirições na forma do estilo.

E. R. M.

«Declara o Supplicante que é filho legitimo de João da Cruz, natural d'esta cidade de Lisboa e de Eugenia Thereza, da mesma: Neto pela parte paterna de Vicente Ferreira, e de Josefa da Sylva; e Neto pela parte materna de Manoel Gomes Borges, e de Catherina Maria de Senna, todos naturaes ou moradores d'esta mesma cidade.»

O despacho da Meza do Desembargo do Paço é de 5 de Julho de 1754, mandando depositar trinta mil reis para despezas das informações, a que foi mandado proceder ao Corregedor do Civel da cidade Manoel de Novaes da Silva Leitão. Começaram os inqueritos em 22 de Julho; entre as testemunhas figura «Theotonio Gomes de Carvalho, Bacharel oppositor a logares de Letras, e morador á Boa Vista, de edade de vinte e cinco annos.» De todas as testemunhas interrogadas, apurou o Corregedor do Civel:

«O Bacharel Antonio Diniz da Cruz, pretende habilitar-se para os logares de Letras.

Pela Inquiriçam junta consta que é natural d'esta cidade, baptisado na freguesia de Santa Catherina do Monte Synai; que é filho legitimo de João da Cruz, que se acha ausente nos Brasis, e que n'esta cidade vivia de negocio, que para os mesmos fazia, e que é casado com sua mulher Eugenia Thereza; que seus avós paternos Vicente Ferreira e Josepha da Silva viveram sempre de suas fazendas; e Manoel Gomes Borges e Catherina de Sena, avós paternos do habilitando, eram com os mais de conhecida nobreza a cujas leis sempre se trataram, e que o dito seu avô materno falecera Tenente no Regimento do Algarve, sendo toda esta familia tida, havida e reputada por christã velha, de limpo sangue, sem raça excluida por direito, nem fama ou rumor em contrario; e que o habilitando tem um irmão inteiro Sacerdote Religioso no Convento de N. S.ª de Jesus d'esta cidade d'onde é publico serem naturaes; n'estes termos, está na de V. Mag.de o admitir. V. Mag.de mandará o mais justo. Lx.ª de Agosto 13 de 1754. O Desembargador do Porto, Corregedor do civel da Cidade — Manoel de Novaes da Silva Leitão.» [1]

---

[1] (*Leitura de Bachareis,* Maço 11. N.º 28.)

O Desembargador João Caetano Thorel, attestou que o Bacharel Antonio Deniz da Cruz « se apresentou na audiencia d'este juizo em vinte e tres de julho do anno proximo passado (1753) com suas cartas de formatura na Faculdade de Leis, e the ao presente tem praticado nas mesmas audiencias com boa acceitação e intelligencia ...» 2 de Septembro de 1754.

Pela Corregedoria do crime tambem lhe foi passado egual attestado pelo desembargador José Cardoso Castello.

Na convivencia com os novos bachareis que requeriam logares na magistratura ou já os occupavam, como Esteves Negrão, é que Diniz se lembrou de fundar uma Academia de Poesia e Eloquencia, denominada *Arcadia lusitana*, sendo tomada essa deliberação em 11 de Março de 1756, passada a tremenda estupefacção do terremoto de 1755. No estudo de Garção já ficaram archivados os Estatutos da Arcadia lusitana redigidos por Diniz, e a sua actividade poetica nas sessões a que concorreu, até sahir de Lisboa em 1759, como Juiz de Fóra de Castello de Vide. Effectuou-se este despacho em 5 de Dezembro de 1759; [1] não seguiu logo o poeta a occupar este car-

---

[1] «Dom José, etc. Faço saber a vós Juiz e Vereadores, Procurador, Fidalgos Cavalleiros, Escudeiros, Homens Bons e Povo da Villa de Castello de Vide, e a quaesquer outras pessoas a quem esta minha Carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer: que havendo respeito á boa informação que tenho das Letras e mais partes que concorrem no Bacharel Antonio Denis da Cruz, e esperar d'elle que no de que o encarregar me servirá como cumpre a meu serviço e á boa administração da Justiça, e a haver lido no meu Desembargo do Paço e ser approvado: Hei por bem fazer-lhe mercê do cargo de Juiz de Fóra d'essa Villa por tempo de tres annos, e alem d'elles o mais que houver por bem emquanto lhe não mandar tomar residencia; o qual elle servirá assim e da maneira que o tem servido as mais pessoas que antes d'elle occuparam, e com os poderes e alçadas que leva por minha Provisão, e com elle haverá o ordenado, proes e precalços que lhe direitamente pertencerem; e por tanto mando que lhe obedeçaes e cumpraes suas sentenças, juizos e mandados, que elle por bem da Justiça e meu serviço mandar sob as penas que passar que serão com effeito executadas n'aquelles que assim o não cumprirem, e n'ellas

go, por se achar doente com febres sezonaticas. Por esta occasião os arcades Theotonio Gomes de Carvalho *(Tirse Minteo)* e Feliciano Alvares da Costa *(Nemoroso Cyllenio)* dirigiram-lhe um Dithyrambo «no anno de 1759, que então se achava enfermo de sesões.»

Respondeu-lhes Diniz no seu Dithyrambo IV, alludindo á sua magreza extrema, e aos accessos de frio que lhe corre os ossos, entre pobreza e melancholia. Uma irmã do poeta, D. Anna Mathilde do Paraiso, professára no convento de Santa Clara de Santarem; a pedido d'ella escreveu uma composição dramatica para ser cantada, a *Degolação do Baptis-*

---

incorrerem; e jurará na audiencia aos Santos Evangelhos de que bem e verdadeiramente sirva, guardando em tudo meu serviço, e ás partes seu direito, de que se farão os assentos necessarios nas costas d'esta Carta, que por firmeza d'isso lhe mandei passar por mim assignada do meu sello pendente, que se lhe cumprirá inteiramente como n'ella se contém, de que pagou de novos direitos trinta e cinco mil e quinhentos e dezeseis reis, e deu fiança ao mais rendimento no Liv. primeiro d'ellas a fl. 161, e tudo foi carregado ao Thezoureiro d'elles no L.º segundo de sua receita a fl. 177, e registado no Liv. decimo segundo do Registo geral a fl. 162. Dada em Lisboa aos 5 de Dezembro de mil setecentos cincoenta e nove || El Rei || Manoel Gomes de Carvalho — Antonio Velho da Costa — João Galvão de Castelbranco a fes escrever. Antonio Baptista de Figueiredo a fes. Por Decreto de S. Mag.de de 13 de Outubro de 1759 e Portaria do Desembargador Manoel Gomes de Carvalho, como Presidente — Manoel Gomes de Carvalho — Pagou 4800 rs. aos Officiaes, 1328 rs. Lix. 8 de Janeiro de 1760. Dom Sebastião Maldonado. — Antonio José de Moura.

(Chancellaria de D. José I, Liv. 68, fl. 390 *v.)*

ta, e uma loa em portuguez e castelhano para uma festa de San Sebastião, que as freiras clarissas de Santarem representaram em 1759. Estas composições não foram incorporadas na edição organisada por Aragão Morato.

Em principios de 1760 o poeta já se achava restabelecido, tomando posse do seu cargo em 2 de Fevereiro, como consta do assento do auto celebrado na camara de Castello de Vide. [1] Longe da Arcadia, Diniz entregava-se nos ocios do isolamento da provincia á versi-

---

[1] A carta de nomeação de Juiz de fóra de Castello de Vide é de 5 de Dezembro de 1759; notificada á Camara do Castello de Vide em 2 de Fevereiro de 1760, foi registada pelo escrivão da Almotaçaria Manoel Fernandes Cigano Pinto no Livro do Registo das leis, alvarás, provisões regias e mais papeis que se mandarem registar no Concelho d'esta Villa — a fl. 213. — 1746 — (Vem no *Diccionario popular,* t. IV, p. 179.)

No Livro dos Termos da Vereação, que se hão de fazer no anno de 1760, a fl. 5 vem o Auto da posse:

«Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo, de 1760 annos, aos dois dias do mez de fevereiro do dito anno, em esta notavel villa de Castello de Vide, estando junto nos paços do Concelho João Roberto Freire de Miranda, vereador mais velho e juiz pela Ordenação, e os mais officiaes da Camara e pessoas de governança d'esta villa, sendo appresentado pelo Doutor Antonio Diniz da Cruz a carta por que Sua Magestade é servido fazer-lhe mercê do cargo de Juiz de fora d'esta villa, lhe foi dado posse d'elle, de que para constar mandou fazer este termo que todos assignaram, e eu Manoel Fernandes Cigano Pinto escrivão da almotaçaria, que por impedimento do da camara o escrevi. Antonio Denis da Cruz, João Roberto Freire de Miranda, José Francisco de Almeida, Francisco Antonio Mousinho Galiano, Domingos Fernandes.» *(Ibid.)*

ficação, e em 6 de Junho de 1760 «estando em Castello de Vide» compoz um soneto ao casamento da Princeza do Brasil com seu tio o Infante D. Pedro. (Son. 97, Cent. I.) Resentiu-se a Arcadia da sua falta, cahindo n'aquelles desfalecimentos de que foi necessario restaural-a em 1764. A licença que lhe foi concedida para vir a Lisboa, datada de 19 de Dezembro de 1763, [1] por ventura se prende com esta tentativa em que figura com Garção e Quita. O Idylio *Amphryso*, tem a rubrica: «*Recitado na Arcadia em o Ajuntamento de 13 de Maio de 1764.*» O poeta acabára o seu tempo como Juiz de Fóra em Castello de Vide, [2] e achava-se despachado Auditor do segundo regimento de Infanteria em Elvas, onde iria passar mais outros dez annos longe

---

[1] «Dom José, por Graça de Deus, rey de Portugal, Faço saber que attendendo ao que me representou o Bacharel Antonio Denis da Cruz, Juiz de Fora da Villa de Castello de Vide, para lhe conceder licença para vir a esta Corte, donde tinha varias dependencias; Hey por bem fazer-lhe mercê de lhe conceder dois mezes de licença para estar ausente do logar que serve, e no dito tempo vencerá o seu ordenado, e esta Provisão se lhe cumprirá como nella se contém; cuja mercê lhe fiz por resolução minha de 26 de Outubro do presente anno em consulta do meu Desembargo do Paço, e pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que foram carregados ao Thesoureiro d'elles, Liv. 2 a fl. 410 e registada no Livro 16 do Registo geral a fl. 37, etc. Lisboa, 24 de Dezembro de 1763.

(*Chancellaria de D. José,* Livro 5, fl. 175 *v.*)

[2] A sua ultima assignatura na Camara de Castello de Vide é de 28 de Julho de 1764. Ramos Coelho, *op. cit.,* p. 363.

da capital e dos poetas seus amigos, até á extinção da Arcadia. [1]

§ II. Diniz em Elvas: a elaboração do poema O Hyssope

Não se pode fixar a data em que Diniz se apresentou em Elvas como Auditor do *Regimento do Mexia*, [2] ou o segundo de Infantaria da guarnição d'aquella praça; seu irmão Frei Francisco de Salles, já bastante doente acompanhou-o, e ahi faleceu junto d'aquelle que

---

[1] Foi transmittida ordem ao Corregedor de Portalegre para syndicar do Juiz de Fora de Castello de Vide e a seus Officiaes de todo o tempo que Diniz serviu o dito cargo, datada de Lisboa, em 11 de Dezembro de 1764. (Presidente Carvalho.) A posse do novo Juiz de Fora Manoel Pereira Pinto é de 20 de Dezembro de 1764.

«Passe ordem ao Bacharel Ignacio Caetano Carrilho para hir tirar residencia ao Bacharel Antonio Diniz da Cruz, de todo o tempo que serviu o logar de Juiz de Fóra da Villa e Castello de Vide, e a seus Officiaes, e será escrivão Nicoláo Monteiro e Meirinho a pessoa que lhes parecer. Lx. 30 de Maio de 1765. Como Presid.e Carvalho.» Na Provisão de 27 de Abril d'este anno dirigida ao Provedor da Comarca de Portalegre ácerca d'esta residencia, diz: — «e nella perguntareis se o dito Juiz de Fora consentiu que houvesse amisades illicitas nos Conventos das Freiras, havendo-os no seu districto; e vos informareis de como me serviu no dito logar, e de seu talento, vida e costumes, e se é de bom accolhimento para as partes, e do mais que achardes na informação particular que d'elle haveis de tirar, me dareis de tudo conta, remettendo-a com a dita residencia a Antonio Luiz de Cordes, Escrivão de minha Camera na Mesa do Desembargo do Paço.»

[2] O coronel Bartholomeu de Sousa Mexia.

protegera carinhosamente na infancia, em 17 de Novembro de 1764. A vida em Elvas não era facil, por causa das parcialidades e antagonismo entre o elemento militar e o clerical, que reflectiam a dissidencia entre o Governador das Armas Manoel Bernardo de Mello e Castro e o Bispo Dom Lourenço de Lencastre, de orgulhosas prosapias. Esse conflicto estava mais acceso em meados de 1765, como vêmos pela seguinte carta: «Domingo, 11 do corrente (agosto de 1765) sahio o Governador d'esta praça d'Elvas para essa Côrte por ordem de El Rey; se diz que vai para emprego maior, outras pessoas dizem que vai para se dar satisfação ao Bispo e por satisfação á casa de D. J. de A. *(D. João de Alencastre)* por confiança que elle tem na casa, de que muito se murmura n'esta praça; não passemos d'aqui n'este ponto e vamos ao Bispo.

«D'esta praça foi certo official, por accrescentamento, para a Provincia de Tras-os-Montes, chamado por alcunha o Roncalho; este mandou tres salmonetes de presente por um proprio, um para a senhora mulher de Dom Christovão Manoel, outro para o Bispo, outro para o Governador; todos tres vieram remettidos para o Governador para que repartisse os salmonetes e a todas as tres pessoas veiu carta, as quaes entregou o proprio em mão propria; o salmonete para D. Christovão se entregou, mas o do Bispo não, e mandando o Bispo procurar o salmonete por um creado ao Governador, não lh'o mandou. Logo fez um banquete com os salmonetes e varias coisas mais; convidou as primeiras pessoas d'esta

praça para o banquete e entre estas pessoas dois Conegos, um filho de D. João de Alencastro, outro filho do Conde de S. Miguel, e estando á mesa se fizeram saúdes a toda a gente que estava á mesa e fóra da mesa, feitas pelo Governador deitando seu chasco ao Bispo sobre o salmonete, e estas saudes se haviam de continuar em roda da mesa; chegando ao conego filho do Conde de S. Miguel pegou no copo e disse que bebia á saude do Sr. D. Lourenço de Alencastro, Bispo de Elvas e do Sr. Conde de S. Miguel, e acabando de fazer as saudes atirou com o copo pelo ár e o quebrou. E logo se levantou da mesa e o filho de D. João de Alencastro, e vieram logo contar ao tio Bispo o succedido. Logo o Bispo se retirou para a quinta do Conde das Galvêas, aonde está vae para dous mezes; d'ahi deu conta a El Rey e diz que no bispado não pode entrar sem satisfação a este caso. Aventam muitas pessoas que chamado a Lisboa o Governador por ordem de El Rey será sobre este caso e o outro. V.ª S.ª me fará favor d'esta carta rasgal-a, nem dizer quem lhe mandou dizer estas coisas. Ficou o brigadeiro Manoel Bastos governando a praça. (14 de Agosto de 1765.)» Em outra carta de 30 de Agosto se lê: «O Bispo estabeleceu casa em Olivença para morar, porque em Elvas diz que não hade entrar em quanto este Governador governar Elvas.» E em carta de 13 de Septembro, communica-se: «No dia oito, que foi domingo, ao abrir as portas, entrou o Bispo em esta cidade e se recolheu a sua casa com muita alegria de muita gente e pezar de outra, porque os apaixonados por par-

te do Governador julgão que este já cá não virá, por se recolher o Bispo para sua casa, por que tal tenção tinha não fazer emquanto este Governador estivesse em Elvas.»[1] Não seria a questão do salmonete, que o Bispo appresentaria como objecto da sua queixa ao rei, mas a confiança que o Governador militar tomára em casa de D. João de Alencastro seu sobrinho; a vinda do Governador a Lisboa justificou-se por um casamento, que encontramos celebrado por Diniz em um Epithalamio: «*A's felicissimas bodas do Illustr. e Excellentiss. Manoel Bernardo de Mello e Castro* (depois Visconde de Lourinhã) *e da Illustr. e Excell., D. Domingas de Noronha.*» O Governador voltou para a praça de Elvas, como general da Provincia, e o Bispo regressou á cidade, mas respirava-se uma atmosphera de ridiculo, que alimentava a mordacidade provinciana na ausencia de elevados interesses; abundavam os typos excentricos, e as situações caricatas forneciam pabulo para desabafos satiricos.[2] Diniz, cansado da emphase das Odes pindaricas metrificadas sobre os feitos dos herões portuguezes, sentia-se impellido

---

[1] A. Thomaz Pires, *Notas historico-militares:* Da Guerra velha até á Invasão franceza. (Extractos de varias cartas) p. 50 a 52.

[2] Por seu turno o Governador militar fez chamar o Bispo á côrte, para se lhe extranhar a sua presença em um banquete, em que se satirisaram actos da vida do marechal Conde de Lippe. E como as relações entre as duas potencias fossem sempre tensas, foi por fim o Bispo transferido em 1780 para o bispado de Leiria. (Ramos Coelho, *op. cit.*, p. 29.)

para o bom humor das conversas intimas em casa do seu amigo o bacharel Francisco José da Silveira Falcato. Alli se riam dos typos grotescos que depois Diniz soube reunir com graça no seu poema heroi-comico. Possuimos uma Ode inedita d'elle *Aos felicissimos annos da Ex.ma Senhora D. Maria Benedicta de Miranda da Silveira Falcato*, que bem revela essa affectuosa intimidade. [1] O Bispo Dom Lourenço de Lencastre era o objecto dos commentarios mais chistosos já pela sua obesidade e opiparos banquetes, já pelas suas pretenções a estirpe regia e fatuidades militares, organisando o seu Cabido da Sé de Elvas em regimento, e dignando-se declarar-se seu coronel, no tempo da *Guerra velha* ou de 1762. [2] O Bispo tambem conservava uma certa má vontade contra Diniz, considerando a poesia como um passatempo da ociosidade. Na Carta que Diniz escreveu ao árcade P.e Manoel de Macedo, referindo-se ás suas Odes pindaricas, repelle essa increpação do vaidoso Bispo:

> Então a Lyra tomo, e em seu applauso
> As cordas pulso do Cantor thebano;
> E seguindo seu rasto luminoso
> No Templo da Memoria os grandes nomes
> Indeleveis gravar ousado emprehendo.
> Então com rosto inteiro e socegado,
> Ouço que o vão Alcandro, *porque cinge*
> *Na calva fronte a respeitavel mitra,*
> De Poeta me nota, e de ocioso,
> Em quanto nas pomposas assembleias

---

[1] Offerecida com outros papeis da familia Falcato, em 1890 por A. Thomaz Pires.

[2] *Instituto* de Coimbra, t. XI, p. 167.

Entre tortas brilhantes serpentinas
Jogando passa o whist a noite inteira;
Mas a morte voraz, que a longos passos
Alçada a curva fouce o vae seguindo,
Vingará sem piedade o grande insulto
Feito em mim, feito em ti ás santas Musas.
Vibrando o fero inevitavel golpe,
Seu nome lançará no horror do Lethes,
Sem que as honras lhe valham, nem os trunfos,
Nem todo o resplendor da jerarchia.

. . . .

O *real sangue, a purpura* brilhante,
A riqueza, o poder? Ah tu bem sabes . . .
Que a cithara sonora é só quem póde
Segurar-nos da posthuma memoria.

(*Obr.*, t. IV, p. 63.)

Entregue aos seus estudos da boa litteratura, Diniz reunia-se com alguns outros individuos em casa do bacharel Silveira Falcato, e ahi em um quarto chamado o *Sotão* desafogava-se sobre as anecdotas que corriam em Elvas, cidade abundantissima de typos grotescos na hierarchia ecclesiastica e não menos na militar. Insensivelmente foi elle tomando conhecimento d'essa galeria originalissima de caricaturas, e fixando os seus traços mais comicamente caracteristicos, de sorte que quando por julho de 1768 rebentou o conflicto entre o Bispo e o Deão e se quebrou a doce paz da Egreja de Elvas, todas essas figuras risiveis lhe surgiram na imaginação e se agruparam em um poema heroi-comico, que elle foi ditando espontaneamente com o titulo de *Hyssopaida*. Nas Notas, que mais tarde Diniz acrescentou ao seu poema, que conservou sempre inedito, vêm alguns d'esses retratos esboçados sobre o vivo. Assim escreve do

Deão Lara: «Este Deão fazia uma grande ostentação de ter estado em Roma; em cada passo contava mil historias que lhe tinham succedido com o Papa, o Cardeal Datario do Estado e outras grandes personagens da Curia.» Da fatuidade do Bispo é tambem do poeta a nota ao verso — Coronel General dignou chamar-se: «Um dia que este formidavel Cabido se achava formado em batalha, mandou o dito Ill.mo e Ex.mo Prelado publicar na sua frente por hum: = Sua Ex.a he servido declarar-se por Coronel General d'este Regimento. = Não quiz ficar inferior ao Princepe de Maklenburg.» De Fr. Antonio Furtado, que figura no Poema no verso: Entre o Prior e os Frades mal dispostos, — deixa este escôrso: «O Prior dos Dominicos Fr. Antonio Furtado, tinha um grande sentimento de ser frade: todo o seu empenho era ter familiaridade com seculares; para o que dava assembleia na cella, onde continuamente jogava o whist, e para attrahir a ella brilhante companhia fazia grandes despezas em chá e doces, de que os mais Frades publicamente murmuravam. Alguns praguentos lhe achavam que era inclinado ao sexo feminino, a quem fazia grandes presentes de peças de veludo e outras sedas.» Fóra do mundo clerical, tambem encontrou entre os jurisconsultos figuras dignas da eterna gargalhada, como o Auditor de Serpa, que o poeta assim retrata: «Este Auditor, chamado Gregorio José Pinto da Silveira, sendo perguntado em casa do General da Provincia o Ill.mo e Ex.mo Manoel Bernardo de Mello e Castro, na presença do Autor e de outras muitas pessoas pelo seu

Coronel D. José de Aguilar, da rasão porque Sua Magestade pela sua Lei de 18 de Agosto de 1768 prohibira allegar no fôro com Bartholo e Accursio, respondeu estas ou outras quasi semelhantes palavras: — Senhor, esses Auctores prohibiram-se não por deixarem de ser uns grandes Doutores em Direito, mas por que foram gentios.» = Sem duvida serão alguns hereges = «Resposta formal que este Advogado dava quando se lhe allegava com algum Auctor moderno.» [1] Diniz referia-se a esse outro typo o Fernandes, rabula affamado de Elvas, de supina ignorancia, que repellia os jurisconsultos estrangeiros como hereges: «Formaes palavras do mesmo Fernandes, ouvindo fallar n'estes auctores. Como se só em Portugal se soubesse Direito, ou se Bellarmino, Fagnano e Anacleto, que elle seguia, fossem portuguezes!»

Ao Sotão do bacharel Falcato concorriam tambem algumas d'estas figuras caricatas, que o Poeta se viu forçado a agrupar no seu Poema, como o escripturario da administração e munições de bocca José da Silva Machado, que Diniz chama o *grosso Silva*, doutor em *Anno historico*, que elle citava a proposito de tudo. Um annotador coévo do *Hyssope* tracejou-lhe o seguinte retrato, que nos serve para conhecer o meio social: «Era muito gordo e bojudo e tinha um olho branco; muito dado á genealogia, sem methodo, sem gosto, o que lhe servia para se introduzir em casas distinctas, onde arvorava o es-

[1] Ms. da Bibl. nacional, n.º 6.688; e 5.641.

tandarte da vaidade e da vangloria, etc. Estava em Elvas no tempo que foi composto o Poema, e *deu tambem em ir ao Sotão do Falcato*, e fallar sempre com Antonio Diniz, que por muitos annos o tratou indifferentemente. Elle porém capacitou-se de que o poeta era seu amigo; entrou a repetir as visitas a casa de Diniz, e a dar-lhe varias sécas impertinentissimas, oppostas ao genio etc. do poeta, e lhe mostrava os seus titulos e papeis genealogicos, até que se resolveu a desenganal-o, vendo que lhe não adoptava os seus pareceres e alguns conselhos, que por politica lhe deu. Algumas vezes d'isto se queixou o Silva em algumas partes dizendo mal de Diniz, que vindo a sabel-o entrou a escarnecer d'elle publicamente, etc. de sorte que o fez desconfiar de todo! Estava uma noite o Antonio Diniz no *sotão do Falcato, e como estava doente dos olhos*, assentou-se em logar onde estava quasi ás escuras e á sombra do candieiro. Desgraçadamente entrou pouco depois o Silva no mesmo *Sotão*, e não deu noticia de que estava lá o Diniz, etc. e começou com as suas descripções do costume, do que passou a dizer muito mal do Diniz. Os mais, que estavam presentes foram-lhe dando materia a que elle repetisse tudo o que por vezes lhe tinham ouvido dizer. O Silva desembaraçou-se quanto poude, e estando já fartos de o ouvirem se levantou um d'aquelles amigos, virou a bandeira do candieiro, e voltando-se para o Silva, lhe disse: — Aqui o tem, que até agora tem estado ouvindo e muito calado os elogios com que o tem obsequiado.— Então foi que começou a comedia,

que o Diniz enfeitou com mil graças e apodos contra o Silva, que corrido e envergonhado nada podia dizer, até que se retirou...» Entre os que frequentavam o *Sotão do Falcato*, apontam-se tambem o Thesoureiro-mór da Sé de Elvas Antonio Mendes Saccheti, filho do celebrado medico João Mendes Saccheti Barbosa, e o Doutor José Caetano Vaz de Oliveira, conceituado advogado em Elvas, da intimidade de Diniz. Ao annotarem biographicamente esses typos ridiculos de *D. José Alarve*, *Barquilhos*, e o Leotte capitão do Regimento do Mexia, encontra-se: «Estes dois sujeitos eram duas peças originaes, muito tolos, muito feios, com umas caras desusadas, que por isso *lhes puzeram o nome de bichos no Sotão do Falcato*, onde serviam de pasto ao riso nas horas de recreio, etc.» Por estas simples indicações se conhecerá que o Sotão do Falcato era um foco de jovialidade, uma especie de cosmorama em que passavam as figuras caricatas de Elvas, como os dois Aporros (os irmãos gemeos muito gordos, conegos da Sé de Elvas, José Antonio de Sousa e Antonio Thomaz de Sousa, que andavam sempre juntos, e que por se confundirem um com o outro se tornaram uma curiosidade da terra); e os *Pirras*, esses outros dous irmãos conegos da Sé, os Pereiras Pinho, parcialissimos do Bispo; e o Almeida, creado intimo do prelado, que vendia favores; e o barbeiro do paço episcopal o Casadinho; o *Noventa Cabellos*, sargento-mór do 1.º regimento de infanteria, e amigo inseparavel do Deão; o conego Sardinha, valente comilão; o mulheril Perinha; o Dr. Salgado, que chegou a formar um rol

das suas namoradas; o *Pão de Rala*, o Malifa? Todas essas figuras se agruparam no Poema, quando se deu a entrada da discordia na Egreja de Elvas. Esse caso acha-se minuciosamente contado pelo Deão José Carlos de Lara, em uma carta intima, datada de 22 de Julho de 1768, dirigida a D. Frei Manoel do Cenaculo; e em outra de 19 de Maio de 1769, em um requerimento e informação extra-official para o mesmo prelado metropolitano. [1] A discordia foi suscitada pelas intrigas de um frade carmelita, o conego Roquette, mestre de cerimonias, como o affirma o Deão: «dirigido tudo por hum religioso do Carmo chamado Frei Caetano Roquette, o qual he reitor d'este seminario, que não contente de trazer sempre enredada a sua religião, veiu para esta cidade, onde *tem trazido sempre enredado o pobre Prelado* junto com outros adibes de semelhante procedimento ao seu, que no governo do bispado se não faz senão o que elles determinam, que tudo são absolutas e vexações.» O conflicto resumiu-se, em que o Bispo, quando entrava na sé por uma porta particular que dava para a escada da sala capitular, ahi recebia da mão do Deão o hyssope, sendo dispensado o Cabido de ahi comparecer. Essa porta, diz uma nota de Diniz: «fica contigua ás outras que dão serventia para a commũa.» Obedecendo ás intrigas do conego Roquette, o Bispo reprehendeu o

---

[1] Existem na Bibliotheca de Evora, e foram publicadas pelo sr. Ramos Coelho na ed. do *Hyssope*, p. 368 a 374, sendo o mais precioso commentario do Poema.

Deão por não ter registado uma ordem verbal que lhe communicára; justificou-se o Lara dizendo, que se ella viesse em fórma escripta a teria registado, mas o Bispo desattendendo-o mandou chamar dous conegos para tratar o assumpto, com menoscabo do presidente do Cabido. Desde então o Deão Lara suspendeu as relações com o Bispo, não lhe indo entregar o hyssope á porta reservada, fóra do adro da sé, mas nunca pondo em duvida o cumprimento do seu dever á porta principal da egreja. Foi então que se formaram os partidos entre o Deão e o Bispo, sendo essas intrigas o pabulo festivo das noites divertidas do *Sotão do Falcato*, e dos remoques que entretinham a cidade. O Cabido tomou a parte do Bispo, e por sua indicação lavrou um accordão, em 23 de Dezembro de 1768, impondo ao Deão a obrigação de ir entregar á porta reservada o hyssope; o Deão protestou, mas o Cabido recebendo o protesto fez um segundo accordão obrigando-o ao cumprimento do primeiro; na sua angustia o Deão requereu ao Bispo, e depois do indefferimento recorreu para o Arcebispo de Evora, que não lhe ligou mais importancia. Por fim, o Lara, desgostoso com estas mesquinhices adoeceu, acamou, e faleceu em 14 de Septembro de 1768. Succedeu-lhe no Deado de Elvas seu sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos, filho de sua irmã D. Caetana Mauricia Joaquina de Lara, casada com o guarda-roupa do principe. Recusou-se o novo Deão a cumprir os accordãos do Cabido, e diante das multas e reprehensões recorreu para o poder real, que mandou ao Juiz de Fóra de Elvas

para informar sobre o caso; o Bispo e o Cabido vendo a marcha que o processo levava, mandaram riscar as multas e os accordãos, negando os acontecimentos que se tinham tornado farta materia de riso. Quando esta noticia chegou ao *Sotão do Falcato*, Diniz improvisou tres versos sonoros:

> Do Livro mandará riscar *as multas*,
> Negará tel-as feito, e negaria,
> Se necessario fosse, o mesmo Christo.

Falcato aproveitou o momento, e fixou na escripta estes tres versos; eram o germen de um poema heroi-comico, e no seu enthusiasmo suggestionou Diniz por tal modo que o poeta formulou o começo da obra:

> Eu canto o *Bispo* e a *espantosa guerra*
> Que o *Hyssope* excitou na Egreja de Elvas.

A situação em que se achava Diniz, com uma inflammação dos olhos, e privado de trabalhar, deu-lhe azo a phantasiar á vontade e a compôr mentalmente; Falcato ia escrevendo seguindo o ditado do poeta, por fórma que ao fim de dezesete dias estava completo o Poema, que é uma das mais bellas obras da litteratura portugueza. E' natural que o poema fosse communicado ao General visconde da Lourinhã, que odiava o Bispo D. Lourenço, e por esta via fosse conhecido nas regiões officiaes. [1] Valeu-lhe isso o não ser persegui-

---

[1] E' o que inferimos da seguinte carta em que se tratava de uma copia do poema:

do como auctor de uma Satira famosa, apesar dos rumores de queixa do Bispo á Corôa. Diniz conhecia o poema heroi-comico de Boileau, o *Lutrin*, e allude a elle no começo do *Hyssope*, nos versos:

> Musa, tu, que nas margens aprazíveis
> Que o Sena borda de arvores viçosas,
> Do famoso *Boileau* a fertil mente
> Inflammaste benigna, tu me inflamma,
> Tu me lembra o motivo, tu as causas
> Porque a tanto furor, a tanta raiva
> Chegaram o Prelado e o seu Cabido.
>
> (*Cant.* I, *v.* 4 a 9.)

Mas ficou perfeitamente original por causa da riqueza dos typos e das anecdotas que d'el-

---

«Monseigneur.

«J'ai l'honneur de vous présenter la copie du *Gupillon*, telle qu'il m'a été possible de la faire, écrivant sur les genoux, faute d'écritoire. Je demande pardon de ses imperfections, et de vous remercier très sensiblement de la faveur que vous m'avez accordée de me faire employer à votre service ces jours, qui m'ont encore paru fort longs et fort tristes pour ne pas avoir eu le plaisir de vous voir.» etc.

E' assignada esta carta por F. Almeida, e datada de 23 de Dezembro de 1773. Queixa-se o signatario de estar em casa sem poder sahir por falta de roupa, e por não poder pagar ao seu estalajadeiro. A carta era dirigida ao Conde de Oeyras, filho primogenito do Marquez de Pombal.

(*Mss. Pomb.*, n.º 619.)

Como Diniz se hospedasse em Lisboa em casa de Theotonio Gomes de Carvalho, o filho do Marquez de Pombal desejou possuir um *Hyssope* correcto pelo proprio auctor; assim substituiu a copia que obtivera do secretario de estado Martinho de Mello de Castro, que alcançára uma outra copia do poema cedida pelo Dr. Caetano José Vaz de Oliveira, que tambem assistira á sua elaboração no Sotão do Falcato.

les se contavam em Elvas. O poema devia ser immensamente lido, e maliciosamente annotado pelos contemporaneos; assim em numerosas copias acham-se preciosas informações pessoaes, de que já foram aproveitadas as mais pittorescas na edição do *Hyssope* de 1879. Multiplicavam-se as copias, mas nenhuma era da letra de Diniz, como se temesse deixar uma prova juridica da sua elaboração litteraria; e mesmo para os que não conheciam essa galeria dos grotescos de Elvas, o *Hyssope* tornava-se encantador pelos varios episodios altamente facetos, como o do Deão na cêrca dos Capuchos. Comtudo Diniz, que refundia insistentemente os seus versos, exerceu sobre o *Hyssope* um trabalho de remodelação fundamental, em que se destacam duas redacções: o primeiro texto continha *sete cantos*, conservando esta fórma desde 1769 a 1778. [1] E' crivel, que tendo o poeta de modificar o seu texto depois da queda do Marquez de Pombal, em 1777, fosse este o motivo da refundição, em que o poema se ampliou a *outo cantos*, occupando-se lentamente n'este trabalho de 1778 a 1790. Esta segunda redacção veiu a prevalecer entre os curiosos, que ao primeiro texto ajuntaram as ampliações ulteriores. [2] Diniz accrescentou versos á

---

[1] Podem vêr-se na Bibliotheca nacional, Mss. 1229 e 1431; Torre do Tombo, Ms. 181.

[2] Na Bibliotheca da Ajuda existe uma copia do *Hyssope* por letra de Diniz, constando o poema ainda de sete cantos, sendo intercaladas as ampliações por letra diversa; assim o transformaram em outo cantos. Crê-se que esta intercalação é da letra de Francisco José dos Santos Marrocos, bibliothecario da Ajuda. (Ramos Coelho, *op. cit.*, p. 457.)

primeira redacção, como no canto IV, trinta e sete, desde: « Advirto-lhe tambem, que não se esqueça, — até — Do Accordão escapar á sem-justiça.» E logo em seguida intercalou 126 versos com que termina este canto IV. Segue-se o canto V, que na segunda redacção termina com setenta e nove versos accrescentados desde: — Onde á sua presença pelos áres. Pelas noticias colhidas por Innocencio em manuscriptos contemporaneos, o poema tambem constára a principio de *seis cantos*, accrescentando-se o canto IV e dividindo-o em dous; o VI foi composto de novo, passando a ser o VIII, e o V a VII. Segundo Verdier, o canto V tambem formára a principio dous, vindo a constar de *nove cantos*, mas não prevaleceu esta recensão. Estas remodelações fundamentaes derivaram da necessidade que Diniz sentia de modificar os elogios que no canto II fizera ao Marquez de Pombal, o que era perigoso no tempo da *viradeira;* tirando do canto II as descripções da reedificação de Lisboa, a expulsão dos Jusuitas, as reformas da instrucção publica, desde as Escholas primarias até á Universidade de Coimbra, o poema voltava outra vez aos *outo cantos*, em que ficou definitivamente fixado. Escreve Verdier: « Esta suppressão, que devemos sentir, foi causada pelo receio que teve o auctor de ser mal visto no ministerio que succedeu ao do Marquez de Pombal; pois bem notoria é a reacção que experimentou Portugal, após a morte de el rei D. José, tanto em administração e politica, como em doutrinas e economia publica; e não menos sabidos os vexames que soffreram os que elogiaram esse monarcha ou o seu mi-

nistro.» Para justificar Diniz, basta appresentar o facto de que sendo prohibido o *Hyssope*, era degradado por dez annos para os presidios de Africa quem possuisse um exemplar e o não entregasse á Intendencia da Policia, no peremptorio praso de trinta dias! E esta estupida ordem repetiu-se em 1803, quando já circulava a edição do *Hyssope* de 1802, de Londres. [1]

---

[1] «Cumprindo com o que V. Ex.ª me ensinuou em Aviso da data de 16 do presente, sobre o sedicioso escripto intitulado *Epistola ao Muito Reverendo P.e Frei José de o Carmello*, estampado segundo me dizem em Londres, em 29 de Novembro de 1791, e que clandestinamente se tem espalhado n'este reino ha poucos tempos com outro papel tambem, que dizem impresso em Londres em 1802, intitulado *O Hyssope, poema heroi-comico* de Antonio Denis da Cruz e Silva, que tambem foi prohibido correr n'este reino, que passo ás mãos de V.ª Ex.ª

«Lembra-me, que para executar aquella real ordem seria necessario que eu fosse authorisado pelo P. R. N. Sr. para mandar afixar uns Editaes n'esta côrte e comarcas do reino, para que todo aquelle que tivesse na sua mão estes dois papeis da dita Epistola e o *Hyssope*, poema heroi-comico, os fizessem entregar immediatamente aos Ministros da vara branca territoriaes, ou na Secretaria d'esta Intendencia no termo peremptorio de trinta dias; e, no caso não esperado que assim o não cumprissem, ficarem sujeitos á pena de hirem degradados para um dos Presidios das Colonias d'este reino, por dez annos.

«Devem-se passar eguaes ordens para este mesmo fim para as Capitanias das Colonias d'este Reino.

«V. Ex.ª queira representar todo o referido ao Princepe regente N. S. e insinuar-me a real resolução do mesmo Augusto senhor sobre esta materia. Lisboa, 18 de Abril de 1803. Ill.mo Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.» *Contas para as Secretarias*, Liv. VII, *fl. 144*.

A vulgarisação do poema não se fez logo em Elvas, por que em 1768 apenas existiam os exemplares do auctor, do Silveira Falcato e do thesoureiro-mór da sé, Antonio Mendes Sacchetti. E' natural que este mysterio da satira famosa mais intrigasse os partidarios do Bispo, e suscitasse os sorrisos maliciosos dos amigos do Governador das Armas. Diniz completára dez annos no exercicio das funcções de Auditor no segundo regimento de Infanteria, de que em 1774 era coronel Pantaleão de Oliveira e Sousa. Sabe-se que viera á capital n'esse anno, quando ainda a Zamperini embasbacava os casquilhos de Lisboa, conforme elle descreve no *Hyssope* sob a impressão directa, quando a contemplava do camarote de Theotonio Gomes de Carvalho. Assim o refere Lecussan Verdier, commentando esses outo versos « do nosso poeta, que não perdia occasião de admirar as prendas da tão *celebre virtuosa;* pois, como amigo intimo de Theotonio Gomes de Carvalho, era admittido e frequentes vezes visto no camarote da administracção. » A ausencia de Diniz fez com que se espalhassem copias do *Hyssope* em Elvas, attribuindo-se isso ao exemplar que em Lisboa copiára o Dr. Caetano Vaz de Oliveira, advogado elvense, por permissão de Theotonio Gomes de Carvalho, que era dos raros amigos que possuiam o poema. Diniz já não voltava para Elvas, porque lhe estava promettido um despacho de desembargador; o poema podia pois espalhar-se entre os parciaes do Governador das Armas. Transcrevemos aqui a informação dos annos de serviço que prestára como Auditor:

«Manoel Bernardo de Mello e Castro, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Alcaide-mór de Sortelha, do Conselho de Sua Mag.de F. Tenente General de seus Exercitos, e Governador da Praça d'Elvas, e das Armas d'esta Provincia do Alemtejo.

«Atesto que Antonio Diniz da Cruz e Silva, Auditor do segundo Regimento de Infanteria desta Praça, de que é Coronel Pantaleão de Oliveira e Sousa, em todo o tempo que tem exercido o seu lugar, foi sempre com muita honra, exacção e desinteresse, sendo um dos mais habeis Ministros que tem havido n'esta Provincia, em que se distinguia pela sua litteratura; executando todas as ordens que por mim lhe foram dadas pertencentes ao serviço de S. Mag.de. Por todo o referido o considero muito digno de toda a honra, e emprego que o mesmo Snr. for servido conferir-lhe. Passa o referido na verdade; e por me ser pedida a presente lh'a mandei passar, por mim assignada, e selada com o signette de minhas Armas. Elvas, 1.º de Fevereiro de 1775. M.el Bernd.º de Mello e Castro.» (Ms. 1646, N.º 117.) — O attestado do Coronel do segundo Regimento de Infanteria de Elvas é datado de 31 de Março de 1775: «Certifico, que Antonio Denis da Cruz e Silva, *Auditor que foi* do meu Regimento, sempre n'elle procedeu com toda a regularidade e sem nota, satisfazendo as obrigações de seu cargo, em todas as occasiões que occorreram do real serviço, e por mim lhe foram ordenadas pertencentes ao serviço dito; que satisfez com distinção e merecimento ...»

A dissidencia entre o Governador militar

Visconde da Lourinhã e o Bispo D. Lourenço de Lencastre parece ter-se azedado mais, talvez pela leitura do engraçado poema, porque o Bispo em 1780 foi transferido de Elvas para Leiria, onde ainda pastoreou dez annos. Nem por isso tornou a reinar a doce paz na egreja de Elvas, porque o seu Cabido continuou a fornecer themas para satiras e epopêas burlescas. [1]

---

[1] Comprova-o este:

«*Aviso ao Cabido de Elvas*

«Tendo-se verificado na Real presença pelas representações do Bispo, do Cabido d'essa Cidade, o estado em que se acha essa Igreja, reduzida a um Theatro de discordias, em que infelizmente tem representado os seus mesmos Ministros transfigurado a santidade do seu sagrado ministerio com detrimento da Religião e com escandalo dos Fieis, a que elles deviam instruir e edificar, suscitando-se e promovendo-se esta desordem, já pelo espirito de orgulho e de intolerancia com que o Cabido da dita Igreja se attribue direitos e isempções que lhe não competem, e com que excede os impreteriveis limites da decencia, e do respeito devido ao seu Prelado, ainda na defeza dos que lhe podem competir, já pelas expressões irreverentes e insultantes de alguns Capitulares, e já pelas intrigas de outros facilmente incitados por alguns seculares. Sua Magestade preferindo por ora os meios da suavidade e moderação aos da severidade, que deixa reservados: He servido que V. M.ce fazendo logo convocar o Cabido, aos da maior dignidade que ahi se achar estranhe muito sériamente ao mesmo Cabido a falta de respeito e de obediencia com que se tem conduzido, confundindo com geral escandalo a ordem hierarchica, e constituindo-se em um corpo acephalo sem reconhecer a superior auctoridade do seu Prelado:

1.º Em se não congregar á sua ordem sem que antes lhe declare o objecto da convocação.

2.º Em lhe negar os Livros dos seus Assentos e

§ III. Diniz em Lisboa, e a ultima sessão da Arcadia

E' pena que os versos de Diniz sejam privados de datas e rubricas explicativas, que tornariam mais expressivas as emoções que pintam. Em 1771 representava-nos assim o seu estado moral:

Accordãos, ainda depois de se lhe participar a real Resolução expedida sobre semelhante empenho do Cabido da Cathedral de Faro a respeito do Ecclesiastico incumbido do governo d'aquelle bispado.

3.º Em se arrogar privativa e absolutamente a guarda do Archivo em que se guardam os titulos e documentos da Mitra e do mesmo Cabido.

4.º Em mandar os seus Capitulares á côrte sem a sua participação e a sua benção.

5.º Em subtrahir á sua inspecção e conhecimento a administração immediata do Celeiro, qual a que sómente compete ao Cabido; não a seu livre arbitrio, mas na fórma determinada pelo Prelado de accordo com elle Cabido, como sempre se praticou antes das ultimas incompetentes alterações.

6.º Finalmente, no incivil abuso das suspeições com que se oppoz ao mesmo Prelado para se evadir á visita claustral, que elle annuciara, quando, ainda que se considerasse gravado, não devia faltar ás incontestaveis obrigações de respeitar e obedecer ao dito seu Prelado, salvos os competentes recursos, que são compativeis com as mesmas obrigações.

Ao mesmo tempo fará V. M.ce comprehender ao dito Cabido, que no caso (o que Sua Magestade não espera) de se mallograr sua Real piedade, a mesma Senhora não poderá dispensar-se de fazer uso do supremo Poder que Deus depositou nas suas Reaes mãos para o castigo dos discolos; e para que o Cabido tenha presente esta intimação, fará V. M.ce registar este Aviso em um dos Liuros d'elle, remettendo uma certidão do registo a esta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino. Ao Deão, ao Chantre da mesma Igreja e ao Ar-

Ai, triste! O *outavo lustro* é já passado
Da minha amarga descontente vida,
Sem que n'esta carreira tão comprida
Um sincero prazer tenha gostado.

(Poes., I, 101.)

Parece que este desalento se reflete no regresso a Lisboa, depois de ter andado longos annos ausente no desempenho dos seus logares na magistratura:

---

cediago José Mauricio Travassos, que devendo dar exemplo de moderação aos mais Capitulares a que precedem, excederam todos elles na irreverencia e insultos, ordenará V. M.ce da parte de Sua Magestade, que vão immediatamente render obediencia e tomar a benção ao seu Bispo, a quem protestarão a sua submissão canonica, e as puras intenções de se absterem d'aqui em diante de semelhantes contestações. Aos Advogados Eustaquio José de Carvalho e Manoel Joaquim da Silva, que subprendendo a confiança dos dois partidos, que elles mesmos formaram e fizeram contrarios, e têm feito servir aos seus interesses e ás suas paixões particulares, occasionando com geral escandalo as desordens em que se acham os Ministros d'essa Igreja, fará V. M.ce recolher á cadêa publica d'essa cidade, e depois de quinze dias de prisão, os fará V. M.ce assignar termo de se não intrometterem jámais por palavras ou por escripto nos negocios respectivos a qualquer dos ditos partidos, debaixo das penas que a mesma Senhora reserva ao seu Real arbitrio. Finalmente, fazendo V. M.ce riscar de forma que se não possa mais lêr quanto achar escripto nos Liuros da Camara Ecclesiastica e do Cabido, que diga respeito ás contestações, que entre este e o Bispo se tem excitado depois do anno de 1784; chamará a si tudo o que ao mesmo respeito achar avulso, assim na dita Camara e Cabido, como no Auditorio ecclesiastico, e o remetterá com uma exacta relação a esta Secretaria de Estado. Deus guarde a V. M.ce Palacio de Mafra, em 28 de Agosto de 1790. — José de Seabra da Silva.— Senhor Corregedor da Comarca de Elvas. » *Miscellanea curiosa de Papeis varios,* vol. II, p. 416 a 423.

Emfim, torno a beijar, oh patrio Tejo,
Tua areia; mas, oh! e quão differente
Do tempo em que cantei accordemente
As graças que em ti via, e em ti não vejo.

O poeta vinha encontrar deserta ou quiçá extincta a Arcadia, mortos desditosamente Quita, em tenebrosa desgraça Garção, em quasi indigencia Candido Lusitano; sómente Theotonio Gomes de Carvalho accumulava rendosos empregos, fruindo o favoritismo do omnipotente ministro. Planeou-se em casa do morgado da Oliveira, genro do Marquez de Pombal, uma *sessão academica* no dia de San Sebastião, em 20 de Janeiro de 1774, para a qual foram convidados os arcades; [1] concorreram á faustosa sessão, além de *Elpino* e *Tirse*, os seguintes: D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, Gaspar Pinheiro da Camara Manoel, Miguel Tiberio Piedegache, D. Manoel Pinto da Cunha e Sousa, P.e Mestre Fr. Agostinho da Silva, José Basilio da Gama, o reitor da Nazareth Dr. João da Silva Rebello, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Paulino Cabral, abbade de Jazende,

---

[1] A escolha do dia 20 de janeiro, por ser dia do santo do nome do Marquez de Pombal, já tinha determinado em 1761 a sessão inaugural da *Real Academia Cirurgica do Porto*. Em 1765 repetiu-se egual solemnidade, com o mesmo intuito, como se verifica pela «Oração academica recitada na *Real Academia de Cirurgia Portuense* em obsequio do nome do seu Mecenas, o... Senhor Conde de Oeyras... em dia de San Sebastiam, de 1765... por Manoel Gomes de Lima.» Fez-se em egual dia outra sessão inaugural em 1771, sendo presidente Antonio Soares Brandam.

Joaquim José Ferreira Lobo, o beneficiado José Barbosa, e Ignacio Carvalho da Cunha.

Recitaram-se numerosas poesias,[1] e Diniz compoz um Dithyrambo de collaboração com Theotonio Gomes de Carvalho, que foi cantado a tres vozes com córos; Diniz cantava de tenor, e celebrando os vinhos de Borgonha, Champagne, Tockai e do Cabo, consagra o seu brinde com vinho da *Chave dourada*:

> Os vinhos extranhos
> Não provo: não gabo.
> Quero vinho, que alegre, que aquente:
> Dá-me d'esse que guarda na cuba
> Doce çumo Mação excellente,
> Camarista estimado e valido
> Do Evio Lysio na Casa enramada,
> Por isso chamado
> Da *Chave dourada*.[2]

E' crivel que o Marquez de Pombal conhecesse o poema do *Hyssope*, e que aquella ses-

---

[1] Todas se acham no Cartorio do Conde de Rio Maior, na estante Curiosidades, Maço 1.º, n.º 18. *Hist. do Marechal Saldanha*, t. I, p. 13 a 17.

[2] Moraes Soares, no *Archivo rural*, descreve este vinho fabricado na villa de Mação, nas vertentes da margem direita do Tejo, a quatro leguas acima de Abrantes: « E' feito de uvas brancas muito maduras e escrupulosamente escolhidas. Pizam-se as uvas a bica aberta, e o mosto é immediatamente recolhido na vasilha para esse effeito preparada, com muito cuidado e aceio. Não é dado a ninguem tocar no vinho até ás seguintes vindimas. N'esse tempo a vasilha é sangrada, extrahindo-se d'ella por uma só vez certa quantidade de vinho maior ou menor, segundo a capacidade da vasilha; mas nunca superior a um terço da totalidade da vasilha. Quando se procede á extracção do vinho,

são academica influisse no despacho de Diniz para desembargador da Relação do Rio de Janeiro. O que nos interessa especialmente é saber se esta homenagem ao ministro era um ultimo lampejo de vida da *Arcadia lusitana*.

Aragão Morato, na apreciavel Memoria sobre a Arcadia, diz que as suas ultimas conferencias se celebraram no palacio do Morgado da Oliveira, e justifica o asserto com as estrophes da Ode XI de Diniz a João de Saldanha de Oliveira, genro do Marquez de Pombal:

> Do teu aureo Palacio a porta abriste
> De Jove ás castas Filhas;
> E ao som da sua Lyra sublimada
> A tua doce voz benigno ouviste.
> De profano desprezo o vulgo armado,
> O Pindo cobre de affrontosa fama;
> Vão, inutil, ocioso

---

está já disposta uma egual quantidade de mosto, espremido das melhores uvas, e com esse se atesta a vasilha, munida de uma *chave de metal amarello*, da qual se deriva a denominação de *Vinho da chave dourada*. Assim se renova ou remosta annualmente este famoso nectar, que não se vende, nem se costuma dar senão por especialissimo obsequio. — Em 1774 era já famoso, e como tal mereceu a honra de ser celebrado nos versos cantados na presença do Marquez de Pombal, em sessão academica que houve em casa do Morgado da Oliveira. O principal tonel de *vinho da chave dourada* pertencia á Camara municipal de Mação. N'estes ultimos annos restaurou-se o processo do *vinho da chave dourada*... E' grosso e encorpado, gostoso, levemente acido e perfumado por um forte aroma de passas de uvas.» Vid. *Almanach de Lemb.*, para 1872, p. 228.

Ao sagrado de Phebo estudo chama;
Mas tu, que abriste ao grande genio as azas,
Sobre o vulgo ignorante te elevaste,
Suas barbaras vozes despresaste.

Vê-se que esta estrophe se refere ao tempo em que a Arcadia estava abandonada pelos poetas e sem consideração entre a burguezia ou o vulgo. Diniz glorificando esta iniciativa de restauração pelo Morgado da Oliveira, termina assim a Ode XI:

Prosegue pois constante a grande empreza,
Inda que Inveja escura
De cem monstros te assalte na figura...
Prosegue; que já vejo as santas Musas,
Aos hymnos desferindo as grandes velas...

Além d'esta referencia não se encontra memoria directa a nova sessão da Arcadia no palacio do Morgado da Oliveira, a não ser á de 20 de janeiro de 1774, em honra do Marquez de Pombal no dia do santo do seu nome. Diniz ahi recitou a sua Ode VII, que tem a rubrica: «Foi recitada na *Sessão Academica*, que se fez no Palacio do Morgado d'Oliveira em 20 de Janeiro de 1774.» A palavra *Sessão* dá-lhe um sentido mais restricto do que se fosse expresso pelas palavras *Academia celebrada;* n'esta fórma designava uma festa litteraria, que era usual mesmo entre poetas sem se acharem constituindo corporação. O Dithyrambo escripto por Diniz e Theotonio Gomes de Carvalho para esta homenagem ao Marquez, lembra ainda os nomes arcadicos dos dois poetas, e allude no seu titulo a *sessão*: «Dithyrambo para cantar-se a tres vozes na *Sessão academica*, que se hade

celebrar em applauso do Ill.mo e Ex.mo Snr. Marquez de Pombal no dia 20 de Janeiro de 1774, em Lisboa, composto por Antonio Diniz da Cruz e Silva, chamado na *Arcadia lusitana* ELPINO NONACRIENSE, e por Theotonio Gomes de Carvalho, chamado THYRSE MENTÊO.» A esta *sessão* acharam-se presentes antigos árcades, como D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, Gaspar Pinheiro da Camara Manoel, e João de Saldanha de Oliveira; e árcades das ultimas eleições, como Miguel Tiberio Piedegache e José Basilio da Gama. No additamento ás notas da sua edição do *Hyssope*, Ramos Coelho considera esta sessão como não pertencendo á Arcadia: « E' quasi seguro, pois, que tal Conferencia não pertence ao numero das que ella (Arcadia) celebrou, embora tivesse logar em casa de um Arcade e alguns arcades concorressem á festa, e embora assegurem o contrario Trigoso e Innocencio. Haveria outras, como quer o primeiro d'estes escriptores, a que coubesse tal classificação, posto que nos sejam desconhecidas; mas a esta de certo que não.» (P. 460.) O argumento em que se apoia é o facto de não terem assistido a essa *Sessão academica* os arcades Feliciano Alves da Costa, P.e José Dias Pereira, Manoel de Figueiredo, Manoel Nicoláo Esteves Negrão, Manoel Pereira de Faria, Luiz Corrêa de França e Amaral, [1] Francisco de Sales, P.e Joaquim de Foyos, P.e Manoel de Macedo, e capitão Ma-

[1] Nos *Idylios moraes*, publicados em 1774 assigna-se: *Melizeu Cylenio* — ARCADE LUSITANO.

noel de Sousa. A Arcadia desde muito cedo foi pouco frequentada pelos seus socios, como vimos pelas queixas de Garção e de Manoel de Figueiredo; mas em 1774, depois do doloroso caso da morte de Garção, não admira que muitos arcades não fossem *pombalistas*, e não comparecessem a esse applauso de 1774, sendo por isso esta verdadeiramente a ultima sessão da Arcadia. Comprova-o o agradecimento dos Arcades, em que fallam do seu *sabio Director*, da esperança *d'esta Academia*. Publicamol-o em seguida:

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor.

«Quando a necessaria separação de V. Ex.ª nos fazia equivocar a amargosa saudade com a irreparavel perda da sua amavel presença, e da luz em que confiavamos para a justissima acção, que nos uniu, praticou V. Ex.ª comnosco a bem merecida bondade de remetter-nos a eloquentissima Oração; e posto que esta grandeza da sua Alma nos reduziria a segundo e penoso embaraço, não se atrevendo nenhum de nós a ler um papel, que perderia muito em outra voz, que não fosse a do seu Author, tivemos a honra de que *o nosso amavel e sabio Director* se encarregasse de fazel-o com a propriedade e elegancia que o sangue e a amisade sabem unicamente dar.

«He V. Ex.ª digno filho de hum tam grande Pai, e precisamente deve imital-o; e verdadeiramente o segue quando até as suas particulares acções são grandes, e mostram ao mundo quaes são e quaes serão sempre em beneficio da Monarquia, da qual he V. Ex.ª hum dos mais dignos ornamentos.

«Repetimos ardentes e fieis votos pela preciosa conservação de V. Ex.ª bem certos de que a sua he a publica felicidade; e espera *esta Academia*, passem pelas suas maons á Posteridade as Heroicas Virtudes de V. Ex.ª com a mesma duração que hão de ter as do seu Ex.ᵐᵒ Pai.

«Deus guarde a V. Excelencia m. an.ᵒˢ Lisboa, a 20 de Janeiro de 1774. Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Senhor Conde de Oeyras

D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho
Gaspar Pinh.º da Camara Manoel
Theotonio Gomes de Carvalho
Antonio Diniz da Cruz e Silva
José Basilio da Gama
Ignacio José de Alvarenga
Manoel Pinto da Cunha e Sousa
João de Saldanha de Oliveira e Sousa.» [1]

Pode fixar-se definitivamente a extincção da *Arcadia lusitana* em 1774. No dia 6 de Junho de 1775 fizera-se a grande festa da inauguração da Estatua equestre do rei Dom José; todos os poetas de Lisboa metrificaram Odes, Sonetos, Epistolas para celebrarem esse regosijo official, as quaes peças se reuniram por mãos de curiosos em volumosas collecções, de que Tolentino, na satira do *Bilhar*, escreve:

Todos os versos leu da *Estatua equestre*...

[1] Ms. da Coll. Pomb., n.º 614, fl. 85. As assignaturas são authenticas. O Morgado da Oliveira foi feito Conde de Rio Maior em 1803.

Tomaram parte n'este regosijo os árcades Theotonio Gomes de Carvalho, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Marianno Borgonzoni Martelli, o P.e Manoel de Macedo, Luiz Corrêa de França e Amaral, e Joaquim Bernardes; e tambem metrificaram sobre o mesmo assumpto outros poetas que ou pertenceram á ultima geração da Arcadia ou que se suppõe terem figurado n'aquella academia, como Domingos Maximiano Torres, o capitão Manoel de Sousa, João Xavier de Mattos, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, José Basilio da Gama, Ignacio José de Alvarenga e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. [1]

---

[1] Apontamos aqui a lista das suas composições:

Theotonio Gomes de Carvalho — O monumento immortal. Drama para cantar-se na Sala do Tribunal da Junta do Commercio ... por occasião da faustissima inauguração da Estatua de El Rey N. S. D. José I. Lisboa, Regia Officina Typ. 1775. In-8.º

Antonio Diniz da Cruz e Silva — Ode á inauguração da Estatua equestre. (S. l.) Lisboa, 1775. In-4.º de 12 pp.

Marianno Borgonzoni Martelli, In occasione de eriggersi ... la colossale statua equestre del fedelissimo monarca D. Giuseppe I. Canzone. Lisbona, Stamp. Reale, 1775. In fol. de 8 pp.

P.e Manoel de Macedo Pereira de Vasconcellos — Ode. Collocando-se a estatua equestre do augustissimo Rey D. José ... (S. l. nem d.) In-4.º

Luiz Correia de França e Amaral — Soneto: «Sobe, perfeito, augusto monumento.» Ms. A inauguração da Estatua Equestre. (Bibl. nac., n.º 3343 do Inventario: numeração azul.) — Outro: «Parte, padrão soberbo, corre, vôa ...» Ibid.

Joaquim Bernardes (?) Soneto: «De quem será, de quem o insigne busto?» Ms. ibi.

Bacharel Domingos Maximiano Torres — Ode: «Que

Do exame d'estas varias composições impressas e manuscriptas á inauguração da Estatua equestre, feitas por tantos árcades, vê-se que nenhuma é em nome da Academia, que ainda se reunira no anno anterior; agora estava completamente dissolvida. Outras academias, como a dos *Judiciosos*, tomaram parte no festejo, com os seus Ductos metricos; os frades da Ordem Terceira de San Francisco do Convento de Nossa Senhora de Jesus celebraram um certame ou Academia especial, e o mesmo fizeram o Juiz do Povo e a Casa dos Vinte e Quatro com applausos e carros allegoricos. Por certo que a *Arcadia lusitana*, se ainda

---

varão, ou que heroe na eburnea lyra . . . » Ms. ibi. — Soneto: « O' soberbo padrão esclarecido.» Ms.

Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral — Ode: «Que heide offertar de Jove ás sabias filhas ? » Ms. ibi. —Ode. In-4.º de 5 p. (S. l. nem d.)

Domingos Pires Monteiro Bandeira — Ode: « Eu Apelles não sou, eu não ensopo . . . » Ms. ibi. (E' do *Grupo da Ribeira das Náos.)* Ode. Lisboa, Officina regia, 1775. In-4.º de 11 pp.

Capitão Manoel de Sousa — Ode: « Do sacro Templo da immortal memoria.» Ms. ibi.— Ode. In fol. de 4 p. S. l. n. d.)

João Xavier de Mattos — Soneto: « Se queres vêr uma memoria estranha . . . » Ms. ibi. Mais dois Sonetos mss.

Ignacio José de Alvarenga — Soneto: « America sujeita, Asia vencida . . . » Ms. ibi.— Ode, in-4.º, de 71 p. (S. l. nem d.).

José Basilio da Gama — Soneto: « Fundou com a forte espada a monarchia . . . » Ms, ibi.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga — Epistola: Ao sempre augusto e fidelissimo rey de Portugal D. José I, no dia da collocação da sua real estatua equestre. (S. l.) In-4.º, de 6 pp.

existisse, reunir-se-ia, quando muitos dos seus conhecidos socios versejaram sobre o mesmo assumpto.

Como a Arcadia de Roma, academia archimandrita, que tinha filiaes por toda a Italia, tambem a Arcadia lusitana foi espontaneamente reproduzida por varias cidades de Portugal. Existiu uma *Arcadia portuense*, da qual se dizia socio em todos o seus opusculos o magistrado João Xavier de Mattos, *Albano Erythreo;* e ainda em 1789, Theodoro da Silva Maldonado, amigo intimo do abbade de Jazende, publicava uma Ecloga e Epicedio á morte do princepe D. José, ligando ao seu nome de auctor a distincção *da Arcadia portuense.* Temos ainda outro testemunho na Satira de Candido Lusitano, já transcripta: — «Pois ouviste um Soneto em quatro linguas — Que mandei *para o Porto* á nova *Arcadia*....»

Com o nome de Lobo (Francisco Xavier) encontrámos tambem um Soneto, inedito:

Aos Arcades de Guimarães

Mil parabens te dou, ó Patria amada,
(Fallo serio, deixemos zombaria)
Pela raça da nova Poesia,
Que tão castiça tens, tão propagada.

Para bem seja aquella barrigada
De Poetas, que encheu a Academia;
Se deu treze por duzia, a demazia,
Santo Antonio abençôe essa ninhada.

Ninguem cuidou ser erro de Lunario,
Que essa terra sem tempo e sem semente
Produzisse um bom fructo litterario;

Que o brotar tanta Musa de repente
Foi enxerto que fez o Secretario
Na corcova do douto Presidente. [1]

A uma *Arcadia Conimbricense*, acham-se allusões nas poesias de Antonio Soares de Azevedo, *Alcino Duriano*, [2] que trata com o nome bucolico de *Palemo* o bacharel canonista Francisco de Paula de Figueiredo, auctor do insulso poema *A Santarenaida*, e Luiz Paulino de Oliveira de *Licino*.

Aponta-se tambem uma *Arcadia ultramarina*, que anda confusamente definida.

Claudio Manoel da Costa publicando as suas Obras poeticas em 1758, em Coimbra, dá-se como *Arcade ultramarino*, e attendendo á circumstancia de achar-se ausente do Brasil e de estar então no seu vigor a Arcadia de Lisboa, que admittia como socios mesmo aquelles poetas de merecimento que não residissem na capital, o epitheto de *ultramarino* não o filia em uma Arcadia brasileira, cuja existencia o sr. Pereira da Silva julga mais do que problematica. N'este seu livro encontram-se outros nomes arcádicos, como *Eureste Fenicio* e *Ninfejo Calutide*, que por ventura eram tambem arcades. Em 1773, no seu poema *Villa-Rica*, ainda se chama *Arcade ultramarino*, quando a Arcadia de Lisboa estava

[1] *Poesias varias*, Ms. t. 8, p. 671.

[2] *Poemas* de Antonio Soares d'Azevedo, natural do Porto, Bacharel em Canones pela Universidade de Coimbra, e na *Arcadia Conimbricense* Alcino Duriano, etc. Coimbra, Real Imprensa da Universidade, anno de MDCCLXXXXIIII.—A pag. 83, traz uma Ode pindarica «A' immaculada Conceição da Virgem—Celebrada pela *Arcadia Conimbricense.*»

prestes a extinguir-se. A «Saudação a José Basilio e *outros novos Arcades*» é que nos faz suppôr a existencia de um pequeno gremio poetico.

No poemeto de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, intitulado *O Preso*, tambem vem sob o seu nome: «Na Arcadia Ultramarina *Alcindo Palmireno.*»

Depois da chegada de José Basilio da Gama ao Rio de Janeiro, fundou Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, sob a protecção do Vice-rei D. Luiz de Vasconcellos, e do Bispo D. Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco «*uma Academia á maneira da Arcadia de Roma.*» E' esta propriamente a *Arcadia ultramarina*, que foi dissolvida pelo Vice-Rei conde de Resende.

Por este mesmo tempo um brasileiro, o beneficiado Domingos Caldas Barbosa, transformava a *Academia de Humanidades*, de Lisboa, na *Nova Arcadia*, que começou em 1790.

O seu espirito não se extinguiu; porque já no seculo XIX, José Agostinho de Macedo, em carta a Francisco Freire de Carvalho, de 20 de Septembro de 1806, escrevia: «virá tempo em que o gosto desperte. Eu trago em vista uma pequena *Arcadia*, onde poucos opponham uma barreira ao veneno das *Bocagiadas* e *Nicenadas*, que infestam o Tejo e o Mondego; veja se attrae o nosso sabio Costa, moço de genio, e se acorda outros.» E' presumivel que pareça excessivo este estudo sobre a *Arcadia lusitana*, principalmente a quem desconhecer a sua influencia na litteratura portugueza do seculo XVIII, ou ignorar a «circumstancia da falta quasi completa de

materiaes historicos para narrar as suas vicissitudes.» Lamentamos, apesar dos nossos esforços, não tratar um tal assumpto por uma fórma exhaustiva, quando encontramos as seguintes palavras do consciencioso editor do *Hyssope*, de 1879: «Parece incrivel a ignorancia que reina em tudo quanto respeita á *Arcadia*, cujo papel importante na Litteratura patria ninguem póde negar, ignorancia com que não só luctam os presentes, mas que até embargou o passo ao proprio Trigoso, muito mais proximo do que nós da época da sua existencia, pois que as noticias que a seu respeito deixou são minguadas e incertas.»

A Arcadia lusitana apesar de não ter sido enervada pelo favor real, como a Academia da Historia, nem por isso conseguiu reformar a Litteratura nacional; não faltavam talentos e homens eruditos, mas havia carencia de uma cousa que nem as riquezas profusamente gastas por D. João v, nem as violentas iniciativas do ministro de D. José poderam supprir na consciencia portugueza. Faltava a *liberdade* e com ella a dignidade individual, a independencia civil, a autonomia da rasão, o sentimento da nacionalidade e a inspiração para os actos altruistas. A pressão do regalismo pelo regimen policial a que se reduzia o governo, e a pressão do clericalismo pelo regimen inquisitorial a que estava reduzida a religião, coadjuvados por uma aristocracia parasita das commendas, que bajulava ignobilmente esses dois poderes, bastavam para reduzir á idiotia e apathia o mais heroico povo. Comprehende-se que a Arcadia lusitana cahisse na esterilidade da impotencia e se apagasse sem ruido.

§ IV. Despacho para a Relação do Brasil. A Conjuração mineira.

No pouco tempo que Diniz permaneceu em Lisboa, de regresso de Elvas até á partida para o Rio de Janeiro, escreveu a engraçada comedia em verso endecasyllabo, em tres actos, *O falso heroismo*. Em uma das copias communicada a Aragão Morato lia-se a indicação: «Composta em janeiro de 1775.» *O falso heroismo* é uma imitação da fórma e do chiste das duas comedias de Garção, o *Theatro novo* e a *Assembleia ou Partida*, reproduzindo o juizo critico sobre o gosto das tramoias e dos destempêros das comedias famosas, e tambem os sarcasmos contra o uso dos rabichos das cabelleiras. Servindo-se de bellas locuções populares, e de typos bem desenhados, como o do valentão, não chega comtudo a attingir a graça transparente de Garção que Diniz tanto admirava. [1] No *Falso heroismo* ha uma intenção; o poeta assenta toda a sua *vis comica* sobre a figura de um fidalgo estupido, D. Thadeo de Montalto, que abarrota o mundo com as suas genealogias, en-

---

[1] No Epigramma IX *A Pedro Antonio Joaquim Corrêa Garção:*

> Alvergue digno as Graças procuraram,
> E do sabio Garção na bocca entraram.

E' uma imitação do epigramma attribuido por Laercio a Platão. Infelizmente Garção já estava morto, e Diniz não deixou um vestigio qualquer da impressão d'esta terrivel fatalidade.

troncando as suas prosapias nos Godos. Mal sabia Diniz, o *neto da medideira*, que as farfalhices nobiliarchicas que ridiculisava, se atravessariam no seu caminho embaraçando-lhe o receber o habito de Avis, desde 1776 até 1790. N'esta sociedade asphyxiante o senso pratico levava a pender para o lado do poder: uma circumstancia inapreciavel, mas que determina o caracter.

As relações de intimidade de Diniz com Theotonio Gomes de Carvalho, com o Morgado da Oliveira e com a familia do Marquez de Pombal, fizeram que não soffresse por causa do libello famoso *O Hyssope*, e se adiantasse na carreira da magistratura, sendo promovido por carta regia de 16 de Abril de 1776 a Desembargador para a Relação do Rio de Janeiro, d'onde, findo o exercicio d'esta primeira nomeação viria transferido para a Relação do Porto. O poeta ausentava-se de Portugal, privado de todo o convivio litterario, e procurando na poesia apenas uma distracção para o seu honroso mas forçado isolamento. Antes de partir para o Brasil requereu o habito da Ordem de San Bento de Avis, pelo que se mandou proceder ás provanças ou inquerito da sua ascendencia por despacho de 6 de Agosto de 1776. Diniz seguiu para o Rio de Janeiro no navio que largava no segundo semestre d'esse anno; ficou-se inquirindo testemunhas, que levaram ao conhecimento de que elle era de sangue *mechanico* incompativel com a nobreza! Miseravel nação, que assim ultrajava a dignidade do trabalho. Já do Rio de Janeiro, em 1779, requereu Diniz para que se lhe concedesse

dispensa d'essa irregularidade e pela real clemencia lhe fosse dado o habito de Avis, attendendo a que estava exercendo o logar de Desembargador da Relação do Rio de Janeiro. Correu o processo por muitas estancias, e sómente em 9 de Julho de 1790, é que foi passado o alvará para ser armado cavalleiro da Ordem de Avis! Tristes honras concedidas depois de um tão prolongado arrastamento. [1]

---

[1] «El Rei Nosso Senhor Ha por bem mandar lançar o habito da Ordem de São Bento de Aviz ao Bacharel Antonio Denis da Cruz e Silva, para o ter com doze mil reis de tença effectiva: E mando que para o receber lhe façam as provanças e habilitações da sua Pessoa na forma dos Estatutos e Definições da mesma Ordem. Palacio de N. S. da Ajuda, em 6 de Agosto de 1776. — Ayres de Sá e Mello.»

Foram interrogadas as testemunhas «a respeito das partes pessoaes, naturalidades, exercicios e reputação do justificante Antonio Diniz da Cruz e Silva, e de seus Paes e quatro avós,» pelo cavalleiro José Rodrigues de Brito em assentada começada a 14 de Maio de 1779. D'este inquerito resultou achar-se que na familia de Diniz havia mancha de *mechanico*, (o pae carpinteiro de casas, e o avô calafate da Ribeira das Náos.)

«A Rainha Nossa Senhora ha por bem que pela Portaria acima se faça obra, sem embargo do lapso de tempo. Palacio de Queluz em 28 de Setembro de 1778. — Visconde de Villanova da Cerveira.»

«Senhora — Diz Antonio Diniz da Cruz, que Vossa Mag.de lhe fez a mercê do Habito da Ordem de Sam Bento de Aviz, e habilitando-se para o receber pelo Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, entende o supplicante que das suas Inquirições *lhe resultaram alguns impedimentos*, mas tão insignificantes que cabem na Real clemencia de V. Mag.de para ser servido o dispensal-os gratuitamente em attenção a se achar o supplicante no real serviço occupado actualmente no

Depois de obtida a tença de 30$000 rs., que pertencia á commenda de Avis, requereu o poeta para que se lhe concedesse a renuncia

---

logar de Desembargador da Relaçam do Rio de Janeiro, por cujo motivo

P. a V. Mag.[de] que em attenção ao referido lhe faça mercê dispensar ao supplicante nos sobreditos impedimentos.

E. R. M.[ce]»

— Veja-se na Mesa da Consciencia e Ordens, e se me consulte o que parecer, sem embargo das ordens em contrario. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em vinte e nove de Novembro de 1779. R.

— Parece que attendendo ao Supplicante ser despachado por serviços proprios, e achar-se actualmente occupando o logar de Desembargador do Rio de Janeiro, pode esperar da Real Grandeza de V. Mag.[de] a dispensa de que necessita cassando-lhe mais tres annos de serviço. Meza, 16 de Fevereiro de 1780.»

«Por justos motivos que me foram presentes e se fizeram dignos da minha real consideração: Hey por bem dispensar ao Doutor Antonio Diniz da Cruz e Silva, nas Provanças e habilitações da sua pessoa, e que se devia proceder e havel-o por habilitado para receber o habito da Ordem de S. Bento de Aviz de que lhe fiz mercê; dispensando-o outrosim da apresentação de quaesquer Certidões e Folhas corridas que devesse appresentar; e para que na Igreja do Mosteiro da Encarnação possa receber e professar o mesmo habito, sem embargo dos Estatutos e Definições da mesma Ordem em contrario. A Mesa da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido e lhe mande passar os despachos necessarios. Palacio de N. Snr.[a] d'Ajuda em 26 de Junho de 1790.» Com Rubrica de S. Mag.[de] — Domingos Pires Monteiro Bandeira.

No Livro 8 da Chancellaria da Ordem de Avis, fl. 56 a 57, *v*, vem:

Alvará para ser armado cavalleiro de 9 de julho de 1790. — Outro para professar; outro da Carta de habito; e outro de Quitação da Tença do habito, de 10 de Julho de 1790.

de dezoito mil reis da referida tença a favor de D. Antonia Barbara de Carvalho, talvez alguma d'essas Eralias, Marfidias, Aglaias e Nerinas, que tanto galanteára nos seus versos. [1] Uma das damas que o poeta mais exalta nos seus versos é do Tejo e Caia, no Idylio que se intitula *Aglaia*, em que ha um pouco de calor sob as alegorias pastoraes.

No Soneto XXI da segunda Centuria descreve a sua viagem para o Rio de Janeiro: «Sahimos pela barra com bom vento... E surgimos com toda a gente boa — Aos sessenta do Rio na bahia.» N'esta mesma viagem seguia para o Rio de Janeiro um outro poeta, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, que usava o nome arcadico de *Eureste Fenicio*, e ia despachado Ouvidor para a comarca do Rio

---

[1] «D. Maria, por Graça de Deus Rainha de Portugal, etc. Faço saber aos que esta Carta de Padram virem, que tendo respeito a me representar o Bacharel Antonio Diniz da Cruz e Silva, haver servido nos logares de letras 15 annos, hum mes, e 6 dias no logar de Juiz de Fora de Castello de Vide, e no de Auditor do segundo Regimento de Infanteria da Praça de Elvas, contados com alguma interpolação de tempo desde 2 de Fevereiro de 1760 até 22 de Março de 1775, em que foi despachado no de Desembargador da Relaçam do Rio de Janeiro, para onde desejava ir condecorado com o habito da Ordem de Aviz; ao que tendo consideraçam e em satisfaçam dos referidos serviços houve por bem fazer-lhe mercê do habito da Ordem de S. Bento de Avis com trinta mil reis de tença effectiva, que se assentarão nos Almoxarifados do Reino, em que couberem, sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição, com o vencimento na forma de minhas reaes ordens, dos quaes logrará doze mil reis a titulo do referido habito da Ordem de S. Bento de Avis, que lhe ti-

das Mortes. [1] E' natural que os dois poetas, n'esse contacto forçado de sessenta dias, communicassem os seus sentimentos e gosto litterario, tornando assim mais tremenda a fatalidade que juntou depois os seus dois nomes na historia. Diniz não era simplesmente um jurisconsulto; tinha curiosidades de espirito que o impelliam para as investigações da philosophia natural. O Brasil era um mundo cheio de surprezas para aquella intelligencia observadora. Nos seus versos abundam as referencias ás extraordinarias regiões que visitava, referencias que lhe enchem a biographia, n'este primeiro periodo da sua permanencia no Brasil de 1776 a 1789. Elle consagra varios Sonetos á *Serra de Parati*, e *Sobre as grandes montanhas que se encon-*

---

nha mandado lançar. Palacio de N. Sr.ª da Ajuda em 6 de Agosto de 1776. Ayres de Sá e Mello. Por Decreto de S. Mag.de de 3 de Outubro de 1787 e supplemento de 5 de Septembro de 1788. Tendo consideração a me representar o Bacharel Antonio Denis da Cruz e Silva haver sido deferido pela Portaria escrita na lauda retro com a mercê do habito da Ordem de S. Bento de Avis, e 30 mil reis de Tença effectiva, deseja renunciar dezouto mil reis da mesma Tença a favor de D. Antonia Barbara de Carvalho, ao que attendendo houve por bem e por graça conceder-lhe faculdade para que possa renunciar em D. Antonia Barbara de Carvalho os dezouto mil reis da Tença effectiva restantes dos trinta mil reis com que o habito da Ordem de S. Bento de Avis foi deferido por Portaria de 6 de Agosto de 1776, que não teve effeito até ao presente, por haver feito a renuncia dos referidos dezoito mil reis da tença na sobredita Dona.»

(Mercês de D. Maria I, Liv. 24, fl. 55 *v.*)

[1] Innocencio, *Archivo pittoresco*, I p. 388.

tram indo de Parati, até ás margens do caudaloso Rio Paraiba, sobre a *Cidade de San Paulo*, sobre a *Villa de San Vicente, n'outro tempo Cabeça da Capitania de San Paulo*, sobre *o grande salto que fórma o Rio Tieté junto á Villa de Itu*, sobre a *Serra dos Orgãos*, sobre *o morro de Villa Rica*, sobre o *Rio Jiquitinhonha*. A epoca em que Diniz visitára San Paulo, fixa-se em 1788, aonde foi mandado fazer uma syndicancia aos actos do Capitão general Martim Lopes Lobo de Saldanha, contra o qual se formaram muitas queixas. A impressão dos phenomenos da natureza brasileira actuava sobre a sua imaginação, libertando-o do maravilhoso convencional da Mythologia e revelando-lhe na realidade surprehendentes *Metamorphoses*, mal idealisadas em velhos moldes poeticos. Governava então o Brasil o Vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, homem cultivado e consagrador das letras; Diniz exalta-o nos seus versos (I, 139, 154 e 299.) A noticia da morte prematura do esperançoso principe Dom José chegou ao Brasil; e essa data lugubre de 21 de Septembro de 1788, tão celebrada pelos poetas portuguezes, especialmente pelos que se constituiram na *Academia de Humanidades*, tambem inspirou a Diniz uma serie de seis sonetos. Se elle não esquecia as cousas de Portugal, tambem o seu nome era lembrado entre os homens cultos, que o inscreveram entre os socios fundadores da *Academia das Sciencias* fundada em 1779. Não é este facto sem importancia; justifica o pensamento de Aragão Morato, que considerava a Arcadia lusitana continuada na Academia real das Sciencias.

Terminado o exercicio na Relação do Rio de Janeiro, foram estes treze annos os mais serenos da sua vida litteraria, por nada lhe ter occorrido de extraordinario na carreira de magistrado. Regressou á metropole em 1789, sendo por decreto de 22 de Agosto d'este anno despachado Desembargador da Relação e Casa do Porto; para o que lhe foi passada carta regia em 4 de Septembro de 1789. [1] Da Relação do Porto foi pouco tempo depois promovido para a Casa da Supplicação por decreto de 21 de Junho de 1790 e carta regia de 5 de Julho. Commentando o Soneto XCI da terceira Centuria, escreveu o poeta ou o seu editor: «No anno de 1790, achando-se o Autor em Lisboa, recebeu uma Ode anonyma, feita á Rainha N. S. debaixo

---

[1] «Dona Maria, etc. Faço saber aos que esta minha Carta virem, que tendo consideração ao bem que me tem servido o Bacharel Antonio Deniz da Cruz e Silva; Hey por bem fazer-lhe mercê de o nomear Desembargador da Relaçam e Casa do Porto, para n'ella ter exercicio em logar ordinario, o qual logar elle servirá assim e da maneira por que o servem os mais Desembargadores da mesma Casa — (o mais relatorio d'esta Carta, o Presidente, Secretario, official, Chanceller, Vedor, e pagamento, não pagar novos direitos por ter servido de Desembargador da Bahia, tudo é o mesmo que o de folhas 77, que se deve aqui encorporar com a differença seguinte. = feita esta a 4 de Setembro de 1789. — A Rainha = passada pela Chancellaria a 17 de Septembro de 1789 — data do Decreto tambem he a mesma da dita de fl. 77.) —

A Carta que serviu de modelo era passada ao Desembargador Lourenço Antonio de Gouvêa, que acabára de servir na Relação da Bahia. Por imperfeita leitura se inferiu erradamente que Diniz «servira na Relação da Bahia e não na do Rio de Janeiro.»

do seu sobrescrito; conheceu o mesmo Autor que era letra da Illustrissima e Excellentissima Condessa de Vimieiro, e lhe fez este Soneto, que lhe remettèu da mesma forma.» No Soneto falla em D. Thereza de Mello Breyner, cujo talento poetico proclama:

> Cantas e ser não queres conhecida?
> Crês talvez occultando o nome, ufana,
> Que é de Breiner a voz desconhecida.

Seria n'esta rapida passagem por Lisboa que Diniz renovou as relações de amisade com José Basilio da Gama, louvando-lhe o seu pequeno poema *Quitubia*, e que escreveu o soneto jocoso ao arcade Feliciano Alves da Costa, como despachado juiz para Benguela. (Sonetos, p. 278 e 330.)

Mas a fatalidade não o deixava parar em Lisboa, [1] e circumstancias extraordinarias o forçaram a voltar outra vez ao Brasil, com uma missão tremenda de implacavel justiça. Chegára a Lisboa a noticia de uma conjuração na Capitania de Minas; immediatamente por decreto de 17 de julho de 1790 foi nomeado Chanceller da Relação do Rio de Janeiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, com dois desembargadores, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Antonio Gomes Ribeiro, para irem julgar summariamente os réos da pretendida conspiração, partindo na fragata Golfinho em 15 de Outubro d'esse anno de 1790. Pelo terror se visava abafar o influxo

---

[1] Morava então na rua Formosa.

da nascente Republica norte-americana e da Revolução franceza.

Da cadeia de Villa Rica (Ouro Preto) foram transportados para a cadeia do Rio de Janeiro os trinta e dous individuos suspeitos pela denuncia do coronel Joaquim Silverio dos Reys; carregados de ferros fizeram uma jornada de mais de trita e outo dias, chegando alguns d'elles a não cumprirem sentença por terem morrido em consequencia d'estas violencias e máos tratos. A morte de Claudio Manoel da Costa succedeu antes da partida dos accusados para o Rio de Janeiro, attribuindo-se com perfidia a ter-se suicidado. O julgamento conservou as velhas fórmas cesaristas, mandando que os descendentes dos réos ficassem infamados, confiscados os seus bens, arrasadas as casas e salgado o chão onde haviam sido edificadas! Por isto se póde avaliar o espirito de justiça que presidiu a tal julgamento. Diniz foi implacavel com esses desgraçados envolvidos em uma conspiração phantastica; fallaremos apenas nos que são notaveis pelas suas obras litterarias, em Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, e Alvarenga Peixoto.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

Nasceu na Villa do Ribeirão do Carmo (depois cidade de Marianna) a 6 de junho de 1729; sua familia pertencia á provincia de San Paulo e viera estabelecer-se na Capitania de Minas: eram seus paes João Gonsalves da Costa e D. Thereza Ribeiro Alvarenga. Frequentou as humanidades no Collegio

dos Jesuitas no Rio de Janeiro, vindo completar a sua educação em Coimbra, onde se formou em Canones em 19 de Abril de 1753. Demorando-se na Europa, pelo menos até 1765, assistiu á fundação da Arcadia de Lisboa, e viajou pela Italia, sendo recebido na sua passagem em Roma como árcade com o nome de *Glauceste Saturnio.* Regressando ao Brasil em 1765, estabeleceu-se como advogado em Villa-Rica de Albuquerque; n'esse remanso da vida cultivava a poesia e inspirava-se das doutrinas do criticismo dos Encyclopedistas e das theorias economicas de Adam Smith, circumstancias que por força o haviam de tornar de futuro suspeito ao governo imbecil e tenebroso dos Vice-reis.

Em 1780 acceitou o poeta o logar de Secretario da Capitania a pedido do capitão general Luiz Diogo Lobo da Silva, conservando-o até 1788, quando começou a governar o Conde de Barbacena; mas as violencias fiscaes sobre os exploradores das minas, conhecidas pelo titulo de *imposto de capitação*, e decretadas da metropole pelo ministro Martinho de Mello e Castro, aggravadas pelos governadores, segundo o arbitrio de cada um, fizeram com que o poeta se retirasse da vida publica. Contra estas extorsões appareciam na colonia impetos de independencia, e estes sentimentos legitimos acharam ecco no coração dos poetos Gonzaga, Alvarenga e Claudio. Foi assim que teve origem essa tragedia de barbarismo com que se extingiu a chamada *Conjuração Mineira.* Os factos da Revolução franceza deslumbravam os espiritos e fortaleciam as consciencias com uma nova no-

ção de dignidade humana; a independencia da America em 1787, não podia deixar de atear esta labareda da liberdade tantos seculos abafada pelo cesarismo. As atrocidades contra os indiciados na *Conjuração mineira* foram adrede empregadas para afastar a hallucinação da independencia americana, e para fazer respeitar o bigotismo da reacção clerical de D. Maria I, que as ideias encyclopedistas exautoravam como ridiculo. Uma denuncia serviu para dar corpo á *Conjuração mineira*, sendo presos os trez poetas já nomeados, contra os quaes havia resentimentos antigos por causa das satiras intituladas *Cartas chilenas* contra a gerencia de Luiz da Cunha de Menezes. De quem seriam essas satiras? Uns attribuem-n'as a Gonzaga, outros a Alvarenga, e a suspeita de pertencerem simultaneamente aos trez, como se acreditava, não devia pouco influir no desastre em que os envolveram. No seculo XVIII ainda tinhamos a penalidade monstruosa, e os crimes politicos, hoje tão atenuados, eram classificados como lesa-magestade, sacrilegio e alta-traição, infligindo-se as penas mais infamantes e atrozes. Foram trez homens perdidos; Claudio Manoel da Costa appareceu morto na prisão, e para cumulo da infamia impuzeram a legenda de que se suicidára em 1789; Alvarenga morreu no carcere, e Gonzaga foi expirar nos presidios de Africa; a sentença condemnatoria tem todo o peso da ausencia de dignidade civil; declarava infames até á segunda geração os filhos dos desgraçados poetas envolvidos na conspiração. Claudio Manoel da Costa, um mez antes de completar

sessenta annos foi arrastado para o carcere do Segredo, preparado nas Casas do real Contracto das Estradas. Foi submettido ao interrogatorio a 2 de Julho de 1789, e na manhã do dia 4 lavrou-se um auto de corpo de delicto em como fôra encontrado morto.

Na *Lista das Pessoas que se acham presas em consequencia das noticias de que se premeditava uma conjuração etc.*, feita pelo juiz do interrogatorio o desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, vêm estes traços caracteristicos:

«O Dr. Claudio Manoel da Costa: era o sujeito em casa de quem se tratou de algumas cousas respeitantes á sublevação, huma das quaes foi a respeito da Bandeira, e algumas determinações do modo de se reger a Republica: o socio vigario da villa de S. José he quem declara nas perguntas formalmente, *o mais que ha* fóra d'isto *são indicios e ditos de ouvida:* mas este Réo tendo sido principiado a ser perguntado pelo Ouvidor de Villa-Rica, ha declarado algumas cousas, dizendo que as conversações eram de que podia fazer-se e não deliberadas que se fizessem, e logo se enforcou a si mesmo na prisão, ficando as perguntas injuridicas por falta de assistencia de tabellião e sem juramento quanto a terceiro; quando cheguei a Minas já isto tinha succedido, e fis que se acautellasse a respeito dos mais pondo as perguntas juridicas e validas.» [1]

---

[1] Doc. da Bibl. do Rio de Janeiro; ap. Dr. Teixeira de Mello, *Annaes da Bibl. do Rio de Janeiro*, vol. I, p. 384.

O que era essa phantastica Conjuração mineira transparece das palavras do juiz, «*são indicios e ditos de ouvida;*» e da parte dos réos, apenas se accusam de «*conversações.*» Em um officio de 11 de Dezembro de 1789 ao Vice-rei, pelo mesmo juiz desembargador Torres Coelho, o crime não encontra mais relevo:

«Incluza verá V. Ex.ª a lista dos Réos principaes. O Alferes da Tropa paga de Minas Joaquim José da Silva Xavier, foi quem espalhou a sediciosa proposição, de que podiam as Minas ser independentes, livres da sugeição real, e uma Republica, por que tinham em si todas as riquezas, todas as producções, e que toda a America podia ser livre; com estes discursos entrou a querer persuadir o povo, e a *desejar* com ancia que se pozesse em execução o seu designio.

«O Desembargador *Thomaz Antonio Gonzaga*, o coronel *Ignacio José de Alvarenga*, o conego Luiz Vieira da Silva, e o *Dr. Claudio Manoel da Costa* se *presumem* socios; e he certo terem-se feito alguns conventiculos em casa d'este ultimo tratando-se da conjuração; estes se presumem os Directores do systema e da legislação; na lista incluza verá V. Ex.ª a prova em summa que ha contra um, e a razão de se não poder achar mais clara.» Referia-se á Lista supracitada; era assim a justiça inquisitorial, fundava-se em presumpções, como o lobo da fabula julgando o cordeiro. Os manuscriptos do tempo, que eram do agrado do governo procuravam dar a essa Conjuração «*o caracter de veridica,*» mas no fundo via-se apenas um espectaculo de intimidação, para não

deixar discutir as fórmas do governo republicano da União, nem os factos que se passavam em França, no Brasil, sobretudo entre os homens que exerciam certo perstigio no povo. Coincidiu este expediente com os vexames dos Quintos, que se exigiam dos exploradores das minas, e foi assim um meio de pacificação preventiva.

A circumstancia do suicidio de Claudio Manoel da Costa tinha a vantagem de authenticar a existencia de planos subversivos, que elle extinguia com a sua propria vida, e por isso o assassinato do poeta no carcere na madrugada de 4 de Julho de 1789 foi uma tactica governativa. O juiz do interrogatorio não se esquece de dar o maior relevo a esta circumstancia, attribuindo a ella o não poder-se descobrir mais. O auto de corpo de delicto do morto feito pelo medico Paracatú e mandado emendar por auctoridade official por dizer que fôra *assassinado;* a tradição geral de que morrera *envenenado*, ou *suffocado por ordem superior por dous soldados*, e o facto veridico da substituição dos guardas do Regimento de Cavallaria de Minas, mandados retirar do serviço da prisão ás seis horas da tarde do dia 3 de Julho de 1789, sendo posta em seu logar outra guarda de policia, provam-nos que o poeta foi assassinado n'essa noite. E' este o facto fundamental conservado por um militar que fazia essa guarda, chamado Francisco Ribeiro de Andrade «ficando na crença de que a mudança da guarda fôra preparativo para a execução nocturna.» Depois da morte do infeliz Antonio José, esta é uma das maiores infamias praticadas pela

rasão de estado. Se Claudio Manoel da Costa fosse um espirito mediocre, merecia ainda assim a immortalidade do protesto, e de viver na historia como um Lesurques, que é a mancha da justiça napoleonica. [1]

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

Nasceu em fins do anno de 1748, na cidade do Rio de Janeiro; começou os seus estudos no Collegio dos Jesuitas, vindo para Coimbra onde se formou em Canones. Foi o seu protector em Portugal o celebre padre Manoel de Macedo, socio da Arcadia e prégador favorecido pelo omnipotente Marquez de Pombal. O P.e Macedo o fez admittir na Arcadia de Lisboa, onde teve o nome pastoril de *Eureste Phenicio*. Despachado para Cintra juiz de Fóra, aí serviu trez annos, sendo depois nomeado Ouvidor para a comarca do Rio das Mortes. Chegou em 1776 ao Rio de Janeiro, onde manteve estreitas relações de amisade com o vice-rei Marquez de Lavradio, a quem offereceu a traducção da *Merope* de Maffei, bastantes poesias originaes e um drama em verso *Eneas no Lacio*. Alvarenga Peixoto saiu do Rio de Janeiro para a sua Ouvidoria, e de San João d'El-rei conservou relações litterarias com o Marquez de Lavradio. Findo o seu tempo de ouvidor, renunciou á magistratura, casou e recolheu-se

[1] Consultámos para os factos essenciaes a biographia do poeta feita pelo snr. Dr. Teixeira de Mello, nos *Annaes da Bibl. do Rio de Janeiro*.

a uma fazenda, onde vivia da administração dos seus bens. Foi-lhe dado o posto de Coronel de cavallaria de milicias da campanha do Rio Verde.

Em 1786, durante o governo de Luiz da Cunha e Menezes, appareceram as celebres *Cartas chilenas*, attribuidas tambem a Gonzaga e a Claudio Manoel da Costa. Foi preso com estes seus amigos em 1789 por suspeito na Conjuração mineira, e da cadeia de Villa-Rica remettido para o Rio de Janeiro; pelo Accordam da Relação em Alçada de 18 de Abril de 1792 foi condemnado: «a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, e n'ella morra morte natural para sempre, e depois de morto lhe seja a sua cabeça pregada em poste alto no logar mais publico da villa de S. João d'El-Rei, até que o tempo a consumma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camára real.» [1] Esta sentença inaudita, que cahia sobre seus innocentes filhos e os espoliava dos bens paternos foi commutada por accordam de 2 de Maio de 1792 em degredo perpetuo para o presidio de Ambaca, em Angola. Partiu no mesmo navio que levava o mavioso Gonzaga, [2] e lançado no seu desterro aí morreu victima da severidade do governador de Angola em 1793.

Depois de dada a sentença contra os des-

---

[1] Ap. Pereira da Silva, *Varões illustres*, II, 86.

[2] Estudado em capitulo especial no volume dos *Dissidentes da Arcadia*.

graçados poetas em 18 de Março de 1792, entendeu o governo premiar Diniz nomeando-o Chanceller da Relação do Rio de Janeiro por decreto de 4 de Novembro de 1792. [1] Por esta forma viu-se forçado a prolongar a sua permanencia no Brasil, onde teve de julgar em 1795 uma outra *intentona*, carregando com a sua auctoridade sobre alguns poetas da *Arcadia Ultramarina.*

Os poetas e litteratos eram então considerados pelo governo como revolucionarios, e as suas reuniões suspeitas de sediciosas. Ainda lembrado da Conjuração de Minas, entendeu o Vice-rei do estado do Brasil, o Conde de Resende, abafar tambem uma revolução, e appareceu logo um denunciante contra a associação litteraria fundada no tempo do Vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa e sob a protecção do Bispo do Rio de Janeiro, e na qual figurava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga *(Alcindo Palmireno)* e Manoel José Pereira da Fonseca (o futuro Marquez de Maricá). Em 1794 dissolveu o conde de Resende essa pequena Arcadia e metteu na cadeia os seus membros, que ahi ficaram sem julga-

---

[1] Dona Maria, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem, que hey por bem fazer mercê ao Doutor Antonio Diniz da Cruz e Silva, Desembargador da Casa da Supplicação, do lugar de Chanceller da Relação do Rio de Janeiro, para o servir por tempo de seis annos, e o mais que decorrer em quanto eu não mandar o contrario, etc. Lx.ª dez de Dezembro de 1792 || O Princepe. || Luiz de Vasconcellos e Sousa, Presidente. Por Decreto de S. Mag.de de 4 de Novembro de 1792.

Registo de Officios e Mercês de D. Maria I, Liv. 44, fl. 92 *v.*

mento durante dois annos. A' força de requerimentos para a metropole, mandou o governo ao estupido Vice-rei que consultasse o Chanceller da Relação do Rio de Janeiro. Eis a informação dada por Diniz em 13 de Junho de 1797; que transcrevemos na integra por ser um singular documento:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Em consequencia do officio que V. Ex.a me enviou a 16 do corrente, lendo com toda a reflexão de que sou capaz, o outro officio que a V. Ex.a dirigiu o Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro e secretario de estado dos negocios ultramarinos, passo a expôr a V. Ex.a o que entendo a respeito da precisa alternativa que a V. Ex.a se impõe pelo referido officio: ou de remetter os presos de inconfidencia para Lisboa, ou de os soltar, no caso de entender, como no mesmo officio se espera, que as suas culpas se achem sufficientemente purgadas com o dilatado tempo da sua prisão. E para o fazer com a maior clareza, é preciso notar que contra nenhum dos mesmos presos se diz ou prova que elles entrassem no projecto da conspiração, sendo toda a culpa que se lhes imputa, e que contra alguns se prova, a de sustentarem em conversações particulares ou publicas: que *o governo da republica deve ser preferido ao da monarchia;* que *os reis são uns tyrannos oppressores dos vassallos*, e outras sempre detestaveis e perigosas, principalmente na conjunctura presente. N'este presupposto me persuado pelo que pertence aos presos Manoel Ignacio, professor de rhetorica, medico Jacintho, e Marianno José,

que V. Ex.ª os deve mandar soltar sem mais hesitações, pois que contra estes não ha maior prova na devassa, que o dito denunciante José da Silva Frade, perguntado n'ella com juramento e sustentado com o mesmo nas acareações com as referidas provas se fizeram, ainda que com alguma modificação, e as presumpções e argumentos que se podem tirar e fazer dos juramentos de algumas testemunhas; alguma tal ou qual contrariedade e inverosimilhança que se encontra nas respostas que deram ás perguntas que lhes foram feitas especialmente nas do mencionado professor de rhetorica, e a de se acharem na livraria d'este alguns livros, que a sã politica detesta, e entre elles o perniciosissimo que tem por titulo *Direitos do Cidadão*, do abbade Mably, que o mesmo professor, contra toda a verosimilhança negou ter lido. Accresce mais o achar-se entre os seus papeis uma Oração, em que se lê que fôra recitada na sua aula por um dos seus alumnos, em que se acham as proposições seguintes:

Que nenhum homem deve sujeitar a sua liberdade aos rigores de outro homem seu similhante.

Que é extraordinaria vileza e fraqueza de espirito a d'aquelle que chega a submetter-se inteiramente ás disposições de outro homem, devendo considerar que o mesmo que pretende opprimir e abater não recebeu do Creador uma alma mais perfeita.

Que são vis e fracos os que vivem encarcerados em tenebrosos carceres, etc.

«Presumpções todas que, ainda a serem estes réos sentenciados pelo modo regular,

me parece que se julgariam purgadas com os incommodos da sua longa e fatal prisão, e a que só, talvez, accrescentariam alguns mais escrupulosos a obrigação de sahirem d'este continente, pois que pelas mesmas presumpções se fazem n'elle suspeitosos.

«Pelo que respeita a outros presos: João Marques, professor de lingua grega, Antonio Gonçalves dos Santos, Francisco Coelho Solano, Francisco Antonio, João da Silva Antunes (contra os quaes se prova, que não só em conversações particulares, mas em logares publicos sustentavam *que o governo democratico era melhor que o monarchico*, que louvavam e approvavam a *instituição da Republica franceza*, e por ella mostravam uma desordenada paixão) e a José Antonio de Almeida, que se deu e confessou auctor da citada Oração, negando porém conhecer o veneno que ella continha, o que é facil de crêr; como tambem o não ser elle o auctor da Oração (ainda que o contrario tenazmente sustentou, sendo perguntado,) pois pelos seus verdes annos e pelo que disse seu mestre, o referido professor Alvarenga, nas perguntas que a este respeito se lhe fizeram, elle não era capaz de produzir as ditas proposições por si só, nem de as extrahir de algum livro, principalmente do citado Mably, onde as mesmas com pouca differença de palavras se encontram; pelo que respeita, digo, a todos estes presos, eu entraria em duvida, se, lendo uma e outra vez o referido Officio, me não persuadira de que as piedosas intenções de S. M. n'elle insinuadas eram as de que todos os presos fossem soltos, havendo por purgada a sua culpa

com o longo tempo de prisão. Ao menos, isto é,=que me parece se deve entender do mesmo Officio:=que no caso que o dito Marianno e seus companheiros se achem ainda presos, etc.,=e das outras;=mas achando V. Ex.ª, como é de esperar, que elles estão sufficientemente castigados, etc.,=sem que em contrario se possa oppôr que a esperança e opinião de S. Mag.de era esta, por não saber quaes sejam as culpas d'estes presos, por quanto V. Ex.ª deu parte da sua prisão á mesma Senhora, necessariamente a havia de informar dos motivos d'ella. Além de que achando-se na côrte de Lisboa, ao tempo que se expediu o referido Officio, o desembargador João Manoel Guerreiro, que servia de escrivão da devassa, é bem verosimil que S. Mag.de tomasse d'elle todas a sinformações que julgasse necessarias sobre este assumpto, e que elle as daria com a inteireza que cumpria. Pelo que me parece que em V. Ex.ª mandar soltar os ditos presos obra mais conforme á piedosa vontade de S. Mag.de

«Ao que accresce que, segundo a crise, em que actualmente se acham os governos publicos da Europa, me parece mais prudente e util ao serviço de S. Mag.de escolher antes o soltar os presos, ainda que, contra a esperança de S. Mag.de não estivessem condignamente castigados, do que expôl-os, remettendo-os com as culpas, a serem apresados pelos Francezes, e a virem estes ao conhecimento de que os seus abominaveis principios têm apaixonados n'este continente. Sendo certo que, para se enviarem com mais segurança, seria necessario o dilatarem-se por muito mais tempo em suas prisões, contra a

vontade de S. Mag.de tão significantemente declarada no mesmo Officio.

«Este é o meu parecer, do qual o profundo discernimento de V. Ex.a fará o uso que julgar convém melhor ás intenções de S. Mag.de e seu real serviço.

«A pessoa de V. Ex.a guarde Deus muitos annos. Rio, 18 de Junho de 1797. Do Chanceller da Relação *Antonio Diniz da Cruz e Silva.*» [1]

N'este processo destaca-se a figura do poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, *(Alcindo Palmireno)* que figurára com Diniz na ultima sessão da Arcadia. Elle em 1774 tivera a iniciativa de publicar na lingua portugueza o poema heroi-comico *O Desertor*, em que celebrava a reforma da Universidade de Coimbra pelo Marquez de Pombal, e ridiculisava o decahido Scholasticismo. Era um *pombalista* exposto ás reacções do intolerantismo de D. Maria I; Diniz, que soffria do mesmo achaque, tinha de se mostrar severo; no interrogatorio que Diniz fez na fortaleza da Conceição a Silva Alvarenga manifestou certo rancor, como se deprehende dos extractos do processo, dos quaes diz Ramos Coelho: «Confessamos que esses fragmentos tirados do proprio processo nos causaram desagradavel sensação. Não queriamos Diniz n'aquelle logar;... O que é certo é que a sorte parecia apostada a comprometter n'es-

---

[1] *Revista trimensal*, do Inst. hist. e geog. do Brasil, t. XXVIII, p. 137. Ramos Coelho, ed. do *Hyssope*, p. 46.

te particular o auctor do *Hyssope* com a posteridade, pois o constituiu juiz em dous processos onde se encontravam tantos cultores das musas.» (*Ib.*, p. 394.) As leis penaes eram cannibalescas, e a rasão de estado ainda mais medonha; Diniz era apenas um agente da auctoridade, á qual nem sempre agradára.

Em contacto com um Vice-rei impetuoso e por natural estupidez inimigo de todos os homens de intelligencia, teve Diniz um desgostoso conflicto, que por certo amargurou os seus ultimos annos e lhe accelerou a morte. Em um dia de recepção de gala por occasião do anniversario do Princepe do Brasil, não foi Diniz comprimentar o Vice-rei; este pediu explicações, e o Chanceller da Relação do Rio de Janeiro, escreveu-lhe que esse acto era facultativo, não conhecendo lei alguma que o tornasse obrigatorio, e que a sua omissão em nada tocava nos sentimentos com que fielmente servia a monarchia. O Vice-rei participou o caso para o governo da metropole, e o ministro dos negocios ultramarinos ordenou que Diniz fosse á presença do Vice-rei para receber a respectiva reprimenda. [1] Venturosos tempos. Comprehende-se que em um temperamento melancholico, como o de Diniz, fosse profundo este vexame, sendo elle a primeira auctoridade judicial do Brasil. A sua nomeação em 13 de Maio de 1798 para o Conselho Ultramarino, motivava prompto regresso a Portu-

[1] Consta este facto dos documentos do *Archivo Ultramarino*, que se guarda na Bibliotheca nacional. O general Brito Rebello tenciona publical-os.

gal, afastando-o com distincção do contacto do boçal Vice-rei, presidente da Junta do Real Erario, de que Diniz era Deputado. Morava o poeta na freguezia de San José, quando succumbiu em 5 de Outubro de 1799, emquanto esperava regressar á patria. Ainda era viva sua pobre e desamparada irmã D. Anna Mathilde do Paraiso, professa no convento de Santa Clara de Santarem; foi ella a herdeira da tença pelos serviços do magistrado. [1] As suas Obras ficaram ineditas no Rio de Janeiro, e por curiosidade trazidas para Portugal, salvaram-se pela imprensa em

---

[1] O Des.or Antonio Denis da Cruz e Silva.

«Eu o Princepe Regente. Faço saber aos que este Alvará virem, que em contemplação dos importantes serviços que me fez por espaço de 40 annos o sobredito em diversos logares até o de Chanceller da Relação do Rio de Janeiro, em que faleceu provido em um logar do Concelho Ultramarino alem de varias diligencias extraordinarias, sem deixar outros legitimos herdeiros a favor de quem possa e deva realisar-se acção d'elles senão sua unica e desamparada irmã D. Anna Matilde do Paraiso, religiosa professa no Convento de Santa Clara de Santarem, onde vive em grande necessidade, houve por bem fazer-lhe mercê da tensa annual de cento e cincoenta mil reis no rendimento da Obra Pia, de que se lhe passará Alvará com o vencimento de 11 de Janeiro do corrente. Data d'esta mercê, em cumprimento do que Hey por bem fazer mercê á dita D. Anna Matilde do Paraiso de cento e cincoenta mil reis de tensa por anno no rendimento da Obra Pia, com vencimento de 11 de Janeiro de 1803. Lx.a 2 de Maio de 1803. — Princepe — Por Portaria de 2 de Março de 1803. (Registado em 4 de Junho de 1803.)

(Registo das Mercês do Princepe Regente, vol. 4, fl. 54 *v.*)

uma época em que a litteratura e a nação estavam em completa decadencia.

Sente-se na obra de Diniz a expressão de um bello temperamento poetico, enfraquecido e mesmo prejudicado pela preoccupação da imitação classica; quando a palavra traduz o sentimento natural, attinge a perfeição artistica, mas raramente se liberta das comparações mythologicas e das allegorias pastoris, que desafinam e tornam falsa ou banal a mais sincera emoção. Como todos os espiritos do seculo XVIII, Diniz não comprehendeu a poesia classica, e apenas reproduziu inconscientemente as formas do *Dithyrambo* e da *Ode pindarica.* O Dithyrambo era um germen epico, em que a acção do Heroe que se affirmava na catastrophe conservava no seu triumpho e nas acclamações gloriosas a nota triste da fatalidade. D'essa forma simples, que exprimia a hallucinação da dor, desenvolveu-se a Tragedia grega, e mesmo a Ode nas festas agonisticas conservou na consagração dos vencedores esse tom fatidico que constitue o lyrismo de Pindaro. Diniz fez Dithyrambos, exprimindo nas formas metricas e nas phrases os desvarios da exaltação bacchica: e nas Odes pindaricas fez em verso biographias de varões da historia portugueza com sopradas imagens. Era a consequencia do pseudo-classicismo. A parte viva e immortal da sua obra é a que n'um seculo do despotismo que expirava, deu expansão ao protesto pelo sarcasmo.

Bibliographia das Obras de Diniz

IMPRESSAS

1767

Na collecção *Santos Patronos*, vem quatro Hymnos assignados *Elp. Nonac.*, dedicados a — S. Donato, Martyr; S. Simeão Estilita; Santo Africano, e Santo Audoeno, (p. 52 a 58.) Foram incorporados na edição das *Poesias*, t. III, p. 265 a 271.

1771

Idylio pastoril aos desposorios do Ex.^mo Sr. Manoel Bernardo de Mello e Castro, etc. In-4.º

1774

Dithyrambo para cantar-se a tres vozes na Sessão academica, que hade celebrar-se em applauso do Ill.^mo Ex.^mo Sr. Marquez de Pombal, etc. Lisboa. Officina Regia. In-4.º

1775

Ode á inauguração da Estatua equestre. Lisboa, In-4.º

*

Ode ao Conde de Lippe. (Em agradecimento o illustre princepe offereceu ao poeta uma medalha de ouro, á qual allude no Idylio XXIII. Guarda-se um exemplar na Academia das Sciencias.)

1789

Na Collecção das Obras poeticas dos melhores Authores, t. I, p. 257, vem o Idylio piscatorio *Tresea*, ou o VII de Diniz, e o Idylio XI.

1801

Odes pindaricas posthumas de Elpino Nonacriense. Coimbra. Na Imprensa da Universidade. (Com todas as licenças necessarias.) In-8.º pequeno oblongo, de 258 pp. e 2 de indice. Contém 34 Odes, tiradas do original de Diniz, e da copia do Bispo de Portalegre.— A edição de 1814-1817 tem 44 Odes.

1802 (1.ª edição)

O Hyssope, poema heroi-comico. Londres. In-8.º pequeno. (E' verdadeiramente edição de Paris.— Prohibida em Portugal com dez annos de degredo. O poema consta de 8 cantos.)

1807

Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva, na Arcadia de Lisboa *Elpino Nonacriense.* Lisboa, Typ. Lacerdina.

Tomo I — Contém os Sonetos (1807.)
Tomo II — » os Idylios (1811.)
Tomo III — » Poesias lyricas (1812.)
Tomo IV — » Poesias varias (1814.)
Tomo V — Primeira parte das Odes Pindaricas (1814.)
Tomo VI — Segunda parte » » » (1817.)

Edição organisada pelo academico Dr. Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato sobre os manuscriptos de Diniz trazidos do Brasil, em poder do conego Figueiredo, sobre a collecção da bibliotheca da Casa de Vimieiro; manuscriptos originaes de Diniz pertencentes ao marechal de campo Mathias José Dias Azedo; manuscriptos do Principal Castro, P.e José Francisco de Borja; e apontamentos originaes de Diniz pertencentes a Francisco Soares de Araujo e Silva. O sabio editor não publicou todos os manuscriptos, taes como as *Jorna-*

das, romance pastoril em prosa e verso; o drama musical *A Degolação do Baptista; Lôa a Sam Sebastião*, em portuguez e castelhano; traducção do canto funebre de David á morte de Saul; outra do *Aminta* de Tasso, e Discursos em prosa sobre o uso da Mythologia, e á Conceição immaculada.

1808 (2.ª edição)

O Hyssope. Poema heroi-comico. Lisboa. Na Typographia Rollandiana. (Com licença). In-8.º peq. 128 pp.

E' reproducção da de 1802, feita no tempo da invasão franceza em Portugal, e supprimida rigorosamente depois da sua expulsão em Septembro d'esse anno, sendo por isso rara.

1809

Na *Collecção de Poesias ineditas dos melhores Autores portuguezes.* Lisboa. Na Imprensa regia. Anno 1809 (Com licença da Mesa do Desembargo do Paço). In-16.º de 191 pp. Contém de pag. 10 a 83, vinte e seis pequenas Odes de Diniz. Foram incorporadas no tomo III das *Poesias*, de paginas 120 a 148, com outras Odes anacreonticas.

1817 (3.ª edição)

O Hyssope, com variantes. Paris. Offic. Bobée. In-12.º, de XXIV-137 pag.

Feita por Thimotheo Lecussan Verdier sobre o texto de 1802, com retoques tirados de alguns manuscriptos, e variantes apontadas no prologo.

1821 (4.ª edição)

O Hyssope. Paris. In-12.º. De xxx-198 pag.

Foi dirigida pelo mesmo Verdier, incorporando no texto as variantes que colligira na anterior. Verdier queixa-se de ter sómente obtido um manuscripto do *Hyssope*, e que «poucos foram os homens litteratos que guiar-nos quizeram pelos seus conselhos e com suas luzes...» Accrescentou-lhe algumas notas importantes.

1828

Le Goupillon. Trad. de Boissonade, Paris, chez Verdier. In-12.º grande.

1834 (5.ª edição)

O Hyssope. Paris. In-32.º (Vem no tomo VI do *Parnaso lusitano*, impresso em Paris, sob a direcção de José da Fonseca.) E' reproducção do segundo texto de Verdier.

1834 (6.ª edição)

O Hyssope. Lisboa. In-16.º Feita por Nunes Esteves, em máo papel e incorrecta, reproduzindo o texto da rollandiana.

1867

Le Goupillon, poème etc. 2.e édition, revue et précedée d'une notice sur l'auteur, par Mr. Ferdinand Denis. Paris. 18.º gr.

1876 (7.ª edição)

O Hyssope, poema heroi-comico. Barcellos. (Feita pelo Dr. Rodrigo Velloso, reproduzindo a edição de 1817, com bastantes notas.)

1879 (8.ª edição)

O Hyssope — Edição critica, disposta e annotada por J. Ramos Coelho — com um prologo ácerca do Auctor e seus escriptos, acompanhada de Variantes e illustrada com desenhos de M. de Macedo, e gravuras de Alberto, Hildibrand, Pedroso e Severini. — Ed. da Empreza do Archivo Pittoresco. Lisboa. Typ. Castro Irmão. 1 vol. in-8.º grande, 461 pag.

Em 1855, em uma biographia de Diniz publicada no *Archivo pittoresco* por Innocencio, indicava elle os valiosos materiaes que possuia para fazer uma edição do *Hyssope* ricamente annotado. A morte embaraçou-o n'este plano, mas Vicente Jorge de Castro encarregou de realisar essa edição ao snr. Ramos Coelho. Para a parte biographica consultou a Chancellaria da Ordem de Avis, as Informações do Desembargo do Paço, Chancellarias de D. José e D. Maria I, e as Cartas do Deão Lara a D. Fr. Manoel do Cenaculo. Para o texto consultou os manuscriptos do *Hyssope* tendo *sete cantos*, que se guardam na Bibliotheca nacional, e tendo *outo cantos*, da Torre do Tombo, Academia das Sciencias e Universidade, e por ultimo o exemplar da Livraria da Ajuda.

Incorporando no texto de 1821 todos os melhores versos achados nas outras edições, e nos manuscriptos consultados, Ramos Coelho fez um texto *composito* a seu gosto, como confessa: «tivemos de substituir o poeta... imprime-se esta nova edição do celebre poema de Diniz *muito melhorada:* com pontuação correcta, *epithetos mais adequados*, melhor intelligencia de muitas passagens, *maior nu-*

mero de versos, alguns d'estes andavam errados, restituidos certos, finalmente *emendada em mais de duzentos e cincoenta logares*, que tantas foram as variantes que preferimos.» (P. 79.) E' valiosissima a edição, postoque o texto seja um tanto facticio, e os desenhos em certa fórma a deslustrem.

MANUSCRIPTOS

1.º

Collecção original das Obras de Diniz, a mais antiga e a menos correcta, a qual existe hoje em Coimbra, (1811); tem enfadonhas alterações e emendas que successivamente lhe foi fazendo, e é carregada de variantes, que despresou nas outras duas copias. — Continha a Novella *Jornadas*, em prosa e verso (não se imprimiu.) 2 vol., um in-folio, outro in-4.º, trazidos do Rio de Janeiro em 1800 pelo conego da sé de Coimbra Manoel de Figueiredo. D'elles escreveu Morato: «eram o borrador onde o Poeta primeiro lançava as suas composições, parte das quaes ia depois polindo e acabando, desprezando as outras com o mesmo Livro, em que as havia escripto. — Algumas d'ellas tem a data do anno de 1754 (ainda antes do estabelecimento da Arcadia) e ainda dois Sonetos do anno de 1750 (tempo em que Diniz começou a poetisar, quando contava dezouto annos de edade); em nenhuma parte se encontra data posterior ao anno de 1783.»

2.º

Collecção original das Poesias de Diniz — que o Author offereceu á Ex.ma Condessa de Vimieiro. — Exemplar retocado nos ultimos annos da vida do poeta, por ventura quando esteve em Lisboa em 1790.

3.º

Poesias de Diniz.— Collecção escripta toda da propria letra do Author, e remettida do Rio de Janeiro depois da sua morte. Possuia-a o marechal de campo Mathias José Dias Azedo. Continha os Dithyrambos, e as Odes anacreonticas, Epigrammas, e Apologos. E' uma transcripção melhorada e completada do primeiro autographo. 2 volumes, um in-4.º, e outro in-8.º Foram trazidos do Rio de Janeiro pouco depois da morte de Diniz pelo Desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha. O Livro in-4.º possuiu-o o Principal Francisco Raphael de Castro; o Livro in-8.º pertencia ao P.e José Francisco de Borja.

4.º

Copia das Poesias de Diniz, da segunda Collecção autographa, extrahida pelo Bispo de Portalegre; e tambem de um volume de Sonetos que Diniz tinha em seu poder no anno de 1789.

5.º

Apontamentos originaes de Diniz, em poder de Aragão Morato, contendo poesias que ficaram fóra das tres Collecções autographas.— Continha doze *Metamorphoses,* e fragmentos da comedia *O falso Heroismo* (de que houve copia especial);— outras duas partes em poder de Francisco Soares de Araujo e Silva.

6.º

Texto original das *Metamorphoses* de Diniz, conservado por Luiz Botelho de Gouvêa.— D'elle tirou uma copia o marechal de campo Dias Azedo.

7.º

Copia apographa da tragedia *Iphigenia em Tauride,* (desfigurada por ignorancia ou excessiva incuria de quem a escreveu).

8.º

Collecção das 44 *Odes pindaricas* trazidas do Rio de Janeiro para Lisboa. (Em poder do Principal Castro.) Carregada de Variantes. As Notas da Collecção autographa das Odes não foram transcriptas n'esta copia.

9.º

O Hyssope, poema heroi-comico.

Não se conhecem textos autographos. Existiram as copias de:

— Francisco José da Silveira Falcato
— Antonio Mendes Sacchetti, thezoureiro-mór da sé de Elvas
— Theotonio Gomes de Carvalho
— Conde de Oeiras
— Dr. Caetano José Vaz de Oliveira.

Constava de *sete cantos;* o poeta desenvolveu-o e deu-lhe a fórma definitiva quando esteve pela primeira vez no Rio de Janeiro, communicando em 1790 ao seu amigo Falcato o texto do poema em *outo cantos*, d'onde foram extrahidas numerosas copias até á edição de 1802

Na edição de Ramos Coelho podem vêr-se apontadas as variantes de dez copias do *Hyssope*, que elle collacionou cuidadosamente, extraíndo de algumas curiosissimas notas historicas para a intelligencia do poema.

O Hyssope — Manuscripto da Bibliotheca da Ajuda: contém *sete cantos*, todos pela mesma letra; tendo intercalado por outra letra parte do canto IV e quasi todo o V, para ampliar o poema a *outo cantos*. Tem emendas por letra de Diniz, embora poucas e insignificantes.

FIM

INDICE

—

A ARCADIA LUSITANA

Pag.

PRELIMINAR V

A ARCADIA LUSITANA

Espirito revolucionario do seculo XVIII 9
Transição da phase mental para a social . . . 10
A crise na Inglaterra e Allemanha (Nota) . . . 10
Os Litteratos substituindo os Metaphysicos e os Legistas 12
Sua situação deprimente em Portugal 14

I

A corrente seiscentista e os antecedentes da Arcadia

§ I. As Academias litterarias no seculo XVIII

O Humanismo sob o ensino dos Jesuitas . . . 15
Culteranismo, Concettismo, Preciosismo e Euphuismo 16
Renovação litteraria pela Philologia 17
Lucta contra o ensino jesuitico 17
O Conde da Ericeira e suas relações com Boileau 19
— academico *Instantaneo* aos outo annos . . . 21
— Litteratos da sua familia 22, 24

Pag.

Academia dos *Generosos* (1647) renovada em 1693 25
— toma em 1696 o titulo de *Conferencias discretas* ou *eruditas* 25
— extinguem-se em 1703 27
Renascem as *Conferencias discretas* em 1714 com o titulo de *Academia dos Anonymos* . . 29
Lista dos socios da *Academia dos Anonymos* . 31
Academia portugueza, renovação dos *Generosos* em 1717 33
Imitação da Academia franceza 34
As Academias dos *Illustrados* e dos *Anonymos* fundem-se na *Academia portugueza* . . . 35
—sua transformação na *Real Academia da Historia portugueza* 35
A *Academia do Nuncio* (1715-1716) 36
Lista dos Academicos do numero da *Academia real da Historia* 38
— Privilegios d'esta Academia 39
— Seus trabalhos importantes 42
A monomania das Academias litterarias . . . 43
Academia do Infante D. Antonio 43
Continuidade da *Academia dos Generosos* até á *Arcadia lusitana* e *Academia das Sciencias* 44
Perstigio da *Arcadia de Roma* em Portugal . . 45
Socios portuguezes d'esta Arcadia 46
Palacio dado por D. João v á *Arcadia de Roma* 49
Denominado Pastor *Albano* n'essa corporação . 50
D. João v protege as quatro Academias dos *Escolhidos*, *Applicados*, *Anonymos* e *Occultos*. 52
Academia problematica, de Setubal (1721) . . 53
— *dos Laureados*, de Santarem 53
— *Tyroens braccharenses* 53
— *Vimaranense* 61, 53
— *Scalabitana* 54
Lista dos academicos *Applicados* (1724-34) . . 54
Academia dos Unidos, da Torre de Moncorvo . 56
Parodia da *Academia dos Fleugmaticos* . . . 58
Academia dos Engenhosos Braccharenses (1744) 61
— *Vimaranense* 63, 64
— *Infecundos* 62
Lista dos socios da *Academia dos Escolhidos* (1742) 66
O Certame pelas melhoras de D. João v . . . 69

Pag.
Egual festa poetica na Arcadia de Roma . . . 77
Commemoração do Conde da Ericeira em 1744 pelas principaes Academias 78, 81

§ II. **O pseudo-classicismo francez e a protecção real na Litteratura.**

A bajulação do Cesarismo 81
A opulencia de D. João v, e a miseria de Portugal 84
Os precursores da Encyclopedia 87
Indignidade do escriptor em Portugal 89
Academia dos Domesticos 89
Os pseudonymos dos Escriptores portuguezes . 90
Sensualidade de D. João v 92
O Molinismo na religião 95
Degradação moral da sociedade portugueza . . 97
Estado de decadencia da Poesia 99
Anagrammas e Equivocos 100
Chronogrammas, Eccos, Acrosticos 101
Labyrintos lipogrammaticos. 101
Consoantes forçadas 102
O Cartesianismo actua na reforma da Litteratura 103
Influencia do gosto francez em Portugal . . . 104
Pina e Mello segue esse influxo 106
Candido Lusitano e o Capitão Manoel de Sousa seguem o classicismo francez 108
As ideias francezas combatidas 109
Esforços para uma reforma litteraria desde Verney até á Arcadia lusitana 110

II

Garção e a sua acção litteraria

Reacção contra o delirio das Academias . . . 111
Parte que compete a Garção n'este esforço . . 112

§ I. **Garção e a Academia dos Occultos**

A biographia de Garção e o meio social . . . 113
Origem plebeia do pae de Garção 114
Informações do Santo Officio 115
Relações da mãe do Poeta com a aristocracia . 118
Os numerosos irmãos de Garção 122
A primeira educação do poeta 129
Os Estorninhos das Escholas dos Jesuitas . . 130

Pag.
Estudos juridicos na Universidade de Coimbra 134
Quadro do meio academico 135
Frequencia de Garção de 1742 a 1748 138
Em 1745 coopéra na inauguração da *Academia dos Occultos* 141
O seu juizo sobre esta Academia 142
Primeiro nucleo da Arcadia 143
O *Journal des Sçavants* dá noticia da *Academia dos Occultos* 145
Certame dos *Occultos* em 1749 147
Academicos que tomaram parte n'elle 148
Celebra a morte de D. João v 152
Casamento de Garção em 1751 153
Posse do Officio de Escrivão do Consulado da Casa da India 155
Rendimento d'este officio (nota) 158
A Quinta da Fonte Santa 159
Relações de Philippe Corrêa da Silva com o irmão do Marquez de Pombal 159
Embaraços para se lançar a Garção o habito de Christo 162
Lista dos socios da *Academia dos Occultos* . . 167
A Falla do Infante D. Pedro, escripta para esta Academia em 1754 170
O terremoto do 1.º de Novembro de 1755 . . 172
Morte do pae do poeta 172
Testemunho contemporaneo 173
A Ode de Garção ao Conde de Oeiras 175
O terremoto assignalou uma nova época . . . 177

§ II. **Garção e o quinquennio da Arcadia**

Ideia da fundação de uma nova Sociedade de Eloquencia e Poesia 178
Os tres iniciadores da *Arcadia Lusitana* . . . 179
Primeira reunião em 11 de Março de 1756 . . 179
Diniz encarregado de formular as bases . . . 180
Leitura dos Estatutos em 23 de Setembro de 1756 180
Inauguração em 19 de Julho de 1757 181
Convite de Garção, Manuel de Figueiredo e Valladares e Sousa 183
Prognosticos contra a vitalidade da Arcadia . . 185
Subsidios para o estudo da *Arcadia lusitana* . 187

Pag.

A) PROJECTO PARA O ESTABELECIMENTO DE UMA NOVA ACADEMIA COM O NOME DE ARCADIA (Texto dos Estatutos) 189, 205

B) CATALOGO DOS SOCIOS DA ARCADIA. 206

Foi el-rei D. José socio da Arcadia? 206
A Arcadia não teve protecção regia 207
Socios que formaram o primeiro nucleo da Arcadia 210
Socios eleitos depois de 1757 223
Socios depois da Restauração da Arcadia em 1764 224
Arcades da ultima sessão de 1774 228

C) CONFERENCIAS E SESSÕES DA ARCADIA. 229

1756.— 11 de Março 231
— — 15 de Agosto; 20 de Agosto; 30 de Septembro. 232
1757.— 12 de Julho (Primeira Conferencia) . . 232
— — 22 de Julho; 26 de Agosto 234
— — 30 de Septembro. 235
— — 29 de Outubro 236
— — 7 de Novembro 238
— — 8 de Dezembro 240
— — 28 de Dezembro 241
1758.— 16 de Janeiro; 31 de Janeiro 243
— — 11 de Março 244
— — 30 de Março; 28 de Abril; 30 de Abril 246
— — 8 de Maio 247
— — 31 de Maio; 30 de Junho; 31 de Julho 248
— — 30 de Agosto 249
— — 30 de Septembro. 250
— — 30 de Outubro; 8 e 28 de Dezembro . 251
1759.— 14 de Março (Presidida por Garção) . 252
— — 31 de Maio; 30 de Junho 260
— — 30 de Septembro 263
— — ? Outubro 267
— — 8 de Dezembro 271
1760.— 30 de Septembro; 31 de Outubro . . 275
— — 8 de Dezembro; 28 de Dezembro . . 276
1761.— 31 de Maio 277
1762.— Novembro 278
1763.— 26 de Março 285
1764.— 13 de Maio; 19 de Junho 287
1774.— 20 de Janeiro (Ultima sessão da Arcadia) 287

§ III. **Garção e a lucta com o elemento seiscentista**

Pag.
Estragos do Seiscentismo equiparados aos do Terramoto 288
As formas poeticas seiscentistas 289
Pina e Mello e as suas ideias litterarias . . . 290
A sua *Bucolica* é criticada na Arcadia 294
Carta em que ataca os Arcades. 296
Soneto seu Aos Arcades de Lisboa 299
E' denominado *Corvo do Mondego* 300
Cartas suas a Manoel de Figueiredo. 301
Cartas a Valladares e Sousa. 303
Desdem ironico contra Quita. 303
Rompimento contra Valladares e Sousa . . . 305
Epistola de Garção allusiva ao *Corvo do Mondego* 308
Allusão á lucta dos Seiscentistas 309
Reacção de D. Joaquim Bernardes 310
Satira de Candido Lusitano dedicada a Garção (inedita) 310
Allude ao auctor do *El Duende* 311
Referencia á *Arcadia do Porto* 311
Appresenta Garção como dado á Pintura . . . 315
Comprovado pela Carta de Diniz de 25 de Outubro de 1765 316
Traços biographicos de D. Joaquim Bernardes . 317
Filinto ridiculisa a sua fecundidade 318
Amostra do seu talento poetico 321
Manoel de Figueiredo relata a lucta com o elemento seiscentista 323

§ IV. **Garção e a restauração da Arcadia**

Malevolencia do Ministro contra a Arcadia . . 325
Tentativa de restauração em 1764 326
Diniz vem a Lisboa, e toma parte n'este esforço 327
Garção celebra o mesmo facto 328
Ode anonyma sobre o Restabelecimento da Arcadia 330
Iniciativa de Alcino, Elpino e Coridon 333
Saudação aos Arcades 334

§ V. **Garção e a Guerra dos Poetas**

O Grupo da Ribeira das Náos combate a Arcadia 335
Fixação das Satiras em 1767 336

Pag.

Soneto de José Basilio da Gama contra Garção como chefe do movimento litterario 337
Resposta alludindo a ter sido discipulo dos Jesuitas 337
Satira de Garção contra o novo Bando dos Poetas 339
Soneto contra o *Rancho Satirico* 339
Retratos dos Poetas do Grupo da Ribeira das Náos 340
Resposta de Domingos Monteiro do Amaral . . 344
Declara a alcunha de Garção — *Escarro de tabaco* (Soneto inedito) 344
Réplica de Garção (inedita) 345
Mais dois Sonetos de Domingos Monteiro contra Garção e a Arcadia. 346
Diniz ataca *Matusio* (nome poetico de Monteiro) 347
Matusio beliscado por Garção 349
Satira do P.e Manoel de Macedo contra os Poetas da Ribeira das Náos 350
Outros poetas que hostilisam a Arcadia . . . 351
A Guerra dos Poetas reaccende-se com o apparecimento da Zamperini 354
A Ode de P.e Manoel de Macedo á cantora . . 354
Poetas que tomam parte na refrega 357
A influencia da Arcadia é reconhecida 364
Filinto proclama a superioridade de Garção . . 365

§ VI. Garção e as doutrinas dramaticas da Arcadia

Importancia ligada aos Tragicos francezes . . 366
Sua relação com a sociedade portugueza . . . 369
Garção estimulado a escrever a tragedia de *Sophonisba* 372
Esforços de Manoel de Figueiredo para restaurar o Theatro 374
As representações do Theatro do Bairro Alto . 375
Garção sauda a restauração d'este Theatro . . 378
Representação da sua comedia *Theatro novo* em 22 de Janeiro de 1766 378
Analyse d'esta comedia 379
Apparecimento de Cecilia Rosa no theatro . . 386
Representação da *Assembleia* ou *Partida* diante de D. Pedro III em 1770 388
A *Cantata de Dido* e a influencia musical de David Perez 390

Pag.
Garção allude a uma paixão amorosa aos quarenta annos 390
Novos costumes na sociedade portugueza . . . 391

§ VII. **Garção victima do rancor do Marquez de Pombal**

Sociabilidade depois do terremoto. 392
Relações com os Officiaes inglezes que vieram por occasião da Guerra velha em 1762 . . 394
Garção dedica versos a uma Senhora ingleza . 397
Officiaes que o visitam na Fonte Santa. . . . 399
O poeta tem Capella em casa 401
As suas reuniões intimas 402
A Senhora ingleza a quem chamava *sua mãe* . 404
Começam as difficuldades economicas do poeta. 406
Proposta de um despacho, que não acceita . . 409
Ordem de prisão de 8 de Abril de 1771 . . . 411
Egual ordem contra Francisco Antonio Lobo . 412
Ordem de soltura a 10 de Novembro de 1772, quando o poeta estava moribundo 413
Situação deploravel da sua viuva 415
Nomeação de José Maria Salema para o logar de seu pae 415
Impressão produzida pela morte do poeta . . 417
Versos de Domingos Maximiano Torres . . . 418
Soneto de *Alcino Lisbonense* dirigido a Dias Gomes 419
A Elegia de Dias Gomes á morte de Garção . . 420
Causa futil da prisão do poeta 421
Agentes provocadores no governo do Marquez de Pombal 422
Que parte teve a *Falla do Duque de Coimbra* no odio do Ministro 426
Motivo politico attribuido á redacção da *Gazeta de Lisboa* 427
Affeição aos Padres da Casa das Necessidades . 429
Os Meninos de Palhavã 431
Perseguições aos Padres do Oratorio 432
A lenda da carta amorosa em inglez 434
A confusão entre Mac-Bean e Mac-Lean . . . 437
A filha do brigadeiro Elsden, a quem foi dirigida a carta 440
Resalva-se a dignidade de Garção. 441

Pag.

Supplicas da esposa do poeta diante do monarcha 443
A sepultura do poeta na egreja de San Martinho 444

§ VIII. **Historia externa do texto das Obras de Garção**

Procedencia conhecida dos Manuscriptos do poeta 445

BIBLIOGRAPHIA DAS OBRAS (impressas)

1767.— Quatro hymnos impressos em vida do poeta 447
1778.—Obras poeticas (Primeira ed.) sua analyse 448
1794.— Edições projectadas pela familia, que não chegaram a realisar-se 450
Soneto de Brito de Magalhães attribuido a Garção 452
1812.— (Segunda edição das Obras poeticas) . 454
1825.— (Terceira edição) reproduzindo a brasileira. 455
Ineditos de Garção 456
1888.— (Quarta edição) incorporando muitos ineditos 458

MANUSCRIPTOS DAS OBRAS DE GARÇÃO:

Collecção de 1767 461
Collecção do Conego Figueiredo 462
Collecção pertencente a Antonio Lourenço Caminha 467
Poesias ainda ineditas transcriptas d'esta collecção 473
Collecção da Livraria do Conde de Vimieiro . . 402
Collecção que pertenceu á Casa de Pombeiro e ao Morgado de Assentis 483
Dous Sonetos ineditos de Garção 484
Poesias varias (Collecção de Innocencio) . . . 486
Avulsas nos Mss. da Bibliotheca nacional . . . 487
Collecção de Sonetos attribuidos 490

III

Domingos dos Reis Quita

Confronto entre Quita e o cabelleireiro Jasmin . 497
Sua infancia desgraçada 499
Revelação do seu talento poetico 501

	Pag.
Relações intimas na familia do arcade Siveno Cario em 1755	501
O poeta José Antonio de Brito apresenta-o ao Conde de S. Lourenço	502
Primeiros versos de Quita impressos em 1756	503
Chascos de Tolentino contra o Quita	504
Criticas do Dr. Zuniga a respeito do poeta	506
Defeza enthusiastica por Manoel Ignacio	507
Allusão de Manoel de Figueiredo aos censores de Quita	508
Descreve a sua situação desgraçada	509
Os amores de Quita por D. Thereza Theodora de Aloim (Soneto de Bingre)	511
Publica os seus versos em 1766	513
Doença repentina de Quita e morte	514
A lenda do envenenamento pelo Dr. Tara	515
Alcino amou Tircêa	516
Analyse da sua Tragedia *Segunda Castro*	517
A Tragedia *Hermione*	520
Bibliographia das Obras de Quita	521

IV

Manoel de Figueiredo

Traços pittorescos de Garrett sobre a individualidade d'este escriptor	524
Linhas autobiographicas	528
Influencia da sua viagem a Hespanha	530
Sua entrada para a Arcadia	532
Primeiras Tragedias e Discursos criticos	533
Plano de restauração do Theatro portuguez	536
O segundo periodo da sua actividade litteraria	539
Como seu irmão lhe salvou as Obras	541
Analyse da Tragedia *Inez de Castro*	542
Caracter das Comedias de Figueiredo	544
Analyse da Comedia *Poeta em annos de prosa*	545
Retrato moral de Manoel de Figueiredo	547

V

Antonio Diniz da Cruz e Silva

Pag.

Sua iniciativa na fundação da Arcadia 548
O magistrado incompativel com o poeta . . . 549
Sua tendencia para o genero satirico 550

§ I. Dos primeiros annos até a entrada na magistratura

Fontes documentaes para a biographia de Diniz 550
Nascimento em 1731 551
Partida do pae para o Brasil mezes antes do nascimento d'este filho. 551
Seus primeiros estudos em Lisboa 552
Vida de sua familia nos testemunhos para a habilitação ao habito de Avis 553
Curso de Leis de 1747 a 1753. 556
Appresenta-se á leitura do Desembargo do Paço 557
Novas inquirições de sangue para a magistratura 558
A fundação da Arcadia em 1756 560
Despacho de Juiz de Fóra para Castello de Vide em 1759 560
Licença para vir a Lisboa, coincidindo com a Restauração da Arcadia 563

§ II. Diniz em Elvas: a elaboração do poema O Hyssope

Despachado Auditor do Regimento do Mexia . 564
Conflicto entre o Governador das Armas e o Bispo de Elvas 565
Cartas intimas que dão a origem d'esse conflicto 566
Má vontade do Bispo contra Diniz 568
O Sotão do Falcato, em que se chasqueava dos typos da terra 569
Os parceiros do Sotão do Falcato 573
Como se deu o conflicto de jurisdicção entre o Deão e o Bispo de Elvas 574
Situações que determinaram os primeiros versos do Poema *O Hyssope* 575
Influencia do Dr. Silveira Falcato 576
Differentes elaborações do Poema. 578
Penas contra quem possuisse o Poema 580

Pag.

Attestado de Diniz quando acabou o tempo de Auditor 582
As luctas do Cabido de Elvas 583

§ III. **Diniz em Lisboa e a ultima sessão da Arcadia**

Seu estado de espirito ao regressar a Lisboa . 584
A sessão academica em 1774 em honra do marquez de Pombal 586
O Vinho da Chave dourada 587
Seria uma sessão da Arcadia? 539
Documento comprobativo 591
Arcades que celebram individualmente a elevação da Estatua equestre em 1775. 593
A *Arcadia Portuense* 595
Os *Arcades de Guimarães* 595
A *Arcadia ultramarina* 596
Arcadia Conimbricense 596
Pequena Arcadia, tentada em 1806 por José Agostinho de Macedo 597
Caracteristica da Arcadia lusitana. 598

§ IV. **Despacho para a Relação do Brasil. A Conjuração mineira**

Escreve em Lisboa *O falso heroismo* 599
Despachado Desembargador em 1776 600
As Provanças para o habito de Avis. 601
Suas viagens no Brasil. 604
Regressa á metropole em 1789 606
Mandado outra vez ao Brasil para julgar a Conjuração de Minas. 607
Poetas envolvidos na Conjuração:
Claudio Manoel da Costa 608
Ignacio José de Alvarenga Peixoto 614
A *Arcadia ultramarina* dissolvida em 1794. . 616
Informação de Diniz sobre a pretendida Conspiração 617
Manoel Ignacio da Silva Alvarenga 621
Falecimento de Diniz em 1799. 623
Bibliographia das Obras de Diniz. 625
Edições do *Hyssope*. 626
Os Manuscriptos de Diniz 629
Indice analytico 632

THEOPHILO BRAGA

Visão dos Tempos (Epopêa da Humanidade). Obras poeticas completas. 4 vol. . . . . . . 2$400

« Oggi finalmente tutti i poemi di Teofilo Braga cioè: *Visão dos Tempos, Tempestades sonoras, Torrentes, Ondina do Lago* e *Miragens seculares*, trovansi reuniti in quattro grossi volumi, sotto il titulo comune: **Visão dos Tempos**. I detti poemi, disposti per ordine cronologico e filosofico, constituiscono **l'Epopea dell'Umanità, nonchè uno dei più grandi monumenti poetici di tutti i secoli.** Come ben diceva Anthero de Quental, rimane il dubbio, se quegli episodii abbia scritto un poeta contemporaneo di essi, ovvero un poeta dei nostri tempi. »

Ant. Padula, *Camoens e i nuovi Poeti portoghesi*, p. 59.

Introducção e theoria da Historia da Litteratura portugueza. 1 vol. 700
Sá de Miranda e a Eschola italiana. 1 vol. . 700
Bernardim Ribeiro e o bucolismo. 1 vol. 700
Gil Vicente e as origens do theatro nacional. 1 volume 800
Eschola de Gil Vicente e desenvolvimento do theatro nacional. 1 vol. 800
A Arcadia Lusitana. 1 v. 1$000
Patria portugueza. 1 vol. 600
Modernas ideias da Litteratura portugueza. 2 vol. . . . . 1$500
Camões e o sentimento nacional. 1 vol. 600
Lendas christãs. 1 vol. . 700
As civilisações Semitas. 1 vol. . . . . 1$000
Historia da poesia moderna 150

EÇA DE QUEIROZ

A reliquia . . . . 1$000
O crime do padre Amaro . . . . 1$200
Minas de Salomão 600
O mandarim 500
Os Maias . . . . 2$000
In memoriam . . . . 2$000
O primo Bazilio . . . . . 1$000
Revista de Portugal . . . 12$000
Cidades e serras.
Casa Ramires.
Correspondencia de Fradique Mendes.

No prélo.

GUSTAVO FLAUBERT

Salammbô 700

BAZILIO TELLES

O Problema Agricola . . 500

JOÃO PENHA

Viagem por terra ao paiz dos sonhos 600